



UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA
FACULDADE DE MOTRICIDADE HUMANA



**Estratégias das Organizações Desportivas. As Grandes Linhas Ideológicas de
Orientação Estratégica do Comité Olímpico Internacional: de Atenas (1896) a Pequim
(2008).**

Orientador: Professor Doutor Gustavo Manuel Vaz da Silva Pires

Coorientador: Professor Doutor Alberto Reinaldo Reppold Filho

Júri:

Presidente

Reitor da Universidade Técnica de Lisboa

Vogais

Professor Doutor Rui Manuel Proença de Campos Garcia

Professor Doutor Gustavo Manuel Vaz da Silva Pires

Professor Doutor Carlos Jorge Pinheiro Colaço

Professora Doutora Maria Manuela Vasconcelos Hasse Almeida e Silva

Professor Doutor António José Serôdio Fernandes

Professor Doutor Alberto Reinaldo Reppold Filho

Alcides Vieira Costa

2012

Dedicado a: Ana Olinda Vieira Costa,
minha querida e dedicada mãe
e em memória ao meu
pai José Eoli Costa.

Agradecimentos

Agradeço todas as pessoas que de forma direta ou indireta contribuíram para a formulação desta tese de doutoramento que sintetiza um sonho de muitos anos, sobretudo agradeço a minha mãe Ana Olinda, que foi uma importante companheira neste percurso.

Ao meu orientador Professor Dr. Gustavo Pires agradeço o seu entusiasmo e dedicação, o acolhimento em Portugal e por ter indicado os caminhos a seguir.

Ao meu co-orientador Professor Dr. Alberto Reppold, agradeço as orientações quanto a estruturação da minha formação académica de forma a ter permitido a superação dos desafios e obstáculos que encontrei ao longo da minha investigação.

Ao Professor Dr. Carlos Colaço agradeço o seu compromisso ético, a disponibilidade de diálogo e os conselhos nos momentos de dificuldade.

Ao Professor Dr. António Rosado agradeço pela amizade e apoio que me motivaram ao longo do meu percurso.

De salientar também a preocupação e a cumplicidade da Professora Dra. Margarida Mascarenhas em momentos cruciais da minha investigação.

Destaco os demais membros da equipe de professores do curso de Gestão do Desporto da FMH, agradeço o acolhimento e afetividade, em especial aos Professores Dr. Abel Santos, Dr. Luis Cunha e Ms. Pinto Correia.

Gostaria de agradecer a ajuda, assistência e cooperação da equipa do Centro de Estudos Olímpicos que inclui o Centro de Arquivos Históricos, a Livraria e o Serviço de Documentação do Museu Olímpico do Comité Olímpico Internacional. A capacidade desta equipa em gerir o património histórico do Movimento Olímpico internacional é notável. Agradeço em especial a Dra. Nuria Puig, Diretora de Relações Universitárias do COI, pelo acolhimento e disponibilidade em orientar as minhas pesquisas em Lausanne. A qualidade da minha investigação foi influenciada positivamente por esta maravilhosa equipa.

Agradeço à Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa pela oportunidade de ter frequentado um meio académico de excelência e à Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul pela formação de base que me permitiu desenvolver os meus estudos com a confiança necessária.

Ao Ginásio Clube Português (GCP), em particular aos professores José Carlos Reis e José Carlos Manaças agradeço pela confiança que depositaram nas minhas competências profissionais, tal como a amizade e compreensão. Em particular saliento o fundamental apoio de toda a equipe de trabalho da piscina de Campo de Ourique, gerida pelo GCP, que representou a minha família durante a minha estadia em Lisboa.

Resumo

O Movimento Olímpico internacional (MO) integra as mais diversas instituições ligadas ao desporto e tem o seu momento de maior prestígio quando, de quatro em quatro anos, reúne os melhores atletas do mundo no maior festival desportivo à escala do Planeta que são os Jogos Olímpicos (JO). O Olimpismo, que é o quadro ideológico que sustenta o MO, visa promover uma cultura de competição nobre e leal que, tal como no passado, seja promotora de desenvolvimento e progresso seguindo os princípios da igualdade. O Olimpismo preconiza o acesso de todos à prática competitiva seguindo a máxima de Coubertin que diz que mais importante do que vencer é participar. Além disso, o Olimpismo segue o princípio da equidade ao estabelecer condições para que as pessoas possam desenvolver as suas qualidades de excelência. Nesta conformidade, o presente estudo tem por objetivo identificar quais foram as grandes linhas ideológicas de orientação estratégica do Comité Olímpico Internacional (COI) no período que decorreu entre os JO de Atenas (1896) e os de Pequim (2008). Trata-se de uma análise de conteúdo documental seguindo a metodologia de pesquisa qualitativa na perspectiva sócio-histórica. Os documentos analisados foram as Atas das Sessões do COI realizadas entre 1894 e 2008, tendo sido analisadas 9.111 páginas de 119 atas. A investigação teve como resultado a identificação de quatro grandes linhas ideológicas de orientação estratégica do COI, que foram: 1) o amadorismo / profissionalismo; 2) o comercialismo; 3) o desenvolvimento humano; e 4) a política. O amadorismo / profissionalismo, tendo em consideração os primeiros tempos do MO; o controlo dos atletas; a importância da evolução da definição de amador; e a influência de diferentes modalidades para o fim do amadorismo e início do profissionalismo nos JO. O comercialismo considerando os seus antecedentes; a nova linha estratégica adotada por Samaranch ao dizer “yes to commercialization”; a importância do programa TOP como maior programa de marketing mundial; e as questões ligadas à “era do marketing”. O desenvolvimento humano assumindo o gigantismo dos JO como positivo ao desenvolvimento do MO; a importância do respeito aos Direitos Humanos; às questões relativas ao meio ambiente; e o “soft power” como uma adequada posição político-ideológica. Por fim, a política, tendo em atenção a dimensão política do MO; o nacionalismo e os boicotes. Os resultados indicam que, para o adequado desenvolvimento do MO, a linha ideológica de orientação estratégica do amadorismo tinha que ser abandonada e o profissionalismo assumido como uma estratégia inevitável, já que para se ter os melhores eventos desportivos é necessário que se tenha os melhores atletas e estes são os profissionais. Quanto ao comercialismo, esta foi uma importante linha ideológica de orientação estratégica do COI enquanto instrumento de gestão, no sentido de obter receitas para o desenvolvimento do desporto à escala mundial. O desenvolvimento humano, surge neste contexto, como uma linha ideológica de orientação estratégica que através do “soft power” tratou de importantes questões, como o crescimento dos JO sendo parte de um processo natural para o desenvolvimento do desporto e, consequentemente, para o desenvolvimento humano; e o respeito aos direitos humanos e à preservação ambiental como condição indispensável ao desenvolvimento sustentável do MO. A linha ideológica de orientação política e estratégica, mesmo tendo sido evitada por muitos anos, foi de fundamental importância para projetar o COI rumo ao futuro. Por fim, concluímos que o Olimpismo deve ser considerado como um catalisador de mudanças e de grandes transformações sociais ao serviço do desenvolvimento humano através da estratégia político-ideológica do “soft power”.

Palavras-Chave: Olimpismo, Movimento Olímpico, Comité Olímpico Internacional, desporto, política, comercialismo, profissionalismo, gigantismo, desenvolvimento humano, ideologia e estratégia.

Abstract

The Olympic Movement (OM) integrates the most diverse institutions linked to the sport and has its moment of greatest prestige when, every four years, a tradition of thousands of years, brings together the world's best athletes in the biggest sports festival on a global scale that is the Olympic Games (OG). Olympism, which is the ideological framework that sustains the OM, aims to promote a culture of noble competition and fair that, as in the past, is promoting development and progress following the principles of equality. Olympism advocates universal access to competitive practice following Coubertin's maxim that says that more important than winning is to participate. In addition, Olympism follows the principle of equity by setting conditions for people to develop their qualities of excellence. Accordingly, this study aims to identify which were the broad ideological strategic direction of the International Olympic Committee (IOC) in the period between the Olympics in Athens (1896) and Beijing (2008). This is a content analysis of documents following the methodology of qualitative research in social-historical perspective. The documents reviewed were the minutes of meetings of the IOC carried out between 1894 and 2008 were examined 9,111 pages of 119 minutes. The investigation resulted in the identification of four major ideological lines of strategic orientation of the IOC, which were: 1) the amateurism / professionalism, 2) the commercialism, 3) the human development, and 4) the policy. The amateurism / professionalism, taking into account the early days of the MO, the control of the athletes, the importance of the evolution of the definition of an amateur, and the influence of different modalities for the end of amateurism and the begin of the professionalism in OG. Commercialism considering their background, the new strategic line adopted by Samaranch when he said "yes to commercialization"; the importance of the TOP program as the largest global marketing program, and issues of the "era of marketing". The human development assuming the gigantism of OG as positive development of MO; the importance of respecting the human rights; issues concerning the environment and the "soft power" as a proper political and ideological position. Finally, policy, taking into account the political dimension of MO, the nationalism and the boycotts. The results indicate that, for the proper development of the MO the ideological line of strategic orientation of amateurism had to be abandoned and professionalism assumed as a strategy inevitable, since to have the best sporting action is necessary to have the best athletes and these are professionals. The commercialism was an important ideological line of strategic orientation of the IOC as a management tool in order to obtain revenue for the development of sport worldwide. The Human development, appears as an ideological line of strategic orientation through "soft power" which dealt with important issues such as growth of the OG being part of a natural process for the development of sport and, consequently, for the human development; and respect for human rights and environmental protection as a prerequisite to sustainable development of the MO. The political and ideological line of strategic orientation, although it has been avoided for many years, was essential to project the IOC into the future. Finally, we conclude that Olympism should be considered strategically as a catalyst for big and great social changes in the service of human development through the politico-ideological strategic of "soft power".

Keywords: Olympism, Olympic Movement, sports, politics, commercialism, professionalism, gigantism, human development, ideology and strategy.

Para que cem se entreguem à cultura física é necessário que cinquenta pratiquem desporto. Para que cinquenta pratiquem desporto, é necessário que vinte se especializem. Para que vinte se especializem, é necessário que cinco sejam capazes de proezas espantosas.

Pierre de Coubertin (1996, p.217)

Índice

INTRODUÇÃO	3
1 ESTADO DA ARTE	15
1.1 OLIMPISMO E COMPETIÇÃO	16
1.1.1 <i>Cultura Agonística dos Gregos</i>	18
1.1.2 <i>Oportunidade de Tempo e de Local</i>	18
1.1.3 <i>Coubertin e a Guerra</i>	19
1.1.4 <i>Olimpismo & Instinto Agonal: Polemologia</i>	20
1.1.5 <i>Espírito Capitalista & Olimpismo</i>	21
1.2 EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTO	22
1.2.1 <i>Contra a Competição</i>	22
1.2.2 <i>Revivificação da Educação Física</i>	25
1.2.3 <i>Educação Competitiva: O Jogo é Anterior à Educação Física</i>	28
1.3 NOVAS PERSPECTIVAS.....	28
1.3.1 <i>Os Novos Intelectuais Orgânicos</i>	29
1.3.2 <i>Para o Melhor e para o Pior</i>	30
1.3.3 <i>Preservar os Valores da Competição</i>	31
1.3.4 <i>Para uma Educação Competitiva</i>	32
1.4 A DINÂMICA DO OLIMPISMO	34
1.4.1 <i>Diferentes Perspectivas</i>	34
1.4.2 <i>Ideologia</i>	40
1.4.3 <i>Estratégia</i>	42
2 OBJETIVOS DA INVESTIGAÇÃO	46
3 METODOLOGIA	49
3.1 ANÁLISE DOCUMENTAL	52
3.2 FASES DA ANÁLISE DOCUMENTAL	52
3.2.1 <i>Análise Descritiva</i>	53
3.2.2 <i>Interpretação</i>	55
3.2.3 <i>Análise Crítica</i>	56
4 AMADORISMO / PROFISSIONALISMO	57
4.1 PRIMEIROS TEMPOS	58
4.1.1 <i>Linha Dura</i>	59
4.1.2 <i>Entre Guerras</i>	66
4.2 CONTROLO DOS ATLETAS.....	78

4.2.1	<i>Nova Vida, Velhos Problemas</i>	80
4.2.2	<i>A Abolição dos Jogos Olímpicos de Inverno</i>	85
4.2.3	<i>Regra 26</i>	88
4.2.4	<i>O “Hard Power” de Brundage</i>	90
4.3	DEFINIÇÃO DE AMADOR.....	91
4.3.1	<i>“Olympic Amateur” versus “Olympic Competitor”</i>	92
4.3.2	<i>Desportos Profissionais</i>	93
4.3.3	<i>Publicidade nos Atletas</i>	94
4.4	MODALIDADES.....	95
4.4.1	<i>Futebol, Ciclismo, Esqui, Hóquei e Ténis</i>	97
4.4.2	<i>Profissionalismo - O Caso do Futebol</i>	98
4.4.3	<i>Profissionalismo - O Caso do Ténis</i>	100
4.5	CONCLUSÕES.....	104
5	COMERCIALISMO	107
5.1	ANTECEDENTES.....	109
5.1.1	<i>Contra o Comercialismo</i>	111
5.1.2	<i>A Procura de Receitas Alternativas</i>	114
5.1.3	<i>O Dinheiro é do COI</i>	117
5.1.4	<i>Do Comercialismo ao Profissionalismo</i>	124
5.1.5	<i>Federações Internacionais</i>	134
5.1.6	<i>Contrato com a ABC</i>	140
5.1.7	<i>Comercialismo na Aldeia Olímpica</i>	142
5.1.8	<i>Uso dos Termos Olímpicos</i>	144
5.1.9	<i>Publicidade na Olympic Review</i>	147
5.1.10	<i>Autofinanciamento</i>	148
5.1.11	<i>Palavra de Ordem: Regulamentar</i>	149
5.1.12	<i>Jogos Olímpicos de Moscovo (1980)</i>	152
5.2	YES TO COMMERCIALISATION.....	153
5.2.1	<i>Transmissões Televisivas: Para Além do Dinheiro</i>	155
5.2.2	<i>Financiamento Privado</i>	157
5.2.3	<i>Pocket Money</i>	158
5.2.4	<i>Os Jogos Olímpicos nas Mãos das Teletransmissoras</i>	159
5.2.5	<i>Confusão de Competências</i>	160
5.2.6	<i>Novas Fontes de Financiamento</i>	162
5.2.7	<i>A Entrada da ISL</i>	163
5.2.8	<i>Big Business & Desenvolvimento Humano</i>	168
5.3	TOP PROGRAMME.....	169

5.3.1	<i>Vitória do Comercialismo</i>	171
5.3.2	<i>Principal Programa Mundial de Marketing</i>	173
5.4	A ERA DO MARKETING	177
5.4.1	<i>Programa de Fornecedores</i>	182
5.4.2	<i>Administradores Desportivos e o Incremento do Comercialismo</i>	183
5.4.3	<i>Um Novo Salto Qualitativo</i>	190
5.4.4	<i>Programa da Imagem Olímpica</i>	193
5.4.5	<i>Os Três Pilares do Sucesso: COJOs, Fls e CONs</i>	195
5.4.6	<i>A Agência, a Comissão e o Departamento de Marketing</i>	196
5.4.7	<i>Olympic Broadcasting Services</i>	199
5.5	CONCLUSÕES	201
6	DESENVOLVIMENTO HUMANO	208
6.1	GIGANTISMO	209
6.1.1	<i>O que é o Gigantismo?</i>	212
6.1.2	<i>Crescimento</i>	213
6.1.3	<i>Primeiros Sinais</i>	214
6.1.4	<i>Novos Tempos</i>	217
6.1.5	<i>Um Mundo Novo</i>	224
6.1.6	<i>Para Além do Gigantismo</i>	235
6.1.7	<i>A Maturidade do Movimento Olímpico</i>	246
6.1.8	<i>Fase de Desenvolvimento</i>	259
6.2	DIREITOS HUMANOS	272
6.2.1	<i>Os Mega Eventos e o Direito a Habitação Adequada</i>	274
6.2.2	<i>O Caso da China</i>	277
6.2.3	<i>Solidariedade Olímpica</i>	282
6.2.3.1	<i>A Consolidação</i>	283
6.2.3.2	<i>A Gestão</i>	284
6.3	OLIMPISMO & MEIO AMBIENTE	286
6.3.1	<i>O 4º Pilar do Olimpismo Moderno</i>	289
6.3.2	<i>O COI, a CDMA e a Agenda 21</i>	291
6.4	SOFT POWER	295
6.4.1	<i>A Visão de Pierre de Coubertin</i>	297
6.4.2	<i>A Conquista da Grécia</i>	299
6.4.3	<i>Jogos Olímpicos de Berlim (1936)</i>	300
6.4.4	<i>Fora de Controlo</i>	305
6.4.5	<i>Apolitismo Desportivo</i>	308
6.4.6	<i>Ping-Pong e “Soft Power”</i>	309
6.4.7	<i>O Fim do Apolitismo Desportivo</i>	309

6.4.8	<i>Desenvolvimento Humano e “Soft Power”</i>	311
6.5	CONCLUSÕES	312
7	POLÍTICA	318
7.1	A DIMENSÃO POLÍTICA DO MOVIMENTO OLÍMPICO	319
7.1.1	<i>A Agenda Política de Coubertin</i>	323
7.1.2	<i>Eugenia, Colonialismo e Internacionalismo</i>	325
7.1.3	<i>Avery Brundage e o Apolitismo</i>	327
7.1.4	<i>Entre a Esquerda e a Direita</i>	330
7.1.5	<i>Jacques Rogge: o Homem do “Soft Power”</i>	332
7.2	NACIONALISMO	336
7.2.1	<i>Nacionalismo: Um Problema Antigo</i>	337
7.2.2	<i>Chama Olímpica</i>	339
7.2.3	<i>Os Jogos Olímpicos e os Países</i>	340
7.2.4	<i>Benito Mussolini, Adolf Hitler e John Kennedy</i>	341
7.2.5	<i>Mao Zedong, Pierre Trudeau e Alexander Lukashenko</i>	343
7.2.6	<i>Nações Unidas: Taiwan versus RPC</i>	344
7.2.7	<i>Olimpismo e Identidade Nacional</i>	346
7.3	BOICOTES	350
7.3.1	<i>Lisboa (1926): Reivindicação das Fls</i>	352
7.3.2	<i>Berlim (1936): A Vitória da Vontade</i>	352
7.3.3	<i>Helsínquia (1952): De Volta à Normalidade</i>	353
7.3.4	<i>Melbourne (1956): A Saga Chinesa</i>	354
7.3.5	<i>Coubertin e o Colonialismo</i>	355
7.3.6	<i>África do Sul</i>	356
7.3.6.1	55ª Sessão do COI, Munique (1959)	357
7.3.6.2	59ª Sessão do COI, Moscovo (1962)	362
7.3.6.3	60ª Sessão do COI, Baden-Baden (1963)	363
7.3.6.4	61ª Sessão do COI, Innsbruck (1964)	364
7.3.6.5	63ª Sessão do COI, Madrid (1965)	365
7.3.6.6	64ª Sessão do COI, Roma (1966)	367
7.3.6.7	65ª Sessão do COI, Teerão (1967)	370
7.3.6.8	66ª Sessão do COI, Grenoble (1968)	371
7.3.6.9	Reunião Extraordinária da Comissão Executiva (1968)	374
7.3.6.10	69ª Sessão do COI, Amesterdão (1970)	376
7.3.7	<i>Munique (1972): Rodésia</i>	384
7.3.8	<i>Montreal (1976): em Cima da Hora</i>	391
7.3.9	<i>Moscovo (1980): os USA</i>	391
7.3.10	<i>Los Angeles (1984): a Revanche</i>	394

7.3.11	<i>Seul (1988): A Coreia do Norte</i>	395
7.3.12	<i>Pequim (2008): A Prova Real</i>	396
7.4	CONCLUSÕES	397
CONCLUSÕES FINAIS		402
FONTES		408
BIBLIOGRAFIA		408

Lista de quadros:

Quadro 1 – Pesquisa Sócio-Histórica	57
Quadro 2 – Metodologia Qualitativa	59
Quadro 3 – Categorias	62

Lista de abreviaturas

ACON - Associação dos Comitês Olímpicos Nacionais
AI - Anistia Internacional
AOI - Academia Olímpica Internacional
CDMA - Comissão de Desporto e Meio Ambiente
CE - Comissão Executiva
CNFF - Comissão de Novas Fontes de Financeiros
CO - Carta Olímpica
COC - Comité Olímpico Chinês
COEU - Comité Olímpico dos Estado Unidos
COI - Comité Olímpico Internacional
COJO - Comité Organizador dos Jogos Olímpicos
CON - Comité Olímpico Nacional
CONI - Comité Olímpico Nacional Italiano
EF - Educação Física
EO - Estudos Olímpicos
EUA - Estados Unidos da América
FAATC - Federação Atlética Amadora de Toda a China
FI - Federação Internacional
FIFA - Federação Internacional de Futebol Associado
FINA - Federação Internacional de Natação Amadora
FN - Federação Nacional
GAEFO - Games of the New Emerging Forces
GAIF - General Assembly of International Federations
IAAF - International Association of Athletics Federations
IAHF - International Amateur Handball Federation
ITF - International Tennis Federation
ISL - International Sport and Leisure
JO - Jogos Olímpicos
JOI - Jogos Olímpicos de Inverno
JR - Jogos Regionais
LAOOC - Los Angeles Organization Olympic Committee
MO - Movimento Olímpico

OBS - Olympic Broadcasting Services
OGGI - Olympic Games Global Impact
ONU - Organização da Nações Unidas
PNUMA - Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente
PO - Programa Olímpico
RC - República da China
RDA - República Democrática da Alemanha
RPC - República Popular da China
SANOC - South Africa National Olympic Committee
SAOCWGA - South African Olympic & Commonwealth Games Association
TO - Trégua Olímpica
UCI - União Ciclista Internacional
UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
USOC - Comité Olímpico dos USA

Introdução

Os gregos antigos acreditavam que a história dos Homens é a história dos seus conflitos pelo que, a fim de superarem os problemas trágicos da guerra, inventaram os Jogos Olímpicos (JO). Entre os gregos, os JO eram a continuação da guerra por outros meios. Foi esta a perspectiva de Pierre de Coubertin (1863-1937) quando, em 1894, instituiu o Comité Internacional dos Jogos Olímpicos¹ e, em 1896, desencadeou a realização dos primeiros JO da era moderna. A partir de então, o Movimento Olímpico (MO) passou a fazer parte da história dos conflitos dos Homens e das nações. Na realidade, a história do MO moderno enquanto sistema (Chappelet, 1991) de valores, mas também na sua dimensão institucional que se projeta à escala do Planeta, está envolvida na história dos conflitos entre os mais diversos grupos de interesses políticos que ao longo do século XX determinaram a vida das pessoas, dos povos e das nações. Em conformidade, durante a segunda metade do século XX, a Guerra Fria encontrou no desporto um espaço de confronto direto que as grandes potências não deixaram de utilizar a fim de afirmarem a sua supremacia e as pequenas potências, sempre que lhes foi possível, também aproveitaram a fim de frisarem o seu lugar e a sua imagem entre as nações.

Em consequência, os governos à esquerda e à direita, dos mais diversos países, fizeram esforços significativos no sentido de se fazerem representar nos JO com equipas que, tanto do ponto de vista interno como externo dignificassem o respectivo país. Nesta perspectiva, as grandes potências militares, bem como os pequenos países de pouca expressão no quadro internacional, extravasaram para os terrenos da competição desportiva muitas das frustrações que não queriam ou não podiam resolver através do confronto direto convencional. Ao fazê-lo, transformaram o desporto em um instrumento de afirmação política que foi utilizado tanto pela força dos argumentos dos resultados desportivos nas competições internacionais como pela sedução dos programas de cooperação através de uma política de “soft power”. Contudo, o discurso politicamente correto, à revelia da realidade de todos os dias, sempre recusou a existência de qualquer contato do desporto com a política, defendendo o designado “apolitismo desportivo” como se uma qualquer atividade humana pudesse ser realizada à margem do sistema político (Costa et al., 2011).

¹ Era esta a designação do atual Comité Olímpico Internacional.

Na nossa perspetiva, o problema da interação entre o desporto e a política não está naqueles que querem envolver o desporto na política e vice-versa assumindo uma realidade indissociável que, como veremos, vem do tempo de Pierre de Coubertin. O problema está em alguns líderes políticos e até mesmo desportivos que na maior das contradições, afirmam que o desporto nada tem a ver com a política sem sequer se aperceberem que tal afirmação não deixa de ser política. Por exemplo, não se compreendem as palavras de António Samaranch (1920-2010), um dos dirigentes políticos e desportivos que mais e melhor articulou o desporto com a política e vice-versa, quando já no final da sua vida, relativamente às manifestações que estavam a acontecer por todo o mundo em defesa dos Direitos Humanos na China, a autodeterminação e independência do Tibete e a guerra no Darfur, afirmou:

Nosotros estamos en un mundo maravilloso. Los políticos no hacen ninguna falta, hacen falta los atletas.²

Em outra ótica, podemos colocar o problema pela inversa perguntando se não será também uma atitude eminentemente política defender que o desporto nada tem a ver com a política. Como refere Pires (2009), a atribuição da organização dos JO da XXIX Olimpíada a Pequim em 2001, mais uma vez, trouxe à tona a problemática da utilização política do desporto que, recorrentemente, atinge a comunicação internacional e as preocupações de muitos dirigentes desportivos. Contudo, independentemente de, só em determinados momentos, as questões políticas relativas ao desporto poderem merecer a atenção social, o que é fato é que, de acordo com Boniface (2006) as mais diversas ideologias, da esquerda à direita e a generalidade dos regimes políticos, embora não o admitam, sempre que lhes convém, utilizam o desporto como uma arma política, tanto interna como externamente.

O desporto, enquanto atividade humana que é, está envolvido na dinâmica económica, política, social e ambiental de qualquer país ou região, pelo que obriga a escolhas em matéria de política desportiva que não são neutras, pois decorrem e determinam o tipo de sociedade em que se vive. Ora, não sendo o desporto do ponto de vista político neutro, também não o são as organizações desportivas nacionais e internacionais, quando interagem com as mais diversas realidades sociais e humanas.

² In: Jornal Marca, 30 de março de 2008
http://www.marca.com/2011/10/17/mas_deportes/otros_deportes/1318861556.html Consultado em 5 de abril de 2008.

Assim sendo, o MO desde finais do século XIX e ao longo do século XX interrelacionou-se com os mais diversos problemas sociais, políticos, económicos e ambientais.

Nestes termos, a pergunta que orienta o presente estudo é a seguinte:

Quais foram as grandes linhas ideológicas de orientação estratégica do Comité Olímpico Internacional (COI) no período que decorreu entre os Jogos Olímpicos de Atenas (1896) e os Jogos Olímpicos de Pequim (2008)?

Desde sempre, das mais diversas maneiras, o Homem manifestou a necessidade de se medir com os outros Homens. Os JO foram a maneira que os gregos antigos encontraram de o fazer. Na acepção de Gadamer (2005), diremos que o jogo é o fio condutor da explicação ontológica, quer dizer, o jogo comanda a vida. Por isso, quando o milionário grego Evangelis Zappas (1800-1865), antes de Coubertin, resolveu arrancar com a realização da primeira versão dos JO da era moderna, mais não fez do que responder aos desejos de luta e de competição em busca da excelência inerentes ao Homem. Ao tempo, em meados dos anos oitenta do século XIX, Zappas começou por estabelecer contatos com o Rei grego Otto, oferecendo-se para cobrir todas as despesas necessárias à realização do evento em Atenas. Pelo seu lado, o Rei, encarregou Alexandros Rizos Rangaves, ministro grego dos negócios estrangeiros, de tratar com Zappas a organização dos JO que se deviam adaptar aos tempos modernos e passarem a ser um misto de exibições de destrezas agrícolas e industriais e não só desportivas. Esta primeira versão moderna dos JO chegou a ter quatro edições (1859, 1870, 1875, 1889) que se realizaram na Praça Loudovikos em Atenas, em virtude do antigo estádio Panatinaicos, onde aconteciam as Panateneias dedicadas à deusa Atena, não estar em condições.

Existiram várias tentativas para fazer ressurgir os JO antigos na era moderna. Em Inglaterra, o Dr. William Penny Brookes (1809-1895), em 1860, fundou a “Wenlock Olympian Society” que surgiu a partir da organização dos primeiros JO de Shropshire que tinham acontecido no ano anterior. Como já mantinha relações com os gregos, Penny Brookes, em 1859, enviou a quantia de 10£ a fim de ser entregue ao vencedor de uma das provas dos JO, sendo que o Comité Organizador grego decidiu

atribuir o prêmio ao vencedor da “corrida longa”³. Contudo, apesar de terem existido várias tentativas para fazer ressurgir os JO todas elas saíram frustradas. Não basta ter uma ideia inovadora, é necessário estar certo no local próprio e no momento exato. Por isso, Pierre de Coubertin foi um homem de sorte. Ele teve a ideia de fazer renascer os JO da era moderna no momento certo da história e no local apropriado. Outros, aparentemente com mais possibilidades de êxito, tentaram anteriormente sem que o tivessem conseguido. Assim sendo, o crédito da institucionalização dos JO da era moderna também deve pertencer ao médico britânico William Penny Brookes e ao grego Evangelis Zappas. Repare-se que quando, em 1895, Coubertin se deslocou a Atenas, a fim de salvar a realização dos JO, realizou várias reuniões em um edifício denominado Zappion que, ainda hoje, perpetua a memória de Evangelis Zappas. O edifício que foi inaugurado em outubro de 1888, era um legado de Evangelis Zappas e foi mandado construir pelo milionário para lá se realizarem os concursos de ginástica dos JO. Coubertin, no momento certo e com uma vontade política férrea, lá foi a fim de resolver os problemas políticos que estavam a surgir relativamente à possibilidade de serem realizados os JO, em 1896. Ao tempo, como ele próprio relata nas suas “Memórias Olímpicas” era a Comissão Zappion quem geria o edifício, bem como o estádio Panatinaicos que se encontrava degradado, sendo com esta Comissão que Coubertin tinha de trabalhar a fim de desencadear a organização dos JO em 1896.

Por isso, muito embora o discurso construído à volta do pensamento de Coubertin, tradicionalmente, tenha estado muito mais preocupado em afirmar as suas virtualidades de pedagogo, independentemente daquilo que Coubertin verdadeiramente pensava, o que defendemos é que o fundador dos JO da era moderna sempre teve a ideia de que o seu projeto só teria o êxito que ele desejava se soubesse utilizar com eficiência a ferramenta política, colocando-a ao serviço dos mais nobres ideais humanos. Coubertin entendia a cultura desportiva dos atletas como suscetível de provocar profundas transformações sociais, inclusivamente no domínio da condução da guerra em benefício da dignidade humana. Para ele, na linha de pensamento que Gaston Bouthoul viria a teorizar em 1966 a partir do neologismo “polemologia”, para se saber o que era verdadeiramente a paz e determinar as condições em que a mesma podia ser atingida, era necessário estudar a guerra e apurar as condições em que a mesma podia acontecer.

³ In: Bracegirdle, C. (1991). *Olympic Dream. Olympic Review*, 284, 276-278.

Portanto, não se trata de desenvolver no âmbito do Olimpismo um discurso piedoso como se o dito fosse qualquer coisa que está acima das frustrações dos Homens e dos problemas do mundo. Pelo contrário, o Olimpismo é luta, é competição em busca da excelência. O Olimpismo é considerado uma filosofia de vida assente em quatro grandes pilares: a educação, a cultura, o desporto e o meio ambiente. A partir destes quatro pilares, o Olimpismo enfatiza a função social do desporto no quadro de desenvolvimento humano, pelo que sendo universal projeta-se para além da nacionalidade, da etnia, do género, da classe social, da religião ou da ideologia, tal como Coubertin preconizou desde o primeiro momento.

O Olimpismo, para além da cultura, da educação, do desporto e do ambiente, representa uma ideia muito mais ampla como hoje se pode constatar através da oportuna aproximação realizada por Jacques Rogge, Presidente do COI, à Organização da Nações Unidas (ONU). Na realidade, o MO é um projeto de desenvolvimento humano que, inspirado nos Jogos Olímpicos da Antiguidade, continua a desempenhar uma função política, social e cultural importante no quadro da sociedade moderna. É um projeto que, a partir de finais do século XIX, se desenvolveu à escala do Planeta pela ação inicial de um homem, Pierre de Coubertin, que teve a ousadia de pensar que era possível trazer os JO da Grécia antiga para os nossos dias.

Este espírito está expresso na Carta Olímpica (CO) que é o documento que, do ponto de vista institucional, rege o MO. Desde finais do século XIX existiram várias versões da CO que, em cada momento, configuraram o quadro político, cultural e organizacional que determinava a relação de forças, das ideias e dos interesses dos Homens que regiam o MO. Assim, a CO organiza os princípios fundamentais do Olimpismo, bem como as regras e os regulamentos adotados pelo COI, definindo, também, as condições para a celebração, de quatro em quatro anos, dos Jogos da Olimpíada⁴ e, também, de quatro em quatro anos, no ano intercalar, os Jogos Olímpicos

⁴ Olimpíada: Segundo a Regra 6, nº 2 da Carta Olímpica (versão de 2004) os Jogos Olímpicos são os Jogos da Olimpíada e os Jogos Olímpicos de Inverno. Com a Carta Olímpica que entrou em vigor em 1 de setembro de 2004 deixou de existir o conceito de Jogos Olímpicos de Verão que até então determinavam o período da Olimpíada. Segundo o texto de Aplicação à Regra 6, uma Olimpíada é um período de quatro anos civis consecutivos que começa no primeiro de janeiro do primeiro ano e termina em 31 de dezembro do quarto ano. As Olimpíadas contam-se a partir dos primeiros Jogos da Olimpíada celebradas em Atenas em 1896 (1 de janeiro de 1896 a 31 de dezembro de 1899). A XXIX Olimpíada começou em 1 de janeiro de 2008 e terminará em 31 de dezembro de 2011 pelo que a XXX Olimpíada cujos Jogos se realizarão em Londres iniciar-se-á em 1 de janeiro de 2012. Deste modo, o conceito de Olimpíada deixa de estar exclusivamente associadas aos Jogos Olímpicos que se realizam no Verão

de Inverno (JOI).⁵ Assim, na sua essência, a Carta Olímpica serve três propósitos fundamentais:

1. Define os princípios fundamentais e os valores essenciais do Olimpismo;
2. Organiza os Estatutos para o COI;
3. Estabelece os direitos e as obrigações recíprocos dos três principais constituintes do MO, nomeadamente o COI, as Federações Internacionais (FIs) e os Comitês Olímpicos Nacionais (CONs), bem como dos Comitês Organizadores dos Jogos Olímpicos (COJOs).

Para além das burocracias que organizam a vida em comum de todas as entidades individuais ou coletivas que interagem no MO, o Olimpismo busca a criação de uma maneira de viver a partir da alegria do esforço e do respeito dos princípios fundamentais da ética universal, sendo que a ética universal pode ser considerada como o direito que os povos têm ao seu desenvolvimento. De acordo com a Carta Olímpica (2007) o Olimpismo é definido como:

... uma filosofia de vida que procura criar um modo de vida baseado no respeito por princípios éticos universais fundamentais (p.11).

Assim sendo, enquanto quadro que institucionaliza a competição à escala do Planeta, o Olimpismo pode ser considerado uma questão fundamental do desenvolvimento humano, devendo também ser entendido de forma global quando incentiva a promoção de condições de acesso das populações à prática desportiva, visando melhorar a qualidade de vida através da criação de facilidades para o exercício do direito ao desporto. Assim sendo, o fim do Olimpismo, na perspectiva de Coubertin é, segundo Pires (1996), o ato de “colocar o desporto ao serviço do Homem para realizar um mundo de paz no respeito pela dignidade humana” (p.110). Portanto, em termos globais, o Olimpismo pode ser considerado um conceito qualitativo, pois integra o desporto e as suas práticas como componentes fundamentais na construção da qualidade de vida das populações. Assim sendo, em termos estratégicos, deve

(dizia-se que uma Olimpíada era o período de tempo que decorria entre dois Jogos Olímpicos de Verão consecutivos). Quer dizer, deixou de existir a expressão de “Jogos Olímpicos de Verão” que passaram a ser chamados de Jogos da Olimpíada.

⁵ Texto de aplicação da Regra 5, os Jogos Olímpicos são constituídos pelos Jogos da Olimpíada e pelos Jogos Olímpicos de Inverno. Apenas são considerados desportos de Inverno aqueles que se pratiquem sobre a neve ou sobre o gelo. Os primeiros Jogos Olímpicos de Inverno foram celebrados em Chamonix, França, em 1924.

proporcionar o progresso construindo uma organização desportiva universal cada vez mais adequada às diferentes realidades nacionais, incentivando um número cada vez maior de pessoas a desfrutarem das práticas desportivas e das suas vantagens. Por isso, o Olimpismo, através de processos de aculturação, se expressa nas mais diversas culturas através do standard institucionalizado por Pierre de Coubertin em finais do século XIX que é o desporto. Contudo, o Olimpismo, nos tempos modernos, em termos culturais, transformou-se em uma burocracia protagonizada pelo COI, pelos Comitês Olímpicos Nacionais e pelas Federações Internacionais, que se organiza à escala do Planeta. Em uma perspectiva mais ampla, as mais diversas modalidades desportivas, na ideia de Gasset (1987), Jeu (1987) e Caillois (1990), devem ser vistas, tal como refere Pires (2007), como antigos rituais mágicos e religiosos, das festas, das danças e cantares, do hedonismo da luta e da competição, da arte da guerra e da vitória que hoje encontram no Olimpismo um local de celebração da humanidade.

E esta celebração projeta-se na vida de todos os dias. Na realidade, na sociedade da economia global em que vivemos, as questões da criatividade, da inovação e do empreendedorismo são tidas como de fundamental importância para uma competição económica de sucesso no quadro das relações comerciais entre países. O sucesso desta competição nobre e leal é determinante para a qualidade de vida das populações e para a afirmação dos países. Assim sendo, não faz qualquer sentido que a sociedade, de uma forma completamente anárquica e em uma perspectiva destruidora, a que Nietzsche (2003) chamaria de pré-homérica, continue a desenvolver modelos competitivos, quer eles sejam desportivos ou económicos, à margem dos princípios e dos valores mais nobres que devem orientar a competição nobre e leal em busca da excelência a que os gregos antigos chamavam de “areté”⁶ e que hoje, por influência de Coubertin, se traduz

⁶ A palavra é grega, “areté” significa “excelência, virtude”. É um nome feminino e o seu plural é “aretai”. Aretologia é um termo usado em ética e designa a doutrina que versa sobre a virtude e o estudo filosófico a respeito da perfeição moral (In: Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa). A palavra “areté” aparece nos mais antigos textos da cultura ocidental, a Ilíada e a Odisséia. Significa mérito ou qualidade pela qual alguém se destaca, pelo que pode ser aplicada às mais diferentes atividades da vida. Como podemos constatar na Ilíada significava, entre outras, uma qualidade do corpo, tal como a força, a agilidade ou a beleza. Na perspectiva de Homero, a “areté” envolvia as competências e as potencialidades humanas em busca da superação, bem como as qualidades através das quais alguém revela a sua excelência. Para Platão e Aristóteles traduzia saúde ou até uma qualidade da inteligência ou da própria alma. Podia ainda expressar consideração ou honra, mas também o mérito do artesão ou do homem de Estado. No sentido moral, para Platão a palavra indicava a capacidade de realizar nobres ações por parte daqueles que eram seus detentores. Aristóteles definiu “areté” como a condição que nos torna bons e permite aos Homens concluir tarefas que lhes são próprias. Assim, a “areté” simbolizava o potencial humano, quer dizer, as capacidades que permitiam ao homem a superação e a busca da transcendência. Em consequência, para os gregos antigos a “areté” estava especificamente ligada ao conhecimento. De

na filosofia do Olimpismo moderno. Na realidade, é esta “areté” que, por via da competição, o MO procura alcançar, tal como refere a Carta Olímpica (2007):

O MO alcança o seu máximo com a reunião dos atletas mundiais no maior festival desportivo, os Jogos Olímpicos (p.11).

Nesta conformidade, a cultura de competição nobre e leal que é uma questão fundamental no quadro da vida dos povos e nações, ganha um significado pedagógico no projeto olímpico que se desenvolve à escala do Planeta. E é-o no sentido em que, enquanto jogo que é, é o fio condutor da explicação ontológica. A competição explica a vida. Ela está inscrita no código genético da humanidade pelo que, de uma forma natural, estrutura tendencialmente o modelo capitalista de economia de mercado que configura os modelos político-administrativos nos mais diversos países do mundo desenvolvido. Assim, o Olimpismo, através do desporto, promove, por via da educação, uma cultura competitiva, mas não uma qualquer competição, na medida em que só o deve fazer no respeito pelos seus princípios e valores, pelo que não é toda e qualquer competição que pode interessar ao MO. Porque, segundo a Carta Olímpica (2007):

O objetivo do Olimpismo é o de colocar o desporto ao serviço de um desenvolvimento harmonioso do homem, com a perspectiva de promover uma sociedade pacífica preocupada com a preservação da dignidade humana (p.11).

Trata-se de uma competição promotora de desenvolvimento e de progresso, o que só é possível de conseguir se o desporto, enquanto competição que é, possa ser estudado na sua verdadeira plenitude. Porque, no fundo, o desporto, na sociedade moderna, consubstancia a explicação ontológica que prende o Homem à vida. Os Homens tornaram-se gradualmente mais atléticos e, ao mesmo tempo, mais inteligentes, pela necessidade de coordenação do trabalho em equipa que o instinto de sobrevivência lhes exigia. E este instinto revelava-se, na caça e na pesca, na arte da guerra e na conquista da mulher não consanguínea. Depois, através de uma liderança deliberada, conceberam estratégias, planearam táticas, organizaram o ataque e a defesa, montaram armadilhas, correram riscos e, deste modo, através do jogo da existência, preservavam a vida (Pires, 2007).

No quadro atual do Olimpismo moderno, a competição, como explica Nietzsche (2003) na “Competição em Homero”, tem de ter limites para que possa ser desenvolvida

fato, era o conhecimento que podia animar a vida, pelo que só através dele era possível engendrar as soluções que, em cada circunstância, garantiam a organização do futuro.

à mais alta escala. Ora, o desporto não pode ignorar esta realidade, pelo que devem ser estabelecidas as regras necessárias, tal como defendeu Coubertin, para que a competição desportiva possa ser desenvolvida à escala máxima preservando os mais nobres valores da dignidade humana. Contudo quando mal gerida, a competição pode condicionar o jogo levando-o para patamares de confronto desportivo, político ou social que não são admissíveis na sociedade em que vivemos. Por isso, hoje, o COI cumpre uma missão fundamental que é a de, através de uma competição organizada à escala do planeta, sublimar o instinto de competição que está dentro de cada Homem direcionando-o para projetos positivos da vida. Assim, na procura do ideal olímpico, tal como no passado, também hoje, o Homem busca a excelência dos gregos antigos que procuravam evitar o excesso, o orgulho e a insolência. Nas palavras de Nietzsche (2003) “cada grego ilustre passava a outro o facho da competição porque cada grande virtude excitava uma nova grandeza” (p.53). Hoje, o Homem moderno, pode encontrar no Olimpismo os princípios e os valores que o levam a lutar por uma sociedade mais justa, equitativa e solidária.

O Homem não é capaz de viver sem a luta que os conflitos de ideias, expectativas e objetivos desencadeiam entre as várias maneiras de olhar para o Mundo. Esta dinâmica do eterno conflito que, nas palavras de Heraclito (2005), é a mãe de todas as evoluções, encontra uma explicação lógica na mundividência helénica traduzida no poema didático “Os Trabalhos e os Dias” de Hesíodo (2005). Para ele existiam duas Éris, quer dizer, duas deusas do conflito. A primogénita era cruel, deu à luz a negra noite, pelo que a ela se ficam a dever a inveja, o rancor e a cobiça que desencadeiam nos Homens as lutas malignas de extermínio uns contra os outros, quer dizer, a má guerra pelo que nenhum mortal a devia tolerar. A outra Éris, foi dada por Zeus aos Homens a fim de os advertir do carácter efémero do seu destino, conduzindo-os ao trabalho e à superação, pelo que até aquele que nada possuía se apressava a plantar a fim de, tal como aquele que era rico, poder ter uma vida melhor. O vizinho rivalizava com o vizinho que procurava alcançar a prosperidade porque ele também a queria para si. Então, os gregos, através de uma luta nobre e leal procuravam o êxito e o sucesso. Nestes termos, o confronto, quanto dirigido pela boa Éris, pode ser promotor de desenvolvimento e de progresso. Mas, o conflito quando conduzido pela má Éris é promotor de sofrimento, terror e morte, sem quaisquer benefícios para a condição humana, por isso, deve ser evitado. A este respeito Nietzsche (2003) em “A Competição em Homero” dizia que quanto mais nobre era um grego, tanto mais viva seria a chama

da ambição que dele irrompia no sentido da afirmação positiva da vida. Nesta perspectiva, a predisposição para a competição projetava-se nos JO, na política, nas artes, no trabalho, onde cada grego procurava vencer os adversários à altura de si, de maneira a dar um eterno prosseguimento a uma competição nobre e leal com vista ao desenvolvimento e ao progresso da sua cidade.

O desporto é um espaço pedagógico onde, desde os bancos das escolas, as crianças e os jovens deviam aprender a controlar e a direccionar em um sentido positivo o conflito que cada um deles é portador. Portanto, quando se trata de estudar as questões do Olimpismo à escala do Planeta é necessário desde logo perceber que se está no domínio de uma organização internacional que administra a dialética de interesses que devem ser resolvidos obrigatoriamente através do confronto regulamentado da competição justa e leal. Conforme diz a Carta Olímpica (2007):

Qualquer forma de discriminação com respeito a um país ou pessoa baseada na raça, religião, política, género ou outra é incompatível com a pertença ao Movimento Olímpico (p.11).

Este é o dilema que se coloca aos ideólogos do MO, bem como aos decisores políticos. Por um lado, é evidente que a violência no mundo do desporto não pode disparar para níveis incontroláveis. Por outro, como nos diz Moore (1992), é ilusório querermos abordar a violência movidos pela singela ideia de que a podemos eliminar. De fato, qualquer tentativa de erradicar a violência que existe no ser humano poderá fazer com que, como refere Moore (1992), o desliguemos do poder profundo que sustenta a vida. Assim, não se trata de eliminar a violência, mas tão só de a controlar e, se possível, conduzi-la para fins positivos, quer dizer, para a boa Éris que a há de direccionar para objetivos úteis ao processo de desenvolvimento da humanidade, através de políticas públicas nos domínios da educação e da cultura desportivas. Porque o Olimpismo, segundo o que está expresso na Carta Olímpica (2007):

Procura criar um modo de vida baseado no prazer do esforço, no valor educacional do bom exemplo e no respeito por princípios éticos universais fundamentais (p.11).

Muito embora este discurso possa merecer o acordo da generalidade das pessoas o que defendemos é que o pilar fundamental do Olimpismo que é o desporto organiza e institucionaliza um sistema competitivo onde o Homem, nas suas mais profundas contradições, apresenta o que tem de pior e de melhor, quer dizer, o seu instinto

agonístico que o leva a realizar os maiores feitos mas, também, a cometer as maiores barbaridades.

Por isso, o Olimpismo, enquanto ética de conflito que é, através do prazer do esforço competitivo procura criar um modo de vida baseado no respeito por princípios éticos universais, a fim de direcionar o instinto agonístico para o desenvolvimento económico e social em busca do progresso e da excelência. Na realidade, o fundador dos JO modernos, idealizou para o MO valores como os da igualdade, da honestidade, da justiça, do respeito pelas pessoas, da racionalidade, do entendimento, da autonomia e, entre outros, o da excelência, através da exaltação do extinto da luta e da cultura da competição.

O Olimpismo deve ser defendido nos seus princípios fundamentais enquanto esperança para um desporto que, infelizmente, em muitas circunstâncias, está dominado por interesses políticos, económicos e sociais, em que as questões éticas e pedagógicas são constantemente ignoradas (Pires, 1996). Ainda segundo Pires (2003) o mundo do desporto foi envolvido pelo dinheiro e pelo comercialismo desenfreado pelo que o MO, em muitas situações, se deixou enredar em processos que lhe abalaram profundamente o prestígio e a credibilidade. Contudo, o Olimpismo busca uma maneira de viver a partir da alegria do esforço e do respeito pelos princípios fundamentais da ética universal (altruísmo, solidariedade e esperança), enquanto direito que os povos têm ao seu desenvolvimento, incluindo o do desporto. Assim sendo, o Olimpismo deve ser considerado uma questão fundamental de desenvolvimento humano e ser entendido de uma forma global, incentivando a promoção de condições de acesso das populações à prática desportiva, visando melhorar a qualidade de vida através da criação de facilidades para o exercício do direito ao desporto. Por isso, o Olimpismo tem uma palavra a dizer no processo de desenvolvimento em busca de um desporto melhor (Pires, 2007). Contudo, o desporto só pode ser melhor se o Olimpismo for assumido como instrumento de combate às misérias no Mundo, tal como referiu Ban Ki-Moon, Secretário Geral da ONU, no último Congresso Olímpico realizado em 2010 na cidade de Copenhaga. Neste sentido, sob a atual liderança de Jaques Rogge o COI e o MO têm uma estratégia de nível internacional que busca a promoção dos valores do Olimpismo, principalmente os que valorizam o desenvolvimento humano. Jacques Rogge nesta busca da universalidade não foi original, ele limitou-se a seguir os grandes dirigentes olímpicos que lideraram o COI ao longo do século XX.

O Olimpismo é, hoje, constituído por uma realidade antropohistórica, construída por todos os protagonistas que nos terrenos da competição foram capazes de correr mais depressa, saltar mais alto e lançar mais longe, assim como por todos os que, nos mais diversos países do mundo, suportam o sistema básico de vida da organização olímpica, como os CONs e FIs que garantem a realização quadrienal do maior espetáculo desportivo à escala do Planeta, que são os JO.

A partir da problemática apresentada, este estudo busca estabelecer quais foram as grandes linhas ideológicas de orientação estratégica do Comité Olímpico Internacional no período que decorreu entre os Jogos Olímpicos de Atenas (1896) e os Jogos Olímpicos de Pequim (2008). Para isto a tese foi estruturada em sete partes principais. Na primeira, é apresentado o estado da arte. Na segunda e terceira parte, trata-se, respectivamente, dos objetivos da investigação e da metodologia. Os resultados do estudo são apresentados a seguir. Na quarta parte da tese são apresentados os resultados relacionados ao amadorismo e ao profissionalismo. Na quinta, são apresentadas as questões relativas ao comercialismo, sendo a sexta parte destinada aos resultados ligados ao desenvolvimento humano. Na sétima parte, a política é o tema em questão. Por fim, nas conclusões, retoma-se o problema do estudo a partir da articulação dos dados obtidos.

1 Estado da Arte

O Movimento Olímpico moderno, desencadeado por Pierre de Coubertin em 1892, é uma superestrutura ideológica que, no quadro do mundo moderno, à escala mundial, gere a dinâmica da competição humana. O COI, por sua vez, é o agente principal daquela superestrutura desportiva que tem por vocação defender os valores de uma ética relacionados com a dialética da competição naquilo que ela tem de melhor e de pior para o processo de desenvolvimento humano (Chappelet, 1991; Pires, 2007).

O COI pelo seu património histórico e o seu atual posicionamento no quadro da ONU é a instituição mais capaz de promover junto a população mundial uma estratégia de educação e cultura, tendo por objetivo promover junto da juventude os valores de uma competição nobre e leal que se projete de uma forma justa e positiva nas sociedades das nações.

Os valores intrínsecos e inalienáveis da competição são hoje os mesmos que eram ao tempo dos Gregos Antigos (Jeu, 1987; Pires, 2007; Guttmann, 2004; Morris, 1981). Quando Coubertin, através da institucionalização moderna do Olimpismo pretendeu trazê-los para o século XX fundamentou a sua ideia dizendo que eles estavam assentes em três grandes pilares que eram o desporto, a educação e a cultura. Atualmente, a partir das grandes ideias da defesa do ambiente surgidas a partir de meados do século passado acrescentou-se à ideia do Olimpismo um quarto grande pilar que é o do meio ambiente. Assim, hoje, os quatro grandes pilares do Olimpismo são:

- O desporto: da coexistência pacífica através do surgimento dos valores eternos e inalienáveis da competição nobre e leal que determina a vida;
- A educação: da educação social e moral em defesa dos valores da dignidade humana;
- A cultura: do entendimento internacional para o desenvolvimento de uma sociedade transcultural;
- O meio ambiente: da defesa do ambiente no sentido de assegurar um futuro planetário que terá necessariamente de ser comum.

Assim, depois de Coubertin ter:

- Ido buscar os Jogos Olímpicos de há cerca de três mil anos e transformá-las no maior evento à escala do planeta;
- Feito ressurgir dos tempos da Grécia antiga a cultura de competição que ao tempo animava a sociedade grega;

- Transformado a cultura helénica em um instrumento de educação de extraordinária importância para o século XX,

o MO evoluiu naturalmente para, no âmbito da Agenda 21 da ONU, as questões do desenvolvimento humano que hoje sabemos ser um dos maiores desafios do homem do século XXI na medida em que, a não ser vencido, o Homem arrisca a sua própria sobrevivência.

1.1 Olimpismo e Competição

O Olimpismo, nos tempos modernos, expressa à escala global os valores do jogo da competição. É, por isso, animado por um conjunto de lendas, mistérios, símbolos e tradições que têm a sua origem nos tempos mais remotos da história da humanidade, quando Héracles, depois de ter completado os seus “Doze Trabalhos”, construiu o estádio Olímpico, a fim de aí realizar os Jogos em honra do rei dos deuses.

Para além dos mistérios e das lendas com origens nas brumas do passado, a data assumida como aquela em que, realmente, os JO se realizaram pela primeira vez, parece ter sido a de 776 a.C., confirmada pelas inscrições encontradas em Olímpia que referem os vencedores de uma corrida a pé que, desde então, passou a acontecer todos os quatro anos. Depois, os JO organizavam-se segundo dois pólos opostos que davam resposta às mais primárias necessidades sociais (Young, 1996). Quer dizer, entre Píndaro e Platão, isto é, entre, por um lado, o heróico do belo dos Jogos cantados pelo poeta que mais não eram do que um tributo aos deuses enquanto mecanismo de controlo social, e, por outro lado, uma a visão utilitarista e político-militarista enquanto tributo ao Estado tal como Platão expressou na “República”. Os Jogos eram um meio privilegiado de que o Estado dispunha para educar e formar os cidadãos, com o objetivo, do ponto de vista interno, assegurar o controlo social e, do ponto de vista externo, garantir a preparação dos exércitos para a guerra (Guttmann, 1994; Pires, 2007; 1996). E assim, os JO surgiam na sociedade grega, em primeiro lugar como instrumentos de promoção da vida interna da comunidade e, em segundo lugar, como garantia da sobrevivência e soberania das cidades perante as ameaças externas, através de uma educação fortemente competitiva e da preservação dos valores de uma cultura de competição.

A ideia de fazer ressurgir o MO da antiguidade nos tempos modernos foi anunciada por Pierre de Coubertin em uma reunião realizada em 25 de novembro de 1892, na Sorbonne em Paris, aquando da comemoração do quinto aniversário da União das Sociedades Francesas de Desportos Atléticos. Através de uma comunicação oral, contra as expectativas do seu autor, a ideia foi muito bem aceita e aplaudida. Contudo, Coubertin ficou com o sentimento de que a grande maioria dos presentes não tinha percebido nada daquilo que ele tinha tentado transmitir. Entretanto, passados que foram cerca de dois anos, em 23 de junho de 1894, em um congresso convocado para esse fim, foi aprovada a constituição do COI e a cidade de Atenas escolhida para ser o local aonde se realizariam, no ano de 1896, os primeiros Jogos Olímpicos da era moderna (Coubertin, 1996).

O Olimpismo é competição, é estratégia em busca da excelência. É a busca da excelência dos resultados, desde os terrenos de jogo, até à eficiência da sua estrutura organizacional que se projeta na sociedade a fim de, a cada quatro anos, através dos JO da Olimpíada e dos JO de Inverno, organizar um novo futuro comum. Assim, o Olimpismo, enquanto competição, prolonga-se para além do desporto, porque é um estado de espírito, uma filosofia de vida, um modo de estar no mundo, um catalisador de desenvolvimento como tem vindo a referir Jacques Rogge.

Coubertin demonstrava este sentimento quando dizia que o Olimpismo era uma religião. Para ele o Olimpismo era uma superestrutura, quer dizer, “uma religião (doutrina), com uma igreja, com dogmas e culto”, o culto da competição nobre e leal em busca da excelência que, através de processos de aculturação, hoje se expressa nas mais diversas culturas no respeito pelo standard institucionalizado pelo COI (Coubertin, 1996 p.102).

E assim, desde que Coubertin lançou a ideia de se fazer ressurgir os JO da antiguidade grega, decorreram mais de cem anos e hoje, o MO é uma realidade inquestionável que se afirma à escala do Planeta, regendo-se por todo um conjunto de rituais, normas e procedimentos com diferentes graus de formalidade que têm vindo a formatar o padrão cultural ao qual têm aderido centenas de milhões de pessoas por esse mundo fora (Chappelet, 1991).

A cada quatro anos, o MO organiza o seu grande festival que são os JO da Olimpíada, vulgarmente conhecidos como os JO de Verão, nos quais participam mais de duzentos países, dez mil atletas, milhares de técnicos e dirigentes, para além de, diretamente, centenas de milhares de espectadores e, indiretamente, através da comunicação social, centenas de milhões.

Segundo Pound (2006) e Chatziefsthiou (2005), o Olimpismo é uma ideologia que, para além do género, da etnia, do credo ou da classe social, processa-se, através de inúmeras atividades, nos mais recônditos pontos do Planeta, envolvendo todos os dias muitos milhões de pessoas.

1.1.1 Cultura Agonística dos Gregos

Para os gregos antigos a cultura agonística que eles sublimavam nos grandes festivais desportivos representava o bem-estar social porque consubstanciava a “Paz Olímpica”. Como refere Pires (2007), o jovem grego quando competia na luta, na corrida ou nos lançamentos durante os JO, pensava na glória da sua cidade natal, na medida em que era nela que ele queria projetar o seu próprio sucesso. E até as coroas de louros que os juízes colocavam na cabeça dos grandes heróis olímpicos, estes as consagravam aos deuses das respectivas cidades (Guttmann, 1978; Nietzsche, 2003). A este estado de espírito em busca da superação, os gregos chamavam-lhe “areté”, uma espécie de virtude própria da nobreza aristocrática, do heroísmo guerreiro, da honra, da glória, do “agôn”⁷ e da vontade de vencer. Por isso, eles cultivavam a destreza e a força invulgares não só como exercício da estética e do combate leal, mas também como suporte indiscutível de qualquer posição de liderança. Quer dizer, a ambição existia, só que tinha limites e estava condicionada pela entrega concreta à causa social. Nesta perspectiva, a necessidade de competição entre os gregos ganhava um sentido especial porque o que estava em causa eram os valores do social e a honra da sua cidade (Nietzsche, 2003).

1.1.2 Oportunidade de Tempo e de Local

Muito embora em finais do século XIX o ambiente social e político da Europa fosse potencialmente conflituoso, o que se evidencia é que, os generais se encontravam nos quartéis sem ter o que fazer. Este fato, bem vistas as coisas, proporcionou a

⁷ Agôn em grego antigo significava competição.

Coubertin o momento de oportunidade que, sob a inspiração de Kairos, deus dos pequenos momentos, determinou o sucesso do arranque do projeto olímpico, passando este, a partir de então, para o domínio de Chronos, o deus da cronologia e do tempo longo dos projetos como é o do MO com um horizonte temporal a perder de vista (Pires, 2007). Mas se, do ponto de vista do momento, a ocasião se revelou como tendo sido a mais apropriada, no que diz respeito à substância, Coubertin também apareceu com o “produto” certo para os tempos que então se viviam.

Segundo Mayer (1964), Coubertin tinha ido buscar a ideia da cultura pan-helénica do “agôn” em busca da “areté” com a consequente organização das práticas desportivas à escala mundial, a fim de organizar uma nova ideia de Olimpismo para o mundo moderno. E, ao fazê-lo naquele momento, deu o mote para todos aqueles que lhe iam seguir, mote esse que, ainda hoje, sob a liderança de Jacques Rogge anima, à escala mundial, os seguidores do MO.

1.1.3 Coubertin e a Guerra

Quando Coubertin lançou a ideia de organizar os JO da era moderna, fê-lo também em honra de seu país, quer dizer, com a intenção de recuperar o ânimo da nação francesa e, eventualmente, até o da própria Europa das sequelas da guerra, através de uma competição desportiva nobre e leal entre países que até havia pouco tempo tinham beligerado nos campos de batalha da Europa.

O que aconteceu foi que, Coubertin, aos 18 anos, a exemplo de seu irmão Alberto de Coubertin (1848-1913) que servira no exército de Napoleão III, esteve para seguir a vida militar. Desistiu porque, como ele próprio explica nas suas memórias, a evolução da situação diplomática na Europa deixava antever um período de paz bastante prolongado, confessando a sua recusa em aceitar viver o aborrecimento e a monotonia das guarnições militares em tempo de paz.

Entenda-se que para Coubertin o desporto, na velha tradição grega, enquanto substituto da guerra, era, fundamentalmente, um instrumento de promoção da paz. E, nesta gestão de contradições próprias da vida e com as quais ele viveu toda a sua vida, escreveu:

O desporto é um dos mais possantes elementos de paz e eu tenho confiança na sua ação no futuro (Coubertin, 1964 p.50).

Por isso, o pensamento de Coubertin tinha as suas raízes muito mais fundo do que a superficialidade do gozo da prática de algumas modalidades desportivas, mais ou menos recreativas, às quais aderira o charme discreto das classes ociosas. Ele associava às questões do desporto às da guerra, e fazia-o, porque pretendia resolver as questões que a guerra levantava através do desporto.

Ao tempo de Coubertin imperavam na Europa as teorias do “espaço vital” e da “exclusão competitiva”. Se, pelo lado do “espaço vital”, um significativo número de estados-nação e nações sem estado viviam problemas de espaço territorial que, ainda hoje, a Europa tarda em resolver, pelo lado do princípio da “exclusão competitiva” o biólogo russo Georgyi Frantsevitch Gause explicava a fôrnalha em que a Europa se encontrava quando demonstrava que duas espécies que possuíssem necessidades idênticas, ao coabitarem o mesmo habitat, na ausência de influências externas, uma delas seria, forçosamente, eliminada ao fim de um certo tempo.

Em conclusão, era possível dizer que o instinto agonal, acompanhado pelo fervor rracico, nacionalista e até chauvinista, se encontrava evidente e os europeus tinham de decidir se queriam dar vazão àquele instinto nos terrenos de jogo e nos campeonatos desportivos ou, em alternativa, nos campos de batalha que até já tinham profunda tradição na Europa milenar.

1.1.4 Olimpismo & Instinto Agonal: Polemologia

Em 1966, Gaston Bouthoul cunhou o termo “polemologia” a partir do qual fundamentou uma nova disciplina científica que tem como objetivo:

O estudo das formas de agressividade organizadas na sociedade, a fim de se compreenderem as formas violentas de comportamento humano e proporem eventuais paliativos, soluções ou substitutos (Bouthoul, 1966 p.15).

Trata-se, segundo o autor, de uma abordagem positiva da guerra, em alternativa àquelas que fazem os movimentos pacifistas que, pura e simplesmente, as negam sem primeiro as estudarem para melhor as compreenderem a fim de as superarem. Foi nesta perspectiva “polemológica”, que Coubertin, ao institucionalizar os JO, levou à prática a ideia que provinha da cultura pan-helénica que, do ponto de vista filosófico, Nietzsche (2003, 2006) de uma maneira geral, já tinha tido a oportunidade de desenvolver em “A Competição em Homero” e “A Origem da Tragédia”, respectivamente.

Coubertin utilizando-se dos valores da competição desportiva que brotavam na sociedade, com uma cada vez maior incidência nas classes populares em conquista da sua própria emancipação, teve como objetivo dar um sentido positivo ao instinto agonal da humanidade, lançando em 1892 a ideia de fazer ressurgir os JO da era moderna. Depois, em 1894, aproveitando um pequeno período da história da humanidade, que acontecia entre guerras, a saber entre as guerras Napoleónicas e a I Guerra Mundial, organizou o 1º Congresso Olímpico e, acompanhado por inúmeros adeptos, anunciou a fundação COI e, através de Vikelas a realização dos primeiros JO da era moderna a acontecer no ano de 1896, em Atenas (Costa et al., 2011).

Hoje, o Olimpismo, através do desporto, promove por via da educação uma cultura competitiva, mas não qualquer competição, na medida que a competição só o deve ser no respeito pelos seus princípios e valores da dignidade humana, pelo que não é toda e qualquer competição que pode interessar-se ao MO. De fato, segundo a Carta Olímpica (2007):

O objetivo do Olimpismo é o de colocar o desporto ao serviço de um desenvolvimento harmonioso do homem, com a perspectiva de promover uma sociedade pacífica preocupada com a preservação da dignidade humana (p.11).

Assim sendo, o Olimpismo deve assumir a sua própria realidade desportiva que, como referimos, é tão só um dos seus quatro pilares.

1.1.5 Espírito Capitalista & Olimpismo

O Olimpismo, através do “prazer do esforço” procura criar um modo de vida baseado no respeito pelos princípios éticos universais, a fim de direccionar o instinto agonístico que na lógica do espírito capitalista de Max Weber (1864-1920) promove o desenvolvimento económico e social das nações.⁸ Por isso, a origem da ideologia do Olimpismo está na maneira como a sociedade entende, pratica e transmite para as novas gerações os valores da competição justa, nobre e leal. Sendo que, todos os presidentes do COI expressaram cada um à sua maneira esta premissa (Gafner, 1994).

Para Vikelas a competição era o meio privilegiado de os gregos mostrarem a sua supremacia inquestionável sobre os persas. Foi por isso que ele aderiu ao MO. Para Coubertin, em nossa opinião, em uma perspectiva “nitscheniana”, a competição

⁸ Weber, M. (1997). A Ética Protestante e o Espírito Capitalista. São Paulo: Pioneira.

permitiria que a Europa se superasse das enormes sequelas das guerras napoleónicas a fim de, através do colonialismo, da eugenia e outros, dos quais o desporto era um instrumento, desencadear a sua supremacia cultural sobre o mundo. Para Baillet-Latour a competição cingia-se ao mero espetáculo desportivo pelo que a sua visão minimalista acabou por comprometer o futuro que ele pagou em termos pessoais da maneira mais pesada, quer dizer, com a própria morte por colapso ao tomar conhecimento da morte do próprio filho na frente de batalha contra os exércitos de Hitler. Para Brundage, nas suas contradições, a competição era política e o Olimpismo um instrumento dessa competição que ele esgrimia em nome do “apolitismo desportivo”. Foi um vencedor de Pirro já que as três bandeiras que ele defendeu - o apolitismo, o comercialismo e o profissionalismo - foram arreadas pela realidade dos novos tempos (Guttmann, 1984; Brundage, 1973). Para Samaranch a competição foi económica, ele foi capaz de a gerir com brio e competência, transformando a organização que liderou em uma máquina de produzir dinheiro. Finalmente, para Jacques Rogge a competição, na expressão do espetáculo desportivo, é um catalisador de desenvolvimento pelo que o COI, sob a sua liderança está a assumir um papel fundamental no arcêpago das nações que é a ONU⁹.

1.2 Educação Física e Desporto

Apesar de há muito se perceber que o MO caminhava para atingir uma dimensão planetária como quase nenhuma outra atividade humana conseguiu atingir, o que é fato é que, tanto a formalidade das suas regras como a dinâmica da sua cultura são pouco conhecidas, desde logo nas escolas e Educação Física (EF) e Desporto que, tradicionalmente, combatiam através de uma crítica feroz, mas pouco sustentada, os “malefícios do MO” e da competição.

1.2.1 Contra a Competição

Por estranho que possa parecer, durante muitos anos os currículos dos programas universitários de EF e Desporto, enfeudados a uma visão marxista do desporto, proveniente, primeiro, da antiga URSS e, depois, da RPC, rejeitaram todo e qualquer

⁹ Ver conclusões do Congresso Olímpico de Copenhaga (2009). Consultado em 12 de dezembro de 2010 em <http://www.playthegame.org/news/detailed/the-secret-olympic-congress-in-copenhagen-4541.html>.

contato com o estudo das questões olímpicas que eram entendidas como uma espécie de “desporto sujo” (Brohm, 1972; 1981) , contaminado pelos malefícios da competição e por interesses económicos como se a competição e a economia fossem uma espécie de degenerescências da humanidade. Em conformidade, era necessário afastar as crianças e os jovens de tal coisa e o instrumento privilegiado foi uma educação física cartesiana, pseudo-científica e fechada, concatenada em um conjunto de gestos mecânicos que se repetiam à saciedade em função dos valores da raça, da higiene e da moral.

Os mensageiros desta “ideologia” com origens em finais do século XIX e inícios do século XX, condenam o desporto acusando-o de ser um produto do regime capitalista ao serviço da exploração do trabalho. Por exemplo, para Brohm (1972), tido como o chefe de fila daquilo a que a partir dos anos 70 ficou conhecido como a “nova esquerda”, tinha a questão desportiva resumida na seguinte proclamação:

Em um universo imperialista agonizante, corroído pelas terríveis contradições, o desporto não tardou a tornar-se no ópio da fraternidade entre os povos, da compreensão universal entre os opressores e oprimidos (p.18).

Para Brohm (1972), o papel dominante da competição na prática desportiva é um fator de “alienação dos desportistas”, pelo que a “filosofia social imperialista” (p.10) de Coubertin passava pela “integração ideológica” (p.10) das massas proletárias através dos JO. Para Brohm, o desporto não é mais do que “a perversão sistemática do instinto agonal lúdico pela competição” (p.20).

Na mesma linha de pensamento, Laguillaumie (1972), outra figura proeminente da “nova esquerda” francesa, afirmava com convicção e um grande poder destruidor:

O desporto é, sobretudo uma organização mundial, determinada por um governo internacional desportivo, o Comité Olímpico Internacional, pelas federações internacionais, e por todos os organismos deste tipo, privados ou públicos, que gerem, administram, dirigem e controlam o desporto ... Os Jogos Olímpicos, os campeonatos e torneios internacionais, são a expressão da unidade de desporto mundial na organização de uma competição cosmopolita permanente ... antes da luta entre as diversas concepções do desporto (educativo, de massas), existe a realidade da prática mundial do desporto, determinada por uma estrutura vertical hierárquica que vai desde o campeão ao principiante, do Comité Olímpico ao pequeno clube de aldeia ... A unidade mundial do desporto é pois, antes de tudo, política. A frente unida dos desportistas, praticamente de todas as correntes políticas, provenientes de regimes ideologicamente incompatíveis, oferece ao mundo a imagem hipócrita da verdadeira fraternidade humana ... o desporto só pode existir na mascarada paz mundial (p.34).

Esta ótica propagou-se pela Europa e pelos mais diversos países do mundo, sobretudo a partir de finais da II Guerra Mundial. Primeiro, a partir da URSS até 1951, ano em que o país, pondo a visão marxista de desporto que preconizava modelos desportivos não competitivos de lado, aderiu ao MO e, depois, a partir da República Popular da China (RCP) até 1979, que, pelas mesmas razões, voltou ao MO onde já tinha estado em um breve período entre 1952 e 1956 (Lijuan, 2007; Guoqi, 2008; Brownell, 2007).

O problema é que aquela visão equivocada do desporto continuou a marcar terreno, não só nas universidades como nas escolas do ensino básico e secundário de vários países da Europa e do Mundo, onde os valores da competição foram pura e simplesmente anulados em benefício de uma educação desprovida dos valores da rivalidade competitiva (Pires, 2009). Em consequência, acabou-se por prejudicar o normal desenvolvimento do MO moderno em virtude de, por um lado, ter afastado muitos daqueles, sobretudo das novas gerações, que, na melhor das intenções, estavam dispostos a dar o seu esforço e entusiasmo à promoção da causa e dos valores do Olimpismo e, por outro lado, abriu as portas a pessoas que, muitas vezes, revelaram não ter condições culturais, morais e éticas para liderarem a vida de um movimento cujos princípios assentavam precisamente em uma forte cultura pan-helénica na defesa do mais nobre valor humano.

Aquela visão da sociedade prejudicou diretamente o MO que, para se defender, através da “família olímpica”¹⁰, fechou-se sobre si próprio em uma reação normal de defesa, acabando por criar um ambiente pouco propício ao estudo das questões relativas ao MO e aos inerentes aspetos referentes à institucionalização de uma cultura Olímpica nas escolas secundárias e universitárias dos mais diversos países do mundo. Claro que toda a dinâmica anti-competição em nome de uma sociedade igualitária, como se os Homens fossem todos iguais, acabou por provocar enormes prejuízos ao MO que, ainda hoje, se fazem sentir na educação desportiva dos sistemas de ensino de vários países do mundo, entre os quais Portugal (Brownell, 2007; Lijuan, 2007; Guoqi, 2008; Pires, 2009).

¹⁰ A “Família Olímpica” somos todos nós até porque o Olimpismo não pertence a nenhuma família, casta ou clube secreto. O Olimpismo é património da humanidade e o COI, em 1894, recebeu, tão só, a incumbência de o administrar.

Os defensores de um mundo igualitário sem competição, em vez de enfrentarem com realismo os mais diversos problemas humanos, refugiavam-se em discursos ideológicos ociosos de pragmatismo sem qualquer sentido da realidade económica, social e política da condição humana. Felizmente, foram os próprios mentores de tão estranhas visões do Mundo e do Homem, a URSS e a RPC, a reconhecerem a impossibilidade em que se encontravam, para aderirem, a URSS em 1951 e a RPC em 1979, ao modelo competitivo, adotado pelo COI em 1894 que, desde então, com algumas exceções por motivos da guerra, organiza de quatro em quatro anos através dos JO o maior evento pacífico à escala do Planeta, jamais conseguido pela humanidade.

Como referiu Jacques Rogge, os JO são uma força para o bem. Contudo, o atual presidente do COI, a fim de que não sejam criadas falsas ilusões também referiu, que os JO são um catalisador para a mudança e não uma panaceia para todos os males.

1.2.2 Revivificação da Educação Física

Coubertin sabia que ia ter enormes problemas com os seguidores do sistema sueco e semelhantes, bem como com aqueles que conseguiam ver na EF uma espécie de desporto sem competição. Em conformidade, em uma estratégia de “soft power”¹¹, a fim de calar as vozes daqueles que se levantavam contra os malefícios da competição, não se limitou a apresentar uma proposta de organização de competições desportivas a nível internacional (os JO), mas propôs, também, aquilo a que chamou de “gymnastique utilitaire” que preconizava uma mudança radical de paradigma de uma ginástica estandardizada sustentada no método científico Sueco. Coubertin queria envolver os que eram contra e os que eram a favor de um desporto livre, informal, utilitário, sustentado na criatividade da força popular a que ele denominou de “atletismo utilitário” ou “ginástica utilitária”, como uma espécie de antecâmara para todos aqueles que, do ponto de vista higiénico, teoricamente, se diziam não estarem em condições para se sujeitarem às exigências do desporto propriamente dito, regido sob o ponto de vista institucional por regras estandardizadas que, através da especialização, visava o alto rendimento e o espetáculo desportivo. O problema é que, depois, os teóricos das “ginásticas concatenadas” viam os campos formais e informais de jogos desportivos cheios de populares enquanto as classes de ginásticas apenas com alguns senhores importantes que gostavam de se adestrar (Pires, 2011).

¹¹ Vide subcapítulo *Soft Power*.

À semelhança dos Gregos antigos, Coubertin entendia a cultura competitiva dos atletas como suscetível de provocar profundas transformações sociais, inclusivamente no domínio da condução da guerra, em benefício da dignidade humana. Portanto, em finais do século XIX, não se tratava de desenvolver no âmbito do Olimpismo um discurso mavioso como se o dito fosse qualquer coisa que está acima das frustrações dos Homens e dos pecados do mundo. E Coubertin sabia-o bem, em uma conferência realizada a 11 de abril de 1881 na “Union Chrétienne de Jeunes Gens de Paris”, depois de, com toda a propriedade, sublinhar que o desporto enquanto jogo que é, é mais velho do que a EF, condenou os excessos de cada um dos sistemas lamentando que uma “certa EF” abdicasse de um dos elementos mais importantes para o desenvolvimento do homem, quer dizer, a competição (Eyquem, 1966).

Ele defendia que a velha EF podia ser revivificada através do “athlétisme utilitaire”. Em 2 de março 1902,¹ em uma conferência proferida na Sociedade de Geografia, anunciou “uma nova forma de EF” que, no fundo, era uma rutura com o modelo anterior, quer dizer, uma mudança de paradigma que libertava o praticante do mecanicismo fisiologista estandardizado da ginástica sueca. Coubertin não negava os métodos gímnicos, contudo, entendia que a estratégia do MO tinha de ser outra sobretudo uma que ultrapassasse os modelos higienistas, militaristas e chauvinistas da EF tradicional.

Je regrette qu'une certaine éducation physique renonce à cette source de progrès physique et moral qu'est l'émulation, laisse percevoir que l'éducation physique peut être vivifiée par le sport qui, sous cet aspect éducatif, devient un “athlétisme utilitaire” (Eyquem, 1966 p.114).

Posteriormente, no Congresso Internacional de Desporto e EF que Coubertin organizou em Bruxelas em 1905, no meio das disputas entre os “suecofílicos” e os “suecofóbicos” teve a oportunidade de esclarecer que:

Ce n'est pas seulement entre tel et tel système de gymnastique, mais entre toute forme de gymnastique et les jeux libres que persiste un malentendu courroucé, et il préconise un ‘intelligent éclectisme’, et le mariage de la gymnastique et des jeux.

S'il est vrai que l'éducation physique est indispensable au sportif, le sport peut apporter à l'éducation physique certains de ses aspects fondamentaux: le naturel, l'adaptation à des situations concrètes, la confrontation. L'idée qui l'avait effleuré en 1891 quand il parlait d'athlétisme utilitaire prend corps peu à peu, et il conçoit dans ses détails une éducation physique sportive qu'il appelle la ‘gymnastique utilitaire’ (Eyquem, 1966 p.114,115).

Tratava-se da “ginástica utilitária” ou do “atletismo utilitário” constituído pela defesa pessoal (ataque e defesa, luta, boxe, florete, espada e pau), salvamento (em terra: saltos, escalada, lançamentos; no mar: natação) e locomoção (marcha, equitação, bicicleta, remo, vela e esqui). Só depois, Coubertin defendia que cada modalidade desportiva, com eficácia e rigor, podia cumprir os:

... mouvements essentiels qui en constituent comme l'alphabet et la clé physiologiques (Eyquem, 1966 p.115).

Quer dizer, tal como os gregos, Coubertin pretendeu organizar os JO concebendo um sistema de atividades físicas a desenvolver antes da competição dos JO a que designou de “ginástica utilitária”. Esta era constituída por um conjunto de atividades físicas utilitárias que eram desenvolvidas em uma dinâmica competitiva informal. Deste modo Coubertin pretendeu anular as críticas que se faziam ao desporto enquanto atividade especializada que requeria uma formação de base que os partidários da ginástica sueca reivindicavam para si. O problema que posteriormente surgiu foi que, a propósito da Ginástica Utilitária, Coubertin acabou por entrar em conflito com Georges Hébert (1875-1957). Coubertin acusou Hébert de o ter plagiado na medida em que Hébert não o citou no seu trabalho “L'Éducation Physique ou L'entraînement Complet par la Méthode Naturelle”. De fato, enquanto a ginástica utilitária de Coubertin datava de 1905, a obra de Hébert era de 1906. Contudo, Hébert limitou-se a responder que em 1906 ignorava completamente a existência de Coubertin. Esta desculpa não pode, de maneira nenhuma, ter satisfeito Coubertin na medida em que ele e o seu trabalho já eram perfeitamente conhecidos no meio da EF pelo que, como refere Eyquem (1966), o fato de Hébert dizer que em 1906 ignorava Coubertin era não só inexplicável como aflitivo.

A questão essencial que separava Coubertin dos tradicionalistas da EF era a competição. Enquanto os tradicionalistas argumentavam que a competição não fazia parte do método sueco, para Coubertin, a competição era uma questão fundamental que ele, tendo em vista a generalidade da população, mas, muito provavelmente, também, para anular os críticos da competição, superou com a “ginástica utilitária” enquanto antecâmara pedagógica e higiénica dando condição necessária para aqueles que desejavam se entregar ao rendimento, à medida e ao recorde, em suma, à competição do mundo do desporto. Somos levados a acreditar que, muito embora Coubertin acreditasse na sua “ginástica utilitária”, ele sabia que ela não passava de um método expedito para

ultrapassar os exageros anti-competição dos fundamentalistas da EF e do método sueco que ele procurava superar as limitações através de um sistema em que a competição estivesse integrada no centro da questão pedagógica.

1.2.3 Educação Competitiva: O Jogo é Anterior à Educação Física

Para além do pensamento de Coubertin que explicava que o jogo era anterior à EF, a competição é anterior ao jogo na medida em que começou com o surgimento da própria vida (Gasset, 1987; Jeu, 1987; Caillois, 1990). De fato, o instinto competitivo antecede o jogo, condiciona-o e, através do desporto até o pode levar para patamares de confronto inadmissíveis na sociedade em que vivemos. Daí a educação desportiva preconizada por Coubertin desde a primeira hora quando foi colher toda essa tradição a Inglaterra.

De fato, o desporto pode e deve ser um instrumento de eficácia singular para que, através de uma educação competitiva iniciada nas escolas do ensino básico, se ultrapasse a violência sem nexos que contamina tanto os comportamentos individuais como os coletivos, de maneira a direcioná-los para objetivos positivos promotores do desenvolvimento e do progresso. Trata-se, assim, como Coubertin preconizou, de promover através do Olimpismo uma cultura competitiva de paz e de progresso e não uma cultura competitiva de guerra e destruição. Desde a Grécia antiga o Olimpismo buscou substituir as lutas de morte dos campos de batalha pelas recreativas dos terrenos de jogo. Esta violência, tem sido controlada e direcionada através da competição formal para objetivos positivos que, em um sentido de promoção da vida, podem ser desenvolvidos a uma escala máxima nos Jogos Olímpicos (Marillier, 2000; Young, 2010; Michel, 1964).

1.3 Novas Perspectivas

Como temos vindo a referir ao longo do presente capítulo, e vamos desenvolver ao longo deste trabalho, a ideia de Olimpismo, a partir dos quatro grandes pilares já referidos, consubstancia um projeto ideológico muito mais amplo do que aquele que, geralmente, está na imaginação das pessoas. Exemplo disto é o que tem vindo a acontecer nos últimos anos, sob a liderança de Jacques Rogge, que é uma aproximação

estratégica à ONU. A entrada na ONU era uma velha aspiração do COI, o que não podia ser de outra maneira, já que o MO é um projeto de desenvolvimento humano de longa data.

1.3.1 Os Novos Intelectuais Orgânicos

O que se defende é que as pessoas dos mais diversos países e condições sociais precisam de quadros ideológicos de referência suficientemente fortes a fim de orientarem a vida segundo determinados padrões de civilidade. Neste sentido, o COI através do seu quadro ideológico, que é o Olimpismo, deve apresentar um quadro de valores que, depois, se traduza em uma prática corrente das políticas de todos os dias processadas pelas organizações que, a nível nacional, estão na base do sistema: Os CONs; as federações; e os clubes.

Hoje, os atletas são os novos “intelectuais orgânicos” já que, como temos oportunidade de ver, todos os dias na comunicação social à escala mundial, a sua influência sobre as massas é bem maior do que aquela exercida pela generalidade dos políticos, dos artistas, dos intelectuais ou dos filantropos. Isto não é novidade, bem vistas as coisas, nem é de agora, na medida em que, em 1934, Heidegger (2000) na “Introdução à Metafísica”, considerava desmoralizante que um boxeur fosse tido como um grande ídolo da nação. Estava certamente distraído porque, Gasset (1989) advertia em “A Rebelião das Massas”¹² que a democracia das massas podia acabar por ser dominada por medíocres em vez de liderada por elites intelectuais. A solução não está em combater esta nova cultura popular que privilegia um boxeur ou um jogador de futebol a um filósofo ou um cientista da biologia ou astrofísica. O problema é haver posições políticas que em uma perspectiva do designado “apolitismo desportivo” queiram deixar os atletas em um plano de consciencialização social e política inferiores.

Claro que os atletas não se devem envolver nem, sobretudo, se devem deixar envolver para além do razoável nas questões políticas que atingem o mundo do MO. Contudo, não se pode aceitar a atitude autocrática de alguns dirigentes de CONs quando antes dos JO de Pequim (2008), perante os protestos que estavam a acontecer a nível

¹² Este livro trata-se de uma compilação de textos originais escritos por Ortega y Gasset a partir de 1927.

mundial, quiseram obrigar os atletas ao silêncio, através de regulamentos que punham em causa a sua liberdade através de interpretações inadequadas da CO.

O que se defende é que os atletas são os novos “intelectuais orgânicos” pelo que nem o Estado deve ignorar essa circunstância, nem eles, à semelhança dos jovens da Grécia antiga que competiam pelas suas cidades, devem desconhecer as responsabilidades que têm para com a sociedade.

1.3.2 Para o Melhor e para o Pior

O Olimpismo, tal como foi concebido pelos gregos antigos bem como, depois, nos tempos modernos, por Coubertin, consubstancia um modo de vida baseado no prazer do esforço e na excelência da competição, pelo que organiza e institucionaliza um sistema dirigido a uma necessidade primária do Homem, a competição.

Os gregos acreditavam nos valores da competição. Contudo, o espírito agonístico através do desporto, da política ou, entre outros da economia, como Hesíodo (2005) explica em “Os Trabalhos e os Dias”, tanto pode dar origem às situações mais gratificantes em que a condição humana sai dignificada, como, também, pode dar origem às situações mais degradantes em que a condição humana desce às catacumbas da vergonha.

Ban Ki-moon, em uma alocução que realizou na sessão de abertura do XIII Congresso Olímpico (2009).

O desporto pode ser visto em qualquer parte do mundo. Viajei por países repletos de pobreza. Por comunidades em luta pela sobrevivência. Por lugares devastados pela guerra, onde toda a esperança parecia perdida. De repente, aparecia uma bola feita de sacos plásticos ou de jornais atados com um cordel. E víamos o desporto dar vida aos sonhos e às esperanças.¹³

Entretanto, também diremos que, tal como Lucas¹ (1992), entendemos que, muitas vezes as organizações do MO incluindo o COI devam poder ter uma adequada adaptabilidade para gerir as diversas faces, por vezes, contraditórias e paradoxais, do desporto, sem que os princípios fundamentais sejam postos em causa. Contudo, também diremos que é necessário considerar que devem existir limites a partir dos quais

¹³ Alocução proferida por Ban Ki-moon, Secretário-geral da ONU, na abertura do XIII Congresso Olímpico que se realizou de 3 a 5 de outubro de 2009 na cidade de Copenhague na Dinamarca.

nenhuma organização que defende os valores do Olimpismo deve poder ultrapassar, sob pena do próprio Olimpismo ser posto em causa.

É difícil encontrar um caminho sem algumas incoerências e contradições em uma organização com os valores do COI que tem de estabelecer relações com as mais diversas corporações mundiais, quando, algumas delas como, por exemplo, a Shell que se pode levantar questões sobre se a sua prática social se ajusta aos valores preconizados pelo Olimpismo. Porque o Olimpismo pressupõe uma competição nobre e leal que não se adequa com os processos de extração de petróleo utilizados por aquela corporação.¹⁴

Assim, o Olimpismo, hoje, representa para o mundo uma cultura universal de competição que pode levar os Homens, para além do género, da nacionalidade, da etnia, da classe social, da religião ou da ideologia, a expressar tanto o melhor como o pior que neles existe. Neste sentido, o COI, através do MO, tem como vocação, através de uma competição organizada à escala do Planeta, incentivar um número cada vez maior de pessoas a praticarem desporto e, através dele, à semelhança da antiga Paz Olímpica, contribuir para a promoção de um desenvolvimento sustentável.

1.3.3 Preservar os Valores da Competição

Na realidade, o desporto, em muitas circunstâncias, na dinâmica de luta que é, funciona à margem de quaisquer valores e de qualquer ideia estratégica de desenvolvimento humano, “pelo que uma organização como o COI acaba por ficar com responsabilidades acrescidas” (Pires, 2003, p.130) na defesa da essência competitiva da sociedade capitalista moderna que deve ser preservada no quadro de uma competição justa e leal em um sistema desportivo devidamente organizado. E aqueles que não querem se sujeitar às regras de uma competição justa, nobre e leal devem ser condenados ao ostracismo. A este sentimento chamou-lhe Hesíodo (Sec.VIII-VII a.C.) o “princípio do ostracismo”.

Mas o que era o princípio do ostracismo?

No sentido de renovar constantemente do círculo do agôn, os gregos não eram favoráveis à hegemonia de um vencedor sobre os demais concorrentes, por um grande período de tempo, caso este não estivesse em condições de igualdade aos demais. Tal

¹⁴ Vide subcapítulo Olimpismo & Meio Ambiente.

situação retiraria aos vencidos a vontade para uma nova disputa. Esta tendência agónica é representada através da estória do corajoso Hermodoro que acabou banido e votado ao ostracismo pelos efésios pelo fato de, em um ato de heroicidade, ter superado todos os seus companheiros de batalha, porém, desrespeitando a tática bélica do seu exército. O que se defendia é que ninguém deveria ser melhor nestas condições. E qual a razão para que ninguém pudesse ser o melhor? Porque, se tal ocorresse, a competição esmoreceria e, desta maneira, ficaria ameaçada a razão do Estado. Nietzsche (2003) a este propósito afirma que “tal é o cerne da ideia de agôn, que detesta o despotismo e teme os seus perigos, gerando como meio de proteção contra o génio, precisamente - um segundo génio” (p.53).

A luta contra o doping desencadeada por Jacques Rogge até às últimas consequências deve ser continuada e reforçada por questões de saúde pública, mas fundamentalmente porque aqueles que não respeitam as regras da competição devem ser ostracizados precisamente para que a competição possa ser processada ao mais alto nível.

1.3.4 Para uma Educação Competitiva

Nascido no século XIX durante um período de relativa calma na Europa, e durante o século XX o Olimpismo cruzou os tempos mais conturbados da história da humanidade, tendo, inclusivamente, resistido a duas guerras mundiais e vários conflitos regionais, bem como a inúmeras tentativas de controlo, manipulação e até destruição pelas mais diversas forças políticas, económicas e sociais. Em consequência, resistiu também a enormes crises ideológicas internas e externas que em determinados momentos o conduziram a diversas ruturas e boicotes (Brundage, 1973; Guttmann, 1984). Contudo, em cada momento, apesar de todas as dificuldades, o MO foi capaz de ressurgir com um fulgor redobrado em defesa do mais nobre sentimento da humanidade que é a luta pela excelência com o objetivo altruísta de prospectivar o futuro e promover um desenvolvimento sustentado à escala do Planeta.

Na sociedade da economia global em que vivemos, o grande objetivo de colocar o instinto de luta e de competição nobre, justa e leal, ao serviço da humanidade é uma questão crucial em termos de desenvolvimento sustentado. Neste sentido, a educação desportiva para uma cultura competitiva é de fundamental importância para a promoção

da criatividade, da inovação e do empreendedorismo, questões tidas como de fundamental importância para uma competição económica de sucesso no quadro das relações comerciais justas e leais entre países. E o sucesso desta competição é, a bem ver, determinante para a qualidade de vida das populações e para a afirmação dos países no areópago das nações. Assim sendo, não faz qualquer sentido que a sociedade, de uma forma completamente anárquica e em uma perspectiva destruidora, a que Nietzsche certamente chamaria de pré-homérica, continue a desenvolver sistemas políticos à margem dos princípios e dos valores que devem orientar a competição nobre e leal em busca da excelência a que os gregos antigos chamavam de “areté”.

Warren Buffet um dos homens mais ricos do mundo, em um texto publicado no “New York Times”¹⁵, no que diz respeito à política de impostos nos EUA, disse que o Congresso norte-americano dava privilégios aos ricos enquanto a maioria dos americanos luta para fazer chegar o dinheiro ao fim do mês. E Buffet manifestava-se escandalizado por ele próprio pagar em impostos 17,4% do seu rendimento coletável, enquanto que os funcionários da sua empresa pagavam de 33% a 41% o que dá uma média de 36%.

Ora, uma situação deste género, em uma sociedade de economia capitalista, revela uma anomalia do ponto de vista competitivo profundamente injusta, desde logo porque nem sequer respeita o princípio da equidade de Rawls (1997). Claro que esta situação se pode resolver com mais leis em um jogo de força e poder entre as partes em confronto. Contudo, este tipo de confronto só pode levar a lado nenhum, sem ponta de altruísmo e nenhuma esperança em um futuro melhor.

Não são mais leis que interessam se essas leis não tiverem subjacente uma perspectiva cultural. Trata-se de modificar uma cultura de competição que parece ter tomado conta da sociedade capitalista por ausência de sistemas de controlo sobre a ganância que sempre há de também determinar a condição humana. Ora, o Olimpismo nos seus valores iniciais que motivaram primeiro os gregos antigos e, depois, Coubertin, visa precisamente alcançar a excelência, a “areté”, por via da competição desportiva enquanto promotora de valores para a vida.

¹⁵ In: Jornal Expresso, 20 de agosto de 2011.

1.4 A Dinâmica do Olimpismo

No âmbito da linha de investigação conhecida internacionalmente como de Estudos Olímpicos (EO) têm sido vários os projetos realizados a fim de melhor se conhecer a dinâmica do Olimpismo moderno que decorre do próprio Olimpismo da antiguidade grega e se projeta na sociedade moderna (Girginov, 2010; Barney, 2010; Toohey & Veal, 2007).

1.4.1 Diferentes Perspectivas

No âmbito dos EO o COI tem uma linha de suporte aos projetos de investigação no domínio das ciências sociais, entre outros, por exemplo, no âmbito comercialismo, do ambiente, da educação, do doping, dos valores, da ética, do legado ou, relativamente a grupos sociais, tais como os jovens, as mulheres e os portadores de deficiências. Contudo, apesar da variedade dos temas, evidenciamos, que a questão política, aparentemente, não tem sido incentivada. Na realidade, a lista dos artigos académicos no domínio das ciências sociais, relativos ao ano de 2011 facultados pelo COI¹⁶ em um total de 104, só um reduzido número versa verdadeiramente a questão política, e mesmo assim de uma forma indireta e pouco esclarecida na medida em que o tema de uma maneira geral é pouco apreciado no âmbito das organizações desportivas.

O que se evidencia é que os primeiros trabalhos sobre o Olimpismo decorreram naturalmente dos esforços de produção de Pierre de Coubertin. Coubertin (1996) dá bem a conhecer a sua personalidade sobretudo da maneira como exercia a sua liderança através de uma estratégia de “soft power” e de sedução, conseguindo ultrapassar os mais difíceis obstáculos que caracterizaram os primeiros tempos do Olimpismo moderno. Os trabalhos de Coubertin foram magistralmente reproduzidos e comentados na obra de três volumes de Norbert Müller & Otto Schantz (1986) intitulada “Pierre de Coubertin - Textes Choisis”. Na realidade, Coubertin produziu uma vasta e eclética obra que ainda hoje é de fundamental importância para a compreensão da fase de surgimento do MO moderno, muito embora, como refere DaCosta (1999) a sua compreensão não seja fácil. São ainda trabalhos fundamentais os textos de Boulongne (1994) “The Presidencies of Demetrius Vikelas (1894-1896) and Pierre de Coubertin (1896-1925)”, sendo esta obra

¹⁶ In: http://www.olympic.org/Assets/OSC%20Section/pdf/LRes_26E.pdf. Consultado em 14 de abril de 2011.

uma edição do COI, além da obra de Eyquem (1966) intitulada “Pierre de Coubertin L’Épopée Olympique”. Salientamos que a obra de Otto Mayer, chanceler do COI, “Retropectivas Olímpicas: Atenas 1896 - Paris 1900”, de 1964, não pode ser esquecida.

Entre alguns dos mais importantes estudiosos sobre os Estudos Olímpicos, salientamos:

Minnaert (2009) estudou o impacto socioeconómico dos programas não infraestruturais em grupos socialmente excluídos nas comunidades de acolhimento dos JO. A autora dividiu a população da amostra em dois grupos, um primeiro, crítico à organização de mega eventos e um segundo que considerava poderem os mega eventos serem catalisadores de mudanças com significativos benefícios para os grupos sociais mais desfavorecidos das comunidades abrangidas nas últimas sete cidades olímpicas: Atlanta (1996), Nagano (1998), Sidney (2000), Salt Lake City (2002), Atenas (2004), Turim (2006) e Pequim (2008). No que tange os impactos económicos dos JO, Preuss (2004), não pode ser esquecido como sendo uma das principais referências sobre o tema.

Jialing (2009), no seu trabalho de investigação “Olympism and Nation-building from a Cultural Perspective Beijing Olympics and the Traditional hutong Neighbourhood” concluiu que a cultura é um todo complexo abstrato e instável quando não existe um contexto que lhe atribua significado. E disse:

The Beijing 2008 Olympics was a success. Its ceremonies, organization, security work and athletes’ performance were all impressive. The Olympics-related education in terms of Olympism, the Olympic Movement and the history of the Olympics, etc was also well arranged and conducted. It was without doubt that China made enormous efforts to cooperate with the IOC to deliver a high quality Olympics, together with its accompanying cultural and educational programmes (p.15).

Françoise (2009; 2010) uma investigadora da Universidade de Grenoble, parte da enorme evolução tecnológica acontecida nos JO de Pequim (2008) e Vancouver (2010) a fim de equacionar as questões relativas ao MO no âmbito das redes de comunicação e informação, quer dizer, das redes da sociedade digital tendo em vista a determinação de um novo quadro ideológico para o MO. Para a autora, uma sociedade em rede globalizada levanta questões relativamente ao modelo hierárquico tradicional com novas formas de comunicação centradas na horizontalidade das redes. Trata-se de

uma mudança de paradigma fundamental em que uma estrutura hierárquica vertical está a dar lugar a uma rede de comunicação de massas que, logicamente coloca problemas à generalidade das instituições de estrutura mundial entre elas a do MO na capacidade de articular os níveis de atuação das instituições e do MO com os grupos da sociedade civil e membros individuais. E a autora propõe a tese de que as referidas articulações podem ser configuradas em torno do eixo central que organiza os valores do Olimpismo e em um processo de longo prazo que vise mobilizar a juventude através da sociedade digital.

Mitter (2008), professor de história e política da China moderna no St Cross College da Universidade de Oxford, é da opinião de que um dos aspetos mais visíveis relativos à “cultural forms” que ocorreu na China foi o planeamento da cidade. De fato, a China esteve nos noticiários relativamente às controvérsias dos Direitos Humanos. Hoje, existe uma nova Pequim que nada tem a ver com a cidade dos anos do tempo da Revolução Cultural, pelo que está a adquirir um enorme prestígio internacional. Neste domínio, o MO foi, como referiu Jacques Rogge, um significativo catalisador de mudanças que está a conduzir a China rumo a um futuro melhor.

Entretanto, esta evolução não acontece de uma forma linear. Enquanto o antigo ginasta chinês Zhang Shangwu, que conquistou medalhas de ouro nas Universíadas de Pequim em 2001, é encontrado a mendigar nas ruas depois de passar cerca de quatro anos preso por roubo,¹⁷ a cidade exhibe o “Water Cube” um parque aquático construído no recinto dos JO utilizado diariamente por 5 mil chineses a fim de se divertirem em um escorrega de sete andares. Rana Mitter defende que, se por um lado, teria sido muito mais interessante para os estrangeiros encontrarem a cidade de Pequim construída na base da ancestral da cultura chinesa, o que se defende é que o novo modelo arquitetónico da cidade corre o risco de representar uma determinada cultura cujo significado, como diria Debord¹⁸ não é mais do que o produto do insuficiente sentido do mundo onde todos estamos a viver. Rana levanta a questão de saber se não se trata de uma “cultura popular” de gente comum cuja diversidade, complexidade e imprevisibilidade, determina que a cultura seja um longo processo que, à semelhança de uma experiência desconhecida, é impossível de planear. Contudo, Pequim dos JO foi construída por alguns privilegiados, na perspectiva de depois vir a ser consumida pelas

¹⁷ In: Lusa, 18 de julho de 2011. <http://www.lusa.pt/default.aspx?page=home> Consultado em 21 de julho de 2011.

¹⁸ Filme realizado em 1973 intitulado *La Société du Spectacle*.

grandes massas. Trata-se assim de um conflito entre as elites supostamente instruídas e as grandes massas consumidoras de tudo quanto seja espetáculo. Claro que este problema não é um privilégio da RPC ou de outros países de democracias musculadas. Este problema tem a ver com o confronto político e ideológico no período histórico que decorre do final da II Guerra Mundial (1939-1945), em 1945, até à extinção da União Soviética, em 1991, a que se dá a designação de “Guerra Fria”. Este período foi caracterizado pelas disputas de ordem ideológica, política, militar, tecnológica, económica e social entre os EUA e a URSS. Por isso, quando a URSS aderiu ao MO, em 1951, a disputa começou também a ser desportiva.

As derrotas desportivas dos EUA, habituados a ganharem tudo e a todos começaram a ser insuportáveis. E a tal ponto que Robert Kennedy (1925-1968) depois dos fracos resultados que ocorreram os JO de Roma (1960) escreveu no “Sports Illustrated” (1968):

It is thus in our national interest that we regain our Olympic superiority - that we once again give the world visible proof of our inner strength and vitality ... During a military or nuclear stalemate such as the world is now experiencing athletics can become an increasingly important factor in international relations ... It is thus in our national interest that we regain our Olympic superiority - that we once again give the world visible proof of our inner strength and vitality.¹⁹

O ano de 1952, tudo indica, foi aquele em que os diletantes dirigentes do mundo do MO, começaram a tomar consciência de que o mundo do desporto estava a mudar, fundamentalmente através da entrada da URSS no MO e da saída da República Popular da China que se viria a consumir quatro anos depois. O MO começou a tomar consciência de que, em termos políticos, os “tempos calmos” de uma convivência mais ou menos pacífica eram coisa do passado, pelo que o COI começou a ser um espaço de disputas entre blocos ideológicos no âmbito da Guerra Fria. Esta disputa teve um ponto alto em 1976 nos JO de Montreal em que, para além dos países africanos que abandonaram os JO em virtude da Nova Zelândia não ter respeitado o boicote à África do Sul, aceitando realizar um jogo de rugby com este país que vivia em um regime de apartheid, os JO estiveram perto de não se realizarem.

¹⁹ In: Sports Illustrated. <http://sportsillustrated.cnn.com/search/=Olympic+Games+Roma+1960>. Consultado em 27 de julho de 2009.

Contudo, os JO de Montreal (1976) também foram importantes na medida em que depois do descalabro económico e financeiro dos mesmos, os políticos começaram a perceber que estavam perante um problema de políticas públicas importante pelo que não podiam andar a brincar com o dinheiro dos contribuintes. Como refere Kidd (2010):

Several of the major facilities, notably the velodrome, the aquatic centre and the rowing basin, had to be de-commissioned for want of program and maintenance funds. The attractive Olympic Village had to be completely retrofitted, and was never made available as promised for social housing. The Olympic Stadium, which became known as the 'Big Owe' because the huge cost overruns triggered unpopular new municipal and provincial taxes, became the home of non-Olympic professional sports. To this day in English-speaking Canada, Montreal remains a by-word for extravagant and wasteful public projects (p.1).

Deste modo, Bruce Kidd trouxe para o nível do terreno as grandes questões de ordem política que, em matéria de desporto, se colocam quando se decidem realizar grandes e mega eventos desportivos. Mas Kidd (2010) continuou dizendo que os canadianos aprenderam a lição:

But, slowly, things began to change. Gradually, the generation of sport and physical education leaders inspired by the aspirations and performances of Montreal in 1976, with the support of social democratic provincial governments, turned the Olympic facilities into accessible centres of opportunity and excellence (p.2).

Em outra perspectiva, Chatziefsthiou (2005) procurou identificar e avaliar a natureza da mudança ideológica do Olimpismo da era moderna examinando os motivos, interesses e intenções relativamente à promoção da ideologia do Olimpismo tendo em atenção os seus aspetos históricos, geopolíticos, socioculturais e económicos no período que vai de 1887 a 1998. As ideias de modernidade, imperialismo cultural e globalização foram escolhidas no sentido de permitirem compreender o fenómeno, concluindo a autora, através de uma metodologia etnográfica de análise de conteúdo qualitativa que, durante o período em causa, os valores relativos ao Olimpismo mudaram consideravelmente.

Em Portugal, Carvalho (2000), afirmou que a crise do Olimpismo se encontra encerrada em duas questões fundamentais. Por um lado, uma comercialização sem fronteiras, por outro, um falso discurso que procura escamotear a realidade da situação. E continuou dizendo que enquanto a estrutura do MO é cada vez mais poderosa, o Ideal Olímpico tem vindo a caminhar progressivamente para a sua fragilização. E, dizemos

nós, quando os princípios e os valores deixam de comandar o desporto, este transforma-se em uma atividade de alienação de massas à margem do desenvolvimento humano. Em conformidade, os princípios e os valores que tinham mantido a estrutura organizacional do COI durante os três primeiros quartéis do século XX e que Brundage tinha defendido, o anti-profissionalismo, o anti-comercialismo e o apolitismo desportivo, entraram em colapso.

Para o bem e para o mal, o dinheiro acabou por mudar a face do Olimpismo. E a grande mudança foi desencadeada a partir dos anos oitenta precisamente pelas quatro personalidades, ao tempo, entre as mais poderosas no mundo do desporto. Eram elas: Antonio Samaranch, acabado de ser eleito presidente do COI; Horst Dassler (1936-1987) filho de Adi Dassler fundador da marca Adidas; Primo Nebiolo (1923-1999) presidente da “International Association of Athletics Federations” (IAAF); e João Havelange sétimo presidente da Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA) de 1974 a 1998. O líder deste grupo era, sem sombra de dúvida, Samaranch que viria a transformar radicalmente o curso de desenvolvimento do desporto moderno. Eleito para presidência do COI em 1980, Samaranch, aparentemente com facilidade, foi capaz de conduzir o MO à projeção universal que hoje tem. Acabou por sair em 2001 passados 21 anos de liderança férrea de um movimento que devido às suas enormes contradições internas e externas, tinha tendência para entrar em um processo de desagregação. Entretanto, Samaranch saiu desgastado pelos escândalos de corrupção que envolveram alguns membros do COI a partir de 1998.

O grupo dos quatro, associados a Patrick Nally co-fundador da “West Nally Marketing” pioneira no marketing internacional, engendraram aquilo que o repórter inglês Jennings (1992), um dos críticos mais ferozes do MO, designou por “O Clube”. Este clube, na perspectiva do autor, com o dinheiro da Coca-Cola e outras empresas, catapultou um desporto diletante, medíocre, de valor pedagógico duvidoso e socialmente incapaz, para a era do económico. Porém, devido a complexidade do desenvolvimento do desporto, nem tudo ocorreu perfeitamente.

Segundo Miller (1992), a mercantilização do MO e a liquidação do estatuto de amador são, certamente, do ponto de vista ideológico, as duas marcas mais significativas do consulado de Samaranch. Com isto, o desporto mudou radicalmente, nem sempre no bom sentido, nem sempre pelas melhores razões, contudo, em termos

gerais, mudou para melhor. As coisas hoje passam-se de uma maneira bem mais clara, desde logo porque são acompanhadas quase que em direto pela comunicação social. Assim, hoje podemos concluir que Antonio Samaranch e Jacques Rogge, apesar de todas as dificuldades, conseguiram mudar o desporto para muito melhor do que a própria sociedade onde o desporto teve de se desenvolver.

1.4.2 Ideologia

A ideologia, tratada transversalmente neste estudo, pode ser considerada como um conjunto inter-relacionado de convicções ou assunções consubstanciadas em uma narrativa que procura ajustar os comportamentos dos militantes em função da realidade que se visa construir. A ideologia do Olimpismo organiza um sistema de valores políticos e sociais que devem orientar o desporto e o seu desenvolvimento ao serviço do Homem e em uma perspectiva positiva da vida. Para Pires (2003), ideologia é “um conjunto de assunções com as quais as pessoas se relacionam consigo próprias, com as outras, com as organizações, com a sociedade, com o desporto e com a própria vida” (p.117). Estas assunções organizam, orientam e sustentam o comportamento das pessoas em relação a cada contexto.

No caso do desporto, a ideologia deve ser entendida como “um conjunto de conceitos que permitem tornar o desporto útil para a sociedade em geral e para os mais diversos grupos sociais em particular” (Pires, 2003 p.113). Assim, as teorias ideológicas, “definem o seu objeto de estudo em termos de certas identidades que se acredita organizam o processo de reflexão, o conhecimento e as circunstâncias de ordem ética” (Pires, 2003 p.114). A ideologia pode ser entendida também como uma estrutura de “ideias, crenças e concepções, categorias e sistemas de pensamento, concebidos para explicarem e transformarem o mundo” (Pires, 2003 p.114).

Portanto, pode-se entender ideologia como um conjunto de princípios sistematizados que conectam a perceção do mundo a valores explícitos de ordem moral e ética. Assim sendo, a ideologia se revelará como uma prática teórica, “com a unidade indissociável entre os princípios teóricos e os processos materiais de transformação da sociedade” (Pires, 2003 p.114). Neste sentido, a ideologia deve ser uma estrutura de conceitos capaz de interpretar o sentido dos acontecimentos para “anunciar a mudança de acordo com a necessidade humana de superação e busca de transcendência. É nesta

busca da transcendência, que entendemos deve ser encontrada a vocação e a missão do Olimpismo moderno” e do próprio Comitê Olímpico Internacional (Pires, 2003 p.115).

Segundo Lucas² (1992), o COI deve ter uma adequada adaptabilidade para gerir as diversas faces do desporto. Segundo este autor, durante o mandato de Samaranch a ideologia Olímpica teve atenção para se adaptar sem perder preciosos princípios. Isto evidencia que devem existir algumas áreas onde as adaptações e ajustes são inaceitáveis, para não comprometer as antigas e novas ideias que sustentam os princípios do Olimpismo. No mundo do Olimpismo existe um caminho onde é possível mediar o idealismo com a diplomacia prática em negociações honestas com as maiores corporações do mundo. O equilíbrio torna-se cada vez mais importante, o “equilíbrio entre o espetáculo e o profundo significado do Movimento Olímpico” (Lucas², 1992 p.16).

Em outra perspectiva, as pessoas dos mais diversos países precisam de quadros ideológicos como referência para funcionarem com determinados padrões de civilidade. Neste sentido, o Olimpismo, enquanto sistema de valores, deve apresentar um quadro ideológico a serviço do desenvolvimento humano. O desporto por si só não tem significado “se não ligar, a educação, o ensino, o espetáculo desportivo, a um projeto de desenvolvimento humano” (Pires, 2003 p.113-114). Os vários setores desportivos necessitam de ideologias que lhes estruturam a organização, caso contrário, o desporto pode vir a ser um simples instrumento de alienação, sem qualquer significado para o desenvolvimento humano.

O fenómeno desportivo é um processo contínuo de princípios e valores “fruto das sociedades que construímos e nas quais vivemos o nosso dia a dia” (Graça, 2006 p.8). Nesta perspectiva, o desporto deve ser influenciado por um conjunto de normas éticas que devem ser garantidas por organizações supranacionais como o COI na certeza de que o desenvolvimento do desporto, em última análise, “é um processo de desenvolvimento humano, em que cada um e todos buscam a transcendência individual e coletiva” (Pires, 2003 p.130,131).

Na realidade o COI é um agente essencial e legítimo para a construção de uma ética relacionada à compreensão do desporto contemporâneo tendo isto revelado a expansão de ideias que estão penetrando no discurso geral e contemporâneo do

desporto. Contudo, o desporto, em muitas circunstâncias funciona à margem de quaisquer valores e de qualquer ideia estratégica, “pelo que uma organização como o COI acaba por ficar com responsabilidades acrescidas” (Pires, 2003 p.130). Neste sentido, é importante salientar que os valores que devem presidir o Movimento Olímpico em geral, e o Olimpismo em particular, devem ser salvaguardados pelo COI enquanto organização da sociedade civil que ocupa o vértice da pirâmide do modelo desportivo há mais de cem anos (Pires, 2003 p.111). Por isso, a lógica da competição, do rendimento, da medida e do recorde expressa a essência competitiva da sociedade moderna que deve ser preservada no quadro de uma competição justa e leal entre os participantes.

Como refere Ivanov (1982) o desporto faz parte da evolução social pelo que é natural que ocorram influências das forças externas e internas de efeitos positivos e negativos que podem levar o desporto e o MO tanto à glória como à destruição.

1.4.3 Estratégia

A ideologia Olímpica ao determinar uma estrutura de ideias, crenças e concepções também determina as grandes linhas de orientação estratégica a serem seguidas, assim como a visão, a missão e os objetivos que balizam as forças empregadas, sendo o ponto de partida formal para qualquer planeamento, fornecendo a orientação necessária para garantir a coerência entre esforços e resultados tanto do MO como do próprio COI.

Segundo Mintzberg (1994), todo o líder orienta a sua ação de todos os dias por um pensamento estratégico implícito à volta do qual ele ordena, de uma maneira mais ou menos coerente, as decisões fundamentais relativas à organização do futuro. Assim, a estratégia, em termos gerais deve ser formulada através de um conjunto de proposições que sistematizam e dão um sentido às ações que a visam consumir. Assim sendo, a estratégia quando adequadamente equacionada coloca na ordem o sentido das operações diárias que dão vida a uma organização.

Quanto a formulação da visão, missão e dos objetivos organizacionais dentro do processo estratégico, Drucker (1993) considera que a visão refere-se aos objetivos de longo prazo, aos objetivos mais gerais. A visão descreve as aspirações para o futuro sem especificar os meios para as alcançar. Esta visão, associada a uma declaração de missão,

compõe a intenção estratégica da organização. Neste sentido, a missão da organização representa sua razão de ser, o seu papel na sociedade, a visão torna-se tangível com a definição da missão. A missão reflete aquilo em que a organização pensa e quais as direções que ela deve seguir, facilitando a compreensão e a focalização de atitudes e ações que rumam para o objetivo central. A definição de missão estabelece os limites que servem de orientação na formulação da estratégia, estabelece padrões para o desempenho da organização em dimensões variadas e, ainda, sugere padrões para o comportamento ético dos indivíduos. Em suma, a missão é uma “ideia que tem a ver com os seguintes quatro elementos: finalidade; estratégia; políticas; e padrões comportamentais” (Pires, 1996 p.142). Quanto aos objetivos de uma instituição, eles são metas nas quais os esforços devem ser direcionados. Servem para planejar, organizar, motivar e controlar as ações. A missão define direções e ações pouco específicas, sendo os objetivos tentativas de tornar a missão tangível.

Tratando-se do COI, a sua missão está estipulada na Carta Olímpica. A edição mais recente é a de 2011 e apresenta a Missão e as Funções da Instituição, sendo a sua missão liderar o MO e promover o Olimpismo em todo o mundo. Neste sentido, promover o Olimpismo deve ser entendido como promover os seus valores fundamentais. As organizações, como o COI, são “entidades sociais que são dirigidas por metas, são projetadas como sistemas de atividades deliberadamente estruturadas e coordenadas e são interligadas ao ambiente externo” (Daft, 1999 p.7). A gestão organizacional destas entidades pode ser considerada um modelo de trabalho orientado por uma política de valores capaz de planejar, alocar e gerir recursos, realizar ações, definir valores e estratégias a fim de viabilizar o alcance dos objetivos e metas propostas.

É importante salientar que no campo das organizações, as estratégias podem ter diferentes enfoques e conceitos. Thompson & Strickland (2000) definem estratégia como um conjunto de mudanças competitivas que os gestores executam para atingir o melhor desempenho da organização, é o planejamento feito para reforçar a sua posição. Mintzberg e Quinn (1991), tratam do termo estratégia como sendo um modelo ou um plano abrangente, que integra os objetivos, as políticas e as ações definidas por uma organização, em um todo coeso.

Michel (1990) apresenta um conceito mais operacional da estratégia, definindo-a como uma decisão sobre quais recursos devem ser utilizados para que se possa tirar proveito das oportunidades e minimizar ameaças para a consecução dos resultados esperados. Wright, Kroll e Parnell (2000), definem estratégia como um planejamento da alta administração para alcançar resultados coerentes com a missão e com os objetivos da organização. Uma estratégia, de uma forma geral, é um conjunto coerente de ações a realizar-se, quando adequadamente formulada ajuda a colocar em ordem e assinalar os recursos de uma organização, com a finalidade de conseguir uma situação desejada, assim como antecipar as possíveis e necessárias mudanças.

Para que a gestão estratégica de uma organização seja consistente ao longo do tempo é necessário um conjunto de valores que deverão ser conhecidos dentro de toda a organização, ou seja, a sua ideologia. Tratando-se do COI, este conjunto de valores devem ser os do Olimpismo. Devido à dificuldade de uma abordagem conceitual precisa, sugere-se que sejam estudados os processos estratégicos em sua complexidade, para assim compreender o que significa estratégia. É importante ressaltar que a formulação de uma estratégia não implica necessariamente que esta seja realizada. A estratégia original, muitas vezes, é alterada durante a sua implementação, devido a inesperados obstáculos ou a oportunidades não previstas no momento de sua definição. A implementação da estratégia é o processo de transformar as estratégias pretendidas em estratégias realizadas. Devido aos diversos fatores que compõe uma estratégia, existe uma certa dificuldade em estabelecer-se critérios que definam e analisem as estratégias utilizadas por uma organização. Neste sentido, caso a estratégia seja analisada separadamente de todo o processo organizacional, pode comprometer a avaliação fidedigna da mesma. As questões associadas à estratégia estão correlacionadas e são interdependentes e, portanto, a avaliação não pode ser uma ação isolada, mas deve fazer parte de todo o processo organizacional.

Entendemos que ao longo da vida do COI a estratégia levada à prática pelos seus dirigentes decorreu das grandes decisões acontecidas durante as Sessões Plenárias da organização que desde a sua primeira Sessão, realizada em Paris em 1894, já totalizam 123 Sessões, sendo que a última se realizou em Durban, na África do Sul no passado dia 6 de julho de 2011. Face à problemática levantada neste referencial teórico, julga-se pertinente avançar para este projeto de investigação devido à importância da elaboração de uma análise científica das grandes linhas ideológicas de orientação estratégica do

Comité Olímpico Internacional. Isto possibilitará uma melhor percepção da evolução das estratégias tomadas, assim como suas influências e relações com a realidade do desporto dentro de diferentes quadros históricos.

2 Objetivos da Investigação

Para respondermos à questão formulada no início do presente projeto de investigação, a saber:

Quais foram as grandes linhas ideológicas de orientação estratégica do Comité Olímpico Internacional no período que decorreu entre os Jogos Olímpicos de Atenas (1896) e os Jogos Olímpicos de Pequim (2008)?

Assim sendo, vamos realizar um levantamento do estado da situação relativamente às grandes questões que, do ponto de vista ideológico, formataram as estratégias desenvolvidas pelo COI através das suas lideranças durante os últimos quase cento e vinte anos, tendo em vista caracterizar a sua situação atual bem como prospectivar²⁰ um conjunto de linhas estratégicas no que diz respeito ao seu desenvolvimento no futuro (Minois, 2000).

Ao fazê-lo, em termos pessoais, move-nos o desejo de:

1. Colocar as questões relativas ao Olimpismo no centro da investigação que se faz nas universidades;
2. Promover a cultura olímpica como um fator de fundamental importância no sistema educativo e;
3. Divulgar os inalienáveis e eternos valores olímpicos no quadro de uma cultura de competição nobre e leal em busca da excelência de maneira que passe a estar no centro da vida social.

Do exposto evidencia-se que o Olimpismo busca uma perspectiva de vida que, de acordo com os mais nobres princípios e valores da condição humana, tem como objetivo promover uma sociedade pacífica em que a dignidade do Homem seja uma questão central.

A Carta Olímpica (2007) dá abertura à participação das mais diversas entidades interessadas em promover as ideias e a causa do MO, na medida em que o define como:

A ação concertada, organizada, universal e permanente,
levada a cabo sob a suprema autoridade do COI, de todos os

²⁰ Utilizamos a palavra prospectivar no sentido de decidir/agir tendo em conta o futuro. Conforme nos diz Minois (2000), desde que o homem existe, ele prevê adivinhando, quer dizer prospectivando no sentido de tentar controlar o futuro que por natureza é incerto. Este ato de previsão era, antes de tudo, uma mágica, um feitiço, um comportamento que lhe assegurava aquilo que pretendia obter. Assim, o Homem sempre desafiou a aventura de, através da previsão, controlar um espaço cada vez mais amplo e um tempo cada vez mais longo. Para ele, tentar adivinhar já era preparar o futuro incerto.

indivíduos e entidades que são inspirados pelos valores do Olimpismo (p.11).

E esta abertura a todos os indivíduos e entidades é de fundamental importância para o nosso estudo, na medida em que a sua aplicação traduz precisamente as estratégias que do ponto de vista ideológico foram desenvolvidas pelo COI ao longo dos seus mais de cem anos de existência.

Neste sentido, a presente investigação visa apurar as grandes linhas de orientação estratégica do COI através da análise das atas das suas Sessões. Para o efeito, vamos considerar as medidas significantes dos vários presidentes que lideraram o COI. A saber:

1894/1896 - Demetrius Vikelas (1835-1908) - Grego;
1896/1925 - Pierre de Coubertin (1863-1837) - Francês;
1925/1942 - Henri de Baillet-Latour (1876-1942) - Belga;
1946/1952 - Sigfrid Edström (1870-1964) - Sueco;
1952/1972 - Avery Brundage (1887-1975) – Norte-americano;
1972/1980 - Lord Killanin (1914-1999) - Inglês;
1980/2001 - Juan Antonio Samaranch (1920-2010) - Espanhol;
2001/2013 - Jacques Rogge (1942) - Belga.

Desde a fundação do COI, em 1894, que o pensamento político-ideológico dos seus presidentes e membros sempre foi de grande importância por influenciar de forma significativa a construção e consolidação do MO, bem como a sua configuração e as estratégias de desenvolvimento que, em cada momento da história, foram desencadeadas.

Contudo, desde a sua fundação, o Olimpismo e o MO, de acordo com o evoluir da cultura dos tempos, sofreram mudanças, algumas delas introduzidas paulatinamente, sem quaisquer perturbações, contudo, outras, aconteceram através de ruturas significativas que provocaram transformações importantes no MO internacional. Na nossa perspectiva, tanto umas como outras devem ser identificadas com precisão, estudadas com afoito e categorizadas em uma estrutura lógica, de maneira a compreendê-las com clareza no seu todo, relativamente não só ao momento em que foram produzidas como aos seus efeitos no que diz respeito à estruturação futura do MO. Hoje, se quisermos encontrar um exemplo bem atual no que diz respeito ao posicionamento ideológico do COI podemos comparar a posição de vários presidentes. Por exemplo, se compararmos a posição de Avery Brundage quando dizia que se

aceitarmos que em um mundo imperfeito como o nosso se deixe de praticar desporto cada vez que as leis humanas são violadas nunca haverá competições internacionais, com a de Jacques Rogge que relativamente aos problemas os Direitos Humanos e à capacidade de qualquer atleta poder expressar livremente a sua opinião podemos perceber a extraordinária transformação cultural (política e ideológica) que aconteceu entre a liderança dos dois presidentes.

Na realidade, a posição ideológica dos dirigentes do COI tem tido uma influência significativa na vida da instituição, pois as políticas desportivas não tratam apenas de doping, de resultados ou de, entre outros aspetos, da realização de eventos. No desporto, as políticas também significam “desenvolvimento humano e a correspondente dimensão ética relativa às necessidades das pessoas onde quer que elas estejam” (Pires, 2003, p.112). Nesta perspectiva, sendo o Olimpismo um instrumento de promoção do desporto ao serviço do desenvolvimento humano, o COI acaba por assumir uma posição estratégica que, no fim, configura a sua filosofia e identidade cultural no que diz respeito ao seu credo, à sua missão, à sua vocação, à sua estrutura, ao seu comportamento e à sua visão quanto à organização do futuro (prospetiva) que deseja construir e que, necessariamente, acaba por se repercutir na vida das comunidades e das pessoas. O programa Solidariedade Olímpica desenvolvido pelo COI, representa bem quanto as grandes decisões em matéria de desenvolvimento podem projetar-se nos países e nas regiões mais necessitadas.

Neste sentido, justifica-se a necessidade de desencadear uma investigação que, a partir de documentos oficiais, possa apresentar um quadro de temas e perspectivas do COI, suas estratégias e influências, não apenas no âmbito histórico em que ocorreram mas, também, no que diz respeito as consequências projetadas no Olimpismo e no MO na atualidade e no futuro.

3 Metodologia

Do ponto de vista metodológico, no presente estudo, adotamos uma análise documental em uma perspectiva qualitativa e sócio-histórica. Para Pimentel (2001) e Freitas (2002, 2003), diferente do paradigma positivista²¹, o paradigma crítico sócio-histórico tem por objetivo, para além de apurar aquilo que existe, compreender aquilo que está a mudar, quer dizer, as transformações que estão a ocorrer na sociedade. Assim sendo, o processo de pesquisa ocorre de um encontro entre sujeitos, que ao fazer emergir contradições conduz ao comprometimento (Freitas, 2003). Acontece assim uma mudança do paradigma positivista para o paradigma crítico, em que o pesquisador, ao compreender, busca identificar o “potencial de mudança a partir de atitudes de intervenção” (p.3), dos diversos protagonistas em presença. Assim o investigador procura compreender a realidade como sendo a construção de múltiplos sujeitos em interação com ela.

A análise que vamos realizar, a partir das fontes consideradas, será contextualizada, qualitativa e centrada nas diferenças que valorizam a importância dos processos sociais coletivos. Estivemos de acordo com o pensamento de Freitas (2003) que apresenta uma valorização aos “processos sociais coletivos” e uma preocupação com a “crítica dos valores dados, das ideologias” (p.3). Esta análise de conteúdo documental, ao seguir uma metodologia de pesquisa qualitativa sócio-histórica, permite, a partir dos aspetos concretos dos fenómenos estudados, avançar para uma explicação mais profunda daquilo que realmente ocorreu ao longo das grandes mudanças que, no estudo, caracterizaram as transformações ocorridas no MO moderno. Ao focarmo-nos nos fatos, tivemos a possibilidade de elaborar análises críticas e explicações, complementando a descrição com a explicação, dando ênfase à “compreensão dos fenómenos a partir de seu acontecer histórico e na sua totalidade social” (Freitas, 2003 p.6).

Nesta conformidade, na procura de novos significados, a nossa pesquisa transformou-se em uma relação entre sujeitos, quer dizer, dialógica, onde enquanto

²¹ O paradigma positivista tinha como finalidade de investigação a explicação, o controle, a predição e a formulação de leis gerais. O positivismo expressa-se por regularidades estatísticas observáveis, defendendo as noções científicas de explicação, previsão e controlo através de uma realidade única independentemente de quem a estuda pelo que atribuiu pouca relevância aos aspetos subjetivos dos indivíduos.

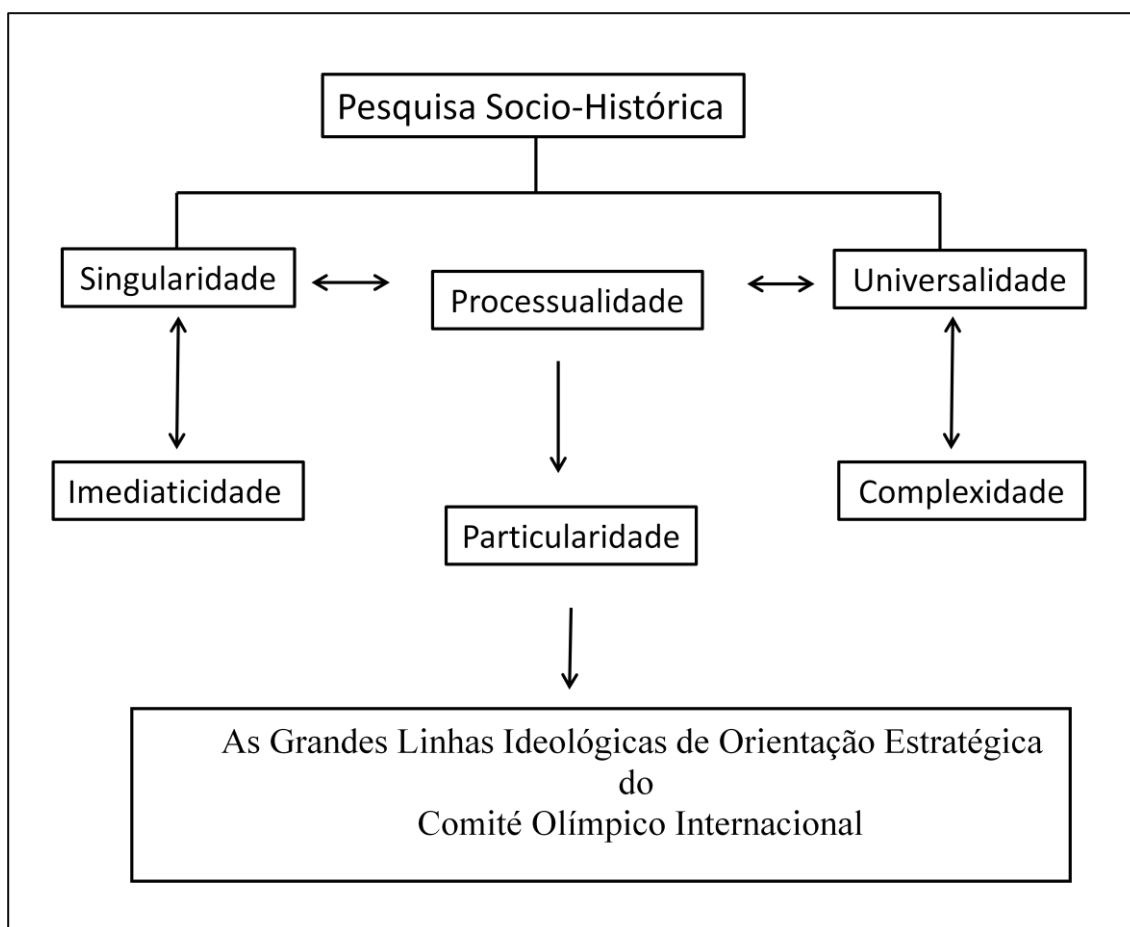
pesquisadores nos integramos profundamente no objeto pesquisado tendo em atenção os contextos económicos, sociais, políticos e ambientais que caracterizaram cada momento estudado. Ao optarmos por uma abordagem sócio-histórica procuramos encontrar em cada momento do processo de desenvolvimento do MO características próprias sem nos limitarmos à descrição dos fenómenos estudados pelo que não nos colocamos em uma simples perspetiva de contemplação, antes pelo contrário procuramos estabelecer uma relação entre sujeitos superando a relação sujeito-objeto tradicionalmente usada nas pesquisas humanas e sociais (Freitas, 2002).

O paradigma de investigação sócio-histórico levanta um problema fundamental que é o da neutralidade do pesquisador relativamente ao objeto de estudo. Assim, de alguma maneira, a perspetiva qualitativa e sócio-histórica fica comprometida, na medida em que o investigador acaba por fazer parte integrante da situação de pesquisa. Contudo, tal situação é superada na medida em que o que se procura conseguir é a profundidade da análise e a participação ativa e não a precisão do conhecimento. Outro importante aspeto a ser considerado é a relevância da contextualização do pesquisador, já que ele faz parte da investigação e leva consigo aquilo que o constitui em relação com o mundo em que vive. Neste sentido, as análises críticas e interpretativas ocorrem a partir da posição sócio-histórica na qual o pesquisador se situa, ou seja, o pesquisador se torna um dos principais instrumentos da pesquisa, já que está inserido nela e a sua posição pessoal e social influenciam na análise das informações, o pesquisador se torna, além de participante, um sujeito intelectual ativo no processo de pesquisa.

Neste sentido, assume-se uma perspectiva de totalidade do fenómeno estudado, que considera todos os componentes do contexto histórico em suas interações e influências recíprocas. Na perspetiva sócio-histórica de cunho qualitativo, busca-se, muito mais do que se obter resultados, compreender os comportamentos a partir da perspetiva do pesquisador em interação com o contexto da pesquisa. Assim considera-se que os fenómenos humanos devem ser estudados considerando o processo de transformação e mudança em que estão inseridos, ou seja, a sua condição sócio-histórica. Assim sendo, o pesquisador deve considerar a descrição dos fenómenos, que expõe os aspetos exteriores, mas, principalmente buscar o aprofundamento crítico em cada questão com a devida compreensão de seus aspetos interiores. Nesta conformidade, a partir de Martins (2010) tivemos em conta que o enfoque sócio-histórico é um método de fazer pesquisa que envolve o trabalho descritivo

complementado pelo explicativo. Assim sendo, valorizamos a descrição e percepções do pesquisador focalizando a imediaticidade dos fenómenos como instância da totalidade social, quer dizer a singularidade assume uma processualidade com a universalidade. Esta dinâmica inter-relacional cria a particularidade que no caso vigente da presente pesquisa é representada de acordo com o quadro nº 1.

Quadro nº 1



O esquema expresso no quadro permite que o pesquisador tenha, na processualidade dos fenómenos em estudo uma “dimensão da relação do singular com a totalidade, do individual com o social” determinando a particularidade do objeto de estudo em causa (Freitas, 2002).

3.1 Análise Documental

A análise documental seguindo a metodologia de pesquisa qualitativa na perspectiva sócio-histórica adequa-se a um estudo deste tipo por ser uma “fonte rica e estável de dados” (Gil, 1996 p.52). Para além do mais, permite ao pesquisador lidar com o passado histórico, assim como analisar aspetos da sociedade atual (Gil, 1989 e Ferrari, 1982) e prospetivar o futuro. Este método de pesquisa ajusta-se ao objeto desta investigação por permitir que sejam apuradas as motivações, atitudes, valores, crenças e tendências dos protagonistas do MO internacional. Neste sentido, este método foi utilizado para a análise das grandes linhas ideológicas de orientação estratégica do COI através da análise das Atas das Sessões do COI. Cabe esclarecer que é nas Sessões do COI que se reúnem os membros da instituição que são os seus representantes em todo o mundo, além do Presidente, Vice-presidentes, Comissão Executiva (CE), demais comissões e convidados.

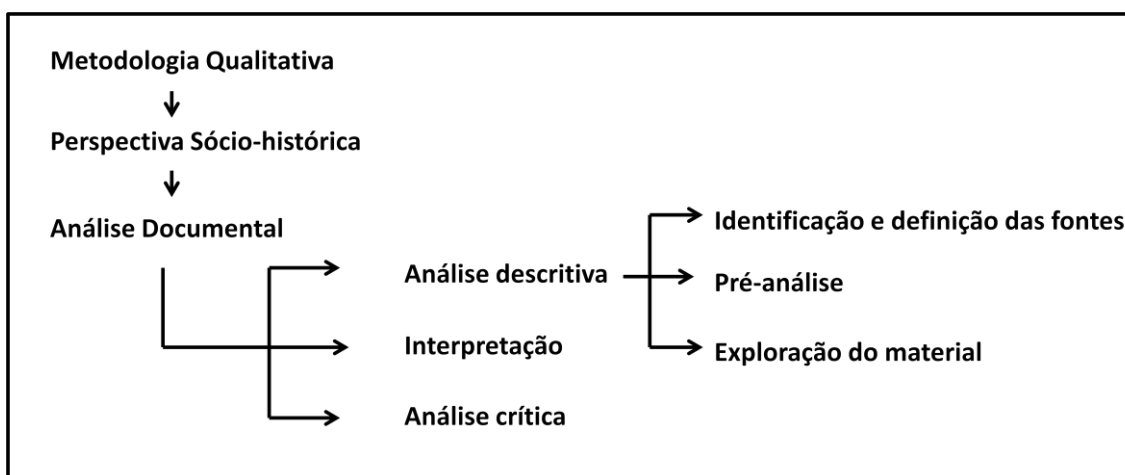
A partir da análise documental foram agrupadas categorias através de uma descrição objetiva, sistemática e qualitativa do conteúdo manifesto e latente das Atas das Sessões do COI entre os anos de 1894 e 2008, totalizando 9.111 páginas analisadas de 119 atas. O processo de análise documental foi desenvolvido em três etapas distintas: 1ª) análise descritiva; 2ª) interpretação; e 3ª) análise crítica. Estas etapas foram seguidas a fim de evidenciarmos as grandes linhas ideológicas de orientação estratégica que surgiram ao longo dos anos na história do COI. Cabe salientar que a análise descritiva, a interpretação e a análise crítica foram feitas a partir do conteúdo manifesto dos documentos, bem como do seu conteúdo latente, ao qual foi, sempre que oportuno, dada uma importância especial. Desta forma, abriram-se novas perspectivas que, segundo Triviños (1987), permitem identificar os quadros ideológicos relativos ao fenómeno social estudado. Esta abordagem permitiu captar “não apenas a informação explícita da mensagem, mas ainda as condições teórico-ideológicas de produção dessas mensagens” (Almeida e Pinto, 1990 p.96).

3.2 Fases da Análise Documental

Conforme apresentado anteriormente e descrito no quadro abaixo, a análise documental foi desenvolvida em três etapas: 1ª) a análise descritiva com as subdivisões:

identificação e definição das fontes; pré-análise; e exploração do material; 2ª) a interpretação; e 3ª) a análise crítica. Para um maior esclarecimento este procedimento metodológico será descrito em mais detalhes a seguir.

Quadro nº 2



3.2.1 Análise Descritiva

A análise descritiva, por ser a fase inicial do estudo, foi subdividida em três etapas. 1ª) Identificação e definição das fontes; 2ª) Pré-análise; e 3ª) Exploração do material.

A identificação e definição das fontes seguiu três critérios estabelecidos por Scott (1990) para a seleção do material de pesquisa: a autenticidade, a credibilidade e a representatividade. A autenticidade foi considerada como um critério fundamental, neste sentido, as atas analisadas constituíram cópias digitalizadas dos documentos originais cedidos diretamente pelo Centro de Estudos Olímpicos - CEO, localizado no Museu Olímpico do Comité Olímpico Internacional, em Lausanne, Suíça. Quanto a credibilidade, que se refere as informações serem “manipuladas” ou “sinceras”, acredita-se que, mesmo sendo possível terem ocorrido relatos “manipulados” nas Sessões do COI, algumas características do documento o deixam credíveis, como por exemplo: 1º) o registado nas atas ser a citação direta das falas dos participantes ou a descrição de seus discursos; 2º) o caráter oficial das Sessões do COI; 3º) a formação e perfil idóneo da maioria de seus membros; e 4º) a idoneidade da instituição. Mesmo

seguindo esta premissa o pesquisador esteve ciente das possibilidades de “manipulação” das falas por parte de alguns membros, tendo para isto analisado o contexto de cada tema estudado. A representatividade do material de pesquisa refere-se a representatividade dos documentos em relação aos demais documentos existentes. Neste sentido, as atas das Sessões do COI foram utilizadas por serem os únicos documentos originais, a que se tem acesso, e que são produzidos sistematicamente cobrindo todas as Sessões da instituição em um longo período, desde 1894 até 2008. Além disto, as Sessões do COI são os momentos de maior representatividade da instituição, já que reúne representantes do COI em diferentes países, além de representantes de suas comissões e convidados.

A pré-análise, etapa que seguiu a identificação e definição das fontes, consistiu em uma leitura flutuante, na organização do material e na preparação do mesmo para a interpretação e análise crítica. Primeiramente, os documentos fornecidos pelo Centro de Estudos Olímpicos do COI, que estavam digitalizados em formato PDF, foram impressos e organizados segundo a ordem cronológica de realização das Sessões. A seguir, o conjunto de atas foi analisado de uma forma “panorâmica” na busca de procedimentos para torná-los inteligíveis de acordo com os objetivos da pesquisa. Esta fase consistiu na leitura da lista de conteúdos apresentada no início de cada ata e em uma posterior leitura flutuante de todo o material, permitindo com estas duas etapas localizar o pesquisador, de uma forma geral, sobre o conteúdo tratado em cada Sessão.

A fase da exploração do material, última fase da análise descritiva, destinou-se à classificação e categorização do material. Nesta fase, ocorreu a leitura detalhada e a elaboração de um resumo de cada um dos documentos. Por não existirem categorias pré-estabelecidas, atenção especial foi dada aos temas que surgiam como relevantes em cada ata. Não sendo o pesquisador um sujeito separado da pesquisa, os temas que tinham sido importantes em atas anteriores despertavam especial atenção, seguindo o princípio de coocorrência. Também mereceram a devida atenção os temas que o pesquisador sabia serem de especial relevância para o MO, já que a detecção prematura de um tema poderia revelar importantes informações.

3.2.2 Interpretação

Nesta segunda fase da análise documental, a partir dos resumos elaborados na fase anterior, foram criadas fichas de leitura contendo os resumos, algumas citações diretas e a referência tanto dos resumos como das citações. Seguindo os procedimentos metodológicos indicados por Pimentel (2001), nesta fase as palavras e frases que se relacionavam a um tema considerado importante no contexto da pesquisa eram grifadas tendo-se atenção especial às propostas, concepções ou ideias que expressavam. No decorrer desta fase de “releitura” alguns elementos começavam a se destacar formando possíveis categorias. Esta fase levou a uma constante retomada e consulta tanto das fichas de leitura anteriores como das próprias atas das Sessões para “orientar o levantamento dos aspetos centrais envolvidos com o tema de cada conjunto de textos” (Pimentel, 2001 p.89). As questões principais foram selecionadas seguindo dois princípios: o primeiro foi a frequência do assunto constituído pelo conjunto de palavras que representavam a sua ideia e, segundo, pelo contexto em que o assunto ou tema estava inserido.

Após terminar as fichas de leitura de todas as atas foi feita uma nova leitura em busca de temas principais para serem definidas as categorias. Esta leitura foi feita em duas fases. A primeira, foi uma leitura de todas as fichas de leitura com o objetivo de situar novamente o pesquisador, sendo a segunda fase destinada a uma leitura em profundidade definindo os temas a que cada parte das fichas de leitura remetiam e qual categoria deveria pertencer. Neste momento, surgiram as categorias principais, para as quais foram criadas novas fichas de leitura contendo todo o material sobre cada um dos temas. Com a criação destas categorias e o seu agrupamento em novas fichas de leitura, foram criadas subcategorias que permitiram a estruturação de uma análise crítica do tema, momento em que as atas foram novamente consultadas para dar mais clareza a determinados fatos e coletar mais informações sobre o tema selecionado. Como se pode verificar, foi o próprio material de pesquisa que direcionou ao estabelecimento dos temas que viriam a compor as categorias e subcategorias.

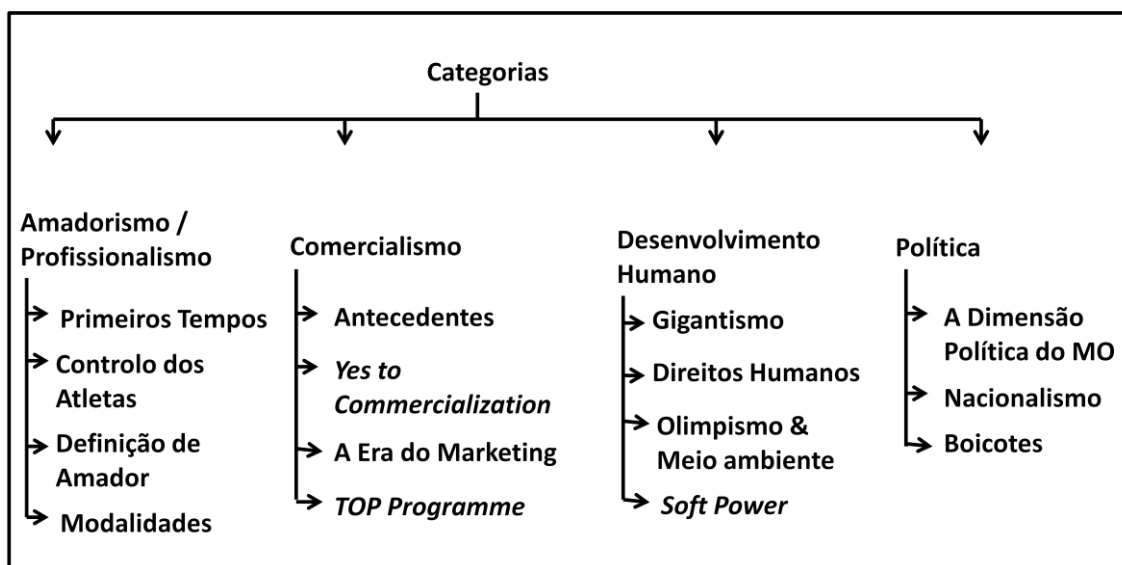
Como resultado deste procedimento metodológico, surgiram quatro grandes linhas ideológicas de orientação estratégica do COI e que foram consideradas de grande importância para todo o MO. As quatro grandes linhas ideológicas de orientação estratégica que emergiram e que desencadearam os resultados da investigação foram:

1. O amadorismo / profissionalismo,
2. O comercialismo,
3. O desenvolvimento humano,
4. A política.

3.2.3 Análise Crítica

A análise crítica seguiu a reflexão e a intuição do pesquisador que estabeleceu relações entre os conteúdos manifestos e latentes sobre cada uma das categorias (Gil, 1989; Triviños, 1987). Esta etapa iniciou-se situando cada categoria em uma esfera mais ampla, considerando o contexto socio-histórico em que as posições e perspectivas foram assumidas. Buscou-se ao mesmo tempo o relacionamento lógico-estático das ideias dos locutores no conjunto histórico-cultural, assim como o relacionamento lógico-dinâmico de suas ideias com as posições de outras autoridades no conjunto histórico-social. Só então, buscou-se uma compreensão crítica dos temas expostos. Por fim, foi feita a problematização geral que permitiu a busca da tomada do sentido mais amplo dos temas para a discussão e reflexão das questões explícitas e implícitas, surgindo assim subcategorias (quadro 3) que estruturaram cada categoria e, conseqüentemente, os resultados do estudo.

Quadro nº 3



4 Amadorismo / Profissionalismo

Quando no mundo do MO se fala de amadorismo um nome, invariavelmente lembrado é Jim Thorpe que, desde os primórdios do MO moderno, nos JO da V Olimpíada que se realizaram em Estocolmo no ano de 1912, passou a ser um símbolo de uma das maiores injustiças alguma vez cometidas pelo COI ao tempo e, posteriormente, durante muitos anos, toldado por um fundamentalismo injusto e perigoso. Jim Thorpe era meio-índio americano, filho de um irlandês e de uma índia das tribos dos Potawatomi. Foi batizado com o nome de Wa-Tho-Huck, que significa “caminho luminoso” ou “destino brilhante”. Em 1950, a “Associated Press” elegeu-o o melhor atleta do mundo da primeira metade do século XX. Nos JO de Estocolmo (1912), Jim Thorpe, ganhou duas medalhas de ouro, no pentatlo e no decatlo. O rei sueco desceu às pistas para o cumprimentar. E disse: “você é o maior atleta do mundo”.²²

Entretanto, nem todos estavam de acordo. No ano seguinte, sob o pretexto de que Thorpe ganhava dinheiro com o desporto, o COI retirou-lhe as medalhas. Houve protestos, mas a decisão estava tomada. Nos JO de Estocolmo (1912), Avery Brundage ficou em 6º lugar no pentatlo. Depois, quando exerceu as funções de presidente do Comité Olímpico dos USA (USOC) sempre foi o mais firme opositor à devolução das medalhas a Jim Thorpe. Contudo, todos aqueles que haviam competido com Jim Thorpe consideravam-no o verdadeiro campeão. Em 1983, o COI repôs a história no seu lugar devolvendo, a título póstumo, as medalhas a Jim Thorpe. Contudo, foi ainda necessário esperar quase mais dez anos para que, já sob a liderança de Samaranch a questão do profissionalismo ficasse resolvida.

Os dirigentes do MO sempre tiveram uma posição irascível contra o profissionalismo, chegando ao ponto de defenderem um amadorismo em que já ninguém acreditava. Aos atletas era proibido qualquer contato com o dinheiro ao ponto de Brundage ter perdido o sentido da realidade do mundo que mudava. Por exemplo, eram proibidas publicidades contendo fotos de atletas olímpicos conhecidos e mesmo os atletas não tendo benefícios diretos e o dinheiro sendo destinado às federações nacionais

²² In: Relatório dos JO de Estocolmo (1912). <http://www.la84foundation.org/> Consultado em 11 de agosto de 2009.

todos os casos tinham que ser avaliados, tendo a Comissão Executiva colocado o assunto na própria COI.²³

No presente capítulo vamos analisar aquilo que foi a cultura do amadorismo ao longo de praticamente um século de MO moderno e as mudanças que levaram o COI a aceitar o profissionalismo a partir de 1992. Para um melhor entendimento este capítulo foi dividido em quatro subcapítulos. O subcapítulo inicial analisa os primeiros tempos do profissionalismo no Movimento Olímpico. O segundo subcapítulo destina-se às questões ligadas ao controlo dos atletas. O terceiro, apresenta a importância das definições de amador e as mudanças geradas. No último subcapítulo são apresentadas algumas questões ligadas a algumas modalidades olímpicas que influenciaram significativamente para o fim do amadorismo.

4.1 Primeiros Tempos

De acordo com o “Bulletin du Comité International - Jeux Olympiques” de julho de 1894, o Congresso realizado na Sorbonne de 16 a 23 de junho de 1894 que instituiu o COI e a organização dos JO da era moderna foi convocado com os seguintes objetivos:

- 1) ... conserver à l'athlétisme le caractère noble et chevaleresque qui l'a distingué dans le passé, afin qu'il puisse continuer de jouer efficacement dans l'éducation des peuples modernes le rôle admirable que lui attribuèrent les maîtres grecs,
- 2) Pour se défendre contre l'esprit de lucre et de professionnalisme qui menace de les envahir, les amateurs, dans la plupart des pays,
- 3) Le rétablissement des Jeux Olympiques, sur des bases et dans des conditions conformes aux nécessités de la vie moderne mettrait en présence, tous les quatre ans, les représentants des nations du monde, et il est permis de croire que ces luttes pacifiques et courtoises constituent le meilleur des Internationalismes.²⁴

Na realidade, o amadorismo foi uma questão crucial no Congresso cujo programa foi constituído por dez temas dos quais sete diziam respeito ao tema “amadorismo versus profissionalismo” e três relativos ao tema dos “Jogos Olímpicos”. No que diz respeito à problemática do “amadorismo versus profissionalismo”, levantavam-se as seguintes questões:

²³ In: Ata da 54ª Sessão do COI - Tóquio, 14 a 17 de maio de 1958, p.9.

²⁴ In: Ata da 1ª Sessão do COI - Paris, 19 a 21 de junho de 1894, p.9.

- 1) Définition de l'amateur: bases de cette définition; possibilité et utilité d'une définition internationale.
- 2) Suspension, disqualification et requalification. Des faits qui les motivent et des moyens de les vérifier.
- 3) Est-il juste de maintenir une distinction entre les différents sports au point de vue amateurisme, spécialement pour les courses de chevaux (gentlemen) et le tir aux pigeons? Peut-on être professionnel dans un sport et amateur dans un autre?
- 4) De la valeur des objets d'art donnés en prix. - Est-il nécessaire de limiter cette valeur? Quelles mesures doit-on prendre contre celui qui vend l'objet d'art gagné par lui?
- 5) Légitimité des ressources provenant des admissions sur le terrain. - Cet argent peut-il être partagé entre les sociétés ou entre les concurrents; peut-il servir d'indemnité de déplacement? Dans quelle limite des équipiers peuvent-ils être indemnisés, soit par la société adverse, soit par leur propre société?
- 6) La définition générale de l'amateur peut elle s'appliquer également à tous les sports? Comporte-t-elle des restrictions spéciales en ce qui concerne la vélocipédie, l'aviron, les sports athlétiques, etc. ?
- 7) Du pari. Est-il compatible avec l'amateurisme? Des moyens d'en arrêter le développement.²⁵

Depois, a Comissão encarregada de estudar as questões relativas ao amadorismo reunida a 19 de junho de 1894 definiu o conceito de amador da seguinte maneira:

Que soit considérée comme amateur en athlétisme: Toute personne qui n'a jamais pris part à un concours ouvert à tous venants, ni concouru pour un prix en espèces ou pour une somme d'argent, de quelque source qu'elle provienne, notamment des admissions sur le terrain, ou avec des professionnels, et qui n'a jamais été à aucune période de sa vie, professeur ou moniteur salarié d'exercices physiques.²⁶

Apesar deste entusiasmo inicial, a questão do amadorismo no MO nunca haveria de ser verdadeiramente esclarecida e resolvida até que, quase cem anos depois, foi possível pôr um ponto final sobre a situação quando se permitiu que os atletas profissionais pudessem participar nos JO de Barcelona (1992).

O presente subcapítulo tem por objetivo analisar as questões relativas ao profissionalismo em duas partes: 1ª) Trata da linha político-ideológica adotada pelo COI para tratar do assunto; e 2ª) Trata do período “delicado” para o COI que foi entre as Guerras Mundiais.

4.1.1 Linha Dura

No que diz respeito ao amadorismo, a Comissão, em 1896, encontrou as suas soluções:

²⁵ In: Ata da 1ª Sessão do COI - Paris, 19 a 21 de junho de 1894, p.7.

²⁶ In: Ata da 1ª Sessão do COI - Paris, 19 a 21 de junho de 1894, p.7.

1) Que quiconque a été disqualifié ne puisse être requalifié que lorsque l'Union, Fédération ou Société dont il dépend, en dernière instance, aura décidé que la disqualification avait eu pour cause l'erreur, l'ignorance ou la bonne foi;

2) Que celui qui se procure de l'argent au moyen des prix qu'il a gagnés, perde par là même, sa qualité d'amateur. Que la valeur des objets d'art ne soit pas forcément limitée, mais que cette valeur n'atteigne pas, en général, un chiffre trop élevé;

3) Que l'argent provenant des admissions sur le terrain puisse être partagé à titre d'indemnité de déplacement entre les Sociétés participantes, mais jamais entre les concurrents eux-mêmes; ... Qu'en aucun cas les fonds ne puissent être directement versés au compétiteur mais remis à la Société dont il fait partie;

4) Que, le pari public étant incompatible avec l'amateurisme, les Sociétés l'empêchent ou le restreignent par tous les moyens en leur pouvoir et spécialement en s'opposant à son organisation officielle dans les enceintes des concours;

5) Que la tendance de tous les sports, sans exception, soit vers l'amateurisme pur, aucun motif permanent n'existant dans aucun sport pour légitimer les prix en espèces; mais qu'en ce qui concerne les courses de chevaux, le tir et le yachting, la définition générale de l'amateur ne leur soit pas momentanément appliquée;

6) Qu'on ne puisse être amateur dans un sport et professionnel dans un autre.²⁷

Portanto, estava-se perante uma linha dura que não permitia qualquer veleidade aos desportistas de, eventualmente, poderem receber algum dinheiro pela prática desportiva, nem que fosse a título de compensação em dinheiro ou em espécie. Por outro lado, tratava-se também da afirmação do poder das federações desportivas que podiam qualificar ou desqualificar os atletas exercendo o seu poder sobre as respectivas modalidades desportivas que, até então, tinham funcionado em um regime de “roda livre”. Um profissional em um determinado desporto não podia reivindicar o estatuto de amador em outro. Nesta lógica, as apostas também foram consideradas incompatíveis com o amadorismo. Contudo, foram estabelecidas algumas exceções temporárias relativamente às corridas de cavalo, tiro e “yachting”, modalidades muito ligadas a atividades profissionais.

No fundo, o que se procurava, embora não explicitamente, era uma separação nítida entre uma classe que tinha meios e tempo para praticar desporto e uma outra de estatuto social menos favorecido que para o praticar tinha de assumir a condição de profissional. Contudo, o amadorismo embora tenha sido defendido de uma forma empenhada pelas lideranças do COI até António Samaranch, o que é fato é que Coubertin, como em outros assuntos, nunca teve uma posição muito clara acerca do

²⁷ In: Ata da 2ª Sessão do COI - Atenas, 4 a 14 de abril de 1896, p.6.

assunto. Talvez por causa disso, logo na 2ª Sessão do COI realizada a 4 de abril de 1896 em Atenas a definição de amador foi posta em causa.

O General Aleksey Dimitrievic Boutowsky membro do COI para a Rússia e o alemão Dr. Karl August Willibald Gebhardt,²⁸ insistiram na necessidade

d'élargir les règlements au point de vue amateurisme; la définition de l'amateur telle qu'elle est établie par le Congrès de Paris est trop stricte.²⁹

Evidentemente que uma definição, como foi a do Congresso de Paris de 1894, de tão fechada que era, só podia trazer problemas. Contudo, a lógica que imperava não era a da abertura dos JO, antes pelo contrário, era a de criar condições restritivas que, infelizmente, haviam de levar às maiores injustiças. De qualquer maneira, a situação era caótica.

No 3º Congresso Olímpico, realizado em Bruxelas no ano de 1905, foi enviado a todas as sociedades desportivas presentes um questionário traduzido em francês, inglês e alemão sem que daí resultassem quaisquer resultados úteis. O que aconteceu foi que os respondentes foram poucos e as respostas de pouca qualidade.

Depois, os JO de Londres (1908) acabaram por revelar a necessidade urgente da questão do amadorismo ser tratada com a máxima frontalidade, quando, em 1908, um grande jornal Inglês, o “Sporting Life”,³⁰ desencadeou um trabalho jornalístico em que foram colocadas 40 questões aos seus leitores. Depois, no período que decorreu entre 16 de outubro de 1908 e 20 de maio de 1909, foram publicadas sobre o assunto diversas opiniões de grande competência. Portanto, o tema estava na ordem do dia e o sentimento geral era de que tinha de ser resolvido. Contudo, as questões que se levantavam não tinham fácil solução. Apesar do COI ter uma definição de amador, se para os JO de Londres (1908), foi adotada a definição da entidade que superintendia o desporto em Inglaterra, já para os JO de Estocolmo (1912) estava previsto serem os suecos a determinar as condições de amador, o que seria feito para cada modalidade

²⁸ Karl August Willibald Gebhardt foi companheiro de Coubertin, tendo estado com ele nos JO de 1896. Sobre Gebhardt escreveu Carl Diem: “Germany’s participation in the first Olympic Games, the laborious awakening of the consciousness as to their importance, is the work of one man. German sport will never be able to thank this man adequately, and his name deserves a place of honour among the greatest of the leaders in the history of sport - Dr. Willibald Gebhardt.” In: *Olympic Review*, n.93-94, julho/agosto de 1975.

²⁹ In: Ata da 2ª Sessão do COI - Atenas, 4 a 14 de abril de 1896, p.4.

³⁰ In: *Olympic Review* (1909), 44, 115-122.

tendo em consideração as suas especificidades. Depois, as eventuais disfunções seriam melhoradas através da experiência de tal maneira que se adotaria uma situação semelhante para os JO de Berlim (1916) que, como se sabe, acabaram por não se realizar devido à I Guerra Mundial. Os promotores deste sistema que, em uma estratégia emergente, se iam ajustando à medida que se corrigiam os erros detectados, com alguma ingenuidade, pensavam que, de afinação em afinação, chegaria um momento em que se obteria uma definição uniforme de amador para todas as modalidades desportivas. Todavia, a situação do amadorismo no mundo do desporto era muito mais complicada.

Na 11ª Sessão do COI realizada em Berlim em 1909 o Conde de Bertier de Sauvigny, a partir das ideias lançadas pelo “Sporting Life”, apresentou um relatório exaustivo com a sugestão de que as Federações, Associações e Sociedades interessadas fossem consultadas a fim de serem obtidas as suas opiniões. Foi, ainda, decidido instituir uma Comissão encarregada de estudar as questões do amadorismo. As questões eram:

Êtes-vous d'avis qu'on ne doit pas pouvoir être professionnel dans un sport et amateur dans un autre?

Êtes-vous d'avis qu'un professeur peut au contraire être amateur dans les sports qu'il enseigne?

Êtes-vous d'avis que l'amateur devenu professionnel ne doit pas pouvoir recouvrer sa qualité d'amateur?

Admettez-vous le remboursement aux amateurs des frais de transport et d'hôtel? Jusqu'à quelle limite?

Admettez-vous qu'on puisse perdre la qualité d'amateur par simple contact avec un professionnel?³¹

Para Sauvigny a questão do amadorismo levantava quatro aspetos fundamentais: o dinheiro; os contatos; o professorado; e as relações dos atletas com as respectivas federações ou associações a que pertenciam.

Quanto ao dinheiro, perguntava:

Suffit-il qu'un homme n'ait pas touché de prix en espèces pour être considéré comme n'ayant pas tiré profit du sport?³²

Quanto aos contatos perguntava:

En légalisant de la sorte le contact du professionnel et de l'amateur, ne discréditerait-on pas ce dernier?³³

³¹ In: *Olympic Review* (1909), 44, 128.

³² In: *Olympic Review* (1909), 44, 115.

Quanto ao professorado perguntava:

Comment traiter de professionnel l'officier qui enseigne la gymnastique à sa troupe ou l'instituteur qui apprend la natation ou le foot-ball à ses élèves?³⁴

Quanto às relações dos atletas com as federações Sauvigny era da opinião:

Rien au monde, ne peut faire qu'un homme cesse d'être amateur s'il n'a pas perdu cette qualité par un acte personnel de professionnalisme. Nous sommes persuadés qu'un examen loyal de cette anomalie amènerait les fédérations à renoncer d'elles-mêmes à un régime renfermant le germe d'une tyrannie syndicaliste très dangereuse pour les sports.³⁵

As questões do amadorismo, tendo em atenção os JO da V Olimpíada, voltaram a estar presentes na 12ª Sessão do COI realizada em 1910 no Luxemburgo, aquando da apresentação dos relatórios relativos ao amadorismo elaborados pelo húngaro Jules de Muzsa, pelo inglês Theodore Cook e pelo norte-americano Allison Armour, um famoso velejador em representação do Prof. Sloane. Contudo, dos três, o único que apresentou um verdadeiro relatório foi Cook, já que Muzsa afirmou ter recebido dez respostas e Armour disse ter recebido doze. Só Cook afirmou ter recebido uma centena de respostas e apresentava um relatório impresso. O problema era que as contradições eram enormes. Como refere Cook no seu relatório:

Beaucoup de nos meilleurs Racing men, membres du Jockey-Club et autres, et beaucoup de nos meilleurs Yachtsmen, membres du Royal Yacht Squadron et autres, reçoivent constamment des prix en espèces et payent des professionnels pour les aider à gagner leurs courses. Mais s'ils procédaient de la même manière en athlétisme, en lawn-tennis, en natation, ils se trouveraient exclus des championnats d'amateurs de ces sports;

En athlétisme, une personne qui a concouru contre un professionnel pour un prix quelconque perd, par ce fait même, sa qualité d'amateur; tandis que en "Golf", aux courses des pur-sang et dans quelques autres sports, les concours de cette espèce sont nombreux et ne comportent aucune disqualification;

Dans quelques sports tels que l'Aviron, on n'est arrivé à tenir tête à la vogue croissante du professionnalisme qu'en insistant avec une rigidité spéciale sur la définition d'amateur.³⁶

Do relatório de Theodore Cook sobressai, em primeiro lugar, que é difícil senão impossível encontrar uma definição de amador para todas as modalidades desportivas. Em segundo lugar, sobressai que deveriam ser as associações nacionais onde o atleta

³³ In: *Olympic Review* (1909), 44, 118.

³⁴ In: *Olympic Review* (1909), 44, 115.

³⁵ In: *Olympic Review* (1909), 44, 120.

³⁶ In: Ata da 12ª Sessão - Luxemburgo, 11 a 13 de junho de 1910, p.32,33.

está filiado que deveriam garantir o seu estatuto de amador. Em conformidade, competia ao COI promover no MO uma unidade de pensamento quanto ao estatuto do atleta amador.

Quanto ao relatório elaborado por Sloane as conclusões eram as seguintes:

Is a general definition of an amateur possible and desirable? Five universities and five associations say yes. Two universities and one association say no. Two associations think the rule of the American athletic Union adequate.

Could international competition in all sports be restricted by such a definition? The answers are the same as for nº1.

Can an athlete derive profit directly in money or money's worth and remain an amateur? Seven universities and six associations answer no.

Should limits be put on expenses? Five universities say yes; two universities and six associations say no. Two universities think no fixed rule possible since a man should live according to his status; five suggest decent economy in board, lodging and fares; two add under the supervision of the committee in charge. Two associations would allow board lodging and fares with no incidentals; the others would allow incidentals.

Can an amateur compete with a professional and retain his quality? If not, why? If so, to what extent? Four universities say yes. Three universities and six associations say no. All universities who reply yes specify as teams only. No reasons are given. The associations who reply also specify as teams; one thinks individuals can compete in golf and fencing.

Can a man be a professional in one sport and an amateur in another? One university and two associations say yes. Six universities and four associations say no.

Is there a difference between a professor of sport and a professional? Can one be the former and an amateur? Two universities and four associations say yes. Five universities and two associations say no. One association thinks an unpaid professor of sport not a professional.

Can the association or federation to which an amateur belongs disqualify him? Or does disqualification consist only and solely in the act of personal professionalism? Three universities and four associations say yes; four universities and two associations say no. Yes means the association should disqualify; No, the individual. Of the university ones, two think there should be a national association to decide. Two associations think the act disqualifies but that the federation should pronounce the decision.³⁷

Entretanto, Coubertin pediu aos membros do CON inglês que reunissem as diversas posições das sociedades desportivas no que diz respeito ao atletismo e pediu aos membros francês, sueco e húngaro para fazerem o mesmo relativamente à esgrima. E assim, o problema foi adiado para uma decisão futura.

³⁷ In: Ata da 12ª Sessão - Luxemburgo, 11 a 13 de junho de 1910, p.37.

Na 13ª Sessão do COI, realizada em Budapeste em 1911, o ponto número 12 da ordem de trabalhos era o seguinte: “continuation de la discussion sur l'amateurisme”. E no momento apropriado Pierre de Coubertin deu a palavra ao Reverendo Courcy-Laffan encarregado de apresentar, em colaboração com Theodore Cook, uma proposta de redação sobre o amadorismo. E a proposta definiu amador, no âmbito dos JO, da seguinte maneira:

Toute personne a qualité d'amateur pour concourir aux Jeux Olympiques qui n'a jamais:

a) concouru à une réunion athlétique pour un prix en espèces ou pour de l'argent, ou pour une gageure quelconque.

b) été récompensé pour de l'argent ou par un bénéfice pécuniaire quelconque pour avoir pris part à un concours, à une exposition, ou à une représentation athlétique.

Nota Bene: Le remboursement à un concurrent par la Société qui le désigne pour la représenter, des frais de voyage et d'hôtel qu'il aurait de ce fait encourus, ne comporte pas la perte de la qualité d'amateur.

(c) reçu soit directement soit indirectement un paiement ou une prime quelconque pour le récompenser du temps qu'il aurait perdu en concourant ou en s'entraînant pour concourir à un concours athlétique.

(d) vendu ou mis en gage un prix gagné dans un concours athlétique.

(e) retiré un "bénéfice pécuniaire de l'enseignement d'un exercice athlétique quelconque, ou des services qu'il y aurait rendus.

(f) accepté un emploi salarié sous la condition formelle ou tacite d'avoir à encourager, à enseigner ou à prendre part à un exercice athlétique quelconque dont la pratique, l'encouragement ou l'enseignement ne fait pas partie des fonctions normales de cet emploi.

(g) concouru à une réunion athlétique ouverte à d'autres que des amateurs.

(h) concouru à un concours athlétique contre un professionnel soit pour un prix soit sans prix.

(i) été reconnu comme professionnel ou disqualifié pour toujours comme amateur dans un autre sport quelconque.³⁸

Portanto, o COI preparava-se para entrar em uma linha dura no que diz respeito ao combate ao profissionalismo. E fazia-o com convicção. Sloane propôs que a nova fórmula fosse adotada provisoriamente e comunicada a todos os CONs fazendo votos para que, a partir de 1912, a elegibilidade dos atletas se tornasse definitiva para o atletismo e que, posteriormente, fosse universalmente adotada. E a proposta foi aprovada por aclamação.

³⁸ In: Ata da 13ª Sessão do COI - Budapeste, 23 a 25 de maio de 1911, p.35,36.

4.1.2 Entre Guerras

A I Guerra Mundial impediu a realização de Sessões do COI até que, em 1919, os membros do COI voltaram a reunir-se na 18ª Sessão que se realizou em Lausanne. No entanto, só no ano seguinte, em 1920, na Sessão de Anvers, as questões do amadorismo voltaram a ser tratadas quando Courcy-Laffan a voltou a colocar, desta feita, em uma dimensão organizacional. E, a propósito da institucionalização de prémios em algumas provas desportivas de carácter profissional, disse:

Ne nous mêlons pas dans des affaires professionnelles, cela nous mènerait loin. Notre comité ne doit intervenir que dans le sport amateur.³⁹

Em seguida, o General Carlo Montu, representante do COI em Itália, alertou para o fato de os amadores fazerem um esforço considerável para se tornarem profissionais pelo que entrar em tais questões seria perigoso. Assim sendo, o COI não deveria ir além de uma recomendação geral para que os desportos se mantivessem amadores: “... que les sports restent dans les lignes d'amateurisme.”⁴⁰ Claro que o problema do amadorismo, apesar de todos os esforços para o definir a fim de o proibir, continuava a ser uma dificuldade inultrapassável ao ponto de Pierre de Coubertin ter perguntado:

Ne doit-on pas faire un appel aux Fédérations internationales qu'elles se mettent en boum accord quant à la définition d'amateur?⁴¹

Começava a ficar claro que uma coisa era definir amador e estabelecer as circunstâncias em que o estatuto era quebrado, e, outra, completamente diferente, fazer as FIs cumprirem o que fora estabelecido pelo vértice estratégico do COI na Sessão de Budapeste realizada em 1911. O sentimento expresso na 19ª Sessão do COI realizada em 1920 foi o de que, tal atitude, era simplesmente inútil pelo que Courcy-Laffan voltou a intervir a fim de dizer que:

Il est très difficile au C.O.I. de définir l'amateurisme de quelque sport. Il est d'avis de rayer l'article 2º.⁴²

Perante a hipótese levantada de tal cedência, Pierre de Coubertin apressou-se a intervir dizendo que seria imprudente abolir o artigo 2º uma vez que o COI devia:

³⁹ In: Ata da 19ª Sessão do COI - Anvers, 17 a 30 de agosto de 1920, p.12.

⁴⁰ In: Ata da 19ª Sessão do COI - Anvers, 17 a 30 de agosto de 1920, p.12.

⁴¹ In: Ata da 19ª Sessão do COI - Anvers, 17 a 30 de agosto de 1920, p.16.

⁴² In: Ata da 19ª Sessão do COI - Anvers, 17 a 30 de agosto de 1920, p.16.

conserver son droit et ses privilèges, que nous sommes obligés de maintenir intacts. Nous devons partout user plus de ... souplesse possible, pas prendre initiative là, où il y a d'autres.⁴³

Em conformidade, o artigo 2º devia ser submetido ao Congresso devendo ser preservadas as alíneas que diziam:

La qualification d'amateur etc.; Peut-être seul admis etc.⁴⁴

Portanto, se, por um lado, eram dados sinais de que, pela primeira vez, se estavam a elaborar estatutos para o COI, por outro lado, Coubertin agia com a estratégia de costume, quer dizer, em uma atitude de “soft power”, envolvia o problema a fim de ultrapassar a questão sem os custos que a confrontação direta com as FIs acarretaria. As questões relativas ao amadorismo estiveram ainda presentes na Sessão de Anvers realizada em 1920 devido ao “l'argent de poche” para os atletas. Diz a ata:

La question de l'argent de poche à remettre aux athlètes est ensuite examinée, ainsi que le danger qu'elle peut présenter au point de vue de l'amateurisme. Il faut considérer en effet qu'il y a des athlètes riches et des athlètes pauvres.⁴⁵

Entretanto, na 20ª Sessão do COI realizada em Lausanne em 1921, aparece pela primeira vez em uma Sessão do COI uns estatutos formais que, desde logo estipulavam as finalidades do COI:

Le Comité International Olympique, auquel le Congrès de Paris a confié la mission de veiller au développement des Jeux Olympiques solennellement rétablis le 23 juin 1894, se propose: 1º d'assurer la célébration régulière des Jeux; - 2º de rendre cette célébration de plus en plus parfaite, digne de son glorieux passé et conforme aux idées élevées dont s'inspirèrent ses rénovateurs; - 3º de provoquer ou d'organiser toutes les manifestations et, en général, de prendre toutes les mesures propres à orienter l'athlétisme moderne dans les voies désirables.⁴⁶

Depois, especificava-se que

Les Jeux Olympiques réunissent les amateurs de toutes les nations sur un pied d'égalité aussi parfait que possible.

E que:

D'une manière générale ne doivent être qualifiés pour participer aux Jeux que les nationaux ou dûment naturalisés, à

⁴³ In: Ata da 19ª Sessão do COI - Anvers, 17 a 30 de agosto de 1920, p.16.

⁴⁴ In: Ata da 19ª Sessão do COI - Anvers, 17 a 30 de agosto de 1920, p.16.

⁴⁵ In: Ata da 19ª Sessão do COI - Anvers, 17 a 30 de agosto de 1920, p.12.

⁴⁶ In: Ata da 20ª Sessão do COI - Lausanne, 2 a 6 de junho de 1921, p.20.

condition d'être aussi des amateurs reconnus par les Comités Olympiques de leurs pays respectifs et d'une honorabilité incontestée.

E foram aprovados os primeiros estatutos, quer dizer, a primeira Carta Olímpica do COI.⁴⁷ E depois, no capítulo de recrutamento, ficou estabelecida uma das questões mais fundamentais que tem preservado a unidade do MO ao longo de mais de um século. Dizem os estatutos:

Les membres doivent se considérer comme les délégués du Comité International Olympique auprès des fédérations et sociétés de sport et d'exercices physiques de leurs pays respectifs.⁴⁸

E no capítulo referente aos “Règlements Relatifs a la Célébration des Olympiades” ficou estabelecida a pureza dos JO no que diz respeito ao profissionalismo. Dizem os estatutos:

1) Les Jeux Olympiques réunissent les amateurs de toutes les nations sur un pied d'égalité aussi parfait que possible.

2) Ils se célèbrent tous les quatre ans. On peut ne pas célébrer une Olympiade, mais ni l'ordre ni les intervalles ne peuvent en être changés.

3) C'est au Comité International qu'il appartient de désigner en temps voulu le lieu de la célébration de chaque Olympiade.

4) D'une manière générale ne doivent être qualifiés pour participer aux Jeux que les nationaux ou dûment naturalisés, à condition d'être aussi des amateurs reconnus par les Comités olympiques de leurs pays respectifs et d'une honorabilité incontestée.

5) Est considéré comme Comité national reconnu, tout Comité olympique qui est constitué par le ou les membres du Comité International pour le pays en question ou d'accord avec eux. La reconnaissance dure autant que l'accord entre eux. S'ils font part au Comité International que l'accord n'existe plus, la reconnaissance cesse ipso facto.

6) Les Jeux Olympiques doivent comprendre les catégories suivantes: Sports athlétiques, sports gymniques, sports de combat, sports nautiques, sports équestres, Pentathlons, etc ...⁴⁹

O Congresso Olímpico 1894 tinha decidido vários princípios básicos, mas não existiam quaisquer estatutos formais. Coubertin, em 1908, pela primeira vez, publicou uns folhetos onde constavam algumas informações sobre o funcionamento do COI, normas e estatísticas. Com o desenvolvimento dos JO e, sobretudo, devido à necessidade de organizar cada vez melhor e com mais rigor o PO, tornou-se necessário elaborar uma carta ou uns estatutos para o próprio COI, desde logo, para regulamentar os deveres dos atletas.

⁴⁷ In: Ata da 20ª Sessão do COI - Lausanne, 2 a 6 de junho de 1921, p.21.

⁴⁸ In: Ata da 20ª Sessão do COI - Lausanne, 2 a 6 de junho de 1921, p.21.

⁴⁹ In: Ata da 20ª Sessão do COI - Lausanne, 2 a 6 de junho de 1921, p.21.

Na 22ª Sessão do COI realizada em Roma em 1923, sob o título de “Charte des Jeux Olympiques”, foram, novamente, introduzidos os Estatutos ainda mais desenvolvidos do que aqueles que constavam na ata de 20ª Sessão do COI realizada em Lausanne no ano de 1921.

1) Les Jeux Olympiques se célèbrent tous les quatre ans. Ils réunissent les amateurs de toutes les nations, sur un pied d'égalité aussi parfait que possible.

2) On peut ne pas célébrer une Olympiade mais ni l'ordre ni les intervalles ne peuvent en être modifiés. Les Olympiades internationales comptent à partir de la 1^{er} Olympiade de l'ère moderne célébrée à Athènes, en 1896.

3) C'est au Comité International Olympique qu'il appartient de désigner, en temps voulu et en toute liberté, le lieu de la célébration de chaque Olympiade.

4) Le Jeux Olympiques doivent comprendre obligatoirement les catégories suivantes: sports athlétiques, sports gymniques, sports de combat, sports nautiques, sports équestres, pentathlons, concours d'art.

5) D'une manière générale, ne doivent être qualifiés pour participer aux Jeux Olympiques, sous les couleurs de leur pays, que des nationaux ou dûment naturalisés de ce pays.⁵⁰

E, ainda, na 22ª Sessão foi estabelecido um “Statuts du Conseil International Olympique” cujo fim era o seguinte:

Le Comité International Olympique ... se propose 1° d'assurer la célébration régulière des Jeux; 2° de rendre cette célébration de plus en plus parfaite, digne de son glorieux passé et conforme aux idées élevées dont s'inspirèrent ses rénovateurs; 3° de provoquer ou d'organiser toutes les manifestations et, en général, de prendre toutes les mesures propres à orienter l'athlétisme moderne dans les voies désirables.⁵¹

Na Sessão de Roma realizada em 7 a 12 de abril de 1923 Sigfried Edstrom voltou à questão do amadorismo fundamentalmente no que diz respeito às indenizações a atribuir aos atletas por perda de vencimentos durante a sua participação em provas internacionais. Depois de muitas considerações e denúncias, acerca de situações consideradas inadmissíveis relativamente a atletas que receberam compensações, foi decidido criar uma subcomissão a fim de, em tempo real, fazer o ponto da situação:

Le point spécial des indemnités devrait être réglé avant les Jeux de Paris.⁵²

E a subcomissão redigiu o seguinte relatório:

⁵⁰ In: Ata da 22ª Sessão do COI - Roma, 7 a 12 de abril de 1923, p.3.

⁵¹ In: Ata da 22ª Sessão do COI - Roma, 7 a 12 de abril de 1923, p.4.

⁵² In: Ata da 22ª Sessão do COI - Roma, 7 a 12 de abril de 1923, p.22.

A la session de 1923 du Comité International Olympique, on a posé la question de la légitimité du versement d'une indemnité (soit pour la préparation, soit pour la participation aux Jeux Olympiques) à l'athlète qui, en raison de sa situation ou en qualité de soutien de famille, ne peut renoncer à son salaire pendant cette période. Après une discussion approfondie, la sous-commission compétente a conclu que 'la base même des Jeux Olympiques étant le respect des principes de l'amateurisme, le versement de cette indemnité ne paraissait pas admissible.' La sous-commission demande en outre que, si ce texte est adopté, il en soit fait part officiellement aux Comités nationaux au nom du C.I.O.⁵³

Na Sessão do COI de Paris realizada em 1924, depois de uma discussão alargada acerca da problemática do amadorismo, sob proposta da CE, foi decidido adotar a seguinte definição de amador:

... le Comité International Olympique estime qu'il conviendrait d'entendre par 'amateur' celui qui ne retire du sport aucun bénéfice matériel appréciable et est prêt à le déclarer sur l'honneur par écrit; et par 'professionnel' celui qui retire directement ou indirectement un bénéfice matériel de la pratique personnelle du sport.⁵⁴

Entretanto, foi considerado que as questões relativas ao amadorismo não estavam fechadas e que deviam constar da ordem de trabalhos do Congresso de Praga que devia acontecer em 1925. Na 24ª Sessão do COI realizada em Praga em 1925, na impossibilidade de conseguir uma definição de amador que pudesse ser aceita por todas as FIs que, de fato, geriam as respectivas modalidades desportivas, sob proposta Baillet-Latour, foi aceita a seguinte definição:

Est amateur celui qui s'adonne au sport pour le sport seul sans en retirer ses moyens d'existence directement. Est professionnel celui qui retire de la pratique du sport tout ou partie de ses moyens d'existence. Est maintenu à l'unanimité le principe que: celui qui est professionnel dans un sport ne doit pas pouvoir être ni devenir amateur en d'autres sports.⁵⁵

Contudo, no caso de o Congresso não aceitar a proposta anterior foi decidido apresentar uma alternativa que colocava no atleta a responsabilidade da defesa do seu estatuto de amador, através da seguinte declaração:

Je, soussigné, déclare sur honneur, être amateur conformément aux règles olympiques de l'amateurisme.⁵⁶

⁵³ In: Ata da 22ª Sessão do COI - Roma, 7 a 12 de abril de 1923, p.23.

⁵⁴ In: Ata da 23ª Sessão do COI - Paris, 23 de junho a 12 de julho de 1924, p.15.

⁵⁵ In: Ata da 24ª Sessão do COI - Praga, 26 a 28 de maio de 1925, p.4.

⁵⁶ In: Ata da 24ª Sessão do COI - Praga, 26 a 28 de maio de 1925, p.8.

Ainda estava sendo tratada a questão dos professores poderem ou não ser considerados profissionais. Coubertin manifestou a opinião de que:

Personnellement il n'a jamais cessé de protester contre l'identification du professeur avec le professionnel et que pour sa part, il ne l'admettra jamais.⁵⁷

Ficou decidido o seguinte:

Il n'est pas interdit de faire une distinction au point de vue participation entre le professeur et le professionnel, mais le premier reste toujours qualifié pour faire partie des Comités et des Jurys. On doit entendre par professeur celui qui enseigne un sport moyennant rétribution matérielle.⁵⁸

Entretanto, foi acordado que:

La rencontre entre un amateur et un professionnel n'est pas nécessairement considérée comme une cause de disqualification pour l'amateur.⁵⁹

Depois, no que diz respeito à compensação de perda de vencimento, o COI acordou que:

La compensation pour salaire perdu est considérée comme un bénéfice matériel indirect.⁶⁰

Ainda foi decidido o texto que se segue a submeter ao Congresso:

Un amateur n'a droit au remboursement de ses frais de voyage et d'entretien à l'étranger pour participer à des concours que pour une période n'excédant pas quinze jours par année et par sport à moins qu'il ne soit désigné pour représenter son pays aux Jeux Olympiques.⁶¹

Quanto à direção das federações colocava-se também a questão de saber se uma federação de amadores podia ser dirigida exclusivamente por amadores quando a federação dirigia tanto o desporto amador como profissional? Contudo, como Coubertin manifestou a opinião de que as federações tinham o direito de gerirem os seus assuntos como muito bem entendessem, a questão foi abandonada. Contudo, os apetites hegemónicos de alguns membros do COI continuavam muito ativos. Em consequência, o General Sherrill propôs a institucionalização de uma Comissão Internacional de

⁵⁷ In: Ata da 24ª Sessão do COI - Praga, 26 a 28 de maio de 1925, p.4.

⁵⁸ In: Ata da 24ª Sessão do COI - Praga, 26 a 28 de maio de 1925, p.7.

⁵⁹ In: Ata da 24ª Sessão do COI - Praga, 26 a 28 de maio de 1925, p.5.

⁶⁰ In: Ata da 24ª Sessão do COI - Praga, 26 a 28 de maio de 1925, p.5.

⁶¹ In: Ata da 24ª Sessão do COI - Praga, 26 a 28 de maio de 1925, p.5,6.

Amadorismo com o objetivo de atuar junto da comunicação social a fim de evitar o efeito de ressonância que, geralmente, alguns pequenos incidentes provocavam.

Na 25ª Sessão do COI realizada em Lisboa, no ano de 1926, aconteceu um estranho pedido de Sigfrid Edstorm aos holandeses que iam organizar os próximos JO, em 1928, na cidade de Amesterdão. Edstorm, em nome do amadorismo, perguntou aos holandeses se era possível estudar a hipótese de retirar a pista de ciclismo do estádio de maneira a organizar as provas de ciclismo noutro local. Contudo, o Barão de Schimmeipenninck, embora compreendesse bem as razões de Edstorme, informou ser impossível não só no que dizia respeito aos custos como aos prazos.

A questão dos amadores continuou a preocupar os membros do COI ao ponto de pretenderem regulamentar os dias de viagem que os atletas amadores podiam despende sem correrem o risco de não cumprirem com o estatuto. A este respeito, Edstorm ficou incumbido de apresentar um relatório aos membros do COI o que viria a acontecer na Sessão seguinte que se realizou no Mónaco a 27 de abril de 1927. Contudo, a questão do amadorismo estava longe de estar resolvida.

Na Sessão do COI realizada em Amesterdão, em 1928, o General Sherrill voltou a colocar a questão do amadorismo fazendo a seguinte proposta:

En raison de la différence de doctrine qui existe aujourd'hui an point de vue de l'amateurisme, entre le C.I.O et l e s fédérations Internationales de football Association et de Lawn-Tennis le C.I.Ü décide de supprimer les concours de football et de Lawn-Tennis, du programme des Jeux Olympiques à l'avenir, tant que ces deux fédérations maintiendront leur conception de l'amateur.⁶²

Entretanto, devido à oposição de vários membros, entre eles do português Penha Garcia, o COI decidiu-se por uma posição mais “soft” conforme está expresso na ata:

Le CIO désireux d'affirmer une fois de plus sa volonté de maintenir intacte l'Amateurisme dans les Jeux Olympiques, décide de rompre avec toute fédération Internationale dont la formule d'amateurisme sera en contradiction avec l e s principes qu'il considère comme étant les principes fondamentaux de l'Amateurisme.⁶³

E assim, mais uma vez, o problema do profissionalismo foi adiado, quer dizer, para o Congresso de Berlim que se realizaria em 1930, onde, para além do PO, o amadorismo seria o outro tema do Congresso. Em conformidade, na reunião de 1929

⁶² In: Ata da 25ª Sessão do COI - Amesterdão, 25 e 26 de julho de 1928, p.2,3.

⁶³ In: Ata da 25ª Sessão do COI - Amesterdão, 25 e 26 de julho de 1928, p.3.

realizada em Lausanne foi aprovada a seguinte proposta a apresentar ao Congresso de Berlim:

En affirmant à nouveaux le principe de l'amateurisme qui est la même de l'Olympisme, le C.I.O. attend la réunion du Congress de Berlin qui a seul la qualité pour maintenir ou modifier les décisions du Congress de Prague.⁶⁴

Na Sessão seguinte realizada em Berlim no ano de 1930, relativamente ao PO dos JO de 1932 ficou decidido que:

Le C.I.O. se réserve de ne pas inscrire au Programme les Sports dont la définition de l'Amateur est en contradiction avec les principes du C.I.O.⁶⁵

Em conformidade, todas as FIs foram informadas de que os seus atletas não poderiam participar nos JO de 1932 a realizar em Los Angeles caso não cumprissem o estatuto de amador definido pelo COI.

A temática do amadorismo do Congresso de Berlim, realizado de 25 a 30 de maio de 1930, aconteceu na sequência do Congresso de 1921 realizado em Lausanne e do de 1925 realizado em Praga. Na abertura do Congresso de Berlim, o Presidente do COI advertia os congressistas de que iam ser colocados na situação de terem de decidir se a definição de amador da FI de Futebol estava de acordo com a do COI estabelecida no Congresso de Praga. Participaram no Congresso 30 membros do COI, 57 delegados dos CONs e 38 delegados de FIs.

No que diz respeito ao amadorismo o Congresso de Berlim (1930) tomou as seguintes decisões:

The Rules of qualification for the Olympic Games decided upon by the Congress of Prague in 1925 were confirmed and the Congress of Berlin passed by 90 votes to 20 votes the following resolution put forward by the Commission on Amateurism:

Athletes, who are qualified by the regulations and rules of their International Federation are considered as amateurs for the Olympic Games provided they are qualified in compliance with the resolutions passed at Prague by the Olympic Congress 1925, i.e. An Athlete taking part in the Olympic Games must satisfy the following conditions: 1. Must not be or have become a professional in the sport for which he is entered or in any other sport. 2. Must not have received reimbursement or compensation for loss of salary. By 69 votes to 12 the Congress passed the following resolution: The Congress, referring to the resolution taken on the qualification of the

⁶⁴ In: Ata da 26ª Sessão do COI - Lausanne, 8 a 11 de abril de 1929, p.5.

⁶⁵ In: Ata da 27ª Sessão do COI - Berlim, 22 a 24 de maio de 1930, p.2.

athletes for the Olympic Games, is of the opinion that for the present it is not necessary to define the meaning of leave with salary paid, and asks the I.O.C. to submit this question for consideration to the Executive Committee and the Consultative Council of the International Federations and that the next item on the Agenda should be taken.⁶⁶

Depois, na Sessão do COI de Viena, realizada em 1933, a Comissão de Amadorismo foi encarregada de estabelecer relações com as FIs, o que veio a acontecer em 1934 na cidade de Bruxelas.

Em 1934, na Sessão de Atenas, Sigfrid Edstorm voltou a colocar em questão os desportos equestres. Diz a ata:

Il est d'avis qu'il ne devrait pas être toléré, comme c'est parait-il le cas dans plusieurs pays, que des cavaliers, non propriétaires des chevaux qu'ils montent, touchent les prix revenant normalement au propriétaire.⁶⁷

Entretanto, Baillet-Latour informou os colegas do COI em reunião havida com os representantes da FI de Futebol fora informado de que aquela federação tinha tirado dos seus estatutos qualquer definição de amador deixando para as Federações Nacionais (FNs) “le soin de fixer le Statut et la qualification des joueurs”.⁶⁸ Depois na Sessão de Oslo, realizada em 1935, foi decidido que as definições estabelecidas pelas FNs tinham o mesmo valor daquelas estabelecidas pelas FIs. Para os JO da XI Olimpíada, que se realizariam em Berlim no ano de 1936, haveria um torneio de futebol na condição de que, de acordo com o estatuído pelas FNs, todos os atletas cumprissem o estatuto de amador. Foi ainda comunicado que os professores de ski seriam considerados profissionais. Nestes termos, foi decidido que:

... les professeurs de ski contre rétribution ne sont pas qualifiés pour prendre part aux épreuves olympiques de ski, réservées aux amateurs.⁶⁹

Mas a questão do amadorismo continuava longe de estar resolvida como se verifica pelo explanado na Sessão de Oslo relativamente ao assunto:

Des doutes exprimés par divers membres, relatif au respect intégral des règles de qualification amateur par certains des compétiteurs les plus célèbres des deux sexes dans les épreuves de patinage ont amené le Comité à rechercher quel serait le moyen le plus

⁶⁶ In: Bulletin Officiel du Comité International Olympique (1930), 5(16), 22.

⁶⁷ In: Ata da 32ª Sessão do COI - Atenas, 16 a 20 de maio 1934, p.5.

⁶⁸ In: Ata da 32ª Sessão do COI - Atenas, 16 a 20 de maio 1934, p.8.

⁶⁹ In: Ata da 33ª Sessão do COI - Oslo, 25 e 26 de fevereiro de 1935, p.8.

approprié d'intervenir dans cette question sans amener un froissement inutile avec les dirigeants de la Fédération Internationale compétente. L'assemblée s'est ralliée à la proposition du Président qui s'est offert à transmettre officiellement aux Présidents des Fédérations Nationales les cas suspects qui lui seraient signalés par ses collègues, à condition toutefois qu'ils soient accompagnées de preuves, (Cette décision demeurera secrète et ne figurera pas par conséquent dans le Bulletin Officiel du C.I.O.⁷⁰

Portanto, o COI queria utilizar a força, mas não estava certo da força que tinha. Por isso, a estratégia nunca era a do confronto direto com os problemas, mas o seu envolvimento ou até o protelar indefinidamente das decisões na expectativa de que as coisas se resolvessem por si só. Contudo, tal estratégia só podia ter alguma utilidade se não fosse conhecida pela parte contrária daí a preocupação em manter as decisões fora do conhecimento das FIs. A questão não era fácil de resolver e tanto assim era que, na Sessão de Oslo (1935), foi criada mais uma comissão para resolver o problema dos prémios que os atletas amadores podiam receber. E na ata de Oslo (1935) consta:

Le C.I.O. ayant appris que des prix en espèces, sous différentes formes, ont été constituées comme récompense à l'athlète qui aura accompli une performance sportive, prie les Comités Olympiques Nationaux de ne pas distribuer de tels prix et attire leur attention sur le fait que les athlètes qui les recevraient perdraient ipso facto leur qualité d'amateur. Si des prix de ce genre ont déjà été constitués, ils pourraient être remis aux Fédérations, qui utiliseraient ces fonds au développement du sport en général.⁷¹

Portanto, tratava-se de uma luta liderada por Sigfried Edstorm que, posteriormente, viria a ser continuada com o mesmo empenho e convicção por Avery Brundage.

Na Sessão do COI de 1936, que se realizou em Berlim, surgiu uma nova surpresa protagonizada pela FI de Ginástica que tinha adotado uma definição de amador que permitia aos professores de ginástica participarem nos JO. Todavia, o COI manteve-se fiel à perspectiva estrita de encarar o estatuto de amador.⁷² Pelo seu lado, como se pode constatar na ata da Sessão seguinte realizada em Varsóvia (1937), a FI de Ginástica informou o COI de que mantinha a sua posição relativamente aos professores de ginástica não perderem o seu estatuto de amadores se participassem nos JO.

A matéria continuava quente como se pode verificar pelo relato feito por Baillet-Latour acerca da reunião havida com as FIs acerca da questão do amadorismo decidida

⁷⁰ In: Ata da 33ª Sessão do COI - Oslo, 25 e 26 de fevereiro de 1935, p.7.

⁷¹ In: Ata da 33ª Sessão do COI - Oslo, 25 e 26 de fevereiro de 1935, p.16.

⁷² In: Ata da 34ª Sessão do COI - Berlim, 29 a 31 de julho de 1936, p.2.

na Sessão Viena (1933) em que as FIs de Atletismo, Andebol, Natação, Remo e Boxe manifestaram não estarem mais disponíveis para realizarem mais reuniões acerca da questão do amadorismo. Em conformidade, diz a ata:

Le Comité constate donc une fois de plus l'impossibilité pour les Fédérations Internationales de trouver une définition commune de l'amateur. Il se réjouit d'autre part de ce que le droit de chaque fédération d'établir à son gré des définitions plus ou moins sévères a été reconnu à nouveau et ce même droit lui ayant été reconnu à lui-même par les Congrès Olympiques de Prague et de Berlin, il décide de n'apporter aucune modification à BPO politique actuelle et, au contraire, sur la proposition de M. le Baron Schimmelpenninck et du Lt. Col. Scharroo, de renforcer encore sa lutte contre l'amateurisme marron et, enfin, sur la demande de M. Edstrom, d'étudier au cours de sa session de 1937 la situation, au point de vue de leur amateurisme, des sportifs écrivains professionnels.⁷³

Quer dizer que, sem força para impor uma decisão uniforme às FIs acerca de uma definição comum de amador, o COI endureceu a posição e ameaçou com novas perseguições, desta feita sobre os “sportifs écrivains professionnels”.

Em resposta à FI de Ginástica, Edstorm propôs que fosse adotada a seguinte regra:

Celui qui consacre la plus grande partie de son temps et tire son principal revenu, de l'enseignement du sport n'est pas admis, à prendre part aux Jeux Olympiques.⁷⁴

No entanto, por outro lado, o COI fazia uma cedência. Diz a ata:

Le Comité, a sujet des professeurs de gymnastique, estime que seuls, les professeurs qui enseignent la gymnastique élémentaire en même temps que d'autres branches du programme scolaire / tel que les instituteurs / sont amateurs au point de vue olympique.⁷⁵

Entretanto, os problemas relativos ao amadorismo continuavam não só a crescer como a tornarem-se cada vez mais complexos. Desta feita, em Varsóvia, surgiram em força também a posição dos professores de esqui, bem como a questão relativa aos prémios atribuídos pelos governos aos atletas ganhadores.

Mas, o COI também ia conseguindo algumas vitórias embora de pouco efeito. A União Ciclista Internacional (UCI) informou que, no seu Congresso de fevereiro de 1937, havia sido decidido que nas competições de amadores não podiam ser atribuídos

⁷³ In: Ata da 34ª Sessão do COI - Berlim, 29 a 31 de julho de 1936, p.4.

⁷⁴ In: Ata da 36ª sessão do COI - Varsóvia, 8 a 11 de junho de 1937, p.1.

⁷⁵ In: Ata da 36ª sessão do COI - Varsóvia, 8 a 11 de junho de 1937, p.1.

prémios em dinheiro. E como na Sessão de Varsóvia tinha sido criada uma comissão encarregada de estudar as questões colocadas ao MO no que diz respeito ao amadorismo foram propostas as seguintes perguntas e respostas:

3. Les gagnants olympiques qui ont reçu des cadeaux de la part de leur gouvernement peuvent-ils être admis encore aux Jeux Olympiques?

Réponse: Les participants qui ont reçu des cadeaux monnayables ou des avantages d'ordre matériel, ne seront pas admis aux Jeux Olympiques.

4. L'interdiction d'être amateur dans un sport si l'on est professionnel dans un autre est-elle universellement respectée?

Réponse: Un professionnel dans un sport est généralement considéré comme professionnel dans tous les autres sports. Dans l'opinion du C.I.O. il est désirable que cette règle soit observée généralement.

5. Situation des sportifs écrivains professionnels.

Réponse: Dans quelques pays des athlètes ont trouvé, uniquement grâce à leurs performances sportives, des situations dans les branches du reportage, du théâtre, du cinéma ou de la radio-diffusion. Cette exploitation de la réputation sportive ne s'accorde ni avec les principes ni avec l'esprit des Jeux Olympiques.

8. Quelle somme peut être allouée à un athlète comme argent de poche?

Réponse: Un athlète peut recevoir le remboursement des sommes normalement payées par lui telles que: blanchissage, autobus, tramways, etc; etc., a condition qu'elles ne dépassent pas trois shillings par jour au maximum.

9. Les Fédérations Nationales, les Comités Olympiques Nationaux ou les Clubs, sont-ils autorisés à faire des arrangements financiers avec un employeur afin de donner à un participant la certitude d'être réintégré dans son emploi après une absence motivée par sa participation à un Concours, International?

Réponse: La participation aux Jeux Olympiques doit être considérée comme un très grand honneur. Cette manière de voir est observée par la plupart des employeurs qui sont fiers de compter un athlète olympique parmi leurs employés. Il n'y a donc aucune nécessité de faire pour eux des arrangements financiers. Des allocations supplémentaires payées en plus du salaire habituel sont une violation des Règles Olympiques de Qualification.⁷⁶

Portanto, continuava-se em uma linha dura em que não se admitia a mínima folga aos atletas que não podiam receber compensações por parte dos governos. Se, por acaso, o atleta era profissional em uma modalidade desportiva, na perspectiva do COI, passava a ser em todas. Nenhum atleta podia estar ligado aos media sem quebrar o seu estatuto de amador. Os atletas não podiam receber uma soma superior a três xelins por dia para efeitos de despesas de manutenção de vida, como roupa lavada e transportes. Nenhum atleta podia receber quaisquer apoios de reintegração como forma de compensação de uma carreira desportiva.

⁷⁶ In: Ata da 37ª Sessão do COI - Cairo, 13 a 18 de março de 1938, p.2.

Na Sessão de Londres realizada de 6 a 9 de junho de 1939 nada aconteceu de especial relativamente ao amadorismo que viesse mencionado na ata. Entretanto a 1 de setembro de 1939 iniciou a II Guerra Mundial e o MO hibernou durante praticamente seis anos.

4.2 Controlo dos Atletas

A primeira Sessão do COI do pós-guerra aconteceu em Lausanne no ano de 1946 onde a questão do amadorismo foi novamente levantada relativamente aos professores de ski. Foi, ainda, levantada relativamente ao hóquei sobre o gelo que, segundo Brundage, era uma modalidade completamente envolvida pelo comercialismo pelo que praticada por profissionais. Em conformidade, solicitou a exclusão do hóquei sobre o gelo do PO. Nessa Sessão foi ainda considerado um relatório de uma comissão nomeada na reunião da CE do COI com os delegados das FIs. Diz o relatório:

Les délégués des Fédérations Internationales sportives réunies pour la première fois depuis la guerre à Lausanne, les 2 et 3 septembre 1946 avec les Membres de la Commission Exécutive du C.I.O., réaffirment leur attachement au développement du sport amateur dans tous les pays du monde sans exception, en accord avec l'idéal olympique, en exclusion de toute ingérence politique ou commerciale, et se déclarent déterminés à lutter de tout leur pouvoir pour la réalisation de cette conception du sport.⁷⁷

Seguiu-se a Sessão de Estocolmo, realizada de 18 a 21 de junho de 1947. A questão do amadorismo surgiu através de Brundage que colocou novamente a questão do hóquei sobre o gelo. Diz a ata:

Mr. Brundage fait rapport sur les entretiens qu'il a eus au sujet de ce sport en USA, au Canada, et avec la Ligue Int. de Hockey sur glace à ce sujet. Il estime qu'il faut encore une certaine correspondance avec les intéressés pour aboutir à une réglementation concernant l'amateurisme pur. Il espère que le hockey sur glace pourra être représenté à St-Moritz, car la Ligue Int. de Hockey sur glace entre entièrement dans les vues du CIO.⁷⁸

Entretanto, foi apresentado um novo projeto das regras sobre o amadorismo no qual a definição de amador passou a ser a seguinte:

⁷⁷ In: Ata da 39ª Sessão do COI - Lausanne, 3 a 6 de setembro de 1946, anexo I.

⁷⁸ In: Ata da 40ª Sessão do COI - Estocolmo, 18 a 21 de junho de 1947, p.5.

Un amateur est celui qui s'adonne et s'est toujours adonné, par goût et par distraction, ou pour son bien-être physique et moral, à la pratique du sport sans en tirer aucun profit matériel, directement ou indirectement. Pour être admis à prendre part aux Jeux olympiques, un compétiteur doit être amateur et être ressortissant de la Fédération internationale reconnue par le C.I.O., régissant le sport auquel il participe. La Fédération nationale qui, dans chaque pays dirige un sport particulier, doit certifier sur la formule d'engagement mise à sa disposition par le Comité organisateur des Jeux, que chaque compétiteur est amateur, conformément aux règles de la Fédération internationale régissant ce sport. Cette déclaration doit être contresignée par le Comité olympique national de ce pays. Ce comité doit vérifier le fait que les concurrents sont amateurs conformément aux règlements de la Fédération internationale intéressée et du C.I.O. En outre, chaque compétiteur doit signer la déclaration suivante: Je soussigné déclare sur l'honneur être amateur conformément aux règles de la Fédération internationale régissant mon sport et n'avoir jamais transgressé ces règles en connaissance de cause. Je déclare ne m'adonner à la pratique du sport que par goût et par distraction et pour mon bien-être physique et moral, sans en tirer aucun profit matériel directement ou indirectement, et remplir les conditions requises par les règles olympiques.⁷⁹

Apesar do relatório a questão amadorismo continuou a estar presente na Sessão de 1948 que se realizou de 29 de janeiro a 8 de fevereiro em St. Moritz bem como na Sessão de Roma realizada entre 21 e 27 de abril de 1949. Entretanto, a questão voltou novamente, e com toda a força, na 44ª Sessão realizada de 17 a 19 de maio em Copenhaga. Tratava-se de estabelecer uma nova definição pelo que surgiram duas propostas: uma do norueguês Thos Fearnley; outra, também de um norueguês, Ditlev Simonsen. Eram elas, respectivamente:

Un amateur doit remplir les conditions du Règlement de l'Amateur de la Fédération internationale qui régit son sport. Si une Fédération Internationale adopte ou pratique un règlement de l'amateur qui ne soit pas en accord avec l'esprit olympique, le Comité International Olympique peut suspendre la reconnaissance de cette fédération ou l'exclure de la participation aux Jeux Olympiques.⁸⁰

Un amateur est celui qui participe à un sport en accord avec les Règles de la Fédération Internationale qui régit ce sport. Cette Fédération doit être reconnue par le Comité International Olympique.⁸¹

Alguns membros argumentavam que a questão estava resolvida pelo que não fazia qualquer sentido voltar a questionar as FIs sobre o assunto. Contudo, Fearnley contra-argumentava que:

⁷⁹ In: Bulletin du Comité International Olympique (1947), 5.

⁸⁰ In: Ata da 44ª Sessão do COI - Copenhaga, 15 a 17 de maio de 1950, anexos 9,10.

⁸¹ In: Ata da 44ª Sessão do COI - Copenhaga, 15 a 17 de maio de 1950, anexos 9,10.

le texte actuel ... est trop rigide à son avis, et ce sont les termes suivants qu'il combat tout particulièrement sans en tirer aucun profit matériel, directement ou indirectement.⁸²

Muito embora as propostas tenham sido rejeitadas o que é fato é que a questão do amadorismo, ao contrário daquilo que alguns pretendiam, não estava resolvida.

A partir do exposto anteriormente, este subcapítulo tem por objetivo analisar algumas questões relativas ao controlo dos atletas sustentado pelo COI. Para melhor esclarecer essa questão, este subcapítulo foi dividido em quatro partes: 1ª) Nova Vida, Velhos Problemas; 2ª) A Abolição dos Jogos Olímpicos de Inverno; 3ª) Regra 26; e 4ª) O “Hard Power” de Brundage.

4.2.1 Nova Vida, Velhos Problemas

No início do mandato de Brundage, a necessidade de preservar uma cultura de amadorismo estendia-se aos CONs que não podiam ter gestores profissionais vindos inclusivamente dos clubes desportivos. Ocorriam exceções para os profissionais das universidades, pois estes não obtinham vantagens por ocupar determinados cargos.⁸³

Também não era possível ao COI aceitar a inclusão de instituições interessadas no desporto profissional. Nesta perspetiva, quando em 1953, as FIs de futebol e ciclismo em termos departamentais se dividiram em profissionais e amadoras deixaram de ser reconhecidas pelo COI. Porém, no que diz respeito ao profissionalismo, também os alicerces da instituição olímpica começavam a abanar. Acerca do assunto já não existia unanimidade pelo que os membros do COI decidiram avaliar melhor o que deveria ser feito.⁸⁴ A norma em vigor era que o reconhecimento das FIs só ocorreria se as federações fossem exclusivamente de amadores. A situação não era fácil na medida em que se dizia que alguns jogadores profissionais tinham competido em Helsinki (1952) o que causava indignação aos membros do COI que exigiam o esclarecimento da situação. O problema estava relacionado com o ciclismo.

Mr. Brundage mentions that during the Conference which the E.C. has held with the N.O.Cs, a few days ago, several Delegates expressed their indignation when they heard that some professional

⁸² In: Ata da 44ª Sessão do COI - Copenhaga, 15 a 17 de maio de 1950, p.16.

⁸³ In: Ata da 48ª Sessão do COI - México, 17 a 21 de abril de 1953, p.4.

⁸⁴ In: Ata da 48ª Sessão do COI - México, 17 a 21 de abril de 1953, p.6.

players, parading as amateurs, had been participating in the Helsinki Games.⁸⁵

No ano seguinte, em 1954, a FIFA enviou instruções sobre a questão do amadorismo para as federações nacionais filiadas,⁸⁶ o que gerou uma certa confusão. Note-se que as federações da Bélgica e da Suíça não tinham mandado equipas para Helsínquia (1952), pois tinham dúvidas sobre as regras do amadorismo, pelo que entenderam não enviar atletas. Diz a ata:

Regarding the question of Amateurism, the speaker remarks that the strictest instructions have been given by the FIFA to the National Federations affiliated.⁸⁷

Sobre a filosofia do estatuto de amador, Brundage considerava importante manter o público e a imprensa bem informados. Para ele, como o COI estava muito ocupado com questões técnicas, negligenciava o lado moral de sua missão:⁸⁸

Mr. Brundage believes that we must keep the public and the press better informed on the statute of Amateurism and the philosophy of the Olympic Movement. We are prone to occupy ourselves too much with the technical side and are apt to neglect the moral side of our task.⁸⁹

O ambiente tornava-se cada vez mais pesado. As desclassificações por profissionalismo no COI, que já ocorriam há bastante tempo, continuavam a gerar um mau estar, desde logo porque nunca eram absolutamente claras. Por exemplo, o atleta Noverraz foi desclassificado em 1936 no desporto da vela. Embora o CON da Suíça tivesse pedido para que a decisão fosse revogada, a fim do atleta poder competir em 1960 em Roma, tal pedido não foi aceite. Este caso durou cerca de 23 anos na medida em que a Regra 26 estipulava que, uma vez desclassificado, o atleta não poderia mais participar dos JO.⁹⁰

Brundage tinha uma preocupação muito especial relativamente à comunicação social. E, em 1955, advertiu os membros do COI de que a imprensa internacional fazia contundentes críticas ao falso amadorismo. E denunciava a existência de profissionais nos JO. Na realidade, de uma maneira geral, a opinião pública tinha uma má impressão relativamente aos profissionais. E considerou que, muito embora, os JO ainda não

⁸⁵ In: Ata da 48ª Sessão do COI - México, 17 a 21 de abril de 1953, p.15,16.

⁸⁶ In: Ata da 49ª Sessão do COI - Atenas, 11 a 15 de maio de 1954, p.17.

⁸⁷ In: Ata da 49ª Sessão do COI - Atenas, 11 a 15 de maio de 1954, p.17.

⁸⁸ In: Ata da 49ª Sessão do COI - Atenas, 11 a 15 de maio de 1954, p.20.

⁸⁹ In: Ata da 49ª Sessão do COI - Atenas, 11 a 15 de maio de 1954, p.20.

⁹⁰ In: Ata da 56ª Sessão do COI - São Francisco, 15 a 16 de fevereiro de 1960, anexo 7.

tivessem sido atingidos, em um futuro próximo, podiam bem sê-lo.⁹¹ Brundage considerava que se o COI não quisesse perder o respeito do público e da imprensa, deveria encontrar respostas para estes problemas.⁹²

I have here a think dossier of articles and press cuttings dealing with amateurism. Many of them are critical of the I.O.C. because they say non-amateurs compete in the Olympic Games. Other allege that there are no longer any true amateurs, what with payments for broken time, training camps, "State amateurs", etc. Articles of this kind appear so frequently these days that it is discouraging. Where there is so much smoke there must be some fire. Whether or not the Olympic Games are involved, the impression on the public is bad. We of the International Olympic Committee should be deeply concerned about this situation. We are supposed to set standards. Even if the Olympic Games are not involved presently, they soon will be if the trend in this direction continues. We are dedicated to the promotion of the amateur ideal and protection of the Olympic Movement. What shall we do about it?⁹³

Como se verifica pela exposição de Brundage a situação não era nada fácil. Por um lado, o desporto evoluía extraordinariamente ao ponto de existirem em alguns países centros de treino (training camps) e pagamento de compensações por vencimentos perdidos (payments for broken time), por outro lado, alguns membros do COI pretendiam manter a organização como se, entretanto, nada tivesse acontecido. Nesta óptica, Brundage continuava a defender que nos JO deveriam participar exclusivamente amadores em uma simples perspectiva recreativa sem quaisquer ganhos materiais.⁹⁴ E, em 1956, radicalizou ainda mais a sua posição advertindo que os jogadores só deveriam receber medalhas e nenhum outro tipo de presente.⁹⁵

Neste contexto, foi pedido aos COJOs dos JO de Inverno de Cortina D'Ampezzo (1956), e de Verão de Melbourne (1956) e Estocolmo (1956 - Jogos Equestres) uma atenção especial sobre os atletas não amadores, já que a opinião pública dizia que alguns deles estavam a participar nos JO a fim de obterem vantagens ou contratos posteriores.⁹⁶ Em conformidade, Brundage advertiu a Sessão de 1956 que o COI iria eliminar os desportos e os CONs que não cumprissem com as regras. E esclareceu que, como nada podia ser feito contra os atletas, uma vez que era difícil obterem-se meios de prova suficientemente credíveis, as responsabilidades teriam de ser remetidas para os

⁹¹ In: Ata da 50ª Sessão do COI - Paris, 13 a 17 de junho de 1955, p.71.

⁹² In: Ata da 50ª Sessão do COI - Paris, 13 a 17 de junho de 1955, p.73.

⁹³ In: Ata da 50ª Sessão do COI - Paris, 13 a 17 de junho de 1955, p.71.

⁹⁴ In: Ata da 50ª Sessão do COI - Paris, 13 a 17 de junho de 1955, p.71.

⁹⁵ In: Ata da 51ª Sessão do COI - Cortina D'Ampezzo, 24 a 25 de janeiro de 1956, p.27.

⁹⁶ In: Ata da 51ª Sessão do COI - Cortina D'Ampezzo, 24 a 25 de janeiro de 1956, p.28.

CONs e FIs.⁹⁷ Esta posição foi sustentada relativamente ao ciclismo que apresentava um padrão de profissionalismo demasiado elevado. Para além disso, sem que se especificassem quais, dizia-se que havia FIs que incentivavam o profissionalismo. Em consequência, foi decidido pedir à FI de ciclismo a confirmação se tinha havido um evento amador de ciclismo com prémios. Caso a resposta fosse afirmativa a modalidade devia ser retirada do PO.⁹⁸ Outro exemplo foi a Federação Argentina de Remo que devido à violação da Regra do Amadorismo foi suspensa da FI e não pôde participar nos JO de Melbourne (1956).⁹⁹

Na verdade, as suspeitas de atuação de profissionais nos JO eram anteriores ao mandato de Brundage. Em St. Moritz (1948) houve suspeita de um membro da equipa norte-americana ser profissional. O caso esteve relacionado ao fato do atleta ser membro da FI e não ter sido considerado como profissional.¹⁰⁰

A questão da perseguição aos profissionais tornou-se em uma obsessão ao ponto de Brundage, relativamente à imprensa, sugerir que se pagasse um prémio ao jornalista que escrevesse o melhor texto sobre amadorismo e Olimpismo. Além disso, também aventou a hipótese de se organizar uma conferência aberta à imprensa sobre a filosofia do amadorismo.¹⁰¹

Tratava-se de saber se o COI deveria continuar a reconhecer as FIs de profissionais e amadores. Após a votação, foi decidido permitir o reconhecimento. Diz a ata:¹⁰²

Decision: The I.O.C. would continue to recognize the International Federations which control both amateur and professional sport at one and the same time.¹⁰³

Entretanto, em 1965, o COI pediu à FIFA e à UCI que resolvessem a situação no sentido de existirem federações exclusivamente para amadores. E em 1966, a federação de ciclismo criou uma federação amadora e a de futebol uma comissão. Claro que Brundage manifestou a opinião de que a solução não era totalmente satisfatória para o

⁹⁷ In: Ata da 52ª Sessão do COI - Melbourne, 19 a 21 de novembro de 1956, p.6,7.

⁹⁸ In: Ata da 52ª Sessão do COI - Melbourne, 19 a 21 de novembro de 1956, p.9.

⁹⁹ In: Ata da 52ª Sessão do COI - Melbourne, 19 a 21 de novembro de 1956, p.6.

¹⁰⁰ In: Ata da Reunião da Comissão Executiva com os delegados dos CONs - Tóquio, 16 de maio de 1958, p.2.

¹⁰¹ In: Ata da 56ª Sessão do COI - São Francisco, 15 a 16 de fevereiro de 1960, p.9.

¹⁰² In: Ata da 60ª Sessão do COI - Baden-Baden, 16 a 20 de junho de 1963, p.4.

¹⁰³ In: Ata da 60ª Sessão do COI - Baden-Baden, 16 a 20 de junho de 1963, p.4.

COI e recordou os membros que a equipa italiana de futebol teve que desistir dos JO em Tóquio (1964) por ter profissionais.¹⁰⁴

Perante a situação que, em boa verdade era muito difícil de se resolver, na medida em que eram diferentes perspectivas culturais que estavam em confronto, o COI em uma estratégia emergente em função das situações que chegavam às Sessões entrava em uma política de “pequenas cedências” aceitando que alguma coisa mudasse para que tudo pudesse continuar na mesma. Em conformidade, foi decidido aceitar a comissão de amadores da FIFA para não prejudicar o futebol. No fundo, havia consciência de que, no futebol, existiam milhões de praticantes amadores e poucos profissionais. Contudo, eram estes últimos que faziam com que os amadores se desenvolvessem. Diz a ata:

Several speakers pointed out that millions of amateurs play football and that professionals form a very small percentage of the players. The proceeds from the professionals are what permit the amateur sport to develop. Professionalism is practically unknown in Africa and in Asia but is encountered especially in Europe and South America. The general opinion was that great severity must be the rule at the time of the qualification of the players for the Olympic Games, but football which is a very popular sport should be maintained at the Games. The new amateur commission should be left the time to prove itself and to see if it functions to the satisfaction of the IOC. The National Olympic Committees who know players and officials must exercise a very close supervision.¹⁰⁵

Os escândalos com o esqui alpino em Sapporo (1968) deixaram Brundage transtornado. Ele considerava que os problemas do profissionalismo continuariam enquanto o esqui alpino fizesse parte do programa dos JO de Inverno. De fato, mesmo segundo a opinião de elementos da FI, praticamente nenhum esquiador poderia participar nos JO com o código de elegibilidade que estava em vigor.¹⁰⁶ O que acontecia é que os esquiadores colocavam nas fichas de inscrição que a sua situação estava em conformidade com as normas da FI o que não queria dizer que estivessem em conformidade com as normas do COI, já que tinham ocorrido mudanças nas regras das FIs e elas eram diferentes das do COI.¹⁰⁷ A imprensa, por sua vez, relembra o caso do

¹⁰⁴ In: Ata da 64ª Sessão do COI - Roma, 24 a 30 de abril de 1966, p.16; e Ata da 63ª Sessão do COI - Madrid, 6 a 9 de outubro de 1965, p.11,12.

¹⁰⁵ In: Ata da 63ª Sessão do COI - Madrid, 6 a 9 de outubro de 1965, p.12.

¹⁰⁶ In: Ata da 73ª Sessão do COI - Munique, 21 a 24 de agosto de 1972, p.46.

¹⁰⁷ In: Ata da 73ª Sessão do COI - Munique, 21 a 24 de agosto de 1972, p.47.

atleta Schantz que tinha sido penalizado e perguntava: Se o COI sabia que todos os esquiadores eram profissionais porque penalizou só um?¹⁰⁸

4.2.2 A Abolição dos Jogos Olímpicos de Inverno

Os JO de Inverno eram uma velha questão que, devido aos problemas do comercialismo e profissionalismo, preocupava as consciências mais tradicionalistas do MO com Brundage à cabeça. Segundo ele, pelo menos, desde 1936, tinham existido disputas acerca do esqui alpino nos JO. Dizia Brundage:

... since 1936 at least there had been disputes over skiing in the Winter Games. This was a sport always prone to disputes and scandals and the IOC should not continue to be subjected to this. He mentioned also the recent disputes over ice hockey and the scandal that could arise from the forth-coming match between the Soviet Olympic team and the Canadian professionals.¹⁰⁹

A partir de 1960, a situação tinha-se tornado de tal maneira problemática que a abolição dos JO de Inverno passou a estar em pauta. E o norueguês Ditlev-Simonsen, argumentou que muitos membros se posicionavam a favor da abolição dos JO de Inverno, na medida em que os JO se estavam a tornar cada vez mais profissionais. E foi dado como exemplo os problemas do profissionalismo que estavam a acontecer no hóquei no gelo que acabavam por ter um forte o impacto na imprensa canadiana que se referia aos JO dos pseudo-amadores. Contudo, a respeito da descontinuação dos JO de Inverno, Ditlev Simonsen foi claro a manifestar a sua opinião:

If we abolish the winter games which today is a very important part of the Olympic Games as a whole, we would give up our fight and work for amateur sport in a very important field. Millions of winter sport athletes spread all over the world would be deeply disappointed.

(...)

The few swindlers breaking the rules must not win in our committee's fight for amateur sport according to our rules and regulations. The athletes winning through false statements and lies, in the end find no real happiness in their sport activities.

I believe therefore that I have all the honest and good youth in the field of sport in the world behind me when I on their behalf ask this committee not to disappoint them, but as strongly as possible continue the fight to keep the standard of amateur sport flying.

(...)

I propose the following resolution:

From time to time during the last few months we have seen rumours in the press in several countries that the I.O.C intends to

¹⁰⁸ In: Ata da 73ª Sessão do COI - Munique, 21 a 24 de agosto de 1972, p.47.

¹⁰⁹ In: Ata da 73ª Sessão do COI - Munique, 21 a 24 de agosto de 1972, p.48.

abolish the Olympic Winter Games after the games in Innsbruck in 1964.

The I.O.C. finds it necessary firmly to deny such rumours. Our committee has in our meeting here today unanimously deemed this idea groundless.

It has been, and is our committee's firm intention to fight for amateur sport II according to the I.O.C. rules and regulations in all sports. This concerns as well as winter sports.

We know that our work is opposed by certain business-minded institutions and individuals, and we therefore seriously urge the international federations and all (national) Olympic committees strongly to support us in our work.¹¹⁰

A opinião da imprensa evidenciava uma pressão para que o COI abolisse os JO de Inverno. Contudo, Ditlev-Simonsen também avisou os seus pares que poderia ser o começo do fim do COI se os membros aceitassem abolir os JO de Inverno. Para ele, o evento era muito importante para os JO em geral e se o abolissem estariam a desistir da luta pelo desporto e pelo amadorismo. Ele admitiu que muitos atletas mentiam, que não seguiam as regras e que iriam continuar a fazê-lo. Todavia, os outros atletas, aqueles que respeitavam as regras, não deveriam pagar por aqueles que prevaricavam.

Em 1964, a Sessão de Innsbruck aqueceu quando o francês Armand Massard manifestou a opinião de que nenhum atleta estava em condições de participar nos JO de Innsbruck. Brundage informou a Sessão de que, depois da Sessão de Moscovo, o Comité Olímpico Francês tinha enviado uma carta circular aos seus membros informando-os que o Presidente do COI tinha, por si só, alterado as regras de elegibilidade. Depois, diz a ata que Brundage declarou que:

... c'est là une accusation sérieuse, et que si un seul membre dans l'assemblée pense qu'il a pu commettre une aussi détestable action, il quittera le comité.¹¹¹

Depois Massard, deu o dito por não dito, e manifestou o acordo necessário a Brundage. Diz a ata:

M. Massard dit que le C.O. Français n'a aucun doute sur l'intégrité morale du Président.¹¹²

A comunicação social, entretanto, publicava artigos em que acusava o hóquei no gelo de não ter equipas amadoras pelo que, a ser verdade, o COI estava a pactuar com tal situação. Sabia-se que tinha havido pressões sobre o COJO de Innsbruck no sentido

¹¹⁰ In: Ata da 56ª Sessão do COI - São Francisco, 15 a 16 de fevereiro de 1960, anexo 6.

¹¹¹ In: Ata da 61ª Sessão do COI - Innsbruck, 26 a 28 de janeiro 1964, p.3-4.

¹¹² In: Ata da 61ª Sessão do COI - Innsbruck, 26 a 28 de janeiro 1964, p.3-4.

de ser dado mais dinheiros aos atletas de hóquei no gelo caso contrário a modalidade deixaria de estar presente em Innsbruck. Claro que o COJO de Innsbruck recusou categoricamente tal possibilidade. Na realidade o COI até exigia aos atletas, às federações nacionais e aos CONs uma declaração relativa à salvaguarda da elegibilidade amadora dos seus atletas. Depois aconteceu uma discussão alargada a vários membros em que foi decidido:

...to send serious warnings to the International Federations of those sports in which the amateur status was suspect. The task of the I.O.C. was to show the value of winter sports.¹¹³

Os Jogos de Innsbruck (1964) decorreram sob o lema da simplicidade e do bom senso: “Simple Games - Back to Reason”. Do ponto de vista político o mais significativo foi a participação com uma equipa conjunta das duas Alemanhas. Contudo, na patinagem de figuras pares, os alemães Marika Kilius e Hans-Jurgen Baumier que ganharam as medalhas de prata tiveram de as devolver em virtude de se ter vindo a saber que tinham assinado um contrato profissional antes dos JO.

Em 1972, a eventual abolição dos JO de Inverno levou Marc Hodler presidente da FI de esqui¹¹⁴ a manifestar a sua insatisfação à comunicação social. Como Marc Hodler sabia que o principal advogado para se acabar com os JO de Inverno era Brundage, perante o descalabro que seria para o esqui se a perspectiva de Brundage fosse avante, não hesitou em dizer à comunicação social: “Brundage must go”. Contudo, como Hodler para além de advogado de grande competência e prestígio, era um jogador de bridge de nível internacional devia saber muito bem que estava a sugerir uma impossibilidade. Vai daí, também não hesitou em dar o dito por não dito e negar que tinha proferido aquela afirmação.

No entanto, quando Hodler foi questionado pela Comissão Executiva acabou por dizer que nada se tinha passado.¹¹⁵ Brundage acabou por dizer que não era contra os desportos de inverno, mas que o esqui alpino não cumpria com as regras e tinha de ser excluído do PO.¹¹⁶ Exeter colocou-se do lado de Brundage e sugeriu que se terminasse com os JO de Inverno.¹¹⁷ Todos os argumentos eram possíveis. E por incrível que possa

¹¹³ In: Ata da 61ª Sessão do COI - Innsbruck, 26 a 28 de janeiro 1964, p.3-4.

¹¹⁴ Hodler foi presidente da Federação Internacional de Esqui de 1951 a 1998.

¹¹⁵ In: Ata da 73ª Sessão do COI - Munique, 21 a 24 de agosto 1972, p.47.

¹¹⁶ In: Ata da 73ª Sessão do COI - Munique, 21 a 24 de agosto 1972, p.47.

¹¹⁷ In: Ata da 73ª Sessão do COI - Munique, 21 a 24 de agosto 1972, p.47.

parecer Brundage defendeu que o esqui devia sair do PO devido ao enorme montante de dinheiro provenientes dos direitos televisivos uma vez que a opinião pública podia achar que os JO de Inverno se mantinham por motivos exclusivamente comerciais.¹¹⁸

Por fim, Brundage resolveu dar mais uma oportunidade aos JO de Inverno de 1976 uma vez que tinham sido transferidos por plebiscito Denver para Innsbruck. Mas avisou que caso existissem problemas em Innsbruck os JO de Inverno deveriam ser descontinuados:

President Brundage added that it was his personal view that the Winter Games should be discontinued (and he would present a written statement on the matter) and if there was trouble with the organization in Denver, this could be an appropriate time to end them. He said perhaps Denver could host instead the world championships.¹¹⁹

Em outra perspectiva, existiam membros do COI que defendiam a permanência dos JO de Inverno sustentando razões diferentes e complementares. Smirnov, defendia por serem muito populares e por envolverem muita gente; Herzog, pela grande aceitação e participação jovem nos desportos alpinos; e Reczek, pelo prestígio que traziam ao MO.¹²⁰

4.2.3 Regra 26

O contexto conturbado em que o MO vivia levou o membro Mayer, em 1960, a sugerir que fossem feitas alterações na Regra 26 do amadorismo, sendo formada uma comissão para este fim.¹²¹ Ele fez uma proposta referente ao amadorismo, já que para ele a Regra 26 do amadorismo já estava ultrapassada. Ele sustentava a sua posição perguntando: Como um trabalhador iria deixar de receber o seu salário para os meses de treino necessários para participar dos JO? Para ele era impossível obter resultados sem infringir a Regra 26. Mayer deu vários exemplos de quebra da Regra por diversos atletas e que acabam sempre por ir aos JO.

One of the Olympic champions at Squaw Valley is also a water-skiing champion. Last May he was invited to take part in a competition at Montreux. His fee for this exhibition was 300 Swiss Francs. In May 1960, the basketball team of a well-known country went to America for three months in order to train for the Games at

¹¹⁸ In: Ata da 73ª Sessão do COI - Munique, 21 a 24 de agosto 1972, p.47.

¹¹⁹ In: Ata da 73ª Sessão do COI - Munique, 21 a 24 de agosto 1972, p.48.

¹²⁰ In: Ata da 73ª Sessão do COI - Munique, 21 a 24 de agosto 1972, p.48.

¹²¹ In: Ata da 57ª Sessão do COI - Roma, 22 a 24 de agosto de 1960, anexo 3.

Rome. Do you imagine that these athletes gave up their own work for three months without receiving an indemnification? An Olympic Champion took part in equestrian competitions at Lausanne, Evian and Divonne. In Lausanne, he received as indemnity and prize money, the sum of 12'000 Swiss Francs. He will be appearing at Rome as an amateur. Another Olympic rider mounted on a horse which was not his property, was paid in Lausanne the sum of 9'000 Swiss Francs for his participations in three events. Doubtless, he will also make his appearance at Rome as an amateur. An Olympic champion has published a full-page photograph of himself in order to advertise PERVAL nylon fabric shirts. He is depicted wearing a PERVAL shirt.¹²²

Neste sentido, Mayer apresentou uma defesa para mudar a Regra 26. Ele enfatizou que em sua opinião o princípio do amadorismo não deveria ser abandonado, já que este princípio formava a base do ideal olímpico. Para ele, a abolição do amadorismo poderia levar ao fim do olimpismo. Mayer sustentava uma adequação da Lei e a defesa do amadorismo.¹²³ Quanto à Regra do Amadorismo, ficou decidido não mudar nada. Entretanto, foi aumentada a duração dos treinamentos em campo de três semanas para não mais que um mês.¹²⁴

A discussão era apresentada em diversas posições sustentando o amadorismo. Para Exeter sem o amadorismo o COI, FIs, CONs e COJOs não existiriam, já que o que os mantinha era ter um mesmo ideal. Alexander declarou que existiam certos membros dos CONs que eram empregados de governos e que o COI deveria reagir firmemente contra esta situação.¹²⁵ Brundage, Exeter e Claik lembraram que os membros das federações nacionais também deviam ser amadores.¹²⁶

Mesmo existindo uma firme posição de defesa do amadorismo, em 1965, mais dois casos de profissionalismo foram relatados. Foi o caso de dois atletas da Alemanha que foram apanhados por não serem amadores.¹²⁷

Mr. Paume (Germany) answered a question concerning the Kilius/Bäumler case about which a report had been handed over to a special committee named by the IOC. This report concluded that the couple was not amateur. Mr. Daume said that until now, no decision had been taken but that the German Olympic Committee will do what is necessary.¹²⁸

¹²² In: Ata da 57ª Sessão do COI - Roma, 22 a 24 de agosto de 1960, anexo 3.

¹²³ In: Ata da 57ª Sessão do COI - Roma, 22 a 24 de agosto de 1960, anexo 3.

¹²⁴ In: Ata da 62ª Sessão do COI - Tóquio, 6 a 8 de outubro de 1964, p.8.

¹²⁵ In: Ata da 63ª Sessão do COI - Madrid, 6 a 9 de outubro de 1965, p.3.

¹²⁶ In: Ata da 63ª Sessão do COI - Madrid, 6 a 9 de outubro de 1965, p.4.

¹²⁷ In: Ata da 63ª Sessão do COI - Madrid, 6 a 9 de outubro de 1965, p.19.

¹²⁸ In: Ata da 63ª Sessão do COI - Madrid, 6 a 9 de outubro de 1965, p.19.

Esta situação levou o membro Exeter a sugerir a alteração na Regra 26 do amadorismo para que o Comissão Executiva tivesse mais poder para interferir em qualquer caso. A sugestão foi a seguinte:

The International Olympic Committee reserves to itself the right to make exceptions to these rules in the case of sports or individuals, provided that the basic principles that a competitor does not make a profit or livelihood out of his sport is not infringed, and that this right should be vested in the Executive Board till the Munich meeting.¹²⁹

4.2.4 O “Hard Power” de Brundage

Brundage, em 1961, ressaltou a impossibilidade de controlar os atletas em todo o mundo, enfatizando que isso teria que ficar sob a responsabilidade dos CONs. Na perspectiva do presidente era importante reforçar as regras e criar penalidades.¹³⁰

O presidente do COI posicionava-se dizendo que atualizar as regras seria legitimar o ilegítimo e que não se deveria aceitar as mudanças.¹³¹

There is a continuous cry from those ignorant of Olympic philosophy that we should revise our rules, that times have changed since the Games were revived in 1896 and that the regulations should be modified to meet modern conditions. In other words we should legitimize the illegalities. This is not the answer. It is true that times have changed (largely for the better, incidentally), but just as in 1896 there were only two kinds of competitors, those with a vocation who are interested in sport for sports sake, and those interested for financial reasons who are subsidized in one way or another or paid outright; there are only two kinds of competitors today, and there will be only the same two kinds tomorrow. It is as simple as that!¹³²

Entretanto, a posição de inflexibilidade de Brundage continuava a ser atacada. Mesmo tendo sido solicitada uma alteração na Lei do Amadorismo para dar mais poder para o Comissão Executiva decidir certos casos, tendo sido esclarecido por alguns membros que os tempos tinham mudado, e que esta regra tinha de ser melhor discutida, Brundage manteve a sua posição e disse que o amadorismo estava sendo discutido nos últimos 40 anos e que naquele momento só se falava neste assunto e que nada poderia ser mudado devido a proximidade dos JO de Munique (1972).¹³³

¹²⁹ In: Ata da 71ª Sessão do COI - Luxemburgo, 11 a 18 de setembro de 1971, p.9.

¹³⁰ In: Ata da 58ª Sessão do COI - Atenas, 19 a 21 de junho de 1961, p.11.

¹³¹ In: Ata da 69ª Sessão do COI - Amsterdão, 12 a 16 de maio de 1970, anexo I.

¹³² In: Ata da 69ª Sessão do COI - Amsterdão, 12 a 16 de maio de 1970, anexo I.

¹³³ In: Ata da 71ª Sessão do COI - Luxemburgo, 11 a 18 de setembro de 1971, p.9.

4.3 Definição de Amador

A questão da definição de amador voltou a ser tratada em 1961 com a seguinte sugestão de alteração da Regra 26:

An amateur is one who participates and always has participated in sport without material gain. To qualify as an amateur, it is necessary to comply with the following conditions: a) Have a normal occupation destined to insure his present and future livelihood. b) Never have received any payment for taking part in any sports competitions. c) Comply with the rules of the International Federation concerned. d) Comply with the official interpretation of this regulation.¹³⁴

Buscando contornar o problema, a FIFA apresentou a sua definição de amador em 1966.¹³⁵

Players who have taken part in a football match or training session and who have been refunded: a) their actual expenses for travel, necessary maintenance and hotel charges who b) in special cases, have been specifically authorized by their National Association to receive expenses for equipment, physical preparation and insurance against accidents during play and whilst travelling are considered to be amateur players.¹³⁶

Thus a player who receives fees for playing in matches, or any other payment prohibited by the FIFA definition of an amateur, is not eligible to take part in Amateur International Tournaments organized by, or under the direct auspices of F.I.F.A., or the Association Football Tournament of the Olympic Games, even though he may remain an amateur according to the definition of his National Association.¹³⁷

Uma importante mudança ocorreu quando foi decidido trocar na Regra 26 o termo “olympic amateur” para “olympic competitor”. Inicialmente, foi proposta a mudança no livro de regras do termo “olympic amateur” para “olympic athletes” significando que os atletas estavam de acordo com as regras de elegibilidade. Porém, surgiu a sugestão do membro Weir para usarem a palavra competidor e não atleta, pois este último não se aplicava a todos os desportos.¹³⁸

Pound alertou, como advogado, sobre a dificuldade de se fazer um texto incontestável e que por muitos anos o COI buscou o conceito de amador e que naquele momento queria abandonar isto e buscar um conceito de profissional. Ericsson defendeu

¹³⁴ In: Ata da 58ª Sessão do COI - Atenas, 19 a 21 de junho de 1961, anexo 5.

¹³⁵ In: Ata da 64ª Sessão do COI - Roma, 24 a 30 de abril de 1966, anexo 7.

¹³⁶ In: Ata da 64ª Sessão do COI - Roma, 24 a 30 de abril de 1966, anexo 7.

¹³⁷ In: Ata da 64ª Sessão do COI - Roma, 24 a 30 de abril de 1966, anexo 7.

¹³⁸ In: Ata da 73ª Sessão do COI - Munique, 21 a 24 de agosto 1972, p.45.

que o termo profissional estava na CO e que tinha de ter uma definição, para ele muitas críticas eram feitas mas nenhuma construtiva. Włodzimierz Recze, membro do COI para a Polónia, era da opinião que o amadorismo era uma proteção contra o comercialismo¹³⁹ e Carraro advertiu que nos últimos três JO, provavelmente, todos os atletas que foram ao pódio recebiam retorno financeiro ou de mesma natureza.¹⁴⁰

A partir do exposto anteriormente, este subcapítulo tem por objetivo analisar as questões relativas às definições de amador que foram de crucial importância para o fim do amadorismo. Para melhor esclarecer esta questão, este subcapítulo foi dividido em três partes: 1ª) “Olympic Amateur” *versus* “Olympic Competitor”; 2ª) Desportos Profissionais; e 3ª) Publicidade nos Atletas.

4.3.1 “Olympic Amateur” versus “Olympic Competitor”

No contexto apresentado anteriormente, surgiu uma definição de profissional.

The designation of professional is justified when the IOC judges that the athlete has incontestably the practice of competitive sport as his principal source of financial gain, even if the exercise of this activity is disguised by an employment.¹⁴¹

Evidenciando as dificuldades, Masaji Kiyokawa, membro do COI para o Japão, falou que a identidade do COI e dos membros deveria ser restaurada, já que a sua credibilidade estava se perdendo no mundo do desporto. Para ele, deveria existir mais clareza na Lei da Elegibilidade e no conceito de profissional, já que o de amador não aparecia mais na CO.

Mr. Kiyokawa stressed that the identity of the IOC and its members should be restored as credibility and authority were currently being lost in the world of sport. Great clarity was called for with respect to the IOC's eligibility rules, and a definition should be given of a "professional" as the word "amateur" no longer appeared in the Charter.¹⁴²

Vladimir Stoytchev, membro do COI para a Bulgária, sugeriu que as palavras amador e amadorismo deveriam sair da CO, já que muitos atletas estavam dedicando

¹³⁹ In: Ata da 86ª Sessão do COI - Nova Deli, 26 a 28 de março de 1983, p.13.

¹⁴⁰ In: Ata da 86ª Sessão do COI - Nova Deli, 26 a 28 de março de 1983, p.14.

¹⁴¹ In: Ata da 86ª Sessão do COI - Nova Deli, 26 a 28 de março de 1983, p.64.

¹⁴² In: Ata da 89ª Sessão do COI - Lausanne, 1 e 2 de dezembro de 1984, p.6.

um tempo enorme aos treinos. Entretanto, Samaranch lembrou-lhe que estas palavras tinham sido retiradas em 1973 por Killanin.¹⁴³

4.3.2 Desportos Profissionais

Em 1964, surgiram mais problemas com as suspeitas de profissionalismo. Evidenciava-se a existência de um pequeno grupo de esquiadores que era profissional e a respectiva FI ignorava.¹⁴⁴ Além disso, os atletas de hóquei pediram mais dinheiro para o COJO de Innsbruck e ameaçaram não participar dos JO, porém o COJO não cedeu às pressões.¹⁴⁵

Quanto ao esqui, Marc Hodler afirmou que a respectiva FI estava trabalhando muito contra o comercialismo e o profissionalismo.¹⁴⁶ Quanto ao hóquei, Brundage informou que a imprensa tinha publicado que não existiam equipas amadoras e que se isto fosse verdade o COI estaria tolerando uma infração. Ele advertiu que deveria ser lembrado que atletas, FIs e CONs, tinham que assinar um documento certificando que o status de amador estava sendo respeitado. Neste contexto, foi proposto um documento suplementar a ser assinado pelos atletas na hora de receber as medalhas e seria mandada um advertência para todas as FIs que tinham desportos suspeitos de profissionalismo alertando para a gravidade do problema.¹⁴⁷

Brundage ressaltou novamente que a questão do amadorismo e de seguir as regras do COI era função das FIs e CONs e que quando o COI tentava interferir, através de seus membros ou oficiais, a imprensa e o público em geral acusavam eles de antipatriotismo. Neste contexto, foi dado o prazo de um ano para a FIFA e a UCI terem uma federação exclusiva para amadores.¹⁴⁸

Segundo Brundage, o problema já vinha se estendendo há mais de 10 anos e “estourou” em Grenoble (1968), quando as FIs mudaram as regras de elegibilidade.

The President referred to past Winter Games saying that this problem had been relevant for the last 10 years at least. Apparently, at Grenoble some skiers had boasted how they had avoided complying

¹⁴³ In: Ata da 90ª Sessão do COI - Berlim, 4 e 6 de dezembro de 1985, p.17.

¹⁴⁴ In: Ata da 61ª Sessão do COI - Innsbruck, 26 a 28 de janeiro de 1964, p.5.

¹⁴⁵ In: Ata da 61ª Sessão do COI - Innsbruck, 26 a 28 de janeiro de 1964, p.5.

¹⁴⁶ In: Ata da 63ª Sessão do COI - Madrid, 06 a 09 de outubro de 1965, p.6.

¹⁴⁷ In: Ata da 61ª Sessão do COI - Innsbruck, 26 a 28 de janeiro de 1964, p.5.

¹⁴⁸ In: Ata da 62ª Sessão do COI - Tóquio, 06 a 08 de outubro de 1964, p.6.

with the IOC rules. The situation after Grenoble had got worse and worse until FIS had put its foot down and changed the rules.¹⁴⁹

Brundage salientou que havia 8 anos que o público criticava a impotência do COI na execução de suas funções.¹⁵⁰ Neste contexto, um oficial da FI de esqui salientou que, se a lei de elegibilidade fosse aplicada, nenhum esquiador de ponta seria aprovado.¹⁵¹

4.3.3 Publicidade nos Atletas

Mais um problema envolvendo o amadorismo surgiu, em 1964, e estava relacionado com a publicidade utilizando os atletas. Ficou definido que esta só deveria ser aceita se a verba fosse destinada aos clubes.¹⁵²

Publicity on athletes' jerseys and numbers should no longer be tolerated because it was turning athletes into sandwich-men. The I.A.A.F. had put the question on the agenda of its Tokyo Congress. Up to the present it had not prohibited this publicity, provided that the money was paid to a club or a national Federation. The I.O.C. ought to draw the attention of the I.F.'s to this problem.¹⁵³

Mais tarde, na Sessão do COI de Sapporo, surgiram problemas relacionados ao nome de patrocinadores embaixo do número dos atletas. Uns membros defenderam que isto era preciso para manter o desporto amador e não caracteriza profissionalismo, outros não concordavam e diziam que este era o caminho para o profissionalismo.¹⁵⁴ Brundage argumentou que o investimento era muito pequeno para o retorno que os patrocinadores tinham devido a aparição na televisão.¹⁵⁵ Neste contexto, a Adidas adotou uma estratégia diferente e ofereceu roupas desportivas para os membros dos CONs e a maioria aceitou, o nome da marca não aparecia nas roupas, mas as três listras características sim. Entretanto, a proposta da Adidas não foi aceita por alguns CONs, como o da Alemanha que proibiu os atletas de usarem estas roupas.¹⁵⁶

¹⁴⁹ In: Ata da 72ª Sessão do COI - Sapporo, 31 de janeiro e 1 de fevereiro de 1972, p.9.

¹⁵⁰ In: Ata da 72ª Sessão do COI - Sapporo, 31 de janeiro e 1 de fevereiro de 1972, p.9.

¹⁵¹ In: Ata da 72ª Sessão do COI - Sapporo, 31 de janeiro e 1 de fevereiro de 1972, p.12.

¹⁵² In: Ata da 62ª Sessão do COI - Tóquio, 06 a 08 de outubro de 1964, p.7.

¹⁵³ In: Ata da 62ª Sessão do COI - Tóquio, 06 a 08 de outubro de 1964, p.7.

¹⁵⁴ In: Ata da 72ª Sessão do COI - Sapporo, 31 de janeiro e 1 de fevereiro de 1972, p.34.

¹⁵⁵ In: Ata da 72ª Sessão do COI - Sapporo, 31 de janeiro e 1 de fevereiro de 1972, p.34.

¹⁵⁶ In: Ata da 72ª Sessão do COI - Sapporo, 31 de janeiro e 1 de fevereiro de 1972, p.34.

A situação agravou-se na medida em que foram vistos atletas com roupas com propaganda em Munique (1972).¹⁵⁷

He commented a situation that was prevailing in the Olympic Village in Munich at present, where several competitors had been seen to be wearing clothes with advertising on them.¹⁵⁸

Além disto, a Adidas tinha feito doações de roupas e equipamentos para diversos países e atletas polacos tinham sido vistos usando ténis com os três riscos característicos da marca.¹⁵⁹

Mr. Alexander reported that it was well known that Adidas had donated items of sports clothing and equipment to many countries' teams. He wished to know to what extent these items made by Adidas, were identifiable.¹⁶⁰

No ano de 1972 a situação estava tão grave que na ata de Sessão do COI de Munique aparecem 5 páginas com exemplos e descrições de violações da elegibilidade. Por exemplo, é falado dos contratos da Adidas com os atletas, sustentando isto um atleta dos EUA disse que a Adidas tinha lhe proposto usar um ténis da marca em Munique, porém, isto foi negado pela Adidas.¹⁶¹ Além disso, foram citados na ata ciclistas que apareceram em revistas com camisas com patrocínio.¹⁶²

4.4 Modalidades

Além dos problemas com o profissionalismo no ciclismo, futebol, esqui e hóquei a atuação de profissionais no ténis era colocada em causa.

Some of the speakers spoke of the open professionalism of the majority of first class tennis players, and of the prolonged tournaments which kept them away from the exercise of a profession, or from their studies. Players taking part in the Davis Cup should be declared professionals, and authorized journeys should be limited to a maximum of four weeks. When the International Lawn Tennis Federation had put its house in order, the I.O.C. could contemplate recognizing it.¹⁶³

¹⁵⁷ In: Ata da 73ª Sessão do COI - Munique, 21 a 24 de agosto de 1972, p.30.

¹⁵⁸ In: Ata da 73ª Sessão do COI - Munique, 21 a 24 de agosto de 1972, p.30.

¹⁵⁹ In: Ata da 73ª Sessão do COI - Munique, 21 a 24 de agosto de 1972, p.30.

¹⁶⁰ In: Ata da 73ª Sessão do COI - Munique, 21 a 24 de agosto de 1972, p.30.

¹⁶¹ In: Ata da 73ª Sessão do COI - Munique, 21 a 24 de agosto de 1972, p.72.

¹⁶² In: Ata da 73ª Sessão do COI - Munique, 21 a 24 de agosto de 1972, p.70.

¹⁶³ In: Ata da 62ª Sessão do COI - Tóquio, 06 a 08 de outubro de 1964, p.6.

Os problemas com o profissionalismo aparentavam cada vez maiores e Brundage advertiu que o esqui e o futebol estavam cada vez mais profissionais. Para as federações de tiro, equestre e de vela foi pedido para não existir mais prémios em dinheiro, mas que poderiam existir ajudas às reais despesas dos atletas.¹⁶⁴ Outro problema surgiu com a federação de basquete que estava permitindo jogos entre amadores e profissionais, sendo que esta questão tomou tal importância que nos USA foi criada uma comissão no Senado para estudar o assunto.¹⁶⁵

Em 1970, a crise no amadorismo era evidente. Brundage deu como exemplos os jogadores de futebol estavam sendo pagos nos JO do México (1968) e no basquete e hóquei os europeus estavam contratando jogadores dos USA e Canadá e mesmo em 1936, ressaltou ele, a equipa inglesa de hóquei venceu nos JO com a participação de jogadores canadenses.¹⁶⁶

Referindo-se ao futebol, basquete, ténis e hóquei, Brundage salientou:

The truth is that in these team sports which have become commercialized, even with the best of good intentions, it is impossible to assemble an amateur team of Olympic calibre. It cannot be done. The public can be fooled no longer and we should stop trying to fool ourselves. We are attempting the impossible.¹⁶⁷

E considerou:

Now thoroughly commercialized, their sports are viable and will exist without the Olympic Games and we know the ancient Games lasted for 1200 years without ice hockey, football or basketball or Alpine skiing. We'll be sorry to have them go but they are victims of the materialistic times in which we live, the public will no longer support hypocrisy. Don't forget that tennis, a popular sport all over the world, is no longer on the Olympic Programme.¹⁶⁸

A partir do exposto anteriormente, este subcapítulo tem por objetivo analisar as questões relativas às principais modalidades que influenciaram significativamente o fim do amadorismo. Para melhor esclarecer essa questão, este subcapítulo foi dividido em três partes: 1ª) Futebol, Ciclismo, Esqui, Hóquei e Ténis; 2ª) Profissionalismo nos Jogos Olímpicos - O Caso do Futebol; e 3ª) Profissionalismo nos Jogos Olímpicos - O Caso do Ténis.

¹⁶⁴ In: Ata da 64ª Sessão do COI - Roma, 24 a 30 de abril de 1966, p.6.

¹⁶⁵ In: Ata da 64ª Sessão do COI - Roma, 24 a 30 de abril de 1966, p.16.

¹⁶⁶ In: Ata da 69ª Sessão do COI - Amesterdão, 12 a 16 de maio de 1970, anexo I.

¹⁶⁷ In: Ata da 69ª Sessão do COI - Amesterdão, 12 a 16 de maio de 1970, anexo I.

¹⁶⁸ In: Ata da 69ª Sessão do COI - Amesterdão, 12 a 16 de maio de 1970, anexo I.

4.4.1 Futebol, Ciclismo, Esqui, Hóquei e Ténis

Em 1983, surgiram mais problemas em relação a elegibilidade com o ténis, o futebol e o hóquei, sendo que a Comissão de Atletas expressou preocupação e decidiu esperar uma decisão formal do COI para se posicionar.¹⁶⁹ Quanto a estas modalidades segundo Alexander a media estava veiculando que o COI estava querendo admitir profissionais com mais de 23 anos e considerava que o COI tinha que reagir para esclarecer estes fatos.¹⁷⁰ Kiyokaua, advertiu que em Baden-Baden (1981) tinha sido decidido que não existia lugar para profissionais nos JO e que em Calgary (1988) foi decidido aceitar profissionais com certas restrições de idade nos desportos acima e que isto era contraditório e contra a CO.¹⁷¹ Bridge argumentou que a idade podia ser boa para os países em desenvolvimento, mas não para os demais e aceitar os profissionais nestes desportos poderia abrir precedentes para os outros.¹⁷²

O Diretor de Desportos argumentou que foi a definição de “competidor olímpico” feita pela Comissão de Elegibilidade que abriu largamente as possibilidades de participação dos atletas de topo. Ele ainda falou que o COI, proprietário dos JO, deveria manter a suprema autoridade sobre o PO com todos os direitos de tomar qualquer decisão.¹⁷³

Daume, presidente da Comissão de Elegibilidade, ressaltou que o trabalho deles tinha seguido o princípio de que os melhores atletas do mundo deveriam ir aos JO. A lógica disto levou a aceitar atletas que não cumpriam com as regras como no futebol, basquete, ténis e hóquei. Ele considerou novamente a idade limite no futebol inaceitável e pediu para mudarem o mais rápido a regra 47 que dizia:

There may be no age limit for competitors in the Olympic Games other than as prescribed for health reasons in the competition rules of an IF.¹⁷⁴

Ele ressaltou que foi aceito os 23 anos como idade limite somente para Barcelona (1992) e que existia ainda o perigo de outros desportos seguirem a FIFA.

¹⁶⁹ In: Ata da 86ª Sessão do COI - Nova Deli, 26 a 28 de março de 1983, p.69.

¹⁷⁰ In: Ata da 90ª Sessão do COI - Berlim, 4 e 6 de dezembro de 1985, p.17.

¹⁷¹ In: Ata da 90ª Sessão do COI - Berlim, 4 e 6 de dezembro de 1985, p.17,18.

¹⁷² In: Ata da 90ª Sessão do COI - Berlim, 4 e 6 de dezembro de 1985, p.18.

¹⁷³ In: Ata da 62ª Sessão do COI - Tóquio, 06 a 08 de outubro de 1964, p.123.

¹⁷⁴ In: Ata da 97ª Sessão do COI - Birmingham, 13 a 16 de junho de 1991, p.74.

Neste contexto, na 97ª Sessão do COI realizada em Birmingham, de 13 a 16 de junho de 1991, foram apresentadas diretrizes para o amadorismo:

Principle guidelines:

- 1) That the best athletes should have the opportunity to participate in the Olympic Games.
- 2) The Olympic programme should provide equal opportunity for participation between the sexes.
- 3) The Olympic programme should not be static, but some recognition should be given to the traditional sports. It should be contemporary and dynamic.
- 4) All International Sports Federations must accept the IOC Anti-Doping Charter and must implement effective anti-doping standards and controls.¹⁷⁵

Por fim, é apresentada a posição de Samaranch:

On the theme of professionalism, THE PRESIDENT did not want to return to the 1980s. The then-President Juan Antonio Samaranch had abandoned the amateurism rule and the IOC Session in Baden-Baden had deemed that there was no difference between amateur and professional athletes, and they all deserved the IOC's recognition.¹⁷⁶

4.4.2 Profissionalismo - O Caso do Futebol

Quanto ao futebol, a FIFA em um Congresso realizado em Zurique estipulou a idade de 23 anos como sendo máxima para os atletas participarem dos JO a partir de 1992. Daume, Presidente da Comissão de Elegibilidade apelou fortemente para que não aceitassem esta proposta, pois isto excluiria atletas de ponta de um desporto que deveria ser exemplo para os demais. Para ele, isto iria perverter o que eles tinham lutado nos últimos anos, que era abrir os JO para todos os atletas de ponta que estivessem de acordo com a elegibilidade.¹⁷⁷

The Olympic Games are for the best athletes of the world and cannot be used in one sport as a second rate B tournament or Youth Festival. I am sure that other federations would follow this example to upgrade their own world championships. And such a development would be the end of the Olympic Games which have been created by Baron de Coubertin, for the best, the Elite of the Youth of the World.¹⁷⁸

It was our duty to follow the IOC's aim, in keeping with the spirit of the Olympic Charter, to establish participation conditions which would enable the world's best athletes to take part in the 1988 Olympic Games. I am convinced that the present development proves that we are on the right way to overcome the former gap which exists

¹⁷⁵ In: Ata da 97ª Sessão do COI - Birmingham, 13 a 16 de junho de 1991, p.90.

¹⁷⁶ In: Ata da 117ª Sessão do COI - Singapura, 6 a 9 de agosto de 2005, p.5,6.

¹⁷⁷ In: Ata da 94ª Sessão do COI - Seul, 13 a 16 de setembro de 1988, p.138.

¹⁷⁸ In: Ata da 94ª Sessão do COI - Seul, 13 a 16 de setembro de 1988, p.138.

in the field of amateur sports between appearance and reality, a gap which was never filled satisfactorily. This can be done in complete accordance with the Olympic principles and in avoidance of the reproach often heard from the public that we were unrealistic and that we would resolve our problems on account and to the disadvantage of the athletes. Therefore, I believe that our position and tactics are correct, planned to react to all challenges, careful to go along with all taboos, granting due consideration to the socio-political position of 167 nations, capable of creating rules acceptable to all and fine.¹⁷⁹

Em relação ao futebol, Daume disse ser lamentável aparecer na imprensa que a FIFA tinha tido uma vitória sobre o COI e que a regra de elegibilidade só para menores de 23 era contra a CO. Ele argumentou que a FIFA e o COI queriam o futebol nos JO de 1992, mas segundo a FIFA só os menores de 23 iriam e se o COI aceitasse isto os JO perderiam valor em relação ao Campeonato Mundial. Por fim, ele argumentou que, se o futebol fosse para 1992 com a idade limite de 23 anos, deveria ser em caráter experimental para não servir de exemplo aos demais.¹⁸⁰

Samaranch considerou que a proposta da FIFA do jeito que estava só poderia ser aceita de forma provisória, tendo Havelange concordado com Samaranch. Entretanto, Alexander mencionou um artigo em que Havelange falava que o COI estava preparado para concordar com os desejos da FIFA. Para ele, isto era contra a CO que dizia que o COI era a autoridade suprema no que tange os JO. Attarabulsi pediu cuidado com a imprensa que podia estar querendo perturbar as relações do COI com a FIFA. Ele falou ainda que foram 168 associações que decidiram no congresso a idade de 23 anos e só no próximo congresso poderiam mudar.

Zerguini concordou com a idade máxima de 23 anos para atletas profissionais, mas que deveria ser permitida a participação de outros. Kumar argumentou que não era possível imaginar os JO sem o futebol e sugeriu ser aceito os 23 anos de forma provisória e que deixassem abertas possibilidades para novas discussões. Havelange, defendeu a modalidade, dizendo que o futebol estava no PO desde 1904 e nunca tinha dado problemas, nunca tinha tido um caso de doping. Schmitt e Ferre eram de acordo que se aceitasse os 23 anos. O primeiro dizia que existiam ótimos jogadores com essa idade e o segundo preocupava-se em não ter o futebol nos JO. Havelange ressaltou que as finais dos campeonatos juniores tiveram 80.000 e 53.000 espectadores e que não iria

¹⁷⁹ In: Ata da 94ª Sessão do COI - Seul, 13 a 16 de setembro de 1988, p.139.

¹⁸⁰ In: Ata da 95ª Sessão do COI - Porto Rico, 30 de agosto a 1 de setembro de 1989, p.3.

cair a audiência dos JO devido a mudança das regras de idade. Por fim, a idade no futebol foi aceita de forma experimental para Barcelona (1992).¹⁸¹

4.4.3 Profissionalismo - O Caso do Tênis

Em 1986, Daume apresentou o relatório da Comissão de Elegibilidade onde constava que estavam sendo feitas negociações com a “International Tennis Federation” (ITF) para que atletas profissionais do tênis entrassem de forma experimental nos JO e que isto não podia ser um precedente para os demais desportos. Ele considerou que esta decisão deveria ser tomada para “fechar buracos” entre a aparência e a realidade.¹⁸²

Com isto, uma longa discussão sobre aceitar ou não tenistas profissionais iniciou. Hamzah ressaltou a dificuldade de combinar ideais com a realidade prática. Andrianov falou que a ITF tinha se comprometido a ter dois comitês, um profissional e outro amador e nunca fez isto e achava que o COI não deveria aceitar os profissionais, para ele a experiência inovadora não era própria para o contexto dos JO e os regulamentos deveriam ser aplicados em bases de um sistema bem testado. Holst-Sorensen, por sua vez, defendeu que a resolução deveria ser feita para os 5 desportos em questão (futebol, atletismo, atividades equestres, hóquei e tênis) e de forma provisória. Ele ainda enfatizou que o caso do tênis deveria ser uma solução provisória só para Seul (1988).¹⁸³

Cross manifestou aos membros que a proposta de aceitar o tênis tinha sido fortemente recomendada pela Comissão Executiva e pela Comissão de Elegibilidade e que todos deveriam lembrar que no passado existiram atletas que não estavam em conformidade com a norma e participavam dos JO. Ainda segundo Cross, a ideia era que, no caso do tênis, o COI permitisse que a modalidade fosse regulada pelas normas da ITF em ajuste com as do COI. Ele justificou dizendo que, se deixassem os JO restritos a jogadores de fora do circuito do dinheiro, as competições de tênis teriam um valor inferior, assim como as medalhas.¹⁸⁴

Pena, em uma posição contrária a Cross, considerou que isto seria uma violação dos princípios do MO e que as recomendações estavam em contradição com o definido

¹⁸¹ In: Ata da 95ª Sessão do COI - Porto Rico, 30 de agosto a 1 de setembro de 1989, p.6.

¹⁸² In: Ata da 91ª Sessão do COI - Lausanne, 12 a 17 de outubro de 1986, p.55.

¹⁸³ In: Ata da 91ª Sessão do COI - Lausanne, 12 a 17 de outubro de 1986, p.55.

¹⁸⁴ In: Ata da 91ª Sessão do COI - Lausanne, 12 a 17 de outubro de 1986, p.55.

em Baden-Baden (1981). Pound, por sua vez, defendeu que em certos desportos não existia distinção entre amador e profissional e não era dever do COI fazer julgamento de valor para um determinado desporto,¹⁸⁵ ele defendeu que os profissionais tinham mostrado capacidade de seguir o espírito olímpico. Samaranch considerou que o caso do ténis era diferente. O presidente argumentou que o ténis tinha sido admitido em Baden-Baden (1981) e existia uma grande expectativa para o desporto. Por fim, o relatório foi aprovado dando exceção do ténis, sendo que, por falta de um número mínimo de membros, a decisão final ficou para 1987.¹⁸⁶

Daume, como presidente da Comissão de Elegibilidade, defendeu que a participação de profissionais nos JO seria viável se o mesmo ocorresse nos campeonatos mundiais e os profissionais que quisessem ter o status olímpico teriam que lutar por isto com os seus CONs e FIs. Ele deu como exemplo o hóquei onde as regras da FI valiam para os JO também, no caso do futebol, ele considerou problemática a proposta da FIFA de estipular a idade limite para participar nos JO em 23 anos. Quanto ao ténis, a Comissão fortemente sugeriu que fosse dada a oportunidade aos melhores jogadores do mundo de participarem dos JO. A posição da Comissão de Elegibilidade era que o ténis deveria ser admitido em 1988, com a condição que eles garantissem submeter-se ao controle de suas FIs e FNs, e ao que estava estipulado na CO, além disso, deveria ser de forma experimental. Um argumento defendido por Daume era que com isto se atrairia muitos grupos jovens e assim trazendo vantagens económicas para o COI, que, por sua vez, poderia ajudar as FIs e CONs, em particular nos países em desenvolvimento. Neste sentido, a Comissão de Elegibilidade sugeriu que: todos os tenistas fossem considerados elegíveis; que a ITF fizesse as qualificatórias; que as demais regras da elegibilidade como Fair Play, drogas e violência fossem mantidas; e que não deveriam ser feitos pagamentos diretamente por sua participação.¹⁸⁷

Alexander ressaltou que a Comissão de Elegibilidade recomendou que os JO fossem abertos especificamente para 3 desportos, o futebol, o ténis e o hóquei e que isto traria pressão das outras modalidades para ter o mesmo direito. Segundo ele, esta questão estava trazendo grandes divergências dentro da família olímpica e os que eram a favor dos profissionais defendiam-se achando que os JO só se manteriam tendo os

¹⁸⁵ In: Ata da 91ª Sessão do COI - Lausanne, 12 a 17 de outubro de 1986, p.59.

¹⁸⁶ In: Ata da 91ª Sessão do COI - Lausanne, 12 a 17 de outubro de 1986, p.55

¹⁸⁷ In: Ata da 91ª Sessão do COI - Lausanne, 12 a 17 de outubro de 1986, p.164,165.

melhores atletas. Ele advertiu que alguns falavam para todos serem realistas, mas este realismo ia leva-los às mãos dos agentes e gestores e considerou que seria impossível de controlar o estipulado que dizia que os contratos dos profissionais deveriam perder a validade durante os JO. Ele perguntou o que tinha acontecido para se querer mudar o que foi estipulado em Baden-Baden (1981) e afirmou que não existia lugar nos JO para os profissionais.¹⁸⁸

Touny, relatou que era necessário deixar de ser hipócrita sobre a elegibilidade e que para os JO eram necessários os melhores atletas. Entretanto, Touny era totalmente a favor do amadorismo e que se deveria manter o MO longe do perigoso profissionalismo.¹⁸⁹

Neste contexto, a Comissão de Elegibilidade falou da possibilidade de participação de profissionais em “outros” desportos que não o ténis. A ideia era seguir os regulamentos das FIs no que tange a elegibilidade e foi dado o exemplo da federação de hóquei.¹⁹⁰ Quanto ao futebol todos os jogadores deveriam ser aceitos com exceção dos da Europa e América do Sul que participavam das preparatórias e finais de Copa do Mundo. Foi lembrado que a FIFA queria estipular a idade limite de 23 anos a partir de 1992, sendo esta questão considerada problemática, pois poderia criar um precedente para outros desportos o que poderia levar o nível dos JO a juniores.¹⁹¹

Em uma avaliação crítica o relatório do Diretor de Desportos enfatizou a importância da Comissão de Elegibilidade que estava permitindo a participação dos atletas do mais alto nível e, conseqüentemente, futuros JO sem hipocrisia e fora das influências perigosas do movimento desportivo.

The Eligibility Commission has been faced with particularly important and significant issues. Its proposals are aimed at leading the way into an Olympic future without hypocrisy with the participation of top-level athletes while keeping the Olympic Games free from dangerous influences outside the sports movement.¹⁹²

A discussão sobre a entrada do ténis no programa estendeu-se. Schoeller expressou confiança na Comissão Executiva, mas considerou que não se podia aceitar a decisão tomada de aceitar o ténis. Ele ressaltou que de acordo com o paragrafo 6 do

¹⁸⁸ In: Ata da 91ª Sessão do COI - Lausanne, 12 a 17 de outubro de 1986, p.168.

¹⁸⁹ In: Ata da 91ª Sessão do COI - Lausanne, 12 a 17 de outubro de 1986, p.83.

¹⁹⁰ In: Ata da 91ª Sessão do COI - Lausanne, 12 a 17 de outubro de 1986, p.155.

¹⁹¹ In: Ata da 91ª Sessão do COI - Lausanne, 12 a 17 de outubro de 1986, p.156.

¹⁹² In: Ata da 91ª Sessão do COI - Lausanne, 12 a 17 de outubro de 1986, p.221.

documento apresentado pela Comissão Executiva, os competidores poderiam ser profissionais e durante o período dos JO serem amadores, e no paragrafo 5 estava escrito que os atletas poderiam receber prémios em dinheiro e autorizava os atletas a participarem da Copa Davis. Schoeller concordava que deveriam haver adaptações à nova realidade, mas tinha que se ter cuidado.¹⁹³

Frantz defendeu que os tenistas, para chegavam ao topo, precisam se profissionalizar e o COI tinha que lhes dar oportunidade de participar. Filaretos concordou em aceitar o ténis para os JO, mas de forma experimental. Ali, em outra perspectiva, achava que os profissionais eram incompatíveis com os JO. A discussão continuou, uns eram de acordo outros não, mas a maioria concordava em aceitar de forma experimental os tenistas profissionais.¹⁹⁴

Outro problema foi apontado por Kiyokawa. Ele advertiu que os tenistas, além de não aceitarem adaptar-se a CO, não aceitariam as instalações simples da Vila Olímpica.¹⁹⁵ Nesta linha, Daume demonstrou preocupação se os tenistas iriam ser tratados como os demais atletas, para ele estava fora de questão os atletas do ténis se hospedarem em hotéis 5 estrelas.¹⁹⁶

As diferentes posições continuavam a ser expostas. Singh pediu para os membros não serem hipócritas, pois todos sabiam que muitos atletas recebiam dinheiro para competir.¹⁹⁷ Keita não concordava que para os JO eram necessários os melhores jogadores do mundo, que eram os profissionais, sendo esta a justificativa que permeava a discussão.¹⁹⁸

Schoeller posicionou-se completamente contra a abertura ao ténis e disse que era a primeira vez que o COI estava abrindo mão do seu status de amador e mesmo sendo em carácter experimental não deveria ser feito. Ele também reclamou que a decisão tinha sido tomada por aclamação não lhe dando oportunidade de mostrar o seu voto contra.¹⁹⁹ Attarabulsi, por sua vez, perguntou qual era a posição da Comissão de Atletas sobre a

¹⁹³ In: Ata da 92ª Sessão do COI - Istambul, 9 a 12 de maio de 1987, p.4.

¹⁹⁴ In: Ata da 92ª Sessão do COI - Istambul, 9 a 12 de maio de 1987, p.4.

¹⁹⁵ In: Ata da 92ª Sessão do COI - Istambul, 9 a 12 de maio de 1987, p.5.

¹⁹⁶ In: Ata da 92ª Sessão do COI - Istambul, 9 a 12 de maio de 1987, p.10.

¹⁹⁷ In: Ata da 92ª Sessão do COI - Istambul, 9 a 12 de maio de 1987, p.7.

¹⁹⁸ In: Ata da 92ª Sessão do COI - Istambul, 9 a 12 de maio de 1987, p.7.

¹⁹⁹ In: Ata da 92ª Sessão do COI - Istambul, 9 a 12 de maio de 1987, p.73.

elegibilidade do ténis e foi respondido que os atletas davam todo o suporte à Comissão Executiva, desde que fosse de forma experimental.²⁰⁰

Por fim, o ténis voltou ao PO para os JO de Seul (1988) com a participação de atletas profissionais. Era o início do fim do amadorismo no MO.

4.5 Conclusões

O amadorismo e o profissionalismo no seu conjunto formaram uma das grandes linhas ideológicas de orientação estratégica do Comité Olímpico Internacional. Esta conclusão é sustentada em quatro perspetivas: 1ª) as evidências surgidas nos primeiros anos de existência do COI; 2ª) o rigoroso controlo que ocorria aos atletas no que tange ao seu estatuto de amador; 3ª) a evolução e as mudanças na definição de amador que conduziram à profissionalização no MO; e 4ª) as modalidades que tiveram importância determinante na aceitação de profissionais nos JO terminando, deste modo, com todos os problemas relativos à elegibilidade dos atletas.

A linha ideológica de orientação estratégica do COI nos seus primórdios não permitia aos desportistas terem qualquer tipo de retorno financeiro pela prática desportiva. Quer dizer, o profissionalismo não era permitido. Esta linha estratégica sustentada pelos dirigentes do COI tinha por objetivo, não explícito, separar a classe que tinha meios e tempo para praticar o desporto de outra com estatuto social menos favorecido para quem o desporto era não só uma possibilidade de sustento como uma oportunidade de vida.

Contudo, como o profissionalismo sempre envolveu de uma forma natural o desporto, a partir da II Guerra Mundial a grande maioria dos atletas, de uma forma dissimulada, ou eram profissionais ou semiprofissionais pagos por patrocínios ou pelo Estado.

Foi necessário esperar até 1992 quando nos JO de Barcelona o COI, sob a liderança de Samaranch, abriu as portas da competição ao mundo do profissionalismo

²⁰⁰ In: Ata da 92ª Sessão do COI - Istambul, 9 a 12 de maio de 1987, p.11.

acabando assim uma situação profundamente hipócrita que manchava a imagem do MO e do próprio COI.

Sempre existiu uma grande dificuldade em estabelecer uma definição de amador que se ajustasse a todas as modalidades desportivas. Em consequência, Coubertin e Baillet-Latour utilizaram a estratégia de pedir o apoio das FIs na expectativa de que estas pudessem encontrar uma definição que as satisfizesse a todas. O problema é que, apesar das várias tentativas, nunca tal desiderato foi conseguido na medida em que nunca foi encontrada uma solução global. Em consequência, o COI, mesmo querendo manter uma linha dura, optou por uma estratégia de não confrontação protelando sucessivamente qualquer decisão radical sobre o problema.

A linha ideológica de orientação estratégica de combate ao profissionalismo continuou sob a liderança de Brundage. Na realidade, Brundage envolveu-se profundamente na defesa do estatuto de amador pelo que teve de travar combates bem difíceis relativamente às situações ocorridas no esqui e no hóquei. Brundage considerava que estas modalidades estavam contaminadas pelo comercialismo pelo que os seus atletas, na maioria, eram profissionais. Então, Brundage resolveu iniciar uma campanha junto da opinião pública em defesa do amadorismo. O problema foi que nem a opinião pública, nem a comunicação social, em geral, estavam contra o profissionalismo. A opinião pública estava fundamentalmente contra a hipocrisia que dominava o MO que, em teoria, produzia o discurso do amadorismo mas, na prática, todos sabiam que os atletas eram profissionais. O COI era ainda acusado de se ter tornado uma instituição de negócios e não de desporto. Sentindo-se atacado, a obsessão de Brundage contra o profissionalismo chegou ao ponto de proibir o retorno financeiro aos atletas, impedir os CONs de terem gestores profissionais e não permitir a entrada no MO de instituições interessadas no desporto profissional. Contudo, a defesa do amadorismo era uma guerra perdida, pelo que Brundage devia ter acertado a linha estratégica do COI a partir de 1960 quando as teletransmissoras entraram pela primeira vez em força nos JO de Roma.

Entretanto, a situação começou a ter uma nova linha de orientação estratégica quando, em 1972, ocorreu uma mudança na Regra 26 em que termo “olympic amateur” passou para “olympic competitor”.

Com o passar dos anos, muitos membros do COI e dirigentes do MO tomaram consciência que para o sucesso dos JO eram necessários os melhores espetáculos, e para isso era necessária a participação dos melhores atletas do mundo. Por isso, mesmo continuando a existir uma linha ideológica de orientação estratégica que sustentava o estatuto de amador, o MO, de uma forma geral, já não a respeitava permitindo a participação de atletas profissionais que omitiam o seu estatuto para poderem participar nos JO. Neste período de transição entre a linha ideológica de orientação estratégica que sustentava o amadorismo e a linha ideológica de orientação estratégica que defendia o profissionalismo ocorreu um grande conflito ideológico no qual o COI acabou por aceitar atletas que não cumpriam com as regras como no futebol, no basquete, no esqui, no ténis e no hóquei.

A participação de profissionais nos JO, iniciou-se efetivamente com as negociações entre o COI e a ITF para permitir que atletas profissionais do ténis entrassem de forma experimental nos JO de Seul (1988). Esta decisão foi sustentada devido a necessidade de aproximar os ideais olímpicos, muitos já ultrapassados, da realidade do desporto em todo o mundo. Um dos argumentos que mais pesou na decisão foi o de que muitos jovens seriam atraídos ao desporto pelo que trariam vantagens económicas para o COI que poderia ajudar os CONs e FIs e, consequentemente, o desenvolvimento do desporto em todo o mundo. Por fim, a partir dos JO de Barcelona (1992) Samaranch resolveu de forma definitiva a questão permitindo a entrada de profissionais nos JO.

5 Comercialismo

No mundo do desporto dos finais do século XIX e início do XX, o comercialismo, enquanto troca comercial no sentido de obter retorno económico, quer ao nível das pessoas, quer ao nível das organizações, sempre foi uma questão mal vista e até combatida por uma sociedade diletante para quem o desporto era um passatempo a que se entregavam determinadas classes sociais. Thorstein Bunde Veblen (1857-1929) em “A Teoria da Classe Ociosa: Um Estudo Económico das Instituições”, publicada em 1899, refere-nos um certo estilo de vida de uma classe ociosa que, como sinal de bom nascimento, cultivava o gosto pelo vestuário, pelas boas maneiras, apreciava a música e as artes, primava pela boa educação e praticava os jogos e os desportos, atividades que requeriam o dispêndio de energia, tempo e dinheiro que as classes trabalhadoras não tinham. Por isso, os primeiros protagonistas do fenómeno desportivo, gente, de uma maneira geral, abastada e sem ocupação profissional para além da gestão das rendas, entendia o desporto como uma certa maneira de se distanciar das classes trabalhadoras em defesa de um estatuto social superior como referiu Pierre Bourdieu em “A Distinção” (2007). Portanto, o desporto devia estar à margem das tentações do dinheiro, na medida em que ao atribuir-lhe um valor económico, simultaneamente, alterava-lhe o estatuto social, abrindo as portas às classes trabalhadoras que era necessário evitar. Em consequência, o combate ao comercialismo era a condição “sine qua non” da defesa do estatuto de amador no desporto na medida em que mantinha as classes trabalhadoras afastadas da sua prática, condenando-se toda e qualquer relação de troca entre duas partes em que uma desejava vender desporto e a outra comprar porque isto era tão só a abertura da porta do profissionalismo.

É evidente que a voragem do tempo e a ambição do homem se encarregaram de desmitificar aqueles ideais, muito embora o mundo do desporto em geral e o MO em particular tenham vivido durante quase todo o século XX convencidos de que estavam a construir um desporto liberto de todo e qualquer interesse económico. Todavia, o que aconteceu foi que a economia marcou o destino da história porque o comercialismo fervilhava por todos os interstícios do desporto moderno. Mesmo a grande maioria das atividades desportivas que, aparentemente, segundo se pensava, funcionavam à margem da economia, estavam perfeitamente integradas na economia social pelo que para passarem para a economia do lucro foi só uma questão de tempo. E tudo começou com

Coubertin e o seu desejo de democratizar o desporto, porque, com o aumento do número de adeptos vindos das mais diversas classes sociais, a questão económica e o consequente comercialismo começaram a fazer-se sentir cada vez com mais força.

Entenda-se que o desporto não deixou de funcionar no âmbito da economia social, nem deixou de ser uma atividade de promoção social de grande valor educativo. O que aconteceu foi que o desporto foi integrado em uma dinâmica económica da qual não podia fugir. Hoje, para além das suas virtualidades educativas, através dos empregos que cria, o desporto gera muitas riquezas em todo o mundo e, pelos espetáculos que promove, é gerador de economias locais responsáveis pelo desenvolvimento e progresso em diversas áreas económicas e sociais. O problema é que o COI levou muitos anos a aceitar e a compreender esta circunstância, vendo no comercialismo um fantasma que havia de destruir o desporto quando, o que aconteceu, foi, precisamente, o contrário. Muito embora, em diversas circunstâncias, porque o Homem é um Ser de excessos e abusos o desporto não tenha sido utilizado da melhor maneira. E se o COI, nos seus primórdios, queria, na realidade, desenvolver aquilo em que acreditava, que eram os valores do Olimpismo a fim de generalizar a prática desportiva e as virtudes humanas da competição, a partir das memórias da cultura da Grécia antiga, não o podia continuar a fazer a partir dos bolsos mais ou menos endinheirados daqueles que abraçaram a causa olímpica que eram os seus próprios dirigentes. Note-se que Coubertin esgotou o património de família ao serviço do MO. Outros o fizeram também com mais ou menos sacrifícios, só que tudo havia de ter um limite. Entrevistada a mulher de Coubertin, já nos finais da sua vida, disse nunca ter perdoado ao marido ter dado cabo do património familiar ao ponto de ele próprio, já na fase final da sua vida, ter passado por enormes dificuldades. Segundo Scott (1990):

In 1959, at the age of ninety-eight and living in strained financial circumstances, the Baroness de Coubertin granted a fifteen minute interview to the now 'dean' of Olympic historians, John Lucas. When asked to reminisce about her husband Pierre de Coubertin, founder of the Modern Olympic Movement, her first words referred to the fact that although she loved him very much she could never totally forgive him for having spent "all his money," as well as most of her own inherited family fortune, on Olympic matters (p.25).

Por isso, o Olimpismo para sobreviver tinha de ter fontes de financiamento para além do entusiasmo dos beneméritos e dos subsídios mais ou menos calculistas do Estado. Para superar estas circunstâncias o MO havia de ter capacidade de comercializar

a sua marca. O problema é que o COI só começou a libertar-se dos tabus comerciais que o dominavam quando, em 1980, Samaranch foi eleito para a presidência do COI. E foi o próprio que, anos mais tarde, na 108ª Sessão do COI realizada em Lausanne em 17 e 18 de março de 1999, explicou:

... we said "yes" to commercialisation, but the Olympic Games and International Sport must be run by sports officials in the interest of the athletes. We also maintained the very special tradition of ensuring that both the uniforms and the Olympic stadiums were free from publicity.²⁰¹

No presente capítulo, a partir de quatro subcapítulos, vamos considerar as questões da lógica do comercialismo que envolveram o MO moderno e que conduziram às políticas de marketing. O primeiro subcapítulo tratará dos antecedentes que conduziram ao comercialismo. O segundo desdobrará as questões do comercialismo a partir do momento em que a instituição disse “Yes to Commercialisation”. O terceiro subcapítulo analisará o Programa TOP e a sua importância para o MO em todo o mundo, sendo o último subcapítulo destinado a apresentar o período do COI a que consideramos a era do marketing.

5.1 Antecedentes

O comercialismo no MO, sempre foi um assunto mal explicado, mal compreendido e cheio de contradições, como anos mais tarde referia o canadiano Richard Pound,²⁰² não era uma questão completamente nova na medida em que podiam ser encontradas as suas raízes no tempo de Coubertin. Na realidade, nos JO de Paris (1924) foi colocada propaganda comercial no estádio. Dizia Richard Pound:

Olympic Marketing is not new - it is that in the past decade it has become properly structured and coordinated. Looking back through the IOC archives, it has been established that even under Baron de Coubertin with the very first Games there was commercial involvement and that in 1924 there was actually stadium advertising in the main stadium.²⁰³

²⁰¹ In: Ata da 108ª Sessão do COI - Lausanne, 17 e 18 de março de 1999, p.10.

²⁰² Richard Pound foi responsável pela investigação acerca da corrupção de alguns membros do COI muito embora, segundo a imprensa, não tenha saído completamente ileso. É conhecido pelos media como “o detetive”. É Presidente da Agência Mundial de Antidoping e da Comissão de Marketing do CIO. Esteve associado à vitória de Turim (2006) e protagonizou a *New Media Conference* em 2000.

²⁰³ In: Ata da 99ª Sessão do COI - Barcelona, 21 a 23 de julho de 1992, p.93.

Contudo, a questão do comercialismo não se colocava exclusivamente do ponto de vista interno, na medida em que também tinha a ver com o aproveitamento comercial abusivo que as mais diversas entidades procuravam tirar do MO e dos próprios JO. Este aproveitamento, a que hoje dá-se geralmente o nome de “ambush marketing”²⁰⁴ teve um tratamento especial na 45ª Sessão do COI realizada em 1950 em Copenhaga, na medida em que, pela primeira vez, de uma forma institucional, se colocou a questão da proteção do Emblema e dos Símbolos Olímpicos devido à célebre Olimpíada Musical de Salzburgo que em uma perspectiva de “ambush marketing” procurou associar-se à marca olímpica. Contudo, as questões do comercialismo também se colocavam no interior do próprio COI e das formas mais inesperadas. Associadas aos JO aconteciam apresentações de arte às quais concorriam artistas cujos vencedores recebiam as tradicionais medalhas. As competições de arte tiveram verdadeiramente uma competição séria nos JO de Paris (1924) em que competiram 193 concorrentes em cinco categorias. Contudo, em Helsínquia (1952) a apresentação de arte ficou-se tão só por uma exposição que não teve o sucesso das edições anteriores. Analisada a situação, Brundage, que demonstrava uma enorme aversão por tudo aquilo que pudesse ter algum aspeto comercial no domínio do Olimpismo, apressou a avisar que os concursos de arte com prémios iriam comercializar Olimpismo, já que os artistas premiados poderiam vender as suas obras inflacionadas pelo prestígio do prémio que tinham conseguido no concurso olímpico. Dizia Brundage:

If we are to continue this system we shall commercialize Olympism, for the artists have the right to sell their works which have been awarded a prize.²⁰⁵

Brundage era um colecionador de arte chinesa e conhecia certamente a lógica em que o mercado de arte funcionava, no entanto, queria que o MO encontrasse um processo em que não se colocassem as questões do comercialismo, ignorando que comercialismo é capitalismo e este baseia-se nos valores da competição que são imanescentes ao desporto.

²⁰⁴ O *ambush marketing* acontece quando uma empresa ou marca se associa a um evento, empresa ou marca sem que para isso tenha a devida autorização. In: Martyn, Scott G. & Wenn, Stephen R. (1992). *Ambushing Olympic Sponsors: The Case of VISA and American Express*. Consultado em 26 de junho de 2010 em http://www.la84foundation.org/SportsLibrary/NASSH_Proceedings/NP2007/np2007zzs.pdf.

²⁰⁵ In: Ata da 48ª Sessão do COI - Cidade do México, 17 a 21 de abril de 1953, p.18.

A partir do exposto anteriormente, o presente subcapítulo tem por objetivo analisar as questões relativas aos antecedentes do comercialismo. Para isto, foi dividido em doze partes: 1ª) Contra o Comercialismo; 2ª) A Procura de Receitas Alternativas; 3ª) O Dinheiro é do COI; 4ª) Do Comercialismo ao Profissionalismo; 5ª) Federações Internacionais; 6ª) Contrato com a ABC; 7ª) Comercialismo na Aldeia Olímpica; 8ª) Uso dos Termos Olímpicos; 9ª) Publicidade na *Olympic Review*; 10ª) Autofinanciamento; 11ª) Palavra de Ordem: Regularizar; 12ª) Jogos Olímpicos de Moscovo (1980).

5.1.1 Contra o Comercialismo

Muito embora as questões relativas ao financiamento do MO tivessem começado a ser equacionadas ao tempo de Brundage, em boa verdade, só a partir de Samaranch o COI começou a ter recursos realmente significativos para suportar as despesas dos seus dirigentes e conceber e executar projetos de desenvolvimento. Mas, apesar do COI, ao tempo de Brundage, viver na maior das carências, a palavra comercialismo era um autêntico tabu entre os dirigentes mais tradicionais. Eles não eram capazes de compreender que podia existir uma relação saudável entre o desporto e o dinheiro, e que essa relação podia criar as condições para que o desporto se pudesse desenvolver.

Contudo, a necessidade de dinheiro era superior à vontade dos dirigentes olímpicos mais tradicionais. E a tradição começou a quebrar precisamente pelas entidades que junto do terreno tinham de responder às necessidades que o desenvolvimento do desporto, todos os dias, colocava. Essas entidades eram os CONs e as FIs que viviam com a obrigação de implementar empreendimentos para os quais não tinham, nem podiam ter, fontes de receitas. Por isso, para os CONs e as FIs o acesso a recursos financeiros com um volume substancial era uma questão crucial para a sua sobrevivência, sobretudo a partir da II Guerra Mundial. Contudo, muito embora as dificuldades financeiras do MO no pós-guerra fossem enormes, os membros do COI encaravam a situação com o diletantismo do costume. E nem os eventuais lucros da organização dos JO salvavam a situação na medida em que, muito embora os JO de Helsinquia (1952) que tiveram um assinalável êxito, a situação era calamitosa já que ainda não estavam apurados os resultados financeiros e já era evidente que os JO tinham dado prejuízo. Eric von Frenckell, membro do COI para a Finlândia, prestou algumas informações relativas ao apuramento dos resultados financeiros dos JO. Disse ele:

The erection of the stadium and village, as well as transport, buses, etc., are included in the overall expenses. We have been able to recuperate part of these expenses, since we resold the buses we had purchased to the city. Despite everything we can foresee a financial deficit, the amount of which cannot be known until 6 months hence.²⁰⁶

Em 1954, o COI fechou o balanço financeiro com um déficit de 14.000,00 francos suíços. A situação era muito difícil muito embora Brundage tenha explicado aos membros do COI que a situação não era nova na medida em que já tinha acontecido no passado. Referia-se Brundage a 6.900,00 francos suíços que tinham sido gastos para publicar e traduzir documentos do COI. Explicou ele que tinha ficado acordado que os membros dos países de língua espanhola pagariam a despesa. Contudo, acabaram por pagar apenas parte dela, ficando 3.000,00 francos suíços por pagar. Ficou contudo estabelecido que se eles não pagassem as traduções não iriam ser feitas mais traduções para o espanhol.²⁰⁷ Esta situação dá bem a entender a maneira como os serviços do COI eram geridos. Por isso, como Brundage salientou, o COI estava em uma situação de constante déficit e, conseqüentemente, não tinha fundos para cobrir todas as despesas da instituição. O déficit dos anos anteriores rondava os 13.000,00 francos suíços e se fossem incluídas as despesas de gabinete do presidente,²⁰⁸ triplicaria:

I think that some of our members do not have a very clear conception of the situation, for I would like to draw attention once more to the fact that the IOC is in a position of constant deficit. As a result, we have not got sufficient funds to cover the running expenses of the committee. Our deficit for the past year is in the region of some 13.000 Swiss francs. If we had to add the expenses of the office of the President, which are born by me, this deficit would be tripled.²⁰⁹

Claro que o valor do déficit para Brundage, em função da sua fortuna, não era nada considerável. Estamos em crer que, em grande medida, o combate que ele fez contra o comercialismo, consciente ou inconscientemente, foi um instrumento do seu próprio poder e uma forma de subordinação dos restantes membros da Comissão Executiva do COI à sua vontade uma vez que era ele, com a sua disponibilidade financeira, que mantinha a organização em funcionamento, mas com o rumo que mais lhe interessava e a velocidade que mais lhe convinha. Por isso, em 1955, o equilíbrio financeiro do COI ainda era frágil apesar de ter obtido receitas na ordem de 31.000,00 francos suíços e despesas de 45.000,00. Em consequência, Brundage advertiu os

²⁰⁶ In: Ata da 50ª Sessão do COI - Paris, 13 a 17 de junho de 1955, p.16.

²⁰⁷ In: Ata da 50ª Sessão do COI - Paris, 13 a 17 de junho de 1955, p.4,5.

²⁰⁸ As despesas de gabinete, assim como de viagens do presidente Brundage eram pagas com recursos próprios.

²⁰⁹ In: Ata da 50ª Sessão do COI - Paris, 13 a 17 de junho de 1955, p.39.

membros de que não podiam continuar a gastar 50% mais do que as receitas que o COI conseguia arrecadar.²¹⁰ No ano seguinte, a situação melhorou com o envio, por parte do COJO de Roma (1960), dos 100.000,00 francos suíços acordados com o COI. Os JO Equestres (1956) mandaram 10.000,00 dos 15.000,00 devidos e o saldo contabilístico acabou por ficar positivo, cifrando-se em 139.000,00 francos suíços.²¹¹ Claro que Brundage não era ingénuo ao ponto de deixar cair a situação para um nível de dificuldades financeiras insuportáveis.

Para evitar a continuidade do défice anual, Brundage sugeriu que em vez dos acordados 60.000,00 seriam pedidos 100.000,00 francos suíços ao COJO dos JO de Roma (1960) e 30.000,00 ao COJO dos JO de inverno de Squaw Valley (1960) para cobrir as despesas da olimpíada que corria, sendo que para sediar os JO Equestres de Estocolmo (1956) o COJO deveria pagar 15.000,00 francos suíços.²¹² Todavia, o COJO dos JO Equestres considerou que os 15.000,00 francos suíços eram um valor demasiado elevado pelo que, embora aceitasse todas as restantes condições, pedia uma redução do valor para um montante de 5.000,00 francos suíços.²¹³ Quer dizer que, o paradigma em que, geralmente, as coisas se resolviam no COI que, geralmente funcionava à margem dos problemas financeiros, começou a considerar a realidade de todos os dias, pelo que as questões financeiras também começaram a merecer um tratamento mais cuidadoso. Nesta perspetiva, Jorge Vargas, membro do COI para as Filipinas, apresentou, em 1955, uma proposta em que sugeria que os Jogos Regionais (JR) contribuíssem das suas receitas com uma parte para o COI, em alternativa à situação existente em que os JR faziam pagamentos diretamente às FIs. Por exemplo, a FIFA recebia 2% das receitas dos JR. Claro que tal proposta não podia ser completamente pacífica pelo que Lord Burghley que tinha sido presidente do COJO de Londres (1948) defendeu as FIs e ressaltou que as federações estavam em situação difícil e que elas não tinham fins lucrativos.²¹⁴ A FIFA desejava manter o seu percentual dos JR e Brundage sugeriu que a questão fosse resolvida pela organização dos Jogos Asiáticos e se não fosse encontrada uma solução o futebol deveria ser excluído do Programa Olímpico (PO).²¹⁵

²¹⁰ In: Ata da 50ª Sessão do COI - Paris, 13 a 17 de junho de 1955, p.69.

²¹¹ In: Ata da 51ª Sessão do COI - Cortina D'Ampezzo, 24 a 25 de janeiro de 1956, p.6.

²¹² In: Ata da 50ª Sessão do COI - Paris, 13 a 17 de junho de 1955, p.5.

²¹³ In: Ata da 50ª Sessão do COI - Paris, 13 a 17 de junho de 1955, p.15.

²¹⁴ In: Ata da 50ª Sessão do COI - Paris, 13 a 17 de junho de 1955, p.41.

²¹⁵ In: Ata da 50ª Sessão do COI - Paris, 13 a 17 de junho de 1955, p.53.

5.1.2 A Procura de Receitas Alternativas

Perante a difícil situação, só havia uma alternativa que era a de conseguir soluções para aumentar as receitas. Então, foi sugerido por David Cecil, o conhecido Marquês de Exeter, o acréscimo de um percentual nas entradas nos JO para ser destinado ao COI e FIs.²¹⁶ Mas, o assunto não era consensual, o romeno Alexandru Siperco, salientou que o COI ajudava muito os CONs e que eles podiam ajudar a pagar as próprias despesas.²¹⁷ Por outro lado, os membros do COI já não conseguiam suportar o volume de trabalho, desde logo porque não havia staff administrativo suficiente. Muito embora o subcomité de relações públicas chamasse a atenção para o fato de ser necessário haver alguém competente no domínio das relações públicas, contudo, a contratação de pessoal administrativo custava dinheiro que não existia. Portanto, a solução apresentada foi a de costume:

... the funds required, in his opinion could be raised from the members of the Committee without too much trouble.²¹⁸

A lógica era continuar a manter a organização à custa dos próprios membros. Todavia, já nem Brundage acreditava na solução e disse:

It is a very delicate subject however and must be studied very carefully before any action is taken. Nevertheless it should not depend on individuals to pay its expenses of operation.²¹⁹

E como Brundage não perdia uma oportunidade para fazer realçar as questões do comercialismo lembrou que, desde o seu começo, o COI sempre tinha evitado o comercialismo e isto tinha sido a sua força e continuou dizendo que o COI era uma organização amadora, pelo que devia estar livre dos interesses financeiros dos JO.

... IOC had from the very beginning avoided any commercial entanglements and that this has been its strength. It is an amateur organization and it must be considered quite free from any financial interest in the Games.²²⁰

Em contraste a este discurso, nos JO de Melbourne (1956), participaram 72 países, representados por 3.314 atletas, dos quais 376 eram mulheres o que significou custos muito apreciáveis. Apesar destes resultados, para Brundage a questão era muito

²¹⁶ In: Ata da 52ª Sessão do COI - Melbourne, 19 a 21 de novembro de 1956, p.14.

²¹⁷ In: Ata da 52ª Sessão do COI - Melbourne, 19 a 21 de novembro de 1956, p.14.

²¹⁸ In: Ata da 52ª Sessão do COI - Melbourne, 19 a 21 de novembro de 1956, p.14.

²¹⁹ In: Ata da 52ª Sessão do COI - Melbourne, 19 a 21 de novembro de 1956, p.14.

²²⁰ In: Ata da 52ª Sessão do COI - Melbourne, 19 a 21 de novembro de 1956, p.14.

delicada e tinha que ser bem estudada antes de qualquer ação porque seria profundamente errado ligar o COI diretamente à venda dos bilhetes dos JO, ao tempo praticamente única fonte de receita. Contudo, as contradições estavam a atingir o limite. E este limite ficou bem expresso na análise de Brundage quando explicou que o COI:

... was very fortunate to have an efficient Chancellor and Secretary who received little more than enough to cover their expenses. He stated that he, personally, had taken care of all the substantial expenses of the Chicago office and in addition had spent many thousands of dollars each year traveling on Olympic business. The Olympic Movement involves million of dollars; we are trying to conduct an enormous enterprise with an inadequate staff, he said.²²¹

O COI estava transformado em um enorme organismo cujo “sistema nervoso central” não tinha meios para funcionar. O comercialismo no sentido de aproveitar o valor comercial dos bens e serviços envolvidos surgia por todos os lados, todavia, o vértice estratégico do COI teimava em continuar a funcionar de uma forma benévola e amadora. Brundage tinha certamente consciência das enormes dificuldades, porque, na sua vida profissional, era um empresário de enorme sucesso, pelo que aquela maneira de trabalhar só pode ser entendida como uma forma de Brundage, que vivia nos EUA, melhor exercer o seu poder. Quer dizer, o COI não tinha dinheiro para funcionar pelo que tinha uma certa dependência do dinheiro de Brundage. Como ele próprio disse:

Personally, I had taken care of all the substantial expenses of the Chicago office and in addition had spent many thousands of dollars each year traveling on Olympic business.²²²

Entretanto, as despesas de funcionamento do COI começaram lentamente a ser resolvidas na 53ª Sessão do COI, realizada em Sófia entre 23 e 28 de janeiro de 1957 na medida em que foi decidido solicitar aos COJOs um pagamento adicional. Claro que os COJOs, se quisessem, podiam aumentar o valor das entradas para cobrir as despesas. Também foi decidido pelos membros do COI pedir ao COJO de Roma (1960) para vender os direitos televisivos o mais caro possível, a fim de se conseguir uma verba para ajudar a suportar as despesas do COI. E, a ata da Sessão do COI de Sofia diz:

It is decided to ask the Rome organizers to sell their television rights at the highest possible tariff. A short topical news film will be allowed.²²³

²²¹ In: Ata da 52ª Sessão do COI - Melbourne, 19 a 21 de novembro de 1956, p.14.

²²² In: Ata da 52ª Sessão do COI - Melbourne, 19 a 21 de novembro de 1956, p.14.

²²³ In: Ata da 53ª Sessão do COI - Sofia, 23 a 28 de janeiro de 1957, p.12.

E, como não podia deixar de ser, começaram a levantar-se vozes contra a situação que o COI estava a viver. Em 1959, Arthur Porritt, membro do COI para a Nova Zelândia, dizia relativamente à situação:

... we find ourselves at a cross-road. The Olympic movement has developed on a very big scale and the IOC should change its politic and march with the times. We must be able to cope with all financial problems which are connected with our movement.²²⁴

Hoje, sabe-se que a face do desporto mudou radicalmente a partir da entrada das transmissões televisivas nos JO de Roma (1960). A televisão foi portadora de uma mais-valia para os JO, já que lhes aumentou significativamente o seu valor comercial. E o comercialismo, no sentido de uma justa relação comercial entre uma oferta e uma procura, começou a tomar conta de uma atividade mais ou menos diletante que foi posta em marcha por um grupo de amigos, a maioria dos quais sem ter sequer consciência onde se estava a meter. E, tal como em 1894 não tinham consciência onde se estavam a se meter, também, em 1960, não se aperceberam das mudanças radicais que iam acontecer no MO com a entrada das transmissões televisivas nos JO de tal maneira que, todos eles iam ser ultrapassados pela voragem do dinheiro.

O COI necessitava dos recursos das teletransmissoras na medida em que a organização se encontrava em rutura financeira. Esta posição foi sustentada por Marc Hodler, responsável pelo relatório financeiro, que informou os membros que a situação financeira entre 1956 e 1960 tinha sido catastrófica.

Mr. Marc Hodler, the commissioner of accounts, gave a picture of the receipts and expenses from 1956 to 1960, at which period the situation was catastrophic. After 1960 the situation had improved as a result of the payments made by the cities organizing the Games, from television royalties.²²⁵

Entretanto, já se começava a antever que o dinheiro proveniente dos direitos de transmissão televisiva ia começar a entrar no desporto. Até Brundage se deixou entusiasmar e, surpreendentemente, afirmou que os direitos televisivos podiam ser uma grande fonte de lucro para o COI. E a ata diz:

²²⁴ In: Ata da 55ª Sessão do COI - Munique, 25 a 28 de maio de 1959, p.19.

²²⁵ In: Ata da 61ª Sessão do COI - Innsbruck, 26 a 28 de janeiro de 1964, p.2.

Mr. Brundage is of the opinion that Television could be a great source of profit to the IOC. This problem requires very special attention and the Assembly decides to leave it to the care of the EB.²²⁶

Esta questão, devido à sua importância, ficou para ser analisada em detalhes pela Comissão Executiva porque, realmente, o que estava em jogo não podia ser decidido em assembleias com dezenas de pessoas, algumas delas a emitirem opinião sobre assuntos que não dominavam.

5.1.3 O Dinheiro é do COI

Brundage, certamente, percebeu que, no dinheiro das teletransmissoras estava a solução para grande número de problemas do COI. No entanto, ele tinha um problema, protagonizado pelos CONs e FIs que também ambicionavam sentarem-se “à mesa do orçamento”. E, para evitar quaisquer mal entendidos ou dúvidas, Brundage tratou de esclarecer a questão da propriedade do dinheiro que provinha das teletransmissoras. E ele tinha razão para estar preocupado porque, relativamente aos JO de Inverno de Squaw Valley (1960), os direitos de transmissão dos JO tinham sido oferecidos pelo COJO de Squaw Valley ao Governo californiano em troca dos recursos disponibilizados. Contudo, Brundage deixou claro que os direitos televisivos eram do COI:

The IOC said Mr. Brundage had, however, made it quite clear before to Mr. Cushing that these rights were the property of the IOC when the latter would make its own attribution.²²⁷

Mas, como o COJO não tinha sido avisado, ficou decidido ceder os direitos ao governo em troca do financiamento do evento:

Faced with a fait accompli, the IOC is agreeable to forego its rights in return for the assurance to be given by the American Delegation to the effect that it takes in its charge the unexpected liabilities which may occur and this in full agreement with the IOC.²²⁸

Em 1960, a situação melhorou devido aos royalties das teletransmissoras pagos pelos COJOs ao COI. O saldo contabilístico era de, aproximadamente, 400.000,00 francos suíços. Mas, Hodler não deixou de salientar que, mesmo naquela situação mais folgada, o presidente ainda pagava as suas “enormes” despesas com recursos próprios.

²²⁶ In: Ata da 53ª Sessão do COI - Sofia, 23 a 28 de janeiro de 1957, p.7.

²²⁷ In: Ata da 53ª Sessão do COI - Sofia, 23 a 28 de janeiro de 1957, p.8.

²²⁸ In: Ata da 53ª Sessão do COI - Sofia, 23 a 28 de janeiro de 1957, p.8.

Na Sessão realizada em Roma em 1960, o responsável pela Comissão de Revisão da COI, depois de lembrar que os direitos de transmissão televisiva dos JO pertenciam exclusivamente ao COI, disse que as negociações com o COJO de Roma (1960) não tinham sido conclusivas. O COJO de Roma ofereceu 5% dos direitos televisivos ao COI o que significava uma verba entre US\$ 50.000,00 e US\$ 100.000,00. Ora, tal situação não podia agradar a Brundage que sugeriu que, no futuro:

... the TV rights remain the sole property of the organizers of the Games, to whom we shall ask a fixed rate of indemnity. Thus this solution will greatly simplify this problem since it will provide the IOC with the income due him, part of which will be distributed among the IFs.²²⁹

Depois, relativamente a uma reunião com a delegação do COJO de Tóquio que receberia os JO em 1964 a ata diz:

Concerning the financial problem, Mr. Brundage states to the delegation, that as a result of the experience gained in Rome, the IOC decided to alter Rule 49 to the effect that, in future, the IOC is prepared to forego the totality of its rights of Live Television transmission to the Organizing Committees of the Games.²³⁰

Na mesma Sessão de Roma, relativamente aos JO de Inverno que se iam realizar em 1964 em Innsbruck na Áustria, a questão dos direitos televisivos voltou a ser colocada porque Brundage entendia que era uma questão vital para o MO. Diz a ata:

As he did in the case of the Tokyo Delegation, Mr. Brundage informs the Austrian Delegation that the IOC will renounce its television rights in favour of the Organizing Committee of Innsbruck, and that an indemnity of 20.000 dollars is asked from the organizers in compensation.²³¹

O resultado foi que o COJO de Tóquio (1964) pagou ao COI US\$ 65.000,00 que representaram 50% do dinheiro acordado. Uma parte da verba seria colocada em uma conta bancária para as FIs. Diz a ata:

Mr. Brundage states that the Tokyo Organizing Committee has paid us 65.000 dollars which are the 50% of the amount due to the IOC. Half this amount has been put in a special account placed for the disposal of the International Federations, according to the decision taken to this effect at the 1959 Session in San-Francisco.²³²

²²⁹ In: Ata da 57ª Sessão do COI - Roma, 22 a 24 de agosto de 1960, p.3.

²³⁰ In: Ata da 57ª Sessão do COI - Roma, 22 a 24 de agosto de 1960, p.9.

²³¹ In: Ata da 57ª Sessão do COI - Roma, 22 a 24 de agosto de 1960, p.10.

²³² In: Ata da 58ª Sessão do COI - Atenas, 19 a 21 de junho de 1961, p.2,3.

Contudo, este sistema de repartição, de alguma maneira, não agradava a todos porque, como dizia o francês Armand Massard (1884-1971),²³³ deixava os CONs de fora enquanto as FIs podiam organizar os seus campeonatos tal como, por exemplo, a FIFA que já possuía o seu Campeonato do Mundo. Mas a Brundage, presumimos, do ponto de vista financeiro, não lhe interessava CONs demasiado fortes, desde logo porque podiam começar a ultrapassar a liderança da própria CE do COI questionando a representatividade democrática do próprio Comité (assembleia geral). Nesta perspectiva, argumentava que para além dos recursos provenientes das teletransmissoras não serem suficientes para subsidiar os CONs estes recebiam subsídios dos respectivos Estados. De qualquer maneira, a questão ficou para ser tratada na Comissão Executiva.²³⁴

As questões eram tratadas com uma coerência bastante flexível em função das circunstâncias de cada momento. Na realidade, não se compreende como é que Brundage podia argumentar que os CONs recebiam dinheiro do Estado quando estas dádivas levavam à dependência dos governos e um consequente envolvimento da política no desporto com o qual ele estava radicalmente em desacordo? No espírito de independência do COI, nunca Brundage podia argumentar daquela maneira quando ele próprio era um arauto da independência dos CONs da tutela governamental,²³⁵ que, certamente, seria posta em causa a partir do momento em que a sobrevivência de um CON dependesse do dinheiro do respetivo governo.

Entretanto, com o aumento da importância dos recursos provenientes das entradas dos JO e, principalmente, dos direitos televisivos começaram a emergir novos problemas relacionados com a divisão destes recursos. O COI estava, verdadeiramente, a entrar e a envolver-se nos problemas que decorriam do comercialismo. A perspectiva de “dinheiro fácil” começava a fazer mudar de ideias mesmo os dirigentes mais tradicionalistas como o Vice-presidente do COI o Marquês de Exeter que “afrontou” a posição de Brundage sugerindo um aumento em 5% nos bilhetes dos JO dos quais 2% seriam destinados ao suporte das despesas dos membros do COI. E disse:

... a tax of 5% on the price of the entrance tickets at the Games, of which 3% should be given to the IFs. The remaining 2%

²³³ Campeão Olímpico de esgrima nos JO de Anvers (1920) e presidente do Comité Olímpico Francês de 1933 a 1967.

²³⁴ In: Ata da 59ª Sessão do COI - Moscovo, 5 a 8 de junho de 1962, p.4.

²³⁵ In: Ata da 58ª Sessão do COI - Atenas, 19 a 21 de junho de 1961, p.2,3.

would be given to the IOC with the view to facilitate the travelling expenses incurred by the members who have to attend the Sessions.²³⁶

Brundage não concordou. Ele tinha sempre qualquer coisa a dizer e, quando se tratava de dinheiro, os seus cuidados ainda eram maiores. Diz a ata:

The President expressed himself as being unalterably opposed to any subsidy for members of the IOC, which he felt would be suicidal, but stated that perhaps the International Federations should be helped somehow. However, he disapproves strongly of the method suggested. A tax of any kind would, he is certain, expose the IOC to serious adverse criticism throughout the world.²³⁷

A questão do dinheiro era uma autêntica “bomba relógio” no MO na medida em que o COI já não era um “clube de amigos endinheirados” que se permitiam pagar todas as suas despesas. Contudo, a situação interessava a Brundage. Ele temia perder o controlo da situação pelo que estava muito atento a tudo o que se passava com as FIs e os CONs. Por isso, disse:

The NOCs are responsible for the travelling expenses of the athletes competing in the Games, and would also claim their share.²³⁸

Ele tinha mesmo razão, o MO cada vez tinha mais necessidade de recursos financeiros. Já não se tratava só de suportar as viagens, mas de suportar programas de treino, na medida em que a democratização do MO decorria a passos largos. E também já se começava a verificar o mesmo no mundo das organizações desportivas diletantes na medida em que na lógica da “Lei de Parkinson”²³⁹ também elas começavam a gastar até ao limite dos orçamentos disponíveis. E, como tal, tornavam-se insaciáveis. Por isso, só uma perspectiva comercial, quer dizer, que procurasse vender a marca e os valores da marca, podia sustentar um sistema que corria imensos riscos se fosse por essa via. Todavia, correria riscos muito maiores se não fosse.

No ano seguinte, em 1958, em reunião com delegados dos CONs, Brundage defendeu perante os representantes dos CONs:

The renovator of the Games, Baron de Coubertin wished the Olympic Organization to be free from any financial considerations and this is the reason why each Olympic Committee should be self

²³⁶ In: Ata da 53ª Sessão do COI - Sofia, 23 a 28 de janeiro de 1957, p.10.

²³⁷ In: Ata da 53ª Sessão do COI - Sofia, 23 a 28 de janeiro de 1957, p.10.

²³⁸ In: Ata da 53ª Sessão do COI - Sofia, 23 a 28 de janeiro de 1957, p.10.

²³⁹ Entre os vários aspetos a que a lei de Parkinson se pode utilizar há um que diz que os custos expandem-se até ao orçamento disponível.

supporting. Every member of the IOC must bear his own expenses²⁴⁰
...

Contudo, estava em curso uma forte disputa pelos recursos entre as FIs e os CONs. Exeter, que ao tempo era Presidente da IAAF, contrariando a posição de Armand Massard saiu em defesa das FIs e disse:

... this problem of financing the IF was raised three years ago, since then no progress has been made ... The IF in the majority of cases suffer from lack of means. No government ever gives money to the IF, whereas it sometimes happens in some countries in favour of the NOC. Speaking on behalf of the IF, he insists that no subsidies should be asked from the Org. Committee of the Games but he suggests to levy a tax of 3% to be perceived on the price of the entrance tickets paid by the spectators.²⁴¹

Todavia, o General Dyrsem de nacionalidade sueca argumentou que a posição de Exeter abriria precedentes para outras reivindicações como a dos CONs. A discussão alargou-se a vários membros do COI. Os argumentos eram cruzados de parte a parte sem que Exeter visse uma solução viável para a sua proposta. Em conformidade, resolveu reforçar os argumentos e informou os presentes:

In Rome a fortnight ago, the IAAF council passed the following motion that if the IOC does not come to a definite decision at its Munich Session, the Council would advise the IAAF at its next Congress to organize its own World championships. He is afraid that if such a course was adopted, it may have serious consequential effects on the Olympic Games. He felt it his duty to signal this danger to the IOC.²⁴²

Exeter estava desde há três anos a ser pressionado por parte da IAAF para que houvesse uma decisão. Por isso, ele não podia aceitar, como se estava a propor, que a decisão fosse, mais uma vez, adiada e disse:

The Marques of Exeter insists that these postponements have lasted for the last three years and that he has been forced to give the same negative answer to the IAAF throughout that time. He lays stress once more on the consequences of a new postponement of the issue.²⁴³

Então, passou-se à votação. E, sob a pergunta “Do you want to vote on the 3% tax scheme?” a proposta de Exeter mereceu 22 votos em 32, pelo que havia dinheiro para as FIs. Perante este resultado, Pietri da França propôs que as FIs fossem

²⁴⁰ In: Ata da reunião da Comissão Executiva com os delegados dos CONs - Tóquio, 16 de maio de 1958, p.1.

²⁴¹ In: Ata da 55ª Sessão do COI - Munique, 25 a 28 de maio de 1959, p.16.

²⁴² In: Ata da 55ª Sessão do COI - Munique, 25 a 28 de maio de 1959, p.18.

²⁴³ In: Ata da 55ª Sessão do COI - Munique, 25 a 28 de maio de 1959, p.18.

autorizadas a contactar os COJOs a fim de eles receberem apoios. E Arthur Porritt da Nova Zelândia disse:

... we find ourselves at a cross-road. The Olympic movement has developed on a very big scale and the IOC should change its politic and march with the times. We must be able to cope with all financial problems which are connected with our movement.²⁴⁴

Exeter saiu em defesa de Arthur Porritt dizendo que a solução do problema era urgente para a IAAF e sugeriu que as FIs contactassem diretamente os COJOs na base de uma liberdade completa de ação:

There is nothing to prevent the I.F. to have direct arrangements with the Org, Committee of the Games. This solution seems satisfactory. ... this problem is urgent for the I.A.A.F. - He suggests that the I.F. contact the Org. Committee of the Games with the view to find a solution while allowing them to have full liberty of action.²⁴⁵

Em situações deste género aparecem logo sugestões que não fazem mais do que tentar dificultar o andamento das propostas. Nestes termos, foi aceite uma proposta para dar toda a ajuda necessária às FIs, desde que elas mandassem um relatório apresentando as suas necessidades.²⁴⁶

Brundage, que mantinha uma posição contrária ao suporte financeiro das FIs a partir das receitas dos JO, defendeu que não se podia deixar as FIs serem responsáveis por negociações diretas de ordem financeira como os COJOs, e advertiu:

If we authorize the IF to deal directly with the Org. Committee of the Games, there will be no other course left for the members but to resign.²⁴⁷

E perguntou:

Why is it that the IAAF does not organize its own World Championships outside the Games?²⁴⁸

Brundage tinha razão, a negociação direta das FIs com os COJOs era o descrédito total para o COI. A negociação direta das FIs com os COJOs só viria a ser permitida circunstancialmente por Samaranch para os JO de Seul (1988). Muito embora Samaranch em um primeiro momento tenha pretendido controlar a situação, quando

²⁴⁴ In: Ata da 55ª Sessão do COI - Munique, 25 a 28 de maio de 1959, p.19.

²⁴⁵ In: Ata da 55ª Sessão do COI - Munique, 25 a 28 de maio de 1959, p.19.

²⁴⁶ In: Ata da 55ª Sessão do COI - Munique, 25 a 28 de maio de 1959, p.18,19.

²⁴⁷ In: Ata da 55ª Sessão do COI - Munique, 25 a 28 de maio de 1959, p.20.

²⁴⁸ In: Ata da 55ª Sessão do COI - Munique, 25 a 28 de maio de 1959, p.20.

percebeu na confusão em que ia se meter acabou por delegar a responsabilidade nas FIs. Como as negociações implicavam questões de ordem técnica de grande complexidade, as principais FIs como a de atletismo e a de natação puderam negociar com o COJO de Seul (1988) o horário de transmissão das finais, de acordo com o horário mais conveniente para os EUA, uma vez que, em grande medida, eram as teletransmissoras e empresas norte-americanas que financiavam os JO.

Na Sessão do COI realizada em 1960 na cidade de Atenas, de acordo com a Regra 49 da CO, foi decidido, para os JO de 1964 (Tóquio e Innsbruck), solicitar aos COJOs a quantia de respectivamente US\$ 130.000,00 e US\$ 20.000,00, a fim de ser dividido entre o COI e as FIs em uma proporção a ser definida.²⁴⁹ A disputa pelos recursos aumentava na medida em que os direitos televisivos começavam a ter cada vez mais importância. Quando Grenoble foi escolhida para ser sede dos JO de Inverno de 1968 o prefeito da cidade, assim que obteve o resultado da candidatura, deu um cheque de US\$ 25.000,00 ao COI como adiantamento de parte dos direitos televisivos.²⁵⁰ Contudo, esta situação não agradava nem às FIs nem aos CONs que entendiam ter direito a participar na distribuição direta das receitas.

O assunto da repartição das receitas dos JO voltou, com mais força, na 63ª Sessão realizada em Madrid no ano de 1965. Brundage expôs a questão:

The NOCs want to participate in the distribution of the funds derived from the television rights, for they are the ones who organize the teams, send them to the Games and maintain them there. The funds received for the television rights are growing but it is very difficult to evaluate the amount that will be collected for the Games in 1972. In any case, the question of the television rights for the Games in 1968 is definitively solved.²⁵¹

Portanto, estavam a ser novamente abertas as negociações que haviam de determinar a distribuição das receitas do COI nos anos seguintes. O italiano Giulio Onesti (1912-1981) sustentou a posição de que, conforme resolução acordada em Roma (1960), os CONs teriam uma parte do dinheiro dos direitos televisivos, o que lhes daria independência uma vez que deixavam de ser obrigados a solicitar dinheiro aos respectivos governos que punha em causa a sua independência.²⁵² Então, Brundage começou a sustentar uma posição mais flexível e afirmou que os direitos televisivos

²⁴⁹ In: Ata da 57ª Sessão do COI - Roma, 22 a 24 de agosto de 1960, p.4.

²⁵⁰ In: Ata da 61ª Sessão do COI - Innsbruck, 26 a 28 de janeiro de 1964, p.10.

²⁵¹ In: Ata da 63ª Sessão do COI - Madrid, 06 a 09 de outubro de 1965, p.4.

²⁵² In: Ata da 63ª Sessão do COI - Madrid, 06 a 09 de outubro de 1965, p.4.

eram para o COI, os COJOs, as FIs e os CONs em dificuldades, e Academia Olímpica em Atenas. Diz a ata:

President Brundage, resuming the question, said that these rights must be shared between the IOC, the Organizing Committee, the International Federations, the National Olympic Committees in difficulty and the Olympic Academy of Athens.²⁵³

E concluiu adiando o problema para o futuro:

A general study will be undertaken by the IOC.²⁵⁴

5.1.4 Do Comercialismo ao Profissionalismo

O comercialismo conduzia necessariamente ao profissionalismo. O comercialismo necessitava de bons espetáculos e bons espetáculos só eram possíveis com profissionais. Contudo, o COI perseguia com ameaças de sanções todos os atletas que tirassem qualquer proveito de uma situação comercial. A obsessão pela perseguição aos atletas e às suas relações comerciais já vinha dos primórdios do MO. Na sessão de 1894 foi o assunto principal. Em 1912, nos JO de Estocolmo, a questão atingiu um tal padrão de hipocrisia com o caso de Jim Thorpe (1887-1953), que adiante trataremos, que ficou para a história do MO internacional como uma das suas páginas mais negras. O comercialismo e o profissionalismo evoluíram conjuntamente na história do MO. E a questão viria a incomodar de tal maneira os dirigentes do COI que, em 1960, foi levantada a hipótese de acabar com os JO de Inverno. E Brundage declarou que:

Winter sports are becoming unfortunately more and more commercialized. We received a telegram from Mr. Hodler, President of the Skiing International Federation, who sends us his good wishes for the Games in Rome while expressing the wish that the Winter Olympics will be maintained. Mr. Mezö, Comte di Revel, Mr. Romanow and Mr. Ditlev-Simonsen speak in favour of retaining these Games, for, they fail to see why they should be abolished. It is decided to maintain the Winter Olympics. It is also decided, on Mr. Brundage suggestion to send a circular-letter to the Winter sport International Federations requesting them to exercise a better control on their respective sport.²⁵⁵

Muito embora tivesse sido decidido manter os JO de Inverno, Brundage decidiu que fosse enviada uma carta às FIs para que elas cuidassem melhor das respectivas modalidades e as protegessem do comercialismo. O problema era que a questão do

²⁵³ In: Ata da 63ª Sessão do COI - Madrid, 06 a 09 de outubro de 1965, p.5.

²⁵⁴ In: Ata da 63ª Sessão do COI - Madrid, 06 a 09 de outubro de 1965, p.5.

²⁵⁵ In: Ata da 57ª Sessão do COI - Roma, 22 a 24 de agosto de 1960, p.9.

comercialismo era irreversível. Contudo, o COI, na sua obsessão, desenvolveu várias ações de controlo como foi, por exemplo a decisão de padronizar os uniformes e equipamentos, a fim dos atletas não se poderem aproveitar das propostas de marketing e publicidade das empresas que lhes forneciam equipamentos para eles os venderem durante o evento.²⁵⁶ Começava a haver inúmeros interesses comerciais à volta dos JO e o COI ao decidir, tal como ameaçara, não terminar com os JO de inverno, mostrava claramente, e bem, que era impotente para lutar contra uma realidade que o ultrapassava. E as FIs de esqui em 1965 informavam que estavam a trabalhar no sentido de combater o comercialismo e o profissionalismo enquanto o COI continuava a ameaçar. Na Sessão do COI de Madrid, realizada em 1965, diz a ata que Mark Hodler:

Gave some interesting particulars concerning the measures taken by the Skiing IF to avoid the commercialization and professionalism of skiers. The NOCs must be urged to be very severe for the qualification of the athletes and to eliminate every professional athlete.²⁵⁷

E as atitudes obsessivas por parte do COI relativamente ao comercialismo continuaram. Em 1968, foi decidido que os esquiadores deveriam passar em frente da imprensa sem os esquis para não pudessem divulgar as marcas.²⁵⁸

Brundage considerava que os JO de inverno se tinham desviado da sua concepção original.²⁵⁹ Em conformidade, sugeriu um acordo com as FIs e fábricas de esqui sobre o assunto, já que a divulgação comercial nos esquis perturbava tremendamente as consciências dos puritanos do COI.²⁶⁰ Em consequência, foi decidido que os modelos e tamanhos dos esquis seriam regulados pelas FIs para não ocorrerem abusos de esquis especiais divulgados pelas fábricas na sua luta pelas quotas de mercado.²⁶¹ Para além do mais, a fim de pararem “os escândalos com o esqui”, foi solicitado à FI de esqui para prometer publicamente retirar as marcas dos fabricantes dos esquis.²⁶²

Como para cada problema o COI criava uma comissão, em 1969, foi criada uma Comissão para avaliar se os JO de inverno deveriam continuar e o que deveria ser feito

²⁵⁶ In: Ata da 61ª Sessão do COI - Innsbruck, 26 a 28 de janeiro de 1964, p.5.

²⁵⁷ In: Ata da 63ª Sessão do COI - Madrid, 06 a 09 de outubro de 1965, p.6.

²⁵⁸ In: Ata da 66ª Sessão do COI - Genebra, 01 a 05 de fevereiro de 1968, p.22.

²⁵⁹ In: Ata da 68ª Sessão do COI - Varsóvia, 7 a 9 de junho de 1969, p.12.

²⁶⁰ In: Ata da 68ª Sessão do COI - Varsóvia, 7 a 9 de junho de 1969, p.12.

²⁶¹ In: Ata da 68ª Sessão do COI - Varsóvia, 7 a 9 de junho de 1969, anexo VIIb.

²⁶² In: Ata da 69ª Sessão do COI - Amesterdão, 12 a 16 de maio de 1970, anexo I.

para melhorá-los de um ponto de vista olímpico. O COI pretendia atingir uma impossibilidade que era a de dar mais “valor olímpico” e menos “valor comercial” aos JO de inverno.²⁶³ Os seus dirigentes não se apercebiam que sem o comercialismo os JO de verão e os JO de inverno, pura e simplesmente, deixariam de existir. Outra alternativa apontada para “descomercializar” os JO inverno foi a de diminuir os custos para as cidades, através da simplificação da cerimónia de abertura e de encerramento, o que teria como consequência uma menor necessidade de angariação de apoios financeiros por parte dos COJOs.²⁶⁴

Os JO de Grenoble (1968) foram o marco do comercialismo dos JO de inverno e da sua relação com o profissionalismo a que estava diretamente relacionado. E os problemas foram tantos que Brundage escreveu um relatório intitulado “Olympic in Danger” onde relatou que os JO de inverno tinham morrido em Grenoble (1968). O relatório enquanto discurso foi proferido na Sessão de Amesterdão realizada de 12 a 16 de maio de 1970. E Brundage ao seu estilo começou com o habitual dramatismo com que tratava os seus tabus olímpicos. E disse:

Hoje, antes de tomarmos as nossas deliberações, é de meu penoso dever informar que os Jogos Olímpicos estão em sério perigo. Temos necessidade da vossa ajuda e por isso espero que me escutareis com atenção. Todos me ouviram dizer que o Movimento Olímpico é a maior força social do mundo de hoje e cada um de nós, aqui, estou certo disso, está orgulhoso de estar associado a um empreendimento altruísta. Mas, igualmente se tem repetido que os Jogos se tornaram demasiadamente grandes e demasiadamente custosos e, em virtude do seu enorme sucesso, foram submetidos, cada vez mais, às influências políticas e comerciais. Infelizmente, estes avisos repetidos não foram escutados. Temos continuado a acumular, cada vez mais, desportos e provas e todos nós temos dado provas de apatia, não respeitando as nossas próprias regras. Agora, devemos enfrentar as consequências dos nossos atos.²⁶⁵

A importância do discurso merece uma apresentação especial. Assim, dele é possível extraírem-se as seguintes ideias chave:

- ... the Games have become too large and too expensive and that, as a penalty for the enormous success, they have become subject to increasing political and commercial interference;
- ... more than once I have been told by skeptical journalists “You are wasting your time; there are no more amateurs; everything today is measured in dollars, and the politicians run the world”;

²⁶³ In: Ata da 68ª Sessão do COI - Varsóvia, 7 a 9 de junho de 1969, anexo XX.

²⁶⁴ In: Ata da 68ª Sessão do COI - Varsóvia, 7 a 9 de junho de 1969, anexo XX.

²⁶⁵ In: Boletim do Comité Olímpico Português (1970), 30.

- ... all one has heard or read about the Games is the enormous expense with the resulting commercialization and the ski scandals, shoe scandals and brazen and sordid cheating by participants;
- ... the startling result of a vote taken in Zurich, last year, indicates how far this disillusionment which menaces the future of the Olympic Movement. The authorities of that prosperous city ... proposed that an invitation be extended for the XII Olympic Winter Games to be staged in 1976. When the votes were counted, only 40.912 approved the submission of an invitation while there were 145.347 who wanted no part of the Olympic Winter Games;
- Behind the financial consideration the Swiss hide judgment of a moral kind;
- They see in the Olympics a symbol of corruption in modern sport and are reluctant to subsidize it;
- Sport has become commercialized and the Olympics have taken a course for the worst;
- While all sports have demonstrated an extraordinary technical development ... the real pity is all this has been accompanied by deterioration of the true sporting spirit;
- The Olympic Games today are a very costly enterprise and no community is going to accept such a burden unless it can be proud of the results;²⁶⁶
- A national ski official, in answer to my statement that half the competitors were being paid in one way or another, replied: "Sorry, you are wrong, Mr. Brundage, all of them are";
- Instead of trying to correct the situation, at its next meeting after Grenoble the F.I.S. threw the doors wide open and last winter conditions were worse than ever;
- Baron de Coubertin originally was against winter games on two grounds, first that they are not universal, since at least half of the countries in the world have no interest whatsoever in winter sport, and second, that there should be only one and not two Olympic Games;
- Everyone knows, although perhaps it cannot be proven, that the majority of the football players in the Mexican and other Olympic Games had been paid at one time or another for playing football. ... many National Olympic Committees to their great credit have admitted that they cannot organize amateur football teams of Olympic calibre and refuse to participate. ... The final soccer game in the Aztec Stadium, that fiasco at the Mexican Games when half the disappointed audience walked out before the finish, cannot very well be forgotten;
- In basketball today, European teams are importing and paying United States players;
- Is it any wonder that the public reaches the unhappy conclusion that the Olympic Games are a huge commercial enterprise?
- There is a continuous cry from those ignorant of Olympic philosophy that we should revise our rules that times have changed since the Games were revived in 1896 and that the regulations should be modified to meet modern conditions. In other words, we should legitimize the illegalities;
- 42 years ago here in Amsterdam, the International Olympic Committee and the International Federations, except the F.I.F.A., voted unanimously against

²⁶⁶ Brundage referia-se aos JO de Grenoble (1968).

payment for “broken time”. There was no football on the programme of the 1932 Games;

- The Olympic Games must be confined to amateurs or they are a commercial enterprise with all idealism lost, and when that day comes, as has just now been demonstrated by the overwhelming vote of the good citizens of Zurich, the Olympic Games, mark well my words, are doomed;
- You ladies and gentlemen, with all your experience and devotion to amateur sport know full well deep down in your hearts that what I say is true and that drastic changes must be made if we are to preserve the Olympic Movement with all its high principles as laid down by Baron de Coubertin and prevent the Olympic Games from losing their indispensable idealism and becoming another mad scramble for money like Alpine skiing today;
- For 40 years we have listened to debates on the subject of eligibility. It has been argued that more time is needed and conditions will improve, but conditions are not improving, they are steadily getting worse and in Alpine skiing today are entirely out of hand, the patience of the public is exhausted, the people have spoken; they will not support a fraud! The alarm sounded so emphatically in Zurich cannot be ignored. Drastic and dramatic action must be taken without further delay if the modern Games are to escape the fate of their ancient prototypes.²⁶⁷

Este discurso de Brundage teve uma enorme divulgação em termos mundiais. Foi traduzido em várias línguas entre as quais o português em uma edição do COP enquanto suplemento ao Boletim nº 30.

O que interessa perceber é que Grenoble (1968), considerando que as anomalias são sempre significativas, foi um marco de passagem entre o passado e o futuro. O que aconteceu foi que, naqueles JO, devido ao comercialismo inerente à própria modalidade de esqui alpino, um grande número de atletas tinha um estatuto profissional, pelo que, praticamente todos os participantes no “circo alpino” receberam dinheiro. Para Brundage, aquilo foi o fim, estava para lá da sua capacidade de entendimento. De fato, ele vivia em um outro mundo e culpava as FIs de serem as responsáveis pelo desabar desse mundo. E até foi buscar a posição de Coubertin afirmando que ele era contra os JO de inverno, pois não eram universais e os JO deveriam ser só um, quando se sabe que, como não podia deixar de ser, Coubertin, por ter escrito acerca de tantos assuntos e em momentos diferentes da sua vida, teve posições contraditórias acerca de muitos assuntos em matéria de Olimpismo. Para Brundage, o MO tinha uma imagem positiva porque não estava envolvido em dinheiro. Claro que tinha uma imagem positiva entre algumas elites porque ao nível da generalidade das pessoas a imagem era má, e era má precisamente porque se sabia que as pessoas estavam lá por meros interesses quer

²⁶⁷ In: Ata da 69ª Sessão do COI - Amesterdão, 12 a 16 de maio de 1970, Anexo I, p.1.

diretos quer indiretos e que, além do mais, perpetuavam-se nos lugares devido ao seu estatuto social que lhes permitia viver para além dos custos financeiros que a sua participação no COI os obrigava. Portanto, no seu discurso Brundage construiu um cenário que era o dele e de um número cada vez menor de pessoas, desde logo porque a maneira radical como defendia as suas opiniões fez com que as pessoas dele se fossem afastando. E fez a profecia de que todos os desportos iriam pagar pelo que aconteceu com o esqui em Grenoble. Na realidade os relatos dos jornais que saíam para a opinião pública eram demolidores para o MO. Em Grenoble (1968) estiveram presentes mais de 3.000 jornalistas fazendo a cobertura do evento. E claro que se agarraram aos aspetos mais mediáticos dos JO. Em conformidade, relataram a sua perspectiva comercial bem como as repetidas irregularidades que estavam a ser cometidas contra a CO. E Brundage estava escandalizado relativamente a algumas manchetes dos jornais. Entre outras as seguintes:

Ski payoffs may doom Olympics;
Medals yield "Bonus";
Just one living lie after another;
Le semi-professionalisme des skieurs va précipiter la fin des
Jeux Olympiques;
Is success spoiling Olympics?;
Winter Games should be discontinued;
Made a farce of the original purpose of the Olympic Games;
Most Olympians are professionals;
Let's ditch the Olympics;
Amateurs are big business to makers of ski equipment.²⁶⁸

E Brundage dizia:

Articles under similar headings have been appearing ever since. No one can read stories like this day after day without effect. Is it strange that the voters of Zurich refused so emphatically to have any connection with the Games?²⁶⁹

E Brundage no seu discurso continuava a defender argumentos contra o comercialismo. E dizia que, segundo um inquérito, 77% dos cidadãos de Zurique foram contra a realização dos JO na Suíça. E, depois, concluiu que a culpa era da comercialização.

Hoje, sabe-se que o que a generalidade das pessoas abominavam era o discurso hipócrita dos líderes do MO. Era um discurso que não tinha credibilidade porque partia

²⁶⁸ In: Ata da 69ª Sessão do COI - Amesterdão, 12 a 16 de maio de 1970, anexo I, p.3,4.

²⁶⁹ In: Ata da 69ª Sessão do COI - Amesterdão, 12 a 16 de maio de 1970, anexo I, p.4.

de premissas falsas, baseava-se em um mundo que já não existia, um mundo do desporto que eles tinham praticado há cinquenta ou sessenta anos. Para Brundage, os JO tinham se tornado comercializados, corruptos e tinham perdido o verdadeiro espírito olímpico, pelo que a sua salvação estava em ficarem restritos à participação de amadores dirigidos por dirigentes velhos e desatualizados (nos JO de Grenoble, Brundage estava a caminho dos 75 anos de idade). Contudo, Brundage não estava sozinho.

Muitos dirigentes do COI estavam com ele, muito embora, bem mais novos, dessem alguns sinais de esperança relativamente à maneira como começavam a pensar. Entre eles, Maurice Herzog foi, certamente, um dos mais representativos. No dia 3 de junho de 1950, Herzog tinha sido líder de uma expedição, ao tempo com trinta anos de idade, e conseguiu atingir pela primeira vez na história da humanidade o pico a 8.091 metros do Annapurna nos Himalaias. Esta vitória transformou Herzog em um autêntico herói nacional. Quando, quarenta anos depois, lhe perguntaram o que é que de mais marcante lhe tinha ficado daquele feito notável na memória, Herzog disse:

Strangely enough, the victorious arrival at the summit is not the memory which stands out the most. The thing I remember is rather the terrible suffering on the way down, the descent. Then several times I thought I would die, obviously the strongest emotion a man can feel. There were the physical consequences as well, the amputations, which are hard to forget (Herzog, 1990 p.324).

Em 1971, Herzog fez uma comunicação ao COI onde, sem colocar em causa o espírito de antigos praticantes como Brundage que não eram capazes de perceber que o mundo do desporto e do Olimpismo estavam a mudar, lançou algumas ideias fundamentais para a organização do futuro do MO. Diremos que procurou ultrapassar os estigmas que estavam a massacrar o MO sem contudo ser capaz de ver a verdadeira solução. Ao tempo Herzog era membro do COI e responsável pelo Programa Olímpico. E no seu discurso de sete páginas, começou por referir os seus receios que eram os receios da maioria dos tradicionalistas: que o MO fosse vítima do seu próprio sucesso:

It would be a pity, however, if the I.O.C. were to become the victim of its own success.²⁷⁰

Depois, o seu discurso desenvolveu-se a partir de seis ideias fundamentais:

²⁷⁰ In: Ata da 71ª Sessão do COI - Luxemburgo, 11 a 18 de setembro de 1971, p.74.

To take over the leadership of World Sport or only to
organize the Olympic Games;
The pollution of money;
Olympic solidarity involves impeccable moral integrity at all
levels;
A crusade of generosity better than ostracism of the guilty;
For a wider and more active participation of countries and
thus athletes;
Continuous creation calls for continual renewal.²⁷¹

Herzog tinha consciência de que havia um desfasamento entre a maneira de ser e as atitudes do COI relativamente às necessidades fundamentais de uma sociedade a viver um processo de rápida transformação. E dizia:

At a time when the whole world of teachers, parents, leaders and the young themselves are anxiously concerned about the future of our society, at a time when they are wondering with anguish how to prepare its evolution, it would have been surprising if the I.O.C. too had not felt the need to reflect on the finality of its actions.²⁷²

Contudo, Herzog não tinha a capacidade prospectiva para perceber que a lógica de uma pretensa moral de validade mais do que duvidosa que pretendia abster os atletas de quaisquer benefícios quanto, à sua volta, todos se moviam pelos benefícios que podiam colher. Dizia ele:

We must not allow Cassandras to worry us. In Pierre de Coubertin day, the Olympic idea was challenged by the sceptical - today, by the profit-seekers. The enemy has changed but the fight goes on. For any official and for any teacher as for any athlete, these are matters of conviction rather than of regulations. Deliberately, we must place ourselves on a moral plane rather than on one of facts.²⁷³

E, Herzog propunha a solução do costume. Quer dizer, a solução das organizações que, por não perceberem o que se passa à sua volta, fecham-se sobre si próprias convencidas que conseguiam resistir. E dizia:

In order to escape the clutches of money, we must endeavour to ensure that our organisation is as compact and united as possible. This is why both as regards officials and athletes our responsibility is not only direct but complete.²⁷⁴

Herzog também apontava contradições no que diz respeito ao que verdadeiramente se podia dizer que era um atleta amador e um profissional e, neste

²⁷¹ In: Ata da 71ª Sessão do COI - Luxemburgo, 11 a 18 de setembro de 1971, p.74.

²⁷² In: Ata da 71ª Sessão do COI - Luxemburgo, 11 a 18 de setembro de 1971, p.74.

²⁷³ In: Ata da 71ª Sessão do COI - Luxemburgo, 11 a 18 de setembro de 1971, p.76.

²⁷⁴ In: Ata da 71ª Sessão do COI - Luxemburgo, 11 a 18 de setembro de 1971, p.76.

aspeto ele, com o seu discurso, eventualmente abriu uma enorme brecha nas convicções dos presentes, quando disse:

A great deal could be said about the notion of amateurs and professionals. In the light of the facts, it would seem that the distinction between them is more subtle than is generally allowed. Many professionals believe in their sport just as fervently as genuine amateurs. On the other hand, who does not know of certain amateurs who are unfortunately held captive by their greed for gain and thirst for publicity? The first serve sport honestly and, in the final analysis, loyally. The second use it for their own purposes.²⁷⁵

Embora esta sua última ideia pretendesse defender o amadorismo, dando contudo espaço ao profissionalismo fora do MO, o que é fato é que Herzog condenava os falsos desportistas que dizendo-se amadores utilizavam o desporto em função dos seus interesses. Nestes termos, ele entendia que uma cruzada não deveria ser coercitiva e degradante e que deveria ser acima de tudo generosa e criativa. E, neste domínio, ele também afrontava Brundage, já que este tentava resolver os problemas como uma autêntica “escavadeira” a avançar sobre eles.

E, relativamente às ruturas que Brundage sistematicamente criava relativamente à RPC, Herzog também deixou um sinal de crítica ao dizer:

The universal mission incumbent upon the I.O.C. means that no country, no continent, no race, no civilisation should feel itself excluded, in advance, from the honour of organising the Olympic Games.²⁷⁶

Para o efeito Herzog propunha que se aumentasse a base da pirâmide, que aumentassem o número de competições e que se institucionalizasse cada continente como uma “Olympic Zone”. Claro que ele tinha razão, mas estava fora de tempo. Ao tempo não existiam meios tecnológicos para desagregar o MO por Continentes sem uma perda de autoridade da organização central do COI. Este já estava com enormes dificuldades de controlar os CONs e as FIs pelo que com comités olímpicos continentais a luta pelos recursos ia ser de tal maneira violenta que a organização teria certamente entrado em um processo de autofagia. Aliás, Brundage tinha consciência disso. Mas, Herzog tinha uma visão idealista do desporto quando o desporto e o MO já estavam a viver em uma lógica económica. Dizia ele:

²⁷⁵ In: Ata da 71ª Sessão do COI - Luxemburgo, 11 a 18 de setembro de 1971, p.77.

²⁷⁶ In: Ata da 71ª Sessão do COI - Luxemburgo, 11 a 18 de setembro de 1971, p.78.

... the function of the IOC is not limited merely to organising a great festival of sport every four years but through these Games to encouraging the development of competitive sport and even sport at the lowest level in each country.²⁷⁷

Mas o grande sinal de futuro de Herzog, foi dado já no final do seu discurso quando disse:

By way of conclusion, homage should be paid to the tremendous work done by the I.O.C. in favour of humanity.²⁷⁸

E disse que, devido a Brundage, o MO conseguiu manter a sua unidade. Contudo, com o seu discurso, os que quiseram, também puderam compreender, que estava na hora de mudar um estilo de liderança que, embora tenha preservado a unidade do COI, também dificultou o seu desenvolvimento.

Alguma mudança já estava à vista com Killanin e Samaranch. No entanto, a verdadeira mudança, para além do comercialismo de Samaranch, só começou a acontecer com Jacques Rogge e a sua visão desenvolvimentista do MO que Herzog em 1971 já preconizava para o trabalho do COI em favor da humanidade. Herzog foi certamente um contemporâneo do futuro. Ele, na prática e nas ideias, conseguiu ir mais longe do que qualquer dos seus contemporâneos, infelizmente sem conseguir largar as amarras que prendiam o MO ao passado.

Apesar de haver dirigentes como Maurice Herzog com uma abertura de espírito que lhes permitia perspectivar a organização do futuro de uma forma positiva, o COI estava obsessivamente envolvido em questões menores que inutilmente consumiam esforços e tempo aos seus membros. Brundage, no seu último ano de presidência, resolveu atacar outras modalidades dizendo que não era só o esqui que estava com problemas de comercialismo.²⁷⁹ Eram, também, as modalidades equestres e náuticas que estavam a ser utilizadas pelas marcas. Existiam cavalos e barcos que recebiam o nome de marcas para competirem nos JO. Os barcos e os cavalos eram batizados com um nome especial para cada evento. Depois de uma longa discussão foi decidido que cavalos e barcos com nomes de empresas não poderiam competir.²⁸⁰

²⁷⁷ In: Ata da 71ª Sessão do COI - Luxemburgo, 11 a 18 de setembro de 1971, p.79.

²⁷⁸ In: Ata da 71ª Sessão do COI - Luxemburgo, 11 a 18 de setembro de 1971, p.80.

²⁷⁹ In: Ata da 72ª Sessão do COI - Sapporo, 31 de janeiro e 1 de fevereiro de 1972, p.33.

²⁸⁰ In: Ata da 72ª Sessão do COI - Sapporo, 31 de janeiro e 1 de fevereiro de 1972, p.30.

O comercialismo entrava em todos os interstícios da organização desportiva. E entrava mais depressa do que a velocidade da capacidade dos dirigentes para o perceber. Por isso, quando, em 1972, foram visitar a Aldeia Olímpica dos JO de Munique (1972), foram mais uma vez surpreendidos pela dinâmica dos acontecimentos. Diz a ata da 73ª Sessão do COI:

... there were shops operated by manufacturers who had no difficulties in advertising their wares through the competitors.²⁸¹

Além disso, o membro sul africano do COI Reginald Alexander perguntou aos membros se sabiam que a Adidas tinha doado muitos artigos de desporto aos CONs de diversos países? Diz a ata:

Mr. Alexander reported that it was well known that Adidas had donated items of sports clothing and equipment to many countries teams. He wished to know to what extent these items made by Adidas, were identifiable.²⁸²

Ao que Brundage respondeu, segundo a ata:

President Brundage stated that a great deal of correspondence had been entered into with Adidas with the result that they had assured the IOC that they wanted to follow its Rules and Regulations.²⁸³

Ficamos com a ideia que se vivia uma espécie de jogo do “faz de conta”. Quer dizer, os dirigentes sabiam que havia comercialismo a envolver o MO, mas diziam que não ou encontravam explicações para viverem de consciência tranquila.

5.1.5 Federações Internacionais

O grande problema relativamente ao comercialismo vinha das FIs. Como eram elas que garantiam o espetáculo, eram elas também quem necessitavam, urgentemente, cada vez de mais dinheiro. Por isso não é de estranhar que na Sessão do COI de Roma, realizada em 1966, as FIs tenham reivindicado 1/3 dos direitos televisivos. Mas, os CONs e COJOs também queriam participar na distribuição das verbas. Em consequência, foi decidido criar uma comissão a fim de estudar o assunto.²⁸⁴

Mas o problema não estava só na distribuição do dinheiro. O que se passava era que Brundage desconfiava que as FIs iriam utilizar o dinheiro dos direitos de

²⁸¹ In: Ata da 73ª Sessão do COI - Munique, 21 a 24 de agosto de 1972, p.30.

²⁸² In: Ata da 73ª Sessão do COI - Munique, 21 a 24 de agosto de 1972, p.30.

²⁸³ In: Ata da 73ª Sessão do COI - Munique, 21 a 24 de agosto de 1972, p.30.

²⁸⁴ In: Ata da 64ª Sessão do COI - Roma, 24 a 30 de abril de 1966, p.2.

transmissão televisiva em ações que se iam virar contra o próprio COI. Na realidade, as FIs muito embora reivindicassem uma posição dentro da estrutura do próprio COI elas eram entidades externas à estrutura pelo que nem lugar tinham no Comité enquanto assembleia geral. Ora, como elas não pertenciam ao COI, na medida em que eram simplesmente parceiras, Brundage tinha pouco poder sobre elas.²⁸⁵ E como tinha pouco poder sobre elas voltou a lembrar-lhes que as verbas provenientes dos direitos televisivos eram do COI e era o COI que iria decidir como seria realizada a divisão. A sua estratégia era a de manter o COI como única instituição no vértice da decisão. Ele dizia:

... in principle, the television rights to the Olympic Games belong to the IOC. There can be no doubt on this subject. The IOC would like the money to be entirely devoted to the Olympic Movement. It would examine the claims of the three interested parties: the Organizing Committee, the International Federations and the National Olympic Committees.²⁸⁶

Apesar das proclamações de Brundage, as FIs ficaram profundamente insatisfeitas com a verba de US\$ 150.450,00 que receberam proveniente dos JO do México (1968). E, organizadas na “General Assembly of International Federations” (GAIF)²⁸⁷ a partir de Berges Phillips, Presidente da Federação Internacional de Natação Amadora (FINA) e Roger Coulon, Presidente da Federação Internacional de Luta Amadora, “expressed their desire to obtain a third of the total amount of the television rights for the International Federations” (Wenn, 1995 p.4). E Roger Coulon, em uma combatividade inaudita no seio do COI, em uma reunião entre a Comissão Executiva do COI com as FIs, chegou ao ponto de propor a transferência de todo o dinheiro dos JO de 1968 para as FIs (Wenn, 1995). Na realidade, por contraditório que possa parecer, um movimento como o MO em que, de uma maneira geral, os membros criticavam o comercialismo, todos estavam interessados no dinheiro. E, como todos queriam dinheiro, as despesas com a organização dos JO aumentavam ao ponto de três das

²⁸⁵ A situação da representação das FIs no COI ainda hoje está por resolver muito embora a abertura em curso proporcionada por Jacques Rogge já seja um princípio. De fato, existe uma política em curso no COI conducente a conferir, por inerência, um lugar no COI aos presidentes das FIs. Ora, esta situação vai fazer aquecer as eleições nas FIs na medida em que determinados países não vão deixar de querer exercer a sua influência no MO através das FIs.

²⁸⁶ In: Ata da 64ª Sessão do COI - Roma, 24 a 30 de abril de 1966, p.2.

²⁸⁷ A Associação Geral de Federações Desportivas Internacionais foi fundada em 1967 com o objetivo de agrupar várias federações desportivas internacionais. O objetivo principal foi o de criar um fórum que anualmente reunisse, a nível internacional, os organismos desportivos a fim de trocarem opiniões e defenderem os seus interesses. Em 1976, passou a designar-se Assembleia Geral das Federações Desportivas Internacionais - General Association of International Sports Federations (GAISF). E em 2009 passou a designar-se *SportAccord*.

candidaturas à organização dos JO de Munique (1972) terem desistido por dificuldades financeiras. Os tempos eram de profunda mudança, contudo, para Brundage eles eram de profunda crise. Até o soviético Konstantin Andrianov, em uma reunião da Comissão Executiva do COI, realizada em Teerão em 1967, expressou a sua opinião favorável relativamente ao dinheiro que seria uma “force for peace and social improvement”. Ele disse:

We have to promote sports in general. We could be a real force for peace and social improvement.²⁸⁸

Então, a Comissão Executiva fez a seguinte proposta²⁸⁹ para os JO de 1972:

The first million dollars go entirely to the IOC who would divide it between the International Federations and the National Olympic Committees, on the basis of 1/3 to each, the IOC reserving for itself the final third.²⁹⁰

A ideia era deixar de fora os COJOs da distribuição do primeiro milhão a fim de os motivar a conseguirem o maior volume de verbas possível das teletransmissoras. Depois, o segundo milhão seria distribuído da seguinte maneira:

The second million would be divided as follows: 1/3 to the Organizing Committee and 2/3 to the IOC who would distribute 2/9 to the IFs, 2/9 to the N.O.C.s and 2/9 to the IOC.²⁹¹

E a partir do terceiro milhão:

Starting from the third million, 2/3 would go to the Organizing Committee and 1/3 to the IOC to be re-distributed as indicated in the preceding paragraph.²⁹²

Antes da abertura da Sessão para a seleção das cidades candidatas para os JO de 1972 os membros disseram que estavam de acordo com este modelo de divisão dos direitos televisivos. Contudo, as FIs não concordaram com o modelo de divisão e sustentavam que queriam 1/3 do montante total. Brundage defendeu o modelo de divisão adotado argumentando que as FIs tinham os direitos televisivos dos seus

²⁸⁸ In: Ata da Sessão da Comissão Executiva - Teerão, 2 a 8 de maio de 1977, p.4.

²⁸⁹ Por ter sido apresentada na Sessão do COI de Roma ficou conhecida como a “Fórmula de Roma”.

²⁹⁰ In: Ata da 64ª Sessão do COI - Roma, 24 a 30 de abril de 1966, p.3.

²⁹¹ In: Ata da 64ª Sessão do COI - Roma, 24 a 30 de abril de 1966, p.3.

²⁹² In: Ata da 64ª Sessão do COI - Roma, 24 a 30 de abril de 1966, p.3.

campeonatos mundiais e os CONs tinham pouco dinheiro pelo que considerava justo dividir os direitos televisivos em 4 partes: COI, CONs, FIs e COJOs.²⁹³

Exeter, com receio do poder que a GAIF podia exercer sobre a IAAF de que era presidente, utilizou o seu prestígio e pôs um ponto final na discussão. E, argumentando que:

- Nos JO de Melbourne (1956) não se falou sequer de televisão;
- Nos JO de Roma (1960) o dinheiro recebido pelo COJO foi muito reduzido, na medida em que a televisão não estava muito desenvolvida e dificilmente ultrapassava as fronteiras do país;
- Em Tóquio (1964) lutou-se contra as dificuldades das transmissões internacionais;
- No México (1968), quando a cidade foi escolhida para organizar os JO, não existia a Telstars nem ninguém conseguia prever o extraordinário desenvolvimento da teletransmissoras, pelo que ninguém sabia o que a televisão ia ser em Munique (1972),

concluiu:

The proposed table of distribution takes into account future development.²⁹⁴

Saíram em apoio de Exeter alguns membros do COI pelo que os representantes das FIs acabaram por aceitar a proposta para 1972, muito embora não tivessem ficado satisfeitos. Depois, o que aconteceu foi que os alemães tinham uma surpresa. À revelia do estabelecido em Roma, ao montante do contrato estabelecido entre o COJO de Munique e a ABC, foram deduzidos os custos de instalações, pelo que o COI, os CONs e as FIs receberam menos do que aquilo que estavam à espera. Os membros da Comissão Executiva sentiam-se atraídos ao ponto de Exeter comentar para Brundage:

I do not think that any of us have ever visualized that they (Munich organizers) would not pay the proceeds gross to us, and in fact help themselves to 2 million dollars of the IOC, International Federation and NOC money (Wenn, 1995 p.8).

Então, o COI, através da Comissão de Finanças, começou a tratar das questões do comercialismo de uma forma aberta e direta, de tal maneira que fez uma consulta a numerosas entidades ligadas aos media a fim de estabelecer um valor para a “marca dos

²⁹³ In: Ata da 64ª Sessão do COI - Roma, 24 a 30 de abril de 1966, p.4.

²⁹⁴ In: Ata da 64ª Sessão do COI - Roma, 24 a 30 de abril de 1966, p.4.

anéis”. Na reunião da Comissão Executiva do COI realizada em Dubrovnik em 1969, os membros foram informados que:

The Finance Commission is soliciting advice from various top people in the television world with regard to the matter.²⁹⁵

Em 1970, na Sessão do COI de Amesterdão, Lord Duke, enquanto responsável pela Comissão de Finanças, no seu relatório à Sessão disse das suas dificuldades:

It has been difficult to convince members of Olympic Organising Committees from Munich and Sapporo that the International Olympic Committee Rule 49 with regard to the sale of television rights means that Olympic Organising Committees pass over to the International Olympic Committee the full sum paid for television rights without deduction of any kind and that Olympic Organising Committees will defray expenditure on television installations from their proportion of television revenue received back by them from the International Olympic Committee and this proportion was calculated to give the Olympic Organising Committees a higher percentage than the International Olympic Committee, National Olympic Committees and International Federations put together.²⁹⁶

As coisas estavam a evoluir no MO a uma velocidade extraordinária e absolutamente fora de controlo. A Comissão de Finanças²⁹⁷ não dava conta das tarefas e por pressão de alguns membros do COI, estava a funcionar em “roda livre”. Jean de Beaumont, membro da Comissão de Finanças do COI, em 1971, escreveu a Brundage:

We are sliding slowly but surely towards “money business”. As you repeated it so many times, the Olympic Movement so far never had any money, and never needed any money. Our ideology which is also a tremendous strength is chiefly based upon good-will, spontaneity, and enthusiasm, these three factors being sources of pure and honest energy. So far, we managed very well indeed and that is why we still exist (Wenn, 1995 p.9).

Neste contexto, para os JO de inverno de Sapporo (1972) o respectivo COJO remeteu o total do pagamento dos direitos televisivos para o COI sem qualquer dedução relativamente às instalações.

Em 1972, o mandato de Brundage estava a chegar ao fim. Durante 20 anos, enquanto presidente, ele manteve levantada a bandeira do não-comercialismo, contudo,

²⁹⁵ In: Ata da reunião da Comissão Executiva do COI - Dubrovnik, 23 a 27 de outubro de 1969, p.19.

²⁹⁶ In: Ata da 69ª Sessão do COI - Amesterdão, 12 a 16 de maio de 1970, anexo 14a.

²⁹⁷ A Comissão de Finanças tinha sido criada em 1967 e era presidida por Lord Luke (Grã Bretanha). Tinha os seguintes membros: Marc Hodler (Suíça); General José de J. Clark (México); Gunnar Ericsson (Suécia); Conde Jean Beaumont (França); Reginald Alexander (Quénia); e Georg von Opel (Alemanha).

os ideais que instituiu estavam a desfazer-se completamente e os interesses comerciais a tomar conta de toda a organização do COI. Era mais uma derrota de Brundage que acabou derrotado nas suas três grandes frentes. E uma dessas frentes foi precisamente a do comercialismo que ele combateu ingloriamente. Mas, não se deu por vencido já que em vésperas de passar o testemunho da presidência para Michael Killanin, na sua penúltima reunião da Comissão Executiva do COI, permitiu-se dizer que o COI não deveria ter nada para fazer com o dinheiro. De fato, ao cabo do seu mandato, Brundage era um homem do passado e, como tal, produziu um discurso do passado:

When the Olympic Games were revived, there was just the IOC to carry all the burdens - there were no NOCs, IFs nor Organising Committees. After several Olympiads, the IOC decided that it would have to divide its authority, i.e. NOCs were required to organise teams, IFs to take care of technical arrangements and Organising Committees for financial details.

At that time, the IOC had no money but then in the 1960s, when the question of television money came up, the IOC reserved to itself the right to dispose of the money.

E Brundage continuou:

... at the time that money would bring problems and there had been ample proof of that since. The International Federations received large sums of money from TV rights and many of them did not quite know what to do with it. Some sports could manage without the money, for example football, but most of them had come to rely on this money to keep them going for the years between the Olympiads.

E reafirmou:

... the IOC should have nothing to do with money, but should require the Organising Committee to cover the expenses of the IOC, in accordance with a budget which would be submitted to them. They would also have to pay for all officials, referees, etc. All this would be agreed with the Organising Committee, when the Games were awarded to their city, and it would last for the duration of the four years from one Olympiad to the next.²⁹⁸

Portanto, Brundage estava a chegar ao fim e, nos seus 82 anos de idade, produziu um discurso do passado. Ele estava completamente ultrapassado pelo que o seu poder no MO, nos mais diversos assuntos, em grande medida, já não era respeitado.

A obsessão de Brundage relativamente ao comercialismo acabou também por produzir alguns efeitos positivos para o MO. Já no final do mandato de Brundage ficou decidido que todos os contratos televisivos teriam de ser aprovados pela Comissão

²⁹⁸ In: Ata da reunião da Comissão Executiva - Lausanne, 27 a 30 de maio de 1972, p.4.

Executiva e todo o dinheiro deveria ir para o COI,²⁹⁹ sendo que os COJOs ficariam com o direito de fazer e vender, por 2 anos, um filme dos JO, depois de decorrido este prazo os direitos passariam para o COI, sendo uma cópia enviada aos CONs gratuitamente, que deveria ser usada para fins educacionais.³⁰⁰ Este foi talvez o maior legado de Brundage, quer dizer, o dinheiro era do COI.

A sucessão de Brundage foi pacífica. O MO estava exausto de um mandato caracterizado por diversas disputas que acabou na tragédia do ataque terrorista à Aldeia Olímpica em 1972. O MO ansiava por novos tempos e novas lideranças. Killanin foi o homem certo para os oito anos que se seguiram à liderança de Brundage. E Killanin ficou para a história do MO precisamente porque foi capaz de com engenho e arte começar a desfazer as complicações deixadas pela liderança de Brundage.³⁰¹

5.1.6 Contrato com a ABC

Em 1973, no início do mandato de Killanin, as preocupações com as questões relacionadas com os direitos de teletransmissão continuavam na ordem do dia. Contudo, a comunicação social olhava com uma certa crítica para o que se estava a passar porque o dinheiro começava a ser em montantes nunca vistos e a maneira como era gerido, segundo ela, revelava ser pouco transparente. Em consequência, em 1973, Reginald Alexander sugeriu que o COI divulgasse os contratos televisivos estabelecidos com a ABC já que havia reportagens negativas acerca da maneira como o acordo tinha sido estabelecido. Diz a ata:

Mr. Alexander then turned to the television contracts. He thought the IOC should have a thorough report on the main contracts. He had read disturbing press reports as to how the agreement was reached with ABC. A clear description should be defined of where hardware begins and software ends.³⁰²

E Killanin esclareceu que:

The real figure for the ABC contract for rights was \$12,5 million.³⁰³

²⁹⁹ In: Ata da 71ª Sessão do COI - Luxemburgo, 11 a 18 de setembro de 1971, p.8.

³⁰⁰ In: Ata da 71ª Sessão do COI - Luxemburgo, 11 a 18 de setembro de 1971, p.8.

³⁰¹ Por proposta de Killanin, na Sessão de Varna realizada em 1973, Brundage foi agraciado com o título de Membro Honorário do COI.

³⁰² In: Ata da 74ª Sessão do COI - Varna, 5 a 7 de outubro de 1973, p.8.

³⁰³ In: Ata da 74ª Sessão do COI - Varna, 5 a 7 de outubro de 1973, p.9.

Entretanto, em contradição com as exigências que tinham para com os COJOs que arcavam com as despesas da organização dos JO, manifestando um significativo desprezo para com as empresas como a Adidas que suportavam os JO, e, em uma perseguição exagerada aos atletas que eventualmente tivessem algum contato com uma marca, o COI, através do Marquês de Exeter, manifestava a sua preocupação com a possibilidade de, no futuro, as cadeias de televisão se unirem nas negociações a fim de adquirirem os direitos de televisivos mais baratos. Perante este previsível cenário Exeter considerou importante que o COI aumentasse o seu capital. Era o comercialismo a funcionar no seu melhor estilo. Killanin concordou e disse que o aumento de capital já estava sendo feito.³⁰⁴

A partir de Killanin, o COI começou a perceber o valor da sua marca bem como acerca dos dinheiros que, através de estratégias concertadas, podiam ser conseguidos em benefício dos proventos do COI. O COI acabara de receber da ABC o montante pelo contrato de transmissão dos JO de Montreal (1976). Este montante foi posto a render a uma taxa de juro de 8,75% em benefício do COI, das FIs e dos CONs.³⁰⁵ Contudo, a discussão acerca da situação financeira do COI, concretamente no que diz respeito às fontes de receita, começava a assumir uma importância que nunca tinha ocorrido no tempo do antecessor de Killanin. Na realidade os membros do COI estavam interessados em saber o que se passava, pelo que solicitavam mais relatórios financeiros e informações acerca dos contratos com as teletransmissoras, uma vez que as suas fontes de informação eram simplesmente a comunicação social. A este respeito Killanin teve a oportunidade de esclarecer que:

...the IOC had had a difficult time with Montreal, the press reports of a contract worth \$ 25 million were untrue. The real figure for the ABC contract for rights was \$12 million.³⁰⁶

As coisas estavam realmente a mudar e de tal maneira que Killanin até informou que:

A television questionnaire had then been drawn up for future candidate cities to complete.³⁰⁷

³⁰⁴ In: Ata da 74ª Sessão do COI - Varna, 5 a 7 de outubro de 1973, p.9.

³⁰⁵ In: Ata da 74ª Sessão do COI - Varna, 5 a 7 de outubro de 1973, p.8.

³⁰⁶ In: Ata da 74ª Sessão do COI - Varna, 5 a 7 de outubro de 1973, p.9.

³⁰⁷ In: Ata da 74ª Sessão do COI - Varna, 5 a 7 de outubro de 1973, p.9.

E o Conde Beaumonte, responsável pela Comissão de Finanças também se apressou a informar que:

... as far as the television contracts were concerned, the Finance Commission had taken all necessary advice and lawyers had been consulted at every stage of the negotiations.³⁰⁸

Portanto, estava em marcha uma mudança radical de paradigma que entendia dever ser o dinheiro tratado de uma forma inteligente, estabelecendo um corte com a perspectiva diletante do passado. Contudo, as dificuldades subsistiam na medida em que, fundamentalmente, se tratava de uma mudança de mentalidades.

5.1.7 Comercialismo na Aldeia Olímpica

O comercialismo era imparável. Eram as empresas a competir pelo que o que interessava era perceber o que se passava e regulamentar, até para que a competição fosse leal e justa. Contudo, o gene da perseguição que comandava um número significativo dos membros do COI parecia ser mais forte do que o da compreensão. Assim, se ao tempo de Brundage o alvo eram os atletas, no tempo de Killanin aconteceu de certa maneira uma evolução significativa e positiva na medida em que o alvo passaram a ser as empresas de material desportivo entre outras. Se em 1972 em Munique, os membros do COI andaram atrás dos eventuais contatos comerciais que os atletas pudessem ter com as marcas instaladas na Aldeia Olímpica, no que diz respeito aos JO de Montreal (1976) os dirigentes, para além de intensificarem a ação de controlo sobre os atletas através de um refinamento da Regra 26, Hugh Weir que presidia à comissão de elegibilidade pediu para que o COJO fosse sujeito a um controlo intenso no que diz respeito ao comercialismo na Vila Olímpica.³⁰⁹

Neste contexto de contradições em que o COI se encontrava, surgiu o discurso do Conde de Peaumont, ocorrido na Sessão do COI de 1974, que expressava a opinião de muitos quanto à situação relativa ao comercialismo. Para ele, nos dias que passavam era necessário reconhecer que no mundo moderno a situação económica tinha mudado drasticamente e que alguns valores morais tinham entrado em colapso. E perguntou: “Is not the Olympic Movement one of the few pillars, which opposes the rise of these dangers?” E ele mesmo respondeu:

³⁰⁸ In: Ata da 74ª Sessão do COI - Varna, 5 a 7 de outubro de 1973, p.9.

³⁰⁹ In: Ata da 74ª Sessão do COI - Varna, 5 a 7 de outubro de 1973, p.24.

Olympism from ancient times lasted more than a thousand years but it was ended by a simple decree because of its own abuses, which were called "commercialisation" and "politisisation" which were stronger than the purity of any ideology.³¹⁰

A posição de Peaumont alertou para uma situação complexa e problemática de ordem moral e ética do COI que necessitava de se adaptar à nova realidade internacional sem desprezar os valores do passado. Era o problema da “falsificabilidade” colocado por Popper (1959) quando diz que é preferível que morram as teorias a morrermos nós próprios.³¹¹ Só que o MO, ao tempo de Brundage, parecia estar mais disponível para morrer pelas ideias do passado, do que para construir ideias novas para o futuro. De resto, veja-se que em uma associação que já movimentava anualmente milhões de dólares, só em 1975, os membros do COI deixaram de pagar quota.³¹²

O soviético Konstantin Andrianov, secundado pelo Sheik Gemayel alegava que alguma coisa tinha de ser feita relativamente às regras do COI 10, 49 e 55 demasiado permissivas relativamente ao comercialismo, na medida em que a opinião pública dizia que o COI não era uma organização pública, mas privada que visava lucro com a venda dos JO.³¹³ Referiam-se fundamentalmente à lotaria que tinha sido instituída a fim de financiar os JO Montreal (1976). Killanin em resposta a Andrianov defendeu que as regras foram discutidas e aprovadas. Na opinião dele podiam existir algumas anomalias mas, quanto ao comercialismo, estava tudo certo.³¹⁴

Na Sessão seguinte, a 77ª, realizada em Innsbruck em fevereiro de 1976, por uma questão de coerência moral, foi dado o primeiro sinal de abertura relativamente ao comercialismo dos atletas. Todavia, o COI continuou a exercer uma pressão tão grande quanto possível sobre o COJO de Montreal (1976) ao introduzir medidas de maior controlo e eficácia relativamente ao comercialismo. Não porque o COI desejasse

³¹⁰ In: Ata da 75ª Sessão do COI - Viena, 21 a 24 de outubro de 1974, p.34.

³¹¹ Karl Popper (1959) no livro a “Lógica da Descoberta Científica” critica o positivismo em geral e, em especial, o método indutivo em ciências naturais. Em alternativa ao “verificacionismo” do empírico-racionalismo, ele propõe uma lógica de “falsificabilidade”. Deste modo, rejeita o processo de indução que parte da análise dos fatos para construir a lei geral, para desenvolver um modelo hipotético-dedutivo em que as teorias são validadas ou não, enquanto resistirem ou não aos testes que determinam ou não a sua falsificabilidade. Contudo, caso a teoria resista aos testes não significa esteja certa em termos absolutos, apenas que pode ser aceite provisoriamente, enquanto não for substituída por uma outra que lhes resista melhor.

³¹² In: Ata da 76ª Sessão do COI - Lausanne, 21 a 23 de maio de 1975, p.15.

³¹³ In: Ata da 76ª Sessão do COI - Lausanne, 21 a 23 de maio de 1975, p.20.

³¹⁴ In: Ata da 76ª Sessão do COI - Lausanne, 21 a 23 de maio de 1975, p.20.

combater ou sequer contrariar o comercialismo, mas porque, simplesmente, queria fazer valer os seus direitos. Era a opinião de Killanin:

The I.O.C. principles should be followed meticulously as far as advertising was concerned. However, it would not be realistic to forbid athletes to have objects bearing trademarks in their possession or to take down permanent advertisements mounted in corridors leading into certain stadia. Moreover, a letter had been sent to the Organising Committees of the 1976 Games, who had concluded contracts without informing the I.O.C., as well as to the Organising Committees of the 1980 Games reminding them that any important contract affecting television must be submitted to the IOC for approval.³¹⁵

Com Killanin, as preocupações do COI em perseguir o comercialismo à volta dos JO mudaram de paradigma. E mudaram de paradigma na medida em que a perseguição deixou de ser feita porque o comercialismo era mau para o MO mas precisamente porque o comercialismo era bom para o MO pelo que os proventos deviam pertencer na sua totalidade ao COI que tinha enormes despesas de funcionamento, bem como para os CONs e FIs. Para uma organização que nada queria ter a ver com o comercialismo e que impedia os atletas de comercializarem a sua imagem beneficiando do esforço investido, o COI revelava cada vez mais preocupações relativamente aos aspetos comerciais da sua própria gestão.

5.1.8 Uso dos Termos Olímpicos

Simultaneamente a luta contra o comercialismo, o COI era muito cioso dos seus próprios direitos que, em termos comerciais, defendia a todo o custo. Na 75ª Sessão do COI, realizada em Viena em outubro de 1974, foi adotada uma nova regra na CO, a nº 6, de maneira a esclarecer aquilo que se entendia por Símbolo Olímpico e Emblema Olímpico. Foi ainda decidido estabelecer um regulamento acerca do assunto que acabou por ficar pronto em janeiro de 1975 em uma reunião convocada para o efeito. Depois de passar pelo crivo de uma reunião da Comissão Executiva o referido regulamento foi apresentado à 76ª Sessão realizada em maio de 1975, em Lausanne. Na realidade, como referiu Raymond Gafner, Presidente da Comissão de Proteção do Emblema no relatório que apresentou à Sessão, muitas organizações estavam a tirar proveito do Emblema e dos Símbolos Olímpicos sem que o COI tivesse os devidos benefícios comerciais, pelo que, já munidos dos instrumentos necessários estavam em condições de apresentar um plano de ação. E o plano de ação era constituído por duas etapas:

³¹⁵ In: Ata da 77ª Sessão do COI - Innsbruck, 2 e 3 de fevereiro de 1976, p.4.

Persuasive information: Esclarecimento dos CONs acerca da proteção local do emblema e símbolos.

Assistance: Apoio individual aos CONs sempre que solicitado:

- Elaboração de legislação;
- Contato com as autoridades;
- Ações legais nos tribunais;
- Publicar diversa legislação standard;
- Acompanhamento do trabalho dos CONs.³¹⁶

Como referiu Raymond Gafner no relatório que apresentou à 76ª Sessão do COI, era necessário começar a consciencializar as organizações desportivas que se utilizavam do Emblema e dos Símbolos Olímpicos que tinham de começar a pagar dividendos ao COI. E Gafner perguntava:

Would it not be only fair therefore to ask each of these organisations to include the I.O.C, even to a modest extent, in the distribution of these receipts?³¹⁷

E, no que diz respeito à utilização dos novos recursos económicos que enriqueciam o MO, propunha que a Comissão Executiva do COI devia pedir às Comissões Jurídica e de Finanças que estudassem o problema. Portanto, uma visão completamente comercial estava a tomar conta do MO. Dentro do próprio sistema, as relações estavam a deixar de ser exclusivamente sociais para passarem, também, a serem comerciais. Explicava Gafner:

We are thinking in particular of the contribution that could be made by the Organising Committees for the Olympic Games and those of Regional Games patronised by the I.O.C. if they are authorised to create and use their Olympic emblems. With the exception of one of its members the Emblems Commission also feels that it would be appropriate to include the N.O.Cs. authorised to use their emblems commercially in the I.O.Cs financial sharing - of course to a flexible and reasonable extent.³¹⁸

Gafner quanto à questão relativa à abusiva utilização dos Símbolos e do Emblema Olímpico disse:

A problem that we feel should be settled as soon as possible is the increasingly frequent use of the terms "Olympic Games" and "Olympiads", whether combined or not with that of the Olympic rings, for events other than the Olympic Games themselves.³¹⁹

³¹⁶ In: Ata da 76ª Sessão do COI - Lausanne, 21 a 23 de maio de 1975, p.43.

³¹⁷ In: Ata da 76ª Sessão do COI - Lausanne, 21 a 23 de maio de 1975, p.43.

³¹⁸ In: Ata da 76ª Sessão do COI - Lausanne, 21 a 23 de maio de 1975, p.43.

³¹⁹ In: Ata da 76ª Sessão do COI - Lausanne, 21 a 23 de maio de 1975, p.43.

Eram distinguidas duas situações. A primeira, relativa à utilização dos Símbolos e do Emblema Olímpico por parte de entidades que nada tinham a ver com o desporto. Nestas situações, Gafner propunha uma ação tão forte quanto possível do COI conjuntamente com os respectivos CONs, apelando para os tribunais. Mas, Gafner ia mais longe quando propunha que, mesmo que as ações legais desenvolvidas presumivelmente não levassem a lado nenhum, elas deviam ser desencadeadas a fim de servirem de exemplo quanto à vontade do COI em defender os seus interesses.

The IOC should not hesitate to act, even if only to show its determination to ensure the authenticity of the Olympic movement.³²⁰

A segunda situação relacionava-se com o MO, em especial, os CONs e as FIs. Estas organizações podiam utilizar os Símbolos Olímpicos no sentido de mostrarem que funcionavam de acordo com o “espírito olímpico”. Mas Gafner avisava:

In order however to avoid creating a source of misunderstanding or confusion, we propose that the Executive Board should require, as from 1976, that N.O.Cs., whenever they consider it opportune for events that they organise or sponsor in the field of sport for all, should make use only of the expression "Olympic meetings" and that they should refrain from using the terms "Olympic Games" or "Olympiads" for such events.³²¹

E então, Gafner lançou a principal ideia que, ainda hoje, não foi conseguida pelo COI. Explicou Gafner:

The above should not make us forget that the protection of the five-ring Olympic symbol by means of an international convention, which would recognise at the same time the authority of the I.O.C. over the Olympic movement and the value of its action to the world community, must remain our principal concern. Now that we possess a sound legal basis for our actions, we are going to take up once again the study of such a convention which, especially in the present circumstances, demands caution and patience as well as imagination and the determination, to succeed.³²²

Gafner pedia “caution” e “patience” bem como “imagination”, pois sabia que o COI tinha uma posição pouco sustentada a fim de sustentar o desejo de ser reconhecido como o exclusivo detentor do Emblema e dos Símbolos Olímpicos através de uma “convenção internacional”. Na realidade, dificilmente o COI podia ter um estatuto supra nacional reconhecido enquanto mantivesse um sistema de composição dos seus órgãos em que os elementos eram escolhidos por um sistema de cooptação uma vez que tal

³²⁰ In: Ata da 76ª Sessão do COI - Lausanne, 21 a 23 de maio de 1975, p.43.

³²¹ In: Ata da 76ª Sessão do COI - Lausanne, 21 a 23 de maio de 1975, p.43.

³²² In: Ata da 76ª Sessão do COI - Lausanne, 21 a 23 de maio de 1975, p.44.

sistema não cumpre os procedimentos tradicionalmente considerados como democráticos pelo que não podia ser aceite no quadro das organizações supranacionais como, por exemplo, a ONU ou a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Os membros do COI eram e ainda são cooptados nas Sessões, sob proposta da Comissão Executiva. Depois, passavam como ainda passam a representar o COI nos países onde habitavam. Por paradoxal que possa parecer, muito provavelmente, foi este método que permitiu a sobrevivência do COI ao longo de tantos anos, resistindo a enormes crises e dificuldades.

5.1.9 Publicidade na *Olympic Review*

A estratégia do COI relativamente à visão comercial da organização estava a mudar a “olhos vistos”. Se, por um lado, as restrições em defesa dos pretensos direitos do COI continuavam, por outro, a abertura interna quanto à aceitação do comercialismo da publicidade passou para segundo plano. Killanin estava absolutamente disposto a mudar a situação relativamente a Brundage. O seu envolvimento no COI era muito mais levado à distância, respeitando outras opiniões e delegando poderes. O pragmatismo, em grande medida, conduziu as opções que teve de fazer. E as mudanças iam acontecendo aos poucos. Algumas coisas pouco visíveis, mas de grande significado como foi o decidido na 77ª Sessão do COI realizada em fevereiro de 1976. A partir de então, a *Olympic Review* passou a destinar quatro das suas páginas por número para publicidade.

It was agreed to give four pages of the Olympic Review over to advertising.³²³

E para que os fundamentalistas do anti-comercialismo pudessem ficar de consciência tranquila:

However, advertisements for alcohol or tobacco would not be accepted.³²⁴

Na presidência de Killanin, o comercialismo começou a funcionar com uma perspectiva muito mais aberta e o COI com uma atitude muito mais realista. Todavia, todos aqueles que se opunham de uma forma absoluta ao comercialismo dos produtos, do Emblema e dos Símbolos Olímpicos, obrigavam o COI a andar a correr atrás dos

³²³ In: Ata da 77ª Sessão do COI - Innsbruck, 2 e 3 de fevereiro de 1976, p.4.

³²⁴ In: Ata da 77ª Sessão do COI - Innsbruck, 2 e 3 de fevereiro de 1976, p.4.

acontecimentos em vez de ter uma atitude prospectiva relativamente à organização do futuro. Tal atitude só viria verdadeiramente a acontecer na liderança de Samaranch.

5.1.10 Autofinanciamento

Para além dos JO de 1932 em que um conjunto de investidores apostou na realização dos JO, e deles tirou proventos significativos,³²⁵ o “self-financing” ou autofinanciamento surgiu, pela primeira vez, nos JO de Montreal (1976) com a “Lotaria Olímpica de Montreal” sem que tivessem faltado aqueles que, como o membro Sheik Gabriel Gemayel do Líbano, tivessem manifestado preocupações, lembrando que, na CO, estava escrito que

in order to safeguard the dignity of the Games, any commercial exploitation will be avoided.³²⁶

E Gemayel ao manifestar-se contra o “self-financing”, relatou que, enquanto Diretor dos Jogos Mediterrâneos, negou apoio da Nestlé que pretendia servir Ovomaltine à entrada do evento.³²⁷ Este género de dirigentes que influenciava as decisões no COI não tinha a mínima consciência dos problemas e das necessidades das organizações desportivas porque viviam alienados em um mundo que nada tinha a ver com a realidade. Muito embora se entendesse que, para os canadianos, o objetivo não era obter lucros, mas tão só cobrir as despesas,³²⁸ o que é fato é que, aquela solução comercial estava a ser objeto de fortes críticas, pois, muitos membros achavam que não se podia usar o nome Olímpico para este fim. Outros iludiam a questão dizendo que não se tratava de ser contra o “self-financing”, mas apenas que era necessário regulamentá-lo.³²⁹

Contudo, Killanin estava precavido porque, em 1975, Montreal tinha pedido a aprovação da Lotaria. Ele entendia que os COJOs precisavam de alternativas para obter

³²⁵ In: Ata da Sessão do COI de 29 a 31 de julho de 1936, p.32. “M. Brundage a attiré l’attention du Comité sur le mauvais effet résulté de ce que les bénéfécies importants réalisés par les Jeux de Los Angeles n’avaient en rien profité au sport lui-même et avaient été partagés parmi ceux qui avaient avancé le capital nécessaire à l’exécution de la Xme Olympiade. Il propose qu’au cas où pareille situation se reproduirait le Comité Organisateur soit tout au moins obligé d’en remettre une large part au C.I.O. Le Conte de Rosen appuie cette proposition, parce que, dit-il, il est nécessaire que la caisse du C.I.O. soit suffisamment fournie pour permettre à celui-ci de prendre certaines initiatives”.

³²⁶ In: Ata da 78ª Sessão do COI - Montreal, 13 a 19 de julho de 1976, p.128.

³²⁷ In: Ata da 78ª Sessão do COI - Montreal, 13 a 19 de julho de 1976, p.128.

³²⁸ O déficit dos JO de Montreal foi astronómico. Foi de 2.729 milhões de dólares americanos. Os contribuintes acabaram de o pagar em 2005-2006 (Preus, 2004, p.15).

³²⁹ In: Ata da 78ª Sessão do COI - Montreal, 13 a 19 de julho de 1976, p.127.

recursos financeiros.³³⁰ E tinha razão porque mesmo com todas as dificuldades e protestos a Lotaria Olímpica de Montreal gerou US\$ 235 milhões³³¹ o que ajudou a diminuir o monumental déficit dos JO de Montreal (1976).

5.1.11 Palavra de Ordem: Regulamentar

Em 1977, na Sessão do COI de Praga, o Conde Beaumont fez um relato aos membros esclarecendo o que é que a Comissão de Finanças deliberou para os JO de inverno de Lake Placid (1980) no sentido de defender os interesses das FIs, dos CONs e do próprio COI. Deste modo, começavam a surgir sinais de uma atitude completamente diferente relativamente ao comercialismo que, por sua vez, dava origem a um discurso que provocava um corte com o passado. E Beaumont esclareceu a Sessão que a divisão dos direitos televisivos seriam de US\$ 6.25 milhões para o COI e US\$ 9,25 milhões para o COJO de Lake Placid conforme contrato acordado com o COI.³³² Respondendo às habituais críticas, Killanin, que, depois do descalabro dos Jogos de Montreal (1976) estava completamente convencido da necessidade imperiosa de se obterem recursos financeiros significativos sob pena do MO poder implodir, informou que não era contra a CO obter fundos para organizar os JO e advertiu que, se fosse necessário, a Comissão Executiva até faria um “manual de procedimentos” sobre o assunto, quer dizer, um manual de “boas práticas” com vistas a regulamentar os procedimentos.

Um ano depois, na Sessão do COI de 1978, que se realizou em Atenas, enquanto o Sheik Gemayel continuava a manifestar preocupações relativamente à inconveniência do comercialismo, já o australiano Richard Kevan Gosper recomendava à Comissão Executiva que analisasse a questão com cuidado no que diz respeito à utilização abusiva do emblema olímpico para a angariação de financiamentos:

... to look at the question of fund-raising seriously, since they had to be very careful about the use of the Olympic emblems for such purposes.³³³

Tratava-se, assim, mais do que proibir, de regulamentar e de controlar a maneira como eram utilizados os Símbolos e o Emblema. E esta clarificação era de fundamental importância para o desenvolvimento do MO.

³³⁰ In: Ata da 76ª Sessão do COI - Lausanne, 21 a 23 de maio de 1975, p.20.

³³¹ In: Ata da 79ª Sessão do COI - Praga, 15 a 18 de julho de 1977, p.6.

³³² In: Ata da 79ª Sessão do COI - Praga, 15 a 18 de junho de 1977, p.10.

³³³ In: Ata da 80ª Sessão do COI - Atenas, 17 a 20 de maio de 1978, p.43.

O aumento progressivo dos valores geridos pelo COI não trazia só benefícios, trazia, também, outros problemas e preocupações. Por exemplo, depois do responsável pela Comissão Financeira ter apresentado o seu relatório referente a 31 de dezembro de 1979, Reginald Alexander perguntou:

... if the IOC had finally stopped “gambling” with its money on world markets, and secondly, whether any progress had been made on the “survival” fund which had been started many years ago. He thought that it would be sensible to attempt to enter the property market, as this would provide funds for many years.³³⁴

Beaumont explicou que o COI nunca tinha jogado em mercados, apenas mantinha a moeda em dólares norte-americanos para proteger o dinheiro quando fosse pago algo nesta moeda.³³⁵ Quer dizer, o COI, de empresa franciscana, estava a se tornar em uma organização com altos proventos e começava a ser objeto de escrutínio e de eventuais críticas, pelo que todos os cuidados eram poucos. E os críticos do comercialismo, como Reginald Alexander, Marc Hodler e outros, cumpriam uma função fundamental no âmbito do MO.

Em 1980, no relatório apresentado pelo Presidente da Comissão de Finanças Conde Beaumont, relativamente aos proventos dos JO de Moscovo (1980) pode ler-se:

The IOC has already received a total of USD 10.394.604 representing advances on the sale of television rights for the Olympic Games of the XXIIInd Olympiad in Moscow. The total value of the various contracts is estimated at USD 17.238.665.³³⁶

Quer dizer que, os JO, através das transmissões televisivas, estavam a proporcionar valores, até então, inimagináveis. No entanto, também surgiam algumas críticas. As discussões durante a apresentação dos relatórios financeiros eram mais quentes. E, como as verbas envolvidas nos contratos eram enormes, Reginald Alexander, que tinha formação em contabilidade, mantinha a Comissão de Finanças debaixo de pressão. No currículo de Reginald Alexander pode ler-se:

During his thirty years within the IOC, Reginald Alexander was an untiring supporter of what he regarded as the principles of traditional amateurism.³³⁷

³³⁴ In: Ata da 82ª Sessão do COI - Lake Placid, 10 a 13 de fevereiro de 1980, p.21.

³³⁵ In: Ata da 82ª Sessão do COI - Lake Placid, 10 a 13 de fevereiro de 1980, p.21.

³³⁶ In: Ata da 83ª Sessão do COI - Moscovo, 15 julho a 3 de agosto de 1980, p.19.

³³⁷ In:

<http://www.la84foundation.org/OlympicInformationCenter/OlympicReview/1990/ore271/ore271o.pdf>. Consultado em 2 de abril de 2009.

Nesta perspectiva, Alexander queria saber tudo o que se passava relativamente às verbas que entravam e saíam do COI, ao ponto de exigir, como o fez na Sessão do COI de Moscovo, realizada em agosto de 1980, que se analisassem as contas no seu pormenor. Diz a ata:

Mr. Alexander noticed that the IOC had only liabilities and not assets. He asked for the present position regarding advance payments for the Moscow television rights.

The Comte de Beaumont replied that all the IOC accounts had been handled by the auditors, and the Commission had studied their report. A telex could be sent to Vidy to obtain all information if it was considered necessary. Moreover, the books could be consulted in Vidy.

Mr. Alexander did not wish his comments to be construed as mistrust in the Finance Commission, which he held in high regard. He was simply trying to satisfy an enquiring mind. He asked that an expensive exchange of telexes not be undertaken, as he was prepared to wait for them at the convenience of the Commission's Chairman.³³⁸

É evidente que a posição tradicionalista de Alexander incomodava os espíritos mais abertos de pessoas como Richard Pound. Com uma visão comercial do mundo do Olimpismo, Pound tinha consciência de que o MO jamais poderia funcionar sem dinheiro. Por isso, via nas preocupações de Reginald uma certa incoerência na medida em que não percebia como é que, sendo o COI contra o comercialismo, podia estar a lutar daquela maneira por cada cêntimo quando se analisavam os relatórios financeiros. E dizia:

On the one hand the IOC was opposed to commercialisation of the symbols and emblems, but equally it was fighting for every penny.³³⁹

Já não se tratava de combater o comercialismo, mas de acautelar a imagem do COI que, de um momento para o outro, de uma organização com dependências de toda a ordem, começou a ser uma organização que procurava a autossustentação através de contratos milionários com as empresas de comunicação. De fato, as condições eram de tal maneira favoráveis ao MO que, perante o número de patrocinadores interessados, o COJO de Lake Placid (1980) até pôde, através de uma seleção rigorosa, limitar o número de patrocinadores em 30.³⁴⁰

³³⁸ In: Ata da 83ª Sessão do COI - Moscovo, 15 julho a 3 de agosto de 1980, p.23,24.

³³⁹ In: Ata da 83ª Sessão do COI - Moscovo, 15 julho a 3 de agosto de 1980, p.24.

³⁴⁰ In: Ata da 83ª Sessão do COI - Moscovo, 15 julho a 3 de agosto de 1980, p.17.

5.1.12 Jogos Olímpicos de Moscovo (1980)

No início do mandato de António Samaranch em 1980, era evidente a importância que os JO tinham atingido para os media de massa a nível internacional. Os JO de Moscovo (1980), por exemplo, tinham sido televisionados por 37 organizações para 58 países e radiodifundidos por 56 emissoras para 47 países. O total emitido foi de 6.000 horas para televisão e 10 mil horas para os rádios.³⁴¹ Os Jogos Olímpicos de Moscovo, mesmo considerando o boicote, tiveram um significativo êxito e acabaram por salvar a péssima imagem do MO que tinha ficado dos JO de Montreal (1976). Para além do mais, os JO de Moscovo (1980) não tiveram a sua importância relacionada somente com a difusão televisiva e por rádio. Segundo Ignati Novikov, Presidente do COJO de Moscovo, eles salvaram a imagem do MO e o espírito do Olimpismo:

It is the general consensus that the Games of the XXIIInd Olympiad not only saved the international Olympic movement from degradation and collapse, but also served as stimulus for the broad dissemination of the noble ideals of Olympism to all the continents of the world.³⁴²

Na realidade, os soviéticos tiraram um enorme partido dos JO de Moscovo (1980) apesar de estarem debaixo do boicote de vários países ocidentais e da RPC que, por diferentes motivos, também não compareceu. Contudo, os JO de Moscovo (1980) mostraram que os CONs dos mais diversos países do mundo conseguiam ultrapassar as dificuldades porque, mesmo contra a vontade dos governos dos respectivos países, mobilizaram-se, angariaram fundos a fim de se fazerem representar em Moscovo. E, claro, se não fosse a comunicação social nada teria sido possível na medida em que foi a própria comunicação social, muitíssimo interessada nos JO, a promover toda uma ação que conduziu à mobilização das populações no apoio financeiro às equipas que iriam a Moscovo independentemente da vontade dos seus governos.³⁴³

Uma vez o COI envolvido nas questões da comercialização do seu Emblema e Símbolos, a necessidade da idealização e implementação de uma estratégia de marketing era tão só uma questão de tempo. E a oportunidade surgiu com Samaranch na medida em que ele dava grande importância ao apoio da iniciativa privada. De fato, na perspectiva de Samaranch, o COI tinha de ter uma estratégia de comunicação

³⁴¹ In: Ata da 84ª Sessão do COI - Baden-Baden, 29 de setembro a 02 de outubro de 1981, p.67.

³⁴² In: Ata da 84ª Sessão do COI - Baden-Baden, 29 de setembro a 02 de outubro de 1981, p.71.

³⁴³ Por exemplo, em Portugal a Missão portuguesa, contra a vontade do Governo, deslocou-se a Moscovo com o apoio financeiro de uma subscrição pública.

suficientemente apelativa para conseguir a atenção e o interesse das empresas privadas multinacionais. O mercado era enorme, contudo Samaranch também tinha consciência de que o COI tinha de apostar em uma perspectiva de qualidade porque, em Moscovo (1980) foram mais de 100 empresas fornecedoras ou patrocinadoras que estiveram ligadas aos JO,³⁴⁴ mesmo assim, o COJO de Moscovo (1980) só conseguiu cobrir as despesas do evento com o auxílio da lotaria e dos patrocínios. As principais empresas patrocinadoras foram: Adidas; Thomson CSF; Swiss-Timing; Finnish; Nokia; Olivetti; e Storno.³⁴⁵

O mundo do MO estava a mudar. O comercialismo estava a envolver os JO nem sempre da melhor maneira. Como, posteriormente referiu Arpad Csanadi, membro do COI para a Hungria, a publicidade e os media de massa nem sempre eram positivos para os JO. Quatro anos depois começaram, de uma forma aberta, a surgir os primeiros sinais negativos relacionados com a influência das emissoras de televisão na organização dos JO. Csanadi, membro do COI para a Hungria, deu como exemplo o Programa Olímpico de Sarajevo (1984) que, segundo ele, foi montado de acordo com o pedido de uma companhia de televisão e ele não sabia se as FIs tinham sido consultadas. Artur Takac, membro do COI para a antiga Jugoslávia, defendeu a alteração dizendo que as FIs envolvidas sabiam e que a questão estava ligada à mudança da patinagem para o final dos JO.³⁴⁶ Ora o problema era mesmo este. As FIs começaram a alterar os seus regulamentos em função das necessidades das teletransmissoras e dos COJOs em função da globalização da informação provocada pela evolução vertiginosa das novas tecnologias que eram cada vez maiores como depois se viu nos JO de Seul (1988).

5.2 Yes to Commercialisation

Como referimos, António Samaranch estabeleceu um corte com o passado quando, primeiro implicitamente e, depois, explicitamente disse “yes to comertialization”:

The programme which we undertook with me as your
President and with the support and help of the Members of the IOC

³⁴⁴ In: Ata da 84ª Sessão do COI - Baden-Baden, 29 de setembro a 02 de outubro de 1981, p.68.

³⁴⁵ In: Ata da 84ª Sessão do COI - Baden-Baden, 29 de setembro a 02 de outubro de 1981, p.68.

³⁴⁶ In: Ata da 84ª Sessão do COI - Baden-Baden, 29 de setembro a 02 de outubro de 1981, p.3.

was to: we said "yes" to commercialisation, but the Olympic Games and International Sport must be run by sports officials in the interest of the athletes. We also maintained the very special tradition of ensuring that both the uniforms and the Olympic stadiums were free from publicity.³⁴⁷

O que Samaranch provocou foi um salto qualitativo no que diz respeito às relações com o dinheiro por parte do COI. As grandes decisões deixaram de acontecer de uma forma diletante. Na sessão de Baden-Baden realizada em 1981, no contrato de concessão dos JO de Los Angeles (1984), foi estabelecido que as negociações com as teletransmissoras deviam ser feitas por uma equipa formada pelo COI e pelo “Los Angeles Organization Olympic Committee” (LAOOC) com a finalidade do COI obter o maior rendimento possível: “for the IOC to obtain as much income as possible from the rights...”.³⁴⁸ E, ficou decidido que a distribuição dos proventos dos JO de Los Angeles (1984) seria realizada em três partes. Uma para as despesas do COI, uma para as FIs e uma para os CONs a ser distribuída através da Solidariedade Olímpica. Samaranch estava muito satisfeito com o trabalho do COJO pelo que na ata ficou expresso que:

The President congratulated the LAOOC on the successful arrangements they had made as regards television rights. The IOC would divide the funds into three parts - one for IOC expenditure, one for IFs and the third for the NOCs through the Olympic Solidarity programme.³⁴⁹

Portanto, uma visão comercial dos JO ganhava força. E ganhava força na medida em que o dinheiro proveniente dos direitos televisivos destinava-se fundamentalmente ao desenvolvimento do desporto através do apoio às FIs e CONs e aos programas no âmbito da Solidariedade Olímpica.³⁵⁰

A partir do exposto, o presente subcapítulo tem por objetivo analisar o importante período de transição que ocorreu quando Samaranch disse sim ao comercialismo. Para isto, foi dividido em oito partes: 1ª) Transmissões Televisivas: Para Além do Dinheiro; 2ª) Financiamento Privado; 3ª) *Pocket Money*; 4ª) Os Jogos Olímpicos nas Mãos das Televisões; 5ª) Confusão de Competências; 6ª) Novas Fontes de Financiamento; 7ª) A Entrada da ISL; e 8ª) *Big Business & Desenvolvimento Humano*.

³⁴⁷ In: Ata da 108ª Sessão do COI - Lausanne, 17 e 18 de março de 1999, p.10.

³⁴⁸ In: Ata da 84ª Sessão do COI - Baden-Baden, 29 de setembro a 02 de outubro de 1981, p.5.

³⁴⁹ In: Ata da 84ª Sessão do COI - Baden-Baden, 29 de setembro a 02 de outubro de 1981, p.5.

³⁵⁰ Os Programas da Solidariedade Olímpica são iniciativas do COI que proporcionam aos CONs de todo o mundo a oportunidade de apresentarem propostas para realização de projetos de desenvolvimento desportivo e propagação de valores olímpicos.

5.2.1 Transmissões Televisivas: Para Além do Dinheiro

Portanto, a procura do máximo resultado financeiro com os direitos televisivos era uma questão crucial para Samaranch que defendia que o COI tinha de conseguir o maior volume possível de dinheiro com a venda dos direitos televisivos. Contudo, também salientava que o mais importante seria que todos tivessem a oportunidade de assistir aos JO, ressaltando que o montante financeiro não poderia ser o fator principal.

Although it was essential for the IOC to obtain as much income as possible from the rights, it was equally essential that everyone be able to see the Games through television. An enormous amount of money should not therefore be the primary factor.³⁵¹

Esta posição foi sustentada por Reginal Alexander quando perguntou se o COJO de Los Angeles (1984) poderia dar os direitos televisivos gratuitos para os países em desenvolvimento como os da África.³⁵²

Sob a liderança de Samaranch estava-se a entrar noutra época. Os direitos televisivos dispararam para somas absolutamente inimagináveis havia alguns anos. Só o adiantamento destes direitos para Los Angeles (1984) feito pela ABC, em 1980, já era de US\$ 20 milhões³⁵³ e em 1983 estava na ordem de US\$ 41.2 milhões,³⁵⁴ sendo que este valor representava mais do que o total de todos os JO anteriores.

The payment represents more funds than the combined total of all prior Olympics.³⁵⁵

Peter Ueberroth, Presidente do COJO dos JO da XXIII Olimpíada a realizar em Los Angeles, considerou que, no caso de Los Angeles, o COI poderia orgulhar-se da sua independência e do aumento do apoio a dar ao MO, através das FIs e dos CONs. As receitas provenientes dos direitos televisivos para os JO de Los Angeles (1984) totalizaram US\$ 287 milhões.³⁵⁶ A partir de 1983 os interesses comerciais pelos direitos televisivos eram de tal montante que, foi lançada uma diretiva para garantir que os recursos provenientes desta fonte não ficassem prejudicados em caso de cancelamento, terramoto ou falta de sinal.

³⁵¹ In: Ata da 84ª Sessão do COI - Baden-Baden, 29 de setembro a 02 de outubro de 1981, p.5.

³⁵² In: Ata da 84ª Sessão do COI - Baden-Baden, 29 de setembro a 02 de outubro de 1981, p.7.

³⁵³ In: Ata da 83ª Sessão do COI - Moscovo, 15 julho e 3 de agosto de 1980, p.7.

³⁵⁴ In: Ata da 86ª Sessão do COI - Nova Deli, 26 a 28 de março de 1983, p.19.

³⁵⁵ In: Ata da 83ª Sessão do COI - Moscovo, 15 julho e 3 de agosto de 1980, p.7.

³⁵⁶ In: Ata da 105ª Sessão do COI - Atlanta, 15 a 18 de julho de 1996, p.4.

A policy had been taken out to ensure television rights as they were the IOC's major source of revenue in case the Games were cancelled, in case of earthquakes or the signal not being provided.³⁵⁷

Mas, como a gestão financeira do COI, gerida precisamente por elementos que eram contra o comercialismo não operava de acordo com a urgência de Samaranch foi criada uma nova comissão para as Novas Fontes de Financiamento com o papel de catalisadora das receitas da “família olímpica” distribuindo 93% das receitas obtidas. Segundo Richard Pound:

The Commission's role was to act as a catalyst for the development of revenue for the entire Olympic family. It was important that the members bear in mind that the IOC distributed 93% of all revenues raised. The purpose of Olympic marketing activities was not just to raise revenue but to develop the Olympic ideals.³⁵⁸

A cobertura televisiva dos JO para além de proporcionar montantes financeiros até então inimagináveis, tinha, também, uma enorme importância no que respeita à própria divulgação dos JO. Os JO de Atlanta (1996) por exemplo, bateram novos recordes, totalizando uma cobertura para 216 países e uma audiência acumulada de 19.6 bilhões de pessoas, tornando os JO no mega evento de maior audiência no Planeta.

One of the great successes of the Atlanta Games was the broadcast coverage, which broke all ratings records, with coverage in 216 countries, providing a global cumulative audience of 19.6 billion making the Olympics unequivocally the number one event broadcast in the world.³⁵⁹

Tratando-se das estratégias de longo prazo, o COI iniciou um processo de venda dos direitos televisivos antecipados para os USA e Europa para os JO de Atenas (2004), Turim (2006) e Pequim (2008). Isto permitiria, pela primeira vez, que as cidades candidatas fizessem os orçamentos com uma ideia precisa de receitas.

The IOC's decision to grant television rights to the USA and Europe for the 2004, 2006 and 2008 Olympic Games is very helpful to the candidate cities as it allows them, for the first time ever, to prepare their budgets with the certainty of what revenues they will receive from television rights.³⁶⁰

Este acordo pretendeu financiar significativa parte das despesas do MO até 2012 e:

³⁵⁷ In: Ata da 86ª Sessão do COI - Nova Deli, 26 a 28 de março de 1983, p.19.

³⁵⁸ In: Ata da 106ª Sessão do COI - Lausanne, 3 a 6 de setembro de 1997, p.15.

³⁵⁹ In: Ata da 106ª Sessão do COI - Lausanne, 3 a 6 de setembro de 1997, p.126.

³⁶⁰ In: Ata da 105ª Sessão do COI - Atlanta, 15 a 18 de julho de 1996, p.180.

... increase the actual sports coverage ...
... expand the promotion for the Olympic Movement ...
... clearly underline the IOC's commitment to maximise coverage of the Games ...
... ensure that the Olympics are available for the world to see, free-of-charge ...
... increase the overall revenue that the IOC can pass back to the Olympic Movement, not only as a result of the increase in TV revenues, but as a result of the IOC Executive Board's decision to amend the distribution formula for TV rights for 2004 onwards from 60-40% in favour of the OCOGs, to 49% to the OCOG and 51% to the Olympic Movement.³⁶¹

5.2.2 Financiamento Privado

No período de pouco mais de dez anos passou-se de uma situação em que Brundage renegava a todos os títulos qualquer comercialismo para uma outra em que o COI, para além de criar comissões para explorar novas fontes de financiamento, contratava empresas para lhe tratarem das questões comerciais.³⁶² Quer dizer, o comercialismo estava a entrar no MO da maneira mais natural. Por um lado, existiam faturas para pagar, por outro lado, um interesse comercial por parte dos patrocinadores. Então, porque é que a relação entre uma entidade patrocinada e um patrocinador não havia de ser estabelecida? Nesta perspectiva, como tinha salientado com orgulho Peter Ueberroth, os JO da XXIII Olimpíada, pela primeira vez, seriam totalmente financiados pela iniciativa privada, sem qualquer apoio do governo.³⁶³ Na realidade, os JO de Los Angeles (1984), para além daqueles que já tinham sido organizados em 1932, foram os primeiros, totalmente e exclusivamente, organizados com o apoio da iniciativa privada. A estratégia do COJO foi a de não aceitar pequenos apoios e permitir que os CONs tivessem apoios próprios. A única restrição foi a de proteger o uso do emblema e mascote dos JO.³⁶⁴

Apesar de todo o sucesso à vista, Reginald Alexander não estava totalmente satisfeito pelo que, em 1980, na Sessão de Moscovo, alertou os membros do COI para a possibilidade das grandes empresas poderem vir a revelar-se bem piores que os governos no apoio que estavam a dar ao MO. A este respeito, Peter Ueberroth procurou acalmar Reginald explicando-lhe que, precisamente para não deixar o interesse das empresas sobrepor-se aos do COI, o COJO de Lake Placid (1984) tinha assinado um

³⁶¹ In: Ata da 105ª Sessão do COI - Atlanta, 15 a 18 de julho de 1996, p.149.

³⁶² In: Ata da 86ª Sessão do COI - Nova Deli, 26 a 28 de março de 1983, p.24.

³⁶³ In: Ata da 83ª Sessão do COI - Moscovo, 15 julho a 3 de agosto de 1980, p.16.

³⁶⁴ In: Ata da 84ª Sessão do COI - Baden-Baden, 29 de setembro a 02 de outubro de 1981, p.9.

número muito limitado de contratos.³⁶⁵ E Ueberroth esclareceu ainda a Reginald que o COJO estava a elaborar um programa comercial com, aproximadamente, 40 contratos que respeitavam a dignidade e qualidade olímpicas. Dizia Ueberroth:

It is sometimes considered in bad taste to discuss financial matters so directly, but in this case, we submit it is proper because the IOC should be proud of its progress, increased financial independence and growing support for the Olympic Movement, support for the International Federations and support of the National Olympic Committees.³⁶⁶

Os JO de Los Angeles (1984) foram um marco muito significativo para a dinâmica comercial no mundo do MO, que no futuro iria permitir ao COI desenvolver um conjunto de programas de ajuda aos países em vias de desenvolvimento. Contudo, os receios dos dirigentes mais tradicionalistas do MO continuavam a fazerem-se sentir. Em 1983, a um ano dos JO de Los Angeles, o Marquês de Exeter alertava para o perigo das teletransmissoras dos USA se unirem e obrigarem a redução do preço dos direitos televisivos por parte do COI. Samaranch lembrou os membros que existia uma Lei Anti-trust e que isto não iria acontecer e relatou que especialistas em televisão lhe tinham dito que o futuro dos JO e do COI estava garantido com o surgimento da televisão por cabo.³⁶⁷ Contudo, eles estavam enganados. O mundo andava mais depressa que os conselheiros de Samaranch na medida em que hoje as preocupações do COI em termos de comercialismo são muito mais amplas, como as com a Internet.

5.2.3 Pocket Money

Em 1983, ainda não tinham passado dez anos da morte de Brundage acontecida em 1975, foi tomada uma decisão que, certamente, incomodaria muito o ex-presidente. As receitas dos direitos televisivos que já eram volumosos permitiram que a Comissão de Finanças e a Comissão Executiva determinassem:

That all members should receive the equivalent of US\$ 100 in local currency as ‘pocket money’ at each Session. This would be of particular assistance to the members who had problems exchanging their own currency.³⁶⁸

Quer dizer, acabou por cair por terra uma das últimas vontades de Brundage que era a de manter os dirigentes olímpicos absolutamente imaculados no que diz respeito

³⁶⁵ In: Ata da 83ª Sessão do COI - Moscovo, 15 julho a 3 de agosto de 1980, p.18.

³⁶⁶ In: Ata da 83ª Sessão do COI - Moscovo, 15 julho a 3 de agosto de 1980, p.7.

³⁶⁷ In: Ata da 84ª Sessão do COI - Baden-Baden, 29 de setembro a 02 de outubro de 1981, p.27.

³⁶⁸ In: Ata da 86ª Sessão do COI - Nova Deli, 26 a 28 de março de 1983, p.19.

até a eventuais compensações pecuniárias que pudessem receber por despesas realizadas.

5.2.4 Os Jogos Olímpicos nas Mãos das Teletransmissoras

O MO cada vez mais precisava de mais dinheiro. Como o dinheiro era disponibilizado pelas teletransmissoras, o MO cada vez mais, estava dependente delas. Em consequência, os JO, também, cada vez mais, estavam nas mãos das teletransmissoras que, de certo modo, os iam ajustando aos seus próprios interesses. Até o canadiano Richard Pound, Presidente do Comité de Negociações para os direitos televisivos dos JO de Calgary (1988), depois de informar que os direitos de transmissão televisiva eram de US\$ 390 milhões, alertou para o fato do MO estar demasiado dependente das teletransmissoras americanas:

Whatever our desires may be, it is now a fact of life that the principal source of revenues, not only to the IOC, but also to the Organising Committees, is U.S. television revenues.³⁶⁹

O que é fato é que, relativamente aos JO de Seul (1988), foram feitas reuniões com as 3 maiores teletransmissoras dos EUA a fim de ajustar o programa desportivo aos interesses televisivos.³⁷⁰ Primo Nebiolo, presidente da Federação Internacional de Atletismo, sabia que tinha os coreanos sob pressão. A situação era dramática uma vez que o sucesso financeiro dos JO de Seul (1988) dependia do horário de transmissão para os EUA das principais modalidades desportivas com o atletismo à cabeça. Até 1988, tradicionalmente, as finais olímpicas das modalidades desportivas mais populares realizavam-se na parte da tarde. Em Seul, devido à diferença de horas entre a Coreia do Sul e os EUA, as estações de televisão americanas não estavam dispostas a pagar direitos de transmissão significativos por finais que chegariam aos EUA altas horas da madrugada quando a grande maioria dos norte-americanos estava a dormir. Em conformidade, a única maneira de resolver o problema era alterar o horário de realização das finais da parte da tarde para a parte da manhã a fim de chegarem a uma hora mais conveniente aos EUA. Primo Nebiolo viu nesta situação uma extraordinária oportunidade, uma vez que a alteração do horário das finais dependia da FI de que ele era o presidente. Em conformidade, Nebiolo tratou de informar Samaranch, acerca das condições que sua federação entendia como necessárias para poder alterar o horário das

³⁶⁹ In: Ata da 87ª Sessão do COI - Sarajevo, 5 e 6 de fevereiro de 1984, p.61.

³⁷⁰ In: Ata da 88ª Sessão do COI - Los Angeles, 25 e 26 de julho de 1984, p.71.

finais de atletismo. Samaranch, homem experiente e conhecedor das fraquezas humanas, limitou-se pura e simplesmente a recusar as propostas de Nebiolo. Na perspectiva de um descalabro financeiro os coreanos começaram a ficar cada vez mais ansiosos pelo que, perante o auto afastamento de Samaranch, não tiveram outra solução senão entrar em negociações diretas com as FI responsáveis pelas modalidades que pretendiam alterar o horário tradicional do Programa Olímpico. Nebiolo, em uma estratégia de desinteresse, manteve-se afastado do processo de negociações. Ele tinha consciência de que o tempo corria a seu favor e para potencializar esta vantagem competitiva pôs a correr que tinha consultado as principais potências mundiais de atletismo e todas elas, em nome dos princípios, dos valores e dos reais interesses dos atletas que não podiam ser prejudicados nas suas performances, recusavam qualquer alteração do horário das finais olímpicas. Depois Nebiolo retirou-se para Roma fazendo anunciar que estava disponível para encetar negociações com os coreanos. Estes, já em estado de desespero total não tiveram outro remédio senão ir a Roma prostrar-se perante Nebiolo. As negociações iniciaram-se a escassos meses dos JO. Para os coreanos tratava-se, antes de tudo, de uma luta contra o tempo. Depois de várias sessões sem quaisquer resultados os coreanos já não sabiam o que fazer à vida nem como tratar com Nebiolo. O desespero atingiu um tal estado que o “team leader” deu por si a perguntar diretamente a Nebiolo: Mas afinal quais são as condições exigidas pela Federação Internacional de Atletismo para alterar o horário das finais de atletismo nos JO de Seul? Nebiolo provavelmente a reequacionar os princípios, os valores e os reais interesses dos atletas que não podiam ser prejudicados nas suas performances respondeu simples e friamente: “Vinte milhões de dólares.” Por fim, os coreanos pagaram. O mais curioso de tudo é que a história não acaba aqui. Veio a saber-se que, no fundo, Nebiolo estava pronto a ceder tudo caso os coreanos resolvessem jogar duro. Eram os interesses do atletismo que estavam em jogo e, caso saíssem prejudicados, Nebiolo jamais conseguiria explicar porque é que o atletismo, nos JO, não tinha transmissões diretas (Simson & Jennings, 1992).

5.2.5 Confusão de Competências

Em outubro de 1986, na Sessão realizada em Lausanne, os membros foram alertados para o fato de poderem vir a existir possíveis confusões devido à falta de uma definição clara do quem eram os patrocinadores dos JO e as redes de televisão envolvidas. Depois de Richard Pound ter apresentado o seu relatório, Reginal Alexander

afirmou que começava a haver uma enorme confusão entre as competências das várias Comissões. Assim sendo, Alexander disse que estava:

... confused regarding the distribution of responsibilities amongst the Commissions. He observed that there were Commissions for New Sources of Financing, Finance and Television.³⁷¹

E Alexander acusava Pound de, em uma reunião da CNFF, ter apresentado um relatório sobre as teletransmissoras, muito embora as receitas desta fonte não fossem uma “nova fonte de financiamento”, pelo que, de acordo com o já solicitado pelo Conde de Beaumont, defendia que todos os assuntos que tivessem a ver com finanças deviam ser, em primeiro lugar, submetidos à Comissão de Finanças a fim de se poupar tempo. O que aconteceu, a partir de 1985, com a Comissão das Novas Fontes de Financiamento, foi a institucionalização de uma estrutura paralela que ultrapassava o imobilismo tradicionalista da Comissão de Finanças presidida pelo Conde Beaumont.

Também havia vozes que, apesar de tudo, queriam romper com o passado tal como a de Franco Carraro, membro do COI em Roma, que surgiu com uma posição de defesa das atividades de comercialização do Emblema Olímpico ao afirmar que elas eram para o benefício dos CONs e não para o seu prejuízo. Segundo ele, além dos CONs, os COJOs eram favorecidos diretamente pelo programa de marketing de Richard Pound. E Carraro dizia:

This agreement is aimed at commercialising the Olympic emblem under the total control of the IOC. The resulting revenue will go to the NOCs, OGOCs and to the IOC itself.³⁷²

Carraro reconheceu que os direitos televisivos e os patrocinadores eram muito valiosos para o COI, disponibilizando fundos para o desenvolvimento do desporto e, se reformas fossem necessárias elas deveriam ser porque existia esta demanda dos líderes desportivos, atletas e público e não por estar ocorrendo pressão dos patrocinadores. Ele cita o presidente que afirmava que o COI deveria ter reservas para épocas de dificuldades financeiras. Diz a ata:

The IOC should choose its own path and do the best thing for sport and athletes. If the current sponsors lost interest, they could find

³⁷¹ In: Ata da 91ª Sessão do COI - Lausanne, 12 e 17 de outubro de 1986, p.52.

³⁷² In: Ata da 87ª Sessão do COI - Sarajevo, 5 e 6 de fevereiro de 1984, p.106.

others. The Olympic Movement should continue to pursue the ideals of the Olympic Charter.³⁷³

5.2.6 Novas Fontes de Financiamento

As receitas provenientes dos direitos de teletransmissão eram demasiado arriscadas na medida em que o COI ficava nas mãos das teletransmissoras internacionais. Em conformidade, surgiu a ideia de se encontrarem novas formas de financiamento e Reginald Alexander propôs a criação de uma comissão “ad hoc” para analisar as projeções de mercados. Ele considerava que os custos da propaganda televisiva estavam a ficar muito altos e o COI teria que encontrar novas alternativas para a obtenção de recursos.³⁷⁴ Esta posição foi sustentada por, entre outros, Samaranch e Lamine Keita, do Mali que afirmaram ser perigoso o COI viver na dependência exclusiva dos direitos televisivos.³⁷⁵ Neste sentido, em 1981, foi lançada a ideia da criação de uma nova Comissão para prospectivar novas fontes de financiamento para o COI³⁷⁶ ficando responsável pela contratação de uma empresa para tratar, com exclusividade, do licenciamento e comercialização do emblema.³⁷⁷ Entretanto, Konstantin Andrianov sugeriu que o COI reservasse alguns recursos, já que a situação financeira tinha deixado de ser tão difícil como o fora no passado.³⁷⁸

Então, surgiu, em 1982, a Comissão das Novas Fontes de Financiamento com o papel de catalisar o desenvolvimento da família olímpica e da promoção dos ideais olímpicos através da distribuição de 93% das receitas do COI. Segundo Richard Pound:

The Commission's role was to act as a catalyst for the development of revenue for the entire Olympic family. It was important that the members bear in mind that the IOC distributed 93% of all revenues raised. The purpose of Olympic marketing activities was not just to raise revenue but to develop the Olympic ideals.³⁷⁹

A lógica de obtenção de patrocinadores passou pela contratação de empresas para fazer a comercialização pelo COI, conforme Louis Guirandou-N'Diaye presidente da Comissão das Novas Fontes de Financiamento informou a Sessão:

³⁷³ In: Ata da 109ª Sessão do COI - Seul, 17 a 19 de junho de 1999, p.13.

³⁷⁴ In: Ata da 84ª Sessão do COI - Baden-Baden, 29 de setembro a 02 de outubro de 1981, p.26.

³⁷⁵ In: Ata da 84ª Sessão do COI - Baden-Baden, 29 de setembro a 02 de outubro de 1981, p.27.

³⁷⁶ In: Ata da 85ª Sessão do COI - Roma, 27 a 29 de maio de 1982, p.29.

³⁷⁷ In: Ata da 87ª Sessão do COI - Sarajevo, 5 e 6 de fevereiro de 1984, p.106.

³⁷⁸ In: Ata da 84ª Sessão do COI - Baden-Baden, 29 de setembro a 02 de outubro de 1981, p.27.

³⁷⁹ In: Ata da 106ª Sessão do COI - Lausanne, 3 a 6 de setembro de 1997, p.15.

... a number of proposals had been studied, the most interesting of which was from a Swiss agency specialized in commercialization.³⁸⁰

5.2.7 A Entrada da ISL

Com Samaranch, o COI entrou em uma política de pequenos passos de fatos consumados que levaram às grandes transformações necessárias para a própria sobrevivência do COI. Era necessário ultrapassar as dificuldades levantadas pelas Comissões tradicionais, geridas por membros do COI já de certa idade mais interessados em defender propostas do passado do que os projetos de futuro. Neste sentido, Samaranch criou a Comissão de Novas Fontes de Financiamento (CNFF) que arrancou como uma espécie de órgão paralelo a fim suprir as incapacidades da Comissão de Finanças. Para o efeito, o COI apetrechou-se com o conhecimento proporcionado pela “International Sport and Leisure” (ISL). A decisão de contratar a ISL foi tomada na 86th Sessão do COI que se realizou em 1984 em Nova Deli³⁸¹ com o objetivo da empresa, através de um contrato exclusivo, comercializar o Emblema e os Símbolos Olímpicos por todo o mundo.

Tudo aconteceu com um certo secretismo que em nada agradou aos membros do COI mais tradicionalistas. Todavia, é evidente que contratos daquele tipo não podiam ser discutidos publicamente como eram os assuntos tratados nas Sessões do COI. Por outro lado, também não se podia mudar o rumo à cultura de uma organização nas costas dos seus membros mais representativos.

Com o contrato, a ISL tornou-se a agência exclusiva do COI para questões comerciais. Contudo, a questão não era pacífica na medida em que a ISL estando sediada em Lucerna na Suíça, como foi referido pelo Conde Beaumont, não se sabia a quem pertencia o capital. E, segundo o acordo:

Pursuant to a decision taken at the 86th Session of the IOC in New Delhi, and referring to the talks held with representatives of ISL, this will confirm that in order to assist in the financing of the Olympic Movement, the IOC has agreed to enter into an exclusive agreement with ISL with respect to the licensing and merchandising of certain Olympic emblems, including the five Olympic rings, throughout the world.³⁸²

³⁸⁰ In: Ata da 85ª Sessão do COI - Roma, 27 a 29 de maio de 1982, p.29.

³⁸¹ In: Ata da 87ª Sessão do COI - Sarajevo, 5 e 6 de fevereiro de 1984, p.106.

³⁸² In: Ata da 87ª Sessão do COI - Sarajevo, 5 e 6 de fevereiro de 1984, p.106.

Perante tal situação levantaram-se vozes como a de Willi Daume³⁸³ que não se ajustavam ao entusiasmo comercialista de Richard Pound cujo discurso, embora ele procurasse fazer passar uma ideia diferente, era desprovido de quaisquer intenções sociais.

O problema é que ao tempo, com os projetos de Samaranch, o COI precisava de muito dinheiro. E a fim de suprir esta necessidade, em 1985, Richard Pound, apresentou um novo plano de marketing elaborado pela ISL. Ele acalmava os membros do COI dizendo que a ISL era detentora de uma grande experiência “in international marketing, in particular with respect to sports-related events and products”.³⁸⁴

Entretanto, a entrada da ISL no COI levantou questões e críticas por parte dos membros, uma vez que estava a transformar radicalmente a estrutura de funcionamento da organização. Em primeiro lugar, a complexidade das decisões e os volumes monetários envolvidos obrigavam a um certo secretismo relativamente aos contratos realizados entre o COI e as grandes empresas internacionais, e, em segundo lugar, porque a Comissão de Finanças, como Reginald Alexander fez questão de notar, foi parcialmente ultrapassada gerando-se uma sobreposição de funções que só poderia causar mal-estar. Ora, para uma organização que primava por afirmar os seus princípios e os seus valores acima de qualquer circunstância, o novo secretismo introduzido não a abonava perante os seus próprios membros.

A pressão sobre Pound era de grande intensidade como, certamente, nunca se tinha visto nas Sessões do COI. Enquanto Reginald Alexander perguntava o que é que aconteceria aos interesses do COI se, por acaso, a ISL entrasse em bancarrota e Jan Staubo membro do COI para a Noruega perguntava quais as responsabilidades do COI em tal situação e Maurice Herzog, “expressed his surprise that the IOC did not reserve a right of veto, vis-à-vis the authority given to ISL, for political or ethical reasons”,³⁸⁵ Attarabulsi exigia o acesso aos contratos, Ydnekatchew Tessema membro do COI para a Etiópia argumentava que tal contrato entre o COI e a ISL no seu país seria visto com enormes suspeitas.

Richard Pound respondia como podia:

³⁸³ In: Ata da 90ª Sessão do COI - Berlim, 4 e 6 de dezembro de 1985, p.57,58.

³⁸⁴ In: Ata da 90ª Sessão do COI - Berlim, 4 e 6 de dezembro de 1985, p.24.

³⁸⁵ In: Ata da 90ª Sessão do COI - Berlim, 4 e 6 de dezembro de 1985, p.24.

... in fact, the IOC did have a right of veto in that it approved the contracts between the OCOGs and ISL. Furthermore, the IOC had the right to approve the standard form contract to be used by ISL when executing contracts with sponsors as well as the right to approve any changes thereto. Therefore the IOC would, in all cases, know the terms of the contracts that would be entered into with sponsors.³⁸⁶

O que aconteceu foi que os membros do COI passaram a estar fora das grandes decisões económicas e financeiras do COI na medida em que a organização acabou por ficar nas mãos de uma empresa responsável pela comercialização. A colaboração da ISL foi totalmente concebida e executada à margem da Comissão de Finanças que foi completamente “sobrepota” ao ser colocada fora do processo de tomada de decisão. Tudo isto não podia deixar de criar um profundo desconforto entre os membros do COI. Mas os tempos, como se depreendia das palavras de Pound, eram de centralização do poder e do comando no sentido do “marketing programme and its centralised set-up, it would be possible to guarantee sponsors worldwide”. E, a fim de entusiasmar os presentes, Pound informou que “the IOC would be distributing about 70% to such NOCs”.³⁸⁷

Outras das vantagens do contrato da ISL explicada por Richard Pound à Sessão de Berlim, realizada em 1985, era a de que tal contratação obviava à circunstância dos emblemas dos COJOs e CONs não poderem ser usados em outros países.

Aparentemente tudo parecia muito simples até que o General Holst-Sorensen representante do COI para a Dinamarca desmotivou os membros:

... the picture painted for new sources of financing might not be as bright as it appeared. He was aware of problems between some of the NOCs and the IOC with respect to marketing, and thought it would be helpful if the members received a copy of the contract between the IOC and ISL.³⁸⁸

Depois, Reginald Alexander lembrou que as negociações “had taken place outside the Commission of New Sources of Financing.”³⁸⁹ E Günther Heinze representante do COI na antiga República Democrática da Alemanha (RDA):

Expressed his surprise that the Commission had not been informed. He asked what repercussions the ensuing programme would

³⁸⁶ In: Ata da 90ª Sessão do COI - Berlim, 4 e 6 de dezembro de 1985, p.25.

³⁸⁷ In: Ata da 90ª Sessão do COI - Berlim, 4 e 6 de dezembro de 1985, p.23.

³⁸⁸ In: Ata da 90ª Sessão do COI - Berlim, 4 e 6 de dezembro de 1985, p.22.

³⁸⁹ In: Ata da 90ª Sessão do COI - Berlim, 4 e 6 de dezembro de 1985, p.22.

have on the NOCs and expressed his desire that the contents of the contract be explained in more detail to the members.³⁹⁰

Perante aquelas circunstâncias, na medida em que os membros do COI deviam estar todos com a sensação de que, aquando da Sessão de Nova Deli, ao autorizarem a contratação da ISL, fizeram algo que os podia comprometer, Syed Wajid Ali, membro do COI para o Paquistão, manifestou o seu desapontamento relativamente ao secretismo dos contratos. Diz a ata:

Mr. Ali stated that he was both amused and disappointed having heard comments that the contract would not distributed to the members. The members could not be expected to take any responsibility for the contract if it was not submitted to them for their consideration.³⁹¹

Por sua vez, Bashir Mohamed Attarabulsi, representante do COI para a Líbia, concordou que não seria necessário distribuir os contratos, mas que os membros deveriam ter o direito, se quisessem, de os poder consultar em Lausanne.³⁹²

O problema é que, como o próprio Pound afirmou, o secretismo se destinava proteger a ISL:

... there was a contractual obligation that the terms of the programme be kept totally confidential and he strongly stressed the importance of not disclosing any such terms.³⁹³

Depois de várias explicações, em primeiro lugar, a Sessão ter sido completamente ultrapassada e, em segundo lugar, uma empresa externa ao COI, a ISL, estar a estabelecer contatos dentro da organização que já provocavam problemas, o presidente da Comissão das Novas Fontes de Financiamento Guirandou-N'Diaye, resolveu pedir ajuda a Richard Pound:

who was aware of the details, to give the members a summary of the contents of the contract between the IOC and ISL, and the resulting marketing programme, "TOP Programme".³⁹⁴

E Richard Pound explicou dizendo:

... owing to the stipulation in the "Olympic Charter" that the Olympic emblems of the OCOGs and those of other NOCs could not be used for commercial purposes on the territory of another NOC

³⁹⁰ In: Ata da 90ª Sessão do COI - Berlim, 4 e 6 de dezembro de 1985, p.22.

³⁹¹ In: Ata da 90ª Sessão do COI - Berlim, 4 e 6 de dezembro de 1985, p.25.

³⁹² In: Ata da 90ª Sessão do COI - Berlim, 4 e 6 de dezembro de 1985, p.25.

³⁹³ In: Ata da 90ª Sessão do COI - Berlim, 4 e 6 de dezembro de 1985, p.22.

³⁹⁴ In: Ata da 90ª Sessão do COI - Berlim, 4 e 6 de dezembro de 1985, p.22.

without the latter's prior approval, it was difficult to implement a worldwide marketing programme for such emblems.³⁹⁵

E continuou a explicar que o:

... marketing programme, which was being implemented with the co-operation of ISL, would simplify this situation and would increase the total revenues available to the IOC, the OCOGs and the NOCs, through commercial sponsorship.³⁹⁶

Depois, os membros do COI através do relato de Louis Guirandou-N'Diaye:

Took note of the fact that the IOC had signed a contract with the international marketing agency ISL regarding implementation of the International Olympic Marketing Programme. This programme, involving the IOC, the NOCs and the OCOGs, was outlined in an audio-visual presentation given by representatives of ISL.³⁹⁷

E Guirandou-N'Diaye relatou que, depois de umas negociações longas, foi possível estabelecer um contrato com a ISL. E também informou que um novo programa de marketing em elaboração podia servir para desenvolver o desporto nos países menos desenvolvidos. E, depois de indicar por alto algumas ideias acerca dos projetos a desenvolver informou a Sessão que, na reunião seguinte, seria apresentado um relatório.

The ensuing marketing programme could serve to help the less developed NOCs. He briefly mentioned the Olympic coin programme and the production of an Olympic record, and added that a further report would be given at the next meeting.³⁹⁸

Em conclusão, a 90ª Sessão do COI acabou por aprovar o relatório passando a constar na ata:

Report approved.

Members to be kept informed of progress of the marketing programme, resulting from the execution of the contract between the IOC and ISL.

Members desiring further details of such programme to consult Mr. Pound.³⁹⁹

Verdadeiramente, defendemos que não podia ser de outra forma. O que se verifica é que o COI estava a passar por um processo de transformação acelerada no

³⁹⁵ In: Ata da 90ª Sessão do COI - Berlim, 4 e 6 de dezembro de 1985, p.23.

³⁹⁶ In: Ata da 90ª Sessão do COI - Berlim, 4 e 6 de dezembro de 1985, p.23.

³⁹⁷ In: Ata da 90ª Sessão do COI - Berlim, 4 e 6 de dezembro de 1985, p.89.

³⁹⁸ In: Ata da 90ª Sessão do COI - Berlim, 4 e 6 de dezembro de 1985, p.22.

³⁹⁹ In: Ata da 90ª Sessão do COI - Berlim, 4 e 6 de dezembro de 1985, p.22.

qual muitos erros se haviam de cometer, mas não havia outra solução para o tirar da situação económica e financeira do tempo de Brundage.

A soberba e a cobiça que, em grande medida, tomaram conta de alguns dirigentes do COI, acabaram por conduzir a organização para o maior desastre da sua história que foi o rebentar do escândalo da corrupção em 1999.

5.2.8 Big Business & Desenvolvimento Humano

Apesar do MO, em 1985, já estar envolvido em somas consideráveis Willi Daume, Presidente da Comissão de Elegibilidade, não deixou de proferir um discurso aos membros, em que criticava as questões do comercialismo. Dizia ele que todos sabiam que os JO se tinham tornado em um grande negócio devido aos direitos televisivos e que o ponto crucial era como todo o dinheiro era usado, ele reforçou que as vantagens superariam os riscos caso o dinheiro fosse disponibilizado para os pobres e necessitados.

Everybody knows that the Olympics have become an integral part of 'big business' due to the staggering development of income from television rights. The crucial point is ultimately how all this money is used. If, at least in general, it is made available to the poor and needy, the advantages will outweigh the risks.⁴⁰⁰

Portanto, as grandes somas em jogo começavam também a levantar questões de ordem moral quanto à sua utilização. Já não se tratava só de organizar os JO, cobrir as despesas, fazer algumas aplicações com os excedentes em termos de assegurar o futuro. O discurso de Daume abria uma nova janela de oportunidade para o MO. Ele perguntava se o dinheiro estava a ser bem utilizado e, eventualmente, até se estava a ser gasto com as pessoas que dele mais necessitavam. Tratava-se assim de, na sua plenitude, colocar o desporto ao serviço do desenvolvimento humano. Este espírito foi importante para o MO porque foi ele que deu origem à Solidariedade Olímpica. No período de 1997-2000, o aumento dos direitos televisivos, relativamente a Atlanta (1996) e a Nagano (1998), permitiram que a Solidariedade Olímpica tivesse ao seu dispor para o mesmo período um orçamento de aproximadamente US\$ 122 milhões, 64% a mais do que no planeamento quadrienal anterior.⁴⁰¹ Jacques Rogge ao apresentar as estimativas das receitas dos direitos televisivos para os períodos de 2006-2008 e

⁴⁰⁰ In: Ata da 90ª Sessão do COI - Berlim, 4 e 6 de dezembro de 1985, p.57,58.

⁴⁰¹ In: Ata da 106ª Sessão do COI - Lausanne, 3 a 6 de setembro de 1997, p.29.

2010-2012, que eram de US\$ 2.6 bilhões e US\$ 3.8 bilhões, respectivamente, considerou que isto significava que mais recursos poderiam ser distribuído para a família olímpica.

The total revenue for the 2006 and 2008 Games had been USD 2.6 billion, while for the 2010 and 2012 Games, contracts had so far been signed for a total of 3.8 billion, although this was dependent on the Games being held successfully. This meant that more could be distributed to the Olympic family members.⁴⁰²

5.3 TOP Programme

Entre as estratégias de busca de novas fontes de financiamento surgiu, em 1985, o Programa TOP (The Olympic Partners) que é um programa internacional de patrocínios gerido pelo COI. Foi criado com o objetivo de desenvolver uma base de receitas diversificadas para os JO e estabelecer parcerias de longo prazo com empresas que poderiam beneficiar o Movimento Olímpico como um todo. O Programa TOP funciona em termos quadrienais, dando suporte para o COI, COJOs, FIs e CONs.⁴⁰³

O Programa TOP iniciou com tal sucesso que, em 1986, 121 CONs aderiram ao TOP I, tendo sido concluídos contratos com 5 corporações internacionais. Eram elas: Coca-Cola; Kodak; Federal Express; Visa e 3M. Para além do mais, estavam previstos mais 3 acordos com os seguintes setores de atividades: entretenimento; publicidade internacional; e máquinas de escrever. Eram 8 novas fontes de financiamentos que dariam ao COI receitas de US\$ 104.25 milhões.⁴⁰⁴

Em 1987, como as perspectivas de sucesso eram grandes e o programa TOP I terminava em 1988, 151 CONs assinaram antecipadamente o TOP II, que seria lançado em 1989, representando 91% dos CONs, sendo que os patrocinadores do Programa TOP II concordavam em não comercializar os JO em si e que continuaria não existindo propaganda dentro e nos arredores das instalações do evento.

Sobre a comercialização, Richard Pound apresentou o seu relatório e, como as coisas tinham mudado, mesmos os mais críticos já expressavam as suas posições de

⁴⁰² In: Ata da 120ª Sessão do COI - Beijing, 5 a 7 e 24 de agosto de 2008, p.6.

⁴⁰³ In: <http://www.olympic.org/licensing-ticketing> Consultado em 12 de setembro de 2011.

⁴⁰⁴ In: Ata da 91ª Sessão do COI - Lausanne, 12 a 17 de outubro de 1986, p.201.

uma forma muito mais condescendente. Pound, assumia o papel do grande defensor do Emblema e dos Anéis Olímpicos. E a ata dizia:

As far as the protection of the Olympic symbol was concerned, Mr. Pound stressed that the IOC was very active all over the world in avoiding any abuse of the five ring symbol. He stressed the vital role all the IOC members had to play in this respect in their own countries.⁴⁰⁵

O debate voltou a ter momentos de algum atrito, já que os membros do COI faziam perguntas que revelavam não existir uma aceitação passiva do que se estava a passar relativamente à gestão financeira da organização. Reginald Alexander não mostrava qualquer intenção de abandonar a luta. Outros membros faziam perguntas relativas à utilização de publicidade como a que procurou saber se o espaço aéreo dos JO de Seul (1988) estava protegido na medida em que, em Los Angeles (1984), o espaço aéreo tinha sido violado com publicidade. Pound respondeu que os COJOs eram avisados que não podiam ter propaganda no ar em cima do estádio.⁴⁰⁶

Entretanto, existiam insatisfações, como a de Alexander, que manifestou estar insatisfeito devido Comissão Executiva ter decidido pela criação do TOP II sem consultar os membros nas Sessões. Inclusive, ele considerou que teria ocorrido um abuso do uso do Símbolo Olímpico pela 3M em Calgary (1988).⁴⁰⁷ Pound se posicionou respondendo a Alexander que na Sessão de Berlim, em 1985, os membros deram poder a Comissão Executiva para tomar as providências necessárias para o desenvolvimento do Programa TOP.⁴⁰⁸

Mesmo diante de algumas críticas, o programa TOP II começou a ser implementado depois dos JO de Seul (1988)⁴⁰⁹ tendo a sua aprovação final ocorrido na 94ª Sessão do COI de 1988.⁴¹⁰ Oito das nove corporações que participaram do TOP I pediram para entrar no TOP II, foram elas: Coca-Cola; Kodak; Federal Express; Visa; 3M; Time Inc.; Brother e Philips. As previsões eram significativamente melhores do que as do ano anterior, com entre 12 e 13 patrocinadores com US\$ 175 milhões de receita, sendo que 169 CONs assinaram o TOP II.⁴¹¹ Quanto a divisão dos recursos, ela

⁴⁰⁵ In: Ata da 94ª Sessão do COI - Seul, 13 a 16 de setembro de 1988, p.32.

⁴⁰⁶ In: Ata da 94ª Sessão do COI - Seul, 13 a 16 de setembro de 1988, p.34.

⁴⁰⁷ In: Ata da 94ª Sessão do COI - Seul, 13 a 16 de setembro de 1988, p.33.

⁴⁰⁸ In: Ata da 94ª Sessão do COI - Seul, 13 a 16 de setembro de 1988, p.33.

⁴⁰⁹ In: Ata da 94ª Sessão do COI - Seul, 13 a 16 de setembro de 1988, p.32.

⁴¹⁰ In: Ata da 94ª Sessão do COI - Seul, 13 a 16 de setembro de 1988, p.35.

⁴¹¹ In: Ata da 95ª Sessão do COI - Porto Rico, 30 de agosto a 1 de setembro de 1989, p.90.

seria feita da seguinte maneira: 2% do total ficaria para o COI e o maior favorecido seria o COJO de 1988.⁴¹²

A partir do exposto anteriormente, este subcapítulo tem por objetivo analisar o Programa TOP e a sua importância para o comercialismo no Movimento Olímpico. Para melhor esclarecer essa questão, este subcapítulo foi dividido em duas partes: 1ª) Vitória do Comercialismo; e 2ª) Principal Programa Mundial de Marketing.

5.3.1 Vitória do Comercialismo

Em consequência do esforço da Comissão de Novas Fontes de Financiamento em promover o Programa TOP, pela primeira vez na história do COI, em 1989, as fontes de recursos financeiro passaram de 95% de dependência dos direitos televisivos para 50%, realidade bastante diferente 10 anos antes.⁴¹³ Esta realidade podemos dizer que foi uma vitória do comercialismo enquanto instrumento de gestão do COI no sentido de obter receitas para o desenvolvimento do MO à escala mundial.

Em consequência do esforço da Comissão, o Programa TOP, para o período de 1989-1992 tinha a previsão de receitas que totalizariam US\$ 1.8 milhões.⁴¹⁴ E os direitos televisivos para o período entre 1994-1996 estavam previstos serem na ordem de US\$ 1.05 bilhões sendo que no quadriénio anterior US\$ 928 milhões.⁴¹⁵

Mesmo sendo evidente o interesse da CNFF em obter o máximo de recursos, Pound não deixou de evidenciar a preocupação em assegurar que o desporto fosse governado por interesses do desporto e não comerciais. Por isso, neste domínio o COI considerava importante um controle restrito sobre o marketing para que os interesses comerciais não controlassem o MO.

Although the revenues have grown considerably in recent years, it is important that the IOC continues to closely control all marketing activities in order to ensure that sport and not commercial interests control the Movement and its destiny.⁴¹⁶

A number of recommendations by the Commission were currently being studied by the Executive Board and the Commission was working very well. Its work would stand the Olympic Movement in good stead in years to come. One of the most important aspects of

⁴¹² In: Ata da 92ª Sessão do COI - Istambul, 9 a 12 de maio de 1987, p.97.

⁴¹³ In: Ata da 95ª Sessão do COI - Porto Rico, 30 de agosto a 1 de setembro de 1989, p.91.

⁴¹⁴ In: Ata da 96ª Sessão do COI - Tóquio, 17 a 20 de setembro de 1990, p.101.

⁴¹⁵ In: Ata da 96ª Sessão do COI - Tóquio, 17 a 20 de setembro de 1990, p.108.

⁴¹⁶ In: Ata da 97ª Sessão do COI - Birmingham, 13 a 16 de junho de 1991, p.110.

its work was to ensure that sport was governed by sport and not commercial interests.⁴¹⁷

E Richard Pound concluiu:

...the idea behind the creation of the Commission had been to prevent the IOC from becoming too dependent on television rights. This goal was being achieved and he wished to congratulate the Commission on its work. He moved that the report be approved.⁴¹⁸

É importante salientar que o TOP III, entre 1993 e 1996, iria dar mais dinheiro para os CONs do que a Solidariedade Olímpica e, para muitos, era a maior fonte de renda.⁴¹⁹ A importância do TOP em termos de financiamento das atividades do COI continuou a ser referido na Sessão de 1994 realizada em Lillehammer:

The TOP Programme plays an increasingly important role in the financing of NOCs, many of which have found it increasingly difficult to develop revenues from local sponsorship programmes in the current economic climate.⁴²⁰

Em 1994, pela primeira vez na história do programa TOP, todos os 194 CONs estavam participando do programa TOP III, que já tinha assinado com 10 corporações internacionais, eram elas: Coca-Cola; Kodak; Visa; Matsushita; Bausch & Lomb; Time Warner/SI; Xerox; IBM; UPS e John Hancock.⁴²¹

Além do apoio financeiro, os patrocinadores do TOP III em Atlanta (1996) fizeram diversos programas de fomento ao MO: a Visa fez um centro de reuniões para os ex-olímpicos presentes; a Coca-Cola fez uma interação de experiências com os visitantes, apresentação do Museu Olímpico e “testes” olímpicos nos visitantes; a IBM fez a *Home Page* de maior sucesso já desenvolvida para os JO que tinha atraído 200 a 300 mil pessoas por dia antes dos JO e durante foram 10 milhões por dia; sendo que a Sports Illustrated lançou a primeira revista diária totalmente colorida.⁴²²

The TOP Sponsor group has continued to expand its support to the IOC and the Olympic Movement beyond just direct financing support into technology support - most recently IBM's launch of an IOC Olympic Home Page on the Internet - and through extensive advertising and promotion whereby the sponsors are increasingly incorporating Olympic messages into their general communications,

⁴¹⁷ In: Ata da 97ª Sessão do COI - Birmingham, 13 a 16 de junho de 1991, p.17.

⁴¹⁸ In: Ata da 97ª Sessão do COI - Birmingham, 13 a 16 de junho de 1991, p.18.

⁴¹⁹ In: Ata da 101ª Sessão do COI - Mônaco, 21 a 24 de setembro de 1993, p.108.

⁴²⁰ In: Ata da 102ª Sessão do COI - Lillehammer, 8 a 10 de fevereiro de 1994, p.70.

⁴²¹ In: Ata da 102ª Sessão do COI - Lillehammer, 8 a 10 de fevereiro de 1994, p.70.

⁴²² In: Ata da 105ª Sessão do COI - Atlanta, 15 a 18 de julho de 1996, p.150.

promoting the Olympic ideal directly to as wide a public as possible.⁴²³

The most recent Olympic advertising from the sponsors is an excellent example of how the partnership has evolved, with the sponsors having gained an intimate understanding of the Olympic values, now becoming champions of the Olympic ideal with their advertising. The TOP sponsors have also pioneered a number of programmes in Atlanta that should further add to the special nature of the Olympic Games.⁴²⁴

Em 1995, foram iniciadas as negociações do TOP IV e segundo estimativas de Pound as receitas deveriam passar de US\$ 450 milhões, e já estavam sendo feitas negociações com o patrocinadores do TOP V e VI.⁴²⁵

The outlook for the TOP IV Programmes looks very promising, with all of the current TOP sponsors electing to continue their association with the Olympic Movement, and a number of new sponsors hoping to join the programme.⁴²⁶

5.3.2 Principal Programa Mundial de Marketing

Segundo o relatório da CNFF, apresentado na 106ª Sessão do COI em Lausanne, em 1997, o Programa TOP continuava evoluindo como o principal programa mundial de marketing, tendo 9 dos 10 patrocinadores do TOP III continuado para o TOP IV. Sendo que, dois novos patrocinadores estavam ingressando no Programa, a McDonald's e a Samsung.

The TOP programme was not only a good one, it was the largest international marketing programme in the world, and had generated almost 500 million dollars for the Olympic Movement.⁴²⁷

Na 106ª Sessão, as discussões também estiveram focadas no desenvolvimento do Programa TOP até 2008, eram os TOP V e VI tendo sido a Coca-Cola a primeira companhia a assinar o contrato de longo termo semelhante ao das televisões. Acordos também foram renovados com a Daimler-Benz, Lufthansa, Mizuno and Brother e as negociações com a Telecom e outras companhias continuavam.⁴²⁸

Na mesma Sessão do COI foi evidenciado que o fato dos patrocinadores estarem sendo responsáveis por 80% dos anúncios na televisão levava a necessidade de fortalecimento das relações entre as televisões e patrocinadores em bases de longo

⁴²³ In: Ata da 104ª Sessão do COI - Budapeste, 15 a 18 de junho de 1995, anexo 9.

⁴²⁴ In: Ata da 105ª Sessão do COI - Atlanta, 15 a 18 de julho de 1996, p.150.

⁴²⁵ In: Ata da 105ª Sessão do COI - Atlanta, 15 a 18 de julho de 1996, p.151.

⁴²⁶ In: Ata da 105ª Sessão do COI - Atlanta, 15 a 18 de julho de 1996, p.151.

⁴²⁷ In: Ata da 103ª Sessão do COI - Paris, 4 e 5 de setembro de 1994, p.36.

⁴²⁸ In: Ata da 106ª Sessão do COI - Lausanne, 3 a 6 de setembro de 1997, p.128.

termo. A Meridian, que era a nova agência de marketing do COI, estava trabalhando ativamente com cada um dos patrocinadores para ajudar a desenhar programas para promover o MO assim como o patrocinador parceiro.⁴²⁹

Segundo Pound, o Programa TOP era, em 2000, um alicerce dos esforços do Marketing Olímpico proporcionando: fundos substanciais para os COJOs; promoção global através dos programas de marketing do MO e de seus ideais; e uma referência do potencial das parcerias da comunidade de negócios com o MO, ajudando a promover os programas dos patrocinadores locais. Segundo ele, as perspectivas futuras eram promissoras com basicamente todos os patrocinadores renovando para o TOP V. Além disso, a Comissão Executiva, após consultar a Associação dos Comitês Olímpicos Nacionais (ACON) decidiu aumentar em 25% a taxa de participação destinada aos CONs no Programa TOP ficando o valor em US\$ 50.000,00, mais uma taxa de US\$ 500,00 por atleta participante nos JO. Sendo que os CONs que tinham programas de marketing próprios receberiam um fundo adicional.⁴³⁰

Pound salientou que o Programa TOP em sua quinta edição continuava a ser reconhecido como o principal programa mundial de marketing deste tipo. Ele relatou aos membros que, apesar das dificuldades financeiras, o Programa tinha conseguido assinar novamente com os seus patrocinadores anteriores e todos os CONs concordaram em participar.⁴³¹

Heiberg, no relatório da Comissão de Marketing, informou que o final de 2004 marcou o fim do TOP V o que contribuiu com aproximadamente US\$ 663 milhões em receitas, distribuídas 50% para os COJOs, 20% para o CON dos USA, 20% para os outros CONs e 10% para o COI.⁴³² Entretanto, Heiberg salientou que o Presidente do COI, Jacques Rogge, tinha advertido que a distribuição do Programa TOP seria revista e redefinida, além disso, seria a tarefa principal do novo Diretor de Comunicações fazer ficar claro que 93% das receitas do COI eram redistribuídas para o MO.⁴³³ Em 2003, a participação dos CONs no TOP VI estava sendo estudada, porém, ainda não tinha sido encontrada uma fórmula ou método de distribuição transparente, o que precisava ser

⁴²⁹ In: Ata da 106ª Sessão do COI - Lausanne, 3 a 6 de setembro de 1997, p.127.

⁴³⁰ In: Ata da 111ª Sessão do COI - Sidney, 11 a 13 de setembro de 2000, p.91,92.

⁴³¹ In: Ata da 112ª Sessão do COI - Moscovo, 13 a 15 de julho de 2001, p.130.

⁴³² In: Ata da 117ª Sessão do COI - Singapura, 6 a 9 de agosto de 2005, p.10,11.

⁴³³ In: Ata da 113ª Sessão do COI - Salt Lake City, 4 a 6 de fevereiro de 2002, p.28.

criado para o Programa TOP sobreviver em longo termo.⁴³⁴ A necessidade de redistribuição dos recursos de forma mais equitativa se deveu em muito ao interesse de empresas de outros países além dos USA. Por exemplo, em 2003, foi evidenciado um grande interesse de corporações chinesas em relação ao Programa TOP e o COI esperava assinar com patrocinadores da China elevando para 12 o número de parceiros no TOP.⁴³⁵ Entretanto, a questão ainda não estava resolvida, em 2007, quando Carrion respondeu as dúvidas de Tunku Imran no que diz respeito a distribuição das receitas do Programa TOP em relação ao CON dos USA. A resposta foi de que a distribuição seguia o estipulado no acordo assinado em 1996, que dava 20% das receitas do TOP para este CON.⁴³⁶

O Programa TOP, em 2004, teve uma importante renovação e tinha se tornado realmente global com seis companhias não Norte-americanas, entre elas a Lenovo, uma companhia Chinesa. Heiberg apresentou a evolução do TOP: as receitas entre o TOP V e TOP VI tinham aumentado em 31%. O TOP VI teve 11 parceiros sendo que este número era limitado, mas se algum parceiro decidisse sair do programa outras companhias poderiam entrar. A Anheuser-Busch pagou o mesmo montante que os patrocinadores do TOP, mas não pode ser considerada como um patrocinador TOP, pois os seus produtos eram alcoólicos. Em vez disto, para Turim (2006) e Pequim (2008) a empresa seria considerada como um “patrocinador internacional”. Quanto aos CONs a maioria já tinha assinado o TOP VI, embora 13 assinaturas ainda estavam por ser feitas durante os JO de Atenas (2004).⁴³⁷

Lima Bello na 116ª Sessão do COI realizada em Atenas em 2004 deu os parabéns ao Heiberg pelo trabalho da Comissão de Marketing e se disse feliz devido ao COI poder gerar recursos. Entretanto, ele ressaltou que, com frequência, a existência dos patrocinadores do TOP não permitia a participação dos patrocinadores locais com os devidos CONs. Ele deu o exemplo do Banco de Portugal que não pôde fazer parte de um acordo devido a VISA, e isto deveria ser considerado quando contratava um novo

⁴³⁴ In: Ata da 115ª Sessão do COI - Praga, 2 a 4 de julho de 2003, p.15.

⁴³⁵ In: Ata da 115ª Sessão do COI - Praga, 2 a 4 de julho de 2003, p.14,15.

⁴³⁶ In: Ata da 119ª Sessão do COI - Guatemala, 4 a 7 de julho de 2007, p.13.

⁴³⁷ In: Ata da 116ª Sessão do COI - Atenas, 10 a 12 de agosto de 2004, p.14,15.

parceiro. Butler defendeu que, em cada Programa TOP, mais valor era adicionado, que depois era dado para os CONs em consideração das suas necessidades.⁴³⁸

Mr. Butler - The impact on NOCs and OCOGs was always considered and there was the need to reiterate that the TOP sponsors provided a lot of support to the NOCs, which therefore balanced out the different factors.⁴³⁹

Na perspectiva do membro Erdem, a distribuição dos fundos provenientes do Programa TOP não correspondiam com a realidade do mercado. Se aos CONs fosse permitida a aproximação das companhias não participantes do programa TOP as suas fontes de renda poderiam aumentar muito e deu, como exemplo, a Pepsi que ofereceu ao CON da Turquia US\$ 2 milhões para dois anos. Sendo que da concorrente Coca-Cola, o CON só recebia US\$ 20.000,00, além da Coca-Cola nacional não ter feito nada pelo respectivo CON.⁴⁴⁰

O membro Holst-Sorensen mencionou o valor do produto que o COI estava vendendo. Na perspectiva dele, se eles pudessem manter a exclusividade dos anéis Olímpicos eles aumentariam o valor do produto e consequentemente as receitas ligadas a ele. Segundo ele, esta preocupação também deveria se estender para períodos entre os JO.⁴⁴¹

Holst-Sorensen ressaltou que o problema apontado por Erdem era algo que todos deveriam entender, já que não era acidentalmente que a Pepsi ofereceu tanto dinheiro, segundo ele, a empresa tinha feito isto exatamente porque a Coca-Cola tinha tanto sucesso, e se os CONs aceitassem as ofertas dos competidores, eles poderiam estar destruindo o programa TOP.⁴⁴²

Quanto ao Programa TOP, Heiberg, Presidente da Comissão de Marketing, fez, em 2005, um breve relato do programa e de suas perspectivas futuras. Segundo ele, após 20 anos de uma excelente geração de renda era hora de ver como era possível evoluir. O TOP VI iria gerar 31% a mais que o TOP V, sendo que 6 empresas já tinham assinado o TOP VII, com uma estimativa de ter entre 10 e 12 parceiros. Discussões tinham sido

⁴³⁸ In: Ata da 116ª Sessão do COI - Atenas, 10 a 12 de agosto de 2004, p.14,15.

⁴³⁹ In: Ata da 116ª Sessão do COI - Atenas, 10 a 12 de agosto de 2004, p.14,15.

⁴⁴⁰ In: Ata da 106ª Sessão do COI - Lausanne, 3 a 6 de setembro de 1997, p.16.

⁴⁴¹ In: Ata da 106ª Sessão do COI - Lausanne, 3 a 6 de setembro de 1997, p.16.

⁴⁴² In: Ata da 106ª Sessão do COI - Lausanne, 3 a 6 de setembro de 1997, p.17.

feitas entre a Comissão de Marketing e com os parceiros do COI e os *feedbacks* estavam sendo avaliados com o objetivo de preparar uma nova estratégia para depois de 2012.⁴⁴³

Em relação ao TOP VI, que cobriria Turim (2006) e Pequim (2008), Heiberg relatou que o programa tinha garantido US\$ 866 milhões. As 12 empresas no Programa TOP eram de 7 países diferentes e de 3 continentes. Em relação ao TOP VII, que cobriria de Vancouver (2010) a Londres (2012), 8 companhias já estavam confirmadas e a Comissão de Marketing estava trabalhando para renovar com outras, já se tinha US\$ 800 milhões provenientes destas 8 companhias e o marco milionário de US\$ 1 bilhão estava a vista.⁴⁴⁴

Em 2008, Heiberg relatou que o COI estava em boas condições financeiras e com muito interesse no Programa TOP. Segundo ele, Pequim (2008) teria a maior receita total de patrocinadores nacionais até então. Para o TOP VII, 9 patrocinadores já tinham assinado e começaria em janeiro de 2009 com o total de receitas estimado em US\$ 1 bilhão. As negociações de renovação continuavam com a Johnson & Johnson e outros parceiros potenciais foram convidados a irem aos JO de Pequim (2008) para aprenderem mais sobre o MO e sobre os JO. Na verdade, duas novas estratégias de marketing estavam envolvendo os parceiros do COI nas áreas de responsabilidade social, especialmente meio ambiente, e audiência jovem onde os esforços eram direcionados para apanhar os jovens interessados pelo desporto e pelos JO.⁴⁴⁵

5.4 A Era do Marketing

A palavra comercialização continuava a incomodar. E voltou à ordem do dia na Sessão do COI realizada em Seul em 1988. E, em vez de tentarem explicar e justificar a boa utilização do dinheiro que o comercialismo proporcionava, alguns membros do COI procuravam ir por outros caminhos que dificilmente poderiam conduzir a uma boa solução. Por exemplo, Munoz Pena e Nikos Filaretos sugeriram que se criasse uma alternativa à palavra comercialização como se o problema fosse da palavra e não da maneira como ela era utilizada. Dizia ele que o termo tinha possíveis interpretações

⁴⁴³ In: Ata da 117ª Sessão do COI - Singapura, 6 a 9 de agosto de 2005, p.10.

⁴⁴⁴ In: Ata da 119ª Sessão do COI - Guatemala, 4 a 7 de julho de 2007, p.7.

⁴⁴⁵ In: Ata da 120ª Sessão do COI - Pequim, 5 a 7 e 24 de agosto de 2008, p.10.

negativas, como se as interpretações não decorressem da utilização que faziam da palavra em si. Esta posição foi sustentada também por Pound. Diz a ata:

Mr. Pound agreed completely with the point raised by Mr. Munoz Pena and Mr. Filaretos: "Commercialization" had derogatory overtones. If the members could think of any possible alternatives, they would be considered.⁴⁴⁶

Evidenciamos que a alternativa já existia. Era o termo “marketing” e Richard Pound sabia disso, contudo, tinha todo o interesse em manter os membros do COI, entretidos até que chegassem a essa conclusão. Contudo, Reginald Alexander não desarmava. E voltava a afirmar que entendia que a abertura dos JO à comercialização colocava o MO debaixo de enormes perigos. E, no sentido de obviar a tal situação, pediu a criação de uma subcomissão para tratar da influência do comércio, dos negócios e do dinheiro resultante de decisões já tomadas pelo COI. E solicitou a votação secreta da seguinte resolução:

That a sub-committee be appointed forthwith to monitor the intrusion into sport, of the unfortunate influence of business, commerce and "big money" resulting from the decisions already taken by the International Olympic Committee and to report thereon to the 95th Session of the IOC.⁴⁴⁷

A resolução não chegou a ser votada. Reginald estava cada vez mais isolado. O problema dele, e de outros dirigentes antigos que pensavam como ele, é que eles nem sequer admitiam a hipótese do dinheiro poder ser bem utilizado. Eles consideravam, à partida, que o comércio tinha uma influência indesejável, pelo que para fundamentarem as suas opiniões, só encontravam exemplos negativos relativos às relações comerciais do desporto, esquecendo-se de um número muito maior de exemplos positivos.

A questão do marketing já vinha sendo falada nas Sessões do COI desde princípios dos anos setenta, não por qualquer necessidade de reflexão interna, mas porque os COJOs a isso obrigaram. E a primeira vez que a palavra marketing entrou em uma Sessão do COI ao ponto de, depois, constar na respectiva ata, foi na 73ª Sessão, realizada de 21 a 24 de agosto de 1972 em Munique. O que se passou foi que o COJO de Denver (1976) ao apresentar ao COI o relatório de situação, no respeitante à estrutura organizativa, informou a Sessão que Norman Brown seria o Diretor responsável pela área de “Arts & Marketing”. O problema foi que, em um referendo realizado em 1972,

⁴⁴⁶ In: Ata da 94ª Sessão do COI - Seul, 13 e 16 de setembro de 1988, p.33.

⁴⁴⁷ In: Ata da 94ª Sessão do COI - Seul, 13 e 16 de setembro de 1988, p.169.

os eleitores do Colorado, devido a um aumento de 300% dos custos previstos, para além dos prejuízos ambientais que se já se previam, recusaram a realização dos JO tendo sido a única vez na história do Olimpismo moderno que uma cidade declinou a realização dos JO que já lhe tinha sido atribuída. Quer dizer, a primeira vez que o marketing ia ser apresentado falhou completamente na medida em que não conseguiu provar junto dos eleitores que os JO de Inverno de Denver era um bom investimento para os cidadãos do Colorado. Os JO de inverno de 1976 acabaram por se realizar na cidade austríaca de Innsbruck.

Em 1988, a situação era bem diferente e Richard Pound no relatório da Comissão de Marketing, informava relativamente aos JO de Lillehammer (1994) e de Nagano (1998) que tinha ocorrido um significativo aumento do envolvimento dos patrocinadores no Programa TOP, inclusivamente em novos domínios como o das novas tecnologias. Dizia Pound que o:

TOP Partner support for the Games continues to evolve, with an ever increasing role in the technology and promotion of the Games. A number of important initiatives have been launched by TOP Partners, including: - IBM: support for the NAOC Home Page Internet site - the first time the Internet will play a role with the Olympic Winter Games - Matsushita: support for broadcast technology and venue operation, with every venue - for the first time - having a large screen video scoreboard. - John Hancock: launch of a US-based TV fund-raising advertising campaign for Sarajevo. - Samsung: a free "Call Home" programme for all accredited athletes.⁴⁴⁸

E, muito provavelmente, para seguir a linha estratégica proposta por Munoz Pena e Nikos Filaretos, relativamente a encontrar um substituto para a palavra “comercialismo”, Richard Pound informou que a Comissão de Marketing, por ele liderada desde 1988,⁴⁴⁹ tinha as seguintes funções:⁴⁵⁰

- Rever e estudar as possíveis fontes de financiamento e receitas para o COI e para o MO assegurando que o controle dos desportos fosse gerido por autoridades desportivas;
- Fazer recomendações à Comissão Executiva relativas a questões referentes ao marketing e programas correlatos;
- Monitorar a implementação dos programas de marketing e afins e reportá-los ao Conselho Executivo;
- Procurar meios para maximizar os benefícios potenciais para o MO disponíveis através dos parceiros.

⁴⁴⁸ In: Ata da 107ª Sessão do COI - Nagano, 3 a 5 de fevereiro de 1998, p.67.

⁴⁴⁹ Richard Pound liderou a Comissão de Marketing do COI de 1988 a 2005.

⁴⁵⁰ In: Ata da 107ª Sessão do COI - Nagano, 3 a 5 de fevereiro de 1998, p.66.

Portanto, Richard Pound conseguira um dos grandes objetivos do seu trabalho de dirigente desportivo no COI que foi o de institucionalizar uma Comissão de Marketing. Desde a primeira vez que a palavra entrara em uma Sessão do COI em 1972 passaram-se cerca de dezasseis anos.

Em 1989, Richard Pound era o homem certo no lugar certo porque, em matéria de comercialismo, para ele, o COI sem dinheiro era uma instituição impossível de ser gerida. Por isso, ele tinha de se rodear de especialistas como foi o caso de Michael Payne que era diretor de marketing da ISL. E Pound informou a Sessão que:

In recent months the marketing programme had benefited from the experience of Mr. Payne, who was well versed in the domain of olympic marketing.⁴⁵¹

E a Comissão Executiva do COI reconhecendo a importância cada vez maior de marketing para as necessidades financeiras do MO, decidiu, na sua reunião em Courchevel em 1989, pela criação de um Departamento de Marketing na sede do COI, em Vidy. E nomeou Michael Payne como o primeiro Diretor de Marketing do COI. Em consequência, Richard Pound para além de ter conseguido uma Comissão de Marketing no âmbito da estrutura diretiva do COI colocando a especialidade ao nível das demais comissões do COI, passou, também, a ter um departamento de marketing enquanto estrutura técnica operacional. O programa de marketing entre 1989 e 1992, gerou US\$ 1.9 bilhões. Desta verba o COI ficou com 7%.

Na realidade, Michael Payne tinha uma extensa experiência em marketing desportivo, tendo trabalhado em programas de marketing para diversos eventos tais como Campeonatos do Mundo em finais dos anos setenta, inícios dos anos oitenta. Payne tornou-se em um executivo chave para o desenvolvimento dos programas TOP. Então, os contratos com as cidades candidatas foram novamente examinados pelo que em 1996, o COI ficaria com 40% e o COJO com 60% dos direitos televisivos e, a partir de 1998, o COI e o COJO deveriam dividir o montante em 50% para cada parte. Pound conseguiu ainda que nos contratos de marketing o percentual do COI aumentaria de 3% para 5%.⁴⁵² Quer dizer que, o comercialismo tinha tomado conta do MO. A lógica do capitalismo a isso obrigava. O COI já era uma máquina capitalista e, tinha de funcionar de acordo com as regras do capitalismo se queria sobreviver.

⁴⁵¹ In: Ata da 95ª Sessão do COI - Porto Rico, 30 de agosto a 1 de setembro de 1989, p.13.

⁴⁵² In: Ata da 95ª Sessão do COI - Porto Rico, 30 de agosto a 1 de setembro de 1989, p.29.

E foi nesta lógica do capitalismo que, em 1989, começaram a surgir outras teletransmissoras, para além das norte-americanas, e Pound informou ao COI que, muito embora as teletransmissoras norte-americanas fossem importantes, já existiam outras que podiam contrabalançar o sistema.⁴⁵³ E, como os rendimentos do COI continuavam a aumentar, foram tomadas três importantes decisões:

1. Novas fontes de receita deviam continuar a ser procuradas, a fim de poderem acudir a eventuais problemas;
2. Criação de um fundo de sobrevivência no montante de US\$ 100 milhões;
3. A moeda a utilizar devia ser o dólar norte-americano.⁴⁵⁴

Sendo os seguintes termos de referência aprovados pela Comissão Executiva em 1989 a fim de se operacionalizarem as operações:

- Verificar as possíveis novas fontes de financiamento e receitas para o COI e MO garantindo que o controle dos desportos ficariam com as autoridades desportivas;
- Fazer recomendações a Comissão Executiva sobre os existentes e potenciais programas de angariação de fundos;
- Estudar as respostas aos questionários de marketing das cidades candidatas;
- Sugerir áreas de patrocínios para que o COI contactasse para avaliar os possíveis benefícios para os patrocinadores e o MO.⁴⁵⁵

Assim sendo, o MO tinha de estar preparado para responder às necessidades do mercado. Porque, se existiam diferenças entre o marketing geral e o marketing do desporto, quando se tratava do Olimpismo tratava-se também de saber que existia uma diferença entre marketing de uma modalidade desportiva e marketing olímpico. No marketing olímpico estavam em causa a promoção dos valores do Olimpismo e a associação desses valores às marcas que patrocinavam o MO. O problema segundo Pound é que, muitas vezes, as empresas não tinham a mínima ideia do que queriam pelo que devia ser da responsabilidade dos CONs informar as empresas o que é que podiam fazer, porque muitas vezes, depois de comprarem “sponsorship rights” não faziam a mínima ideia do que fazer com eles. Nem sempre a melhor relação entre o patrocinador e o patrocinado era diretamente económica pelo que era necessário construir os programas tendo em vista os interesses de cada uma das partes. Desde logo porque se a

⁴⁵³ In: Ata da 95ª Sessão do COI - Porto Rico, 30 de agosto a 1 de setembro de 1989, p.13.

⁴⁵⁴ In: Ata da 95ª Sessão do COI - Porto Rico, 30 de agosto a 1 de setembro de 1989, p.78,79.

⁴⁵⁵ In: Ata da 95ª Sessão do COI - Porto Rico, 30 de agosto a 1 de setembro de 1989, p.90.

Coca-Cola tinha interesse em patrocinar o MO, o COI tinha também interesse em ser patrocinado por uma marca conhecida à escala do Planeta.

A partir do exposto anteriormente, o presente subcapítulo tem por objetivo analisar as questões relativas ao comercialismo em um período em que o marketing tomou efetivamente lugar no COI e no Movimento Olímpico. Para melhor esclarecer essa questão, este subcapítulo foi dividido em sete partes: 1ª) Programa de Fornecedores; 2ª) Administradores Desportivos e o Incremento do Comercialismo; 3ª) Um Novo Salto Qualitativo; 4ª) Programa da Imagem Olímpica; 5ª) Os Três Pilares do Sucesso: CONs, FIs e COJOs; 6ª) A Agência, a Comissão e o Departamento de Marketing; e 7ª) “Olympic Broadcasting Services”.

5.4.1 Programa de Fornecedores

Algumas empresas privadas, que estavam envolvidas com o COI, não estabeleciam relação com o marketing do COI através de um determinado montante financeiro, mas através da entrega de produtos que produziam ou comercializavam. Por exemplo, em 1984, a Kistler doou US\$ 250 mil de patrocínio para a Associação Internacional de Pesquisa da Medicina Desportiva e a Redalke doou US\$ 80 mil para a aquisição de máquinas fotográficas. Naquele ano foram ainda estabelecidos acordos com a Kodak e a Fuji, cuja contrapartida era o fornecimento de produtos.⁴⁵⁶

Em 1990, o COI fez um acordo com a empresa Ricoh que era uma TOP II, com a finalidade de instalar de um sistema de fax em rede em 165 países,⁴⁵⁷ e em 1991, começou a desenvolver um programa especial de fornecedores no sentido de diminuir os custos de operação em cerca de um milhão de dólares.⁴⁵⁸

Em 1994, o COI tinha 4 companhias participando do Programa de Fornecedores. Eram elas: Mercedes, Lufthansa, John Hancock Insurance and Ricoh, tendo a IBM sido elevada para a categoria de “TOP Sponsor”.⁴⁵⁹ No mesmo ano, foi feito um acordo com a Lufthansa que doou US\$ 1 milhão em serviços ao COI tornando-se a sua empresa

⁴⁵⁶ In: Ata da 87ª Sessão do COI - Sarajevo, 5 e 6 de fevereiro de 1984, p.91.

⁴⁵⁷ In: Ata da 96ª Sessão do COI - Tóquio, 17 a 20 de setembro de 1990, p.59.

⁴⁵⁸ In: Ata da 97ª Sessão do COI - Birmingham, 13 a 16 de junho de 1991, p.109.

⁴⁵⁹ In: Ata da 102ª Sessão do COI - Lillehammer, 8 a 10 de fevereiro de 1994, p.72.

aérea oficial.⁴⁶⁰ E em 1996, foi realizado um aditamento ao acordo que incluía a promoção de voos com 30% de desconto para membros do COI.⁴⁶¹

No Programa de Fornecedores, a Daimler-Benz, iria dar suporte financeiro para iniciativas ambientais do COI e em um programa que daria 50 micro-autocarros para ajudar países em desenvolvimento em seus programas desportivos. Diz a ata:

Daimler-Benz: The agreement has been renewed for a further four years to 2000 which will, in addition to the overall support to the IOC's own transport needs, now include direct financial support to facilitate IOC sports environmental initiatives and a programme of 50 sports minibuses for the IOC to grant to third world nations to aid sport programmes.⁴⁶²

Até 1996 estava prevista uma contribuição dos fornecedores de cerca de US\$ 19 milhões.⁴⁶³

5.4.2 Administradores Desportivos e o Incremento do Comercialismo

Na Sessão do COI realizada em Tóquio, em 1990, a Comissão para Novas Fontes de Financiamento recomendou ao COI que se fizessem “workshops” com o objetivo de formar administradores desportivos e reforçar a independência financeira dos CONs ajudando-os no desenvolvimento dos seus programas de marketing. Mesmo estando preocupada com a obtenção máxima de recursos, a Comissão alertou o Departamento de Marketing para ficar atento aos processos de “super comercialização” e utilização não autorizada das propriedades Olímpicas.⁴⁶⁴ Um ano depois, na Sessão do COI realizada em Birmigham, em 1991, foi anunciado terem sido organizados vários “wokshops”:

The NOCs were being encouraged to become involved in marketing on an organized basis. Workshops had been organized in various parts of the world to help them do so.⁴⁶⁵

Um ano depois, em 1992, o programa de formação em curso evoluiu para, a partir do Departamento de Marketing conjuntamente com a Solidariedade Olímpica, em uma estratégia de apoio aos CONs no sentido de eles obterem autonomia no que diz

⁴⁶⁰ In: Ata da 102ª Sessão do COI - Lillehammer, 8 a 10 de fevereiro de 1994, p.41.

⁴⁶¹ In: Ata da 105ª Sessão do COI - Atlanta, 15 a 18 de julho de 1996, p.24.

⁴⁶² In: Ata da 105ª Sessão do COI - Atlanta, 15 a 18 de julho de 1996, p.154.

⁴⁶³ In: Ata da 102ª Sessão do COI - Lillehammer, 8 a 10 de fevereiro de 1994, p.59.

⁴⁶⁴ In: Ata da 96ª Sessão do COI - Tóquio, 17 a 20 de setembro de 1990, p.100.

⁴⁶⁵ In: Ata da 97ª Sessão do COI - Birmingham, 13 a 16 de junho de 1991, p.17.

respeito à obtenção de receitas. Então, começaram-se a organizar de cursos especiais de marketing para serem oferecidos por uma Escola Itinerante de Administração do Desporto.⁴⁶⁶ Até 1997, a Escola Itinerante tinha realizado 90 cursos e no final do planeamento de 4 anos apenas 21 CONs não tiveram cursos.⁴⁶⁷

Entretanto, o COI continuou a colaborar neste domínio também com os COJOs conforme diz a ata:

The IOC continues to work very closely with each OCOG on the development of its respective national marketing programme, both in terms of assisting the OCOG to develop its marketing plans, as well as ensuring that overall, longer-term IOC-Olympic marketing policy is maintained. The IOC share of revenues from local programmes continues to grow and is likely to exceed \$ 30 million during the current quadrennium.⁴⁶⁸

Na Sessão do COI realizada, em 1992, em Barcelona, Pound deu verdadeiramente o primeiro sinal de que o processo ia evoluir no sentido de uma descentralização dirigida aos CONs e às FIs. Em conformidade, alertou para o fato de que, a principal função do COI, era a de ser um catalisador para gerar receitas através do marketing, contribuindo para a organização dos JO e para a operacionalidade dos CONs e FIs. Na realidade, 93% das receitas eram enviadas para os COJOs, FIs e para os CONs, seja diretamente, seja através da Solidariedade Olímpica.

Entretanto, continuava a existir um discurso cheio de contradições. Enquanto o COI arrecadava, quer direta, quer indiretamente, muitos milhões de dólares dos seus patrocinadores, Pound continuava a afirmar que o objetivo do Programa de Marketing do COI tinha sido, na década anterior, a de controlar o comercialismo e não o de o aumentar.⁴⁶⁹ Entretanto, evidenciamos que, uma coisa, eram os discursos produzidos para consumo dos detratores do comercialismo e outra a prática diária.

Em 1992, a importância da transmissão dos JO continuou a aumentar. Mais de 50 transmissoras em 70 países aderiram à transmissão dos JO de Inverno de Albertville.⁴⁷⁰ A iniciativa privada estava a ter uma importância cada vez maior na obtenção de recursos. Por exemplo, Jean-Claude Killy, salientou que o percurso da

⁴⁶⁶ In: Ata da 98ª Sessão do COI - Courchevel, 5 a 6 de fevereiro de 1992, p.131.

⁴⁶⁷ In: Ata da 106ª Sessão do COI - Lausanne, 3 a 6 de setembro de 1997, p.29.

⁴⁶⁸ In: Ata da 102ª Sessão do COI - Lillehammer, 8 a 10 de fevereiro de 1994, p.71.

⁴⁶⁹ In: Ata da 99ª Sessão do COI - Barcelona, 21 a 23 de julho de 1992, p.23.

⁴⁷⁰ In: Ata da 98ª Sessão do COI - Courchevel, 5 a 6 de fevereiro de 1992, p.127.

Tocha Olímpica em Albertville (1992) tinha sido organizado pelos correios e foi considerado um sucesso que atraiu mais espectadores que o Tour de France.⁴⁷¹ Em conformidade, os contratos televisivos respeitantes a Barcelona (1992) previam para um total de US\$ 540 milhões, 30% superiores aos de Seul (1988)⁴⁷² e o COJO de Lillehammer (1994), já tinha uma proposta de US\$ 300 milhões da CBS.⁴⁷³ Em 1992, os contratos de teletransmissão proporcionaram ao COI US\$ 925 milhões.⁴⁷⁴ E quanto ao futuro já se previa que a situação ainda ia ser melhor. No que respeita os programas de marketing dos COJOs, o de Atlanta (1996) foi o maior até então desenvolvido e Nagano (1998) seria o programa de maior sucesso nos JO de Inverno com 250% acima dos níveis atingidos em Lillehammer (1994).⁴⁷⁵

Na realidade, o comercialismo não estava a diminuir, pelo contrário, estava a aumentar só que o estava a fazer de uma forma profissional e tão controlada quanto possível. Tal objetivo, para uma organização com uma estrutura de grande complexidade como era o COI, com membros com estatutos especiais e direitos consuetudinários de toda a ordem, que eram não só os CONs e as FIs, bem como todo um conjunto de milhares de *stakeholders*,⁴⁷⁶ não era fácil de gerir. Apesar de tudo, os JO de Barcelona (1992), para além do profissionalismo, também foi um marco a nível da utilização comercial que os atletas puderam começar a fazer da sua imagem. Como consta da ata da Sessão de Barcelona nas palavras do Diretor para os assuntos legais:

Agreed that there was a rule in the Charter to the effect that athletes could not use their images for advertising purposes during the Games. In the light of certain problems which had arisen, the IOC had sent out a circular to NOCs stating that the use of athletes' images in advertising was subject to NOC approval. There was, however, a major restriction in that they were not allowed to sell images of their performances at the Games.⁴⁷⁷

E Richard Pound mostrou a sua satisfação por o assunto estar a ser discutido pelos membros do COI:

⁴⁷¹ In: Ata da 98ª Sessão do COI - Courchevel, 5 a 6 de fevereiro de 1992, p.127.

⁴⁷² In: Ata da 95ª Sessão do COI - Porto Rico, 30 de agosto a 1 de setembro de 1989, p.26.

⁴⁷³ In: Ata da 95ª Sessão do COI - Porto Rico, 30 de agosto a 1 de setembro de 1989, p.24.

⁴⁷⁴ In: Ata da 97ª Sessão do COI - Birmingham, 13 a 16 de junho de 1991, p.107.

⁴⁷⁵ In: Ata da 105ª Sessão do COI - Atlanta, 15 a 18 de julho de 1996, p.151.

⁴⁷⁶ O termo foi usado pela primeira vez pelo filósofo Robert Edward Freeman. Segundo ele, os *stakeholders* são elementos essenciais ao planeamento estratégico de qualquer atividade social. In: Freeman, E. (1984). *Strategic Management: A Stakeholder Approach*. Englewood: Prentice Hall.

⁴⁷⁷ In: Ata da 99ª Sessão do COI - Barcelona, 21 a 23 de julho de 1992, p.17.

This problem was one which had been discussed by the Commission on New Sources of Financing, and he understood that, on the Commission's proposal, the Executive Board had set up a working group to consider all the ramifications. The problem required a coordinated approach, and he advised against.⁴⁷⁸

O comercialismo ganhava de tal maneira preponderância na estratégia de obtenção de recurso do COI que, pela primeira vez, nos JO de Barcelona (1992), foi organizada uma Aldeia Olímpica somente para os Patrocinadores, na linha daquilo que já tinha sido experimentado em Albertville (1992). Na estratégia de comunicação foram preparadas recepções para 40.000 patrocinadores, agências difusoras e outros convidados. Durante os JO o “Marketing Club” ficou aberto das 10h às 13h sendo uma boa oportunidade para os membros do COI se encontrarem com os parceiros do COI.

Diz a ata:

During the Games, the IOC would be running a Marketing Club to which members would be receiving passes. It was open from 10 am to 01.00 pm and provided a good opportunity for members to meet the IOC's partners.⁴⁷⁹

A preocupação com que os COJOs e CONs tivessem os seus próprios Programas de Marketing continuava, assim como era considerado muito importante que se mantivessem associados aos JO da Olimpíada, o que aumentava o valor da imagem do próprio COI. Todavia, começavam a existir problemas com a política de descentralização da imagem do COI que era processada pelos CONs e COJOs. E, em 1995, na Sessão de Budapeste foi colocada a questão:

Single decisions by an OCOG or an individual NOC as to how they proceed with the development of their own local marketing programme, can have serious impact upon the overall marketing structure. The Commission will be reviewing at its meeting in Budapest the basis under which it would recommend that the IOC conduct its marketing programmes through the year 2000 and beyond, and to ensure that the Olympics remain special and unique - as it is this uniqueness.⁴⁸⁰

Entretanto, também saíram avisos da referida Sessão de que não era permitida publicidade no Estádio Olímpico ou nos atletas, para além de qualquer publicidade associada aos Símbolos Olímpicos. E no sentido de conseguir esta unidade de pensamento e ação com um objetivo de haver uma boa utilização do Emblema e dos

⁴⁷⁸ In: Ata da 99ª Sessão do COI - Barcelona, 21 a 23 de julho de 1992, p.17.

⁴⁷⁹ In: Ata da 99ª Sessão do COI - Barcelona, 21 a 23 de julho de 1992, p.65.

⁴⁸⁰ In: Ata da 104ª Sessão do COI - Budapeste, 15 a 18 de junho de 1995, anexo 9.

Símbolos Olímpicos, eram realizadas diferentes ações, entre elas as publicações de marketing que, segundo Pound, ainda tinham por objetivo melhorar a imagem do COI através da informação da maneira como as verbas eram geridas: o COI ficava com menos de 6% dos recursos angariados.⁴⁸¹

Outro aspeto em que o COI, em geral, e Richard Pound, em particular, se preocupava era no que diz respeito aos efeitos funestos que a imagem do comercialismo podia provocar na imagem do COI. O que preocupava fortemente era que procurava passar a ideia que eram as empresas patrocinadoras que estavam ao serviço do COI e não o contrário. Nestes termos Pound, na Sessão de Birmingham realizada em 1991, não deixou de evidenciar a preocupação de assegurar que o desporto fosse governado pelos interesses do desporto e não comerciais. Por isso, neste domínio o COI considerava importante um controle restrito sobre o marketing para que os interesses comerciais não controlassem o MO. Dizia Pound:

Although the revenues have grown considerably in recent years, it is important that the IOC continues to closely control all marketing activities in order to ensure that sport and not commercial interests control the Movement and its destiny.⁴⁸²

A number of recommendations by the Commission were currently being studied by the Executive Board and the Commission was working very well. Its work would stand the Olympic Movement in good stead in years to come. One of the most important aspects of its work was to ensure that sport was governed by sport and not commercial interests.⁴⁸³

E Richard Pound concluiu:

The idea behind the creation of the Commission had been to prevent the IOC from becoming too dependent on television rights. This goal was being achieved and he wished to congratulate the Commission on its work. He moved that the report be approved.⁴⁸⁴

Apesar destas declarações de princípios, não era fácil de manter os patrocinadores sujeitos aos interesses do COI quando se sabe que as verbas envolvidas argumentavam no sentido contrário. Por exemplo, as receitas brutas entre Los Angeles (1984) e Barcelona (1992) aumentaram de US\$ 675 milhões para US\$ 2 bilhões. Entretanto, a Comissão Executiva explicou que o resultado foi alcançado com menos comercialização, já que o controle mais apertado do COI levou a uma melhor análise

⁴⁸¹ In: Ata da 105ª Sessão do COI - Atlanta, 15 a 18 de julho de 1996, p.154.

⁴⁸² In: Ata da 97ª Sessão do COI - Birmingham, 13 a 16 de junho de 1991, p.110.

⁴⁸³ In: Ata da 97ª Sessão do COI - Birmingham, 13 a 16 de junho de 1991, p.17.

⁴⁸⁴ In: Ata da 97ª Sessão do COI - Birmingham, 13 a 16 de junho de 1991, p.18.

dos interesses a longo prazo do MO e, em consequência diminuiu do número de patrocinadores. Diz a ata:

... this has been achieved in some ways with less "commercialisation". All marketing initiatives are now very tightly controlled directly by the IOC to ensure that the overall long term interests of the Olympic Movement can be properly protected. This has in fact led to fewer sponsors, but these sponsors have shown a far greater commitment to the Olympic Movement - both in financial terms, and perhaps as importantly, in the Marketing Programmes that they develop to promote the principles and ideals of the Olympic Movement.⁴⁸⁵

Tratava-se portanto de optar pela qualidade em vez da quantidade. Esta preferência qualitativa já vinha de 1992. Por exemplo, os JO de Barcelona (1992) tiveram 60 patrocinadores e US\$ 2 bilhões em receitas. Caso se considerar que Montreal (1976) teve mais de 620 patrocinadores com uma receita de US\$ 7 milhões pode-se concluir que estava a ser posta em execução uma medida estratégica que passava por privilegiar a qualidade à quantidade com o objetivo de obter os maiores proventos possíveis garantindo que os patrocinadores, a que o COI se associavam, também lhe traziam prestígio de imagem.

Neste sentido, no relatório da Comissão de Marketing feito pelo seu Presidente Pound foi relatado que o COI deveria considerar a possibilidade de estipular um limite de receitas para os Programas de Marketing dos COJOs para prevenir comercializações excessivas e diminuir a desordem do mercado controlando o número de parceiros. A questão era que parecia que os COJOs tinham a tendência de adquirir a maior receita possível dos Programas de Marketing para ser possível ter um retorno do capital investido em construções e este processo poderia comprometer a Imagem Olímpica.⁴⁸⁶

Em 1995 surgiu um Programa de Marketing com a IBM que lançou o Site do COI. Os patrocinadores que, através de extensivas promoções e anúncios:

The TOP Sponsor group has continued to expand its support to the IOC and the Olympic Movement beyond just direct financing support into technology support - most recently IBM's launch of an IOC Olympic Home Page on the Internet - and through extensive advertising and promotion whereby the sponsors are increasingly incorporating Olympic messages into their general communications,

⁴⁸⁵ In: Ata da 97ª Sessão do COI - Birmingham, 13 a 16 de junho de 1991, p.107.

⁴⁸⁶ In: Ata da 111ª Sessão do COI - Sidney, 11 a 13 de setembro de 2000, p.87.

promoting the Olympic ideal directly to as wide a public as possible.⁴⁸⁷

Mesmo nesse quadro, o COI necessitava de obter o máximo de recursos na venda dos direitos televisivos para ajudar os COJOs a organizarem os JO para além de proteger os interesses das FIs e CONs que tinham relações, muitas vezes, com os mesmos patrocinadores.

Although the IOC needs the maximum financial contribution (TV rights) for the OCOGs in order to be able to organize the Games, it also needs to protect the interests of the IFs and the NOCs, which, throughout the four years of the Olympiad, maintain relations with those supporting their sport. We are collaborating with the WFSGI (World Federation of the Sporting Goods Industry) in this connection.⁴⁸⁸

E para que estas situações, que, por vezes, originavam naturais zonas de conflito, pudessem ser resolvidas sem conflitos de interesses, em 1993, em uma política de informação e transparência, foi institucionalizada a “marketing news letter” intitulada “Marketing Matters” distribuídas para os media tendo sido previsto que passaria a ser publicada após cada Olimpíada. O objetivo principal da “Marketing Matters” era ilustrar a importância do marketing no âmbito do MO e propagandear que o COI não guardava para si a grande maioria das receitas provenientes do marketing.

E, na Sessão de 1994 em Lillehammer, Pound informou que a organização ficava com apenas 7% das receitas angariadas para fins organizacionais, ressaltando que existiam empresas que disponibilizam 15% das receitas para os mesmos fins.⁴⁸⁹ Pound sabia que era necessário informar o público em geral acerca da maneira como o COI gastava as verbas que recebia. E dizia que era necessário melhorar a comunicação com a imprensa a fim de deixar claro que o COI só ficava com uma pequena parte do montante das receitas e que o resto era distribuído entre os COJOs, FIs e CONs.⁴⁹⁰ Ele advogava que:

Perhaps the biggest challenge facing the IOC is not so much the generation of revenues, as the management of the distribution of these revenues - ensuring an equitable distribution throughout the whole Olympic Family. A perception of inequitable distribution, has the ability to undermine the overall unity of the Movement. The Commission has recommended, therefore, that a study be undertaken on the overall distribution of marketing and television revenues within

⁴⁸⁷ In: Ata da 104ª Sessão do COI - Budapeste, 15 a 18 de junho de 1995, anexo 9.

⁴⁸⁸ In: Ata da 101ª Sessão do COI - Mônaco, 21 a 24 de setembro de 1993, p.131.

⁴⁸⁹ In: Ata da 102ª Sessão do COI - Lillehammer, 8 a 10 de fevereiro de 1994, p.19.

⁴⁹⁰ In: Ata da 103ª Sessão do COI - Paris, 4 e 5 de setembro de 1994, p.57.

the Olympic Family, to see if the formulas developed many years back are still applicable, and to ensure that all constituent members of the Olympic Family - OCOGs, IFs, NOCs and the IOC are receiving shares which reflect their contribution to both the Games and the Movement.⁴⁹¹

Conforme salientado por Pound, sob a direção de Samaranch e para um melhor balanço entre os COJOs e a “família olímpica”, os direitos televisivos que eram na relação de 60% a 40% para os COJOs, a partir dos JO de 2002, inclusive, seriam de 49% para os COJOs e 51% para o COI. Entretanto, mesmo tendo a nova divisão uma percentagem menor para os COJOs, segundo Pound, as receitas para os COJOs poderiam ser maiores que na fórmula anterior.⁴⁹²

The IOC continues to work very closely with each OCOG on the development of its respective national marketing programme, both in terms of assisting the OCOG to develop its marketing plans, as well as ensuring that overall, longer-term IOC-Olympic marketing policy is maintained. The IOC share of revenues from local programmes continues to grow and is likely to exceed \$ 30 million during the current quadrennium.⁴⁹³

5.4.3 Um Novo Salto Qualitativo

O que se defende é que o COI gere projetos de dimensões muito consideráveis onde se gastam muitos milhões de dólares. Entretanto, a primeira coisa que muitas pessoas pensam é: Para o que é que serviu aquele evento? O que é que dele ficou? Quer dizer, qual o seu legado e se esse legado foi positivo? Portanto, considerando cada edição dos JO, o desejo do COI é que de cada uma delas fique um legado não só para as gerações atuais como futuras. No domínio da estratégia de marketing, iniciada em 1988 por Richard Pound, também houve constantemente uma preocupação em apresentar as questões relativas ao marketing de uma forma positiva e com benefícios para as pessoas e as regiões que não seriam possíveis sem a intervenção da Comissão de Marketing. A ideia era trabalhar com cada COJO para fazer os planos de marketing para cada JO e os JO de Atlanta (1996), parece terem sido aqueles em que até àquela data mais se dedicaram ao assunto:

The IOC continues to work closely with each OCOG on the development of each Games marketing plan. By assisting each OCOG to maximise the opportunities and to learn from the lessons of previous Games whilst, at the same time, protecting the long-term interests of the Olympic Movement, the IOC hopes to be able to

⁴⁹¹ In: Ata da 103ª Sessão do COI - Paris, 4 e 5 de setembro de 1994, p.60.

⁴⁹² In: Ata da 105ª Sessão do COI - Atlanta, 15 a 18 de julho de 1996, p.24.

⁴⁹³ In: Ata da 102ª Sessão do COI - Lillehammer, 8 a 10 de fevereiro de 1994, p.71.

ensure that there is an appropriate "marketing legacy" following each Games, and that the marketing programmes are not compromised by any specific local or short-term agenda of an individual OCOG.⁴⁹⁴

Na realidade, ao tempo, os JO de Atlanta (1996) estabeleceram novos recordes, pois totalizaram uma cobertura para 216 países e uma audiência acumulada de 19.6 bilhões de pessoas, tornando os JO no mega evento de maior audiência no Planeta.

One of the great successes of the Atlanta Games was the broadcast coverage, which broke all ratings records, with coverage in 216 countries, providing a global cumulative audience of 19.6 billion making the Olympics unequivocally the number one event broadcast in the world.⁴⁹⁵

Segundo Samaranch, o COI estava satisfeito devido ao fato do COJO de Atlanta (1996) ter fechado as contas em uma posição positiva apesar do orçamento de US\$ 1.8 bilhões financiados inteiramente pela iniciativa privada. Entretanto, ele salientou que o mais importante foi ter ficado US\$ 550 milhões em novas facilidades desportivas que o COJO deixou para a cidade de Atlanta.⁴⁹⁶

Em contrapartida em Atlanta ocorreram, em matéria de marketing, fatos extremamente desagradáveis e prejudiciais para a imagem do COI e do MO. E em 1997, na Sessão de Lausanne, a Comissão de Novas Fontes de Financiamento apresentou à Sessão um panorama geral dos fatos ocorridos devido aos abusos de “comercialização” que ocorreram após os JO do Centenário que, em determinadas perspectivas, foram prejudiciais ao MO. A Comissão e o Diretor de Marketing do COI levantaram alguns passos que deveriam ser tomados para evitar que os problemas ocorridos em Atlanta ocorressem novamente.

The primary problem in Atlanta was not the activities of the Olympic Sponsors, but the local souvenir licensing and related programmes.⁴⁹⁷

Foi salientado que era importante ter em conta que os principais problemas tinham ocorrido devido as ações das autoridades da cidade de Atlanta, e não do COJO. A cidade emboscou o COJO e desvalorizou a imagem do MO. Diz a ata:

It is important to note that the principal problems came about as a result of the authorities of the City of Atlanta, rather than ACOG.

⁴⁹⁴ In: Ata da 104ª Sessão do COI - Budapeste, 15 a 18 de junho de 1995, anexo 9.

⁴⁹⁵ In: Ata da 106ª Sessão do COI - Lausanne, 3 a 6 de setembro de 1997, p.126.

⁴⁹⁶ In: Ata da 106ª Sessão do COI - Lausanne, 3 a 6 de setembro de 1997, p.32.

⁴⁹⁷ In: Ata da 106ª Sessão do COI - Lausanne, 3 a 6 de setembro de 1997, p.125.

The city effectively ambushed ACOG and devalued the overall image of the Movement.⁴⁹⁸

Neste sentido, e devido aos problemas de comercialização em Atlanta, uma série de passos foram propostos para o futuro. O COI deveria assegurar que os COJOs e as cidades trabalhassem juntos, e que a cidade tivesse sistemas de controlo para evitar certas formas de atividades comerciais e que as vendas nas ruas fossem proibidas da maneira como foi feita em Atlanta.

It has been proposed that for 2004 onwards, the IOC, with the OCOG, take control of all "outdoor" and billboard advertising in the City for the one-month duration of the Games, so that a completely coordinated Games and Sponsor presence can take place.⁴⁹⁹

O COI começou a exercer um controlo mais rigoroso sobre as atividades de marketing dos COJOs. Assegurando que todas as atividades realçassem a imagem do MO e em circunstância alguma desvalorizassem ou trivializassem a sua imagem. Foi esclarecido que o problema principal em Atlanta (1996) não esteve ligado às atividades dos Patrocinadores Olímpicos, mas ao licenciamento local de souvenirs e atividades relacionadas.

The above being said, it is important that the overall success of Atlanta is not distorted by the problems of street vending and licensing. The TV ratings were the highest ever seen for an Olympic Games and the overall sponsor involvement was very successful.⁵⁰⁰

Hoje as exigências impostas pelo COI às cidades e aos COJOs são de tal ordem que, no que diz respeito a Londres (2012), o COI está a ser acusado de, durante os quinze dias dos JO, montar um Estado dentro do próprio Estado.

Animado com o êxito de Atlanta (1996), o COI começou a desenvolver uma estratégia de longo prazo, através de um processo de venda dos direitos televisivos antecipados para os USA e Europa relativamente aos JO de Atenas (2004), Turim (2006) e Pequim (2008). Isto permitiria, pelo menos em teoria, pela primeira vez, que as cidades candidatas fizessem os orçamentos com uma ideia precisa de receitas: Diz a ata:

The IOC's decision to grant television rights to the USA and Europe for the 2004, 2006 and 2008 Olympic Games is very helpful to the candidate cities as it allows them, for the first time ever, to prepare

⁴⁹⁸ In: Ata da 106ª Sessão do COI - Lausanne, 3 a 6 de setembro de 1997, p.125.

⁴⁹⁹ In: Ata da 106ª Sessão do COI - Lausanne, 3 a 6 de setembro de 1997, p.125.

⁵⁰⁰ In: Ata da 106ª Sessão do COI - Lausanne, 3 a 6 de setembro de 1997, p.125.

their budgets with the certainty of what revenues they will receive from television rights.⁵⁰¹

Quanto aos Programas de Marketing dos COJOs, Pound salientou que o status era o seguinte: para Nagano (1998) o programa nacional de marketing destes JO provaram ser os de maior sucesso até então nos JO de Inverno, com receitas mostrando um aumento maior que o dobro do que em Lillehammer (1994) e cinco vezes maior que o programa original de Nagano. Para Sidney (2000) o programa de marketing continuava sendo a referência para os futuros programas dos COJOs, estabelecendo padrões de alta qualidade, introduzindo várias novas iniciativas e permanecendo bem a frente do estipulado no calendário. Em relação a Salt Lake City (2002), após um início um pouco atrasado devido as negociações entre o COJO e o CON dos USA, sobre o desenvolvimento de um único programa de marketing, o programa iniciou com força estabelecendo novos parâmetros para os JO de Inverno. Para Atenas (2004) o desenvolvimento do programa local de marketing deveria iniciar em breve, seis anos antes do início dos JO.⁵⁰²

Entretanto, surgiam algumas dificuldades como os conflitos existentes com as marcas patrocinadoras. No relatório da Comissão de Marketing, Smirnov salientou que os representantes dos patrocinadores internacionais poderiam ser convidados para os eventos dos CONs, entretanto, eles não tinham a possibilidade ou meios para cooperar com os CONs e não recebiam instrução dos escritórios principais. Smirnov comunicou aos membros que ele ficava em uma posição de ter que defender a posição do COI e dizer para os países que eles não poderiam assinar acordos com firmas rivais mesmo frente a consideráveis ofertas. Pound defendeu que o problema levantado por Smirnov era constante e se relacionava a como manter relações entre os patrocinadores nas perspectivas locais e internacionais dos programas já existentes.⁵⁰³

5.4.4 Programa da Imagem Olímpica

Uma importante estratégia adotada pelo COI foi a constante preocupação com a Imagem Olímpica. Esta posição é sustentada pela Comissão de Marketing que relatou que o Programa da Imagem Olímpica foi uma das mais importantes iniciativas tidas pelo Marketing do COI, sendo que no ano de 1998, foi feita uma auditoria da Imagem

⁵⁰¹ In: Ata da 105ª Sessão do COI - Atlanta, 15 a 18 de julho de 1996, p.180.

⁵⁰² In: Ata da 107ª Sessão do COI - Nagano, 3 a 5 de fevereiro de 1998, p.68.

⁵⁰³ In: Ata da 107ª Sessão do COI - Nagano, 3 a 5 de fevereiro de 1998, p.11.

Olímpica. O principal objetivo desta auditoria foi desenvolver um plano estratégico de marketing para o novo milénio, podendo este plano ajudar o COI a gerir e proteger a Imagem Olímpica, efetivamente assegurando que todos os usos, por terceiras partes, fossem concebidos para melhorar o MO e em meio algum prejudicar, desvalorizar ou trivializar a Imagem Olímpica.⁵⁰⁴

Quanto a imagem do COI, no relatório da Comissão Coordenadora dos JO de Salt Lake City (2002) o seu presidente Marc Hodler colocou que essa Comissão Coordenadora teria o privilégio de submeter um relatório muito otimista à Sessão.⁵⁰⁵

The new Organizing Committee management had been very successful in restoring the confidence of the government and public. According to polls, close to 90% of the population had regained pride and hope for successful Games, as well as support for SLOC.⁵⁰⁶

No que diz respeito a promoção da Imagem Olímpica, em janeiro de 2000, o COI lançou a sua primeira campanha promocional mundial, “Celebrate Humanity” para melhor promover os valores olímpicos aproveitando os JO de Sidney (2000). A campanha, segundo Pound, mostrou ser de valor para os parceiros de transmissão e marketing ajudando eles a ressaltar os seus programas na luz dos JO. Ele salientou que o COI não gastou nada com a media, foi tudo efetuado via troca ou já estava previsto nos contratos de marketing e transmissão, tendo o COI recebido gratuitamente, aproximadamente, US\$ 150 milhões em cobertura promocional. Devido ao sucesso da campanha o COI estava preparando uma nova “Celebrate Humanity”, mas adaptando as histórias e imagens para os JO de Inverno. A campanha estava sendo preparada em conjunto com a agência TBWA e em consulta com os parceiros de transmissão para assegurar a máxima promoção da campanha.⁵⁰⁷

The members had almost certainly seen the new Celebrate Humanity campaign, which reflected the Olympic ideals. This is had been a great success, with CNN playing the spots every hour since the campaign had begun.⁵⁰⁸

Em 2003, o COI evidenciou que era preciso de algo novo para substituir a campanha “Celebrate Humanity”, cinco agências de publicidade apresentaram as suas

⁵⁰⁴ In: Ata da 109ª Sessão do COI - Seul, 17 a 19 de junho de 1999, p.92,93.

⁵⁰⁵ In: Ata da 111ª Sessão do COI - Sidney, 11 a 13 de setembro de 2000, p.6.

⁵⁰⁶ In: Ata da 111ª Sessão do COI - Sidney, 11 a 13 de setembro de 2000, p.6.

⁵⁰⁷ In: Ata da 112ª Sessão do COI - Moscovo, 13 a 15 de julho de 2001, p.131.

⁵⁰⁸ In: Ata da 116ª Sessão do COI - Atenas, 10 a 12 de agosto de 2004, p.14,15.

propostas e a melhor foi escolhida. O trabalho ainda estava em um estágio inicial, mas seria ideal que a nova campanha estivesse pronta para 2004.⁵⁰⁹

Em relação a imagem visual dos JO, Pound relatou, em 2001, que surgiram muitas lições de marketing principalmente em relação a apresentação da imagem visual dos JO, na qual tinha ocorrido uma grande melhora em relação aos JO anteriores, tanto os atletas como os cidadãos se sentiam parte dos JO. Segundo ele, isto não influenciou o controle comercial restrito para evitar a comercialização excessiva.⁵¹⁰

This approach was essential to the future of the Olympic image, which was something that the IOC Marketing Department was paying particular attention to and was stressed to the sponsors. Some 90% of people with access to a television around the world had watched coverage of the Sydney Games, in which the presentation of sports had been very strong.⁵¹¹

5.4.5 Os Três Pilares do Sucesso: COJOs, FIs e CONs

O que se defende é que o sucesso do Marketing Olímpico se deveu em muito a gestão parcimoniosa dos interesses dos COJOs, FIs e CONs. Na perspectiva de Rogge, o sucesso do COI se devia a unidade dos seus três pilares:

The success of the Olympic Games was thanks to the work of the three pillars of the Olympic Movement, and it was not possible to say that one was doing more than the others. Indeed, the unity of the Olympic Movement was due to recognising the indispensable role of all three parties.⁵¹²

Segundo o Presidente do COI, existia, desde 1999, um princípio que era a chave da unidade harmoniosa do MO, e estava relacionado a distribuição das receitas da instituição. O COI autorizava o uso dos anéis pelos COJOs e CONs, mas não permitia que as FIs os usassem, já que elas tinham as suas próprias logomarcas, emblemas e programas de marketing. Para ele os anéis eram responsáveis pelo sucesso do Programa TOP e o dinheiro disto ia exclusivamente para os COJOs, CONs e COI. Além desta receita existia a proveniente dos direitos televisivos que era gerada a partir do esforço dos três pilares, sendo que a Comissão Executiva considerou correto dar a maior parte desta receita para as FIs, já que elas não poderiam gerar receitas utilizando os anéis.⁵¹³

⁵⁰⁹ In: Ata da 115ª Sessão do COI - Praga, 2 a 4 de julho de 2003, p.15.

⁵¹⁰ In: Ata da 112ª Sessão do COI - Moscovo, 13 a 15 de julho de 2001, p.12.

⁵¹¹ In: Ata da 112ª Sessão do COI - Moscovo, 13 a 15 de julho de 2001, p.12.

⁵¹² In: Ata da 117ª Sessão do COI - Singapura, 6 a 9 de agosto de 2005, p.16.

⁵¹³ In: Ata da 117ª Sessão do COI - Singapura, 6 a 9 de agosto de 2005, p.18.

Paul Henderson, como presidente de uma FI, relatou à Sessão do COI realizada em Moscovo em 2001 que 75% das FIs não sobreviveriam sem o dinheiro provido pelo COI. Quanto a distribuição das receitas para o MO, Pound lembrou os membros que tradicionalmente 50% ficava com o COJO, 10% com o COI e 40% com os CONs.⁵¹⁴ E salientou que as partes que cada um recebia nunca foram tornadas públicas, já que se todos soubessem o que cada parte recebia poderia tornar a distribuição mais difícil, além de que, devido à economia de alguns países, os montantes distribuídos ao desporto poderiam estar fora de proporção em relação a economia do país. Pound opinou que não seria contra tornar públicas as verbas distribuídas, mas alertou para o fato de muitos serem contra esta divulgação.⁵¹⁵ De fato o problema da transparência podia se voltar contra os próprios organismos do MO na medida em que ainda hoje são conhecidos países que recebem verbas e apoios acima das suas possibilidades de as gastarem no desporto, uma vez que até para se gastar dinheiro é necessário um certo padrão de conhecimento e de organização.

5.4.6 A Agência, a Comissão e o Departamento de Marketing

A partir de 1997, o COI tinha a sua própria agência de marketing, a Meridian, tinha uma Comissão de Marketing⁵¹⁶ e um Departamento de Marketing⁵¹⁷, todos direcionados tanto para gerar receitas como para proteger a imagem do MO na percepção pública e promove-la para criar um adequado clima de investimentos sustentáveis da

⁵¹⁴ In: Ata da 112ª Sessão do COI - Moscovo, 13 a 15 de julho de 2001, p.15.

⁵¹⁵ In: Ata da 112ª Sessão do COI - Moscovo, 13 a 15 de julho de 2001, p.15.

⁵¹⁶ Em 1998, o relatório da Comissão de Novas Fontes de Financiamento refere que, desde o encontro de 1997, da respectiva Comissão, o Presidente do COI e a Comissão Executiva tinham aprovado importantes mudanças. Entre elas estava a mudança de nome da Comissão que seria a partir de então Comissão de Marketing do COI o que revelava um papel e mandato mais amplos do que apenas a geração de recursos. In: Ata da 107ª Sessão do COI - Nagano, 3 a 5 de fevereiro de 1998, p.66.

⁵¹⁷ A Comissão de Marketing apresentou em 2001 as responsabilidades operacionais do Departamento de Marketing, que eram as seguintes:

Antes dos JO: determinar as projeções financeiras e planos de marketing para as cidades candidatas; desenvolver linhas norteadoras e regras para todos os parceiros comerciais e de transmissão para assegurar que os ideais olímpicos fossem promovidos em todos os aspetos e que nos JO as competições estivessem livres da presença comercial; negociar e administrar todos os contratos de marketing e patrocínios; aprovar todas as imagens do símbolo e designação olímpica; promover workshops para orientar os parceiros olímpicos no uso dos seus direitos de uma maneira que promovesse os JO e o MO; ajudar os parceiros olímpicos a gerarem programas de sucesso para eles e para o MO; e desenvolver dados de pesquisa em marketing.

Durante os JO: monitorar a conformidade dos contratos e diretrizes tanto do marketing como das transmissões; prevenir violações e abusos; apoiar programas de hospitalidade, assim como outros programas dos patrocinadores; dar suporte às iniciativas dos patrocinadores; e fazer pesquisa de satisfação do consumidor quanto a Imagem Olímpica.

Depois dos JO: publicar os relatórios e os resultados das pesquisas de marketing; e ver os relatos dos parceiros sobre as suas experiências durante os JO e em relação ao Programa Olímpico. In: Ata da 112ª Sessão do COI - Moscovo, 13 a 15 de julho de 2001, p.125.

comunidade dos negócios. Neste sentido, o Departamento de Marketing e a Meridian iniciaram uma estratégia de trabalhar com cada um dos COJOs para ajudar no desenvolvimento dos programas locais de marketing assegurando a compatibilidade com o ideal Olímpico. Além disso, estavam sendo realizadas atividades de suporte de marketing aos CONs; de educação para a marca; e de programas de proteção. Pound, em 1997, relatou que a nova Agência de Marketing do COI, a Meridian, estava trabalhando muito bem.⁵¹⁸ E relatou aos membros que estavam a ser realizados contratos de longo prazo com as teletransmissoras para os grandes territórios até 2008 e que estes contratos representavam, em 1997, US\$ 5.7 bilhões.⁵¹⁹

Em uma síntese da Comissão de Marketing, apresentada em 1998 o seu Presidente Pound relatou que aquele ano seria importante para a Marketing Olímpico. A nova Comissão se reuniria pela primeira vez e faria a revisão em detalhes das estratégias de marketing que iriam levar o MO para o novo milênio. O trabalho da Comissão e do Departamento de Marketing do COI seria tanto para gerar receitas como para proteger o MO da erosão da percepção pública e promover a sua imagem para criar um adequado clima de investimentos sustentáveis da comunidade dos negócios.

The marketing focus for everyone within the Olympic Family must be that every Olympic marketing association has to add value to the Olympic image and never detract from it. To this extent, all parties will have to be even more vigilant on the nature and type of associations that are entered into and not launch into agreements just for revenue's sake.⁵²⁰

Pound finalizou o sumário apresentado em 1998 alertando para o fato de que as mudanças nas tecnologias iriam continuar a dar muitas oportunidades e desafios no mercado dos negócios, devendo o COI seguir as mudanças de perto para assegurar uma boa posição de resposta. Pound, reafirmou aos membros que o COI estava tendo reformas não porque elas tinham sido solicitadas pelos patrocinadores, mas porque o COI acreditava que era a coisa certa a fazer e os patrocinadores esperavam que o COI fizesse a coisa certa.⁵²¹

Em 2000, Pound apresentou no relatório da Comissão de Marketing questões relacionadas com a nova media e Internet:

⁵¹⁸ In: Ata da 106ª Sessão do COI - Lausanne, 3 a 6 de setembro de 1997, p.15.

⁵¹⁹ In: Ata da 106ª Sessão do COI - Lausanne, 3 a 6 de setembro de 1997, p.15.

⁵²⁰ In: Ata da 107ª Sessão do COI - Nagano, 3 a 5 de fevereiro de 1998, p.67.

⁵²¹ In: Ata da 107ª Sessão do COI - Nagano, 3 a 5 de fevereiro de 1998, p.70.

We are living in a period of significant change in terms of media evolution, and the Commission has begun to study the potential opportunities and challenges presented by the Internet and other new media. There will be considerable focus on new media during the Games, with the official sites presenting many new opportunities to expand the Olympic experience and information available for the sports fan.⁵²²

Segundo Pound não existiam dúvidas de que o novo milénio iria desempenhar um papel crítico no MO em termos de operações, comunicação e promoção, e eventualmente receitas. Em razão da importância desta questão para o MO o Presidente Samaranch convocou uma Conferência Mundial do Desporto e da Nova Media a ser realizada em Lausanne em dezembro de 2000. A conferência esperava atrair lideranças mundiais em tecnologias da informação, de teledifusão e nova media. Os objetivos da conferência foram estabelecidos como: entender as tendências de media que poderiam afetar o MO e o desporto; determinar as estratégias de Internet a partir destas tendências; e alavancar possíveis colaborações com o MO.⁵²³

O Departamento de Marketing e a Meridian estavam a trabalhar com cada um dos COJOs para ajudar no desenvolvimento dos programas locais de marketing assegurando a compatibilidade com o ideal Olímpico. Os três COJOs citados abaixo iriam somar em torno de US\$ 850 milhões em receitas diretas para o COI até 2002. Nagano (1998), tendo o seu programa sido concluído, iria gerar US\$ 225 milhões, mais do que o dobro de Lillehammer (1994) e aproximadamente 8 vezes mais do que o previsto no programa de candidatura. No que respeita Sidney (2000) o programa estava tendo um excelente início com o “Team Millennium Programme” quase completo e um programa de licenciamento que deveria se tornar um modelo para os futuros COJOs. Quanto a Salt Lake City (2002) um acordo do Programa de Marketing tinha sido feito entre o COJO e o CON dos USA acordo necessário para desenvolver o programa em nível local.

The initial response from the marketplace is promising, although there are clearly many implications that result from the Atlanta experience which will need to be solved.

It will be important that the financial and marketing success of the local programme to date not be compromised by the local authorities attempting to place additional pressure on SOCOG to generate even further revenues, that could destroy the excellent image

⁵²² In: Ata da 111ª Sessão do COI - Sidney, 11 a 13 de setembro de 2000, p.92.

⁵²³ In: Ata da 111ª Sessão do COI - Sidney, 11 a 13 de setembro de 2000, p.92.

that SOCOG marketing has been able to create to date, an image that has addressed all of the concerns in Atlanta.⁵²⁴

Heiberg ressaltou em outubro de 2003 que o Departamento de Marketing do COI tinha integrado a Meridian. Segundo ele, a equipa estava trabalhando bem e focada nos JO de Atenas (2004). Ele comunicou aos membros que o ex-diretor de Marketing do COI tinha se tornado Diretor da “Global Broadcast and Media Rights”. Sendo o novo diretor de Marketing do COI o membro Timo Lumme, da Finlândia, já que ele tinha uma extensa experiência nos JO e em marketing.⁵²⁵

Em relação ao suporte de marketing aos CONs, educação para a marca e programas de proteção, estavam sendo realizadas atividades em 11 CONs, e se a proposta desse certo outros CONs seriam incluídos. Para os JO de 2008, o grande interesse demonstrado pelos executivos e empresários chineses, significou que o COJO já tinha garantido US\$ 1 bilhão em receitas de patrocínios e o programa estava longe de terminar. A venda do mascote e outros produtos licenciados também estavam a ir bem. O membro do COI de nome He considerou que o sucesso do marketing olímpico refletia a saúde financeira do MO, e do COI especificamente, mas isto era devido ao interesse do público em geral e desenvolvimento económico do mundo. A globalização significava que o mapa económico do mundo tinha mudado e enquanto os USA tinham dado uma importante contribuição para as receitas olímpicas era hora de pensar como as receitas de marketing e direitos televisivos eram distribuídas entre os CONs e outros parceiros do MO para assegurar uma distribuição mais equitativa.⁵²⁶

The President agreed that the sponsor situation had changed since the late 1980s when the IOC had signed the present agreement with the USOC. At that time, most of the TOP sponsors had been US companies, while for TOP VI, only seven of the 11 were US companies. The fact remained, however, that the US market was still the biggest in the world for any firm to sell its products and invest.⁵²⁷

5.4.7 Olympic Broadcasting Services

Richard Carrion no relatório financeiro de 31 de dezembro de 2003 salientou que durante aquele ano a “Olympic Broadcasting Services” (OBS) tinha sido criada e o COI adquirido os 75% que faltavam da Meridian. Era também a primeira vez que o COI

⁵²⁴ In: Ata da 106ª Sessão do COI - Lausanne, 3 a 6 de setembro de 1997, p.127.

⁵²⁵ In: Ata da 116ª Sessão do COI - Atenas, 10 a 12 de agosto de 2004, p.14,15.

⁵²⁶ In: Ata da 118ª Sessão do COI - Turim, 8 a 10 e 26 de fevereiro de 2006, p.6,7.

⁵²⁷ In: Ata da 118ª Sessão do COI - Turim, 8 a 10 e 26 de fevereiro de 2006, p.6,7.

tinha atingido 1 bilhão de dólares em ativos, muito devido aos direitos televisivos de Atenas (2004).⁵²⁸ Em relação as receitas totais os direitos televisivos ainda representavam mais de 50% das receitas, mas as outras fontes de receitas estavam aumentando rapidamente.

No relatório da OBS, feito por seu presidente Hein Verbruggen, foi dito que as receitas advindas dos direitos televisivos eram as maiores fontes de receitas do MO e que existiam muitas vantagens em terem a OBS, a primeira era que o COI poderia explorar e oferecer o sinal de transmissão. Além disso, não existiria processo de licitação; o planejamento e as operações poderiam começar em tempo hábil; e a equipa liderando as operações continuaria a mesma. Isto, segundo ele, significava redução de custos e melhora na qualidade.

Quanto a fundação da empresa, um Memorando de Entendimentos tinha sido assinado com Manolo Romero, em 2001, e a companhia estava sediada em Lausanne. Um “joint venture” foi assinado com o COJO de Pequim (2008) para criar a companhia “Beijing Olympic Broadcasting Services” (BOB). Em relação aos JO de Vancouver (2010) a OBS iria assegurar toda a responsabilidade pela transmissão e trabalharia através da subsidiária da OBS no Canadá.⁵²⁹

So far, the work undertaken had been very efficient, and BOB staff were present in Athens as observers. Vancouver had begun its preliminary activities and an appropriate insurance contract would be in place for the planning phase.⁵³⁰

Na perspectiva do membro Reddie, representante do COI para a Grã-Bretanha esta era uma área complicada. Ele perguntou: Se a obrigação de produzir o sinal ficasse com a OBS, a responsabilidade seria transferida para as subsidiárias a cada JO? Se algo corresse errado poderia a responsabilidade recair sobre a subsidiária?⁵³¹

A resposta de Carrion foi a seguinte:

Mr. Carrion said that this covered two issues. One policy would be taken out to cover the expenses incurred from that point in time to two months before the Olympic Games. The second, which was sometimes known as a payment and performance bond, would

⁵²⁸ In: Ata da 116ª Sessão do COI - Atenas, 10 a 12 de agosto de 2004, p.21.

⁵²⁹ In: Ata da 116ª Sessão do COI - Atenas, 10 a 12 de agosto de 2004, p.25.

⁵³⁰ In: Ata da 116ª Sessão do COI - Atenas, 10 a 12 de agosto de 2004, p.25.

⁵³¹ In: Ata da 116ª Sessão do COI - Atenas, 10 a 12 de agosto de 2004, p.25.

also be in place. There were no foreseeable problems, especially with the excellent reputation of Mr. Romero.⁵³²

No relatório da OBS feito pelo seu presidente de diretoria Verbruggen, membro da Holanda, foram apresentadas as cinco razões para criar a OBS: prevenir os COJOs de escolherem equipes de transmissão inexperientes; assegurar continuidade e consistência entre os JO; reduzir custos e aumentar a eficiência; assegurar serviços e facilidades de cobertura de alta qualidade; e manter boas relações de longo termo com as difusoras.⁵³³

Mr. Manolo Romero explained that OBS had to produce the international radio and television signal for the basic coverage of the Games. This meant designing and fitting out the broadcast facilities in all the venues; and designing the IBC in coordination with the OCOG and all the broadcasting operations. OBS also produced news features and other footage describing the host city and host country to prepare for the coverage of the Games themselves. It further invested in designing and maintaining the broadcasting assets and equipment.⁵³⁴

O que se evidencia é que o resultado das estratégias adotadas pelo COI foi de grande valia para o MO. Jacques Rogge, reforçou esta posição ao apresentar as estimativas das receitas dos direitos televisivos para o período de 2006-2008 e 2010-2012, que eram de US\$ 2.6 bilhões e US\$ 3.8 bilhões, respectivamente, e considerou que isto significava que mais recursos poderiam ser distribuído para a família olímpica.

The total revenue for the 2006 and 2008 Games had been USD 2.6 billion, while for the 2010 and 2012 Games, contracts had so far been signed for a total of 3.8 billion, although this was dependent on the Games being held successfully. This meant that more could be distributed to the Olympic family members.⁵³⁵

5.5 Conclusões

O comercialismo foi uma das grandes linhas ideológicas de orientação estratégica do Comité Olímpico Internacional. Esta conclusão é sustentada em quatro perspectivas: 1ª) A luta contra o comercialismo iniciada, principalmente, na segunda metade do século passado por Avery Brundage; 2ª) O modelo de gestão preconizado por Samaranch ao dizer “Yes to Commercialization”; 3ª) A importância do Programa TOP “The Olympic Partners” como uma nova fonte de financiamento do COI; e 4ª) A “era

⁵³² In: Ata da 116ª Sessão do COI - Atenas, 10 a 12 de agosto de 2004, p.25.

⁵³³ In: Ata da 120ª Sessão do COI - Pequim, 5 a 7 e 24 de agosto de 2008, p.14.

⁵³⁴ In: Ata da 120ª Sessão do COI - Pequim, 5 a 7 e 24 de agosto de 2008, p.14.

⁵³⁵ In: Ata da 120ª Sessão do COI - Pequim, 5 a 7 e 24 de agosto de 2008, p.6.

do marketing” como sendo o momento em que o termo comercialismo é substituído por marketing e o COI ajusta as suas estratégias rumo a um futuro promissor.

O comercialismo no MO foi, por muitos anos, um assunto tratado de forma equivocada e mal compreendido por grande parte dos membros do COI. A questão surgiu pela primeira vez quando nos JO de Paris (1924) foi colocada propaganda comercial no estádio Olímpico. Contudo, as questões relativas ao comercialismo com todo o seu envolvimento ideológico só começaram verdadeiramente na presidência de Brundage. Na realidade, muito embora na presidência de Brundage o COI vivesse com enormes dificuldades financeiras e os membros tivessem de suportar as suas próprias despesas, o comercialismo era um tabu entre muitos membros do COI e dirigentes desportivos em geral.

O tabu do comercialismo existia devido a uma incapacidade dos dirigentes desportivos compreenderem que era possível existir uma relação saudável entre o desporto e o dinheiro e que isto poderia criar as condições necessárias para que o desporto se pudesse desenvolver de forma adequada. No entanto, Brundage e muitos membros do COI sustentavam uma posição contrária ao comercialismo, sustentando que o não-comercialismo foi a linha ideológica de orientação estratégica que tinha sido no passado a força do COI, uma organização amadora que devia estar livre de todos os interesses financeiros. O problema é que o COI, ao sustentar a linha ideológica de orientação estratégica que negava o comercialismo, com o passar dos anos, começou a transformar-se em uma organização com enormes responsabilidades sem que, para o efeito, tivesse os recursos financeiros necessários ao seu normal funcionamento.

Com o surgimento das transmissões televisivas nos JO de Roma (1960) a linha estratégica do COI que sustentava um modelo de gestão amadora começou a mudar radicalmente. Os direitos televisivos transformaram-se em uma importante mais-valia para os JO, já que lhes aumentaram significativamente o seu valor comercial. Nesta conformidade, o comercialismo começou a ser adotado como sendo uma linha ideológica de orientação estratégica que buscava a justa relação comercial entre a oferta e a procura, proporcionando ao COI os recursos necessários para promover as suas atividades. Mesmo Brundage, que era contra o comercialismo, a partir da pressão das FIs e CONs, começou a perceber que os recursos provenientes das teletransmissoras poderiam ser a solução para um grande número de problemas do COI. Então, Brundage

assumiu a posição de que os recursos financeiros provenientes dos direitos televisivos eram do COI e era o COI quem decidiria como efetuar a sua distribuição aos COJOs, FIs, CONs e Academia Olímpica Internacional. Esta posição estratégica aumentava o poder do COI sobre os demais organismos do MO e foi, muito provavelmente, o maior legado de Brundage, uma vez que manteve os recursos financeiros sob a gestão do COI. Contudo, durante a liderança de Brundage a linha ideológica de orientação estratégica adotada foi a de ameaças e sanções a todos os atletas que tirassem qualquer proveito de uma situação comercial relacionada ao desporto. Esta obsessão pela perseguição aos atletas e às suas relações comerciais era de tal ordem que, em 1968, foi levantada a hipótese de acabar com os JO de Inverno uma vez que, nos JO de Grenoble (1968), um grande número dos atletas eram profissionais. Ao tempo, Brundage ficou de tal maneira incomodado que produziu um relatório intitulado “Olympic in Danger” onde manifestava a opinião de que os JO de Inverno tinham “morrido” em Grenoble. Em 1972, em vésperas de deixar a presidência do COI, Brundage continuava a considerar que, devido aos artigos publicados na imprensa, a opinião pública mundial estava contra o COI, que consideravam ser uma instituição de negócios e não de desporto.

Com a transição de Brundage para Killanin a linha ideológica de orientação estratégica de abordagem ao comercialismo começou a ser mais no sentido de regulamentar a situação do que policiar, ocorrendo uma mudança: a preocupação focada nos atletas, ocorrida ao tempo de Brundage, passou a estar voltada para o controle das empresas. Depois, o COI passou por uma situação complexa e problemática em que a instituição precisava se adaptar a nova realidade internacional sem abdicar dos valores do passado que sustentavam o seu quadro ideológico. Killanin, em 1976, deu o primeiro sinal de abertura a uma nova linha ideológica de orientação estratégica relativamente ao comercialismo dos atletas e das organizações. A estratégia relativamente ao comercialismo mudou não porque o comercialismo era mau para o MO, mas porque o comercialismo podia ser bom. Assim sendo, sob a gestão de Killanin o comercialismo começou a ser tratado em uma perspectiva aberta, realista e profissional.

A partir de 1980, sob a gestão de Samaranch, a linha ideológica de orientação estratégica do COI, no que respeita às questões da comercialização do seu Emblema e dos Símbolos Olímpicos, foi a de standard a participação de grandes empresas multinacionais através de uma nova estratégia de marketing. A estratégia adotada por Samaranch era angariar o maior resultado financeiro possível dos direitos televisivos e

distribuí-los adequadamente aos CONs e FIs, o que permitia uma nova dinâmica de desenvolvimento do desporto. Samaranch teve a capacidade de ver mais longe ao sustentar que mais importante do que os recursos financeiros das teletransmissoras era proporcionar à generalidade das populações por todo o mundo o acesso às transmissões televisivas dos JO. Neste sentido, a cobertura televisiva começou a ser considerada como de grande importância para divulgar não só os JO, mas também os valores olímpicos.

Entretanto, com o aumento progressivo da dependência do COI dos recursos provenientes dos direitos de teletransmissão, foi evidenciada a necessidade de serem criadas novas estratégias de angariação de fundos para o MO, ao ponto em que o COI decidiu criar uma comissão Ad Hoc para analisar as projeções de mercados e prospectar as possíveis novas fontes de financiamento para o COI. Neste contexto, foi decidido que a melhor estratégia seria a contratação de uma empresa, a ISL, para tratar, com exclusividade do licenciamento e comercialização do Símbolo e Emblemas Olímpicos. Além disso, foi criada a Comissão de Novas Fontes de Financiamento que tinha o papel estratégico de ser um catalisador do desenvolvimento da MO e do desenvolvimento dos seus ideais através da distribuição de 93% das receitas do COI. Quanto aos recursos provenientes dos direitos televisivos, a estratégia começou a ser de longo prazo, o COI evidenciou a importância de iniciar um processo de venda dos direitos televisivos antecipados para os principais países do mundo, já que isto permitiria que as cidades candidatas à organização dos JO fizessem os orçamentos com uma ideia precisa de receitas.

Uma importante estratégia adotada pela Comissão de Novas Fontes de Financiamento foi a criação do Programa TOP que teve o objetivo de diminuir a dependência excessiva nos direitos televisivos, que era basicamente a única fonte de obtenção de recursos da instituição. O TOP como programa internacional de patrocínios teve por objetivo estratégico desenvolver receitas diversificadas para os JO e estabelecer parcerias de longo prazo com empresas que poderiam beneficiar o MO como um todo. O Programa TOP, que já foi considerado como o principal programa mundial de marketing, funciona em termos quadrienais, dando suporte para o COI, COJOs, FIs e CONs. Mesmo sendo uma estratégia de comercialização dos JO, o Programa TOP sempre buscou a menor comercialização possível com a máxima obtenção de rendimentos, distribuindo cada vez mais recursos para o MO, protegendo a Imagem

Olímpica e garantindo que o desporto seja gerido por interesses do desporto e não comerciais. Isto evidencia que o COI permitiu que o comercialismo se tornasse uma importante vitória enquanto instrumento de gestão no sentido de obter receitas para o desenvolvimento do MO à escala mundial, mantendo um controle restrito sobre o marketing para que os interesses comerciais não controlassem o MO.

A partir desta nova linha ideológica de orientação estratégica, o COI começou a gerir duas fontes de financiamento, uma era os direitos televisivos e a outra o programa de marketing. Quanto ao programa de marketing, a Comissão de Novas Fontes de Financiamento adotou a estratégia de dar ao COI acesso a especialistas externos para que fosse possível seguir as tendências e rápidas mudanças dos mercados internacionais e das novas tecnologias, além de divulgar através de estratégias de publicidade e relações públicas os aspetos positivos do MO.

É possível concluir que sob a gestão de Samaranch o COI seguiu uma linha de orientação estratégica que levou a instituição às grandes transformações necessárias para a sobrevivência do COI e do MO. Contudo, surgiram alguns problemas com a contratação da ISL, que levantou críticas por parte dos membros, já que isto estava a transformar radicalmente a estrutura de funcionamento do COI, deixando os membros do COI fora das grandes decisões económicas e financeiras. Mesmo com o surgimento de algumas dificuldades, concluímos que a linha ideológica de orientação estratégia seguida pelo COI foi adequada, era necessário tirar o COI da situação económica e financeira do tempo de Brundage, para que fosse possível, através da adequada aplicação dos recursos financeiros, colocar o desporto ao serviço do desenvolvimento humano.

Dentro deste conjunto de ações estratégicas, salientamos a importância da troca do termo comercialismo por marketing, devido a conotação negativa do primeiro termo e ao segundo já ser usado desde princípios dos anos setenta por parte dos COJOs. Além disso, de importância singular foram a criação do Departamento de Marketing e aquisição da totalidade da Meridian, que era a agência de marketing do COI, criada para substituir a ISL.

O que se evidencia é que o COI e o MO tinham de estar preparados para responder às necessidades do mercado sem perder os valores que sustentam o seu

quadro ideológico. Concluímos isto, já que o marketing olímpico deve considerar a promoção dos valores do Olimpismo e a associação desses valores às marcas que patrocinavam o MO. Entretanto, muitas vezes as empresas não tinham esta noção levando o COI a adotar a estratégia de transferir aos CONs a responsabilidade de informar às empresas o que poderia ser feito. Outras duas importantes estratégias adotadas para sustentar a adequada comercialização dos JO e maximizar a obtenção de recursos foram: a criação do programa de fornecedores, em que empresas privadas estabeleciam relação com o marketing do COI através da entrega de produtos e a organização de “workshops” com o objetivo de formar administradores desportivos e reforçar a independência financeira dos CONs, ajudando-os no desenvolvimento dos seus programas de marketing.

O que se evidencia é que o comercialismo estava sendo feito de uma forma cada vez mais profissional e tão controlada quanto possível, tendo como resultado menos comercialização e uma melhor análise dos interesses a longo prazo do MO, evidenciando uma opção pela qualidade em vez da quantidade. Outro importante aspeto é que com o passar do tempo se tornou cada vez mais evidente a preocupação do COI com legado de cada edição dos JO. No domínio da estratégia de marketing iniciada em 1988 houve constantemente uma preocupação em apresentar as questões do marketing de uma forma positiva e os seus benefícios para as pessoas e regiões, exemplo disso é o Programa da Imagem Olímpica considerado como uma das mais importantes iniciativas tidas pelo marketing da instituição. A proposta foi de criar um plano para ajudar o COI a gerir e proteger a Imagem Olímpica, assegurando de forma efetiva que todos os usos da Imagem Olímpica, por terceiras partes, fossem concebidos para melhorar o MO.

Quanto a media, ocorreram novas estratégias de comunicação e promoção para adequar o COI a realidade do novo milénio, exemplo disso foi a organização da Conferência Mundial do Desporto e da Nova Media em 2000. Com este evento, o COI atraiu lideranças mundiais no ramo de tecnologias da informação e comunicação, de teledifusão e de nova media, permitindo que o COI entendesse melhor as tendências de media que poderiam afetar o MO e o desporto, determinasse estratégias para a Internet e prospectivasse possíveis parcerias. De grande importância também foi a criação da “Olympic Broadcasting Services” permitindo que o COI explorasse e oferecesse sinal de transmissão dos JO. A criação da OBS trouxe diversas vantagens ao COI como prevenir os COJOs de contratarem equipas de transmissão inexperientes, reduzir custos

e aumentar a eficiência, assegurar serviços e facilidades de cobertura de alta qualidade e manter boas relações de longo termo com as difusoras.

Por fim, concluímos que as condições que permitiram a implantação e consolidação do comercialismo como linha ideológica de orientação estratégica do COI, a unidade dos seus três pilares, CONs, FIs e COJOs certamente foi de fundamental importância, tendo esta unidade harmoniosa sido mantida devido a uma adequada distribuição dos receitas da instituição. Porém, o mais significativo em todas as estratégias de marketing do COI é a possibilidade de distribuir mais recursos para a família olímpica e, conseqüentemente, para o desenvolvimento do desporto em todo o mundo.

6 Desenvolvimento Humano

Defendemos que uma das grandes preocupações de Coubertin, desde a fundação do COI, foi o desenvolvimento humano. Para ele os JO deviam ser um instrumento de relações entre os povos, mesmo os que tinham combatido nos campos de batalha da Europa e, fundamentalmente, um processo que através da cultura, da educação e do desporto promovesse em cada país o desenvolvimento económico e social das populações.

Neste sentido, a questão do gigantismo, muito embora criticada por alguns, foi o que permitiu, através da obtenção de recursos financeiros avultados, promover projetos de desenvolvimento do desporto do ponto de vista social e humano. Portanto, o desporto foi promotor de novas relações entre países resolvendo velhos problemas, como aconteceu em 1971, com a diplomacia do Ping-pong. O desporto, para além do gigantismo, foi promotor de um mundo novo construído a partir de uma maturidade progressivamente assumida pelo MO, em geral, e o COI, em particular. Assim sendo, a defesa dos Direitos Humanos assumiu uma importância fundamental nas políticas de comunicação externa do COI ao ponto de, nos JO de Pequim (2008), ter assumido uma posição fulcral que obrigou a própria RPC a temperar as suas posições políticas relativamente aos Direitos Humanos, a Guerra do Darfur e a autodeterminação do Tibete. Neste contexto, a partir dos anos 90, o MO também se envolveu com as questões meio ambiente, o que ficou conhecido como sendo o seu quarto pilar, tendo estas questões passado a determinar as políticas do COI no que diz respeito a organização dos JO.

O que é importante salientar é que a estratégia de desenvolvimento humano adotada pelo COI tem uma estreita relação com “soft power”, o poder da sedução e do envolvimento que, de uma forma assertiva e sistemática, busca envolver as pessoas, as organizações e os países. Como resultado de todo este processo, a ONU admitiu o COI com o estatuto de observador. Consideramos que este fato se deve a ação conjugada de dois homens: Ban Ki-moon e Jacques Rogge.

A partir do exposto anteriormente, o presente capítulo tem por objetivo analisar as questões relativas ao desenvolvimento humano em quatro subcapítulos: No primeiro, Gigantismo, serão apresentadas as questões relativas ao crescimento do MO, dos JO e

do COI não como uma anomalia, mas como uma característica essencial para o desenvolvimento do desporto em todo o mundo. Em, Direitos Humanos, trataremos das relações entre a organização de mega eventos e do desrespeito ao direito a habitação adequada; ao caso do desrespeito aos direitos humanos nos JO de Pequim (2008); e no surgimento da Solidariedade Olímpica como uma intervenção positiva do COI para um melhor desenvolvimento humano. No subcapítulo Olimpismo e Meio Ambiente apresentamos as questões ambientais como sendo o 4º Pilar do MO ao lado do desporto, da educação e da cultura. O último subcapítulo, “Soft Power”, apresenta o que consideramos uma adequada forma de gestão das questões que envolvem o COI.

6.1 Gigantismo

Quando, em 1896, se realizaram em Atenas os primeiros JO da era moderna participaram 241 atletas do género masculino oriundos de 14 países que competiram em 9 desportos. Coubertin calculou um custo total para a realização dos JO em 250 mil dracmas, ao tempo, considerado um orçamento bem modesto. Os seus detratores diziam ser um projeto caríssimo que fugia às possibilidades financeiras do país, pelo que até arriscavam uma estimativa de custos de 600 mil dracmas.

Cerca de cento e dez anos depois, quando, ao oitavo segundo, do oitavo minuto, das oito horas, do dia oito, do oitavo mês, do oitavo ano do terceiro milénio se iniciou a cerimónia de abertura dos JO da XXIX Olimpíada em 8/8/2008. As autoridades chinesas abriram as portas do estádio olímpico a cerca de 10.900 atletas de ambos os géneros, provenientes de 202 países e regiões a fim de competirem em 302 eventos desportivos relativos a 28 modalidades desportivas. Os JO de Pequim (2008) foram o maior acontecimento alguma vez realizado à escala do Planeta seguido, via televisão, por cerca de dois terços da humanidade. Quando as autoridades chinesas, em 2001, receberam a responsabilidade de organizarem os JO da XXIX Olimpíada, estes tinham uma estimativa de custos de 30 biliões de yuans. Todavia, o seu custo final foi de 400 biliões de yuans o que significa em dólares norte-americanos um valor de 58.5 biliões, quer dizer, um custo que os colocou como sendo os JO mais dispendiosos de todos os tempos.

Se em Atenas (1896) os JO tiveram um enorme êxito desportivo, comercial e sobretudo político pelo que, depois, os gregos nem queriam que os futuros JO fossem realizados em outro país a não ser na Grécia, uma vez que se consideravam seus legítimos herdeiros e proprietários, em Pequim (2008) o êxito foi enorme do ponto de vista desportivo mas, também, político na medida em que, se em matéria de desporto os resultados foram extraordinários, no que diz respeito à política, os JO foram um extraordinário passo na abertura da China ao Mundo. E este êxito ficou-se a dever a uma característica humana muito especial que é o espírito competitivo celebrado todos os quatro anos.

Contudo, o enorme êxito dos JO, levaram-nos, desde o seu início, a um enorme problema que foi o crescimento excessivo também chamado de gigantismo. Na realidade, os JO, hoje, têm uma dimensão tal que exigem esforços, dinheiro e competências que ultrapassam a dimensão que a condição humana deve dar a todas as suas realizações. Esta perspectiva foi pela primeira vez utilizada por Willi Daume Presidente do COJO de Munique (1972) quanto pela primeira vez, em uma Sessão do COI, a 68ª, realizada em Varsóvia no ano de 1969 utilizou a metáfora do gigantismo para demonstrar o que estava a acontecer no MO. E disse:

I will now turn to another aspect of our organization in Munich.

You are all aware of the dangers of gigantism, a tendency that often makes such unwelcome inroads on modern society and is also a threat to the Olympic Games. The constant growth of interest in the Games which is in itself most encouraging - threatens to exceed the scale set by the actual dimensions of the human frame.

In a stadium with a capacity of 300000 a hundred-meter race would for the spectators be a contest between ants. This is just an example to demonstrate what my colleagues and advisers and I myself believe: that everything that is not in proportion to the scale set by nature is simply un-Olympic.

We have therefore resisted the temptation to build stadia of mammoth proportions. Details - as I said - the Lord Mayor of Munich will report. I shall only say, that we have been always led by the idea that also the spectators should form a kind of Olympic community as distinct from a mere mass.⁵³⁶

E a este respeito os JO de Atenas (2004) são certamente um bom exemplo da despromoção à escala humana de um evento, na medida em que ultrapassaram em grande medida a capacidade organizativa, os recursos financeiros e a competência dos gregos. O gigantismo dos JO significa riscos económicos e financeiros enormes

⁵³⁶ In: Ata da 68ª Sessão do COI - Varsóvia, 7 a 9 de junho de 1969, p.2.

sobretudo para a candidatura de países que não têm massa crítica populacional suficiente e a dimensão económica necessária a tal realização. E mesmo para os que têm significa enormes riscos para as populações que acabam, como explicava Willi Daume, por ser tratadas como formigas.

Como se constata pela leitura da ata da 13ª Sessão do COI, realizada em 1910,⁵³⁷ hoje o MO já nada tem a ver com aquilo que se passava ao tempo do Conde Brunetta D'Usseaux quando, ao cabo de dez anos de exercício das funções de secretário do COI, reivindicava algum apoio administrativo. Em resposta a esta reivindicação a Comissão Executiva reconheceu a justeza das preocupações de Brunetta pelo que aceitou por unanimidade a nomeação de Louis Taverna como adjunto do secretário Brunetta com a incumbência de redigir as Atas das Sessões.

Mesmo com as reivindicações de Brunetta o trabalho do COI era bem limitado. De fato, a organização não era muito mais do que uma espécie de “clubes de amigos” que a representavam no país da respectiva nacionalidade. Quer dizer, eles eram representantes do COI nos seus próprios países. Daí, o sistema de eleição por cooptação dos membros do COI, que ainda hoje vigora, tenha sido um dos aspetos mais importantes que permitiram a sobrevivência da organização para além de duas guerras mundiais e, depois, da própria Guerra Fria.

Este sistema também manteve o MO a funcionar até aos anos sessenta a dimensões razoáveis na medida em que essas dimensões eram determinadas pelas próprias dificuldades financeiras. E o balanço foi conseguido entre a pressão externa das FIs que se queriam impor e a defesa interna do próprio COI que procurava manter o sistema a funcionar debaixo do seu controlo.

A partir da II Guerra Mundial as coisas começaram a mudar. O MO ganhou importância com a entrada de novos países, entre eles a URSS e a RPC. Depois, as teletransmissoras, como demonstramos no capítulo do comercialismo, acabaram por trazer para o MO verbas até então inimagináveis. E o princípio da maximização, que regia a sociedade industrial, tomou conta do processo.

No presente subcapítulo defendemos que o gigantismo caracteriza o crescimento necessário ao processo de desenvolvimento do MO que, tendencialmente, caminha para

⁵³⁷ In: Ata da 13ª Sessão do COI - Luxemburgo, 11 a 13 de junho de 1910, p.22.

atingir uma escala planetária e não uma anomalia como foi considerado por muitos anos. Com vistas a contextualizar as questões relativas ao gigantismo este subcapítulo foi dividido em oito partes: 1ª) O que é o Gigantismo?; 2ª) Crescimento; 3ª) Primeiros Sinais; 4ª) Novos Tempos; 5ª) Um Mundo Novo; 6ª) Para Além do Gigantismo; 7ª) A Maturidade do MO; e 8ª) Fase de Desenvolvimento.

6.1.1 O que é o Gigantismo?

Na medicina a palavra gigantismo significa uma perturbação patológica que se traduz em um desenvolvimento anatómico exagerado. Significa também a qualidade daquilo que apresenta um tamanho muito maior do que o normal, quer dizer, um tamanho ou crescimento excessivo. Esta ideia foi adotada no discurso comum pelo que começou a ser utilizada em um sentido pejorativo relativamente a tudo aquilo que tinha ou simplesmente parecia ter um tamanho fora do normal.

No domínio social, defendemos que a ideia do gigantismo surgiu com uma força acrescida na medida em que uma das propriedades básicas do sistema social tipo burocrático é, naturalmente, movimentarem-se no sentido do crescimento e da expansão (Katz & Kahn, 1966). Nesta perspectiva, o MO enquanto produto da civilização industrial não podia fugir a esta regra. Por isso, a “doença” que alguns quiseram ver no gigantismo que assolava o MO, no fundo, não era mais do que uma tendência natural de uma instituição que, todos os dias, ganhava os favores de um número cada vez maior de pessoas e de países pelo que só podia crescer. Tratando-se o COI como uma organização que, desde a primeira hora, assumiu como divisa o “*citius, altius e fortius*”, era natural que procurasse transpor para a prática essa visão do mundo. O problema foi que o natural crescimento de uma organização com um extraordinário êxito à qual cada dia, através das respectivas FIs, aderiam mais modalidades desportivas, por incapacidade dos seus membros de perceberem e menos ainda de acompanharem o que estava a acontecer, começou a ser visto como uma mal formação que urgia ser combatida.

Portanto, quando fazemos a análise do que se passou ao longo de mais de cento e vinte anos de MO temos de concluir que, na realidade, o gigantismo enquanto ideia cunhada em finais dos anos sessenta, não passou de um mal entendido de alguns dirigentes do MO e da comunicação social que por não perceberem o que estava a

acontecer encontraram na metáfora uma maneira errada de o explicar. Portanto, o gigantismo, como vamos desenvolver no presente capítulo, não passa de um dos grandes equívocos do MO moderno.

6.1.2 Crescimento

Ao tempo dos princípios dos anos noventa do século XIX quando o MO arrancou, a generalidade das pessoas não tinha verdadeiramente a noção do que era o desporto e, ainda menos, das suas potencialidades. A acrescentar a estas circunstâncias vivia-se em plena revolução industrial depois de passadas duas guerras que transformaram o mundo como, até então, nunca tinha acontecido. A este respeito dizia Toffler (1980) que as sociedades da 2ª vaga, as da civilização industrial, eram possuidoras de uma “macrofilia obsessiva”. O grande e, se possível, o maior tornaram-se sinónimos de êxito, de eficiência, de sucesso, de utilidade e de prestígio, sem que, contudo, necessariamente, o fossem. Neste sentido, o êxito inquestionável dos JO desde as suas primeiras edições, conduziram-nos para dimensões para as quais os dirigentes do COI não estavam preparados para gerir, pelo que começaram a surgir discursos críticos contra a sua dimensão sem que se tivesse em conta que esse crescimento podia ser uma oportunidade de desenvolvimento desde que, para isso, houvesse conhecimento e capacidade de organização.

Na realidade, o mais rápido, mais alto e mais forte, ao associarem o comercialismo, o profissionalismo e a política em um projeto comum, sem que a maioria dos protagonistas disso se apercebesse, transformaram o MO no maior projeto de desenvolvimento económico e social à escala do Planeta. Contudo, nunca os problemas criados pela “macrofilia olímpica” foram suficientemente fortes para pôr em causa a continuidade do MO moderno. Pelo contrário, as crises do MO tornaram-no mais forte ao ponto de, hoje, os JO nas suas duas edições de Inverno e de Verão, serem os maiores empreendimentos realizados, de quatro em quatro anos, por uma organização não governamental.

No entanto as questões do gigantismo colocam-se, não nos termos do passado, mas, em termos de manter os JO, como referiu Willi Daume, nos limites da dimensão humana das coisas. Não tem sido fácil, como referiu Jacques Rogge, a dimensão atual dos JO leva a que cada atleta esteja rodeado por 80 pessoas. Nos JO de Sidney (2000)

participaram 10.500 atletas e foram creditadas 195 mil pessoas para as mais diversas funções que envolvem a organização dos JO.⁵³⁸ O problema não está na tendência para o crescimento dos JO que terá de ser vista como uma coisa natural que será tanto maior quanto maior for o seu sucesso. O problema está em manter os JO a uma dimensão humana e essa dimensão tem limites e é perfeitamente possível de ser controlada.

6.1.3 Primeiros Sinais

A questão da dimensão do Programa Olímpico, as modalidades que o compõem, suas especialidades e eventos, foram, desde o início da institucionalização dos JO da era moderna, um dos fatores promotores do crescimento da dimensão dos JO a que passaram a designar de gigantismo que alguns, ainda hoje, continuam a pretender caracterizar o MO em geral e os JO em particular. É evidente que os problemas manifestados por Jacques Rogge, imediatamente depois dos JO de Sidney (2000), representam as preocupações atuais relativas a um processo que se iniciou no início do século XX quando os dirigentes do COI começaram a perceber que não existiam estruturas que aguentassem um aumento significativo de atletas.

Em 1896, o Programa Olímpico foi constituído por 9 modalidades desportivas e, a partir de então, todas as modalidades desportivas se julgavam no direito de estar representadas nele, desde logo porque essa representação significava o seu próprio desenvolvimento. Todavia, nem todas tinham condições para isso e as que tinham, mesmo assim, eram objeto de inúmeras confusões que só começaram, realmente, a ser esclarecidas de uma forma sistematizada, a partir dos JO da IV Olimpíada realizados em Londres (1908) e, depois, nos da V Olimpíada que se realizaram em Estocolmo (1912). Contudo, o COI era constantemente pressionado para que fossem introduzidas novas modalidades ou especialidades em função, primeiro dos interesses dos dirigentes e, depois, dos interesses das FIs, dos COJOs, dos CONs e dos respectivos países. E as pressões eram enormes desde logo porque todo o sistema carecia de regulamentação. Quer dizer, faltavam os mais diversos regulamentos pelo que as soluções iam sendo implementadas de acordo com a necessidade de se encontrarem respostas para as mais diversas questões. Em 1894 perguntava-se:

⁵³⁸ In: People's Daily Online.

http://english.peopledaily.com.cn/200205/04/eng20020504_95129.shtml Consultado em 22 de abril de 2006.

Quels exercices parmi ceux des anciens et ceux de nos jours
pourraient être compris dans le programme des jeux publics?

Par quels moyens pourrait on relever l'importance des
concours publics de gymnastique?

Par quelles récompenses et quels honneurs? Comment mettre
en lumière les bienfaits de l'éducation physique et la haute
signification des concours athlétiques internationaux.⁵³⁹

Também se punham problemas de elegibilidade dos atletas quando se perguntava: “dans quelles conditions les concurrents devront être admis à y prendre part.”⁵⁴⁰ Por isso, em 1896, na Sessão do COI de Atenas, Coubertin pediu que um “rapport général sur les Jeux Olympiques de 1896 soit rédigé par un membre du Comité International et publié.”⁵⁴¹ E, na 4ª Sessão do COI realizada em Paris em 21 e 22 de junho de 1901, foi equacionado o período de realização dos JO, tendo sido feita uma proposta para que os mesmos decorressem de uma forma concentrada de 8 a 15 dias.⁵⁴² Portanto, o princípio da estandardização impunha-se ao da maximização uma vez que, existindo regras, se disciplinava a participação através de requisitos mínimos exigíveis. Em Londres (1908) foi possível uma certa melhoria depois do descalabro que foram os JO de Saint Louis (1904). Esta melhoria foi traduzida no livro editado em 1910 “International Sport a short History of the Olympic Movement from 1890 to the present day” de autoria de Theodore Andrea Cook. Depois, em Estocolmo (1912) aconteceu um salto qualitativo de grande significado já que os regulamentos foram solicitados com antecedência. Diz a ata:

Sur une demande du Rev. R.S. de Courcy-Laffan, le Colonel
Balck assure qu'il fera tout son possible pour que les règlements de
chaque concours soient envoyés en Juillet 1911.⁵⁴³

Na 10ª Sessão do COI, realizada Haia a 23 de maio de 1907, foi decidido que seriam realizados JO relativos às modalidades de verão e de inverno em duas séries. As modalidades de inverno em março, ou abril de 1908, e todas as outras em julho. Depois, foram constituídas comissões técnicas que já vinham a funcionar desde a 3ª Sessão do COI nas modalidades de esgrima, ginástica e natação. Em Haia, surgiu, pela primeira vez, a questão da dimensão que os JO poderiam adquirir pelo que foram estabelecidas as primeiras limitações. Foi decidido que as equipas nacionais seriam constituídas entre

⁵³⁹ In: Ata da 1ª Sessão do COI - Paris, 19 a 23 de junho de 1894, p.2.

⁵⁴⁰ In: Ata da 1ª Sessão do COI - Paris, 19 a 23 de junho de 1894, p.2.

⁵⁴¹ In: Ata da 2ª Sessão do COI - Atenas, 4 a 14 de abril de 1896, p.2

⁵⁴² In: Ata da 4ª Sessão do COI - Paris, 22 e 23 de maio de 1901, p.14.

⁵⁴³ In: Ata da 14ª Sessão do COI - Budapeste, 23 a 25 de maio de 1911, p.15.

um mínimo de 16 elementos e um máximo de 40 e que fosse atribuído um tempo de pelo menos 30 minutos para os concursos coletivos e de 40 para as demonstrações.⁵⁴⁴

Ao cabo de quatro edições dos JO, devido ao PO estar ainda pouco estandardizado, o que originava problemas de toda a ordem, na Sessão do COI de 1910, foi solicitado ao Reverendo Courcy-Laffan e ao Barão de Venningen a elaboração de um programa desportivo para os JO de modo a diminuir a enorme amplitude de provas desportivas que, até então, tinham feito parte do referido PO. Esta proposta deveria ser elaborada no sentido de entrar em vigor em 1916. Na realidade, a diversidade do PO estava a causar graves problemas, uma vez que não havia um critério lógico que, de uma forma clara, determinasse as modalidades desportivas elegíveis. Por exemplo, por uma decisão tomada em 1909 na Sessão do COI de Berlim, o ciclismo de pista e o automobilismo deixaram de fazer parte do PO e, em 1911, na Sessão do COI de Budapeste o “salto do cavalo” como um dos “concours individuels athlétiques”, foi simplesmente excluído. Por outro lado, devido ao espírito eclético da época, e tendo em atenção a procura do “desportista completo”, existia uma tendência cultural para a institucionalização de provas combinadas que, a par de um certo nacionalismo, ainda dificultava mais toda a organização dos JO. Por exemplo, em Estocolmo (1912) realizaram-se três provas de pentatlo, a saber: o pentatlo moderno, o pentatlo inglês e o pentatlo sueco e uma prova de decatlo.⁵⁴⁵ Por outro lado, a pressão para a entrada de novas modalidades ou especialidades também era enorme. Por exemplo na Sessão do COI de Budapeste, realizada em 1911, foi solicitada a introdução do lançamento do dardo estilo livre.

No Congresso Olímpico de 1914, realizado em Lausanne, no que diz respeito à proposta de todas as modalidades desportivas poderem fazer parte do PO, o Reverendo Courcy-Laffan alertou para o fato de ser um ideal irrealizável pelo que era necessário não deixar que o número de modalidades aumentasse demasiado. Para ele, o critério a estabelecer para a escolha das modalidades do PO deveria ser a verdadeira democraticidade da modalidade desportiva em si. Para além do mais, Laffan ainda se referiu ao fato dos custos financeiros dos JO obrigarem a uma restrição tão grande quanto possível do número de dias de cada evento olímpico o que só por si limitaria o número de modalidades desportivas.

⁵⁴⁴ In: Ata da 10ª Sessão do COI - La Haye, 23 e 24 de maio de 1907, p.7.

⁵⁴⁵ In: Ata da 13ª Sessão do COI - Luxemburgo, 11 a 13 de junho de 1910, p.38.

Na realidade, já em 1910 na 13ª Sessão do COI, realizada no Luxemburgo, no que diz respeito à organização dos JO de Estocolmo (1912), começaram a colocar-se questões de ordem financeira devido ao montante das verbas consideradas que tinham proveniência do Governo. Diz a ata:

La somme qui avait été mise à notre disposition par le Gouvernement ne nous ayant pas paru suffisante, notre Comité d'organisation a adressé une seconde demande de subvention au Gouvernement, qui l'a accordée, non sans quelques scrupules d'affecter une somme aussi considérable à une fête sportive. ... Nous avons même pu abandonner notre premier projet, qui avait été de n'établir qu'un stade provisoire, et nous avons décidé de construire un stade permanent qui sera d'une grande utilité pour les sports.⁵⁴⁶

Evidenciamos que, ao tempo, não se falava de gigantismo, contudo, a tendência para o mais rápido, mais alto e mais forte já lá estava. A necessidade de limitar as provas advinha tão só das dificuldades materiais e financeiras, para além de um certo desejo natural de regulamentar uma atividade que tinha acabado de nascer e era organizada por pessoas de diferentes nacionalidades, diversas culturas, diferentes práticas e regulamentos sustentados sobretudo na tradição.

Entretanto, a I Guerra Mundial ocorrida de 1914 a 1918 veio parar todo o processo de desenvolvimento em curso. Coubertin ficou retido em Paris. Em consequência, o MO entrou em um certo estado de hibernação. O expediente do COI foi mantido em Lausanne pelo suíço Godefroy de Blonay que durante a guerra assumiu, de fato, as funções de Presidente do COI. O MO só voltou a ressurgir em 1919, na 18ª Sessão realizada em Lausanne, onde se comemoraram os 25 anos de vida do COI e onde a preocupação principal foi a da organização dos JO da VII Olimpíada que se realizariam em Anvers / Antuérpia.

6.1.4 Novos Tempos

As dificuldades que decorriam da guerra eram enormes, pelo que, logo na 19ª Sessão do COI, realizada de 17 a 30 de agosto de 1920, em Anvers, foi debatida a questão do PO que, ao tornar-se demasiado pesado, levantava questões financeiras graves. Coubertin recordou que segundo o Artigo 6º dos estatutos:

Les Jeux Olympiques doivent comprendre les catégories suivantes: sports athlétiques, sports gymniques, sports de combat, sports nautiques, sports équestres. Pentathlon etc... C'est dans le "etc"

⁵⁴⁶ In: Ata da 13ª Sessão do COI - Luxemburgo, 11 a 13 de junho de 1910, p.12,13.

qu'il faut chercher l'élimination, mais les catégories ne peuvent pas être effacées. Ce "etc" ce sont les sports facultatifs.⁵⁴⁷

Entretanto, Baillet-Latour propôs que fossem excluídos os desportos facultativos. A partir daqui desenvolve-se uma discussão entre vários elementos que revela que o PO, embora tivesse crescido em peso, o mesmo não tinha acontecido em consistência. Por um lado, a variedade das modalidades introduzidas, e, por outro, a pouca implantação das FIs que, por vezes, eram compostas unicamente por 5 ou 6 países, agravava a questão uma vez que não existiam pontos de referência para além das meras opiniões e gostos pessoais. Como, por exemplo, a “luta à corda” que, no início dos JO podia fazer algum sentido, contudo, uns anos depois, deixou de ter qualquer significado enquanto modalidade desportiva. Contudo, a questão não era fácil na medida em que se perguntava quais seriam as consequências se, por exemplo, se suprimisse uma modalidade desportiva que 4 anos depois poderia ter um grande desenvolvimento. E tal, como se disse, até podia acontecer com a proposta surgida de suprimir o ciclismo de pista ou o “yachting”.

O grande problema era que os argumentos para se introduzir no PO esta ou aquela modalidade, a não ser a exceção do futebol, tinham muito mais a ver com os gostos pessoais dos dirigentes do que com qualquer estratégia de desenvolvimento sustentada em dados credíveis. O futebol era outra questão até porque a realidade do seu desenvolvimento era uma evidência inquestionável. Henry Baillet-Latour, associado ao Reverendo Courcy-Laffan, sublinhou que:

Le Football est un des meilleurs moyens d'éducation du citoyen; dans le Football le joueur paraît membre d'une équipe, tandis que dans les autres sports, c'est le côté individuel qui prend le dessus. Football est un jeu démocratique, où l'homme s'efface et ne demande que servir la patrie.⁵⁴⁸

Apesar das enormes dificuldades do pós-guerra, os JO de Antuérpia (1920) atingiram um significativo grau de sofisticação, desde logo porque as FIs assumiram um papel muito importante não só na sua organização como relativamente à organização dos futuros JO. O que aconteceu foi que o COI já não tinha, só por si, nem a competência necessária, nem poder suficiente para conduzir uma organização que começava a apresentar elevados níveis de complexidade. Em conformidade, tal assunto, por via do PO, não pôde deixar de estar presente nos trabalhos do 5º Congresso

⁵⁴⁷ In: Ata da 19ª Sessão do COI - Anvers, 17 a 30 de agosto de 1920, p.9.

⁵⁴⁸ In: Ata da 19ª Sessão do COI - Anvers, 17 a 30 de agosto de 1920, p.11.

Olímpico realizado em Lausanne no ano de 1921. E deste Congresso, segundo se recorda na ata da 23ª Sessão do COI, realizada em 1924 em Paris, saiu a seguinte declaração:

Le Comité International Olympique maintient son droit absolu de décider quelles épreuves des Jeux Olympiques sont obligatoires. Il appartient au pays organisateur de choisir parmi les sports facultatifs admis par le CIO ceux qu'il veut faire figurer au programme des Jeux dont il a la charge. Les épreuves devront toujours se dérouler sous les règlements techniques des Fédérations internationales intéressées.⁵⁴⁹

Do 5º Congresso Olímpico resultou a ideia fundamental de que, para o futuro, as FIs não iam ser simplesmente correias de transmissão do COI, mas, pelo contrário, elas iam assumir-se como verdadeiras parceiras institucionais com competência para conduzirem o PO sob o ponto de vista técnico. Segundo MacDonald (1997) a década de 1920 foi muito ativa, já que a generalidade dos líderes do MO assumiu uma posição bastante mais interventora no domínio da organização e do desenvolvimento do desporto, pois entendiam que os JO eram um excelente instrumento para demonstrarem os seus desejos de afirmação no mundo do desporto e na sociedade. Pelo seu lado, o COI, naturalmente, queria continuar a manter a superintendência sobre todo o MO com um estatuto de verdadeira organização supra nacional. A 4 de junho na Sessão do COI de 1921, o português Penha Garcia observava que:

... sans réclamer les privilèges dont jouissent à tous points de vue les moindres employés de la Société des Nations, il convient pourtant que le Comité International jouisse d'un traitement en rapport avec son importance et sa haute situation. Le Comité approuve et donne à son président tous pouvoirs pour intervenir en son nom près du Conseil Fédéral Suisse.⁵⁵⁰

Quer dizer que, se por um lado, o COI cada vez mais reivindicava um estatuto político supranacional, por outro, era obrigado a temperar os seus desejos hegemónicos através da necessidade de colaboração com as FIs que dominavam as especificidades técnicas das respectivas modalidades desportivas. Este confronto de vontades, conduziu a uma dialética muito positiva entre o poder político e o poder técnico. Como nenhuma das partes tinha força suficiente para impor a sua vontade à outra, iniciou-se um processo conducente à organização de equilíbrios de poder que permitiam um trabalho profícuo no sentido da construção de um PO mais coerente e tecnicamente mais

⁵⁴⁹ In: Ata da 23ª Sessão do COI - Paris, 23 de junho a 12 de julho de 1924, p.10.

⁵⁵⁰ In: Ata da 20ª Sessão do COI - Lausanne, 2 a 6 de junho de 1921, p.10.

sustentado na competência da FIs. Ainda hoje, a dinâmica das relações entre as FIs e o COI é de fundamental importância para o desenvolvimento do PO e do MO.

Com a assunção das FIs como parte interessada e de fundamental importância no MO a questão da dimensão do PO, muito embora com perspectivas diferentes, passou a ser partilhada. Se, por um lado, o COI pretendia controlar o crescimento dos JO pelo que dificultava a entrada de novas modalidades, as FIs, por vezes ainda mal definidas, pretendiam entrar no PO como foi o caso da “International Amateur Handball Federation” (IAHF), fundada em 1928, por ocasião dos JO da IX Olimpíada que agregava o basquetebol, o andebol e o voleibol.⁵⁵¹ Por outro lado, as FIs que já estavam dentro do PO faziam valer a sua posição “impondo” novas especialidades e novos eventos. Esta tendência para um crescimento desenfreado foi, de alguma maneira, refreado pelas conclusões do 5º Congresso Olímpico que recomendavam a necessidade de se elaborarem estudos conducentes à redução da dimensão do PO. Em conformidade, na 23ª Sessão do COI realizada em 1924 Sigfrid Edström declarava que:

... c'est là une réforme de toute urgence et qui doit être conçue dans un sens aussi radical que possible.

E explicava:

... ne pouvant porter atteinte aux “catégories” fondamentales qui sont intangibles, on pourrait du moins supprimer toutes les épreuves par équipes dans chacune de ces catégories.⁵⁵²

Pelo seu lado Henri Baillet-Latour reconhecia a necessidade de uma reforma, mas assinalava:

... le danger de porter atteinte au principe même de l'institution en poussant cette réforme trop loin. Il devrait exister un programme minimum obligatoire dressé conformément à la Charte constitutionnelle, mais limitant au mieux le nombre des épreuves. Tout le reste demeurerait facultatif. Si le classement général doit être rétabli, il aurait pour base les seules épreuves obligatoires.⁵⁵³

Baillet-Latour podia fazer os apelos que quisesse à CO, contudo, o poder estava a passar em grande medida para as FIs que eram as entidades que podiam garantir a organização técnica dos JO. E como o Congresso de Lausanne, em 1921, tinha acabado

⁵⁵¹ A *International Basketball Federation* foi fundada em 1932; a *International Handball Federation* foi fundada em 1946; e a *International Volleyball Federation* em 1947.

⁵⁵² In: Ata da 23ª Sessão do COI - Paris, 25 de junho a 12 de julho de 1924, p.6.

⁵⁵³ In: Ata da 23ª Sessão do COI - Paris, 25 de junho a 12 de julho de 1924, p.6.

com a classificação geral das modalidades que constituíam o PO, o Reverendo Courcy-Laffan chamava a atenção:

... bien que le congrès de Lausanne ait décidé de supprimer le classement général aux Jeux Olympiques, ce classement se trouve pratiquement rétabli en ce moment par l'initiative de la presse ou des groupements intéressés. En réponse, il est déclaré que tous les classements publiés sont de pure fantaisie, étant établis sur des résultats partiels et sur données imprécises. Il appartiendra au congrès de Prague de dire si un classement officiel doit exister ou non.⁵⁵⁴

Para Penha Garcia havia três posições distintas:

1º - celui du Comité lui-même dont le rôle est d'assurer la continuité, le progrès et le succès des Jeux, qui doit en conséquence envisager les choses d'après leur utilité générale;

2º - celui des athlètes dont chaque suppression d'épreuve mécontente nécessairement un certain nombre;

3º - celui du pays organisateur dont l'intérêt n'est pas toujours en accord avec l'intérêt du CIO ou des athlètes et a droit pourtant d'être pris en considération.⁵⁵⁵

No ano seguinte, na Sessão de Praga, realizada de 26 a 28 de maio de 1925, foram definidas as linhas gerais do PO que foram aprovadas por unanimidade. E Baillet-Latour explicou:

Ce programme comprend les catégories imposées par la Charte constitutionnelle des Jeux Olympiques avec les spécifications suivantes: sports athlétiques, sports gymniques, sports de défense (boxe, escrimes, luttas), sports nautiques (aviron, natation), sports équestres (deux épreuves, une de dressage, l'autre d'équitation extérieure), sports combinés (pentathlon moderne), concours d'art (architecture, peinture, musique, sculpture et littérature) et en plus le football association. Mais il reste entendu que les sports olympiques suivants peuvent y être inscrits à savoir: Jeux athlétiques, jeux équestres, cyclisme, yachting monotype, poids et haltères.⁵⁵⁶

E Baillet-Latour concluiu que encontrou da parte das FIs boa vontade para considerarem as reduções necessárias a introduzir no PO. Quanto ao número de atletas foi estabelecido que:

... chaque Fédération internationale décidera pour chaque sport du détail des épreuves à disputer ainsi que du nombre de participants par pays avec l'approbation de la Commission Exécutive du C.I.O. Mais le Comité maintient comme maximum le chiffre de quatre concurrents.⁵⁵⁷

⁵⁵⁴ In: Ata da 23ª Sessão do COI - Paris, 25 de junho a 12 de julho de 1924, p.9.

⁵⁵⁵ In: Ata da 23ª Sessão do COI - Paris, 25 de junho a 12 de julho de 1924, p.10.

⁵⁵⁶ In: Ata da 24ª Sessão do COI - Praga, 26 a 28 de maio de 1925, p.8.

⁵⁵⁷ In: Ata da 24ª Sessão do COI - Praga, 26 a 28 de maio de 1925, p.9.

Apesar das boas intenções e das próprias proclamações dos mais diversos protagonistas a afirmarem que o PO estava muito pesado, o que é fato é que as coisas não mudavam. As Sessões do COI só tinham a competência para recomendar, depois tinha de ser a Comissão Executiva a dar execução a qualquer processo. Entretanto, nem sempre era possível pelo que os problemas eram adiados para a Sessão seguinte. Acontecia que muitos membros da COI ou até da Comissão Executiva eram membros, presidentes ou faziam parte da direção das FIs pelo que, caso as coisas não fossem decididas de acordo com os seus interesses, não eram decididas ou, simplesmente, voltavam para trás. Por exemplo, a ata da Sessão do COI de 1924 relata a seguinte cena:

Le comte Gautier-Vignal tient à dire que, retenu hier à la Fédération internationale d'escrime, il n'a pu intervenir dans le débat qui a eu lieu au C.I.O. et qu'il proteste énergiquement contre la suppression des épreuves d'escrime par équipes. Le président répond au comte Gautier-Vignal que les votes émis quant au programme n'ont pas de caractère définitif; il ne s'agit encore que de sanctionner des échanges de vues sur des points qui repasseront en seconde lecture.⁵⁵⁸

Nestes termos, qualquer decisão era imensamente difícil de poder ser implementada. Todavia, aquilo que eventualmente podia ser considerado como um processo desagregador ao ponto de pôr em causa o próprio COI acabou por revelar alguma utilidade na medida em que, se por um lado a ausência de decisões evitava que o PO crescesse, por outro evitava também que surgissem ruturas insanáveis na medida em que ficava sempre a esperança da situação poder ser resolvida na Sessão do ano seguinte. E um ano não era assim tanto tempo que não valesse a pena esperar.

Em 1928, na 27ª Sessão do COI realizada em Amesterdão de 25 a 27 de julho, voltou a questão da dimensão dos JO. Baillet-Latour fez o ponto da situação. A situação era dramática. Diz a ata:

M. le President invite le Comité à réfléchir à la solution qui leur semblera la meilleure: soit de fixer un programme minimum qui se réduirait au fond à l'athlétisme, soit d'admettre la solution du Général Sherrill, qui tend aussi à une réduction du programme par la séparation avec les deux FI avec lesquelles nous sommes en désaccord au sujet de l'amateurisme.⁵⁵⁹

As diferenças de opiniões eram enormes pelo que os riscos também. O Marquês de Polignac dizia:

⁵⁵⁸ In: Ata da 23ª Sessão do COI - Paris, 25 de junho a 12 de julho de 1924, p.9.

⁵⁵⁹ In: Ata da 27ª Sessão do COI - Amesterdão, 25 a 27 de julho de 1928, p.4.

... il faut ne pas oublier qu'il existe une grande différence d'opinions sur le manque à gagner, entre les pays anglo-saxons et la plus grande partie de l'Europe.⁵⁶⁰

Havia uma proposta que seria enviada aos membros a fim de ser discutida no ano seguinte. Contudo, o ciclismo e o futebol, devido aos problemas de elegibilidade dos seus atletas, não se resolviam. O Marquês de Polignac alertou para o perigo de se excluírem modalidades com muitos praticantes e grande interesse do público. Por outro lado, o Conde Clary chamou a atenção para o risco de eliminar desportos do PO na medida em que as respectivas FIs poderiam organizar jogos com um interesse pelo menos igual ao dos JO. O problema acabou por, mais uma vez, ser adiado para a Sessão seguinte.

Contudo, na seguinte Sessão do COI, a 29ª realizada de 8 a 11 de abril de 1929 em Lausanne, o dramatismo ainda foi maior na medida em que através de uma proposta dos países do Norte da Europa da qual a Finlândia se afastou, apresentada pelo dinamarquês Yvar Nyholm foi pedida a exclusão das mulheres do PO, bem como das modalidades que não permitissem uma classificação objetiva pelo que necessitavam de uma apreciação elaborada por um júri. E, depois de várias propostas avulsas e sem significado para o que estava em jogo, o sueco Sigfried Edström, na estratégia de costume de empurrar o problema para a frente, sugeriu que a CE devia fazer um relatório sobre os seguintes pontos:

1. Duração dos JO;
2. Unidade do programa;
3. Redução do número de atletas por cada país a 1, 2 ou 3 por modalidade;
4. Interdição de o mesmo desporto ter provas individuais e por equipas;
5. Exclusão das mulheres nos JO.⁵⁶¹

Claro que a proposta de Edstorm, enquanto bóia de salvação que era para aquele momento, foi aceita pelo que a CE iria estudar o problema com as FIs. Entretanto, a Sessão tomou conhecimento de que diversas modalidades tinham pedido para entrarem no PO entre outras: o andebol, o basquetebol, a canoagem, o rugby, o bilhar, o tiro com armas de guerra e o tiro aos pombos. E tomou, também, conhecimento das exigências de algumas FIs, já que a de natação reivindicava duas piscinas diferentes para as suas provas. E como se não chegasse havia um diferendo entre as FIs de Atletismo e de Ginástica no que dizia respeito ao “salto com vara” reivindicado por ambos os

⁵⁶⁰ In: Ata da 27ª Sessão do COI - Amesterdão, 25 a 27 de julho de 1928, p.4.

⁵⁶¹ In: Ata da 28ª Sessão do COI - Lausanne, 8 a 11 de abril de 1929, p.6.

desportos. Perante esta situação qualquer decisão podia significar uma rutura no MO. E, assim sendo, o “status quo” depois dos JO de Los Angeles (1932), foi mantido até 1936, em Berlim. Depois de Berlim foi o que se sabe, o MO teve de hibernar durante a II Guerra Mundial muito embora Baillet-Latour primeiro e depois, interinamente Sigfrid Edström, tenham mantido alguma correspondência com os CONs.

6.1.5 Um Mundo Novo

Para além das desgraças humanas que ficaram da II Guerra Mundial o que é fato é que surgiu uma Europa com uma nova configuração e um Mundo governado por duas superpotências que passaram a digladiar-se nos campos de batalha da Guerra Fria. E um desses campos de batalha foi precisamente o desporto onde nos grandes eventos internacionais as medalhas determinavam o vencedor.

Na Sessão do COI de Copenhaga, realizada em 1950, a questão da dimensão do PO veio novamente à discussão. Então, sob proposta do novo Presidente do COI, Sigfrid Edström foi decidido nomear uma comissão com o objetivo de tratar a questão de maneira a apresentar um relatório na Sessão seguinte. Em 1951, na 45ª Sessão do COI, realizada em Viena, a entrada da URSS veio a alterar o ambiente no COI desde logo porque não se tratava só da URSS, mas de um conjunto de novos países que tinha resultado da guerra, alguns deles cheios de problemas como eram as “duas Chinas”, as “duas Coreias” e as “duas Alemanhas”.

A questão da dimensão do PO só voltou a estar presente em uma Sessão, em 1952 durante a transição da gestão de Sigfrid Edström para Avery Brundage. Tratava-se de equacionar a redução do número de modalidades, atletas e juízes. Quanto à redução do número de oficiais, a discussão tinha duas vertentes. A primeira defendia que deveria ocorrer a redução de número de oficiais, já que muitos oficiais iam aos JO com “fins turísticos” e a outra vertente, mesmo concordando com a necessidade de pôr fim aos abusos, defendia a manutenção do número de oficiais devido ao importante intercâmbio técnico que ocorre durante os JO. Diz a ata:

Mr. Edström reports that the number of officials who accompany the teams and could well be described as “tourists”, is growing alarmingly and that it is imperative to limit their number.

Taher Pacha - The Games offer an excellent meeting ground
not only for athletes but also for officials who can exchange views on
their own problems.⁵⁶²

Permeando a discussão sobre a redução, aumento ou manutenção do número de desportos, a solução encontrada foi aumentar para 20 o número de países onde um desporto deveria ser praticado para poder ser aceite nos JO. O COI também considerava que o futebol e o basquetebol que eram praticados em quase todos os países devido “the returns from these events often have an important economic influence on the financing of the Games.”⁵⁶³ Entretanto, Sigfried Edström não concordava com o critério e sustentava que o COI deveria gerir o MO sem interesses financeiros.

Para além da decisão do aumento no número de países em que um desporto deveria ser praticado, surgiram outras duas alternativas para reduzir o tamanho que os JO estavam a assumir. A primeira, era passar, na medida do possível, alguns desportos representados nos JO de Verão para os JO de Inverno, o que reduziria o evento entre 25% e 30%. A segunda alternativa, era dividir o evento em mais do que uma cidade, ideia bem aceita entre os membros, mas apontada como sendo contra o princípio de Coubertin de unir os jovens atletas. Outros dois aspetos negativos foram apontados quanto à divisão dos JO por duas cidades. O primeiro, tinha a ver com as dificuldades de deslocamento caso os JO fossem em cidades grandes. O segundo, com o fato das pequenas cidades serem obrigadas a construírem infraestruturas que, depois dos JO ficariam subaproveitadas. Perante a complexidade da situação, os membros do COI afirmaram, mais uma vez, a necessidade de o PO reduzir o número de modalidades desportivas sem que tivessem concretizado quais.⁵⁶⁴

Contudo, uma coisa era perceber-se que os JO não podiam crescer indefinidamente e outra eram as ações necessárias para que tal acontecesse. Os membros do COI, para além de nada fazerem para impedirem o crescimento dos JO, agiam no sentido contrário propondo precisamente a inclusão de novas modalidades desportivas. Na reunião imediatamente seguinte, a primeira presidida por Avery Brundage, foi proposta a inclusão de novas modalidades nos JO de Inverno de Cortina D’Ampezzo (1956), mas também de alguns desportos de Verão com grande aceitação na época como o voleibol. Contudo, a decisão sobre as propostas de admissão de novas

⁵⁶² In: Ata da 47ª Sessão do COI - Helsinki, 16 a 18 de julho de 1952, p.15.

⁵⁶³ In: Ata da 47ª Sessão do COI - Helsinki, 16 a 18 de julho de 1952, p.4.

⁵⁶⁴ In: Ata da 47ª Sessão do COI - Helsinki, 16 a 18 de julho de 1952, p.5.

modalidades desportivas foi remetida para a Sessão seguinte.⁵⁶⁵ Apesar de tudo, foi decidido: acabar com os suplentes das modalidades individuais; fazer uma nova redução no número de juízes; e reduzir o número de convidados da imprensa. Foi ainda decidido que as competições por equipas, seriam mantidas sendo as preliminares responsabilidade das FIs, tal como a participação das mulheres. No que diz respeito às mulheres ficou na ata:

It is unanimously agreed not to exclude women from the Games. Mr. Brundage adds that women competitors should only be accepted in sports appropriated to them.⁵⁶⁶

Em 1954, após dois anos de negociações com os CONs e FIs, foi apresentada uma proposta final de redução dos JO. Algumas das decisões tomadas, além das anteriormente citadas, foram as seguintes: 1º) Não entraria nem sairia nenhum novo desporto do PO; e 2º) O número de juízes teria que ser reduzido entre 15% e 30%.⁵⁶⁷ Além destes aspetos, surgiu novamente a discussão sobre a necessidade de redução do número de competidores nos JO de Inverno, o que cada vez era mais difícil na medida em que o número de desportos vinha a aumentar.⁵⁶⁸ E quanto aos JO de Verão não houve consenso entre os membros. O membro soviético pedia a inclusão das mulheres no voleibol, basquete, “speed skating” e remo.⁵⁶⁹ Mesmo não querendo aumentar o número de desportos facultativos foram discutidas as hipóteses do tiro ao arco e do voleibol que já tinham as suas FIs estabelecidas. Um dos argumentos utilizados era o que dizia que era deselegante deixar as referidas modalidades fora dos JO.⁵⁷⁰

Brundage considerou ilógico reduzir por um lado e aceitar novos desportos por outro. E lembrou que as negociações com as FIs para reduzir os JO decorriam há 3 ou 4 anos pelo que pediu para que se considerasse as consequências se um desporto entrasse para o PO como facultativo e outros não. Então, os membros sugeriram que os COJOs decidissem os desportos facultativos, mas Brundage não concordou. Foram postas à votação as seguintes modalidades: voleibol, judo, “speed skate” e tiro ao arco. Nenhuma modalidade foi aprovada na medida em que eram necessários 2/3 dos votos a favor.⁵⁷¹

⁵⁶⁵ In: Ata da 47ª Sessão do COI - Helsinki, 16 a 18 de julho de 1952, p.3.

⁵⁶⁶ In: Ata da 48ª Sessão do COI - México, 17 a 21 de abril de 1953, p.14.

⁵⁶⁷ In: Ata da 49ª Sessão do COI - Atenas, 11 a 15 de maio de 1954, p.8.

⁵⁶⁸ In: Ata da 49ª Sessão do COI - Atenas, 11 a 15 de maio de 1954, p.16.

⁵⁶⁹ In: Ata da 50ª Sessão do COI - Paris, 13 a 17 de junho de 1955, p.55.

⁵⁷⁰ In: Ata da 50ª Sessão do COI - Paris, 13 a 17 de junho de 1955, p.55,56.

⁵⁷¹ In: Ata da 50ª Sessão do COI - Paris, 13 a 17 de junho de 1955, p.57.

Com as medidas tomadas o italiano Giorgio de Stefani estimou uma redução de 30% a 40% no número de atletas que participariam nos JO. Brundage esperava entre 5.000 e 6.000 atletas em Melbourne (1956). Entretanto, a unanimidade não estava alcançada, alguns dos membros do COI defendiam uma perspectiva mais flexível e pediam para que o PO fosse revisto, já que muitos desportos tinham crescido e já eram mais importantes que outros que faziam parte do PO.⁵⁷² Como ocorria normalmente, tudo acabou por passar para a Sessão seguinte.

Na Sessão seguinte do COI, realizada em Sófia em 1957, uma vez que não havia acordo quanto aos critérios de redução dos JO, foi votado por unanimidade que as competições por equipas não seriam eliminadas. Foi, ainda, decidido que:

... the Executive Board's proposal regarding the elimination of the difference between "obligatory" sports and "optional" sports. The elimination of these distinctions is carried by 26 votes. The sports will appear in alphabetical order and be classed in one category only.⁵⁷³

Brundage afirmou existirem duas razões para que um desporto fosse eliminado. Primeiro, por ser pouco praticado e, segundo, devido à falta de interesse que era capaz de despertar. Além destes aspetos, Brundage considerou importante que um desporto seguisse os princípios olímpicos e deu como exemplos algumas modalidades que, na sua perspectiva não seguiam os referidos princípios: o futebol, o ciclismo, o basquete e o pólo aquático.⁵⁷⁴ Esta posição não foi sustentada por Armand Massard que defendeu o ciclismo e disse que, embora algumas posições de Brundage fossem bem fundamentadas, havia outras com as quais ele não estava de acordo. Diz a ata:

He (Brundage) mentions four sports which, in his opinion, are not run according to Olympic principles: football, cycling, basketball and water-polo. Mr Massard, while admitting that some of the President's criticisms are well founded, takes up the defense of cycling as a sport being, in his opinion too much maligned.⁵⁷⁵

Ainda em 1957, na Sessão do COI de Sófia, foram tomadas diversas medidas para equilibrar o crescimento dos JO: foi solicitada a redução de eventos na luta e na natação; foi decidido que apenas desportos largamente praticados em 25 países, ou mais, poderiam fazer parte do PO; exigia-se, ainda, que as modalidades praticadas

⁵⁷² In: Ata da 51ª Sessão do COI - Cortina, 24 a 25 de janeiro de 1956, p.10.

⁵⁷³ In: Ata da 53ª Sessão do COI - Sofia, 23 a 28 de janeiro de 1957, p.6.

⁵⁷⁴ In: Ata da 53ª Sessão do COI - Sofia, 23 a 28 de janeiro de 1957, p.7.

⁵⁷⁵ In: Ata da 53ª Sessão do COI - Sofia, 23 a 28 de janeiro de 1957, p.7.

estivessem de acordo com os ideais olímpicos; e o voleibol e o tiro ao arco foram incluídos no PO. Foi pedido o aumento de 7 para 9 no número de eventos na canoagem; foi solicitada a inclusão das mulheres nos 800m; e o programa do boxe foi aceite, com a condição de que as regras do COI fossem respeitadas. Finalmente, foi, ainda, decidido que o PO devia ter, no mínimo, 15 modalidades desportivas.⁵⁷⁶

Evidenciamos que tais decisões nada tinham a ver com as resoluções das Sessões anteriores, pelo que o COJO de Roma liderado por Giulio Onesti advertiu que a linha adotada pelo COI nas últimas três Sessões tinha sido alterada e pediu para incluir todos os novos desportos. Entretanto, foi explicado que a fusão dos desportos obrigatórios com os opcionais só ocorreria em 1964.

As the result of the decisions taken yesterday by the I.O.C. we are under the impression that the line adopted up to now and which has been confirmed in the course of the Sessions at Cortina, Melbourne and Evian has been greatly altered.

On this account, the Italian Organising Committee proposes the following:

a) the withdrawal of all the suggestions tending to modify the technical programmes realised in Berlin, London, Helsinki and Melbourne which have been published in our third report.

b) It begs the I.O.C. to eliminate only the running deer from the shooting events, the cost of which is not justified by the interest it awakes, in the same way that bobsleigh has been ruled out at Squaw Valley.

c) The Organising Committee is anxious to inform the Assembly that it will examine immediately any proposals submitted to it in view of including in the Programme of Rome all the new sports received yesterday in the Olympic Family.⁵⁷⁷

Muito embora o Marquês de Exeter e o próprio Brundage dissessem que as decisões tomadas só teriam efeito a partir de 1964, o que é fato é que os italianos, através de Giulio Onesti, propunham para os JO de Roma (1960), à exceção da exclusão de uma prova de tiro, uma abertura completa a todas as sugestões que os membros desejassem fazer.

Os JO de Roma (1960) acabaram por ter 18 modalidades desportivas no seu PO. Contudo, a dimensão dos JO era uma questão cada vez mais premente. Já não se tratava só do número de atletas e da dificuldade de gerir um programa de 18 modalidades e centenas de especialidades para dezenas de países no período máximo de 15 dias. Tratava-se também dos custos que os JO estavam a assumir. A este respeito, Brundage,

⁵⁷⁶ In: Ata da 53ª Sessão do COI - Sofia, 23 a 28 de janeiro de 1957, p.9.

⁵⁷⁷ In: Ata da 53ª Sessão do COI - Sofia, 23 a 28 de janeiro de 1957, p.9.

alertava para o fato de, no futuro, somente as grandes cidades poderiam organizar os JO, considerando isso um enorme erro estratégico. Para ele, se fosse aumentado o número de modalidades desportivas o COI teria cada vez menos cidades aptas a sediar os JO. Diz a ata:

The President stated that the extravagant cost of the Games will only permit large and wealthy cities to stage the Olympic Games unless some reduction is accomplished and this, in his opinion, is a mistake.

The Organizing Committee must meet enormous expenses. If we continued to increase the number of sports, the candidate cities would become more and more rare. Mr. Brundage cited the example of the 1972 Games for which three candidatures had been withdrawn for financial reasons.⁵⁷⁸

Estas posições mantiveram-se ao longo de mais de 10 anos, entre a Sessão de Tóquio em 1958 e a Sessão de Genebra em 1968.

Perante o estado caótico em que a situação se encontrava, em 1968, 14 anos após tomar posse, Brundage avançou com a ideia da criação de uma Comissão para o Programa Olímpico para tratar dos problemas da dimensão dos JO. A proposta para que fosse criada uma Comissão para o PO foi imediatamente apoiada pelos membros presentes da Sessão.⁵⁷⁹ Na realidade, quando em uma organização, seja ela qual for, não existe capacidade para resolver um problema, a solução pode passar por adiá-lo criando uma comissão. Assim sendo, os membros do COI sentiam-se perfeitamente confortáveis com a proposta de Brundage, desde logo porque não queriam resolver o problema da dimensão que os JO estavam a assumir. O que eles verdadeiramente desejavam é que a situação se fosse resolvendo por si pelo que a estratégia passava por empurrar os problemas para a Sessão seguinte. Neste sentido, a constituição de uma comissão para o efeito cumpria na perfeição dos seus desejos.

No ano seguinte, em 1969, como já referimos através de Willi Daume, pela primeira vez, foi utilizada a palavra gigantismo para caracterizar o que se estava a passar. Por outro lado, a Comissão V criada no ano anterior e intitulada “IOC Membership, IOC-NOC Relations, Olympic Congresses and Annual Meetings”, no que diz respeito ao congresso anual foi prevista uma sessão sob o tema: “Discussion on the structure of the Olympic Games, (Fight against “gigantism”, programme of the Olympic

⁵⁷⁸ In: Ata da 54ª Sessão do COI - Tóquio, 14 a 17 de maio de 1958, p.5.

⁵⁷⁹ In: Ata da 66ª Sessão do COI - Genebra, 1 a 5 de fevereiro de 1968, p.21.

Games, role of the Continental Games for Olympic selection, etc.).”⁵⁸⁰ Na Sessão de Varsóvia realizada em 1969, Brundage não deixou de recordar que em 1966, o Governo Sueco, proibiu todas as cidades de se candidatarem à organização dos JO devido ao seu exagerado custo:

Points discussed and/or arguments raised: 1. Size and cost of the Games; the fact that this was preventing cities sending invitations (the Swedish Government has forbidden all Swedish towns to apply).⁵⁸¹

A partir de então a Comissão para o PO foi presidida pelo húngaro Arpad Csanadi. E começou um exaustivo trabalho de reuniões com as FIs e os CONs no sentido de ajustar o PO a uma estratégia do COI que visava satisfazer as partes, mantendo a qualidade dos JO. O problema é que as questões do crescimento dos JO tinham significados diferentes para os grupos em presença: Os CONs, a FIs e o COI. Contudo, Brundage, nos anos seguintes, manteve a posição de reduzir o PO⁵⁸² bem como a opinião de que se devia ter cuidado quanto ao fato de se aceitarem novas FIs que iriam provocar novos aumentos no PO.⁵⁸³ E em uma “carta circular” de 8 de julho, enviada a todas as FIs, Brundage começou por escrever que, de uma maneira geral existia um consenso de que os JO tinham assumido uma dimensão gigantesca. Por exemplo, o COJO de Munique (1972) no seu relatório preliminar de 1969, solicitou que não fossem incluídos mais modalidades desportivas no PO.⁵⁸⁴ E, no sentido de cortar despesas, o COI tomou as seguintes medidas:

All team sports for men will be reduced to 8 teams in the final round. This applies to basketball, handball, hockey, volleyball; football and waterpolo;

Women will be allowed to participate in the team events of handball, basketball and volleyball - 8 teams for the final round;

The decision not to allow the addition of any new sports to the Olympic Programme, was unanimous;

Each IF should carry out its own dope, alcohol and sex tests with the help of the IOC and the Organizing Committee. Only the IFs will be responsible. However, a centralized system being the most practical, the Organizing Committee will be in charge of this.⁵⁸⁵

Contudo, no jogo de contradições que envolvia a discussão do PO, no ano seguinte foi considerado que a redução nas equipas de futebol era prejudicial,

⁵⁸⁰ In: Ata da 68ª Sessão do COI - Varsóvia, 7 a 9 de junho de 1969, p.7.

⁵⁸¹ In: Ata da 68ª Sessão do COI - Varsóvia, 7 a 9 de junho de 1969, p.7.

⁵⁸² In: Ata da 67ª Sessão do COI - México, 7 a 11 de outubro de 1968, p.17.

⁵⁸³ In: Ata da 68ª Sessão do COI - Varsóvia, 7 a 9 de junho de 1969, p.1.

⁵⁸⁴ In: Ata da 68ª Sessão do COI - Varsóvia, 7 a 9 de junho de 1969, anexo VIII.

⁵⁸⁵ In: Ata da 68ª Sessão do COI - Varsóvia, 7 a 9 de junho de 1969, anexo VI.

principalmente, para os países africanos onde a modalidade já era o desporto nacional.⁵⁸⁶ Neste contexto, na Sessão do COI de Amsterdão, realizada em 1970, foi decidido que uma modalidade desportiva para entrar no PO deveria ser praticada em 40 países, no caso de eventos para homens e em 20 países para mulheres.⁵⁸⁷

Entretanto, o que ficou de mais significativo da Sessão de Amsterdão foi o discurso proferido por Brundage, discurso que já havia sido proferido em uma reunião com as FIs. Tinha por título “Olympic Games in Danger”.⁵⁸⁸ Brundage disse:

Before we begin our deliberations here today, ladies and gentlemen, it is my painful duty to inform you that the Olympic Games are in trouble, in serious trouble. We need your help and I hope you will listen carefully.⁵⁸⁹

Depois, referiu que os JO tinham assumido uma dimensão demasiado grande, eram demasiado caros e a interferência política e comercial estava a aumentar. E deu exemplos de problemas gerados pela situação em que os JO se encontravam. Ele estava escandalizado com o que tinha acontecido na cidade de Zurique, em que os seus habitantes, através de uma consulta pública, rejeitaram a candidatura à realização dos JO de 1976. Tal situação era qualquer coisa incompreensível para Brundage que considerava o COI uma das forças sociais mais importantes do Mundo e que cumpria uma função eminentemente altruísta. Dizia ele:

You have all heard me say the Olympic Movement is the most important social force in the world today and everyone here, I am sure, is proud to be associated with such an altruistic enterprise. But it has also been repeatedly said that the Games have become too large and too expensive and that, as a penalty for the enormous success, they have become subject to increasing political and commercial interference. Unfortunately, these repeated warnings have not been heeded. We have continued to add more sports and more events, we have been altogether too lax in enforcing our own regulations and now we are facing the consequences.⁵⁹⁰

Brundage, com os seus 83 anos de idade tinha construído o seu mundo do desporto livre do profissionalismo, da política e do comercialismo. Ele dizia:

More than once I have been told by skeptical journalists, “you are wasting your time”; “there are no more amateurs”; “everything today is measured in dollars, and the politicians run the

⁵⁸⁶ In: Ata da 69ª Sessão do COI - Amsterdão, 12 a 16 de maio de 1970, p.21.

⁵⁸⁷ In: Ata da 69ª Sessão do COI - Amsterdão, 12 a 16 de maio de 1970, p.5.

⁵⁸⁸ In: Ata da 69ª Sessão do COI - Amsterdão, 12 a 16 de maio de 1970, p.1,2.

⁵⁸⁹ In: Ata da 69ª Sessão do COI - Amsterdão, 12 a 16 de maio de 1970, p.1,2.

⁵⁹⁰ In: Ata da 69ª Sessão do COI - Amsterdão, 12 a 16 de maio de 1970, p.1,2.

world". This has not bothered me because I do not believe it and it is not true.⁵⁹¹

Portanto, Brundage, embora avisado, fugia da realidade que não o preocupava porque simplesmente ele não acreditava nela. E como não acreditava nela, ela, simplesmente, não existia para ele. Contudo, ele vivia atemorizado pelas questões da dimensão dos JO que se repercutiam nos seus custos:

The Olympic Games today are a very costly enterprise and no community is going to accept such a burden unless it can be proud of the results ... If this dissatisfaction with their conduct spreads one day there will be no city ready to assume the huge expense of sponsoring the Games and if there is one it will dictate the terms not we. We are killing the goose that laid the golden egg, the television money.⁵⁹²

Os custos dos JO de Inverno de Grenoble (1968), para Brundage, tinham sido escandalosos:

The French, who staged the X Olympic Winter Games with typical French elegance, claim to have spent 240 million dollars and it must be admitted that this is an enormous sum for ten days of winter sport. One result was a greatly exaggerated commercialism, which of course, can be expected at any event costing 240 million.⁵⁹³

E, como de costume, voltava às questões do comercialismo que decorriam da própria dimensão dos JO, dizia:

L'Express, the Paris weekly magazine, stated that if anybody had expected to find true amateur sport at Grenoble they were naive indeed, since these events were merely a contest between the Austrian and the French ski manufacturers for the profitable American business.⁵⁹⁴

Ele estava sobretudo indignado com o que tinha acontecido nos JO de Grenoble que foram, de fato, transformados em diversas competições entre os fabricantes de esquis franceses e austríacos. E foi contundente nas suas críticas:

Forced by the erratic topography, the events were staged in five different venues at considerable distances from each other, and at elevations varying several thousand feet. Competitors could not be expected to travel up and down the distances involved twice a day and, as a result, instead of one Olympic Village, the participants were scattered in five. Instead of a friendly concentrated international festival of snow and ice sport the Olympic flavor was completely lost

⁵⁹¹ In: Ata da 69ª Sessão do COI - Amsterdão, 12 a 16 de maio de 1970, p.1,2.

⁵⁹² In: Ata da 69ª Sessão do COI - Amsterdão, 12 a 16 de maio de 1970, p.3.

⁵⁹³ In: Ata da 69ª Sessão do COI - Amsterdão, 12 a 16 de maio de 1970, p.3.

⁵⁹⁴ In: Ata da 69ª Sessão do COI - Amsterdão, 12 a 16 de maio de 1970, p.3.

and there were really five separate championship events not one unified Olympic Games.⁵⁹⁵

Em sequência, à crise desencadeada pelos JO de Grenoble surgiram novos critérios para determinar se um desporto poderia entrar para o PO. Ficou definido, para os homens que as modalidades que poderiam entrar PO de Verão teriam de ser largamente praticadas em, pelo menos 40 países e 3 continentes. Quanto aos JO de Inverno as modalidades desportivas deveriam ser largamente praticadas em, pelo menos, 25 países e 2 continentes. Para as mulheres o critério ficou em 25 países e 2 continentes para os JO de Verão e 20 países e 2 continentes para os JO de Inverno. Estes critérios seriam aplicados apenas aos novos desportos, porque aqueles que já estavam no programa tinham 8 anos para se adaptarem aos novos critérios.⁵⁹⁶

Na Sessão seguinte que se realizou em 1972, em Sapporo, António Samaranch perguntou a Csanadi “when the NOCs would know which events were to be included on the programme?” Csanadi, Presidente da Comissão do PO, respondeu-lhe que um relatório final seria apresentado na Sessão seguinte que se realizaria em Munique. Depois, Havelange ainda alertou para o fato de “a reduction in the number of teams from 16 to 12 would create difficulties with regard to football”. Contudo, tudo foi remetido por Csanadi para o relatório que seria apresentado na Sessão de Munique.⁵⁹⁷

Na Sessão do COI de Munique, realizada em 1972, na apresentação do relatório da Comissão do PO, a questão da dimensão dos JO, como se esperava, estava na ordem do dia. A situação não era fácil como fez ver Arpad Csanadi quando “pointed out that each International Federation wanted to protect its own interests which made things difficult.”⁵⁹⁸ Todas as pessoas sabiam que as FIs zelavam principalmente pelos próprios interesses sem se preocuparem minimamente pelos interesses das restantes.

Todavia o combate ao gigantismo, para além de uma organização cada vez mais eficiente, passava pela redução do número de eventos. Como alguns membros tiveram a oportunidade de referir, o combate ao gigantismo podia ser realizado tendo em atenção três aspetos fundamentais:

Reduce the number of events;

⁵⁹⁵ In: Ata da 69ª Sessão do COI - Amesterdão, 12 a 16 de maio de 1970, p.3.

⁵⁹⁶ In: Ata da 71ª Sessão do COI - Luxemburgo, 11 a 18 de setembro de 1971, p.11.

⁵⁹⁷ In: Ata da 72ª Sessão do COI - Sapporo, 31 de janeiro e 1 de fevereiro de 1972, p.29.

⁵⁹⁸ In: Ata da 73ª Sessão do COI - Munique, 21 a 24 de agosto de 1972, p.27.

Reduce the number of entries;
Reduce the duration of the programme.⁵⁹⁹

Conforme consta na ata da Sessão do COI de Munique foram levantadas as seguintes questões:

- Marc Hodler alertou para os perigos de uma grande redução do número de atletas por país, porque não se podia correr o risco de, em uma determinada modalidade desportiva, as três medalhas serem ganhas por atletas do mesmo país;
- O Marquês de Exeter enquanto presidente da IAAF, observou que, sendo os JO o único Campeonato do Mundo para o Atletismo, a sua federação fazia questão de que as três medalhas fossem realmente ganhas pelos três melhores atletas;
- João Havelange defendeu que nos JO não interessava só a quantidade mas também a qualidade pelo que:

He felt that football and swimming, being very popular sports, should not be reduced as determined by the commission;

- O Major Padilha expressou que:

The Olympic Games should allow as many countries as possible to participate and include a vast number of sports. For this reason, the International Federations must use their own world championships to develop their own sport to the fullest, rather than expecting the Olympics to include every event in every field;

- Willi Daume advertiu que, em Munique (1972), se atingiu o gigantismo e ao mesmo tempo em que considerou que, de uma maneira geral, se deviam reduzir os JO, considerou que deveria haver mais participação feminina;
- Quanto a estas questões, Brundage salientou que a aprovação da redução teria que ser feita com cautela devido aos interesses individuais das federações, quer dizer que:

Care had to be taken in accepting the report, as once accepted by the body they would have to comply with it. This could cause a great deal of trouble with the International Federations trying to protect individual interests.⁶⁰⁰

Em conformidade, foram tomadas as seguintes decisões:

The report from the IOC/NOC Joint Commission for the Olympic Programme including the introduction of women's rowing, basketball and handball was accepted;

The IOC does not approve of a separate shooting event for woman, and rhythmic gymnastics appearing on the Olympic Programme;

⁵⁹⁹ In: Ata da 73ª Sessão do COI - Munique, 21 a 24 de agosto de 1972, p.27.

⁶⁰⁰ In: Ata da 73ª Sessão do COI - Munique, 21 a 24 de agosto de 1972, p.27.

It does not agree with the reduction of entries in the individual competitions in the equestrian three day event and had decided to maintain the present number of competitors;

It agrees that the International Federations who in its view have already taken, or are taking, adequate steps to limit the number of competitors, can be excepted;

The Commission should continue its work, taking into consideration suggestions made by the IOC at the Munich Session.⁶⁰¹

Portanto, o COI, voltou a utilizar uma estratégia emergente de pequenos passos remetendo, sempre que necessário, os problemas para a Sessão seguinte na expectativa de que, no futuro, tudo podia ser resolvido.

Com o consumar dos JO de Munique (1972) também chegou ao fim a liderança de Brundage. Ele aguentou o MO em tempos extraordinariamente difíceis porque decorreram precisamente em plena “Guerra Fria” no rescaldo da II Guerra Mundial.⁶⁰² Independentemente de tudo, o MO tinha sido a sua vida enquanto atleta e, depois, como dirigente nacional e internacional. Ele representou um ciclo que tinha chegado ao fim. Brundage faleceu a 8 de maio de 1975, menos de três anos depois de deixar o COI.

6.1.6 Para Além do Gigantismo

Com a entrada de Michael Killanin na Presidência do COI tudo começou a tomar um rumo diferente. Durante a Sessão do COI, realizada em Varna de 5 a 7 de outubro de 1973, aquando da apresentação do relatório da Comissão do PO pelo seu Presidente Arpad Csanadi, Killanin “explained that the rules would be maintained up to 1980”⁶⁰³ e, depois, deu a palavra ao General Vladimir Stoytchev da Bulgária. Este começou o seu discurso dizendo à Sessão que desejava falar acerca de “gigantism” ao que foi interrompido por Killanin que disse aos membros presentes que a palavra gigantismo não existia na linguagem olímpica. Diz a ata:

Lord Killanin reminded the meeting that this word did not belong to the Olympic language.⁶⁰⁴

Muito provavelmente, os membros do COI devem-se ter interrogado acerca do significado do comentário feito por Killanin. O que é que Killanin pretendia quando, sobre o assunto, nada tinha dito nas Sessões anteriores? Por outro lado, havia membros

⁶⁰¹ In: Ata da 73ª Sessão do COI - Munique, 21 a 24 de agosto de 1972, p.29.

⁶⁰² Brundage com os seus 83 anos de idade já não estava em condições de gerir o MO. Depois de Killanin tomar posse como Presidente do COI, Brundage ainda ia para a sede da organização em Lausanne mexer em papéis.

⁶⁰³ In: Ata da 74ª Sessão do COI - Varna, 5 a 7 de outubro de 1973, p.18.

⁶⁰⁴ In: Ata da 74ª Sessão do COI - Varna, 5 a 7 de outubro de 1973, p.18.

do COI com o gabarito de Willi Daume e Marc Hodler que tinham utilizado a palavra na Sessão do COI de Varsóvia (1969) e na de Munique (1972). Foi um descuido ou simplesmente o primeiro sinal de que as coisas em matéria de gigantismo iam mudar? Para além do mais, o “fight against gigantism” era um dos objetivos da Comissão “IOC Membership, IOC-NOC Relations, Olympic Congresses and Annual Meetings”. Apesar de tudo o General Stoytchev lá fez o seu discurso de acordo com a prédica mais comum que era a de defender o combate ao crescimento dos JO e do PO, por um lado e, por outro lado, propor novas modalidades ou eventos. Diz a ata:

General Stoytchev felt that the size of the Games should not be reduced, as far as the facilities, the number of sports and the number of participants per country were concerned. He suggested the Games should last longer in order to solve the problems raised by the programme. Furthermore, this proposal would allow the sports facilities to be used more rationally during the Games.⁶⁰⁵

De fato, o que se preparava era o agigantar dos JO na medida em que, se sobre Montreal (1976) as definições já tinham sido feitas, no que diz respeito a Moscovo (1980), até devido às características do regime político da União Soviética, tudo indicava que o PO ia ser executado com uma grandiosidade até então nunca vista. Sabendo Killanin que o que se ia passar era precisamente o agigantar dos JO, ficamos com a ideia de que pretendeu “cortar o mal pela raiz” e acabar com a palavra no léxico do MO. Só que, muitas vezes, é difícil negar a realidade e, ainda mais a intenção das pessoas.

Na Sessão seguinte, a 75^a, que se realizou em Viena de 21 a 24 de outubro de 1974, Arpad Csanadi teve a oportunidade de apresentar um relatório⁶⁰⁶ acerca da questão do PO que, segundo ele, vinha a ser tratado com as FIs. Para além de inúmeras transformações de pormenor, relativas ao PO de diversas modalidades desportivas, Arpad informou à Sessão de que tinha sido elaborado o primeiro documento acerca dos critérios de admissão de modalidades olímpicas que no futuro, com uma versão definitiva, permitiria ao COI tomar decisões baseadas sobre determinados princípios. Entretanto, as propostas relativas ao PO para o futuro passavam também a ser formuladas pelas FIs. E assim, mais uma vez, o problema foi adiado. Entretanto, como o que interessava era o presente e não o hipotético futuro, Charles Palmer, presidente da Federação Internacional de Judo, durante a apresentação do estado de situação relativo à

⁶⁰⁵ In: Ata da 74^a Sessão do COI - Varna, 5 a 7 de outubro de 1973, p.18.

⁶⁰⁶ In: Ata da 75^a Sessão do COI - Viena, 21 a 24 de outubro de 1974, p.43.

organização dos JO de Moscovo (1980), perguntou aos representantes do COJO de Moscovo:

How many sports Moscow expected to cater for, and if they were prepare to cope with changes, for example an increase in the number of weight categories, if agreed to by the IOC?⁶⁰⁷

Em 1975, na 76ª Sessão do COI realizada em Lausanne, Csanadi informou que a Comissão estava a preparar um plano de longo prazo em que as propostas dos CONs e das FIs com o devido tratamento estatístico seriam incluídas. Seriam também apresentados estudos relativos ao reconhecimento dos desportos olímpicos bem como relativamente aos desportos que se estavam a candidatar para serem modalidades olímpicas.⁶⁰⁸ Portanto, o discurso continuava a ser o mesmo, remeter para o futuro os acontecimentos que resolveriam definitivamente a situação enquanto os problemas eram resolvidos através de pequenas sugestões que, depois, a Comissão Executiva implementava ou não.

Mas a mudança de rumo ao gigantismo, implicitamente anunciada por Killanin na Sessão de Varna de 1973, quando respondeu ao General Stoytchev que a palavra gigantismo não fazia parte do léxico olímpico, começou a verificar-se precisamente na 77ª Sessão do COI realizada em Innsbruck, em 1976, com o anúncio dos primeiros números relativos às infraestruturas dos JO de Moscovo (1980) que tinham um custo estimado entre US\$ 266 e 280 milhões. Além disso, anunciava-se a entrada de 7.000 jornalistas, previam-se entre 300 e 330 mil visitantes e uma receita de bilheteira correspondente a 475.000 entradas.⁶⁰⁹ A questão do gigantismo começava a ser vista de uma maneira completamente diferente.

Esta nova perspectiva foi confirmada na Sessão de Innsbruck, em 1976, quando a generalidade das opiniões, em uma mudança radical, relativamente ao que acontecera na Sessão de Amesterdão, realizada em 1970, quando Brundage afirmou que os JO tinham assumido uma dimensão demasiado grande, eram demasiado caros e a interferência política e comercial estava a aumentar, começou a olhar para a tendência de crescimento dos JO como uma oportunidade e não como uma ameaça. Em Innsbruck, a generalidade das opiniões ia no sentido de assumir o gigantismo como uma

⁶⁰⁷ In: Ata da 75ª Sessão do COI - Viena, 21 a 24 de outubro de 1974, p.10.

⁶⁰⁸ In: Ata da 76ª Sessão do COI - Lausanne, 21 a 23 de outubro de 1975, p.19.

⁶⁰⁹ In: Ata da 77ª Sessão do COI - Innsbruck, 2 e 3 de fevereiro de 1976, p.12.

realidade imanente ao desenvolvimento dos JO, mas que a palavra em si não podia ser admitida. Diz a ata:

We are pleased to note the great similarity of views on this problem namely, that the growth of the Olympic Games reflects the development of world sport and the growing popularity of the Olympic Games. Furthermore, although this term is being used universally, it is actually erroneously applied.⁶¹⁰

Pelo que a Comissão recomendava:

Gigantism in Olympic Terminology - The Commission recommends to the IOC Executive Board, to make public, in whatever way it thinks fit, its disapproval of the use of the term "Gigantism" as inappropriate for the Olympic spirit in connection with the Olympic Programme.⁶¹¹

Killanin foi quem liderou a questão da má utilização da palavra gigantismo ao alertar para o fato da palavra estar a ser incorretamente utilizada na medida em que conferia ao sucesso dos JO um sentido pejorativo quando esse crescimento para além de dever ser visto como um êxito, representava as bases sobre as quais poderia no futuro ser construído o desenvolvimento do MO. Dizia Killanin:

... the programme which has been associated with the word Gigantism. We have all used this word incorrectly because in point of fact, the gigantism is only a result of the success of the Games from its humble beginnings. We must seriously consider reverting to a number of compulsory sports, possibly at the same time increasing the number of potential sports on the programme but laying down a maximum for each Games.⁶¹²

Contudo, ainda havia aqueles que, como Willi Daume, na linha de Brundage, alertavam para os aspetos negativos e as consequências perigosas que poderiam surgir a partir do crescimento exacerbado do MO.⁶¹³ Daume, em uma atitude a todos os títulos destruidora, acusava os JO de “elefantíase”, pelo que punha até em questão a existência de desportos coletivos no PO, uma vez que estes aumentariam de sobre maneira o número de atletas.

Entretanto, havia consciência de que era necessário processar um salto qualitativo em todo o sistema. Uma modalidade desportiva fora do PO teria mais dificuldades para se desenvolver. Se uma modalidade não fosse adotada no PO poderia

⁶¹⁰ In: Ata da 77ª Sessão do COI - Innsbruck, 2 e 3 de fevereiro de 1976, p.65.

⁶¹¹ In: Ata da 77ª Sessão do COI - Innsbruck, 2 e 3 de fevereiro de 1976, p.64.

⁶¹² In: Ata da 77ª Sessão do COI - Innsbruck, 2 e 3 de fevereiro de 1976, p.67.

⁶¹³ In: Ata da 77ª Sessão do COI - Innsbruck, 2 e 3 de fevereiro de 1976, p.69.

entrar em retrocesso no que diz respeito ao seu desenvolvimento. Esta perspectiva sustentava-se no extraordinário êxito dos JO que tinham um sucesso muito superior aos campeonatos do mundo ou regionais. Além desta questão, evidenciaram-se problemas de ordem moral, na medida em que haveria modalidades que seriam necessariamente excluídas o que significava uma discriminação aos jovens atletas que se prepararam de uma forma afincada para participarem dos JO.

Assim, tratava-se de idealizar um PO de longo prazo baseado no PO desenvolvido nos últimos anos. Nesta perspectiva, recusava-se uma mudança quadrienal do PO. Na realidade, um PO estável permitiria uma melhoria na preparação dos atletas que com um programa calendarizado há vários anos podiam preparar-se muito melhor para participarem nos JO. A fim de superar os inconvenientes que ocorreriam caso se fechasse o PO, apontava-se como solução a possibilidade de haver um PO rotativo o que iria beneficiar algumas federações ou modalidades que não faziam parte do PO.⁶¹⁴

Eram as modalidades coletivas que mais estavam a ser prejudicadas uma vez que, ao entrarem no PO, o número de atletas sofria um significativo aumento. Arpad Csanadi defendia a presença das modalidades coletivas e perguntava: Porque é que as modalidades coletivas devem ser excluídas do Programa Olímpico? Porque elas não estavam no programa em 1896? Porque Coubertin era contra elas? Ou porque a Regra 8 estipula que os JO são compostos de competições para indivíduos? A primeira modalidade desportiva coletiva tinha sido incluída no PO de 1904. Em Munique (1972) fizeram parte do PO 7 modalidades coletivas com bola, isto, segundo Csanadi, significava que estas modalidades se desenvolveram de forma extraordinária nas décadas anteriores. O futebol, citado como exemplo, era jogado em 136 países, o basquete em 130, o voleibol em 107 e o andebol em 60 países, segundo ele, mais de 60% dos praticantes desportivos em todo o mundo estavam envolvidos em desportos coletivos. Csanadi perguntou: Não iremos nós contra o desenvolvimento do desporto mundial se excluirmos as modalidades coletivas dos JO? Não estaremos cometendo um ato de discriminação contra certos países e mesmo continentes onde outros desportos ainda não atingiram o nível dos desportos de equipa como o futebol?⁶¹⁵

⁶¹⁴ In: Ata da 77ª Sessão do COI - Innsbruck, 2 e 3 de fevereiro de 1976, p.69.

⁶¹⁵ In: Ata da 77ª Sessão do COI - Innsbruck, 2 e 3 de fevereiro de 1976, p.68.

Havia outros argumentos que apoiavam a entrada das modalidades coletivas. Por exemplo, Marcello Garroni apresentou no X Congresso Olímpico (1973) uma diferente perspectiva de análise quanto a participação de modalidades coletivas e individuais. Segundo ele, o número de praticantes por hora considerando as modalidades individuais e coletivas no que diz respeito aos JO de Munique (1972) foi o seguinte: modalidades individuais - 862 horas para 6.000 atletas e modalidades coletivas - 377 horas para 1.000 atletas. Isto significa uma relação de proporcionalidade “coletiva e individual” de 0.14 horas por atleta individual e 0.37 horas por atleta em modalidades coletivas o que significa que o PO apresentava um melhor aproveitamento no número de horas por atleta nas modalidades coletivas relativamente às individuais.⁶¹⁶ Em defesa dos desportos coletivos e da dimensão gigantesca dos próprios JO também houve quem argumentasse que, se por acaso, os gregos antigos tivessem conhecido algum desporto coletivo teriam aderido com entusiasmo.⁶¹⁷

Em uma perspectiva mais ampla, a búlgara Nadia Lekarska, defendia que:

Giantism is nowadays a fashionable word in connection with the Olympic Programme and the organization of the Olympic Games. It seems unfair as it is unjust to identify the most successful sports-festival, this true expression of youth and health, with such panic-stricken pathological concept. It is also unjust to make a simple comparison between the size of the Games in the past and today in view of justifying the adequacy of the term. The Olympic Games have always been the image of the development of world sports, of the existing social and economical conditions and the level of scientific and technological progress at the time when they were held.⁶¹⁸

Nadia Lekarska não se limitava a produzir discursos apologistas de uma dada perspectiva. Ela sustentava do ponto de vista ideológico quando, na linha do russo Serguei Pavlov, defendia que o termo gigantismo tinha ganho nos anos que antecederiam considerável popularidade, pelo que era necessário considerar que os JO eram de grande utilidade para construção de instalações desportivas modernas, para o embelezamento e aperfeiçoamento das cidades e as telecomunicações e, em geral o desenvolvimento e progresso da humanidade. Nestes termos, o gigantismo dos JO eram um indicador de desenvolvimento do desporto pelo que ela defendia a presença das modalidades coletivas no PO. E dizia:

⁶¹⁶ In: Ata da 77ª Sessão do COI - Innsbruck, 2 e 3 de fevereiro de 1976, p.70.

⁶¹⁷ In: Ata da 77ª Sessão do COI - Innsbruck, 2 e 3 de fevereiro de 1976, p.69.

⁶¹⁸ In: Ata da 77ª Sessão do COI - Innsbruck, 2 e 3 de fevereiro de 1976, p.68.

Team sports play an important part in the Olympic Games. They have the merit of being attractive to the young and of drawing them in masses into regular sports practice. The deletion of team sports has now been discussed for 50 years. The fact that in spite of so numerous proposals directed against them, the number of team sports has increased, shows how popular they are and how well they defend their Olympic status.⁶¹⁹

Ela também usava argumentos de ordem técnica para defender não o gigantismo, mas o desenvolvimento do MO e dos JO que necessariamente passava também pelo seu crescimento conduzido de uma forma racional. Dizia Nadia:

A detailed study of the Olympic programme shows that the increased volume of the Games is not due to an increased number of sports. The programme today includes 21 sports. There have been exactly as many in 1912. It is, however the number of events and participants that have increased. We are witnessing an undue expansion of events within the framework of each sport. This leads to the development of some sports to the detriment of others and, on the whole, to a lack of balance. One can hardly expect complete equality among sports for the simple reason that they do not enjoy equal popularity. The Olympic Games should not be regarded as an experimental field for new events. This can be done at world or regional championships.⁶²⁰

E Nadia tinha razão porque as FIs queriam simplesmente fazer passar para os JO o mesmo modelo competitivo que utilizavam nos Campeonatos Mundiais pelo que não aceitavam a redução quer de eventos, quer de atletas.

Do ponto de vista ideológico o que se percebe da leitura da ata de Innsbruck de 1976 é que países como a Checoslováquia, Bulgária e Hungria⁶²¹ concordaram com o discurso que substituiu o conceito de gigantismo pelo de desenvolvimento. Na realidade, para que os JO se pudessem desenvolver à escala do Planeta, permitindo o acesso a qualquer jovem em qualquer parte do Mundo, eles tinham de, necessariamente, crescer. Só depois poderiam se desenvolver. Mas, em Innsbruck, também por ação dos países de Leste, também se acabou com o estigma das modalidades coletivas que começaram a ser consideradas em igualdade de circunstâncias com as individuais terminando assim um certo preconceito ideológico que vinha do tempo de Coubertin. Finalmente, Innsbruck clarificou a missão de cada evento. Uma coisa eram os JO e outra, os campeonatos do mundo e os regionais. Estas competições até podiam ter a

⁶¹⁹ In: Ata da 77ª Sessão do COI - Innsbruck, 2 e 3 de fevereiro de 1976, p.70.

⁶²⁰ In: Ata da 77ª Sessão do COI - Innsbruck, 2 e 3 de fevereiro de 1976, p.71.

⁶²¹ In: Ata da 77ª Sessão do COI - Innsbruck, 2 e 3 de fevereiro de 1976, p.70.

mesma vocação, contudo, no que diz respeito às respectivas missões cada uma delas devia cumpri-las de acordo com os seus próprios desígnios.

Se a partir de Innsbruck em 1976 o gigantismo, enquanto condição necessária ao desenvolvimento, passou a ser uma palavra associada ao PO e ao sucesso dos JO, isso não significava que a batalha do gigantismo estava ganha. Na 78ª Sessão do COI realizada em Montreal, em 1976, o Sheik Gabriel Gemayel, um dos mais tradicionalistas dos MO, através de uma carta dirigida à CE, voltou ao assunto do gigantismo ao questionar o fato de em Moscovo (1980) o PO não ser realizado todo na mesma cidade. Ele atribuía este e outros males que iam contra o espírito do Olimpismo e a ideia de Coubertin precisamente ao gigantismo. Mas os tempos estavam a mudar e pessoas com esta mentalidade tinham cada vez mais dificuldade em fazerem-se ouvir.

Conforme estava previsto, na 79ª Sessão do COI realizada em Praga em 1977, a Comissão do PO presidida por Arpad Csanadi apresentou um relatório exaustivo baseado sobre a consulta às FIs e aos CONs relativo à situação das mais diversas modalidades no PO dos JO. No que diz respeito à configuração geral dos JO o relatório apresenta as seguintes propostas:

The Games should be awarded to a country under the responsibility of the respective NOC which selects the "Olympic City" (decisão adiada);

The duration of the Olympic Games is not to exceed 16 days, while that of the Olympic Winter Games 12 days (aceite);

From among non-Olympic sports recognised by the IOC the Organising Committee should have the right - in agreement with the IOC - to choose two sports to be included in the programme of the Games provided that all regular Olympic sports are being organised (aceite);

At competitions or regional games receiving IOC patronage only such sports can be included in the programme whose IFs have been recognised by the IOC (aceite);

The Organising Committee should have the right to introduce one national sport at its discretion as a demonstration during the Olympic Games and Olympic Winter Games, respectively, but separated from the official sports and competition programme of the Games (recusada);

The costs for travelling, board and lodging for judges and referees should be met from receipts of TV rights before distribution to the IOC, NOCs and IFs (aceite);

IFs must be obliged to inform the NOCs and the Organising Committee about the equipment, venues, technical installations and sports equipment to be used at the Olympic Games three years prior to the Games at the latest (aceite).⁶²²

⁶²² In: Ata da 79ª Sessão do COI - Praga, 15 a 18 de junho de 1977, p.36.

No que diz respeito aos desportos incluídos nos JO a situação não era fácil na medida em que, como referiu o Marquês de Exeter, muitas FIs tinham nos JO o ponto alto das suas atividades, quer dizer, o centro de suas atividades, pelo que seriam contra quaisquer restrições, contudo, o equilíbrio tinha de ser encontrado entre a necessidade de diminuir a dimensão dos JO, por um lado, e as expectativas das FIs que não podiam ser defraudadas. Havia ainda o problema como alertou Csanadi do desequilíbrio entre modalidades, como era o caso da natação que tinha saído de Tóquio (1964) com o dobro dos eventos. E Csanadi apresentou a seguinte configuração para os desportos individuais ou coletivos, de Verão ou de Inverno:⁶²³

- Desportos de Verão:
 - Total de desportos - 22;
 - Total de desportos individuais - 17;
 - Total de eventos - 191.
- Desportos de Inverno:
 - Total de desportos - 6;
 - Total de desportos individuais - 5;
 - Total de eventos - 37.

Esta situação levantou alguns comentários tal como o de Lance Cross membro do COI na Nova Zelândia e Presidente da Associação dos CONs da Oceânia que até se permitiu pronunciar a “palavra proibida” por Killanin. Cross chamou a atenção para incoerência em que o COI estava a cair, na medida em que, por um lado, recusava a existência do gigantismo e, por outro lado, aumentava o PO. Diz a ata:

Mr. Cross was surprised that the Session was considering an increase in the Olympic programme when only a short time ago, it was a question of gigantism.⁶²⁴

E Willi Daume saiu em defesa da posição de Cross e disse:

... if the proposal was approved, it would create not only financial, but organisational problems. In his opinion only one sport should be allowed, and this always with the approval of the IOC.⁶²⁵

Outros membros tais como Exeter, Havelange ou Padilha manifestaram também reservas relativamente ao número de modalidades e eventos apresentados pela Comissão. Exeter dizia:

⁶²³ In: Ata da 79ª Sessão do COI - Praga, 15 a 18 de junho de 1977, p.116.

⁶²⁴ In: Ata da 79ª Sessão do COI - Praga, 15 a 18 de junho de 1977, p.40.

⁶²⁵ In: Ata da 79ª Sessão do COI - Praga, 15 a 18 de junho de 1977, p.40.

It was a dangerous proposal, as at the moment there were no applications for the next Olympic Games, and nothing must be done to increase the number of events as they would increase the costs.⁶²⁶

Para o Major Padilha:

It was inconsistent to have a Programme Commission which had been set up to study how to reduce the Olympic Programme, and which was now suggesting to increase it.⁶²⁷

E para João Havelange:

If small countries were allowed to organise the Games, they would be unable to fulfill all their obligations if additional sports were introduced.⁶²⁸

Do lado soviético chegavam apoios. Constantin Andrianov dizia:

The proposal was very reasonable as the Olympic programme should have a greater variety of sports and that the choice should be left to the Organising Committees.⁶²⁹

Vitaly Smirnov, ainda queria ir mais longe, quando defendia:

... if the Organising Committee agreed, they could have the choice of introducing say, Tennis, Badminton, or Table Tennis.⁶³⁰

Outro dos aspetos que à partida se colocava e foi levantado por, entre outros, o Marquês de Exeter, era o que procurava saber se os JO eram, simplesmente, uma série de campeonatos do mundo nas diversas modalidades desportivas ou se, como defendia Exeter, eram um grande evento desportivo e cultural onde, de quatro em quatro anos, a juventude mundial se reunia.

Nunca se tinha ido tão longe na discussão do PO, não só no que diz respeito à sua concepção geral, como relativamente à estrutura das modalidades desportivas e à própria elegibilidade das modalidades, já que o relatório faz uma análise de “situação síntese” de 22 modalidades de Verão e 6 de Inverno.

A discussão sobre o gigantismo foi realmente ultrapassada em 1977. A partir de então, nas Sessões do COI de Atenas (1978) e Montevideo (1979) as discussões centraram-se sobretudo na questão da elegibilidade das modalidades desportivas ou nas

⁶²⁶ In: Ata da 79ª Sessão do COI - Praga, 15 a 18 de junho de 1977, p.40.

⁶²⁷ In: Ata da 79ª Sessão do COI - Praga, 15 a 18 de junho de 1977, p.40.

⁶²⁸ In: Ata da 79ª Sessão do COI - Praga, 15 a 18 de junho de 1977, p.40.

⁶²⁹ In: Ata da 79ª Sessão do COI - Praga, 15 a 18 de junho de 1977, p.40.

⁶³⁰ In: Ata da 79ª Sessão do COI - Praga, 15 a 18 de junho de 1977, p.40.

modalidades que se pretendia ser de demonstração. Mas em 1980, na Sessão do COI de Lake Placid, o estigma do gigantismo voltou a estar presente entre os membros do COI porque o COJO de Los Angeles (1984) desejava introduzir uma ou duas modalidades. Contudo, devido ao peso que representavam para as organizações e, devido ao combate ao famoso gigantismo, as modalidades de representação tinham sido abolidas. Foi então que o brasileiro João Havelange, durante a habitual discussão acerca do relatório apresentado pela Comissão do PO, teve a oportunidade de dizer:

... did not wish to criticise the work of the Programme Commission, but in most cases their recommendations were tending to increase the size of the Games quite considerably. The additional events mentioned in the report would mean an extra 600 – 1.000 people. It ought to be considered that all NOCs should be able to stage the Olympic Games, but with the quantitative problems of today most countries could never envisage bidding for the Games. As it was, the task of Organising Committees was becoming very hard.⁶³¹

Tratava-se, como não podia deixar de ser, do baseball. Dizia a ata:

Los Angeles would be willing to stage one or two demonstrations, if the IOC accepted their re-introduction ... Los Angeles had expressed its strong interest in baseball, which was considered as the national game.⁶³²

Era evidente que o interesse era grande na medida em que era uma questão não só nacional como comercial. O baseball em Los Angeles (1984) era uma oportunidade ótima para o norte-americanos apelarem ao sentimento nacionalista e, à conta, ainda ganharem uns milhões de dólares. E os argumentos eram fortes:

All the necessary facilities were available that would not be used otherwise, therefore organisation of the competitions would not be a burden.⁶³³

Também existiam argumentos contrários, fortemente convincentes. Por exemplo, o etíope Ydnekatchew Tessema:

Was concerned at the possible eclipse of the Olympic sports by demonstrations. As baseball was the number one sport in the United States, it risked drawing all the crowds.⁶³⁴

Também havia quem fosse de opinião de que:

⁶³¹ In: Ata da 82ª Sessão do COI - Lake Placid, 10 a 13 de fevereiro de 1980, p.25.

⁶³² In: Ata da 82ª Sessão do COI - Lake Placid, 10 a 13 de fevereiro de 1980, p.24,25.

⁶³³ In: Ata da 82ª Sessão do COI - Lake Placid, 10 a 13 de fevereiro de 1980, p.25.

⁶³⁴ In: Ata da 82ª Sessão do COI - Lake Placid, 10 a 13 de fevereiro de 1980, p.25.

They could leave the matter to the Organising Committee as had happened in 1932 when American football had been presented, as a demonstration of an American national sport.⁶³⁵

Entretanto, a discussão terminou fazendo deslizar o problema para a Sessão seguinte que seria realizada em Moscovo. Conforme diz a ata:

The President deduced the general feeling of the meeting was that there should be either no demonstrations at all, or the matter should be deferred until 1981. The question required a detailed change of rule which he proposed the Programme Commission produce for the Moscow Session.⁶³⁶

6.1.7 A Maturidade do Movimento Olímpico

A Sessão de Moscovo (1980) significava outra vida para o COI. Muito embora na reunião da CE, realizada em Lausanne de 21 a 23 de abril de 1980, o General Stoytchev tenha feito um apelo para que Killanin reconsiderasse a sua decisão de não se recandidatar o que é fato é que tudo já estava encaminhado e vinha aí uma nova vida para o COI e o próprio MO. As eleições estavam marcadas e os candidatos eram:

- Willi Daume;
- Marc Hodler;
- Juan Antonio Samaranch;
- James Worrall.

E Juan Antonio Samaranch, às 14h 30 do dia 16 de julho 1980 foi “elected President by overall majority on the first count.”⁶³⁷ E, depois de agradecer aos seus colegas, declarou que:

He would do his best to further the work of the IOC and would call upon the assistance of all the members, the secretariat, the IFs and the NOCs. The Olympic movement was experiencing great difficulties, and he would try and resolve these to the best of his ability.⁶³⁸

Na Sessão do COI de Moscovo, realizada em 1980, o baseball surgiu novamente como uma das principais questões do PO. Não era pelo baseball enquanto modalidade que já tinha sido de demonstração nos JO de Melbourne (1956) com a participação, como era habitual de, somente, duas equipas, mas pelo fato de se estar a considerar a possibilidade de novas modalidades desportivas poderem voltar a entrar no PO com o

⁶³⁵ In: Ata da 82ª Sessão do COI - Lake Placid, 10 a 13 de fevereiro de 1980, p.26.

⁶³⁶ In: Ata da 82ª Sessão do COI - Lake Placid, 10 a 13 de fevereiro de 1980, p.26.

⁶³⁷ In: Ata da 83ª Sessão do COI - Moscovo, 15 de julho a 3 de agosto de 1980, p.5.

⁶³⁸ In: Ata da 83ª Sessão do COI - Moscovo, 15 de julho a 3 de agosto de 1980, p.6.

estatuto de modalidades de demonstração, uma vez que este tinha sido abolido em 1972 em virtude de terem sido consideradas demasiado dispendiosas para os COJOs. Portanto, tratava-se tão só de saber se seriam reintroduzidas modalidades de representação.

Contudo, personalidades como o Marquês de Exeter voltavam à velha questão do gigantismo e pediam a definição de “modalidade de representação” e alertavam:

If the IOC was not careful, it would admit a further sport, under a different denomination ... demonstrations in the past had comprised only two teams, and were therefore not competitions as such. A clear distinction had to be drawn between demonstration and Olympic sports.⁶³⁹

E, Exeter lembrava que:

... the IOC had, in recent years, been very concerned about the size of the Olympic Games, and consequently the number of events and participants had been reduced. Therefore, before enlarging them again, careful consideration was required. He thus proposed that any increases be made within the existing Olympic sports.⁶⁴⁰

A proposta de voltar a introduzir modalidades de demonstração necessitava de dois terços dos votos para ser aprovada a fim de ser revista pela CE.

Havia ainda posições como a do australiano David McKenzie que defendiam a participação da modalidade de demonstração caso fosse verdadeiramente de demonstração e não de competição formal como as demais. Como não se chegava a uma decisão o problema foi adiado para a Sessão seguinte. E o presidente da Comissão do PO Arpad Csanadi concluiu:

... although the present proposal had been refused, the new Commission could study the question further.⁶⁴¹

E a decisão que consta na ata foi:

Problem of demonstration sports to be reviewed.⁶⁴²

Entretanto, a Comissão do PO ainda rejeitou a entrada do ténis de mesa, do judo feminino, do voleibol e de uma “open category” no judo. Foram também excluídos alguns eventos na natação. O ciclismo feminino com um evento e um máximo de três

⁶³⁹ In: Ata da 83ª Sessão do COI - Moscovo, 15 de julho a 3 de agosto de 1980, p.26.

⁶⁴⁰ In: Ata da 83ª Sessão do COI - Moscovo, 15 de julho a 3 de agosto de 1980, p.26.

⁶⁴¹ In: Ata da 83ª Sessão do COI - Moscovo, 15 de julho a 3 de agosto de 1980, p.26.

⁶⁴² In: Ata da 83ª Sessão do COI - Moscovo, 15 de julho a 3 de agosto de 1980, p.26.

atletas por CON foi incluído no PO para os JO de Los Angeles (1984). Foram ainda aceitos novos eventos no atletismo, que foram: mulheres 3000 metros e mulheres 400 metros com barreiras. A ginástica rítmica entrou com um evento, tendo o mesmo acontecido com a natação sincronizada. Foi ainda aceite a prancha à vela para homens e mulheres, o tiro para mulheres com espingarda e pistola.

Quer dizer que, se por uma lado havia uma certa resistência no que diz respeito à entrada de novas modalidades no PO, por outro lado, também aconteciam cedências em função dos interesses dos países. Por exemplo, o ciclismo feminino era de fundamental importância para o quadro de medalhas dos EUA. De fato, as medalhas de ouro e de prata nos JO de Los Angeles (1984) acabaram por ser ganhas por atletas americanas, que também ganharam duas medalhas de ouro na natação sincronizada. Na prancha à vela ganharam a medalha de prata e no tiro conseguiram mais três medalhas. Relativamente às restantes modalidades o país mais beneficiado foi a Roménia com medalhas na ginástica rítmica (ouro), nos 400 metros com barreiras (bronze) e nos 3000 metros (ouro). Portanto, os interesses dos países também começaram a impor-se na determinação do PO. No entanto, a questão do gigantismo também era vista de uma maneira diferente na medida em que o crescimento inerente passou a ser visto com a condição essencial ao desenvolvimento. E este crescimento necessário ao desenvolvimento, para além dos interesses dos países e das FIs, também começou a ser feito de uma forma mais racional em função dos interesses do desenvolvimento do MO e dos JO.

E, em 1981, na Sessão do COI de Baden-Baden, aconteceu um novo salto qualitativo. Em primeiro lugar, passou a estar clara a diferença entre modalidades reconhecidas pelo COI e modalidades pertencentes ao PO. Quer dizer que, uma modalidade desportiva podia ser reconhecida pelo COI porque cumpria todos os princípios do MO, mas não pertencer ao PO. Estava em causa o reconhecimento do esqui de água que levantava a questão de, eventualmente, o PO poder estar a abrir-se a modalidades que requeriam uma propulsão mecânica. Claro que surgiram vozes como a de Reginald Alexander que defendiam que:

The IOC recognised water-skiing, it could then recognise any sport at all, and saw no reason, bearing in mind the President's

comment, why all sports asking for recognition should not be given it.⁶⁴³

Por outro lado, também se levantava a questão de ser injusto que só desportos reconhecidos pelo COI pudessem ter um estatuto de modalidade de demonstração. Outro aspeto que foi considerado que, de alguma maneira, determinava a lógica de racionalidade com que o COI procurava imprimir às suas decisões foi a questão dos diplomas atribuídos aos vencedores. Até então, eram em número de seis e passaram a ser de oito. Porquê? Diz a ata:

The President recalled that in the past, the IOC had always issued six diplomas to the finalists in the competitions. Forty years ago, athletics and swimming finals had six competitors. Today, however, both sports had eight lanes or tracks, and therefore all participants in the final did not receive a diploma as they had previously done.⁶⁴⁴

Da Sessão do COI de Baden-Baden, realizada em 1981, fica o regresso das modalidades de demonstração, não ao PO, mas aos JO. Diz a ata que os desportos de demonstração passariam a ser aprovados da seguinte maneira:

The OCOG, with the approval of the IOC, may choose not more than two sports from the recognised sports as demonstrations during the period of the Games in accordance with the bye-laws. Demonstration sports can be organised at national or international level; The demonstration sports programme must be as short as reasonable and must have real demonstration characteristics; The demonstration is not an official part of the Olympic Games and the rules on selection, accreditation, prizes and protocol must be different from those of the Olympic sports; All competitors participating in the demonstration must comply with IOC Rule 26. The entries must be signed by the respective national federation and NOC; The OCOGS must apply in written form to the IOC. In the event of IOC approval, all technical details (selection of athletes or teams, competition system, number of participants, etc.) must be agreed after consultation with the respective IF and must be approved by the IOC.⁶⁴⁵

Em 1982, na 85ª Sessão do COI realizada em Roma, no que diz respeito ao PO, foram realizados alguns reajustamentos e remetidas outras decisões para reuniões futuras de tal forma que o PO para 1992 ficou fechado. Assim, foram rejeitadas todas as modalidades ou eventos que não se ajustavam aos critérios definidos pelo COI. Por exemplo, a decisão sobre o judo feminino foi adiada até que pudessem ser considerados os resultados do campeonato do mundo. As decisões sobre o ténis e o ténis de mesa

⁶⁴³ In: Ata da 84ª Sessão do COI - Baden-Baden, 29 de setembro a 02 de outubro de 1981, p.31.

⁶⁴⁴ In: Ata da 84ª Sessão do COI - Baden-Baden, 29 de setembro a 02 de outubro de 1981, p.31.

⁶⁴⁵ In: Ata da 84ª Sessão do COI - Baden-Baden, 29 de setembro a 02 de outubro de 1981, p.33.

ficaram também adiadas até à Sessão de Nova-Deli. Competições de pares mistos e de pares de diferentes nacionalidades não passaram. Como diz a ata:

Mixed doubles or doubles with mixed nationalities not to be encouraged.⁶⁴⁶

A 86ª Sessão do COI, que se realizou de 26 a 28 de março de 1983, em Nova-Deli, começou de uma forma dramática. O Presidente da Comissão do PO, Arpad Csanadi tinha acabado de falecer a 7 de março de 1983. E Samaranch no seu discurso de abertura dos trabalhos não deixou de lhe prestar a sua homenagem:

As you know, we have suffered the loss of a very dear friend, Arpad Csanadi, whose funeral I attended at Budapest, accompanied by Mr. Smirnov, to pay him a final tribute on behalf of the Olympic Movement.⁶⁴⁷

Contudo, Samaranch também afirmou que não deixaria de considerar a reunião como muito importante. De fato Samaranch iria produzir o primeiro discurso do seu mandato imbuído de um pensamento para o MO que dirigia há cerca de três anos. E do discurso, no que diz respeito ao tema do gigantismo, anunciou a construção da sede do COI em Lausanne que hoje simboliza a dimensão do MO à escala do Planeta. Disse Samaranch:

In regard to financing, thanks to the efforts of our predecessors and the sound management of the Finance Commission, we have been able to decide to purchase land in Lausanne and to build an edifice worthy of the International Olympic Committee and of the whole Olympic Movement. In fact we are hoping to make it the true home of the Olympic Movement, open to all the I.O.C., of course, but also the International Federations, and the National Olympic Committees.⁶⁴⁸

E o gigantismo do MO atingia uma dimensão continental com uma capacidade de apoio financeiro até então inusitado. E dizia Samaranch no seu discurso:

... thanks to the constitution of the Continental Associations of the NOCs, it is responding more precisely to the specific needs of each region. The budget has practically doubled, and a new exceptional gift of \$5,000 has been allocated to all the NOCs who made the request.⁶⁴⁹

E Samaranch continuou com aquilo que os membros do COI, mais queriam ouvir:

⁶⁴⁶ In: Ata da 85ª Sessão do COI - Roma, 27 a 29 de maio de 1982, p.23.

⁶⁴⁷ In: Ata da 86ª Sessão do COI - Nova-Deli, 26 a 28 de março de 1983, p.43.

⁶⁴⁸ In: Ata da 86ª Sessão do COI - Nova-Deli, 26 a 28 de março de 1983, p.43.

⁶⁴⁹ In: Ata da 86ª Sessão do COI - Nova-Deli, 26 a 28 de março de 1983, p.44.

Speaking of aid to the NOCs you know already that we have decided to pay the travelling and accommodation costs of six persons per NOC for Los Angeles and three for Sarajevo.⁶⁵⁰

A partir da morte de Arpad Csanadi passou a presidir à Comissão do PO Vitaly Smirnov. Na 87ª Sessão do COI, realizada em 5 e 6 de fevereiro de 1984, em Sarajevo, a questão da dimensão dos JO voltou a estar em equação. E Havelange alertou que:

Serious consideration should be given to the addition of new sports, otherwise the period of 16 days would be insufficient. He stated that at present the press kept referring to the size of the Games.⁶⁵¹

Quer dizer, que a pressão das FIs para a introdução de novas modalidades e novos eventos no PO era enorme. E tudo começou a complicar-se ainda mais, ao ponto de Willi Daume propor a institucionalização de um grupo de modalidades clássicas que fariam sempre parte dos PO e outro grupo de modalidades rotativas que seriam escolhidas para cada edição dos JO. Contudo, alguns membros do COI continuavam a fazer pressão para a entrada, entre outras modalidades e eventos, como o baseball, taekwondo e karaté, cujo problema era existirem duas FIs e o boxe que tinha sido decidido que devia ser estudado sob o ponto de vista médico. E a desorientação era total, como se verifica pela intervenção de Günther Heinze, representante do COI na extinta República Democrática da Alemanha, que disse:

... by adding new sports, the cost of facilities would be greatly increased. Nevertheless, it was very difficult to decide which new sports should be admitted, and those to be excluded, since it was not possible to include all sports. However, recognition gave tremendous support to the various non-Olympic federations.⁶⁵²

Perante este estado da situação foi decidido que o PO para 1992 devia ser submetido à Sessão a realizar em 1985, e sobre este aspeto Samaranch no seu discurso à Sessão sobre o PO disse:

... we have for several years now been studying in detail the evolution of the Olympic Programme. This is also an enormous task the importance of which is obvious to everyone. This work must be carried out in close collaboration with the International Federations and the National Olympic Committees who are the first concerned by all changes which we make to the sports programme of the Games. It is therefore of the utmost importance that we do not confront each other, but that on the contrary we are able to make them understand

⁶⁵⁰ In: Ata da 86ª Sessão do COI - Nova-Deli, 26 a 28 de março de 1983, p.44.

⁶⁵¹ In: Ata da 87ª Sessão do COI - Sarajevo, 5 e 6 de fevereiro de 1984, p.22.

⁶⁵² In: Ata da 87ª Sessão do COI - Sarajevo, 5 e 6 de fevereiro de 1984, p.22.

this necessity and obtain their collaboration and agreement for the modifications which we wish to make.⁶⁵³

Na 88ª Sessão do COI realizada em Los Angeles em 25 e 26 de julho de 1984, embora a dimensão do PO continuasse a preocupar os membros, as discussões na Comissão já não dependiam tanto dos desejos, humores e tendências dos membros do COI, mas de propostas concretas e justificadas das FIs, pelo que as decisões relativas ao PO de cada edição dos JO tinham de ser tomadas de quatro anos antes. Em conformidade, na Sessão de Los Angeles foram introduzidas para os JO de Inverno de Calgary (1988): “Nordic Skiing - combined relay team competition in jumping; Alpine skiing - alpine combined super giant slalom”. E para os JO de Seul (1988): “Athletics - women's 10.000m run; Cycling - women's sprint track event; Swimming - synchronized swimming, solo event; Yachting - women's 470 class/dinghy”.⁶⁵⁴

Por muito que os discursos de Samaranch em 1984, proferidos na 87ª Sessão do COI realizada em Sarajevo e na 88ª Sessão do COI, realizada em Los Angeles, procurassem esclarecer e dar um rumo aos dirigentes do MO o que é fato é que havia “problemas” que pairavam no ar ao ponto de, na 89ª Sessão do COI, realizada em 1 e 2 de dezembro de 1984, terem sido expressos pelo Professor Rene Essomba representante do COI nos Camarões. Dizia ele:

The evils that are likely to undermine the Olympic Movement, unless we take care, are the following:
The politization of the Olympic Games;
The commercialization of sport;
Professionalism;
Gigantism;
Doping;
Racism;
Violence;
The growing number of events on the Olympic Games programme and the bigger and bigger teams of participants were also criticized.⁶⁵⁵

Estas questões tinham sido apontadas no Congresso de Baden-Baden realizado em 1981. Contudo, a palavra gigantismo parece que renasceu na 89ª Sessão porque também Mohamed Zerguini, membro do COI na Argélia, no discurso que proferiu, levantou novamente a questão. Para Zerguini:

⁶⁵³ In: Ata da 87ª Sessão do COI - Sarajevo, 5 e 6 de fevereiro de 1984, p.40.

⁶⁵⁴ In: Ata da 88ª Sessão do COI - Los Angeles, 25 e 26 de julho de 1984, p.28.

⁶⁵⁵ In: Ata da 89ª Sessão do COI - Lausanne, 1 e 2 de dezembro de 1984, p.74.

Since the end of the Second World War, the Olympic Games have enjoyed a period of constant and successful growth to such an extent that one has begun to talk of gigantism.⁶⁵⁶

E, de fato, Zerguini colocou bem a questão na medida em que persistia a associação do êxito dos JO e do MO à palavra gigantismo transmitindo a ideia de um crescimento excessivo sem que se percebesse que o desenvolvimento sustentável do MO passava pelo crescimento sobretudo das suas fontes de financiamento o que implicava a valorização dos JO e a diversificação do PO.

Na 91ª Sessão do COI, realizada em Lausanne, em 1986, finalmente, o baseball foi aprovado para o PO dos JO de Barcelona (1992) nas seguintes condições:

... competition be limited to six teams only and that should the host country of the Games not have a baseball field the competition should be held on existing soccer grounds and the OCOG not be forced to construct a new facility.⁶⁵⁷

O baseball acabou por regressar ao PO em Barcelona (1992) tendo a classificação sido: Ouro: Cuba; Prata: Taiwan; Bronze: Japão.

No entanto, a situação, como refere a própria ata da 91ª Sessão do COI de Lausanne, era de “status quo”. Todos tinham medo de mudar fosse o que fosse na medida em que receavam o “efeito de dominó” que, qualquer medida precipitada, podia desencadear. Em conformidade, a Comissão do PO, a partir das recomendações do XI Congresso Olímpico (1981) e da 84ª Sessão, realizada em Baden-Baden e, ainda, de acordo com a Regra 47⁶⁵⁸ da CO, que obrigava o COI a rever o PO, todas as Olimpíadas, imediatamente a seguir aos JO, enviou um questionário para as FIs e CONs com as seguintes questões:

What is your interpretation of the Final Declaration of the XIth Olympic Congress regarding the future Olympic Games programmes?

In your opinion, how should the sports programme of each Olympiad be fixed-periods, deadlines, new admissions?

The Olympic programme having been thus composed, for what period of time should it apply? How often should the programme be brought up to date and what time lapse should be given for future modifications?

⁶⁵⁶ In: Ata da 89ª Sessão do COI - Lausanne, 1 e 2 de dezembro de 1984, p.183.

⁶⁵⁷ In: Ata da 91ª Sessão do COI - Lausanne, 12 a 17 de outubro de 1986, p.204.

⁶⁵⁸ Na versão atual da CO o texto de aplicação da Regra 47 diz: 1.1) Após cada edição dos Jogos Olímpicos, o COI revê o programa. Em cada revisão podem ser revistos os critérios de inclusão de desportos, disciplinas ou provas, assim como a inclusão ou exclusão de desportos, disciplinas ou provas pelos órgãos competentes do COI.

Should there be qualification limits for all competitors or should participation be left to each NOC, within the entry limits and standards of IFs?

Would you be in agreement with eliminatory competitions on a regional or continental basis for individual sports?

Would you be in favour of an increased decentralisation of the Games? How far would you be prepared to go?

Following our experience in Sarajevo and Los Angeles, what do you think of the payment by the IOC of the travel and accommodation expenses of a certain number of athletes?

How would you define the responsibilities of the IFs, NOCs and IOC in these matters?⁶⁵⁹

O que se pode concluir é que as perguntas devem ter dado muito mais trabalho a formular do que a responder porque na 93ª Sessão do COI, realizada em 1988, em Calgary, Vitaly Smirnov informou o COI:

The Commission had requested the IOC members, IFs and NOCs to submit suggestions on the future Olympic programme. In general, comments were made that the programme should be more balanced and that certain less popular sports should be eliminated. However, no proposals as to how this could be achieved had been received. During the Commission's next meeting in Lausanne in April 1988 discussion would focus upon revision of the Olympic programme for both the Games of the Olympiad and the Olympic Winter Games.⁶⁶⁰

Quer dizer, ninguém queria realmente tomar decisões pelo que, apesar do questionário, a decisão foi adiada. Smirnov expressou a opinião de que o padrão de exigência para os desportos fazerem parte do PO devia aumentar e complementou dizendo que alguns desportos que já faziam parte deveriam ser reexaminados à luz de novos critérios.

Entretanto, na 95ª Sessão do COI, realizada em Porto Rico, em 1989, surgiu a proposta da CE de excluir da CO a Regra 47 sobre os desportos de demonstração. Inicialmente, a razão da existência da Regra 47 era promover os desportos locais, todavia, com o passar dos anos, os membros consideraram mais importante divulgar os desportos internacionalmente praticados. Tratava-se de encontrar uma solução para o crescimento dos JO, até porque os desportos femininos estavam a exercer uma grande pressão sobre o PO pelo que era uma questão de tempo até que fossem incluídos.⁶⁶¹ Quer dizer, a CE, com a decisão de acabar com as modalidades de representação, ultrapassou a Comissão do PO na medida em que esta, eventualmente, por estar sujeita

⁶⁵⁹ In: Ata da 91ª Sessão do COI - Lausanne, 12 a 17 de outubro de 1986, p.208.

⁶⁶⁰ In: Ata da 93ª Sessão do COI - Calgary, 9 a 11 de fevereiro de 1988, p.15.

⁶⁶¹ In: Ata da 95ª Sessão do COI - Porto Rico, 30 a 1 de setembro de 1989, p.32.

a pressões externas, tinha dificuldades de decisão. Para além do mais os seus membros continuavam a revelar pouco conhecimento acerca das decisões que eram obrigados a tomar. Contudo, a situação não era pacífica. Smirnov, no seu relatório, apresentou a perspectiva já defendida anteriormente de que os JO Verão cresceram excessivamente devido ao número de eventos e não ao número de modalidades. Dizia ele:

... it was only the Summer Games which had grown excessively, but in terms of the number of events rather than sports.⁶⁶²

Ainda no relatório de 1990, foram sugeridos critérios mais severos de popularidade para que um desporto fizesse parte do PO. A proposta, que já vinha da 87ª Sessão do COI de 1984, sugeria que as modalidades masculinas fossem praticadas em 75 países e em 4 continentes e as femininas em 40 países em 3 continentes. Quanto aos eventos, só poderiam ser incluídos os largamente praticados por homens em 50 países e 3 continentes e, no caso das mulheres, 35 países e 3 continentes.⁶⁶³

E a Comissão do PO considerou que era necessário reduzir o número de eventos realizados em cada desporto. A situação apresentada em relação ao número de desporto e de eventos era a seguinte:

- 1896 - 8 desportos - 46 eventos;
- 1908 - 20 desportos - 107 eventos;
- 1960 - 17 desportos - 150 eventos;
- 1972 - 21 desportos - 195 eventos;
- 1988 - 23 desportos - 237 eventos;
- 1992 - 25 desportos - 257 eventos.⁶⁶⁴

Todavia, o problema da dimensão dos JO não tinha só a ver com atletas ou número de modalidades e de eventos. Como Kevan Gosper, presidente da Comissão de Imprensa, teve a oportunidade de referir que não se podia falar em reduzir o tamanho dos JO sem considerar o número de representantes da imprensa que tinha crescido ao ponto de ser equivalente ao número de atletas e oficiais. Na realidade, em Moscovo (1980), estiveram cerca de 7.000 jornalistas.⁶⁶⁵

Relativamente ao relatório da Comissão do PO, na Sessão do COI de Tóquio de 1990, o mesmo acabou por ser “approved as a working document” o que significa que o

⁶⁶² In: Ata da 96ª Sessão do COI - Tóquio, 17 a 20 de setembro de 1990, p.13.

⁶⁶³ In: Ata da 96ª Sessão do COI - Tóquio, 17 a 20 de setembro de 1990, p.105.

⁶⁶⁴ In: Ata da 96ª Sessão do COI - Tóquio, 17 a 20 de setembro de 1990, p.105.

⁶⁶⁵ In: Ata da 96ª Sessão do COI - Tóquio, 17 a 20 de setembro de 1990, p.17.

problema foi adiado. E como foi adiado, em 1991, o COI distribuiu um questionário para todos os membros onde procurava inquirir as suas opiniões sobre o PO. A maioria foi a favor de limitar a 10.000 o número de atletas e a 5.000 o número de oficiais, para além de aceitarem que algumas modalidades desportivas fossem eliminadas. No entanto, Killanin, que participou a título de convidado na reunião, achou arbitrária a decisão de 10.000 atletas e 5.000 juizes até porque a relação atletas e juizes variava de desporto para desporto. Havelange concordou com Killanin e sugeriu que os JO passassem para 21 dias. Disse ele:

The 10,000/5,000 athlete/official ratio at the Games was not a good balance, and more athletes should be given the chance to participate. He felt that it was the duty of the members to give Mr Smirnov as much information as possible so that the Programme Commission could find solutions for the future programme. He advocated extending the duration of the Games so that they took place over 21 days. The general public loved the Games and would like an extra week of them. This would also relieve the pressure on both the organizing committee and the Programme Commission.⁶⁶⁶

Entretanto, enquanto se discutia a dimensão dos JO, também surgiam problemas de ordem qualitativa que levantavam verdadeiramente problemas ideológicos a resolver no âmbito do PO. Entre eles, François Nyangweso lembrou que os CONs dos países em desenvolvimento deveriam ser consultados sobre o PO, pois os desportos que necessitavam de muito equipamento e de muito dinheiro não eram praticados por eles. Em contrapartida, os desportos sem grandes necessidades de equipamentos praticados por estes países, como o boxe, eram considerados perigosos pelo que a tendência era para os excluir do PO. A perspectiva de ver a situação dos países economicamente mais desenvolvidos prejudicava os menos desenvolvidos.⁶⁶⁷ Mesmo diante da não existência de consenso, a CE aprovou o número máximo de 15.000 participantes no PO entre atletas e oficiais, ainda determinou que para que em um dado desporto pudesse entrar um novo evento um outro desporto tinha de sair.⁶⁶⁸ Mas, em 1991, enquanto a CE do COI limitava o PO em 15.000, ocorreu a rutura na União Soviética e, em consequência surgiram novos países e, conseqüentemente, novos CONs que acabaram por provocar novas pressões sobre o PO.

A partir de 1992, na Sessão do COI de Courchevel, realizada em 5 e 6 de fevereiro, nada aconteceu acerca do PO, já que Vitaly Smirnov foi presidir à Comissão

⁶⁶⁶ In: Ata da 97ª Sessão do COI - Birmingham, 13 a 16 de junho de 1991, p.48.

⁶⁶⁷ In: Ata da 97ª Sessão do COI - Birmingham, 13 a 16 de junho de 1991, p.99.

⁶⁶⁸ In: Ata da 97ª Sessão do COI - Birmingham, 13 a 16 de junho de 1991, p.111.

de Elegibilidade, passando o francês Philippe Chatrier, cooptado membro do COI em 1990, a ser o novo Presidente da Comissão do PO. Em 1992, aconteceu uma segunda Sessão, que decorreu em Barcelona, onde o responsável do COJO de Barcelona (1992) apresentou à CE o relatório dos JO. E a questão do gigantismo voltou a entrar na discussão. Contudo, com um novo olhar sobre problema da dimensão dos JO. Diz a ata:

After analysis of the various points of view, there seemed to be general agreement on the following points:
The gigantism of the Games has to be checked;
There is a dichotomy between excellence and universality;
The Olympic Movement cannot ignore the development of women's sport and new sports;
All sports must apply qualitative qualification systems, but not necessarily a fixed quota system;
The IFs are best placed to make proposals for a qualification system, but the NOCs should be consulted.⁶⁶⁹

E os membros da CE do COI concluíram que a necessidade de modernizar e melhorar a qualidade dos JO era uma questão necessária para a unidade do MO e para a existência de uns JO universais. Quer dizer, começaram-se a equacionar necessidades qualitativas para além da perspectiva contabilística que, de uma maneira geral, orientou a discussão do PO até então.

E a questão das mulheres esteve também presente na Sessão do COI de Barcelona (1992) quando a Comissão de Elegibilidade referiu que o gigantismo dos JO deveria ser verificado, mas que o MO não poderia ignorar o desenvolvimento desportivo feminino e os novos desportos. Nesta conformidade, todos os desportos deveriam ser qualificados por sistemas qualitativos e não por um sistema de cotas fixas. Nestas circunstâncias, de fato, as FIs eram a melhor opção para apresentarem propostas de sistemas de qualificação, muito embora os CONs devessem ser consultados. E o Diretor Desportivo, Gilbert Felli, que tinha acabado de entrar em funções em 1 de janeiro de 1991,⁶⁷⁰ sintetizou a situação da seguinte maneira no seu relatório.

Gigantism is affecting the Olympic Games, in terms not just of the large number of participants but also of everything that goes with them: logistical support, technology, media, marketing, law, medicine, etc. All these sectors are run by professionals who are developing new strategies, and the IOC will have to remain high-

⁶⁶⁹ In: Ata da 99ª Sessão do COI - Barcelona, 21 a 23 de julho de 1992, p.99.

⁶⁷⁰ Gilbert Felli enquanto diretor desportivo substituiu Walther Troger que, em 1983, substituiu Arpad Csandi que exercia as funções sob a designação de Technical Diretor.

powered, especially in the area of sports, if it is not to lose track of these developments.⁶⁷¹

Esta posição revelou toda uma mudança de pensamento na medida em que não era um discurso defensivo, antes pelo contrário, era um discurso pró-ativo que procura fazer ver que o gigantismo não era um mal em si, desde que o COI estivesse preparado para tratar dos assuntos que ele levantava nos domínios do tecnológico, do marketing da medicina, etc.

Perante este estado da situação a Comissão do PO entrou em crise por falta de objeto. Mudar o PO era muito difícil, o trabalho era enorme e depois, as recomendações podiam, ou não, ser aprovadas pela CE. Nestas circunstâncias, a Comissão do PO deixou de se reunir ao ponto de Sinan Erdem, representante do COI na Turquia, na 103ª Sessão que se realizou em 1994 em Paris, ter perguntado se a Comissão do PO ainda existia. De fato, na Sessão de Paris o relatório que devia ser apresentado por Philippe Chatrier foi apresentado no relatório produzido pelo Diretor Desportivo, Gilbert Felli.⁶⁷²

A questão do gigantismo voltou a ser discutida em 1996 na Sessão de Atlanta, quando o Diretor desportivo informou os membros do COI de que estava a ser difícil manter a cota de 10.000 atletas. Por outro lado, também cada vez mais atletas queriam levar treinadores e fisioterapeutas. Nestes termos, mais uma vez, considerou-se que devia ser revisto o PO no que respeitava a atletas e técnicos, a fim de salvaguardar a situação dos JO de Sidney (2000).⁶⁷³

Em 1997, Samaranch alertou os membros do COI para o fato de, em Atlanta (1996), terem estado presentes 197 países e o orçamento ter sido de US\$ 1 bilhão e 700 milhões, tendo sido US\$ 500 milhões gastos no estádio que ficou para a cidade.⁶⁷⁴ O PO continuava a crescer. O triatlo e o taekwondo em Sidney (2000) teriam o mesmo número de homens e mulheres, assim como a nova disciplina de trampolim. E estava em curso um acordo com o pólo aquático feminino. Contudo, a previsão para os JO de Sidney (2000) era de 10.200 atletas contra os mais de 10.700 que estiveram em Atlanta (1996). Este aspeto levantava enormes problemas que se repercutiam na organização competitiva das FIs, bem como nas dos países onde as expectativas dos atletas poderiam

⁶⁷¹ In: Ata da 99ª Sessão do COI - Barcelona, 21 a 23 de julho de 1992, p.117.

⁶⁷² In: Ata da 103ª Sessão do COI - Salt Lake City, 4 e 5 de setembro de 1994, p.23.

⁶⁷³ In: Ata da 105ª Sessão do COI - Atlanta, 15 a 18 de julho de 1996, p.31.

⁶⁷⁴ In: Ata da 106ª Sessão do COI - Lausanne, 3 a 6 de setembro de 1997, p.2.

participar nos JO podiam sair frustradas. A busca da universalidade dos JO obrigava a difíceis negociações com as FIs uma vez que as cotas significavam que se estava a interferir no desenvolvimento das próprias modalidades desportivas.⁶⁷⁵

6.1.8 Fase de Desenvolvimento

A questão do PO voltou em 2001, já na liderança de Jacques Rogge, na Sessão de Moscovo, e com os mesmos problemas. Tamas Ajan, Presidente da Federação Internacional de Halterofilia, defendia que as cotas para os JO de Verão deveriam ser revistas e que era necessário um melhor equilíbrio entre os diferentes desportos. Paul Henderson esperava que o número de eventos e atletas não fossem cortados, porque todos eles deveriam poder participar dos JO. Gerhard Heiberg sugeriu que o número de atletas não deveria ultrapassar os 10.000 e que a questão da introdução de um novo desporto era muito séria. Franco Carraro, que era o Presidente do grupo de trabalho do PO, afirmou que a questão das cotas estava a ser discutida com as FIs e esperava que a futura proposta para a CE fosse o mais justa possível. Segundo Carraro, o grupo de trabalho estava a tentar fazer o melhor, tendo em consideração os vários argumentos apresentados, contudo, as questões continuavam as mesmas, as respostas eram idênticas e as expectativas as mesmas, só os protagonistas e o grupo de enquadramento tinham mudado. Na realidade, voltou a funcionar a estratégia de desencadear o trabalho de um grupo paralelo a fim de superar o fato de um outro não funcionar. O que aconteceu foi que a Comissão do PO deixou de funcionar passando a existir um grupo de trabalho liderado por Franco Carraro para resolver as questões do PO.

O que estava a acontecer era uma enorme pressão sobre o PO. Em Sidney (2000) tinham estado presentes 10.665 atletas⁶⁷⁶ e Franco Carraro expressava as contradições que pareciam inultrapassáveis:

On one hand there are widespread pressures to reduce the numbers of athletes and events, in order to address the effects of 'gigantism' in the Olympic Games. Such a reduction would enable OCOGs to maintain the costs of facilities and services for athletes and team officials, or in fact better provide facilities and services for a reduced population. However, on the other hand there are equal pressures from other parties to increase the size and scope of the programme through adding new sports and events, and increasing

⁶⁷⁵ In: Ata da 106ª Sessão do COI - Lausanne, 3 a 6 de setembro de 1997, p.4.

⁶⁷⁶ In: Ata da 112ª Sessão do COI - Moscovo, 13 a 15 de julho de 2001, p.19.

existing athlete quotas, with the argument that this would increase the quality and depth of the programme.⁶⁷⁷

Segundo Carraro, o Grupo de Trabalho do PO estava atento e consideraria todas as sugestões. Diversas possibilidades foram discutidas para atingir a meta de 10.000 atletas sendo as seguintes três possibilidades identificadas pelo Grupo de Trabalho: 1º) reduzir o número de desportos no PO corrente, decisão que não poderia ter efeito antes de Atenas (2004); 2º) reduzir o número de eventos, o que poderia enfraquecer os programas dos desportos afetados; 3º) reduzir o número de atletas, o que enfraqueceria as competições de eventos individuais. E Carraro dizia:

It is not clear that the Olympic Programme would be strengthened as a result of this process. However, a more global approach should be taken to this issue, as the Olympic Programme is the primary product of the IOC, and its quality is a key to the success of future Olympic Games. To make changes based on either targeted overall reductions, or in order to meet specific requests of IFs, may create weaknesses in the programme. In addition, we must treat considerations for the athlete as a primary concern.⁶⁷⁸

Em relação à participação feminina, Carraro advertiu que se considerava como um dos principais aspetos a serem tidos em conta, uma vez que o aumento do PO para as mulheres tinham um grande apoio das FIs. Contudo, também era reconhecido que o aumento da participação feminina poderia levar, em certos casos, à redução do número total de atletas homens.⁶⁷⁹

O que é fato é que nem sempre as Comissões ou Grupos de Trabalho funcionavam ou tinham sequer alguma utilidade para além de cumprirem procedimentos de democracia ou burocracia interna o que era a todos os títulos louvável. O que vinha a acontecer era que os problemas se discutiam muitas vezes sem que os resultados correspondessem minimamente ao esforço desenvolvido. Contudo, este era um preço a pagar pelo COI uma vez que introduzir mais eficiência nas decisões poderia significar o risco de rutura entre as partes. No entanto, com o evoluir da experiência, as questões no domínio do PO passaram a ter uma dimensão técnica muito mais importante do que a dimensão política do passado. E este sinal foi dado por Gilbert Felli, Diretor Desportivo, quando apresentou o seu relatório à Sessão de Barcelona realizada em 1992. Em consequência, Jacques Rogge decidiu reduzir o número total de membros nas várias

⁶⁷⁷ In: Ata da 112ª Sessão do COI - Moscovo, 13 a 15 de julho de 2001, p.153,154.

⁶⁷⁸ In: Ata da 112ª Sessão do COI - Moscovo, 13 a 15 de julho de 2001, p.154.

⁶⁷⁹ In: Ata da 112ª Sessão do COI - Moscovo, 13 a 15 de julho de 2001, p.154.

comissões em 15% e, ao mesmo tempo, foi criada uma nova Comissão encarregada de estudar os JO “Comissão de Estudo dos Jogos Olímpicos”, presidida por Richard Pound.⁶⁸⁰

A estratégia de duplicação de Comissões que, em grande medida cumpriam as mesmas funções, já tinha sido utilizada por Samaranch com a criação da Comissão de Novas Fontes de Financiamento. Agora, com Rogge, voltou a acontecer na medida em que entre a Comissão do PO, o Grupo de Trabalho e a nova Comissão de Estudo dos Jogos Olímpicos havia muita coisa em comum. E o homem de grande importância voltou a ser Richard Pound que, enquanto responsável pela Comissão das Novas Fontes de Financiamento, conseguiu um assinalável êxito na concepção e implementação de um programa de marketing para o COI. E a nova estratégia, passava por juntar o êxito do Programa de Marketing ao PO através de uma articulação virtuosa promotora de mais-valias para o COI e o MO. E esta era uma nova face do gigantismo, quer dizer de um “bom gigante”.

Em 2002, o discurso de Franco Carraro, Presidente do Grupo de Trabalho do PO foi o do costume, alertando para a necessidade de reduzir o número de eventos, desportos e atletas em Atenas (2004). Segundo ele, deveriam existir entre 300 e 301 eventos, número não certo, pois ainda faltava apurar a situação de uma FI. Carraro relatava que, pela primeira vez na história dos JO, eles tinham conseguido não aumentar o número de disciplinas e teriam uma pequena redução no número de atletas. Contudo, para Pequim (2008), a exclusão de modalidades desportivas seria muito difícil por duas razões: os 28 desportos eram “verdadeiros desportos”; e para excluir um desporto dois terços dos membros presentes na Sessão tinham de estar de acordo. Relativamente às novas modalidades desportivas o grupo de trabalho não tinha as portas completamente fechadas, muito embora o novo critério fosse o da nova modalidade desportiva ter de trazer uma melhoria na imagem dos JO, pelo que tinha que ser praticada em todo o mundo e merecer um significativo apoio popular.⁶⁸¹ Mas, todo o discurso de Carraro foi ultrapassado em 2002 pelos primeiros resultados apresentados por Pound quando na 114ª Sessão do COI, apresentou o relatório da Comissão de Estudo dos Jogos Olímpicos. Dizia Pound que os JO nos últimos 20 anos tinham experimentado um

⁶⁸⁰ In: Ata da 113ª Sessão do COI - Salt Lake City, 4 a 6 de fevereiro de 2002, p.6.

⁶⁸¹ In: Ata da 113ª Sessão do COI - Salt Lake City, 4 a 6 de fevereiro de 2002, p.12.

crescimento e popularidade nunca vistos o que os levou a serem maiores, melhores e mais profissionais:

The Olympic Games are unique in terms of size, atmosphere, universality and the values they stand for and defend. This is why spectators, partners and athletes alike are inspired by the Games and they represent the pinnacle for the athletes career. However, if not well managed and controlled, these unique characteristics may reach a critical point and therefore, the IOC has to be careful that it doesn't become a victim of its own success.⁶⁸²

Portanto, Pound introduzia um novo discurso relativamente ao gigantismo. Não se tratava do seu crescimento, tratava-se de serem bem geridos a fim de não se tornarem vítimas do seu próprio sucesso. E Pound continuou a exemplificar o êxito dos JO:

At the Games of the XXVII Olympiad, nine out of every ten individuals on the planet with access to television watched some part of the Sydney 2000 Olympic Games; USD 3 billion had been generated in revenues (between 1997 and 2000); and more than 88.6% of the available ticket pool had been sold. From Calgary to the Salt Lake City Olympic Winter Games, there had been a 67% increase in ticket sales; an 84% increase in international television audiences; and a 150% increase in viewing countries.⁶⁸³

Segundo Pound, com este crescimento de popularidade, simultaneamente, ocorreu um acréscimo de todos os indicadores relacionados com os JO, tais como: participação, organização, complexidade e custo. Mas, o que, verdadeiramente, interessou no discurso de Pound foi que frisou que o objetivo das medidas propostas pela Comissão era o de manter a qualidade dos JO melhorando as condições para os atletas. Diz a ata:

Mr. Pound showed a graph which depicted the percentage increases in sports, events, athletes and NOCs. The increases in sports and events illustrated an exponential increase in the number of athletes. It also showed the relationship with other areas and the impact on operations presented in this case by the size of the Games workforce, which increased exponentially compared to other parameters.⁶⁸⁴

Então, Pound explicou à Sessão a metodologia utilizada no estudo relatado acima. Ela tinha duas etapas, na primeira teve como objetivo criar um grupo de trabalho constituído por especialistas a fim de identificarem os principais problemas e apurarem os dados necessários ao trabalho da Comissão. A segunda fase foi constituída por um conjunto de estudos elaborados por especialistas em áreas específicas, tais como

⁶⁸² In: Ata da 114ª Sessão do COI - México City, 28 e 29 de novembro de 2002, p.12.

⁶⁸³ In: Ata da 114ª Sessão do COI - México City, 28 e 29 de novembro de 2002, p.14.

⁶⁸⁴ In: Ata da 114ª Sessão do COI - México City, 28 e 29 de novembro de 2002, p.15.

recursos humanos, finanças, tecnologias, marketing, valor em espécie, locais, instalações, modalidades desportivas e imprensa e transmissões. Portanto, o que estava a acontecer era, em primeiro lugar, na linha de Gilbert Felli, uma mudança qualitativa no discurso e, em segundo lugar, a assunção de uma estratégia global na medida em que a nova Comissão de Pound, no fundo, abrangia todas as grandes questões do MO e dos JO.

E Pound, com a sua atitude, influenciou uma das maiores aberturas alguma vez realizadas no seio da “família olímpica” que, de uma maneira geral, era uma estrutura fechada, mais focada em defender as prerrogativas do passado do que as oportunidades do futuro. O que aconteceu foi uma abertura aos *stakeholders* na medida em que diversos deles foram convidados a submeterem ideias e propostas. Para o efeito, até foi criada uma área de “public suggestions” no website do COI onde foram registadas mais de cinco mil propostas.

Finalmente, Pound referiu que o estágio três da sua metodologia consistiu na elaboração de um relatório em que não constavam unicamente algumas transformações da CO, mas também uma

General direction and principles recommended by the
Commission ... to provide guidelines for the effective and ongoing
governance of the Olympic Games.⁶⁸⁵

Evidenciamos que Pound só o fez porque foi solicitado e apoiado por Jacques Rogge. Porque o que se estava a passar era um salto qualitativo de extraordinária importância do modelo de gestão de Samaranch para o de Jacques Rogge. Na realidade, enquanto Samaranch apostou na quantidade como forma de sustentar o sistema, já Jacques Rogge apostou na qualidade necessária a introduzir em um sistema que tinha de direccionar as suas práticas em termos de eficácia, mas também de eficiência. O problema já não era de crescimento mas de desenvolvimento e esta é a grande mudança de Samaranch para Rogge. E um dos aspetos que interessa focar é que os dois presidentes foram buscar o mesmo homem para dar andamento às estratégias que propugnavam para os seus mandatos. Para o efeito, ele sobrepôs-se à generalidade das Comissões a fim de obter resultados concretos. E Pound perguntou:

⁶⁸⁵ In: Ata da 114ª Sessão do COI - México City, 28 e 29 de novembro de 2002, p.15.

What had led to this increase in the size and cost of the Games?⁶⁸⁶

E respondeu:

Do ponto de vista interno: aumento dos participantes; aumento dos lucros devido ao franchising; expectativas elevadas dos principais *stakeholders* incluindo patrocinadores, espectadores e atletas.

Do ponto de vista externo: profissionalização e sofisticação do desporto; inovações tecnológicas; e cobertura dos JO.

Contudo, continuava Pound, era necessária uma alta qualidade de serviços e uma melhor segurança que apresentasse um sistema de seguro de risco como foi idealizado para Atlanta. O problema era que, devido à dimensão dos JO, existiam interdependências que cruzavam as diversas áreas funcionais, o que significava que qualquer aumento em instalações ou quaisquer serviços provocava um enorme impacto nos recursos humanos necessários, novas dificuldades operacionais e custos em outras áreas funcionais. Por isso, um dos grandes problemas dos JO era a existência de muitos serviços mal definidos o que levava à inflação de serviços e de custos. Por outro lado, dizia o relatório:

There had been a tendency to accept that facilities and service levels delivered at one Games must also be applied, and improved upon, for future Games, even if the context and conditions might be different.⁶⁸⁷

E esta perspectiva criou aquilo a que o relatório chama de “benchmark inflation” quer dizer, criaram-se expectativas de que um determinado serviço para um determinado contexto podia, simplesmente, ser copiado automaticamente para ser aplicado em outro contexto completamente diferente. Por outro lado, o aumento da venda de bilhetes conduziu à construção de locais mais caros sem que se considerasse saber o que é que isso significava depois dos JO. Claro que o aumento do número e tamanho das instalações desportivas, em consequência do aumento de desportos e de eventos, também contribuiu para colocar o sistema fora de controlo. Entretanto, o problema maior era que, muitas vezes, os custos de manutenção das instalações foram subavaliados.

⁶⁸⁶ In: Ata da 114ª Sessão do COI - México City, 28 e 29 de novembro de 2002, p.15.

⁶⁸⁷ In: Ata da 114ª Sessão do COI - México City, 28 e 29 de novembro de 2002, p.16.

Os números apresentados por Poud eram impressionantes. O número de pessoas acreditadas para os JO de Seul (1988) foi de 130 mil. Para os JO de Sidney (2000) foi de 200 mil. Nos JO de Inverno as creditações cresceram de Calgary (1988) para Salt Lake City (2002) de 39 mil para 90 mil.

Um dos estudos realizados, referiu Pound, indicou que a simples acreditação de mais uma pessoa para os JO representava um custo de organização de US\$ 5 a 30 mil dependendo da categoria da creditação. Estes custos eram relativos, por exemplo: a transportes (carros, autocarros, transportes aéreos); segurança (segurança privada em algumas circunstâncias); mais policiais, mais voluntários e outros recursos humanos especializados; alimentação; bilhetes com lugares especiais nos recintos desportivos; acomodações na Aldeia Olímpica, etc. Nestas circunstâncias, a orgânica e o processo de toda a organização dos JO tornou-se de crucial importância. Múltiplos eventos periféricos teriam de ser planeados, integrados e suportados do ponto de vista operacional pelos COJOs o que aumentaria a escala organizacional dos JO.

Os patrocinadores também começavam a patrocinar cada vez mais em VIK (*value in kind*) em vez de dinheiro, o que já atingia um valor de 30%, o que provocava um significativo impacto nas operações no que diz respeito à gestão dos compromissos, partilha de responsabilidades e os correspondentes processos de tomada de decisão que tornavam-se cada vez mais complexos e difíceis de gerir.

Finalmente, Pound referiu que o constante “reinventar da roda” e a repetição desnecessária de erros tinham se revelado extraordinariamente dispendiosos. Tudo isto conduzia a uma certa ineficiência organizacional no que diz respeito ao planeamento, estruturas organizacionais, implementação e comunicações. Falhas na definição de especificações conduziram a falhas de interpretação, ineficiência de planeamento, falta de mecanismos de controlo e o consequente aumento de custos. Em consequência, era urgente lançar-se um sistema de melhores práticas, a coordenar com o *stakeholder,s* a fim de garantir que seriam tomadas as melhores decisões em função do interesse dos JO.

Em conformidade, Pound propôs à Sessão que o COI “should reaffirm the following Olympic Charter principles:

The Olympic Games be awarded to one host city; that the duration of the competitions should not exceed 16 days; and that only sports practised on snow and ice could be considered as winter sports;

The IOC should stop the ever-increasing "benchmark inflation" that arose from comparisons of services provided at past Games or other major events. Service levels should be of a reasonable standard and be adapted to each client group's real needs. Acceptable risk levels should also be addressed with some key stakeholders;

With respect to venues and facilities, it was important to minimise the costs and maximise the use of competition, non-competition and training venues, and guarantee efficient use in terms of time, space and services;

The IOC should establish appropriate guidelines and find ways of containing (and ideally decreasing) the overall number of accredited persons on the occasion of the Games. The focus should be on groups that had experienced the most dramatic increases, those which had more flexible rules and those that did not have any maximum numbers;

The IOC should clearly define its role and responsibilities within the Olympic Movement vis-à-vis all involved parties, with the objective of improving Games governance. The OCOG should adopt more effective business processes with the objective of creating a more efficient and coordinated Games management, through work practices that maximised all resources.

E foram propostas as seguintes alterações à CO:

Rule 2.13 of the Olympic Charter addressed the issue of sustainable development only with respect to the environment. However, the Commission felt that the notion of sustainable development and legacy should be extended to other areas of the Games and not be limited to environmental issues; venues and infrastructure would be obvious examples;

Rule 42.1 dealt with the Olympic Village. Its related operations represented a major element and complexity in the Games organisation. Therefore this paragraph should allow further flexibility on a Games-by-Games basis with the objective of optimising the use and operations of the Village;

Rule 60 concerned publications. Olympic publications were extremely expensive. As it stood, the OCOGs were asked to provide the publications in printed format. However, as the general trend was heading towards more use of electronic formats, the paragraph should be amended to reflect this;

A series of meetings would be held with representatives of key stakeholders in order to reach a consensus regarding the proposed changes. The final report would include a complete list of recommendations explaining the expected improvements;

Every effort would be made to demonstrate specific cost savings that would arise from the Commission's recommendations, but the Commission did not wish to create unreasonable expectations. Although most of the recommendations would not come into full effect until Beijing 2008, a number of recommendations could well be implemented earlier, if agreed with the relevant OCOGs and stakeholders;

Most constituents of the Olympic Movement did not fully appreciate the "snowball" effect that some major decisions might have on the overall cost and complexity of the Games;

None of the proposed measures would compromise the conditions which allowed athletes to achieve their best sporting performances, or to enjoy the celebration of the Olympic Games.⁶⁸⁸

E Jacques Rogge concluiu:

The Programme Commission's proposals were about the composition of the programme within the fixed number of athletes, sports and events. Mr Pound's work was about the size of the Games and would not touch athlete numbers. The recommendations had been approved by the EB and now needed the members' input.⁶⁸⁹

E o relatório produzido foi aprovado. Na realidade, o relatório foi um marco fundamental na vida do MO em geral e da organização dos JO em particular. Ele representou uma mudança fundamental na atitude dos principais dirigentes do COI no sentido de verem as questões a que os seus antecessores chamavam de gigantismo como verdadeiras oportunidades de desenvolvimento do MO. Samaranch teve a visão mercantilista do processo. Sem crescimento não havia dinheiro e sem dinheiro não havia desenvolvimento. Rogge, com a criação da nova Comissão, atribuiu aos recursos financeiros um sentido de organização e de desenvolvimento.

Perante o relatório de Richard Pound a Comissão do PO pouco ou nada tinha a dizer. Contudo, não deixou de o fazer notando-se a grande diferença entre o discurso profissional, fundamentado, com uma ideia de organização do futuro de Richard Pound e o discurso de circunstância, eivado de sentimentalismos, mais para justificar a presença e sem quaisquer consequências dos vários produzidos pelo vários elementos da Comissão do PO. Finalmente, depois de muita conversa, o relatório foi aprovado com a aprovação de resoluções propostas pela CE do COI:

The Session confirms the principle of periodic revision of the Olympic Programme. The Session postpones the decision on the exclusion of the three sports until after the Athens Games.

The Session approves the general principles contained in the report of the Programme Commission and requests the Commission to further elaborate specific criteria.⁶⁹⁰

Podemos dizer que o Grupo de Trabalho do PO estava a funcionar exclusivamente para garantir uma certa democraticidade das decisões do COI. Na realidade, ela não tinha qualquer capacidade de decisão minimamente fundamentada. Estava-se verdadeiramente a entrar em uma nova era que havia de conduzir ao

⁶⁸⁸ In: Ata da 114ª Sessão do COI - México City, 28 e 29 de novembro de 2002, p.18.

⁶⁸⁹ In: Ata da 114ª Sessão do COI - México City, 28 e 29 de novembro de 2002, p.19.

⁶⁹⁰ In: Ata da 114ª Sessão do COI - México City, 28 e 29 de novembro de 2002, p.49.

extraordinário sucesso dos JO de Pequim (2008). Esta era a grande linha de desenvolvimento de Jacques Rogge.⁶⁹¹

Contudo, as coisas não mudavam facilmente. No relatório do Grupo de Trabalho do PO, apresentado na Sessão do COI em 2003, o seu presidente, Carraro relatou que, depois da Sessão da Cidade do México, a Comissão tinha tomado algumas decisões para o PO de Atenas (2004), Turim (2006) e Pequim (2008). Para janeiro de 2004 o Grupo de Trabalho iria apresentar à CE os critérios para determinar o futuro PO. Na Sessão de Atenas seriam debatidos e decididos os critérios para a mudança e renovação do PO. Baseado nos resultados deste processo, ainda em 2004, o Grupo de Trabalho iria analisar todos os desportos do PO, a partir dos critérios aprovados, e prepararia um desenho do PO para ser examinado pela CE em fevereiro de 2005. A Comissão tinha-se reunido em junho de 2003, em Lausanne, para discutir estes critérios e, pela primeira, vez estiveram presentes na reunião representantes da ACON, das FIs de Verão e Inverno e das FIs reconhecidas.⁶⁹²

Com o relatório do PO elaborado por Carraro, apresentado na 116ª Sessão do COI realizada em Atenas, em 2004, os membros do COI, mais uma vez, foram informados de que o Grupo trabalhou em um relatório com 33 critérios para serem aprovados pela Sessão a fim de, posteriormente, haver um encontro com as FIs. Estava previsto que em 2004, ou início de 2005, seria elaborado um relatório final sobre o futuro PO com explicações claras sobre as recomendações propostas.⁶⁹³ Contudo, as coisas não estavam bem. O relatório só tinha sido recebido na véspera pelo que foi levantada a questão de não ser possível tomar uma decisão, uma vez que não tinha havido tempo para o estudar. Depois, tudo aconteceu como já vinha sendo hábito na medida em que as decisões deslizaram para a Sessão seguinte, a 117ª que ia ser realizada em Singapura no ano de 2005. Segundo Jacques Rogge, na Sessão do COI realizada na Cidade do México (2002), tinham sido decididas três importantes questões: limitar os JO a 28 desportos, 301 eventos e 10.500 atletas; conduzir uma revisão do PO após cada edição dos JO, tendo como base o relatório da Comissão do PO; adiar até à Sessão do COI de Atenas (2004) a decisão de excluir ou não o basebol, o softbol e o pentatlo moderno. E, em relação ao PO dos JO de 2012, Rogge lembrou à Sessão que

⁶⁹¹ Passaremos a desenvolver esta linha no capítulo Desenvolvimento Humano.

⁶⁹² In: Ata da 115ª Sessão do COI - Praga, 2 a 4 de julho de 2003, p.17,18.

⁶⁹³ In: Ata da 116ª Sessão do COI - Atenas, 10 a 12 de agosto de 2004, p.18.

eles deveriam rever o PO dos JO de 2004 e decidir quais dos 28 desportos deveriam estar no PO de 2012. E explicou que o voto seria secreto para cada um dos 28 desportos. E todos os resultados seriam absolutamente confidenciais.⁶⁹⁴ Em 2004, a Sessão decidiu excluir o basebol e o softbol do PO de 2012. Surgiu então a oportunidade de incluir dois novos desportos. Existiam 5 desportos elegíveis: golfe, karaté, *roller sports*, rugby e squash.⁶⁹⁵ Depois de uma complexa votação nenhuma destas modalidades conseguiu fazer parte do PO para Londres (2012) contudo o basebol e o softbol continuaram no PO para os JO de Pequim (2008).⁶⁹⁶ Segundo o italiano Mario Pescante:

The problem of gigantism had to be combated, and, to avoid paralysis, the IOC members needed to have courage and take a decision on the sports on the programme and those seeking inclusion, based on their popularity and whether they met the technical requirements.⁶⁹⁷

E Pescante, dando voz a todos aqueles que tinham pouca, ou nenhuma noção, do que se estava a passar, afirmou:

Everyone acknowledged that the action of the IOC and its President to combat gigantism was effective. The decision to fix participant numbers had blocked what had looked like an enormous growth trend. However, a cause for concern was the substantial increase in expenses that the host cities were allotting to the Olympic Games ... The sums of money needed were substantial, and in Turin were to the tune of EUR two billion.⁶⁹⁸

Na perspectiva de Pescante, se eles tiveram sucesso em combater o gigantismo, não tiveram sucesso em reduzir os custos do gigantismo. Dizia:

... if they had been successful in combating gigantism, they had not succeeded in reducing cost gigantism.⁶⁹⁹

Pescante e outros, parece, não tinham compreendido que o problema não era do gigantismo. Os problemas eram outros e já tinham sido identificados por Gilbert Felli e por Richard Pound. Os problemas eram de planeamento, organização, coordenação, comando e controlo. Os problemas tinham a ver com a necessidade de haver uma ideia clara acerca do que fazer com o PO em função dos interesses dos atletas, do COI e do MO.

⁶⁹⁴ In: Ata da 117ª Sessão do COI - Singapura, 6 a 9 de agosto de 2005, p.20,21.

⁶⁹⁵ In: Ata da 117ª Sessão do COI - Singapura, 6 a 9 de agosto de 2005, p.26.

⁶⁹⁶ In: Ata da 117ª Sessão do COI - Singapura, 6 a 9 de agosto de 2005, p.30.

⁶⁹⁷ In: Ata da 117ª Sessão do COI - Singapura, 6 a 9 de agosto de 2005, p.23.

⁶⁹⁸ In: Ata da 117ª Sessão do COI - Singapura, 6 a 9 de agosto de 2005, p.6.

⁶⁹⁹ In: Ata da 117ª Sessão do COI - Singapura, 6 a 9 de agosto de 2005, p.6.

Em 2005, na 118ª Sessão do COI que se realizou em Turim, Franco Carraro voltou a apresentar as mesmas questões. Em primeiro lugar, o número de atletas para 2008 que deveria ficar dentro do estabelecido de 10.500. Em segundo lugar, a participação das mulheres nos JO de Pequim (2008) seria de 45% do total de atletas, algo que quase nenhuma FI conseguiu nos seus campeonatos.⁷⁰⁰ Este fato revela a maneira como as negociações com as FIs estavam a ser conduzidas. Por um lado, o planeamento e a preparação não existiam, como se percebe pelos relatórios de Gilbert Felli e por Richard Pound, e, por outro lado, os interesses das FIs, no sentido de conquistarem espaço no PO, era de tal ordem que, no seu “egoísmo” não queriam nem saber se estavam a defender situações sem qualquer nexos como era, certamente, a situação de haver relativamente aos homens mais mulheres a participarem nos JO do que nos Campeonatos do Mundo da Modalidade.

O que se começou a verificar, a partir da entrada de Gilbert Felli, em 1992, foi um reforço considerável da estrutura técnica e profissional do COI, pelo que a Comissão do PO passou a ter uma função meramente opinativa de diminutas consequências. As grandes decisões, ou eram tomadas em novas comissões constituídas para o efeito, ou nos serviços administrativos do COI que até passou a ter um “Olympic Games Executive Director's Office” liderado precisamente por Gilbert Felli. Este, no seu relatório à 118ª Sessão do COI, disse acreditar que o projeto “Olympic Games Global Impact” (OGGI)⁷⁰¹ era uma importante ferramenta para o futuro já que os aspetos sociais, ambientais e financeiros estudados eram importantes para as cidades candidatas.⁷⁰²

Na Sessão do COI, realizada na Guatemala, em 2007, a questão assumiu outra dimensão na medida em que já não se tratava de saber quais os desportos e em que número podiam participar no PO. Na Guatemala, tratou-se de rever o sistema de votação na medida em que, segundo Rogge, era um legado do passado profundamente insatisfatório. Depois de uma consulta alargada a várias organizações de cúpula do Movimento Olímpico chegou-se à conclusão de que, em cada revisão do PO, a CE poderia propor um grupo de pelo menos 25 desportos centrais (core). A Sessão passaria a votar em bloco, não desporto por desporto como era feito no passado, já que não

⁷⁰⁰ In: Ata da 118ª Sessão do COI - Turim, 8 a 10 de janeiro e 26 de fevereiro de 2006, p.13.

⁷⁰¹ O *Olympic Games Global Impact* é uma das partes da “Agenda 21” do MO.

⁷⁰² In: Ata da 118ª Sessão do COI - Turim, 8 a 10 de janeiro e 26 de fevereiro de 2006, p.21.

permitia uma visão global do PO. A aprovação exigiria uma maioria simples. Uma vez que os desportos centrais fossem aceites, a CE poderia decidir se proporia desportos adicionais. Estas decisões seriam também tomadas por maioria simples. Não deveriam existir mais de 28 desportos no PO dos JO de Verão. Para os JO de Inverno os desportos centrais poderiam ser os 7 que estavam no PO e não haveria um máximo de desportos, sendo permitida uma certa flexibilidade. E a ata conclui:

There would be many advantages to the new system: it would be clearer and more understandable; and it would provide for a balanced and stable programme. Decision: The proposed amendment to Rule 46 of the Olympic Charter was unanimously approved.⁷⁰³

No relatório do PO apresentado por Franco Carraro, em 2008, a Sessão foi informada que para os JO de Vancouver (2010) tinha sido decidido que todos os eventos introduzidos pela primeira vez nos JO de Turim (2006) poderiam ser incluídos nos PO de Vancouver (2010). Para os JO de Londres (2012) todas as FIs teriam até outubro de 2008 para enviarem as suas propostas para eventos e cotas. Estas propostas iriam para a CE para aprovação. Para os JO de 2016 a CE decidiu ter em atenção 7 desportos: basebol, golfe, karaté, *roller sports*, rugby, softbol e squash. Em conformidade, em janeiro de 2009, foram enviados questionários para as 26 FIs Olímpicas e para as 7 FIs que iam entrar de novo no PO. A partir de então, de acordo com a Regra 46 da CO, a CE poderia fazer uma proposta para a 121ª Sessão do COI a realizar em Copenhaga no ano de 2009.⁷⁰⁴

Na reunião da CE realizada em dezembro de 2009, estavam sendo discutidas as seguintes modalidades: basebol, golfe, karaté, *roller sports*, rugby, softball e squash. E os aspetos-chave que determinavam a inclusão de uma modalidade desportiva no PO eram os seguintes:

- Capacidade de apelar à participação dos mais jovens;
- Universalidade;
- Popularidade;
- Boa gestão;
- Respeito pelos atletas;
- Respeito pelos valores Olímpicos.

⁷⁰³ In: Ata da 119ª Sessão do COI - Guatemala, 4 a 7 de julho de 2007, p.18.

⁷⁰⁴ In: Ata da 120ª Sessão do COI - Pequim, 5 a 7 de julho e 24 de agosto de 2008, p.13.

Por fim, ficou decidido que a CE proporia à 121ª Sessão do COI, que aconteceu a 2 de outubro de 2009 em Copenhaga, a inclusão do golfe e do rugby no PO dos JO de 2016 que serão realizados no Rio de Janeiro.

6.2 Direitos Humanos

Desde o seu início, em 1896, os JO surgiram como um momento de expressão máxima dos valores da competição em busca da excelência. Por isso, têm sido considerados um importante catalisador do desenvolvimento nos mais diversos países. Segundo Pires e Costa (2010), os JO têm uma influência muito grande:

Não só em termos regionais como nacionais e internacionais, por estarem relacionados com modalidades desportivas largamente conhecidas e praticadas, mas, também, pelo legado positivo que, de uma maneira geral, deixam após a sua realização (p.1).

Na perspectiva de Reppold (2010), este mega evento pode:

Se inserir na vida das pessoas e das comunidades mais carentes, promovendo mudanças concretas e duradouras na direção de melhores condições de vida (p.1).

A existência de efeitos económicos múltiplos e de longa duração, a revitalização e melhoria da infraestrutura urbana e desportiva, os impactos no turismo e no planeamento urbano, a geração de emprego e rendimento, o surgimento de maiores alternativas sociais e culturais, e a satisfação psicológica individual e coletiva da comunidade local são usuais justificações para o acolhimento de eventos deste porte. Entretanto, este mega evento é responsável por consideráveis impactos negativos nas diferentes sociedades como é o caso de não existir, em muitos casos, o respeito ao direito a uma habitação adequada.

Além dos problemas do desrespeito a uma habitação adequada na realização dos JO, existem ainda os problemas ligados ao desrespeito aos Direitos Humanos como os que ocorreram em Pequim (2008). De acordo com a “China Human Rights Defenders”⁷⁰⁵ uma rede internacional de grupos de defesa dos Direitos Humanos, o que estava a ser denunciado durante os JO na China, perante o completo silêncio do COI

⁷⁰⁵ In: Telegraph.co.uk, <http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/asia/china/3399292/Chinese-activists-tell-UN-of-state-torture.html> Consultado em 14 de agosto de 2007.

que sobre o assunto não disse uma palavra, é que mais de um milhão de pessoas foram forçadas a abandonar as suas casas recebendo compensações baixas. Estas deslocações ficaram-se a dever ao fato de no mesmo local irem ser construídas infraestruturas desportivas para os JO de Pequim (2008).

A situação é de tal modo dramática que a “China Human Rights Defenders” a considerou “alarmante” e expressou surpresa pela aparente vontade do governo chinês de, perante o silêncio comprometedor do COI, considerar a oposição à realização dos JO como um crime político. Tem-se como exemplo Yang Chunlin dissidente chinês que foi condenado a cinco anos de prisão por subversão, simplesmente por ter dito que a China precisa de respeito pelos Direitos Humanos em vez de organizar os JO.

A Solidariedade Olímpica surge, neste contexto, como uma forma de intervenção positiva vinda do COI em relação aos Direitos Humanos. A história da Solidariedade Olímpica iniciou em 1962, com a criação da Comissão para a Ajuda Olímpica Internacional feita pelo Conde Jean de Beaumont, representante do COI na França. Esta iniciativa foi tomada na 59ª Sessão do COI, realizada em Moscovo de 5 a 8 de junho de 1962, e tinha por objetivo implementar uma estratégia de afirmação do MO na África e na Ásia através da ajuda técnica e financeira aos países emergentes do colonialismo.

Comte de Beaumont reports on behalf of the Commission over which he presides. It has decided to call itself C.A.I.O.: International Olympic Aid Committee. Comte de Beaumont visited 11 African and Asiatic countries and expects to visit more next September.⁷⁰⁶

Segundo a Solidariedade Olímpica (2006), a proposta era inspirada em um propósito nobre e tinha um profundo significado moral. Entretanto, as dificuldades financeiras da época não permitiram que ocorressem significativas contribuições para os CONs que mais necessitavam, situação que mudou, consideravelmente, a partir do momento em que o COI teve a oportunidade de gerir mais recursos.

O presente subcapítulo tem por objetivo analisar as questões relativas aos Direitos Humanos em três perspectivas. 1ª) Relacionados aos impactos negativos que ocorrem na realização dos JO, em muitos casos, devido a falta de respeito ao direito a uma habitação adequada; 2ª) Tratando da questão do desrespeito aos Direitos Humanos

⁷⁰⁶ In: Ata da 59ª Sessão do COI - Moscovo, 5 a 8 de junho de 1962, p.6.

ocorridos em Pequim (2008); e 3ª) Apresentando a Solidariedade Olímpica como um intervenção positiva do COI para o desenvolvimento humano com o devido respeito aos Direitos Humanos.

6.2.1 Os Mega Eventos e o Direito a Habitação Adequada

Vários autores alertam para o fato de que, embora exista uma grande euforia de muitas pessoas, a realização dos JO está debaixo de enormes críticas e possuem fortes oposições internas. Isto leva a crer que, dependendo das circunstâncias e da eficiência da organização, os resultados podem tornar-se negativos. Tem-se como exemplo: a especulação imobiliária, o direcionamento de verbas públicas, que seriam importantes para outros setores da sociedade e o deslocamento, muitas vezes forçado, de parte da população local para viabilizar a instalação de novas estruturas.

Raquel Rolnik, relatora especial da ONU apresentou, no dia 18 de dezembro de 2009, um relatório anual sobre os impactos dos grandes eventos internacionais como os JO, especificamente tratando da habitação como sendo um elemento integrante do direito a um nível adequado de vida. A realidade apresentada por Rolnik (2009) é que, muitas vezes, o que ocorre é, de uma forma geral, a violação generalizada dos Direitos Humanos e, de uma forma particular, ao direito a habitação adequada. Reforçando esta posição, são citados como exemplos os despejos forçados massivos para dar lugar as novas infraestruturas; o aburguesamento dos locais que gera a redução do acesso da comunidade a habitação adequada; e a discriminação de grupos marginalizados, como os vendedores ambulantes e trabalhadores sexuais. O Relatório da ONU evidencia que, normalmente, a análise dos resultados de um mega evento se foca nos aspectos económicos e poucas vezes considera o seu efeito na vida dos moradores, especialmente nos menos favorecidos.

Em relação aos despejos forçados, o relatório cita que esta é uma prática comum durante os preparativos para a realização de mega eventos. Com as novas demandas, muitas habitações têm que ser demolidas para dar espaço às novas, além disso, existe a eliminação de locais que apresentem manifestações de pobreza e que podem afetar a imagem internacional durante a realização do mega evento. O mais preocupante é que, segundo o relatório da ONU, na maioria dos casos, nem todas as alternativas existentes são exploradas, não são realizadas consultas prévias, nem ocorre uma adequada

indenização das pessoas. Além disso, os despejos forçados são, muitas vezes, violentos, hostis e agressivos devido a necessidade de se cumprir prazos. Outro aspeto considerado é que o retorno ao local de origem torna-se inviável devido a especulação imobiliária. Segundo Rolnik (2009), os despejos forçados são incompatíveis com as exigências do Pacto Internacional de Direitos Económicos, Sociais e Culturais e só devem ser aceitos em circunstâncias muito especiais que sigam os princípios do direito internacional. Nesta perspectiva, segundo o relatório da ONU, cabe ao Estado proporcionar às pessoas a devida proteção legal e garantir que se aplique a lei contra todos que, de alguma forma, estejam ligados aos despejos forçados. Devido a realização de mega eventos, também ocorrem desalojamentos indiretos que surgem devido ao “aburguesamento” das localidades e ao aumento nos custos das habitações. Como consequência dos processos de regeneração e embelezamento pessoas, de um nível socioeconómico mais elevado, são atraídas às localidades tendo como consequência o aumento nos preços de compra e de aluguer.

A redução da disponibilidade de habitações sociais de baixo custo surge devido ao fato de muitas comunidades estarem localizadas em regiões pobres ou subsidiadas pelo governo e, conseqüentemente, facilmente desapropriados, deslocando os moradores para outros locais, normalmente, mais distantes das facilidades existentes. Existem também conseqüências nos alojamentos improvisados que são considerados símbolo de pobreza e subdesenvolvimento, sendo estas, normalmente, as primeiras habitações demolidas para dar lugar a instalações desportivas ou para o alojamento dos visitantes, inviabilizando o retorno dos antigos moradores para estes locais. O mais preocupante é que, segundo o relatório da ONU, normalmente, as pessoas são desalojadas sem indenização, nem direito a uma nova e mais adequada habitação.

A penalização dos “sem teto” e das atividades informais ocorre quando as autoridades locais adotam medidas para retirar estas pessoas das áreas abrangidas pelos mega eventos. Em alguns casos são oferecidos benefícios para que as pessoas se retirem dos locais onde moram. O problema é que, muitas vezes, ocorrem remoções e novos assentamentos através do uso da força. Além disto, são criadas normas e regulamentos que proíbem os vendedores ambulantes e trabalhadores sexuais durante a realização do mega evento. Rolnik (2009) relata que, em alguns casos, grandes acampamentos são construídos para alojar os “sem teto” e trabalhadores informais até que o mega evento termine. Outras conseqüências negativas para os grupos vulneráveis, e que surgem

devido a obrigação de abandono de suas localidades de origem, são a perda do seu vínculo comunitário e redes sociais e a perda de oportunidades de emprego e de escolaridade devido a grandes distâncias e custos de deslocamento. Quando os novos assentamentos são em zonas rurais os meios de sustento são ainda mais escassos, principalmente, devido a falta de vínculos com a nova comunidade.

Todos estes aspetos levam a inevitáveis tensões durante a implementação dos projetos necessários para a efetivação dos mega eventos. Frente aos problemas apresentados anteriormente, as comunidades afetadas e as organizações sociais se mobilizam para resistir às propostas e exigem reformulações nas mesmas. Algumas vezes, a resistência social tem obrigado os organizadores a encontrarem uma nova estratégia que respeite as populações afetadas. Neste contexto, o direito das comunidades afetadas a participar nas decisões, surge como primordial no que tange a organização e realização de mega eventos, devendo, segundo o relatório da ONU, todas as pessoas afetadas serem consultadas de forma participativa. Sendo que, antes disso, todas as alternativas viáveis devem ser exploradas para evitar os despejos, principalmente os forçados.

Quanto aos JO especificamente, existem aspetos a serem considerados que constam na Carta Olímpica como o compromisso com o desenvolvimento sustentável, com o legado positivo e a obrigação de respeito os princípios da dignidade humana e da não discriminação. Além da CO, mais recentemente, em 1999, o COI aprovou a Agenda 21 do MO, que tem por objetivo colocar o desporto em favor do desenvolvimento sustentável possuindo um enfoque social focando a atenção nas minorias, em políticas e em práticas de desenvolvimento que respeitem as necessidades sociais. A Agenda 21 do MO também trata da necessidade de promoção de modelos viáveis de assentamentos humanos, que as infraestruturas desportivas reforcem as suas estratégias para as habitações locais e integrem os membros mais pobres da sociedade. Ainda é sugerido uma maior participação das comunidades nos preparativos olímpicos. Entretanto, mesmo a CO tendo importantes disposições relativas aos Direitos Humanos, o direito a habitação adequada não está presente em sua estrutura. Este direito consta na Agenda 21 do MO, porém, segundo Rolnik (2009), este é um instrumento apenas declarativo, não sendo suas disposições fáceis de aplicar.

O relatório da ONU salienta também que é dever do Estado instituir proteções legais às possíveis violações dos Direitos Humanos e exigir a existência de auditores independentes. Além do poder público, a iniciativa privada, através das empresas ligadas aos mega eventos, têm o papel de respeitar não somente os princípios e valores do MO, mas também criar instrumentos adicionais de responsabilidade social e respeito aos Direitos Humanos. Os Estados, por sua vez, tem de proteger, respeitar e cumprir com os Direitos Humanos, sendo dever do Estado criar um marco jurídico e processual que garanta que os diferentes atores envolvidos nos mega eventos respeitem o direito da população local a uma adequada habitação, entre outros aspetos ligados aos Direitos Humanos. Por fim, Rolnik (2009) evidencia a não existência de um compromisso efetivo no que diz respeito ao direito a uma adequada habitação nos processos de licitação dos JO de Londres de 2012 e nos do Rio de Janeiro de 2016.

6.2.2 O Caso da China

Acreditamos ser importante iniciar este subcapítulo com a pergunta: Pode um país como a China, com semelhante justiça, organizar os Jogos Olímpicos? A nossa resposta é afirmativa na medida em que consideramos que, tal como afirmou o presidente do COI, Jacques Rogge, “o Olimpismo é um catalisador de mudança que contribuirá para uma maior responsabilização da China pelos Direitos Humanos.”⁷⁰⁷

Contudo, o Olimpismo só pode ser um fator de mudança em regimes de ditadura se os JO proporcionarem a oportunidade aos governos, ONGs, media, atletas, treinadores e dirigentes, bem como a todos os cidadãos por esse mundo fora, a possibilidade de, sempre que for caso disso, civilizadamente, manifestarem o seu descontentamento. Se assim não for, o Olimpismo, através dos JO, não passa de uma máquina de fazer dinheiro sem qualquer sentido social a não ser o de afastar as atenções dos media das grandes questões que martirizam a humanidade. É neste sentido que entendemos a manifestação realizada por militantes da Associação Repórteres Sem Fronteiras cujo objetivo foi o de aproveitarem a cerimónia do acender da chama dos JO que tradicionalmente se realiza em Olímpia, na Grécia. Claro que o governo grego condenou o incidente em Olímpia, denunciando um ato que não tem nenhuma relação com o espírito olímpico. Contudo, o ato que passou nas televisões de todo o Mundo

⁷⁰⁷ In: <http://www.olympic.org/news?articleid=53958> Press Release - COI. Consultado em 23 de março de 2008.

exceto na China, tinha tudo a ver com o Olimpismo e começou desde logo a fazer com que a China amolecesse a sua linha dura. Por exemplo, abriu o acesso ao site da BBC. E Jacques Rogge a este respeito foi claro:

Acreditamos que a China mudará abrindo-se ao escrutínio do mundo através dos 25000 representantes dos media que assistirão aos Jogos.⁷⁰⁸

Na realidade, o regime chinês só abrirá se for pressionado para o fazer, tal como o foi a Coreia do Sul através da pressão desencadeada pelos JO de Seul (1988). Assim sendo, a China mudará porque este tipo de protestos capta o interesse dos media e perturba sobretudo os regimes ditatoriais. As ditaduras não conseguem fechar-se eternamente sobre si próprias. Até a Coreia do Norte, um dia terá de se abrir ao mundo.

O que, ao tempo da atribuição da organização dos JO a Pequim (2008), o mundo esperava era que a realização destes JO provocasse melhorias em um regime responsável por décadas de tortura, repressão e escravatura. As questões levantadas pela Anistia Internacional⁷⁰⁹ (AI) eram as seguintes:

- Pena de morte - segundo a AI, de mil a oito mil pessoas eram executadas todos os anos;
- Detenções sem julgamento;
- Repressão de ativistas, jornalistas e escritores.

A situação era de tal maneira preocupante, infelizmente ainda não deixou de ser, que o próprio relatório da AI recomendava às autoridades chinesas e também ao COI, que a organização dos JO devia impreterivelmente preservar a dignidade humana, até porque a sua defesa faz parte do espírito e da letra preconizados na CO. Neste sentido, defendemos que nem o desporto nem o Olimpismo podem servir de pretexto para que se abuse dos Direitos Humanos.

Na verdade, Pequim não cumpriu na sua plenitude as suas promessas de progresso nos Direitos Humanos. Na realidade, o compromisso chinês foi assumido quando o país foi escolhido como anfitrião dos JO. Irene Khan, secretária-geral da AI declarou à Reuters que depois dos escândalos das situações de escravatura no país e da

⁷⁰⁸ In: Notícias. <http://www.noticiarios.com/buscar.php?enviar=1&b=bbc> Consultado em 26 de março de 2008.

⁷⁰⁹ A Anistia Internacional tem exercido pressão sobre os mais diversos CONs por esse mundo fora. Teresa Nogueira, da seção portuguesa da Anistia Internacional, criticou o fato de a sua organização não ter sido recebida pelo Comité Olímpico de Portugal. In: TSF on line. Consultado em 2 de abril de 2008.

exploração de adultos e crianças em condições miseráveis que trabalhavam na confecção de produtos para os JO, nem a China nem o COI poderiam continuar a silenciar tais situações.

Neste contexto conturbado, em março de 2008, as manifestações contra a política interna e externa da Republica Popular da China, bem como contra a aparente passividade do COI relativamente aos atropelos aos Direitos Humanos, surgiram com tanta violência que ninguém ficou indiferente. Tanto o COI como as autoridades chinesas foram apanhados completamente desprevenidos, perante uma situação que chegou a atingir dimensões preocupantes já que punha em causa a normal realização dos JO. Contudo, os manifestantes, nos mais diversos países por onde a Tocha Olímpica passava a caminho de Pequim, só exigiam à RPC o respeito pelos Direitos Humanos e ao COI que assumisse as suas responsabilidades de acordo com o seu quadro ideológico de referência, expresso na Carta Olímpica.

Perante a gravidade dos acontecimentos a Anistia Internacional, emitiu um comunicado aonde afirmava:

A China está a aproveitar os Jogos Olímpicos, para realizar ações de repressão que violam os Direitos Humanos, nomeadamente está a limpar Pequim de “indesejáveis” ... A repressão sobre defensores dos Direitos Humanos, jornalistas e advogados, tem vindo a tornar-se mais forte devido aos Jogos Olímpicos. Caso as autoridades não mudem imediatamente de rumo, o legado dos Jogos Olímpicos de Pequim não será positivo para os Direitos Humanos na China.⁷¹⁰

Entretanto, a China repudiou as acusações da AI e defendeu a forma como o país estava a evoluir na questão dos Direitos Humanos. Não há dúvidas de que a RPC progrediu extraordinariamente desde o fim da Revolução Cultural (1966-1976), no entanto, essa evolução ficou em grande medida a dever-se às pressões das mais diversas organizações da comunidade internacional, entre elas as do próprio COI que obrigou as autoridades chinesas a atuarem no respeito pelos Direitos Humanos.

Em relação aos atletas, no auge da contestação aos JO de Pequim (2008), Pieter van den Hoogenband, tricampeão olímpico na natação, afirmou que Jacques Rogge devia:

⁷¹⁰ In: Lusa. <http://www.lusa.pt/default.aspx?page=home>. Consultado em 29 de julho de 2008.

Em nome de todos os atletas olímpicos, pedir publicamente a melhoria dos Direitos Humanos na China.⁷¹¹

E disse que Rogge poderia contar com todo o seu apoio. E mais, Hoogenband afirmou também que uma posição oficial do COI, transmitida por Jacques Rogge aos chineses, acerca da necessidade de serem respeitados os Direitos Humanos, daria tranquilidade aos atletas para que melhor pudessem se concentrar apenas no seu desempenho competitivo. Desta maneira, os atletas poderiam deixar que o COI se pronunciasse no lugar deles, evitando que todos comesçassem a falar e ninguém se entendesse. Assim, a generalidade dos atletas, compreensivelmente mais preocupados na competição do que propriamente nas questões políticas, ficariam libertos de pressões desnecessárias que em nada contribuiriam para a abertura do regime chinês que, no fundo, é o que todos desejam.

Entre a falta de posição de algumas pessoas do mundo do desporto, que afirmavam que o desporto nada tem a ver com a política, e aqueles que preconizavam um boicote aos JO de Pequim (2008), foi possível implementar uma estratégia emergente de pequenos passos de grande significado. Assim, Rogge, afirmou repetidamente que os JO são uma força para o bem que pode levar a grandes transformações sociais. Contudo, também afirmou que o COI é:

Uma entidade desportiva, não política, e que, portanto, não se deve posicionar sobre questões políticas do país sede ou de quaisquer outros países.⁷¹²

Não se trata de, como pretendem alguns ativistas, causar constrangimentos aos países ou aos regimes. Trata-se de, de uma forma inteligente, catalisar um processo de mudanças necessárias à institucionalização da democracia e à defesa dos Direitos Humanos.

Até porque, se o debate sobre as questões políticas não pode deixar as questões desportivas para segundo plano, também o desporto não pode funcionar em um mundo à parte, à margem de qualquer preocupação política.

A desculpa política de que o desporto nada tinha a ver com a política no fundo escondia a incapacidade em idealizar uma verdadeira agenda política que, de fato,

⁷¹¹ In: Noticiários. <http://www.noticiarios.com/buscar.php?enviar=1&b>. Consultado em 5 de março de 2008.

⁷¹² In: Noticiários. <http://www.noticiarios.com/buscar.php?enviar=1&b>. Consultado em 5 de março de 2008.

servisse os interesses do Olimpismo no quadro do desenvolvimento humano. Em conformidade, os paradoxos e contradições passaram a dominar o discurso político produzido pelo COI durante mais de cinquenta anos. Quer dizer, começou a imperar uma “diplomacia do silêncio” em que todo e qualquer problema que perturbasse o *status quo*, era imediatamente silenciado e considerado a partir daí como um tabu.

Hoje, sobretudo a partir da liderança de Jacques Rogge, o MO através do COI assume-se como um fator de desenvolvimento humano enquanto catalisador de mudança. Para Jacques Rogge os JO são uma força para o bem. Eles são um catalisador para a mudança e não uma panaceia para todos os males.

Defendemos que o MO não pode estar completamente alheado das questões que envolvem a Humanidade, ao ponto de alguns dirigentes afirmarem solenemente que o desporto nada tem a ver com a política.

Assim sendo, as palavras do presidente Jacques Rogge são uma lição e uma esperança:

O COI respeita as ONGs e os grupos ativistas e as suas causas e dialoga frequentemente com eles.⁷¹³

E Rogge, foi mais longe quando afirmou que:

Muito embora o Olimpismo não deva ser uma panaceia para todos os males, contudo, ele é um catalisador de mudança.⁷¹⁴

Em consequência, entendemos que o comunicado de 23 de março de 2008 emitido por Rogge, ficará para a história do Olimpismo na medida em que representa uma mudança radical relativamente à posição tradicional do COI acerca das questões políticas. De uma posição que defendia que o Olimpismo nada tinha a ver com a política, o COI passou para uma posição em que o Olimpismo é considerado como um catalisador de mudança. Quer dizer, Jacques Rogge decidiu que o COI deixava de “andar a reboque” das mais variadas pressões políticas, para passar a ter uma atitude proativa, assumindo-se como catalisador das grandes transformações sociais de que a humanidade anseia.

⁷¹³ In: Noticiários. <http://www.noticiarios.com/buscar.php?enviar=1&b>. Consultado em 5 de março de 2008.

⁷¹⁴ In: Noticiários. <http://www.noticiarios.com/buscar.php?enviar=1&b>. Consultado em 5 de março de 2008.

6.2.3 Solidariedade Olímpica

Conforme salientado na introdução deste capítulo, a Solidariedade Olímpica iniciou as suas atividades em 1962, com a criação da Comissão para a Ajuda Olímpica Internacional feita pelo Conde Jean de Beaumont, representante do COI na França.

Seis anos mais tarde, durante a Sessão do COI, realizada na Cidade do México entre os dias 7 e 8 de outubro de 1968, foram estabelecidas pelo COI cinco Comissões, entre elas, a Comissão "Olympic Aid".⁷¹⁵ Inicialmente, a Comissão I, como era conhecida, tinha duas atividades principais: a criação de um Centro de Informação e Documentação e o estabelecimento de um Instituto para a Formação de Treinadores Olímpicos.

"Olympic Aid" as a notion is a complex one provoking a variety of ideas and suggestions which have been discussed by Commission I, sorted out, reduced to fundamentals and referred to the IOC Finance Commission for opinion. The plan presented by Commission I in this respect is centred on two main activities: a) The creation of an IOC centre for information and documentation. b) The establishment of an IOC Institute for the Formation of Olympic Trainers.⁷¹⁶

Em 1971, o COI e os CONs decidiram efetivar a fusão de duas entidades para criar o Comité para a Solidariedade Olímpica, eram elas: o Comité de Ajuda Olímpica Internacional e o Instituto Internacional de Desenvolvimento dos CONs. No ano seguinte, começou a ocorrer uma ligação maior com a Academia Olímpica Internacional e ocorreu a criação de um Fundo de Ajuda Olímpica, iniciando uma estreita cooperação entre o COI e AOI.

Finally, it is the wish of the Commission that due consideration should be given to the International Olympic Academy when the final draft of the "Olympic Aid Fund" is made. There is no doubt that the continuation of and close cooperation between the IOC and the IOA in the future activity of the Academy can be of great benefit to the Olympic Movement.⁷¹⁷

Entre 1973 e 1978 as atividades do Comité estiveram direcionadas para dar suporte aos CONs que mais precisavam, porém, a ajuda ainda era limitada por questões financeiras. Com o surgimento da ACON, para representar os CONs de todo o mundo, ocorreu uma maior integração dos membros dos CONs. Como consequência, em 1979 foi criado um Grupo de Trabalho que recebeu o desafio de elaborar uma proposta

⁷¹⁵ In: Ata da 68ª Sessão do COI - Varsóvia, 7 a 9 de junho de 1969, anexo XII.

⁷¹⁶ In: Ata da 69ª Sessão do COI - Amsterdam, 12 a 16 de maio de 1970, p.59.

⁷¹⁷ In: Ata da 73ª Sessão do COI - Munique, 21 a 24 de agosto e 5 de setembro de 1972, p.86.

solicitando que o COI disponibilizasse à ACON 20% dos direitos televisivos (Solidariedade Olímpica, 2006).

Entretanto, foi com a entrada de Samaranch, em 1980, na presidência do COI que a situação melhorou.

The election of Juan Antonio Samaranch as President of the IOC in 1980 brought about a radical change in the concept, focus and projects of Olympic Solidarity. His clear vision, sensitivity, and desire to find solutions to meet the NOCs' needs, coincided with the position sustained by ANOC (Solidariedade Olímpica, 2006 p.4,5).

6.2.3.1 A Consolidação

Em 1981, durante o Congresso Olímpico de Baden-Baden, e após terem se reunido com os CONs, Samaranch e o Presidente da ACON, Mario Vázquez Raña deram início as atividades da Comissão de Solidariedade Olímpica que teria por objetivo traçar uma estratégia para solucionar as necessidades e interesses dos CONs. Sendo esta a data considerada como a de início da consolidação e desenvolvimento da Solidariedade Olímpica. No mesmo ano, o COI integrou à Comissão da Solidariedade Olímpica representantes do COI e CONs.

The President felt that the meeting held with the National Olympic Committees had been a most encouraging and positive one. The main point arising had been the request from the NOCs for the Olympic Solidarity Commission to be broadened and strengthened. The President informed the members that in the future he had decided to preside personally over this commission in order to be in more direct contact with the National Olympic Committees.⁷¹⁸

Um importante aspeto a ser considerado é que o desenvolvimento da Solidariedade Olímpica se deveu ao aumento da comercialização dos JO, principalmente os recursos dos direitos televisivos, permitindo um maior direcionando de verbas para os CONs:

The systematic development of the Commission's work, coupled with increased funds received from the commercialisation of the Olympic Games, made it possible to introduce major support programmes for the NOCs, eventually reaching the current stage whereby, through the implementation of quadrennial plans consisting in World and Continental Programmes, the 202 NOCs of the world are receiving the benefits offered by Olympic Solidarity in a fair and rational way (Solidariedade Olímpica, 2006 p.8,9).

⁷¹⁸ In: Ata da 84ª Sessão do COI - Baden-Baden, 29 de setembro a 2 de outubro de 1981, p.2.

Olympic Solidarity is totally funded by the share of the TV rights from the broadcasting of the Olympic Games, which belongs to the NOCs (Solidariedade Olímpica, 2006 p.12,13).

A partir dos JO de Los Angeles (1984), com o aumento progressivo dos direitos televisivos, foi possível progredir de uma distribuição de subsídios para uma estrutura de administração destes recursos, seguindo os parâmetros estabelecidos pelo COI (Solidariedade Olímpica, 2006; COI⁷¹⁹).

Starting at the Games of the XXIII Olympiad in Los Angeles in 1984, the increasing income generated by television rights allowed the launch of key programmes to assist the NOCs. Since 1985, the Olympic Solidarity Commission has developed its activities on a quadrennial-plan basis (COI⁷²⁰).

6.2.3.2 A Gestão

A Solidariedade Olímpica tem por principal objetivo dar assistência aos CONs em maior necessidade, sendo responsável pelos programas, orçamentos, logística e implementação e outras ações ligadas aos seus objetivos.

Olympic Solidarity's aim is to organise assistance for all the National Olympic Committees (NOCs), particularly those with the greatest needs, so that they can develop their own structures to favour the expansion of sport in their country (COI⁷²¹).

The Commission is responsible for managing the activities of Olympic Solidarity through: approval of programmes; approval of budgets; execution of the programmes and their logistic needs; recording and controlling activities; as well as all other actions relating to the objectives for which it was created (Solidariedade Olímpica, 2006 p.11).

A principal missão da Solidariedade Olímpica é planejar, organizar e controlar a execução dos programas para os CONs.

Olympic Solidarity's main mission is to plan, organise and control the execution of the support programmes for the NOCs, particularly those that need it most, as stipulated in the Olympic Charter (Solidariedade Olímpica, 2006 p.10,11).

Em 2001, foi feita uma proposta pelo Presidente da ACON, e aprovada por Samaranch, que tinha por objetivo iniciar um processo de descentralização de fundos

⁷¹⁹ In: <http://www.olympic.org/olympic-solidarity-commission>. Consultado em 05 de setembro de 2011.

⁷²⁰ In: <http://www.olympic.org/olympic-solidarity-commission>. Consultado em 05 de setembro de 2011.

⁷²¹ In: <http://www.olympic.org/olympic-solidarity-commission>. Consultado em 05 de setembro de 2011.

para as Associações Continentais. O objetivo era permitir que as Associações Continentais pudessem decidir os destinos dos recursos recebidos de acordo com as suas necessidades. A ideia era ter uma atenção especial para as necessidades e prioridades de cada CON e das Associações Continentais.

The decentralisation process of the funds towards the Continental Associations was initiated in 2001, with the objective that Continental Associations should be able to decide on the use of financial resources according to their particular needs, priorities and interests, as well as those of their NOCs. For the 2005-2008 quadrennial plan and onwards, the Olympic Solidarity Commission has widened the decentralisation process to the Continental Associations and increased the financial assistance to the NOCs.⁷²²

Com a entrada de Jacques Rogge na Presidência do COI importantes iniciativas foram tomadas como a introdução do plano quadrienal 2001-2004 com a atribuição de 40% dos fundos da marca olímpica para o desenvolvimento da ACON e das Associações Continentais. Rogge, tomou como iniciativa dar mais força para as atividades da Comissão e afirmou sua vontade em continuar a política da Solidariedade Olímpica e o seu processo de operação descentralizada através das Associações Continentais e ACON.

Para atingir os seus objetivos as seguintes iniciativas foram tomadas:

- The IOC President appointed the President of ANOC as Chairman of the Olympic Solidarity Commission.
- The Commission was re-structured to include 15 members, the majority being Continental Association, ANOC and athlete representatives.
- The Olympic Solidarity 2001-2004 quadrennial plan was introduced, through which the management of 40% of the funds earmarked for development programmes was transferred to ANOC and the Continental Associations (Solidariedade Olímpica, 2006 p.8,9).

Como consequência da estratégia de criação da Solidariedade Olímpica, o programa para o quadriênio de 2009-2012 recebeu os seguintes recursos para as suas três rubricas fundamentais:

- Programas do Mundo: rubrica destinada a cobrir e reforçar todas as áreas do desenvolvimento do desporto, como os atletas, treinadores, gestão dos CONs e a promoção dos valores olímpicos - US\$ 134 milhões;

⁷²² In: <http://www.olympic.org/olympic-solidarity-commission>. Consultado em 05 de setembro de 2011.

- Programas Continentais: rubrica destinada a satisfazer necessidades específicas de cada continente - US\$ 122 milhões;
- Subsídios à participação nos Jogos Olímpicos: rubrica destinada a compensar as despesas dos CONs antes, durante e depois dos JO.⁷²³

6.3 Olimpismo & Meio Ambiente

De uma maneira geral, as pessoas entendem que o desporto, em quaisquer circunstâncias, é uma atividade virtuosa, pelo que as diversas modalidades, bem como os eventos desportivos estão isentos dos inúmeros malefícios que podem prejudicar o meio ambiente⁷²⁴ e a sociedade. Entretanto, o que se pode evidenciar é que nem as modalidades são assépticas, nem os eventos estão isentos de provocarem enormes estragos ambientais e sociais. Por exemplo, de acordo com Philipp Von Schoeller, Membro Austríaco do COI, o “mountain bike” estava a causar muitos problemas políticos na Áustria, tanto em questões ambientais como sociopolíticas. Os problemas relacionados com os impactos ambientais negativos e o desrespeito pela propriedade privada eram enormes e a responsabilização dos donos das propriedades, em caso de acidente, estavam a colocar a situação fora de controlo das autoridades desportivas. Então, Schoeller pediu que o COI interviesse junto da União Ciclista Internacional para que colocassem os seus membros sob controle.

Mountain bikers caused damage to the environment, and game keeping had become impossible in some parts of the country where it was widely practised. Mountain bikers would not accept the concept of private property, and had formed political lobbies. The problem had been discussed in the Austrian parliament, since the grotesque situation existed that if a mountain biker had an accident on private property, the landowner was legally responsible.⁷²⁵

Samaranch, que em 1992, tinha estado intimamente ligado ao projeto “Earth Pledge”,⁷²⁶ considerou a questão como sendo importante e, de imediato, pediu a Schoeller que enviasse ao COI a decisão do Parlamento Austríaco antes do COI contatar

⁷²³ In: <http://www.olympic.org/olympic-solidarity-commission>. Consultado em 05 de setembro de 2011.

⁷²⁴ O termo “meio ambiente” tem uma ampla aceitação nos países de língua portuguesa. Entretanto, alguns países como Portugal utilizam o termo “ambiente” como sinónimo.

⁷²⁵ In: Ata da 101ª Sessão do COI - Mônaco, 21 a 24 de setembro de 1993, p.22.

⁷²⁶ O “Earth Pledge” é um documento com diretrizes a serem seguidas para tornarem o Planeta um local seguro e adequado para as presentes e futuras gerações. Seguindo recomendações da Rio 92 as FIs e CONs assinaram o “Earth Pledge” durante os JO de Barcelona (1992). Com isto o MO se comprometeu a fazer o seu melhor para seguir estas recomendações.

a UCI uma vez que, se a decisão do Parlamento Austríaco fosse seguida por outros países, a modalidade ficaria em dificuldades.⁷²⁷

Entretanto, o que se passa em relação às modalidades desportivas a uma escala simples passa-se, também, a outra escala muito mais complexa se considerarmos eventos desportivos como, por exemplo, o Euro (2004) em Portugal, ou os JO em Atenas (2004) na Grécia, que, de um momento para o outro, se transformaram em agressores do meio ambiente, da sociedade e das próprias populações que, enquanto contribuintes, ficaram com as dívidas para pagar. Samaranch parece ter tido a percepção de que estava a começar um tipo de reivindicação que o obrigaria a ter para com os JO uma estratégia de comunicação externa cuja imagem devia ser a de que o COI estava empenhado em organizar “Green Games”. Aliás, Samaranch sabia que os primeiros protestos relativos à questão dos malefícios sobre o meio ambiente, provocados pelos grandes eventos desportivos, aconteceram nos JO de Inverno em Lake Placid (1932) (Hopsicker, 2009), pelo que não seria de admirar que as preocupações ecologistas voltassem ao domínio das preocupações da generalidade dos cidadãos.

Neste contexto, as notícias que anunciavam problemas, cada vez mais complicados, começaram a surgir a respeito de agressões ao meio ambiente, por parte das mais variadas modalidades e organizações desportivas, como foi o caso dos JO de Inverno de Albertville, França (1992) (Meinberg, 1997 e DaCosta, 1997). Esta situação levou Samaranch, em 1995, após recomendações da Comissão de Estudos da 1ª Conferência Mundial de Desporto e Meio Ambiente⁷²⁸ a avançar com a ideia da constituição de uma Comissão para o Meio Ambiente cujo objetivo era, não só aumentar o padrão de exigência ambiental relativamente aos JO, mas, também, de outros eventos desportivos, usando para isto os apoios dos CONs e das FIs.⁷²⁹ Tal atitude estratégica, ainda segundo Samaranch, levaria o COI a dar o exemplo em matéria de “cultura ambiental” através da adoção pelo MO de um conjunto de opções políticas em matéria de desenvolvimento sustentável que não comprometeriam o futuro das gerações vindouras por decisões políticas erradas das gerações atuais.

Assim, o meio ambiente foi a terceira grande linha estratégica de Samaranch. Esta circunstância ficou expressa no relatório da Comissão de Desporto e Meio

⁷²⁷ In: Ata da 101ª Sessão do COI - Mônaco, 21 a 24 de setembro de 1993, p.24.

⁷²⁸ In: Ata da 105ª Sessão do COI - Atlanta, 15 a 18 de julho de 1996, p.165.

⁷²⁹ In: Ata da 105ª Sessão do COI - Atlanta, 15 a 18 de julho de 1996, p.166.

Ambiente (CDMA) de 2001, em que o seu presidente Pál Schmitt, no que diz respeito à liderança de Samaranch, afirmou que a adesão do COI à Agenda 21 da ONU foi uma das decisões mais importantes do Presidente do COI⁷³⁰ tendo este fato levado à adoção do conceito de desenvolvimento sustentável por Samaranch durante a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento da ONU de 1992 - Rio 92 (Costa, 2010) e ao início da elaboração da própria Agenda 21 do MO.⁷³¹

Como consequência dos casos cada vez mais frequentes de insustentabilidade ambiental, entre eles aqueles que decorriam das notícias provenientes da organização dos JO de Atlanta (1996), foram elaboradas pela CDMA algumas diretrizes, tais como: a ampliação dos requerimentos ambientais para as cidades candidatas; a produção de medidas para outros eventos desportivos de grande porte; o estabelecimento, em cooperação com as FIs, dos requisitos ambientais mínimos para os eventos de cada modalidade desportiva; e a produção de diretrizes para o planeamento e construção de infraestruturas desportivas. Além disto, e talvez o mais importante, foi a decisão e seguir as recomendações da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento - Rio 92, e estabelecer uma Agenda 21 do MO que poderia e deveria incluir os aspetos ligados à relação entre desporto e meio ambiente.⁷³²

E o sucesso do COI foi de tal ordem que, em 2007, o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) agraciou Jacques Rogge com o prémio “Champion of the Earth”:

As he (Schmitt) and Mr. Ng had received the “Champion of the Earth” award on behalf of the President, they wished to present it to him now. On receiving the award, the President pointed out that it was not his prize; it was in fact that of the Sport and Environment Commission - its Chairman and members - the competent IOC administration and the Coordination Commission chairmen.⁷³³

E Rogge agradeceu remetendo os elogios para trabalho da Comissão:

The president thanked the Sport and Environment Commission, which had many enthusiastic members. The

⁷³⁰ In: Ata da 112ª Sessão do COI - Moscovo, 13 a 15 de julho de 2001, p.17,18.

⁷³¹ The Olympic Movement's Agenda 21 should serve as a useful reference tool for the sports community at all levels in the protection of the environment and enhancement of sustainable development. This document, prepared by the IOC Sport and Environment Commission, in close consultation with UNEP, lays out significant provisions for the active involvement of the global sports community in the protection and safeguarding of the environment (COI, 1999).

⁷³² In: Ata da 105ª Sessão do COI - Atlanta, 15 a 18 de julho de 1996, p.167.

⁷³³ In: Ata da 119ª Sessão do COI - Guatemala, 4 a 7 de julho de 2007, p.12.

environment was a major social responsibility for the IOC. The Turin Games were now seen by the NGOs as a benchmark in terms of the environment, just as Lillehammer had been in 1994. The IOC had good relations with the UN and could be proud of what had been achieved.⁷³⁴

Como Pál Schmitt referiu, em 2006, o tema do desenvolvimento sustentável passou a fazer parte dos discursos de Jacques Rogge que o assumiu como uma das linhas estratégicas da sua liderança.⁷³⁵ Contudo, o grande êxito de Rogge foi o de ter conseguido, a partir das questões da Agenda 21 e do meio ambiente, colocar o COI no seio da ONU.

Com o objetivo de tratar em mais detalhes as questões relativas ao Meio Ambiente este subcapítulo foi estruturado em duas partes. 1ª) Apresenta o Meio Ambiente como o quarto pilar do Olimpismo moderno, ao lado do desporto, da cultura e da educação; e 2ª) Trata da evolução das questões ambientais no seio do COI, da criação da Comissão de Desporto e Meio Ambiente e da Agenda 21 do Movimento Olímpico.

6.3.1 O 4º Pilar do Olimpismo Moderno

Devido a adoção do conceito de desenvolvimento sustentável por Samaranch, na Rio 92, a posterior integração das FIs e CONs ao “Earth Pledge” e a integração do MO na Agenda 21 da ONU, o ano de 1992, pode ser considerado o ano em que as preocupações ambientais começaram a tomar forma nas estratégias desenvolvidas pelo COI ao tempo da presidência de Samaranch começando-se a construir aquilo que viria a ser o 4º Pilar do Olimpismo moderno. Na realidade, o meio ambiente depois da economia (recursos necessários ao desenvolvimento do MO), e da institucionalização do profissionalismo nos JO, foi uma das três grandes linhas estratégicas da atuação de Samaranch durante os seus mais de vinte anos de presidência.⁷³⁶

Pelo exposto, podemos evidenciar que, a partir de 1992, começou a ser erguido o quarto pilar do MO moderno, quer dizer, o pilar do meio ambiente. Esta perspectiva, foi entendida pela própria CDMA que propôs a inclusão do meio ambiente como a terceira dimensão do Olimpismo ao lado do desporto e da cultura e a criação de um fundo específico para tratar destas questões. Na ata da 105ª Sessão do COI, realizada em Atlanta de 15 a 18 de julho de 1996, pode ler-se:

⁷³⁴ In: Ata da 118ª Sessão do COI - Turim, 8 a 10 e 26 de fevereiro de 2006, p.19.

⁷³⁵ In: Ata da 118ª Sessão do COI - Turim, 8 a 10 e 26 de fevereiro de 2006, p.19.

⁷³⁶ In: Ata da 105ª Sessão do COI - Atlanta, 15 a 18 de julho de 1996, p.165,166.

IOC's initiatives to place environment as the third dimension of Olympism alongside sport and culture, have received a warm welcome in the communities and created many expectations. It is important that the Olympic Movement, and particularly the IOC, keeps up with its responsibility and further broaden its environmental policy for sustainable development. The Commission believes that more initiatives should be undertaken in this field and therefore recommends to the IOC President and the Executive Board members to allocate a "Green Fund" for all these activities.⁷³⁷

Muito provavelmente, foi por distração que a CDMA não considerou o pilar da educação que vinha desde o tempo de Coubertin ao lado da cultura e o desporto. Na realidade, só pode ter sido uma distração, na medida em que a CDMA, em 1996, logo no seu primeiro ano de existência, considerou a educação como sendo a sua primeira prioridade pelo que até estipulou que o meio ambiente deveria ser incluído em um manual educacional sobre o Olimpismo e até recomendou que tal trabalho fosse realizado pela Academia Olímpica Internacional. E como só podia ter sido uma inexplicável distração, logo no segundo encontro anual da CDMA, realizado em 11 de abril 1997, em Lausanne, foi elaborada uma lista de recomendações a ser submetida à Comissão Executiva e à Sessão Plenária. Entre elas, recomendava-se que fosse emendado o segundo princípio fundamental da CO, referindo explicitamente o meio ambiente como o 4º pilar do Olimpismo. A proposta de modificação da CO foi a seguinte:

Olympism is a philosophy of life, exalting and combining in a balanced whole the qualities of body, will and mind. Blending sport with culture, education, and the environment, Olympism seeks to create a way of life based on the joy found in effort, the educational value of good example and respect for universal fundamental ethical principles.⁷³⁸

Portanto, hoje, parece não existirem dúvidas que o meio ambiente é o quarto pilar do Olimpismo com uma importância idêntica aos demais. E Kaltschmitt Luján, membro do COI para a Guatemala e da Comissão de Meio Ambiente do COI, salientou que a mensagem moto do programa de meio ambiente do COI devia ser: “we were all human beings and lived in the same environment”. Para ele, o MO era, provavelmente, o maior modelo mundial para a causa ambiental e os países que sediavam os JO tinham uma grande oportunidade para dar o exemplo.⁷³⁹

⁷³⁷ In: Ata da 105ª Sessão do COI - Atlanta, 15 a 18 de julho de 1996, p.168.

⁷³⁸ In: Ata da 106ª Sessão do COI - Lausanne, 3 a 6 de setembro de 1997, p.146.

⁷³⁹ In: Ata da 106ª Sessão do COI - Lausanne, 3 a 6 de setembro de 1997, p.21.

6.3.2 O COI, a CDMA e a Agenda 21

Assim como a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento da ONU - Rio 92, o Congresso Olímpico do Centenário (1994) foi um marco muito importante para o MO porque deu início a um conjunto de atividades formais no domínio do meio ambiente e do desenvolvimento sustentável que haviam de conduzir, em 1995, à institucionalização da CDMA do COI que ocorreu após a realização em Lausanne, em cooperação com o PNUMA, da 1ª Conferência Mundial de Desporto e Meio Ambiente (1995). A conferência teve por objetivo aproximar as organizações governamentais e não-governamentais no que diz respeito ao meio ambiente e ao desenvolvimento sustentável.⁷⁴⁰ Neste evento, Pál Schmitt teve a oportunidade de explicar aos membros do COI que a Agenda 21 da ONU, adotada durante a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento - Rio 92, estava direcionada para preparar o mundo para as mudanças do próximo século através da promoção do conceito de desenvolvimento sustentável ao qual o MO deveria aderir. Este conceito foi adotado por Samaranch no próprio evento, e segundo o Relatório de Brundtland (1987):⁷⁴¹

O desenvolvimento sustentável satisfaz as necessidades da geração presente sem comprometer as possibilidades das gerações futuras de satisfazerem as suas próprias necessidades.⁷⁴²

Em consequência, dois anos após a realização do Congresso do Centenário (1994), conhecido com Congresso da Unidade, o ano de 1996 foi marcante para o MO na medida em que iniciaram oficialmente as atividades da CDMA. Pál Schmitt no seu primeiro relatório à Sessão do COI, salientou que tinham sido estipulados um conjunto de requisitos mínimos para as cidades sede, pelo que as Comissões de Coordenação e de Avaliação deveriam passar a ter um profissional especialista em questões ambientais. Ainda informou que os COJOs estavam a dar uma atenção especial às questões relativas ao meio ambiente o que valorizava a posição do COI em termos da sua imagem

⁷⁴⁰ In: Ata da 104ª Sessão do COI - Budapeste, 15 a 18 de junho de 1995, p.1.

⁷⁴¹ Relatório Brundtland é o documento intitulado Nosso Futuro Comum que foi elaborado e publicado em 1987 pela Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento da ONU. Além de apresentar um novo conceito de desenvolvimento sustentável amplamente utilizado a partir de então o relatório faz parte de uma série de iniciativas, anteriores à Agenda 21, que salientam a necessidade de uma visão crítica ao modelo de desenvolvimento adotado pelos países industrializados e reproduzido pelas nações em desenvolvimento. O documento chamava a atenção para os riscos do uso excessivo dos recursos naturais sem considerar a capacidade de suporte dos ecossistemas e os prejuízos às gerações vindouras.

⁷⁴² In: Ata da 109ª Sessão do COI - Seul, 17 a 19 de junho de 1999, p.113.

internacional. Na perspectiva do Presidente da CDMA, em matéria de meio ambiente, o principal objetivo do COI era dar bons exemplos e aumentar a atenção e o sentido de responsabilidade das pessoas relativamente aos problemas do meio ambiente. E para melhor ilustrar o seu pensamento Schmitt citou a expressão, ao tempo, usada por ambientalistas “pense globalmente, aja localmente” acrescentando que o MO tinha a oportunidade de iniciar uma resposta global aos problemas que, do ponto de vista local, iam sendo levantados pela ação direta das populações atingidas pelas construções relativas à organização dos JO. Para ele, o COI, ao trabalhar em cooperação com outras instituições, teria uma posição única para fazer o resto do mundo saber das grandes questões que se estavam a colocar no domínio da defesa do meio ambiente e do desenvolvimento sustentável. Assim sendo, na perspectiva Kaltschmitt Luján, a criação da CDMA foi uma das melhores decisões do COI ao tempo de Samaranch pelo que a mesma há muito que já devia ter sido tomada, posição também sustentada por Pál Schmitt, em 2001.

Mr Kaltschmitt Luján wished to congratulate Mr. Schmitt on his report. The decision to create a Sport and Environment Commission was one of the best decisions the IOC had made, and should perhaps have been taken much earlier.⁷⁴³

No ano seguinte, em 1997, surgiram recomendações da CDMA para o MO. Em suma ela recomendava ao MO: incentivar os CONs a terem um representante para o meio ambiente; organizar os “National Clean-Up Days”; implementar planos de ação ambiental na comunidade desportiva; estimular a adoção pelas FIs e CONs de diretrizes para a proteção ambiental às infraestruturas e equipamentos para cada desporto; aproveitar as experiências dos COJOs anteriores; manter e reforçar, no âmbito das relações internacionais, contatos próximos com o PNUMA e outras partes interessadas; publicar um manual⁷⁴⁴ para os membros da família olímpica, apresentando diretrizes gerais para a proteção ambiental na comunidade desportiva; enviar, através da media, mensagens educacionais; publicar, especialmente na *Olympic Review*, artigos regulares sobre o meio ambiente; utilizar a Internet como meio de divulgação; e usar posters para evidenciar os casos de sucesso e expô-los no Museu Olímpico.⁷⁴⁵

⁷⁴³ In: Ata da 105ª Sessão do COI - Atlanta, 15 a 18 de julho de 1996, p.29.

⁷⁴⁴ Outra ação da Comissão foi a publicação do manual do desporto e do ambiente também em 1997 que apresentava as diretrizes de proteção ambiental e sugeria como elaborar estratégias e planos de ação para a organização de eventos. Um folheto sobre o MO e o ambiente também foi criado e disponibilizado na Internet. In: Ata da 106ª Sessão do COI - Lausanne, 3 a 6 de setembro de 1997, p. 146.

⁷⁴⁵ In: Ata da 106ª Sessão do COI - Lausanne, 3 a 6 de setembro de 1997, p.146,147.

Neste contexto, e com a assunção da adesão à Agenda 21 da ONU, o COI passou a elaborar uma agenda própria, a Agenda 21 do MO. A este respeito Pál Schmitt comunicou aos membros, na 109ª Sessão do COI realizada em Seul, de 17 a 19 de junho de 1999, que entre os principais temas tratados no relatório do 4º Encontro da CDMA realizado em Lausanne em 23 de março de 1999, estava a 3ª Conferência Mundial de Desporto e Meio Ambiente, a ser realizada no Rio de Janeiro entre os dias 21 e 24 de outubro de 1999, onde a Agenda 21 do MO seria adotada. Foi ainda salientado por Schmitt que a implementação da Agenda 21 do MO⁷⁴⁶ era uma oportunidade para o MO se associar ao programa de desenvolvimento sustentável da ONU:

The Agenda 21 will establish an action programme allowing the Olympic Movement to participate in the global programme of sustainable development, and will define the responsibilities of its different members in implementing actions which respect the concept of sustainable development. It is aimed at the members of the Olympic Movement and all those involved in sport who share its values as well as all those who practise sport and companies linked to sport.⁷⁴⁷

A Agenda 21 do MO, inspirada na Agenda 21 da ONU e adaptada para as características do mundo do desporto e do Olimpismo, indicava em linhas gerais as atividades que no âmbito do MO deviam ser seguidas pelo COI, FIs, CONs, COJOs, atletas, clubes, técnicos e todos os associados ao desporto seja individualmente ou coletivamente.⁷⁴⁸

É importante salientar que o conceito de desenvolvimento sustentável da Agenda 21 do MO não se circunscrevia exclusivamente às questões do meio ambiente já que englobava outras áreas da atividade humana. A este respeito, Pál Schmitt alertava:

It is important to point out that while the respect for the environment is of major concern for Agenda 21, its main focus is on sustainable development which implies action in many different domains, encompassing many areas of human activity.⁷⁴⁹

Neste contexto, evidenciamos também que a estratégia do COI, no que diz respeito às questões ambientais e do desenvolvimento sustentável, passou pela completa

⁷⁴⁶ A Agenda 21 do MO foi preparada por Joseph Tarradellas com a colaboração de Shahbaz Behnam, tendo sido seleccionadas, entre muitas áreas, aquelas em que a comunidade desportiva e o MO estavam em posição de ajudar. In: Ata da 109ª Sessão do COI - Seul, 17 a 19 de junho de 1999, p.113.

⁷⁴⁷ In: Ata da 109ª Sessão do COI - Seul, 17 a 19 de junho de 1999, p.113.

⁷⁴⁸ In: Ata da 111ª Sessão do COI - Sidney, 11 a 13 de setembro de 2000, p.120.

⁷⁴⁹ In: Ata da 109ª Sessão do COI - Seul, 17 a 19 de junho de 1999, p.118.

descentralização e autonomia em questões da responsabilidade das autoridades nacionais competentes, conforme se expressava na ata:

Notes that notwithstanding the establishment of the IOC Commission on Sport and the Environment, it must be remembered that the ultimate responsibility for matters relating to the environment rests with the competent authorities and that the proper role of the IOC is to encourage environmentally responsible conduct.⁷⁵⁰

A este respeito o conceituado membro canadiano do COI, Dick Pound, relembrou as palavras de um ex-primeiro Ministro Canadano, Pierre Trudeau, quando disse que não era possível ter uma política internacional sem se ter uma política nacional. Neste sentido, o COI deveria insistir para que os outros tivessem as suas próprias políticas ambientais, já que as situações fugiam da sua responsabilidade:

If national organizations did something to promote awareness, this would strengthen the IOC's position worldwide. Promotion was also the reason for organizing world conferences. They were doing their best. He (Schmitt) also agreed with Mr. Pound. Standards were different throughout the world. In the last few host cities, standards of environmental awareness had been very high. The IOC had agreed Agenda 21 and used this as a guideline. They should work on this area and this would be on the future agenda of the Commission.⁷⁵¹

Fica evidente que uma ótica de desenvolvimento sustentável podia, perfeitamente, ser integrada nas políticas já em curso nas organizações desportivas nacionais e internacionais. Nesta perspectiva, os responsáveis deviam agir a fim de assegurar que as atividades desportivas das suas organizações enquadrassem a filosofia imanente do desenvolvimento sustentável. Para o efeito, os grandes propósitos da Agenda 21 do MO foram impressos em forma de um livrete que foi enviado para os CONs, FIs e organizações que o COI tinha contato.

Overall, the response has been positive and the Agenda 21 is already being used as a blueprint for local environmental activities by sports bodies.⁷⁵²

Na realidade, a adesão à Agenda 21 da ONU foi uma excelente oportunidade para Samaranch afirmar a posição do COI como instituição supranacional, com interesses muito mais vastos do que aqueles que, de uma maneira geral, a grande maioria dos cidadãos lhe atribuem. Assim, a Agenda 21 do MO não se circunscreveu

⁷⁵⁰ In: Ata da 105ª Sessão do COI - Atlanta, 15 a 18 de julho de 1996, p.79.

⁷⁵¹ In: Ata da 115ª Sessão do COI - Praga, 2 a 4 de julho de 2003, p.18.

⁷⁵² In: Ata da 111ª Sessão do COI - Sidney, 11 a 13 de setembro de 2000, p.119.

exclusivamente aos valores do meio ambiente. Também propôs linhas norteadoras, regras e ações a fim de que MO pudesse agir em áreas como: a cooperação internacional, o combate à exclusão e à pobreza, a mudança de hábitos de consumo, a proteção da saúde e a habitação, integrando o conceito de desenvolvimento sustentável nas políticas desportivas.⁷⁵³ Finalmente, Samaranch, com a adesão à Agenda 21 da ONU, acabou por ganhar para o COI uma posição de estatuto de “membro observador” junto da ONU muito embora este desiderato, eventualmente até o mais importante, só tendo vindo a acontecer na liderança de Jacques Rogge.

Assim, mais uma vez, a visão internacionalista de Coubertin esteve presente já que a decisão de se avançar para as questões do meio ambiente, por via da Agenda 21 da ONU e do desenvolvimento sustentável, mais não foi do que prosseguir com o grande objetivo internacionalista que Coubertin para quem o COI devia ser uma instituição supra-nacional à qual os países tinham de ajustar a sua vontade.

6.4 Soft Power

Muito embora o desporto, ao longo do século XX, através do “agôn” que lhe é próprio, tenha sido um tempo e um espaço de confronto indireto entre os grandes blocos que se digladiavam no quadro político e ideológico da Guerra Fria, o que é fato é que, desde as suas origens, o desporto foi também, um tempo e um espaço de concórdia, quer dizer, um catalisador para a resolução de inúmeros conflitos que, de outra maneira, poderiam ter originado uma escalada de violência, de terror e de morte, com resultados extraordinariamente gravosos para as nações e os povos em confronto.

Foi esta a perspectiva de Pierre de Coubertin quando, em 1894, institucionalizou o MO moderno ao fundar em Paris o COI que, através do desporto, da educação e da cultura, tinha como grande objetivo a promoção da paz e do progresso entre as nações e os países através da institucionalização de uma competição desportiva nobre e leal entre os Homens organizada a uma escala mundial. Contudo, o que aconteceu, fundamentalmente a partir dos anos trinta com a atribuição da organização dos JO da XI Olimpíada à cidade de Berlim (1936), foi a construção de um folclore à volta de um certo “apolitismo desportivo” protagonizado por Avery Brundage, primeiro enquanto

⁷⁵³ In: Ata da 109ª Sessão do COI - Seul, 17 a 19 de junho de 1999, p.16,17.

presidente do Comité Olímpico dos EUA, depois como vice-presidente do COI e, finalmente, a partir de 1952 como presidente da própria instituição. Hoje é possível afirmar, que Brundage, enquanto dirigente desportivo, distorceu completamente o pensamento de Coubertin ao afirmar que o desporto nada tinha a ver com a política.

Em conformidade, o MO viu-se encurralado entre duas perspectivas opostas: de um lado, aqueles que, tal como Meynaud (1966), defendiam a inter-relação entre desporto e política quando afirmavam existir “toda uma literatura que exalta a contribuição do Olimpismo à causa da civilização e da paz - recordemos a este respeito que em fevereiro de 1953 um grupo de parlamentares finlandeses e suecos propuseram a candidatura do COI ao prémio Nobel da Paz” (p.245), ou como McIntosh (1975) que afirmava que “não há dúvida de que o Barão de Coubertin não considerou o desporto como nada tendo a ver com a política quando fundou os modernos Jogos Olímpicos. Ele esperava que as atividades desportivas pudessem melhorar as relações políticas entre as nações” (p.229). Do outro lado, debaixo da liderança de Brundage, organizavam-se todos aqueles que defendiam que o desporto nada tinha a ver com a política pelo que devia ser considerado uma atividade humana asséptica livre de qualquer contaminação por parte da política e dos pecados do mundo.

A tese que se defende é que o desporto em geral e o MO em particular têm tudo a ver com a política, contudo, as suas missões têm de ser prosseguidas não na base do confronto “hard”, duro e direto do poder, mas através de uma abordagem “soft”, macia, doce e indireta para além da política tradicional.

Defendemos que este poder “soft” foi pela primeira vez utilizado nos tempos modernos à escala do Planeta por Pierre de Coubertin quando, em 25 de novembro 1892, no âmbito das comemorações do cinquentenário da “Union des Sports Athlétiques” apresentou no grande auditório da Sorbonne em Paris uma conferência intitulada “Les Exercices Physiques dans le Monde Moderne”. A este respeito, Coubertin (1996) relatou nas suas “Memoires Olympiques”:

... decidi terminar a minha apresentação de uma forma sensacionalista através do anúncio da restauração dos Jogos Olímpicos. E assim foi. Naturalmente que eu tinha planeado tudo excepto o que aconteceu. Oposição? Protestos, ironia? Ou mesmo indiferença? ... Nada disso. Aplaudiram, eles aprovaram, desejaram-me um grande sucesso, mas ninguém me tinha entendido. Era a incompreensão total, absoluta que começava. Durou muito tempo (p.21).

Em nossa opinião, a incompreensão a que Coubertin aludiu durou até 2001. Começou a ser desfeita com as novas posições de Jacques Rogge no início da XXIX^a Olimpíada. De fato, a maneira como o presidente do COI abordou os problemas políticos que decorreram da posição da RPC relativamente às liberdades internas, à questão do Tibete e à guerra do Darfur, levam-nos a acreditar que Rogge institucionalizou, de novo, uma prática política baseada em uma estratégia de “soft power” que vinha do tempo de Coubertin.

Este último subcapítulo tem por objetivo analisar as questões relativas ao “soft power” como sendo uma adequada linha ideológica de orientação estratégica do COI. Para isto, está dividido em oito partes. 1^a) A visão de Pierre de Coubertin; 2^a) A Conquista da Grécia; 3^a) Jogos Olímpicos de Berlim (1936); 4^a) Fora de Controlo; 5^a) Apolitismo Desportivo; 6^a) Ping-pong e “Soft Power”; 7^a) O Fim do Apolitismo Desportivo; e 8^a) Desenvolvimento Humano e “Soft Power”.

6.4.1 A Visão de Pierre de Coubertin

Na nossa perspectiva o “soft power” tem a sua origem na Grécia antiga quando os gregos paravam as guerras a fim de construírem a paz e o futuro a partir dos JO que organizavam para esse efeito. Era a Trégua Olímpica (TO) que levava os gregos em uma atitude de “soft power” através da festa, dos JO e da consulta aos grandes oráculos a perspectivarem o futuro de uma forma pacífica e positiva.

Coubertin, ao avançar para a institucionalização dos JO da era moderna, teve precisamente este sentimento de futuro. Dizia ele, na reunião de 1894, onde foram institucionalizados os JO da era moderna:

Que não restem dúvidas sobre os benefícios que a restauração dos Jogos Olímpicos tanto ponto de vista do atletismo como moralmente e internacionalmente, estes jogos são restaurados na base e nas condições compatíveis com as necessidades da vida moderna.⁷⁵⁴

A organização de um desporto promotor de uma competição nobre e leal em benefício da paz e do progresso, em uma Europa destroçada porque acabara de sair das guerras napoleónicas, foi a ideia que motivou o projeto desencadeado por Coubertin em finais do século XIX. A visão de Coubertin ia muito para além da pedagogia, ele tinha do desporto uma visão eminentemente política sustentada no pensamento de dois dos

⁷⁵⁴ In: Bulletin du Comité International des Jeux Olympique (1894), 1(1).

seus principais mentores, o sociólogo Frédéric Le Play (1806-1882) e o filósofo Hippolyte Adolphe Taine, pelo que, para ele, a pedagogia era um simples instrumento da política. Como refere Loland (1995), Coubertin tinha pouca simpatia pela nobreza francesa do fim de século XIX bem como pela alta burguesia que, do ponto de vista político, considerava irresponsáveis e, do ponto de vista moral, corruptas. Assim sendo, o MO não podia, tal como uma outra qualquer instituição, deixar de ter uma perspectiva política relativa à organização social e ao futuro da sociedade sob pena de entrar em desagregação. Assim sendo, o maior êxito de Coubertin foi, em uma perspectiva “soft”, sentar à mesma mesa e pôr a competir nos mesmos espaços de jogo, nações que tinham protagonizado as mais selváticas lutas durante os últimos cem anos.

Esta perspectiva de gerir a política através de uma estratégia “soft” em alternativa a uma estratégia “hard” sempre foi a perspectiva de Coubertin. Nestes termos, podemos dizer que, no mundo moderno foi ele uma das primeiras entidades a utilizar o “soft power” como instrumento de poder no sentido de conseguir uma maior aproximação entre os Homens em um quadro positivo de relações entre países.

Para Coubertin a pedagogia era um instrumento da política e, como tal, em um trabalho de 1913, em termos filosóficos e políticos defendia um comportamento altruísta. Para Coubertin, tratava-se de:

Empregar todos os meios próprios ao desenvolvimento das qualidades físicas a fim de as fazer servir o bem coletivo. Manter essas qualidades abstendo-se de qualquer coisa que a possa desnecessariamente degradar ... é a boa fórmula (Coubertin, 1913 p.137).

E, depois, continuava:

O desporto não é senão um adjuvante indireto da moral. Para que ele se torne um adjuvante direto, é necessário que se lhe atribua um objetivo refletido de solidariedade que o eleve acima dele mesmo (Coubertin, 1913 p.137).

Na realidade, Coubertin entendia o desporto para além do próprio desporto, e foi nesta perspectiva que, em 1894, propôs ao Congresso o restabelecimento dos Jogos Olímpicos conforme as necessidades da vida moderna e, depois, já em 1895, se lançou àquilo que ele próprio designou como “A Conquista da Grécia” (Coubertin, 1996 p.21).

6.4.2 A Conquista da Grécia

Ao tempo, o que estava em causa era a organização dos JO de Atenas em 1896, contudo, como podemos apreciar nas suas “Memórias Olímpicas” (Coubertin, 1996), até ao último combate da sua vida, que foi a defesa da realização dos JO de Berlim (1936), a paz foi uma questão onipresente nos seus discursos e escritos porque, para ele, o desporto era um instrumento de concórdia e de paz social, pelo que as classes sociais menos favorecidas também deviam ter acesso aos benefícios da prática desportiva.

Quando em finais de 1894, completamente sozinho, Coubertin se dirigiu a Marselha a fim de embarcar com destino ao porto do Pireu na Grécia estava a jogar a cartada da sua vida na medida em que, muito embora a organização dos JO em Atenas (1896) tivesse uma boa aceitação popular, tinha também da parte do Governo na pessoa do seu Primeiro-ministro Charilaos Tricoupis (1832-1896) a mais completa oposição. A Grécia vivia enormes dificuldades financeiras para além de uma enorme turbulência política. Coubertin, sem qualquer poder formal, jogou como ninguém com a correlação de forças que do ponto de vista político e partidário interagiam na Grécia. Ele era um jogador do “soft power”, pelo que conseguiu ultrapassar a própria vontade do Primeiro-ministro grego. Mas não só, porque Coubertin, indiretamente, provocou a própria demissão de Tricoupis. E, acerca da sua estadia em Atenas, conta nas suas memórias:

Passei o tempo a fazer visitas aos políticos e aos jornalistas conduzido pelos meus novos amigos George Melas filho do Presidente da Câmara de Atenas e Alexandre Mercati filho do diretor do Banco e camarada de infância do príncipe real (Coubertin, 1996 p.26).

Em 13 de janeiro de 1895, o Príncipe Herdeiro convocou uma reunião para uma das Salas do Zappion⁷⁵⁵ onde anunciou a abertura dos trabalhos do Comité Organizador dos Primeiros Jogos Olímpicos Internacionais. Em face dos acontecimentos, podemos dizer que o arranque dos JO da era moderna foi uma vitória de uma estratégia de “soft power” protagonizada por Coubertin em um mundo habituado a resolver os seus problemas através da violência das armas.

⁷⁵⁵ Edifício mandado erigir por Evangelis Zappas (1800-1865) a fim de albergar os Jogos Olímpicos. Foi inaugurado em 20 de outubro de 1888. Evangelis Zappas foi um homem de negócios e filantropo grego que, hoje, é reconhecido como um dos fundadores dos Jogos Olímpicos da era moderna na medida em que patrocinou a organização de uns Jogos Olímpicos em Atenas nos anos de 1859, 1870 e 1875.

Na sua estratégia de “soft power” como ele próprio explica nas suas “Memórias Olímpicas”, não tinha qualquer problema em fazer-se passar por imbecil a fim de desarmar os opositores e conseguir os seus objetivos. No final dos JO Atenas (1896) Coubertin encontrava-se sozinho a defender a circulação dos JO por todas as grandes cidades do Mundo, enquanto a totalidade dos gregos, com o Rei à frente, defendia a helenização dos JO, quer dizer, deviam passar a realizar-se sempre em Atenas. Ora, no banquete final, perante o discurso do Rei que, na presença de todos os dirigentes políticos e atletas, defendia helenização dos JO, Coubertin, em uma brilhante estratégia de “soft power”, como ele próprio explica, optou por fazer-se passar por imbecil:

Primeiro tivemos de enfrentar o rei cujo discurso no banquete final, ao qual assistiram todos os atletas, me colocaram perante um dilema famoso: submeter-me ou renunciar. Eu já tinha decidido não fazer nem uma coisa nem outra. Por outro lado, a resistência em circunstâncias semelhantes, não era fácil. Decidi fazer de imbecil, o homem que não entende. Fingi ignorar o discurso real, sob o pretexto de ter sido proferido metade em grego e metade em francês pelo que a proposta de sediar permanentemente a organização dos JO em Atenas não tinha sido proferida em termos idênticos. Ignorei também o apoio conseguido da parte dos atletas americanos que apoiavam a iniciativa do soberano. De tudo isto a imprensa fazia grande barulho, mas eu era o surdo que não ouvia nada pelo que não podia entender nada (Coubertin, 1996 p.38,39).

Como hoje bem compreendemos, a estratégia de internacionalização dos JO, idealizada por Coubertin, garantiu que aquela tentativa desencadeada em 1894 de fazer ressurgir os JO não tenha sido tal como as anteriores, mais uma que acabou por se perder no tempo.

Desde os primórdios da organização dos JO modernos até ao seu combate final que foi a organização dos JO de Berlim (1936) Coubertin sempre teve uma perspectiva “soft” de utilização do desporto enquanto instrumento de paz ao serviço do desenvolvimentos humano.

6.4.3 Jogos Olímpicos de Berlim (1936)

Já na fase final da vida de Coubertin, os JO de Berlim (1936) desencadearam um grande número de protestos conducentes ao seu boicote. Coubertin, em uma perspectiva de “soft power”, porque os JO podiam ser promotores da paz de que a Europa necessitava, só podia estar do lado daqueles que defendiam a realização dos JO para além dos interesses de grupos que se digladiavam nos dois lados. Em conformidade, Coubertin apoiou a posição de Henri Baillet-Latour ao tempo presidente do COI que

defendeu intransigentemente a defesa dos JO para além das posições políticas em confronto.

Perante os detratores da posição de Coubertin, Laguillaumie (1972), Brohm (1981), Simonović (2004), há uma pergunta a fazer que, infelizmente, a história nunca há de responder: O que é que teria acontecido caso o COI tivesse boicotado os JO de Berlim?

De fato, não se tratava de, em uma estratégia de confronto direto, condenar o ódio racial nazista, como não se tratava de condenar o ódio racial que, ao tempo, imperava nos EUA. E tanto assim era que, se em 1933, foi institucionalizada na Alemanha uma medida política que determinava que todas as organizações atléticas alemãs só pudessem admitir membros de raça ariana, nos EUA, até 1965, sempre existiram leis que negavam aos cidadãos não-brancos toda uma série de direitos que punham em causa a dignidade humana.

Por isso, a estratégia estava em adotar uma posição crítica relativamente a ambas as situações e tentar introduzir elementos catalisadores a fim de as transformar em um sentido positivo. E tanto assim foi que as autoridades alemãs corrigiram algumas medidas contra os judeus bem como as autoridades norte-americanas fizeram-se representar por cidadãos negros que viviam nos EUA. Depois, o MO, muito provavelmente, devido aos feitos de Jesse Owens (1913-1980) e outros, acabou por acelerar as grandes transformações que viriam acontecer nos EUA, que tiveram um ponto alto com a cena do “Black Power”, em 1968, na Cidade do México. Claro que nem a participação de atletas negros na equipa dos EUA disfarçava o racismo que, à imagem do que acontecia no país, também havia dentro da própria equipa, nem a participação de alguns atletas judeus nos JO permite dizer que os nazistas não fizeram nenhuma discriminação.

O problema de 1936 foi o estar-se perante um ditador insano que três anos depois desencadeou a guerra na Europa que levou à morte de milhões de seres humanos e à destruição e divisão da própria Alemanha.

Não se pode pedir, como o faz W. J. Murray, professor de história da Universidade de Bundoora, Melbourne, que Coubertin conseguisse compreender para além da própria compreensão humana (Murray, 1992). Porque, o que os nazistas fizeram

ultrapassa tudo aquilo que a condição humana era ou é capaz de compreender. Eles se serviram de Coubertin em uma fase da sua vida em que já estava extraordinariamente debilitado do ponto de vista físico, moral e financeiro. Na realidade, os nazistas como refere Murray cortejaram intensamente Coubertin através de Lewald, o presidente do Comité Olímpico Alemão, assediando-o com a promessa de um reconhecimento que o seu próprio país, a França, nunca lhe foi capaz de dar. Criticavam Coubertin, contudo as críticas devem ser vistas, aliás como o fazem Eyquem (1966) e Boulongne (1975), considerando o contexto histórico da época.

A própria França com 215 atletas foi a quinta maior delegação a participar nos JO de Berlim, logo a seguir à da Alemanha, EUA, Reino Unido e Hungria. Depois, a cobertura dos JO na imprensa francesa foi de tal maneira intensa que chegou a ser superior ao que se passava no “Tour de France”. Na verdade, só no fim dos JO os nazistas foram sujeitos pelos jornalistas desportivos Jacques Goddet e Gaston Benac a um ataque (Murray, 1992) embora, em nossa opinião, sem consistência política por ausência de fundamentação credível.

Em conformidade, parece-nos inapropriado fazer juízos de valor acerca do comportamento de Coubertin relativamente ao nazismo, desde logo porque nem aqueles que as deviam fazer foram capazes de antecipar aquilo que estava para acontecer.

Pelo que se conhece dos discursos de Coubertin, todos os comentários, observações e elogios realizados relativamente à organização dos JO de 1936, bem como as referências ao próprio líder alemão, não passaram de normais palavras de circunstância que, em uma perspectiva de “soft power”, procuravam valorizar o trabalho de um País e dos seus líderes relativamente ao extraordinário esforço que era a organização dos JO. Na realidade, Coubertin tem sido muito criticado por alguns dos seus discursos que hoje devem ser contextualizados ao momento histórico que se vivia.

Hoje, sabemos que, três anos após os JO de Berlim (1936), Hitler desencadeou uma guerra cujos efeitos devastadores são conhecidos. Contudo, ao tempo, tratava-se de resolver, pelo diálogo com um ditador de sanidade duvidosa, uma questão que, acontecesse o que acontecesse, provavelmente, jamais poderia evitar a guerra. Diremos mesmo que se, por acaso, o boicote aos JO de Berlim tivesse ocorrido, eventualmente, até podia ter acelerado o desencadear da guerra. Nestas circunstâncias, Coubertin não

deixaria certamente de ser acusado de pecados ainda maiores. Na realidade, toda a estratégia do COI e de Coubertin foi a de agirem através do poder macio do “soft power” de modo a convencerem os alemães a respeitarem a população judaica, na convicção de que os JO podiam ser um pretexto para se construir a paz na Europa tal como acontecia ao tempo da Grécia antiga através da Trégua Olímpica. Infelizmente, o MO estava perante um País alienado pelo que tudo o que pudesse ser feito era completamente inútil, na medida em que a guerra era uma questão de meses.

A 4 de agosto de 1935, foi radiodifundida em Berlim uma mensagem de Coubertin, dirigida ao povo alemão, sob o título “As Bases Filosóficas do Olimpismo Moderno”. Coubertin (1972) disse:

A primeira característica essencial do Olimpismo moderno é a de ser uma ‘religião’. Cinzelando o seu corpo pelo exercício, como o faz o escultor da estátua, o atleta antigo honrava os deuses. Fazendo o mesmo, o atleta moderno exalta a sua pátria, a sua raça, a sua bandeira. Julgo, pois, que tive inteira razão quando embebi o Olimpismo renovado de um sentimento religioso, transformado e aumentado pelo Internacionalismo e a Democracia que distinguem os tempos modernos, mas o mesmo, sem dúvida, que conduzia os jovens helenos, ambiciosos do triunfo dos seus músculos, aos pés dos altares de Zeus ... Não só o internacionalismo como a democracia, bases da nova sociedade humana em vias de edificação nas nações civilizadas, como também a ciência está interessado nele (desporto) (p.213).

E Coubertin (1972) continuou:

A ideia de trégua é também um elemento essencial do Olimpismo (p.215).

Por isso, a trégua olímpica deve ter por si um homem suficientemente forte, cuja vontade se encontre suficientemente poderosa para se impor a si mesmo e à coletividade uma suspensão no prosseguimento dos interesses ou das paixões de domínio e de posse, por mais legítimas que sejam (p.216).

E neste discurso Coubertin acabou por anunciar o declínio de sua vida dizendo:

No declinar da minha vida, aproveitei a proximidade dos Jogos da XI Olimpíada para expressar os meus melhores desejos e os meus agradecimentos e ao mesmo tempo testemunhar a minha fé na juventude e no futuro (p.218).

Coubertin tinha acabado de proferir talvez a reflexão mais sintomática que pode transmitir essa capacidade de tentar transformar o mundo através de uma estratégia de “soft power” em que o desporto é um dos seus instrumentos. E prosseguiu:

Pedir aos povos que se amem uns aos outros é uma ingenuidade. Pedir-lhes para que se respeitem não é uma utopia; mas,

para que se respeitem é necessários que, primeiro, se conheçam (p.218).

Depois, em princípios de 1936, Coubertin (1986) escreveu:

Na declaração, que, recentemente, fez ao regressar da Alemanha a fim de tranquilizar as preocupações, nem todas espontâneas ou sinceras, o Conde de Baillet-Latour, resumiu tanto com força quanto lógica em termos excelentes todas as questões que se possam pensar e dizer acerca da campanha anti-olímpica nascida do outro lado do oceano e artificialmente difundida em mais de um país da Europa (p.440).

E continuava:

Hoje, a política penetra em todos os problemas. Como é que podemos pretender que o desporto, o muscularismo, mesmo o Olimpismo lhe escapem? Mas os danos que ela pode causar não são aparentes. Na realidade, existem quase sempre em uma instituição duas evoluções: a da face e a da alma. A primeira pretende casar-se com os contornos da moda e modifica-se segundo os caprichos desta. A segunda mantém-se constante e os princípios subjacentes à instituição que evoluem lentamente e de forma saudável, de acordo com as leis humanas. O Olimpismo pertence a esta segunda categoria (p.440,441).

Depois, no final dos JO, Coubertin escreveu que eles tinham sido:

Uma recordação de Beleza ... Berlim consagrou, para sempre, através de iniciativas ousadas, o êxito completo que foi o Percurso Sagrado da Tocha Olímpica (p.305).

De fato Berlim, como até os detratores tiveram oportunidade de referir, teve cenas inolvidáveis que ficaram para a história no filme de Leni Riefenstahl. Entre outros, o percurso da Tocha Olímpica de Atenas a Berlim que, pela primeira vez, foi realizado. No “Eco de Paris”, um jornal cuja linha editorial não manifestava qualquer simpatia pelo regime nazista, Jean Routhier teve de admitir que:

Os jogos de Hitler haviam sido um sucesso sem precedentes, pelo que foram capazes de angariar admiração universal dos estrangeiros que regressavam aos seus países com a boa notícia de uma quinzena inesquecível (Murray, 1992 p.51).

As coisas iam mais longe na medida em que Jean Routhier chegava ao ponto de afirmar no “Eco de Paris” que Léon Blum, o Primeiro-ministro, era incapaz de fazer pela juventude aquilo que Hitler estava a fazer na Alemanha e Mussolini em Itália.

Mas aquilo que os detratores de Coubertin mais o criticam é o seu elogio a Hitler quando disse que dos JO que tinham terminado ficara:

... uma recordação de Coragem na medida em que foi necessário fazer face a dificuldades às quais o Führer opôs as palavras de ordem ‘Wir wollen bauen’ (queremos construir) aos ataques desleais e traiçoeiros daqueles que aqui e lá tentaram destruir a construção que se erguia ... Uma recordação de esperança, finalmente, porque, sob a égide da bandeira dos simbólicos cinco anéis, forjaram muscudos acordos mais fortes do que a própria morte (Coubertin, 1986 p.305).

Não vemos que estes discursos com “referência de circunstância” possam ser considerados como apologistas do nazismo. Para Coubertin, a Alemanha e o seu “Führer” eram instrumentos do Olimpismo enquanto promotores dos JO. Coubertin tinha consciência de que a política penetrava nos problemas pelo que a política do COI tinha de se manter acima da própria política dos partidos e dos países porque, dizia ele, a alma do Olimpismo mantém-se constante muito embora evolua lentamente de acordo com as leis humanas. E concluiu dizendo que dos JO ficara uma recordação de beleza; uma recordação de coragem; e uma recordação de esperança. De fato, Hitler e o nazismo passaram e o Olimpismo acabou por ficar. Coubertin tinha razão, já que foi assim que aconteceu.

6.4.4 Fora de Controlo

A partir dos anos trinta do século XX o desporto, devido aos espectadores de massa que começaram a surgir por toda a Europa, transformou-se em um setor social em que as regiões e os países passaram a combater entre si pela conquista de supremacia política e económica. Em conformidade, as mais diversas ideologias, da esquerda à direita e a generalidade dos regimes políticos e os seus adeptos, embora nunca o admitissem, sempre que lhes conveio, utilizaram o desporto como uma arma política.

Evidenciamos que o COI também foi envolvido. Este tipo de discurso, em muitas circunstâncias, conduziu injustamente o desporto, em geral, e o Olimpismo, em particular, para situações que nada tinham a ver com o seu ideário. Por exemplo, o Presidente do COI Baillet-Lattour, em uma carta datada de 10 de julho de 1937, dirigida ao representante em Portugal do COI, o Conde de Penha Garcia, escrevia acerca de Sir Walford Selby, o embaixador do Reino Unido em Portugal:

Meu querido Amigo, Escrevo-te para te dizer que sentimos a tua falta em Varsóvia, ... Mas tenho uma outra razão para me pôr em contato consigo. Não é de todo do domínio Olímpico, mas entendo dever tomar esta atitude em razão do profundo afeto que tenho pelo

vosso país e a grande admiração que tenho pelo Sr. Salazar. Acabei de saber que Selby foi nomeado Embaixador da Grã-Bretanha em Lisboa, ora eu sei que ele é um homem extremamente perigoso.

Sob ares muito amáveis, ele é um verdadeiro bolchevique. Ele sempre favoreceu os vermelhos; eu tenho boas razões para o saber. Devemos desconfiar dele como da peste.⁷⁵⁶

Tratava-se da propaganda Alemã e Italiana que através dos mais diversos canais procuravam fazer crer aos portugueses, seus velhos aliados, como relatou o “The Telegraph”, que a Inglaterra “era um poder senil dificilmente confiável como aliado”.⁷⁵⁷

Baillet-Lattour prestou-se e este serviço que, muito certamente havia de lamentar. De fato, Coubertin, porque faleceu a 2 de setembro de 1937, não teve ocasião de assistir ao desencadear da guerra, contudo, Baillet-Latour pagou bem caro a loucura de Adolfo Hitler quando faleceu por colapso cardíaco em 1942 ao ser informado que o seu próprio filho tinha sido morto na frente de combate.

Baillet-Latour, após a sua trágica morte, foi substituído interinamente pelo sueco Sigfrid Edström que, depois, assumiu a presidência efetiva do COI a partir de 1946. Os JO da XIV Olimpíada, realizados em Londres (1948), para além dos problemas económicos e logísticos, e da Alemanha e o Japão não terem sido convidados, aconteceram sem problemas de maior.

As verdadeiras complicações decorrentes da guerra haviam de chegar na Olimpíada de Helsínquia em consequência da organização dos JO naquela cidade em 1952.

As condições sociais, económicas e políticas, tinham-se alterado radicalmente após a II Guerra Mundial, já que o Mundo estava dividido em três grandes blocos: os EUA e a aliança dos países Ocidentais; a URSS com os seus satélites; e a RPC, já que Mao Zedong surgira como o grande vencedor da guerra civil.

Em 1951, um ano antes dos JO da XV Olimpíada em Helsínquia (1952), fundou-se, na RPC, a Federação Atlética Amadora de Toda a China (FAATC) que se

⁷⁵⁶ Documento cedido pela Prof.^a Benedicta Maria Duque Vieira, autora do livro “O Conde de Penha Garcia e a sua Vida Pública” (1972) e fiel depositária de parte do espólio do Conde de Penha Garcia. Este documento inédito foi cedido ao estudante de mestrado Tiago Miguel Ribeiro no âmbito do seu trabalho de avaliação da disciplina de “Olimpismo e Jogos Olímpicos” do Mestrado de Gestão das Organizações Desportivas da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa.

⁷⁵⁷ In: The Telegraph, 13 de junho de 1939.
<http://www.telegraph.co.uk/news/newsttopics/britainatwar/5506550/Anti-British-propaganda-in-Portugal-June-13-1939.html> Consultado em 15 de agosto de 2009.

considerava a si própria como a legítima representante do MO em toda a China (Lennartz, 1995). Em consequência, o COI recebeu uma carta de Pequim onde se dizia que o comité nacional tinha sido formado, pelo que desejava ser reconhecido pelo COI a fim da China poder participar nos JO a realizar na Finlândia em 1952.

Em consequência, durante o decorrer dos trabalhos da 47ª Sessão do COI, realizada em Oslo em 12 e 13 fevereiro de 1952, o então Presidente do COI, o sueco Sigfrid Edström, teve uma reunião com o representante da FAATC em que o dirigente chinês o informou que a sua Federação representava o MO para toda a China pelo que desejava ser reconhecida pelo COI a fim de participar nos JO de Helsínquia (1952).

A Comissão Executiva do COI decidiu ouvir cada um dos representantes das “duas Chinas”. O representante de Taiwan, Sun-hoh Gun, argumentou que 19 dos 25 membros do COC viviam em Taiwan o que legitimava a continuidade do próprio Comité Olímpico Nacional Chinês na RC (Taiwan). Pelo seu lado, o representante da RPC, Cheng Chi-pai, declarando-se representante legal do Prof. Shou Yi Tung membro chinês do COI, contra-argumentou que falava em nome de 400 milhões de chineses, pelo que pediu que o seu CON fosse o único reconhecido pelo COI. Edström acabou por concluir que, das duas uma: “Ou nenhum dos CONs podia participar nos JO de Helsínquia”; “Ou os dois CONs podiam participar nos JO de Helsínquia”.⁷⁵⁸

Entretanto, a situação complicou-se de tal maneira que Edström, em uma perspectiva de “hard power”, recusou-se a continuar as conversações com o membro chinês do COI o Prof. Shou Yi Tung. Ao fazê-lo, deu origem a uma das maiores crises do Olimpismo moderno na medida em que o próprio Zhou Enlai, Primeiro-ministro chinês, estava interessado na conclusão do processo de forma satisfatória para a RPC.

Por pressão da URSS, que tinha aderido ao COI em 1950, a RPC acabou por participar nos JO da XV Olimpíada. Os interesses da URSS pouco ou nada tinham a ver com a promoção do Olimpismo mas, tão só, com a propaganda do regime soviético e a pretensa superioridade do sistema comunista. Em consequência, a delegação do regime nacionalista (Taiwan) acabou por se retirar dos JO. Segundo Guoqi (2008), a URSS, ao forçar a entrada da RPC, conseguiu antecipar o problema das “duas Chinas”, obrigando o COI a tratar de um assunto para o qual não estava minimamente preparado e colocou

⁷⁵⁸ In: *Olympic Review* (1973), 66/67, 172.

o MO a fazer parte do jogo da Guerra Fria. Na 53ª Sessão do COI, realizada em Sófia em 1957, Tung Shou-Yi acabou por resignar de membro do COI e a RPC a 25 de agosto de 1958 informou o COI que abandonava a organização.⁷⁵⁹ Em conformidade, desencadeou-se uma das maiores crises do MO que levaria mais de vinte anos a ser resolvida.

6.4.5 Apolitismo Desportivo

A crise citada anteriormente, foi a crise da “duas Chinás” que tendo começado com Edström prosseguiu com Brundage que lhe sucedeu por eleição na 47ª Sessão do COI realizada em Helsínquia em julho de 1952.

Os dois lados da questão, quer dizer, o COI e a RPC adotaram, cada um pelo seu lado, uma estratégia de “hard power” que, no meio das maiores contradições, em um mundo em que os blocos ideológicos se digladiavam, impediu a solução do problema.

Na realidade, durante a segunda metade do século XX, o MO, através do COI, adotou um comportamento que invariavelmente se situou entre a falta de posição de alguns e o oportunismo de outros que procurou, em função das convicções ideológicas dos seus membros ou até tão só dos seus interesses, tirar partido das situações. E estas duas perspectivas, sob a desculpa da defesa do famoso “apolitismo desportivo”, impediram o COI de possuir uma agenda política própria.

E para fundamentar a sua ideia de “apolitismo desportivo” Brundage acabou por cunhar uma expressão que ficou para a história do MO. Dizia ele:

Se aceitamos que em um mundo imperfeito como o nosso, se deixe de praticar desporto, cada vez que as leis humanas são violadas, nunca haverá competições internacionais (Brundage, 1973 p.260).

E contra a realidade da história, Brundage aproveitou sempre os seus discursos para fazer passar a ideia de que o MO estava para além da política. Por exemplo, a ata da reunião da Comissão Executiva do COI, realizada em abril de 1954, relata as palavras de Brundage ao fazer o balanço acerca da situação do MO:

O Presidente fez a história do Movimento Olímpico durante os últimos 60 anos e reafirmou que os Comitês Olímpicos Nacionais, as Federações Internacionais e o Comité Internacional Olímpico

⁷⁵⁹ In: *Olympic Review* (1958), 64, 43.

formam uma única família pelo que todos os membros se devem ajudar uns aos outros. Nós temos numerosos problemas comuns.⁷⁶⁰

Brundage construiu um mundo virtual no qual no MO não existia profissionalismo; não existia comercialismo; e não existia política. Era um mundo asséptico que não tinha nada a ver com a realidade da política real.

6.4.6 Ping-Pong e “Soft Power”

Toda a estratégia da candidatura e organização dos JO da XXIX^a Olimpíada de 2008, assentou na necessidade política de afirmação da RPC no mundo, processo iniciado ainda ao tempo de Mao Zedong com a “diplomacia do ping-pong” desencadeada em 1972 que abriu as relações entre os EUA e a RPC, abertura esta que possivelmente influenciou a entrada da RPC na Organização das Nações Unidas. Esta entrada, sempre foi vista pelas autoridades chinesas como uma questão que devia andar a par com o seu regresso ao COI.

A mudança de um paradigma de “hard power” para um outro de “soft power” só foi possível após a morte, em 1976, de Zhou Enlai e de Mao Zedong. Para o novo Primeiro-ministro Deng Xiaoping (1904-1997) a ideologia não tinha o significado do passado. Então, sob a presidência de Michael Killanin, a 25 de outubro de 1979, em uma reunião da Comissão Executiva do COI, realizada em Nagóia no Japão, deu-se por terminado um processo de mais de vinte anos sustentado em uma política de “hard power” desencadeada a partir de 1952 por Brundage. Em consequência, a partir de então, o CON da RPC ficou reconhecido no COI como Comité Olímpico Chinês, enquanto o Comité Olímpico de Taiwan passou a ser designado por Comité Olímpico Chinês de Taipé. Quer dizer, foi encontrada no domínio do “soft power” uma solução que há muito podia ter sido encontrada uma vez que proporcionou que as “duas Chinas” resolvessem os próprios problemas de uma forma positiva.

6.4.7 O Fim do Apolitismo Desportivo

Em 7 de agosto de 2007, precisamente um ano antes da cerimónia de abertura dos JO de Pequim (2008), Jacques Rogge publicou um artigo de opinião no “Herald Tribune” aonde afirmava:

⁷⁶⁰ In: Reunião da Comissão Executiva do COI com os senhores delegados dos Comités Olímpicos Nacionais. Atenas, 10 e 11 de maio de 1954. Fonte: Centro de Estudos Olímpicos - Comité Olímpico Internacional, Lausanne.

O Movimento Olímpico não existe no vácuo. O desporto faz parte da sociedade (p.23).

E continuou:

É natural que organizações como a dos Direitos Humanos e outras coloquem as suas causas sob a luz que os Jogos Olímpicos estão a projetar na China a fim de chamarem a atenção para as causas que advogam. Contudo, os Jogos só podem ser um catalisador de mudança e não uma panaceia (p.23).

Nunca um líder do COI tinha ousado ir tão longe. Em 23 de setembro de 2008, na véspera da cerimónia do acender da Tocha Olímpica em Olímpia, Rogge prosseguiu na sua estratégia de confrontação com o passado e disse no discurso alusivo:

Os Jogos Olímpicos são uma força para o bem. Eles são um catalisador para a mudança e não uma panaceia para todos os males. As ONGs e os ativistas dos Direitos Humanos querem influenciar os Jogos e pedem ao COI que atue a seu lado. O COI respeita as ONGs e os grupos ativistas e as suas causas e dialoga frequentemente com eles - mas nós não somos nem uma organização política nem uma organização ativista. Como referi a semana passada, os acontecimentos no Tibete são um assunto de grande preocupação para o COI. O COI já expressou a esperança de que o conflito seja resolvido pacificamente, tão breve quanto possível. A violência sejam quais forem as razões é contrária aos valores e ao espírito Olímpico. O COI continuará a respeitar a causa dos Direitos Humanos. O COI trabalhará determinadamente com a China para o bem dos atletas e o sucesso dos Jogos Olímpicos.⁷⁶¹

E perante o quadro de enormes pressões que o COI estava sujeito, no início da XXIX^a Olimpíada, Rogge foi obrigado a vir a público manifestar a posição da organização. Então, em 10 de abril de 2008, em uma conferência de imprensa realizada em Pequim, Rogge não se coibiu de recordar às autoridades chinesas os compromissos assumidos em matéria de Direitos Humanos aquando da escolha da cidade de Pequim para sediar os JO da XXIX Olimpíada. E disse:

Pedimos claramente à China que respeite esse compromisso moral.⁷⁶²

As declarações de Rogge suscitaram uma rápida reação de Jiang Yu, a porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros da RPC, que pediu aos responsáveis do COI para não introduzirem política nos JO:

⁷⁶¹ In: International Olympic Committee Press Release. <http://www.olympic.org/news?articleid=73851>. Consultado em 5 de fevereiro de 2010.

⁷⁶² In: <http://www.sourcejuice.com/1146521/2008/04/10/10-abril-2008-Minist%C3%A9rio-dos-Neg%C3%B3cios-Estrangeiros-Spokesperson-Jiang/pt/>. Consultado em 12 de outubro de 2009.

Acredito que os membros do COI apoiam os JO e a intenção dos princípios Olímpicos de não discutir fatores políticos irrelevantes. Espero que os membros do COI continuem a respeitar os estatutos Olímpicos.⁷⁶³

Quando Jiang Yu, em nome do governo da RPC, afrontou daquela maneira Rogge e o COI, estava a esquecer-se que os dirigentes da RPC, desde a sua fundação em 1949, sempre se utilizaram do desporto e do Olimpismo como instrumentos da sua estratégia política ao serviço da ideologia que professavam.

O momento protagonizado por Rogge significou o arranque de uma nova atitude e posicionamento político relativamente à questão política, demonstrando que o COI está a evoluir de uma “política de silêncio”, que caracterizou a sua ação no passado, para uma “política silenciosa” quer dizer, para uma política que, sem alaridos desnecessários, que só servem para alimentar uma comunicação social ávida de casos, passou a deixar de ignorar os problemas políticos que envolvem o desporto sem, contudo, ter qualquer pretensão de os resolver, mas, tão só, ajudar enquanto catalisador de mudança.

Portanto, Jacques Rogge acabou com a estratégia do “apolitismo desportivo” dos seus antecessores, voltou aos ideais iniciais de Coubertin e inaugurou uma nova era para o MO.

6.4.8 Desenvolvimento Humano e “Soft Power”

Em 2009, a ONU reconheceu que o COI, devido ao trabalho desenvolvido, sobretudo através do seu programa de Solidariedade Olímpica, tem sido um parceiro importantíssimo para a prossecução dos objetivos determinados na “Agenda 21”⁷⁶⁴ e na “Declaração do Milénio”.⁷⁶⁵

⁷⁶³ In: <http://www.sourcejuice.com/1146521/2008/04/10/10-abril-2008-Minist%C3%A9rio-dos-Neg%C3%B3cios-Estrangeiros-Spokesperson-Jiang/pt/>. Consultado em 12 de outubro de 2009.

⁷⁶⁴ A Agenda 21 é um plano de ação que foi apresentado na Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, no Rio de Janeiro, em 1992, também conhecida por Rio 92. A Agenda 21 foi concebida para ser adotada local, nacional e globalmente por organizações do sistema das Nações Unidas, governos e pela sociedade civil. Esta é a mais abrangente tentativa já realizada de orientar um novo padrão de desenvolvimento para o século XXI, cujo fundamento é a sustentabilidade ambiental, social e económica. Contendo 40 capítulos, a Agenda 21 foi construída de forma consensual, com a contribuição de governos e instituições da sociedade civil de 179 países, em um processo que durou dois anos e culminou com a realização da Rio 92.

⁷⁶⁵ Os objetivos de Desenvolvimento do Milénio decorrem da Declaração do Milénio da ONU, assumida pelos 191 estados membros no dia 8 de setembro de 2000. Os objetivos são os seguintes: erradicar a pobreza extrema e a fome; atingir o ensino básico universal; promover a igualdade entre os

Na realidade, a Carta Olímpica (2007) atribui ao COI o grande objetivo de:

Colocar o desporto ao serviço de um desenvolvimento harmonioso do homem, com a perspectiva de promover uma sociedade pacífica preocupada com a preservação da dignidade humana (p.11).

Estes três documentos deveriam ser tidos em conta no que diz respeito à defesa dos Direitos Humanos que o COI se comprometeu a respeitar. Em consequência, em 19 de outubro de 2009, durante Assembleia Geral da ONU realizada em Nova York, o COI obteve o estatuto de observador. A decisão da Assembleia Geral pretendeu homenagear a contribuição do COI no domínio da assistência humanitária, da consolidação da paz, da educação, da igualdade dos géneros, do ambiente e da luta contra a SIDA que, no fundo, é a vitória de para o desporto enquanto instrumento de desenvolvimento humano.

6.5 Conclusões

O desenvolvimento humano foi e é uma das grandes linhas ideológicas de orientação estratégica do COI. Esta conclusão é sustentada em quatro perspetivas: 1ª) A tendência para o gigantismo como sendo parte de um processo natural de crescimento de grande importância para o desenvolvimento do desporto em todo o mundo e, consequentemente, para o desenvolvimento humano; 2ª) A necessidade de respeito pelos direitos humanos no processo de desenvolvimento do desporto e dos JO, enquanto condição indispensável ao desenvolvimento sustentável do MO; 3ª) O meio ambiente como parte integrante obrigatória no processo de desenvolvimento humano; e 4ª) O “Soft Power” como uma linha político-estratégica adequada, tanto ao desenvolvimento do MO, como às intervenções do COI nas questões políticas que dizem respeito ao desenvolvimento humano.

Concluimos que a luta contra o gigantismo dos Jogos Olímpicos foi uma linha ideológica de orientação estratégica do COI até o ano de 1977. Até à II Guerra Mundial, esta linha estratégica era defendida devido a falta recursos financeiros e organizacionais. Os JO não podiam crescer sob o ponto de vista financeiro e organizacional sob pena de se tornarem impraticáveis. Na realidade, o COI no início das suas atividades não tinha

sexos e a autonomia das mulheres; reduzir a mortalidade infantil; melhorar a saúde materna; combater o HIV/AIDS, a malária e outras doenças; garantir a sustentabilidade ambiental; e estabelecer uma parceria mundial para o desenvolvimento.

os recursos necessários para permitir o crescimento de um movimento que necessitava de muitos recursos financeiros e organizacionais. Nesta fase inicial do MO, o COI era sustentado pelos seus próprios membros, pelo que vivia necessariamente em uma situação financeira precária, pelo que dependia em muito da capacidade financeira dos seus presidentes. Coubertin despendeu os recursos da família ao serviço do COI ao ponto de chegar ao fim da vida com grandes dificuldades económicas. Baillet-Latour e Edström limitaram-se a manter a organização em ordem. Brundage deu um grande incremento ao COI e só o conseguiu fazer graças às suas disponibilidades financeiras, na medida em que era ele que arcava com todas as despesas da presidência. Com Killanin as questões financeiras começaram a mudar e com Samaranch mudaram completamente.

Ao tempo de Coubertin a linha ideológica de orientação estratégica ligada ao crescimento dos JO tinha por objetivo limitar as provas devido, para além das dificuldades financeiras e organizacionais, às dificuldades culturais decorrentes da necessidade de regulamentar uma atividade organizada por pessoas de diferentes nacionalidades, com hábitos desportivos muito diferentes sustentados nas mais diversas tradições. De qualquer maneira não foi por isso que os JO deixaram de continuar a crescer em número de atletas, modalidades e recursos necessários à sua organização.

A tendência natural de gigantismo dos JO continuou a crescer de tal maneira que, sob a presidência de Brundage, a luta contra o gigantismo transformou-se em uma grande linha ideológica de orientação estratégica, na medida em que jogava com as três grandes questões que orientaram o quadro ideológico de Brundage, que eram o anti-profissionalismo, o anti-comercialismo e o apolitismo. Na realidade, Brundage tinha perfeita consciência de que o gigantismo dos JO levava-o a perder o controlo que ele julgava ter sobre o combate ao profissionalismo e ao comercialismo e sobre a defesa do apolitismo.

Sob a gestão de Killanin, no início dos anos 70, esta linha ideológica de orientação estratégica começou a mudar, sendo defendido pelo presidente do COI que o termo gigantismo não pertencia ao léxico do MO. Neste sentido, o termo embora utilizado pela generalidade dos protagonistas do MO, precisava ser superado devido à sua conotação negativa e ao fato do gigantismo começar a ser visto como uma consequência positiva do enorme êxito dos JO, do MO e do COI.

Na nossa perspectiva o gigantismo, nas presidências que antecederam as de Samaranch, foi um mal entendido não só das lideranças desportivas, bem como da comunicação social. Como não havia capacidade para compreender e avaliar o que estava a acontecer, limitavam-se a combatê-lo. Com a entrada de Samaranch na presidência do COI, o termo gigantismo deixou de ter o sentido que tinha no passado, na medida em que a nova linha ideológica de orientação estratégia foi a de gerir o Programa Olímpico com mais racionalidade e com um sentido de desenvolvimento do desporto.

Sob o mandato de Rogge na presidência do COI, o gigantismo deixou de ter qualquer significado. Rogge continuou a desenvolver a linha ideológica de orientação estratégica ligada ao crescimento dos JO com uma nova dinâmica de gestão, introduzindo mudanças estratégicas de impacto como a centralização das decisões na Comissão Executiva ou, entre outros, a criação de sistemas facilitadores dos processos de votação.

Hoje em dia, os JO têm uma dimensão tal que exigem esforços, dinheiro e competências que podem ultrapassar os limites das realizações humanas, sendo esta a dimensão que deve ser respeitada. Na realidade, a dimensão humana determina constrangimentos técnicos que, naturalmente, limitam a dimensão dos JO.

Hoje, os JO atingiram uma dimensão que muito dificilmente crescerá mais sem que se levantem problemas que, do ponto de vista humano, poderão ser insolúveis. Mas, ao atingirem a sua dimensão atual os JO também se tornaram em um importante catalisador do desenvolvimento sempre que foram bem administrados, deixando um legado positivo nos locais onde aconteceram. Contudo, há que considerar que os JO podem, também, ter efeitos negativos quando acontece especulação imobiliária, má utilização de verbas públicas ou deslocamentos forçados de pessoas. Existem mesmo situações em que, devido à pressão dos prazos e ao argumento do “interesse público”, chega a ocorrer violação dos Direitos Humanos. O que evidenciamos é que os resultados dos mega eventos, muitas vezes, focam-se principalmente nos aspetos económicos, desprezando o seu efeito na vida das pessoas, principalmente nos menos favorecidos.

Nos JO de Pequim (2008) a violação dos Direitos Humanos foi evidenciada sob diferentes perspectivas, o que nos leva a questionar se um país com semelhante regime político, à luz dos direitos humanos, pode organizar os JO. Concluímos que sim, já que o Olimpismo deve ser estrategicamente utilizado como um catalisador de mudanças políticas e sociais contribuindo para uma maior responsabilização das autoridades pelos Direitos Humanos. Contudo, o Olimpismo só pode ser um fator de mudança se os JO proporcionarem oportunidade, a quem quer que seja de, civilizadamente, manifestar o seu descontentamento. Sustentamos que tanto as autoridades dos países organizadores dos JO quanto o COI, impreterivelmente, devem preservar a dignidade humana, até porque a sua defesa faz parte do espírito e da letra preconizados na Carta Olímpica. O COI, no caso dos JO de Pequim (2008), adotou uma linha de orientação estratégia emergente de pequenos passos, porém de grande significado. Exemplo disso foi a colocação de Rogge quando afirmou que os JO eram uma força para o bem, que os JO poderiam levar a grandes transformações sociais que o mundo tanto precisa. Esta nova linha ideológica de orientação estratégica adotada por Rogge representa uma importante mudança relativamente à posição tradicional do COI acerca do não envolvimento político do MO, considerando, desta forma, o Olimpismo como um catalisador de mudança que pode influenciar as grandes transformações sociais e políticas necessárias ao desenvolvimento humano nos mais diversos países do mundo.

A realização dos JO está igualmente ligada a possíveis impactos ambientais negativos a diversos níveis. Muito embora o desporto em geral e os eventos desportivos em particular tenham uma imagem positiva para a generalidade das pessoas, tanto um quanto o outro podem ser geradores de efeitos negativos a diversos níveis prejudicando o meio ambiente e a qualidade de vida. Ciente deste fato, o COI adotou uma linha de orientação estratégica que busca uma melhor gestão das questões ligadas ao meio ambiente e ao desenvolvimento sustentável. A este respeito o ano de 1992, durante a gestão de Samaranch foi, sem dúvida, emblemático devido ao envolvimento do COI na Declaração do Rio 92, quanto ocorreu a adoção do conceito de desenvolvimento sustentável, a integração do “Earth Pledge” e a formatação da Agenda 21 do MO, seguindo as recomendações da Agenda 21 da ONU.

Esta linha de orientação estratégica foi gerida com o apoio da Comissão de Desporto e Meio Ambiente que trabalha em cooperação com o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente. Assim o COI passou a gerir a organização dos JO e

integrar os CONs, FIs, COJOs e demais partes integrantes do MO no desenvolvimento de suas ações disseminando uma cultura ambiental e o desenvolvimento sustentável. Neste contexto, o meio ambiente surgiu como mais uma linha ideológica de orientação estratégica e, simultaneamente, um quarto pilar ao lado da educação, da cultura e do desporto.

Em consequência, o COI, a partir das questões da Agenda 21, estreitou as suas relações com a ONU ao ponto de, no ano de 2009, receber o estatuto de membro observador da instituição depois de ter recebido o prêmio “Champion of the Earth” em 2007. Se Samaranch teve a visão e a ousadia de iniciar o processo relativo à defesa do meio ambiente e do desenvolvimento sustentável, elaborando uma Agenda 21 para o MO, Rogge demonstrou a capacidade de perceber que a importância do meio ambiente para o MO ultrapassava o próprio meio ambiente, na medida em que podia ser a porta da entrada do COI na ONU cumprindo-se, assim, na plenitude, a visão internacionalista que Coubertin tinha para o COI. Por isso, se da gestão de Samaranch fica a capacidade de ver longe e com amplitude, arriscar e pensar no desenvolvimento sustentável, já da gestão de Rogge fica que, para ele, o desenvolvimento sustentável era uma possibilidade de entrada do COI na ONU.

O desporto, desde as origens do MO, foi um espaço de concórdia, ou seja, um catalisador para a resolução de inúmeros conflitos que poderiam ter originado uma escalada de violência com resultados graves para diferentes nações e povos. Foi esta a perspectiva de Coubertin quando institucionalizou o MO moderno ao integrar o desporto, a educação e a cultura ao objetivo de promoção da paz e de progresso entre as nações através da institucionalização de competições desportivas nobres e leais. Neste sentido, defendemos que Coubertin tinha do desporto uma visão eminentemente política. Assim sendo, um dos maiores êxitos de Coubertin foi, através da linha de orientação estratégica do “soft power”, sentar à mesma mesa e pôr a competir nos mesmos espaços de jogo nações que tinham protagonizado diversos conflitos ao longo de muitos anos. A gestão político-estratégica através da estratégia “soft” em alternativa a estratégia “hard” sempre foi a perspectiva de Coubertin. Nestes termos, no mundo moderno, foi Coubertin, através do MO, uma das primeiras entidades a utilizar o “soft power” como instrumento de poder no sentido de conseguir uma maior aproximação entre os Homens em um quadro positivo de relações inter-países com vista ao desenvolvimento humano.

Baillet-Lattour e Edström seguiram a mesma linha de Coubertin até que, a partir dos anos cinquenta, Brundage optou por uma estratégia de “hard power”. Exemplo disso foi a gestão por ele realizada relativamente à problemática das “duas Chinas”. Assim, o COI, durante a segunda metade do século XX, gerido sob a ideia do “apolitismo desportivo”, acabou por desenvolver uma política de “hard power” sustentada nas convicções ideológicas de Brundage e de alguns membros do COI.

A partir de Brundage as tensões no MO diminuíram, desde logo com o regresso da RPC ao seio do MO. Depois, com Jacques Rogge, o COI voltou à velha linha do “soft power” iniciada por Coubertin. Deste modo, Rogge demonstrou que o COI estava a evoluir de uma “política de silêncio” que caracterizou a instituição no passado, normalmente, sustentando uma posição de “hard power” de negação pelo confronto das grandes questões políticas que envolviam o MO, para uma “política silenciosa”, que, sem deixar de ignorar os problemas políticos que envolvem o desporto, mas também sem ter a pretensão de os resolver, agir como catalisador de mudanças a fim de, pelo diálogo e cooperação os ajudar a resolver. Na realidade, como referiu Rogge, não se pode ter a ilusão de que o desporto vai acabar com todos os males do mundo. O COI é uma organização sustentada pelos valores olímpicos e desportivos e não pode mudar o mundo sozinha, porém pode agir no sentido de torná-lo um lugar melhor.

Assim sendo, o Olimpismo pode e deve ser um instrumento de poder que no domínio do “soft power” pode catalisar algumas mudanças sobretudo no domínio dos Direitos Humanos de que o mundo necessita. O Olimpismo ao integrar o desporto com a cultura, a educação e o meio ambiente procura criar um modo de vida baseado na alegria do esforço, no valor educativo do bom exemplo e no respeito universal pelos princípios éticos.

Concluimos que Jacques Rogge recuperou o discurso político de Coubertin, um discurso com uma estratégia subjacente de “soft power” e lançou novamente o MO rumo a um futuro promissor. Por fim, defendemos que o desporto e o MO têm uma estreita relação com as questões do desenvolvimento humano e que a missão do COI tem de ser prosseguida não na base do confronto duro e direto do “hard power”, mas através de uma abordagem macia, doce e indireta instituída pelo “soft power” em busca do desenvolvimento humano através do desporto.

7 Política

O mundo do desporto sempre viveu mais ou menos embalado pela ideia de que nada tinha a ver com a política. Contudo, desde o primeiro anúncio do arranque do MO por Coubertin no ano de 1892, o desporto sempre esteve envolvido na política e a política no desporto. E o primeiro grande exemplo surgiu quando Coubertin, em uma situação de quase desespero, devido às desistências dos gregos quanto à oportunidade de realizarem em Atenas os JO da primeira Olimpíada da era moderna, como refere nas suas memórias, partiu “à conquista da Grécia”. Desta sua decisão, decorreu a queda do primeiro ministro grego Charilaos Tricoupis (1832-1896) em circunstâncias que veremos posteriormente. Depois, as relações de Baillet-Lattour com Hitler, a propósito dos JO de 1936, é outro grande exemplo de quanto o desporto e a política sempre estiveram envolvidos. Baillet-Lattour pagou bem caro a sua ousadia quando, já durante a guerra, colapsou em virtude de ter recebido a notícia de que o seu filho tinha morrido na frente de batalha. A insatisfação de Sigfrid Edström com os chineses, devido às manobras políticas da RPC a fim de fazer afastar a República da China (RC) do MO internacional e dos JO, revelam bem quanto um presidente do COI, com nacionalidade sueca, um país que não participou na II Grande Guerra, se envolveu nas questões políticas do momento. Quanto a Brundage deve-se a máxima de que o desporto nada tem a ver com a política, quando ele, na verdade, ao defender o apolitismo desportivo, não fez outra coisa senão política através do desporto. E os casos mais flagrantes disto foi o envolvimento nos casos relativos à Rodésia e à África do Sul. Depois, foi a própria discrição política de Killanin, que em uma perspetiva de “soft power”, lhe permitiu resolver, ou começar a resolver, problemas que pareciam insolúveis no MO como foi o caso das “duas Chinas”. Quanto a Samaranch não restam dúvidas que a sua eleição e todo o sucesso da sua liderança se ficou a dever ao apoio da União Soviética e de grande número de países africanos. Atualmente a extraordinária aproximação do COI à ONU, conseguida magistralmente pela cooperação entre Jacques Rogge e Ban Ki-moon, revela bem quanto o desporto, enquanto instrumento de “soft power”, pode e deve estar envolvido na política no sentido de promover a paz e o desenvolvimento.

Sustentamos que não faz qualquer sentido continuar a defender o apolitismo desportivo relativamente às mais diversas questões de ordem política, como aconteceu à vista de todo o mundo, durante a realização dos JO de Pequim (2008) quando Jiang Yu,

porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros da RPC, pediu ao COI para não introduzir política nos JO. Até porque, é de todo evidente que o apolitismo desportivo transforma o desporto em uma simples atividade de raiz física e biológica que se esgota no corpo máquina do rendimento, da medida e do recorde ao serviço do espetáculo olímpico enquanto instrumento político de alienação de massas. Contudo, tal perspectiva não deixa de ser em si política na medida em que, no fundo, configura uma visão do fenómeno desportivo e da própria prática ao inverter os princípios, os valores e os objetivos do desporto colocando o praticante ao serviço de interesses sem legitimidade social.

Com vistas a desenvolver as questões ligadas à política o presente capítulo está estruturado em três subcapítulos. O primeiro busca analisar a dimensão política do Movimento Olímpico. O segundo subcapítulo trata das questões do nacionalismo e suas relações com a política, sendo o terceiro subcapítulo destinado a apresentar as manipulações políticas ocorridas através das ameaças e efetivações de boicotes.

7.1 A Dimensão Política do Movimento Olímpico

A dimensão política, como não podia deixar de ser, sempre envolveu o MO. Os diversos presidentes do COI, de uma forma clara e aberta ou em uma perspectiva fechada e discreta, sempre tiveram do desporto uma perspectiva política e utilizaram-se dela a fim de conseguirem obter os efeitos que mais desejavam para o sucesso do MO.

Coubertin, antes da ideia pedagógica que tinha do desporto, tinha sobre ele uma ideia política. Esta perspectiva foi defendida por diversos autores entre eles Jean Meynaud e PC McIntosh.

Para Meynaud (1966):

Existe toda uma literatura que exalta a contribuição do Olimpismo à causa da civilização e da paz (recordemos a este respeito que em fevereiro de 1953 um grupo de parlamentares finlandeses e suecos propuseram a candidatura do COI ao prémio Nobel da Paz) (p.245).

Pelo seu lado, McIntosh (1975) afirmou:

Não há dúvida de que o Barão de Coubertin não considerou o desporto como nada tendo a ver com a política quando fundou os modernos Jogos Olímpicos. Pelo contrário, esperava que as atividades desportivas pudessem melhorar as relações políticas entre as nações (p.229).

Bem vistas as coisas, Coubertin jamais poderia ignorar a dimensão política do desporto, por duas ordens de razões: A primeira, porque era um homem do século XIX e, como não podia deixar de o ser, comungava dos valores e das contradições políticas e sociais da sua época. A segunda, porque só por distração se pode pensar que um homem com a dimensão intelectual e cultural de Coubertin, poderia alguma vez se envolver em um projeto desprovido de valores políticos e atrever-se sequer a pensar que o podia desenvolver não só à margem como rejeitando a própria política. Repare-se que Coubertin, durante a sua vida, teve a oportunidade de assistir a três acontecimentos que o marcaram profundamente que foram a Comuna de Paris em 1871, a I Guerra Mundial (1914-1918) e a Revolução Soviética (1917).

Ora, quem assistiu ao período conturbado que se viveu na França, com a queda de Napoleão III (1808-1873) e a Comuna de Paris, certamente que teria muitas dificuldades em organizar ideias acerca de qualquer atividade social, sem que tivesse por pano de fundo precisamente questões de ordem política. Para além do mais, em finais do século XIX, de uma maneira geral, todos os movimentos de educação física e desporto tinham, subjacentemente, preocupações políticas, patrióticas e militares, para além das higiénicas e educativas. Por isso, no que diz respeito ao Olimpismo, enquanto movimento de educação física surgido no século XIX, as relações entre a política e o desporto moderno aconteceram, como não podia deixar de ser, desde que Coubertin começou a idealizar a institucionalização dos JO da era moderna, na medida em que, ao fazê-lo, teve como objetivo mais profundo ultrapassar a enorme crise de degenerescência em que os franceses se encontravam desde que o exército de Napoleão III foi derrotado em Sedan, no dia 2 de setembro de 1870, pelo exército prussiano comandado por Bismarck. A declaração de Guerra à Prússia, por parte de Napoleão III, tinha recebido um enorme apoio popular, demonstrado por cenas entusiásticas de chauvinismo, inclusive de setores do movimento operário. Depois, o que a história conta é que não tendo Napoleão III sabido resistir à provocação de Bismarck, avançou com tropas mal preparadas contra o exército prussiano melhor armado, mais bem comandado e treinado. Napoleão III acabou derrotado e capturado. O fato ocorreu de tal maneira que a elite francesa, não deixou de reconhecer que a vitória da Prússia se ficava

fundamentalmente a dever ao resultado da tecnologia sofisticada da sua indústria pesada, bem como ao nível de educação e treino dos seus soldados.

Contudo, no que diz respeito ao povo, o desastre de Sedan provocou um levantamento da população de Paris que exigiu a queda do regime. O Império acabou por ser derrubado, proclamada a República e formado um Governo de Defesa Nacional. Entretanto, surgiu, relativamente à capitulação perante a Prússia, a Comuna de Paris cujo Governo durou de 26 de março a 28 de maio de 1871. A Comuna de Paris representou a revolta popular ante o armistício assinado pelo governo nacional e a resistência perante a invasão prussiana, o que terminou na maior das carnificinas. Apesar da evidente disposição do povo parisiense em resistir, a Assembleia de Versalhes acabou por assinar a paz com a Prússia. O soberano prussiano Guilherme I (1797-1888) foi coroado imperador do Segundo Reich na sala dos espelhos do Palácio de Versalhes o que constituiu uma profunda humilhação para os franceses.

Foi neste caldo político e ideológico que surgiu a ideia de fazer renascer o Olimpismo, fundar o COI e institucionalizar os Jogos Olímpicos da era moderna. E Coubertin tinha a perfeita consciência da frágil posição em que o MO, que se propunha instituir, se encontrava. A ata da primeira Sessão realizada em Paris em 1894 relata o seguinte:

M. le Président propose de constituer, une fois que le Congrès aura terminé ses travaux, un Comité International des Jeux olympiques, dont le siège serait à Paris, et qui serait chargé de réglementer les concours.

M. de Coubertin ne croit pas que les pays étrangers soient disposés à accepter [...] les règles proposées par le Congrès; le congrès ne doit pas légiférer, et doit seulement organiser.⁷⁶⁶

Na realidade, muito embora o desporto, ao longo do tempo, através do “agôn” que lhe é próprio, tenha, por vezes, estado ligado à promoção da paz, o que é fato é que também foi um espaço e um tempo de confronto destruidor entre povos, nações e regimes. Em conformidade sempre estive no centro da política.

Depois, em muitas circunstâncias, durante todo o século XX, o desporto foi um instrumento conflitual de que as grandes potências imperialistas se serviram para se digladiarem no quadro da “Guerra Fria” que, como se viu, não organizou a paz mundial, somente impediu que o mundo entrasse em uma escalada de destruição total.

⁷⁶⁶ In: Ata da 1ª Sessão do COI - Paris, 19 junho de 1894, p.3.

Atualmente, em inícios do século XXI, o desporto está transfigurado em um espaço e em um tempo onde as regiões, os países e até as grandes marcas comerciais combatem entre si pela conquista de supremacia, muitas vezes à custa da violência dos nacionalismos ou da exploração da mão-de-obra nos países em vias de desenvolvimento, inclusivamente da mão-de-obra infantil e da organização de grandes ou mega eventos desportivos que, de uma maneira geral, quando mal escolhidos e geridos acabam por se virar contra as pessoas. Jacques Rogge neste quadro não pode afirmar e ele não o faz, que o desporto nada tem a ver com a política. O desporto tem tudo a ver com a política. Vikelas e Coubertin, por exemplo, tinham uma agenda política. O primeiro, enquanto grego que era, queria, através do MO, suplantar os seus eternos rivais que eram os persas (atuais turcos), e o segundo desejava ardentemente fazer renascer um espírito competitivo europeu para além das cinzas das guerras napoleónicas.

Tratando-se de Coubertin, o seu sentimento era partilhado pelas pessoas mais cultas da Europa interessadas nas questões do desporto. A ata da 10ª Sessão do COI, realizada a 23 de maio de 1907 na cidade de Haia, na Holanda, foi aberta com um discurso do Ministro dos Negócios Estrangeiro, de nome Tets van Goudriaan, acerca da oportunidade da institucionalização do MO bem como sobre as vantagens inerentes ao próprio processo no que diz respeito a função dos JO no quadro do desenvolvimento das populações, enfatizando que o desporto forma homens sãos, verticais, corajosos e fortes, através das competições internacionais para as quais eram convidados a participar os mais competentes dos diversos países que, através de lutas pacíficas, testemunhavam reciprocamente um respeito cavalheiresco.

Seulement vos efforts portent sur un théâtre bien plus vaste.
Les jeux olympiques d'aujourd'hui visent à développer chez les
peuples de l'univers entier le goût des sports qui forment des hommes
sains, adroits, courageux et forts, par des compétitions internationales
auxquelles sont invités à prendre part les plus habiles et les plus
compétents de ceux qui s'exercent aux jeux de force et d'adresse dans
ces divers pays. Ceux-ci apprennent dans ces luttes pacifiques à se
témoigner réciproquement un chevaleresque respect.⁷⁶⁷

O sentimento de todos que estavam a aderir ao MO moderno ia no sentido de considerar o desporto e os JO como uma luta de sinal positivo que podia contribuir para impedir os desentendimentos internacionais em um tempo em que os sentimentos e

⁷⁶⁷ In: Ata da 10ª Sessão do COI - Haia, 23 de maio de 1907, p.25.

aspirações democráticas tendiam a prevalecer nas organizações político administrativas de um cada vez maior número de países.

Na perspectiva de Henry Baillet-Latour, o Olimpismo nunca seria nada se não estivesse integrado na política a partir de uma rede de relações entre aqueles que deviam liderar os destinos da Europa. O terceiro presidente do COI defendeu a sua perspectiva até ao limite dos JO de Berlim (1936) e, em 1940, pagou caro a sua ousadia com a sua própria morte ao receber a notícia que o filho tinha morrido na frente de combate. Um pouco diferente foi Sigfrid Edström, pois foi um líder de transição. Edström manteve o sistema de vida do COI a funcionar durante a II Guerra Mundial e abriu as hostilidades com a RPC que entendia que o COI devia se submeter aos ditames da revolução maoista. Já Brundage foi o campeão do apolitismo desportivo muito embora, muito provavelmente, tivesse sido o mais político de todos os presidentes do COI. Killanin resolveu como pôde mas, com mestria, os problemas políticos deixados pelo seu antecessor. Samaranch, para o bem e para o mal, embora não o admitisse, pôs o MO no centro da política mundial. Nunca o COI tinha estado tão no centro da política mundial. Rogge surge, neste contexto, como o homem da política do “soft power” que, se no passado serviu para levar o projeto olímpico a um bom porto, nos tempos que correm está a colocar o desporto verdadeiramente ao serviço da humanidade.

A partir do exposto anteriormente, o presente subcapítulo tem por objetivo analisar as questões relativas a dimensão política no Movimento Olímpico. Para isto foi estruturado em cinco partes: 1ª) A Agenda Política de Coubertin; 2ª) Eugenia, Colonialismo e Internacionalismo; 3ª) Avery Brundage e o Apolitismo; 4ª) Entre a Esquerda e a Direita; e 5ª) Jacques Rogge: o Homem do *Soft Power*.

7.1.1 A Agenda Política de Coubertin

Até à II Guerra Mundial, à exceção das disputas relativas ao boicote aos JO de Berlim (1936), a questão política do desporto, para além de alguns assuntos importantes mas, de certo modo, delimitados, decorreu sem problemas de maior, quer dizer, à margem das grandes questões de ordem ideológica, até porque era o COI quem controlava a situação, uma vez que a ação política decorria de dentro do COI para fora, quer dizer, do COI para os líderes, as organizações, os governos e os países, com quem mantinha relações ou desejava influenciar politicamente.

Quando Coubertin, em finais do século XIX, fundou o COI e institucionalizou os JO da era moderna, não podia de maneira nenhuma fugir à realidade económica, social e política do seu tempo. Coubertin era um pedagogo, sobre isto não existem quaisquer dúvidas, contudo, para ele, a pedagogia era um instrumento da política. Coubertin (1996) defendia que:

Para que ele (o desporto) se torne um adjuvante direto, é necessário que se lhe atribua um objetivo refletido de solidariedade que o eleve acima dele mesmo (p.21).

Na realidade, Coubertin entendia o desporto para além do próprio desporto, e foi nesta perspectiva que em 1894 se lançou àquilo a que ele próprio designou como “a conquista da Grécia”.

Em finais do século XIX, o que estava em causa era a organização dos JO de Atenas (1896). Coubertin não tinha quaisquer meios para obrigar os gregos a cumprirem a sua palavra e organizarem os JO a que, por iniciativa de Vikelas, se tinham oferecido para realizar. Na realidade, a única arma de que Coubertin dispunha era a arma política. Não da política pura e dura do confronto direto até através da força das armas, mas da política doce, macia, da sedução quer dizer da política do “soft power” (Nye, 2004).

Contudo, como podemos apreciar nas suas “Memórias Olímpicas”, até ao último combate da sua vida, que foi a defesa da realização dos JO de Berlim (1936), Coubertin nunca deixou de utilizar o desporto como um instrumento político do domínio do “soft power” ao serviço do Olimpismo e do desenvolvimento humano. Ele pode em algumas ocasiões até ter errado mas, quando o fez, fez com a convicção das suas ideias e à margem de muita hipocrisia que mais tarde veio a envolver as questões do Olimpismo e do próprio desporto.

A ideia de Coubertin ia muito para além da conquista da Grécia. A sua ideia era universalizar os JO ultrapassando até o espaço europeu. Ele conseguiu levar os JO para a América do Norte e o seu sonho era leva-los também para o Oriente. E este sonho, no que diz respeito a Coubertin até foi conseguido, na medida em que os JO de 1940 estavam previstos para Tóquio. Muito embora, por motivos da II Grande Guerra, estes JO não tivessem sido realizados, este fato não foi do conhecimento de Coubertin uma vez que ele faleceu em 1937. Portanto, para Coubertin o MO estava em marcha.

7.1.2 Eugenia, Colonialismo e Internacionalismo

De acordo com a cultura da época o desporto, enquanto instrumento da educação física, era um instrumento de regeneração da raça humana e o colonialismo um meio de conseguir aquela regeneração. Por isso, à semelhança do que se pensava nos meios eruditos da época, para Coubertin o desporto era um instrumento político de regeneração do homem. Muito provavelmente, influenciado por Nietzsche, ele queria construir um homem novo ou até mesmo um super-homem. Em 1912, certamente entusiasmado com o êxito dos JO de Estocolmo, escreveu:

A verdade é que a eugenia não pode ser decretada, mas ela pode estabelecer o seu reino nas consciências individuais e é igualmente bem claro que as preocupações eugénicas correspondem a uma corrente nova que vai influenciar enormemente a mentalidade dos povos ocidentais. Isto está muito longe de ser um mal. É um bem. É mesmo necessário ver nisso um reforço precioso que recebe a moral na medida em que circunstâncias múltiplas parecem tender ao seu abrandamento e ao seu enfraquecimento crescente. O homem habituar-se-á pouco a pouco que os concorrentes internacionais lhe ordenem para não deixar a sua própria nacionalidade dobrar-se em número e em qualidade diante das outras e que ao mesmo tempo que as condições bem rudes do “struggle for life” lhe comandam de colocar no mundo seres também tão fortemente constituídos quanto possível (Coubertin, 1912 p.599).

Esta visão de Coubertin, acima de quaisquer dúvidas, colocava o desporto e o MO ao serviço da construção de um homem novo reforçado sob o ponto de vista moral. E para tal, Coubertin admitia, como perfeitamente legítimo, que no domínio da “luta pela vida” o desporto pudesse surgir como uma espécie de instrumento de eugenia individual em função da dignidade nacional (Coubertin, 1912).

Nesta perspectiva de pensamento, e de acordo com o espírito da época, os europeus não podiam aceitar que existissem povos fora do modelo. Como refere Eicheberg (1984), não foi por mero acaso que o Olimpismo arrancou na era do colonialismo. E Coubertin, em 1914, em um discurso pronunciado na Sorbonne, afirmava:

O desporto é um fator determinante dos empreendimentos coloniais, de tal maneira que um colonizador sem uma vigorosa preparação desportiva constitui uma perigosa imprudência ... Enfim meus senhores, o desporto terá a sua tarefa a jogar na política externa ... Os povos retirarão a grande lição dos desportistas sabendo que o ódio sem batalha é pouco digno de um homem e que a injúria sem golpe é indigna. O pacifismo desportivo não pretende suprimir os passes de armas, mas simplesmente tornar possível nos intervalos as colaborações fecundas que não são somente indispensáveis ao

progresso material, mas respondem ainda à concepção da dignidade viril admitida nas épocas mais cavaleirescas da história.⁷⁶⁸

Na realidade, a questão do colonialismo estava presente no MO enquanto instrumento de desenvolvimento. Este fato ficou também bem expresso no Congresso Olímpico de 1914 quando M. Georges Rouland, delegado do Governo-geral da Argélia, introduziu a questão do “desporto colonizador”.

Muito embora conceituados autores como Tavares (2003) ponham aparentemente a questão pedagógica à frente de todas as preocupações de Coubertin, ao afirmarem que “Pierre de Coubertin atribuía ao esporte um valor educativo e um papel de mimeses das relações em uma sociedade democrática” (p.33), o que é fato é que Tavares também afirma que “a prática esportiva para ele (Coubertin) estava primariamente endereçada a educar os indivíduos através da experiência e por meio destes reformar a sociedade” (p.33). Portanto, as preocupações pedagógicas em Coubertin eram um instrumento a fim de atingir objetivos que iam muito para além da pedagogia. O seu discurso tinha uma profunda motivação política pelo que a sua dimensão pedagógica, que não se pode negar, significa, acima de tudo, um instrumento a fim de atingir objetivos políticos de transformação social.

No Congresso Olímpico de 1914, realizado em Lausanne, Coubertin ainda informou que os JO da VI Olimpíada seriam realizados em Berlim (1916). Não era novidade já que, na 16ª Sessão do COI, realizada em 06 e 07 de maio 1913, na cidade de Lausanne, Coubertin informou que se tinha encontrado com Carl Diem em Genebra a fim deste, na qualidade de Secretário-geral da VI Olimpíada, lhe fazer um relatório a cerca do andamento da organização dos JO de Berlim (1916). Em conformidade, sendo Coubertin um homem do “soft power”, propôs que se enviasse um telegrama de felicitações a Sua Majestade o Imperador Alemão, o que aconteceu. A partir de então, com o desencadear da guerra, o COI e o MO hibernaram até ao final do conflito. Neste período, que decorreu entre 1914 e 1918, por impossibilidade de Coubertin, o suíço Godefroy de Blonay substituiu-o interinamente na presidência. Foi a solução mais expedita na medida em que, ao tempo, a sede do COI já estava localizada em Lausanne, o que permitiu que a organização continuasse a funcionar durante as hostilidades.

⁷⁶⁸ Le Sport et la Société Moderne. Discurso pronunciado na Sorbonne, na presença do Presidente da República Raymond Poincaré na comemoração do vigésimo aniversário da institucionalização dos Jogos Olímpicos (Coubertin, 1986 p. 618).

As atividades do COI ressurgiram na 18ª Sessão do COI realizada de 5 a 8 de abril de 1919, que se realizou em Lausanne. Nesta Sessão, disputavam a realização dos JO de 1924 as cidades de Amesterdão, Lyon, Havana e Roma. A Sessão foi naturalmente condicionada pelas sequelas da guerra, pelo que o COI decidiu que só poderiam participar nos JO os países inscritos no COI, o que, desde logo, excluía a Alemanha derrotada na guerra. Era uma medida política de enorme significado pelo que foi decidido convocar para a mesma data e local uma reunião com as grandes associações de trabalhadores a fim de se estudarem os meios de oferecer à juventude uma educação desportiva que a fortalecesse e desenvolvesse. Um ano depois, os JO da VII Olimpíada, realizados em Antuérpia (1920), arrancaram cheios de sinais de esperança quanto à possibilidade de, através do desporto, poder ser construído um futuro melhor. Os JO de Antuérpia foram os primeiros em que os atletas fizeram o Juramento Olímpico; foram largadas pombas; e a Bandeira Olímpica foi hasteada. Tudo parecia renascer de novo, no entanto não haviam de passar vinte anos até que a Europa estivesse novamente envolvida em uma outra guerra de consequências ainda mais trágicas.

O ano de 1925 chegou e, com ele, chegou também o final da liderança de Coubertin que estava completamente esgotado, doente, falido e mal agradecido sobretudo por parte dos seus concidadãos o que lhe causava uma profunda mágoa. Surpreendentemente, todos julgavam que o seu sucessor seria Godefroy de Blonay. Contudo, para surpresa geral, Coubertin foi substituído por Henri Baillet-Latour que exerceu a presidência do COI de 1925 a 1942, tendo deixado o seu posto precisamente por morte, já que, tragicamente, morreu naquele ano.

Durante a gestão de Baillet-Latour, em 1931, surgiu uma questão política crucial que havia de marcar o MO para o futuro. Tratava-se da escolha da cidade candidata à realização dos JO de 1936. A escolha recaiu sobre a cidade de Berlim. Na 30ª Sessão do COI, realizada em Barcelona em 1931, aconteceram várias ameaças de boicote aos JO e até mesmo uma proposta para se organizar um evento paralelo.

7.1.3 Avery Brundage e o Apolitismo

Se existe sequela que resultou da II Guerra Mundial foi, certamente, a do apolitismo desportivo. A partir dos anos cinquenta, em resultado da guerra, a situação

política não só na Europa, mas em termos mundiais, alterou-se radicalmente. Em consequência, o COI começou a ter de lidar com problemas que lhe chegavam de fora para dentro. O que aconteceu foi que, de um momento para o outro, o COI viu-se invadido pelos mais diversos problemas, alguns provenientes dos novos tempos que o mundo vivia, outros, decorrentes das enormes sequelas políticas deixadas pela própria Guerra. O COI, que pouco mais era ainda que o “clube de amigos” que Coubertin tinha criado, não estava minimamente preparado para resolver estas novas situações. Por isso, perante a incapacidade de lidar com os problemas políticos que estavam fora da sua esfera de ação, optou por se fechar sobre si próprio, através da posição de que o desporto nada tinha a ver com a política. Tendo esta atitude dado origem ao designado “apolitismo desportivo” no qual o COI se refugiou durante mais de cinquenta anos, a fim de não se deixar contaminar pelas questões ideológicas e políticas que sempre marcaram e sempre hão de marcar a vida mundial.

A problemática do apolitismo desportivo começou a ser levantada por Avery Brundage na qualidade de Presidente do Comité Olímpico dos Estados Unidos (COEU) a propósito do eventual boicote dos EUA aos JO de Berlim (1936). Depois, não só na sua qualidade de Vice-presidente do COI como, de 1952 até 1972, enquanto seu Presidente, Brundage, sempre defendeu que o desporto nada tinha a ver com a política, causando com esta sua posição enormes problemas ao próprio MO. Para fundamentar a sua expressão de que o desporto nada tinha a ver com a política, Brundage (1973) afirmava:

Se aceitamos que em um mundo imperfeito como o nosso, se
deixe de praticar desporto cada vez que as leis humanas são violadas,
nunca haverá competições internacionais (p.260).

O que defendemos é que a máxima adotada por Brundage, independentemente de qualquer boicote, surgiu de uma incapacidade absoluta dos dirigentes enfrentarem as questões ideológicas e políticas que o desporto lhes colocava, pelo que acabaram por ser manipulados por todos os lados inclusivamente por Brundage.

A ideia da independência total da prática desportiva relativamente às questões de ordem política era, no fundo, uma ideia fortemente politizada na medida em que transforma o desporto em um agressor da condição humana, quer dizer, naquilo a que Nietzsche denominava “competição pré-homérica”, quer dizer, uma competição de destruição do próximo para além da dignidade humana. Quando tal acontece, o Olimpismo é envolvido em modelos fascizantes de políticas públicas e práticas

desportivas em que as pessoas são postas ao serviço de determinadas ideologias através do desporto e foi isto o que foi visto após a II Guerra Mundial.

Depois da II Guerra Mundial, tudo aquilo que a generalidade dos dirigentes do COI verdadeiramente desejava, era manter o MO em cada país, fora do controlo governamental.⁷⁶⁹ Todavia, para o conseguirem, escolheram a estratégia errada, na medida em que nem todos os protagonistas de ambos os lados eram movidos pelas melhores intenções. Por isso, por paradoxal que possa parecer, para ultrapassarem os problemas políticos com que se defrontavam, ideologia era aquilo que os dirigentes do MO mais necessitavam a fim de se armarem do ponto de vista ideológico contra as tentativas totalitárias dos Estados.

Uma organização seja ela qual for, sem ideologia e sem uma agenda política próprias, acaba por ser gerida ao sabor das conveniências, dos impulsos e das pressões internas e externas a que, em cada momento, está sujeita. Claro que quando a prática desportiva não está politicamente enquadrada em um projeto de desenvolvimento social e económico todos os abusos e oportunismos são possíveis.

Contudo, o que é fato é que a ideia de Brundage resistiu durante mais de cinquenta anos. E resistiu não pela força dos argumentos, mas pela força dos interesses da generalidade dos dirigentes desportivos e políticos que sempre se utilizaram da metáfora de Brundage, das mais diversas maneiras, em função dos seus próprios medos e interesses.

Em consequência, o discurso “politicamente correto” que afirma que o desporto nada tem a ver com a política, conduziu, injustamente o desporto em geral e o Olimpismo em particular, para uma imagem distorcida junto da generalidade das pessoas desde o mais simples cidadão aos líderes de opinião. Valente (1988), sem dúvida, desde há muitos anos um líder de opinião em Portugal escreveu, imediatamente a seguir aos JO de Seul (1988):

O desporto Olímpico é um sacrifício humano aos valores mais sórdidos e perversos do mundo contemporâneo. É uma demonstração ritual de que a barbárie existe (p.105).

⁷⁶⁹ Em 1963, o governo de Cuba tenta assumir o controle do desenvolvimento do desporto e o CON é avisado que não pode ser gerido sob influências políticas. In: Ata da 60ª Sessão do COI - Baden-Baden, 16 a 20 de junho de 1963, p.10.

Esta constatação, que vinte anos depois, como se verificou em Pequim (2008) com, entre outras, a polémica acerca da verdadeira idade das ginastas chinesas, continua a ser oportuna, na medida em que, por detrás das performances das ginastas que encantaram o mundo, estão questões de Direitos Humanos nos quais se inclui a exploração do trabalho infantil, pelo que, quer os defensores do apolitismo desportivo quer não, dão uma dimensão política ao fenómeno desportivo, deste logo porque o colocam em uma posição central no que diz respeito aos Direitos Humanos em geral e aos das crianças em particular. O texto de Pulido Valente, vinte anos depois, continuou a ter uma enorme adequação na medida em que tem prevalecido a ideia de que o desporto é qualquer coisa que pode funcionar à margem da política, sem quaisquer preconceitos de ordem moral para que todos aqueles que afirmam que o desporto nada tem a ver com a política, possam dormir descansados, porque ninguém sabe, nem quer saber, quantas atletas ficaram pelo caminho e, sobretudo, quais as razões.⁷⁷⁰ O Olimpismo não é isto. Contudo, só não é isto se assumir a sua verdadeira dimensão política ao serviço da Humanidade. Portanto, é necessário voltar ao passado, não para o criticar, mas para o compreender em termos de organização do futuro. O Olimpismo sempre viveu em um quadro eminentemente político, envolvido em assuntos que, ao tempo, não tinham o mesmo significado que hoje têm, como, por exemplo, o colonialismo, o machismo e a eugenia. Contudo, estes temas, entre outros, não devem ser esquecidos ou ignorados sobre pena de deixarem de existir os alicerces ideológicos necessários à organização do futuro.

7.1.4 Entre a Esquerda e a Direita

Muito embora Jiang Yu, a porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros da RPC, em uma proclamação que ficará certamente como uma das mais finas hipocrisias da diplomacia mundial, tenha pedido a Jacques Rogge para manter o desporto afastado da política, o que é fato é que aquele pedido vinha de um país que durante mais de sessenta anos manipulou de todas as maneiras o MO. Queremos dizer que, desde a sua fundação, em 1949, a RPC, geralmente de uma forma abusiva, sempre utilizou o desporto como um instrumento de prossecução dos seus interesses políticos. Na realidade, os JO de Pequim (2008), se do ponto de vista externo foram um poderoso

⁷⁷⁰ A este respeito ver *The Red Race*, um filme de Chao Gan que mostra os exageros físicos e emocionais da alta competição. Mostra a tortura e a humilhação a que são submetidas crianças chinesas às mãos dos seus treinadores. Entra-se no domínio da exploração do trabalho infantil e do desrespeito pelos Direitos Humanos.

instrumento de afirmação da China no mundo, o que lhe permitiu justamente assumir a sua velha força cultural e económica anterior ao século XIX, do ponto de vista interno foram uma oportunidade para as autoridades promoverem, à custa do desporto e da inerente representação nacional, um certo nacionalismo com o objetivo de promover a unidade nacional (Pires, 2009).

A atribuição da organização dos JO da XXIX^a Olimpíada a Pequim (2008), devido às questões relativas aos Direitos Humanos na China, à guerra no Darfur e à autonomia do Tibete, veio, mais uma vez, trazer à luz do dia a questão da utilização política do desporto que, recorrentemente, atinge a comunicação social e as preocupações de muitos dirigentes desportivos. Contudo, independentemente de, só em determinados momentos, as questões políticas do desporto poderem merecer os favores privilegiados da atenção social, o que é fato é que, as mais diversas ideologias, sempre que lhes convém, utilizam o desporto como uma arma política. De um lado, esgrimem aqueles que representam os eternos complexos de uma esquerda envergonhada que gosta do desporto e dos seus efeitos propagandísticos mas, como tem preconceitos em admiti-lo, desvaloriza-o e desprestigia-o, transformando-o em uma atividade menor, folclórica, à margem dos assuntos sérios da vida, pelo que, para ela, o dito só serve para alienar as desgraças do povo. Do outro lado, o apetite feroso de uma direita mercantilista e desavergonhada, fundamentalmente interessada em transformar o desporto em uma “vaca leiteira”⁷⁷¹ que é necessário mugir até à última gota de leite, em nome dos interesses da pátria amada.

Perante estes dois cenários, o MO tradicionalmente adotou um comportamento que invariavelmente se situou entre a falta de posição de alguns, que faz por ignorar os problemas, e um determinado oportunismo que procurou tirar partido das situações em benefício próprio. Estas duas perspectivas, ao longo dos últimos mais de cinquenta anos, sob a desculpa do apolitismo desportivo de Brundage, impediram o COI de possuir uma agenda política própria, acabando por, em muitas situações, andar a reboque de agendas políticas alheias e, muitas vezes até, das próprias agendas pessoais de dirigentes desportivos e políticos.

⁷⁷¹ A Matriz BCG (Boston Consulting Group) é um modelo utilizado para análise do ciclo de vida do produto. No ciclo da Vaca Leiteira, os lucros encontram-se no apogeu.

7.1.5 Jacques Rogge: o Homem do “Soft Power”

O problema que surge é que o discurso politicamente correto, desenvolvido fundamentalmente a partir da II Guerra Mundial, nunca permitiu que a questão do apolitismo desportivo fosse devidamente analisada, quer dizer, analisada à margem das conveniências de um certo dirigismo político. A este respeito são conhecidas as posições de vários investigadores relativamente aos verdadeiros interesses políticos de Brundage.

Depois de Brundage, o MO foi dirigido com ausência e sobriedade por Killanin que, desde que tinha sido eleito, afirmou não ter um património pessoal tal como Brundage tinha, que lhe permitisse viver em Lausanne ou viajar para lá muitas vezes. Assim sendo, Killanin delegou muitas das suas funções na mulher espantosa que foi Monique Berlioux que, tendo sido admitida como diretora-geral por Brundage, acabou por, ao tempo de Killanin, dirigir o COI como uma autêntica presidente.

Do ponto de vista político, a Killanin ficam-se a dever a resolução de dois problemas gravíssimos para o COI, ambos decorrentes da questão das “duas Chinas”. O primeiro foi a dramática situação ocorrida nos JO de Montreal (1976), relativo à aceitação da inscrição pelo COJO de Montreal da RPC nos JO, mesmo não sendo membro do COI. Com a entrada da RPC, consequentemente, a exclusão de Taiwan era inevitável. O Canadá tinha acabado de estabelecer relações diplomáticas e comerciais com a RPC pelo que lhe interessava estar bem relacionado. Contudo, como os interesses dos EUA não eram os mesmos, os norte-americanos, perante aquela situação inaceitável, ameaçaram retirar a sua equipa dos JO. A situação só foi possível de resolver pela intervenção direta do Primeiro-ministro do Canadá, Pierre Trudeau (1919-2000) e do Presidente do COI, Michael Killanin. O que aconteceu foi que, tanto a RPC como Taiwan, foram afastadas dos JO de Montreal (1976). Este episódio, certamente, mostrou a Mao Zedong presidente da RPC que, se ele, realmente queria que o seu país voltasse ao seio do COI, aliás como ao seio da própria ONU, tinha de estabelecer relações com os EUA. Tal como aconteceu quando, em 1971, por iniciativa da RPC, se iniciou o “jogo” de ping-pong entre a RPC e os EUA.

O segundo grande êxito político de Killanin foi a própria resolução do problema da RPC permitindo que, em 1979, o país mais populoso do mundo, regressasse ao COI.

Caso Killanin não tivesse assumido o COI como uma organização política em relação com outras organizações políticas e todas elas com legítimos e diferentes interesses, muito provavelmente, nem os JO de Montreal (1976) teriam existido, na medida em que o COI esteve em vias de retirar o seu patrocínio dos mesmos, nem a RPC teria regressado ao COI, na medida em que ele teria, na sequência da política de Brundage, continuado a complicar a questão.

Mas, caso a situação da RPC não tivesse sido resolvida ao tempo da liderança de Killanin ela teria, certamente, sido resolvida depois sob a presidência de Samaranch. Porque, se Samaranch já era vice-presidente do COI ao tempo de Killanin mais importante ainda é que Samaranch, em cooperação com outros elementos do COI, desde os últimos anos da liderança de Brundage, já vinha a se envolver na questão das “duas Chinas” sem que Brundage disso tivesse conhecimento porque, acerca do assunto, tinha uma posição de radical intransigência.

Se Killanin exerceu a sua liderança em uma perspectiva de “soft power”, em um tempo em que o COI passava por enormes dificuldades, já Samaranch apareceu com um estilo e uma estratégia completamente diferentes. Sustentado em um enorme poder económico que ele soube construir e que abriu a grande era do comercialismo, Samaranch exerceu todo o seu poder com uma estratégia de “hard power” própria da sua personalidade e do seu passado de dirigente franquista.

Na realidade, hoje, é possível compreender que o grande poder de Samaranch lhe adveio do enorme salto económico que ele foi capaz de provocar no COI. Por exemplo, se pensarmos no desastre económico e financeiro que foram os JO de Montreal (1976) e o sucesso económico que, a partir de então, a organização dos JO passou a ter, percebe-se bem quanto importante foi a ação de Samaranch. Vinte anos depois, os JO de Atlanta (1996) foram na história do Olimpismo moderno os primeiros JO completamente financiados pela iniciativa privada e foram um estrondoso êxito económico para o COI. Samaranch estava satisfeito e teve a oportunidade de o expressar. O que aconteceu foi que o COJO de Atlanta (1996) fechou as contas com uma posição positiva, apesar dos US\$ 1.8 bilhões terem sido financiados inteiramente

pela iniciativa privada. Para além do mais, salientou Samaranch, ficaram cerca de US\$ 550 milhões em novas instalações desportivas na cidade de Atlanta.⁷⁷²

Pelo panorama é fácil de entender que Samaranch não necessitava de cuidados especiais para exercer a sua política. E, como se viu no que diz respeito ao profissionalismo, ao comercialismo e ao meio ambiente ele envolveu o COI em uma estratégia eminentemente política que havia de levar a instituição para patamares de poder, excelência e prestígio até então desconhecidos.

Samaranch era um político e, como tal, exerceu com proficiência a sua liderança no COI. O problema é que Samaranch, como político que era, não podia reconhecer que envolvia o MO em questões eminentemente políticas, sob pena de perder a sua força, ou a força dos seus argumentos que, sendo políticos, desarmavam os adversários nos seus próprios terrenos sem que Samaranch tivesse que se dar ao trabalho de os justificar. O desporto nada tinha a ver com a política e estava tudo dito.

E a liderança total de Samaranch aconteceu até ao momento que o suíço Marc Hodler (1918-2006)⁷⁷³ resolveu dizer que:

De cinco a sete por cento dos membros do COI eram compráveis (Hodler, 1987 p.33).

Então, tudo começou a se desmoronar sobre Samaranch. Afinal, o todo-poderoso líder catalão tinha a organização em “roda livre” ao ponto de alguns dos seus membros estarem a ser acusados de corrupção. E Samaranch, devido às acusações que se relacionavam com as candidaturas à organização dos JO de Atlanta (1996) e Salt Lake City (2002), entre outras cidades, chegou ao ponto de arriscar ser preso caso decidisse viajar para os EUA.

E como é que Samaranch resolveu a situação? Muito simplesmente através da política que ele recusava até ao limite do absurdo. Ele contratou a “Kissinger Associates” empresa especializada em fazer “lobby” junto dos governos e que era liderada por Henry Kissinger um mestre da “realpolitik” e detentor da astúcia indispensável a qualquer estratégia de “missões impossíveis” como teve a ocasião de

⁷⁷² In: Ata da 106ª Sessão do COI - Lausanne, 3 a 6 de setembro de 1997, p.32.

⁷⁷³ Membro vitalício do COI desde 1963 e Vice-president do COI de 1993 a 1997. Hodler tinha um extraordinário prestígio no seio do MO devido a serviços prestados.

provar desde o tempo em que foi Secretário de Estado dos Presidentes dos EUA Richard Nixon (1936-1994) e Lyndon Johnson (1908-1973).

Claro que a “coerência” de Samaranch relativamente ao apolitismo desportivo ficou completamente abalada. Como se sabe, Henry Kissinger, embora tivesse recebido o Prémio Nobel da Paz, o que para mais de 50% da humanidade significou tão só um refinado exemplo do humor nórdico, foi um dos principais defensores e estrategas da guerra do Vietname. Segundo alguns analistas políticos,⁷⁷⁴ se não fosse americano, Kissinger, já teria sido julgado sob a acusação de ter cometido crimes contra a humanidade.

Era de todo evidente que Kissinger não tinha o perfil indicado para colaborar com o COI que devia constituir-se, a todos os títulos, como um símbolo da paz mundial. Então porque é que foi escolhido?

Segundo Henry Kissinger a elaboração da estratégia:

É a capacidade de identificar o essencial no seio de uma quantidade de fatos, isto é, a intuição que permite destrinçar, de entre várias hipóteses igualmente plausíveis, aquela que se revelará certa no futuro.⁷⁷⁵

Este tipo de pensamento, perante o imbróglio em que o COI se encontrava, muito certamente, surgiu a Samaranch como a solução para o problema. E Samaranch até tinha razão, porque, de fato, assim foi. Quando, em 15 de dezembro de 1999, Samaranch foi ouvido pela Comissão do Congresso Norte-americano acerca dos escândalos que envolveram as candidaturas das cidades de Atlanta (1996) e Salt Lake City (2002), foi apoiado por Henry Kissinger que lhe emprestou a sua força e prestígio políticos, para poder dizer à Comissão do Congresso:

O CIO está a colocar em prática profundas e fundamentais reformas no sentido de evitar novos escândalos.⁷⁷⁶

Claro que este género de coisas tem sempre a sua compensação, pelo que Henry Kissinger passou a ser um dos membros de honra do COI.

⁷⁷⁴ In: Hitchens, C. (2001). *The Trial of Henry Kissinger*. New York: Donnelley & Sons.

⁷⁷⁵ In: Hitchens, C. (2001). *The Trial of Henry Kissinger*, p.23. New York: Donnelley & Sons.

⁷⁷⁶ In: Hitchens, C. (2001). *The Trial of Henry Kissinger*, p.25. New York: Donnelley & Sons.

Mas, se Killanin exerceu o seu poder através de uma política “soft power” e Samaranch de uma política de “hard power”, a eleição de Jacques Rogge, em 2001, foi o primeiro sinal de que as coisas iam mudar no domínio do MO no que diz respeito ao envolvimento do COI nos grandes problemas do mundo que afetam a humanidade.

A prova de fogo de Jacques Rogge, contudo, só viria a acontecer durante a Olimpíada de Pequim quando publicou um artigo de opinião no Herald Tribune aonde afirmava que o Movimento Olímpico não existia no vácuo, que o desporto fazia parte da sociedade.⁷⁷⁷

7.2 Nacionalismo

Hoje, sabe-se que foi o filósofo Hippolyte Taine (1828-1893) quem influenciou Coubertin a viajar para a Inglaterra a fim de estudar o sistema educativo inglês. No que diz respeito ao desporto, este sistema estava centrado em duas ideias fundamentais. A primeira, era a das Escolas Públicas, entre elas, a de Rugby cujo diretor mais famoso foi Thomas Arnold (1795-1842) outro dos mentores de Coubertin. As reformas educativas no domínio do desporto desencadeadas, a partir de 1828, no Reino Unido, provocaram a gestação de um etos caracterizado por um “cristianismo musculado” que, depois, conduziu a expansão do Império Britânico à escala do planeta. Coubertin, encontrou no livro de Thomas Hugues intitulado “Tom Brown’s School Days at Rugby” de 1857, a explicação da superioridade da Inglaterra e da degenerescência da França a partir da descrição da vida do Rugby. A segunda ideia, que centrava o sistema educativo inglês só se viria a revelar mais tarde, foi o Escutismo fundado pelo tenente-general do Exército Britânico, Baden Powell (1857-1941). Em 1901, o seu livro “Aids to Scouting” começou a ser utilizado como manual nas Escolas Públicas inglesas bem antes de Powell regressar à Inglaterra, proveniente das campanhas na Índia e na África onde se distinguira por feitos de bravura notáveis. O que se defende é que foi também no livro de Powell que Coubertin encontrou inspiração para o seu livro Ginástica Utilitária.

Assim se pode entender que Coubertin tinha para o MO uma visão muito para além de uma perspectiva mais ou menos ingénua dos benefícios educativos e profiláticos do desporto. Pelo contrário, a sua visão era pura e dura na medida em que,

⁷⁷⁷ Assunto tratado em mais detalhes no subcapítulo *Soft Power*.

antes de tudo, integrava uma perspectiva política que pressupunha uma determinada visão do mundo e do desporto. De fato, ele entendia o desporto como um catalisador das grandes transformações políticas e sociais de que não só a França, mas a Europa necessitavam. Esta visão levava-o a propugnar por um modelo estandardizado de competições em que os diversos países podiam interagir e medir forças em um ambiente pacífico. Por isso, como refere DaCosta (1999):

O trabalho intelectual de Coubertin pode ser inacessível a muitos dos seus intérpretes atuais, exceto se eles estiverem familiarizados com a tradição francesa estabelecida no século passado pela combinação de epistemologia evolucionária, positivismo, ecletismo e humanismo utilitário, combinado com a ideia de progresso já redefinida pelo iluminismo (p.54).

A partir do exposto anteriormente, o presente subcapítulo tem por objetivo analisar as questões relativas aos nacionalismo e suas influências. Para isto foi estruturado em sete partes: 1ª) Nacionalismo: Um Problema Antigo; 2ª) Chama Olímpica; 3ª) Os Jogos Olímpicos e os Países; 4ª) Benito Mussolini, Adolf Hitler e John Kennedy; 5ª) Mao Zedong, Pierre Trudeau e Alexander Lukashenko; 6ª) Nações Unidas: Taiwan *versus* RPC; e 7ª) Olimpismo e Identidade Nacional.

7.2.1 Nacionalismo: Um Problema Antigo

Um dos problemas que Coubertin mais teve de revelar inteligência e paciência para resolver foi o dos nacionalismos que assoberbavam as nações da Europa no final do século XIX e início do XX. Como é que era possível sentar à mesma mesa pessoas que se tinham digladiado nos campos de batalha e os respectivos países, no usufruto do “direito de guerra”, usurpado território uns aos outros? Na realidade, não foi só com inteligência e paciência que Coubertin conseguiu aquela proeza, foi também com sagacidade ao perceber que tinha de destemperar os fulgores nacionalistas que as mais diversas nacionalidades transportavam consigo quando participavam em reuniões de cariz internacional. Para obviar a esta questão, Coubertin colocou os membros do COI acima dos seus próprios países determinando que eles não representavam o seu país junto do COI, mas precisamente o contrário, quer dizer, cada membro do COI representava o próprio COI junto do seu país. Portanto, eles estavam lá para resolver problemas do COI, do desporto e do MO e não problemas dos seus respectivos países. É evidente que podem ser encontrados vários exemplos em que as coisas não se passaram

assim.⁷⁷⁸ Contudo, de uma maneira geral, ao longo de mais de cem anos, por vezes mesmo sem uma consciência esclarecida da situação em que se encontravam, as coisas passaram-se dentro do limite do controlável admitindo mesmo a situação da RPC que por não conseguir impor ao COI a sua visão política abandonou a organização.

A questão coloca-se quando as autoridades de um determinado país queriam interferir politicamente nos CONs e FIs. Esta situação acontecia em muitas circunstâncias nos países do Leste e em Cuba,⁷⁷⁹ não só com a acumulação das autoridades da administração pública em lugares de direção em diversos CONs, mas também, com o trânsito para o próprio COI, o que pervertia o espírito de independência da instituição.

Na 19ª Sessão do COI, realizada em Antuérpia de 17 a 30 de agosto de 1920, surgiu a questão da Irlanda que queria participar nos JO sob a bandeira Britânica, mas apresentando um grupo de irlandeses, porém foi decidido suspender todas as decisões até que a questão Irlandesa fosse politicamente solucionada. Situação semelhante já tinha existido com os Checos da antiga Áustria nos JO de Estocolmo (1912).

Na 72ª Sessão do COI de 1972, a situação foi levantada por Brundage relativamente à Venezuela cujo governo tinha aprovado uma lei que interferia com a liberdade do CON local:

President Brundage stated that the most glaring instance of this was the case of Venezuela, but that the disease seemed to be contagious, particularly in other Latin-American countries. To sum up the situation, he said that the government of Venezuela had adopted a law to the effect that it deprived the NOC of its autonomy.⁷⁸⁰

A solução adotada foi enviar uma carta para o CON com o aviso de que ou as restrições impostas pelo governo eram retiradas no prazo de 90 dias ou o CON deixaria de ser reconhecido pelo COI.

⁷⁷⁸ Em uma conferência com as FIs e CONs o representante de Pequim fez um discurso 99% político. Lhe foi chamada a atenção e explicado que não podia. Brundage desculpou o fato e disse que ele não sabia e pediu para isto nunca mais acontecer. In: 50ª Sessão do COI - Paris, 13 a 17 de junho de 1955, p.20.

⁷⁷⁹ Foi eleito para o Departamento de Desporto de Cuba o primo do Presidente do país e ele tentou mandar no CON. Nesta Sessão foi falado que os governos estavam querendo organizar campeonatos internacionais sem falar com as federações nem com os CONs. E alguns políticos e organizações influentes estavam tentando através de canais diplomáticos ignorar os CONs e as FIs. In: Ata da 50ª Sessão do COI - Paris, 13 a 17 de junho de 1955, p.50.

⁷⁸⁰ In: Ata da 72ª Sessão do COI - Sapporo, 31 de janeiro e 1 de fevereiro de 1972, p.32.

7.2.2 Chama Olímpica

A Chama Olímpica é um dos símbolos mais tradicionais dos JO. A chama evoca a lenda de Prometeu quando este roubou o fogo a Zeus para o dar aos humanos. Na Grécia antiga, durante a celebração dos JO, a chama mantinha-se acesa durante as competições.

Se, ao tempo, a chama tinha um extraordinário valor simbólico, inerente aos mistérios do fogo, atribuindo aos JO um forte valor transcendental, hoje, por motivos culturais, continua a ter um significado gerador dos mais diferentes sentimentos entre os quais o do nacionalismo.

A tradição moderna da Chama Olímpica foi iniciada nos JO da IX^a Olimpíada realizados em 1928 na cidade Amesterdão. Entretanto, os Alemães, em um golpe de génio, na mistificação do culto da superioridade rática que o nazismo cultivava, foram buscar a chama à sua origem, quer dizer, às ruínas do templo de Hera, em Olímpia. A chama na Tocha Olímpica foi transportada por uma estafeta de atletas até ao Estádio Olímpico de Berlim em 1936 como uma medida de propaganda que tinha em vista promover a ideologia nazista.

Pelas palavras de Jacques Rogge o acender da Chama Olímpica é um momento de enorme significado para o desenvolvimento do desporto moderno. Dizia ele no acender da Chama Olímpica que havia de ser conduzida a Pequim (2008):

O acender da Chama Olímpica amanhã em Olímpia é um momento de reflexão acerca da missão do Comité Olímpico Internacional. A principal responsabilidade do COI é proporcionar os melhores Jogos Olímpicos possíveis aos atletas que os merecem. Vamos fazê-lo através de uma colaboração intensa e próxima com o Comité Organizador dos Jogos de Pequim (IOC, 2008⁷⁸¹).

A Chama Olímpica que havia de acender a Tocha Olímpica era uma questão política que só aguardava o momento propício para explodir. Jacques Rogge estava preocupado com as questões que do ponto de vista dos Direitos Humanos se relacionavam com a RPC. E disse:

⁷⁸¹ International Olympic Committee (2008). Press Release. <http://www.olympic.org/results?qpress%20release> Consultado em 13 de março de 2010 de

A atribuição dos Jogos Olímpicos ao país mais populoso do mundo divulgará o Olimpismo a um quinto da humanidade. Acreditamos que a China mudará abrindo-se ao escrutínio do mundo através dos 25000 representantes dos media que assistirão aos Jogos (IOC, 2008 p.28).

O problema é que Jacques Rogge acicatou o orgulho chinês que punha na realização dos JO a satisfação de um desejo de mais de cem anos. Por outro lado, com a organização dos JO em uma cidade chinesa, a China queria, tal como os países das cidades que organizaram as edições anteriores dos JO, chamar a atenção para uma China moderna que já nada tinha a ver com a China da Revolução Cultural.

7.2.3 Os Jogos Olímpicos e os Países

A ideia inicial de Coubertin foi a de desligar a competição desportiva da identidade nacional o que se veio a revelar um objetivo contra natura. Para ele, as disputas deviam acontecer entre Homens em uma competição organizada, nobre e leal que transpusesse para os campos desportivos as rivalidades políticas e culturais que massacravam os povos da Europa.

Portanto, em termos teóricos, não eram nem são os países que estão a competir. Quem compete são os atletas. Contudo, uma coisa é o folclore e outra, completamente diferente, são os fatos. E o que é fato é que, muito embora o COI não admita uma classificação por países, quer dizer um ranking de países, a partir da prestação dos respectivos atletas nos JO, desde sempre, que os países e governos, que suportam a participação olímpica dos seus atletas, desejam associar-se às vitórias por eles conseguidas nos terrenos desportivos.

O presidente (Brundage) recebe uma carta da Holanda dizendo que os JO não podem ser usados para fins nacionalistas. É dito que os JO estão começando a ser por países e não por atletas e isto esta cortando o espírito Olímpico.⁷⁸²

Pound defende que existe um grande nacionalismo já ligado aos JO e pede uma solução já, inclusive devido a estar entrando um novo presidente sendo um momento apropriado. Ele pede para tirar o nome dos países da cerimónia e deixar só o nome dos CONs.⁷⁸³

Haverá alguma coisa na política que ponha mais de acordo os governantes e os governados do que uma medalha olímpica? Nesta perspectiva, Pires (1993) afirma que

⁷⁸² In: Ata da 51ª Sessão do COI - Cortina D'amezzo, 24 a 25 de janeiro de 1956, p.3.

⁷⁸³ In: Ata da 83ª Sessão do COI - Moscovo, 15 julho e 3 de agosto de 1980, p.37.

para os governantes uma medalha olímpica vale mais do que cem mil praticantes desportivos.

7.2.4 Benito Mussolini, Adolf Hitler e John Kennedy

A questão da relação do nacionalismo com o desporto pode ser evidenciada em três importantes momentos da história do desporto moderno. O primeiro momento foi em 1934 quando Benito Mussolini (1883-1945), a propósito da Copa do Mundo da FIFA de 1934, disse aos seus atletas “vençam ou morram”, o segundo caso foi a utilização por Adolf Hitler dos JO de Berlim (1936) para fins nacionalistas. Sendo o terceiro fato a utilização, a pedido de John Kennedy, de uma edição da banda desenhada “Super-Homem” visando os JO de Tóquio (1964).

Em 1934, Benito Mussolini impôs ao General Giorgio Vaccaro,⁷⁸⁴ presidente da Federação Italiana de Futebol e Secretário do Comité Olímpico Nacional Italiano (CONI), que ganhasse o Campeonato do Mundo que, naquele ano, se realizava em Itália. Quando o General lhe respondeu que iam fazer o possível, Mussolini respondeu-lhe imediatamente que ele não tinha compreendido bem aquilo que lhe havia dito, para ele a Itália tinha de ganhar o campeonato. Claro que, depois de muita manipulação das arbitragens, a equipa italiana lá conseguiu chegar à final. Foi então que Mussolini, ao enviar em vésperas do jogo um telegrama à equipa italiana, cunhou um dos slogans mais trágicos do mundo do desporto moderno: “vençam ou morram”. E os italianos venceram a Hungria por 4-2, à custa dos favores do árbitro. Como explicou Giorgio Vaccaro estava em causa a demonstração ao mundo do ideal fascista do desporto.

Hitler, perante a impotência de alguns e a conivência de quase todos, fez dos JO de Berlim (1936) um autêntico hino ao nazismo que Leni Riefenstahl (1902-2003) consagrou no filme Olympia, que viria a ser considerado uma obra-prima da filmografia moderna. A partir de então, nenhum regime a Ocidente ou Oriente resistiu a utilizar em benefício próprio a organização desportiva.

O desejo de supremacia desportiva, como já vimos, tornou-se bem mais forte a partir do momento em que a União Soviética aderiu ao MO participando pela primeira vez nos JO de Helsínquia (1952). A partir de então, a participação dos EUA foi de mal a

⁷⁸⁴ O General Vaccaro foi eleito membro do COI em 1939. Após a Guerra, embora sob protestos do movimento desportivo democrático italiano, manteve-se até 1951.

pior o que fez com que fosse necessário fazer alguma coisa para mudar a tendência dos acontecimentos. Em consequência, o Presidente John Kennedy (1917-1963) envolveu-se em um programa nacional que visava melhorar a condição física da população jovem através do desporto. Uma das linhas estratégicas era atingir a juventude norte-americana através da banda desenhada utilizando para o efeito a imagem e o exemplo do Super-Homem. E estava preparada para ser publicado na revista “Superman” nº168 de abril de 1964, quer dizer, mesmo antes dos JO de Tóquio (1964), uma estória aos quadrinhos em que o Presidente Kennedy aparecia a interagir com o Super-Homem. A ideia geral era: *Superman's Mission for President Kennedy*. Tratava-se de utilizar o prestígio e a fama do Super-Homem entre a juventude a fim de promover um programa de melhoria da condição física dos norte-americanos através da prática desportiva. A estória era simples, aliás como convinha:

O Super-Homem salva um grupo de estudantes europeus e americanos de uma avalanche. Após o ocorrido, os europeus dão entrevistas e se mostram dispostos, enquanto os americanos estão cansados e indispostos. O presidente dos Estados Unidos, que viu a notícia pelo noticiário, lamenta o estado físico dos jovens americanos e resolve pedir ao Super-Homem que os incentive a praticar desporto.

E continuava:

Temos de mostrar à juventude que todos têm de manter uma boa condição física - e não somente os heróis! Quando perdemos a condição física a nossa capacidade mental também esmorece.⁷⁸⁵

Porém, Kennedy foi assassinado em 22 de novembro de 1963, em Dallas no Texas. Já na imprensa, a estória foi cancelada, sendo publicada mais tarde, a pedido do Presidente Lyndon Johnson (1908-1973) e da própria família Kennedy, como um tributo ao estadista.

Depois, imediatamente antes dos JO de Tóquio (1964) que se realizaram entre 10 e 24 de outubro, em um artigo publicado no “Sports Illustrated” em 27 de julho de 1964, Robert Kennedy irmão mais novo do Presidente John Kennedy, ao tempo “procurador-geral”⁷⁸⁶ dos EUA, escrevia:

⁷⁸⁵ In: Almanaque Superman (1965).

http://www.universohq.com/quadrinhos/2004/review_almanaque_superman1965.cfm

Consultado em 23 de agosto de 2008.

⁷⁸⁶ As funções de procurador-geral diferem muito de país para país. No caso norte-americano é uma espécie de conselheiro institucional da presidência para os assuntos da justiça.

It is thus in our national interest that we regain our Olympic superiority - that we once again give the world visible proof of our inner strength and vitality ... During a military or nuclear stalemate such as the world is now experiencing athletics can become an increasingly important factor in international relations ... ⁷⁸⁷

Os JO de Tóquio (1964), no que diz respeito a medalhas, correram melhor para os norte-americanos, uma vez que ficaram em primeiro lugar tão só porque tiveram mais medalhas de ouro. Contudo, a URSS conquistou mais medalhas em um total de 96 (30/31/35), os EUA com um total de 90 (36-26-28) medalhas conseguiram mais medalhas de ouro o que lhes permitiu ficar em primeiro lugar na tabela de classificações. Sendo que, nos JO do México (1968) as coisas parece que voltaram ao normal para os EUA, já que voltaram a ganhar a supremacia almejada. De fato, enquanto os EUA ganharam 107 (45-28-34) medalhas, a URSS ficou-se pelas 91 (29-32-30).

7.2.5 Mao Zedong, Pierre Trudeau e Alexander Lukashenko

Outros três casos que evidenciam a questão do nacionalismo ligado ao desporto foram: a máxima “amizade primeiro, competição depois” sustentada por Mao Zedong e utilizada para a participação nos JO de Moscovo (1980); a construção do nacionalismo canadiano a partir de 1970 por Pierre Trudeau; e as recompensas prometidas por Alexander Lukashenko a propósito dos JO de Sidney (2000).

Durante o apuramento para os JO de Moscovo (1980) os dirigentes chineses que, ao tempo, ainda viviam debaixo dos efeitos da Revolução Cultural, simbolizada na máxima “amizade primeiro, competição depois”, entenderam que tinham de facilitar a vida aos norte-coreanos para que estes pudessem ser apurados para os Jogos Olímpicos. Então, como refere Guoqi (2008), as nomenclaturas dos respectivos países reuniram-se a fim de combinarem o resultado mais apropriado que foi estabelecido em um empate em três golos. As equipas jogaram pacatamente até atingirem o aprazado empate e os chineses preparavam-se para assim continuarem até ao apito final. O problema foi que os norte-coreanos não estiveram pelos ajustes, aceleraram e fizeram um quarto golo. Quando os chineses se preparavam para fazer o mesmo deram com os adversários a jogar à defesa e, à revelia do combinado, os norte-coreanos acabaram por ganhar o jogo contra o combinado. A partir de então, os chineses perceberam que competição é

⁷⁸⁷ In: Sports Illustrated. <http://sportsillustrated.cnn.com/search/+Games+1964>. Consultado em 30 de janeiro de 2010.

competição e amizade é amizade e a mistura se não acontecer nas circunstâncias apropriadas é inadequada.

Também no que diz respeito ao nacionalismo, o caso canadiano ficou para a história como paradigmático. Nos JO de Roma (1960), os Canadianos conseguiram somente uma medalha de prata no remo. Em 1970, segundo Kidd (1996), professor na Universidade de Toronto que competiu pelo Canadá nos JO de 1964,⁷⁸⁸ o investimento no desporto aumentou significativamente na administração de Pierre Trudeau. O desporto no Canadá profissionalizou-se, os atletas começaram a ser pagos pelo Estado e foram fundadas diversas organizações profissionais para acelerar o seu desenvolvimento. Trudeau, esperava que uma participação olímpica com sucesso, poderia promover a unidade nacional. Estes esforços, foram ainda incrementados com uma política muito agressiva de realização de grandes eventos internacionais, construção de novas instalações desportivas, formação de novas lideranças e mobilização da população através dos resultados das equipas nacionais sem que os objetivos referentes à construção de uma unidade nacional tivessem sido alcançados.

Também foi significativa a posição do presidente bielorrusso Alexander Lukashenko, responsável pelo Comité Olímpico do seu país, quando informou aos atletas que iam participar nos JO de Sidney (2000) que as medalhas conquistadas seriam recompensadas, que se eles apresentassem resultados teriam apartamentos e muito dinheiro.

A Bielorrússia conquistou 17 (3-3-11) medalhas em Sidney (2000). Entretanto, não sabemos se o presidente cumpriu a sua promessa.

7.2.6 Nações Unidas: Taiwan *versus* RPC

No início da década de 70, dois importantes fatos ocorreram e alavancaram a integração da República Popular da China ao MO. O primeiro foi o reconhecimento da RPC pela ONU e o segundo foi o reconhecimento do Canadá ao direito da RPC em participar dos JO de Montreal (1976) o que por fim não ocorreu.

⁷⁸⁸ In: Time Magazine, 15 de julho de 1996 <http://search.time.com/results.html?N=0&Nty=1&p=0&cmd=tags&srchCat=Time&Ntt=ioc> Consultado em 14 de setembro de 2009.

Até 1971, a ONU reconhecia a República da China como o representante oficial do território Chinês. Já, a partir de 1971, precisamente em 25 de outubro, pela resolução 2.758 da Assembleia-geral das Nações Unidas, a República da China foi substituída pela RPC em todas as instâncias da ONU, inclusive no Conselho de Segurança. Uma vez dentro da ONU, a RPC acertou toda a sua estratégia para conseguir entrar novamente no COI. Assim, em 1972, depois de ter conseguido, com o empenho direto do Primeiro Ministro da RPC Zhou Enlai, o afastamento de Taiwan da Federação Asiática de Ténis de Mesa e da Federação dos Jogos Asiáticos, duas vitórias de significativa importância, a RPC virou-se decididamente para o MO. Em conformidade, começou a pedir a determinados membros do COI que manifestavam amizade e simpatia para com a RPC e para fazerem discursos a defender o regresso da RPC ao MO. O que aconteceu foi que, em muitas Sessões do COI e em diversas reuniões da Comissão Executiva do COI, o problema das “duas Chinas” esteve sempre presente.

Já o caso relacionado ao Canadá ocorreu aproximadamente seis meses depois da organização dos JO ter sido atribuída a Montreal (1976) o que aconteceu em 1970, quando o Canadá estava estabelecendo relações diplomáticas com a RPC. Segundo Pei (2006), a RPC aproveitou a circunstância para fazer mais uma das suas jogadas estratégicas no sentido de acabar com a situação das “duas Chinas”. A ideia que esteve quase a resultar, era conseguir da parte dos canadianos um convite direto para participar nos JO, impondo, ao mesmo tempo, a exclusão de Taiwan. Pelo seu lado, o Canadá para além de aceitar a entrada direta da RPC, o que contrariava os compromissos assumidos com o COI, só permitiria a participação de Taiwan sob o nome de Taiwan como tinha acontecido nos JO de Roma (1960) em que, Taiwan desfilou na cerimónia de abertura com um cartaz que dizia “under protest”. O Governo do Canadá só revelou a sua posição em maio de 1976. Nestas circunstâncias, o COI não ficou nada satisfeito com a situação em vias de acontecer, na medida em que se, por um lado, a RPC não podia participar porque não era membro do COI, por outro, Taiwan não podia ser impedida de participar porque era membro do COI. Perante esta situação o COI emitiu o seguinte comunicado:

A posição do Canadá está em conflito com os princípios fundamentais do Olimpismo pelo que os Jogos nunca deviam ter sido atribuídos ao Canadá ... se o Canadá não tivesse garantido que os atletas de todos os Comitês Olímpicos Nacionais reconhecidos pelo COI poderiam participar (Saywell, 1977 p.123).

O que é fato é que a 9 de julho de 1976, portanto, a escassos dias da abertura dos JO, enquanto a comitiva da RPC se preparava para participar, não tinham sido facultados vistos de entrada à delegação de Taiwan, quer dizer, estava a ser utilizado o mesmo truque que serviu para afastar Taiwan da participação nos IV Jogos Asiáticos (1962) realizados na Indonésia em que Taiwan ficou eternamente à espera de receber os vistos que permitiriam a entrada dos seus atletas na Indonésia.

No Canadá, as posições eram de tal maneira irredutíveis que o COI chegou a considerar a possibilidade de cancelar a realização dos JO, ou, simplesmente, retirar-lhes a designação de Jogos Olímpicos. Contudo, o COI cedeu. Foi decidido prosseguir com os JO sem Taiwan.

Entretanto, perante a cedência do COI, o Presidente do Comité Olímpico Americano, com o apoio do Presidente Gerald Ford (1913-2006), ameaçou retirar dos JO a equipa dos EUA o que seria um desastre, já que todos os contratos com as teletransmissoras norte-americanas ficavam sem efeito. Perante tal ameaça, tinha de ser encontrada uma solução que satisfizesse a política de “uma única China” à qual o Canadá tinha aderido e que seguia os princípios do COI que não permitiam a exclusão de Taiwan enquanto um dos seus membros de pleno direito. Então, por envolvimento direto do Presidente do COI Killanin e do Primeiro-ministro Canadiano Pierre Trudeau, foi tentada uma solução em que Taiwan poderia competir debaixo da designação de Comité Olímpico de Taiwan. O problema foi que tanto Taiwan, como a RPC recusaram a proposta. Os JO acabaram por ter a sua abertura como estava previsto em 17 de julho de 1976 sem qualquer participação chinesa, o que, no fundo, significou uma derrota para todas as partes.

7.2.7 Olimpismo e Identidade Nacional

A RPC, na história do MO, é um caso paradigmático do envolvimento ideológico de um país nas questões do Olimpismo tendo como objetivo a defesa e a construção de uma identidade nacional. Tal como em muitos outros países, tudo começou com a iniciativa de Pierre de Coubertin. Em 1894, Coubertin, através da embaixada francesa na China, enviou uma carta aos governantes da dinastia Manchu convidando-os a enviarem representantes aos JO de Atenas (1896). Contudo, Coubertin

não obteve qualquer resposta na medida em que os chineses não estavam familiarizados com as questões do Olimpismo. Depois:

Em 1904, a imprensa chinesa relatou algumas histórias sobre os Jogos Olímpicos de St. Louis (1904), nos EUA;

Em 1906, apareceu em uma revista local um artigo acerca da história do Olimpismo;

Em 1907, o pedagogo Zhang Boling realizou uma conferência em Tianjin que se seguiu a um evento desportivo, tendo defendido a participação chinesa nos Jogos Olímpicos independentemente dos resultados;

Em 1915, o COI convidou a China a pertencer ao MO e a enviar alguém às suas reuniões (Brownell, 2007 p. 58).

Em 1924, os chineses participaram extraprograma nos JO de Paris e, em 1928, mandaram observadores aos JO de Amsterdão. Depois, o Comité Olímpico Nacional Chinês (COC) acabou por ser fundado em Pequim e inscrito no COI em 1931. Tendo a China acabado por ser convidada pelo COI para participar nos JO de Los Angeles (1932). De fato, a China foi aos JO em Los Angeles com uma delegação de seis elementos. Porém, em Berlim (1936) apresentou-se uma comitiva de 139 elementos.

Depois do final da II Guerra Mundial, em 1946, o Comité Olímpico Chines (COC) tinha a sua sede em Xangai e em 1947 mudou-se para Nanquim, sendo, ao tempo, o Prof. Shou Yi Tung⁷⁸⁹ o seu secretário.⁷⁹⁰ Com a proclamação da RPC por Mao Zedong em 1 de outubro de 1949, o governo militar de Chiang Kai-shek retirou-se para Taiwan. Sendo que, a maioria dos membros do COC que, antes da II Guerra Mundial, tinha sido reconhecido pelo COI, foram para Taiwan, pelo que o COC passou a funcionar em Taipé.

⁷⁸⁹ O Professor Shou Yi Tung foi um desportista eclético, membro das equipas nacionais de basquetebol, futebol, basebol, atletismo e ténis. Esta variedade de modalidades ficou-se muito provavelmente a dever ao fato de ter sido durante dois anos estudante no Springfield College (Massachusetts - EUA). Depois, foi capitão e mais tarde em 1934/36, treinador da equipa nacional de basquetebol, tendo participado na qualidade de treinador nos Jogos Olímpicos de 1936. Foi árbitro internacional da FIBA. Em 1944, foi nomeado secretário-geral da Federação Amadora Atlética Nacional Chinesa que, com sede em Nanquim, cumpria as funções do Comité Olímpico Nacional Chinês. O Prof. Shou Yi Tung acabou por instalar a sede do Comité Olímpico Nacional Chinês em Nanquim, tendo sido seu vice-presidente. Em 1948, foi secretário-geral da delegação chinesa aos Jogos de Londres. Enquanto professor de educação física, foi diretor do Instituto de Educação Física da YMCA em Tien Tsin. Foi, ainda, de 1947 a 1958, membro do COI. Quer dizer, o Prof. Shou Yi Tung apresentava um currículo desportivo muito significativo pelo que era uma pessoa intransponível no quadro da integração da RPC no MO, desde logo e para além de tudo, porque era membro de pleno direito do COI. (In: *Review Olympic*, n.66-67, junho de 1973, p.171). Ao decidir, em 1949, ficar na RPC, ao contrário dos outros dois elementos chineses membros do COI, o Dr. H. H. Kong e o Dr. C. T. Wang que aderiram à China Nacionalista, o Prof. Shou Yi Tung acabou por se tornar o principal protagonista de uma das questões mais confusas do MO Internacional que tem precisamente a ver com o chamado problema das “duas Chinas”.

⁷⁹⁰ In: *Olympic Review* (1958), 64, 42.

Depois da Revolução Chinesa e da fundação da RPC em 1949, o COI recebeu do COC a informação de que a sua direção se tinha mudado para Taipé em Taiwan aonde, como se disse, sob a liderança do general Chiang Kai-shek, se organizou a China Nacionalista ou República da China debaixo da proteção dos EUA. Para Avery Brundage, ao tempo Vice-presidente do COI, a mudança não levantou quaisquer problemas no COI, pelo que a ocorrência foi registada nos escritórios da organização em Lausanne, como:

Um ato rotineiro ao qual não foi atribuído nenhum significado político (Brundage, 1973 p.261).

Contudo, esta informação que Brundage passou para as suas memórias, levanta sérias dúvidas, na medida em que o mundo tinha acabado de viver a maior hecatombe da sua história e olhava para o que se passava na China com desconfiança e preocupação. Muito embora a ONU tenha reconhecido o governo de Taiwan como legítimo representante da China, o que é fato é que se estava perante uma situação muito melindrosa que não podia ser tratada como um simples ato de rotina administrativa. Esta perspectiva é defendida por Guoqi (2008) quando afirma que o fato de Taiwan ter continuado no seio do MO tem sobretudo a ver com a conjuntura da Guerra Fria, porque muitos países ocidentais, até 1970, reconheciam o governo de Taiwan em prejuízo do governo de Pequim.

Em conformidade, hoje, parece não haver dúvidas que a questão foi tratada pelo COI com alguns preconceitos relativamente à RPC, em defesa dos interesses de Taiwan, cujo governo era protegido pelos EUA. Entretanto, os problemas não se fizeram esperar porque, na realidade não foi dada a devida importância ao problema nacionalista que ali estava presente, já que dois Estados, um legitimado por uma revolução popular e outro pela presença na ONU, respectivamente localizados na China Continental e na República da China, reivindicavam a mesma nação e a representação exclusiva no COI.

Levantou-se, assim, uma questão de uma enorme complexidade política que o COI sob a liderança de Brundage não estava minimamente preparado para resolver. Iniciou-se um dos processos mais confusos e dramáticos da história do Olimpismo moderno que levou a RPC, em 1956, a abandonar o COI. E os problemas haviam de durar até 1979, muito embora hoje ainda não estejam completamente resolvidos na

medida em que a RPC continua a considerar a República da China como parte do seu território.

Segundo as memórias de Brundage (1973), com o objetivo de resolver a filiação da RPC no COI, Sigfrid Edström reuniu-se com os chineses. Contudo, iniciada a reunião, ao verificar que estava perante entidades políticas representantes do governo da RPC, Edström recusou-se a falar sobre questões desportivas. Para além do mais, Edström informou aos chineses presentes que desejava, antes de tudo, falar com o único membro chinês do COI que ainda vivia na China continental, o Prof. Shou Yi Tung e que não tinha respondido às tentativas de contato. Aliás, segundo Xu Guoqi (2008) os dirigentes de Taiwan tinham posto a correr o boato de que ele tinha morrido. De qualquer maneira, por uma questão de princípios, a questão da RPC, não devia ser resolvida sem ouvir o único membro chinês do COI que se sabia ter ficado na China continental depois da revolução, se tal fosse possível. Esta era a posição de Edström e Brundage. Entretanto, Shou Yi Tung, em 1956, acabou por abandonar o COI, tendo falecido em 1978 um ano antes da RPC regressar ao COI.

Brundage não foi capaz de resolver o problema das “duas Chinas” que acompanhou desde a sua origem na qualidade de vice-presidente do COI que foi desde 1946, e ainda agravou-a criando novos problemas. A respeito de Brundage, Brownell (2007), argumenta que tal não foi possível porque Brundage tinha profundos interesses na República da China aonde se deslocava com frequência a fim de comprar arte oriental que hoje faz parte do museu da Fundação Avery Brundage em Chicago.

Outras questões relacionadas com o nacionalismo surgiram com a II Guerra Mundial que deixou sequelas que se repercutiram no MO não só na Europa como no Oriente. Na Europa foi a divisão da Alemanha e a satelização dos países de Leste debaixo da influência da URSS que conduziu à Guerra Fria no âmbito do MO. Quanto ao Oriente a questão das “duas Coreias” e das “duas Chinas” marcou toda a história do Olimpismo durante a segunda metade do século XX.

Muito embora o caso das “duas Alemanhas” e das “duas Coreias” tenha sido resolvido quase que de uma forma natural criando-se em cada situação dois CONs, já no que diz respeito à RPC os problemas desencadearam-se com uma forte dramaticidade a partir de Helsínquia (1952) não estando hoje ainda totalmente resolvidos.

7.3 Boicotes

Pela leitura das atas das Sessões do COI é possível verificar que a maioria dos seus membros evitavam a palavra boicote aos extremos. Samaranch, acabado de chegar à presidência do COI, no discurso proferido no 11º Congresso Olímpico de 1981, realizado em Baden-Baden⁷⁹¹ na antiga Alemanha Oriental, acerca das conversações que tinha tido com os atletas, fez questão de frisar no seu discurso:

Je tiens à mentionner que le mot ‘boycottage’ n'a pas été
prononcé une seule fois pendant nos débats.⁷⁹²

Depois do que se tinha passado em 1980 com o boicote a Moscovo em que, os únicos verdadeiramente prejudicados foram os atletas, a última coisa de que os atletas queriam ouvir falar era, compreensivelmente, de boicotes. Samaranch pode não ter ouvido falar de boicotes em Baden-Baden, contudo a palavra esteve sempre presente desde o início do MO.

Ao cabo de quase 120 anos do MO moderno a ameaça de boicotes que, depois, foram, ou não, consumados tem sido usada como arma política pelos mais diversos motivos, e não só pelos governos, muito embora, o COI, geralmente sob muita pressão, com mais ou menos estragos para o MO, sempre tenha conseguido superar as situações.

Aquilo que a generalidade dos observadores e amantes do desporto se interrogam é:

- Qual a utilidade dos boicotes?
- O que é que aconteceria se um boicote não ocorrido tivesse tido êxito?
- O que é que aconteceria se um boicote com êxito não tivesse ocorrido?
- A simples ameaça de boicote pode proporcionar os resultados pretendidos?

Evidenciamos que ninguém pode responder às questões levantadas para além de elaborar umas tantas especulações. O desencadear da II Guerra Mundial pela Alemanha em 1939 poderia ter sido evitado caso a ameaça de boicote aos JO de 1936 tivesse tido êxito? É pouco provável, contudo, ninguém o pode dizer com certeza absoluta. Como também ninguém pode dizer com certeza absoluta que, se o boicote de alguns países

⁷⁹¹ Baden-Baden foi o primeiro Congresso Olímpico em que os atletas estiveram verdadeiramente presentes. Esta sua presença foi o primeiro passo para que se começasse a pensar constituir a Comissão de Atletas.

⁷⁹² In: Ata da 84ª Sessão do COI - Baden-Baden, 29 de setembro a 2 de outubro de 1981, anexo I.

ocidentais liderados pelos EUA aos JO de Moscovo (1980) não tivesse sido realizado, Mikhail Gorbatchev não teria ascendido ao poder, a Perestroika não se tinha desencadeado e o muro de Berlim não tinha caído. Apesar de tudo, sobre a utilidade do não boicote aos JO de Seul (1988), hoje, parece haver algum consenso acerca da abertura política acontecida na Coreia do Sul, que, de alguma maneira, se ficou a dever à realização dos JO da XXIV Olimpíada naquele país. Tal como parece ter tido êxito a ameaça de boicote protagonizada pelos países africanos contra a participação da África do Sul e da República da Rodésia nos JO de Munique (1972) que, provavelmente acelerou respectivamente as quedas dos regimes Frederik de Klerk e de Ian Smith.

Os boicotes ou ameaças já vêm de longe. Logo, em 1896, aconteceu a primeira ameaça de boicote quando os ginastas franceses levantaram objeções contra a presença dos ginastas alemães. Nos JO da IV^a Olimpíada, que se realizaram em Londres (1908), o atleta Ralph Rose, porta-bandeira dos EUA, recusou-se a inclinar a bandeira perante o palanque onde estava o Rei Edward VII do Reino Unido o que causou problemas entre os ingleses e os americanos. Muito embora existam dúvidas acerca da maneira como os acontecimentos ocorreram o que é fato é que passou a fazer parte da história do MO.

Depois, nos JO da V Olimpíada, realizados em Estocolmo (1912), a Áustria levantou objeções contra a participação da Boémia, e a Rússia pela participação da Finlândia uma vez que, ao tempo, a Finlândia fazia parte do Império Russo.

Contudo, os boicotes, ou ameaças de boicote, nem sempre foram protagonizados por países, em algumas vezes as FIs também fizeram a sua ameaça de boicote.

A partir do exposto anteriormente, o presente subcapítulo tem por objetivo analisar as questões relativas aos boicotes ocorridos, assim como as ameaças e as consequentes influências no Movimento Olímpico. Para isto, este subcapítulo foi dividido em doze partes principais: 1^a) Lisboa (1926): Reivindicação das FIs; 2^a) Berlim (1936): A Vitória da Vontade; 3^a) Helsínquia (1952): De Volta à Normalidade; 4^a) Melbourne (1956): A Saga Chinesa; 5^a) Coubertin e o Colonialismo; 6^a) África do Sul (55^a Sessão do COI, Munique (1959); 59^a Sessão do COI, Moscovo (1962); 60^a Sessão do COI, Baden-Baden (1963); 61^a Sessão do COI, Innsbruck (1964); 63^a Sessão do COI, Madrid (1965); 64^a Sessão do COI, Roma (1966); 65^a Sessão do COI, Teerão (1967); 66^a Sessão do COI, Grenoble (1968); Reunião Extraordinária da Comissão

Executiva (1968); 69ª Sessão do COI, Amsterdão (1970)); 7ª) Munique (1972): Rodésia; 8ª) Montreal (1976): em Cima da Hora; 9ª) Moscovo (1980): os USA; 10ª) Los Angeles (1984): a Revanche; 11ª) Seul (1988): A Coreia do Norte; e 12ª) Pequim (2008): A Prova Real.

7.3.1 Lisboa (1926): Reivindicação das FIs

Para o Reverendo Courcy Laffan a questão era clara. As FIs queriam, cada uma delas, ter um lugar próprio no COI. Contudo, elas não tinham condições para reclamar a sua entrada no COI porque os seus membros:

Não podiam representar os países no COI;
Não tinham um mandato vitalício;
Tinham um compromisso formal de guardarem a sua
independência.⁷⁹³

Na realidade, no COI não estavam representados países, já que eram os membros do COI que o representavam nos seus próprios países pelo que a entrada das FIs no COI resultaria em alterar completamente a lógica do sistema. Quanto aos membros do COI, terem um mandato vitalício dava-lhes uma capacidade projetiva sobre o tempo longo que as outras organizações com dirigentes a prazo não tinham e quanto à independência, os membros estavam obrigados à opinião do COI e ao estatuído na Carta Olímpica. Um membro que não respeitasse a opinião oficial do COI era simplesmente excluído.

Contudo, as FIs há um ano que esperavam por uma resposta e ameaçavam boicotar os JO de 1928. E o Marquês Melchior de Polignac insistia em uma decisão.

A solução encontrada foi: em primeiro lugar, reconhecer a importância do movimento das FIs; em segundo lugar, explicar às FIs que ainda não tinham consciência disso, que todas as questões técnicas lhes seriam enviadas; em terceiro lugar, estabelecer uma relação íntima entre o COI e as FIs.

7.3.2 Berlim (1936): A Vitória da Vontade

Entre a escolha da sede que aconteceu em 1931, durante a Sessão do COI realizada em Barcelona, e a realização dos JO de Berlim (1936), aconteceram várias ameaças aos JO da XI Olimpíada. Dizia-se que os JO iam ser utilizados pelo regime

⁷⁹³ In: Ata da 25ª Sessão do COI - Lisboa, 3 a 7 de maio de 1926, p.2.

nazista, para além de não haver garantia de que os direitos dos judeus seriam respeitados. E com razão porque, cinco anos depois, a cidade de Berlim enfeitou-se de bandeiras com a cruz suástica a fim de receber os JO. Com o Estádio Olímpico superlotado, mais de um milhão de pessoas foi para as ruas a fim de ver passar Hitler, os dignitários do regime e as entidades convidadas. Uma fanfarra de trinta trombetas saudou Hitler quando este entrou no Estádio Olímpico. Depois, um coro de 3.000 pessoas cantou o hino alemão. Muitas das delegações ao desfilar na cerimónia de abertura dos JO, quando passaram diante da tribuna onde se encontrava Hitler acompanhado do Presidente do COI, Henry Baillet-Latour e outras individualidades, fizeram a saudação nazista.

Um incidente que marcou a posição do COI em defesa desses JO foi a expulsão do membro de nacionalidade americana Ernest Lee Jahnke, filho de um imigrante que era a favor do boicote aos JO de Berlim (1936). Jahnke foi substituído pelo famoso Avery Brundage que defendeu a realização dos JO de 1936. Depois foi a hecatombe, os JO da XIIª e XIIIª Olimpíadas foram cancelados por motivos da II Guerra Mundial e só voltariam a realizar-se, em Londres, em 1948.

7.3.3 Helsínquia (1952): De Volta à Normalidade

Os JO da XVª Olimpíada, que se realizaram em Helsínquia (1952), deviam ter representado um regresso à normalidade. O problema é que o Mundo já não era o mesmo, tinha mudado. E de que maneira? Tinham sido erguidas a “Cortina de Ferro” na URSS e a “Cortina de Bambu” na RPC.

A URSS aderiu ao MO em 1951 e preparava-se para participar nos JO a fim de demonstrar ao Mundo a superioridade do seu sistema político, e a RPC, que tinha acabado de ser fundada em 1949, depois de uma guerra revolucionária, apareceu em Helsínquia (1952) a dizer que também queria participar nos JO. Mas não só, porque, simultaneamente, em uma estratégia de “hard power” que se veio a revelar desastrosa, a RPC exigia também ser a única representante do povo chinês no COI pelo que, consequentemente, exigia a expulsão da República da China, também conhecida como China de Taiwan. Porque, após a estrondosa vitória revolucionária liderada por Mao Zedong, a RPC entendia ser a única representante da China pelo que se opunha à participação da RC nos JO.

7.3.4 Melbourne (1956): A Saga Chinesa

A saga chinesa continuou nos JO da XVI Olimpíada, que se realizaram em Melbourne (1956), com o boicote da RPC em protesto contra a presença de RC. Ao tempo, diga-se em abono da verdade, a RPC ainda em uma estratégia de “soft power” tentou uma manobra junto da RC a fim de conseguir uma equipa conjunta dos chineses, mas, sem resultado, e voltou à linha do “hard power”.⁷⁹⁴ É evidente que os chineses de Taiwan nem se deram ao trabalho de recusar tal convite. Em consequência, segundo Avery Brundage, presidente do COI, quando os JO de Melbourne (1956) estavam prestes a começar, os dirigentes do CON da RPC informaram o COI que não participariam caso os atletas de Taiwan participassem (Schantz, 1995).

Segundo o relato de Brundage (1973) as coisas passaram-se assim:

À minha chegada a Melbourne para os Jogos, os dirigentes do Comité Olímpico de Pequim pediram-me uma entrevista. Desejavam saber se ia chegar uma delegação da Taiwan. Disseram-me que tinham preparado uma equipa de 150 de homens e mulheres que aguardavam em Pequim, mas que não iriam aos Jogos caso viessem “os bandidos de Taiwan” (p.261).

Brundage, respondeu-lhes com o discurso do costume:

Não eram os países que competiam, mas os atletas pelo que o reconhecimento de um CON não significava necessariamente o reconhecimento do governo do país (p.261).

Como os dois CONs eram reconhecidos pelo COI, ambas as delegações podiam participar. Entretanto, o Prof. Shou Yi Tung, membro do COI e cidadão chinês que tinha decidido ficar na China Continental depois de 1949 quando foi institucionalizada a RPC, fez os maiores esforços para explicar a Brundage a situação de Taiwan no quadro histórico da China. No entanto, o Presidente do COI manteve-se inflexível, considerando a existência de “duas Chinas”, o que a RPC se recusava a aceitar. Para além do mais, apesar dos repetidos protestos do CON da RPC, o COI insistia em utilizar nos seus documentos “Pequim - China” e “Taiwan - China” o que para além de sugerir a existência de “duas Chinas” colocava as duas realidades políticas em igualdade de circunstâncias, coisa que irritava profundamente os dirigentes da RPC.

⁷⁹⁴ Ao tempo, o CON da RPC escreveu uma carta aos trabalhadores e desportistas da província de Taiwan a fim de os convidar a participar nos campeonatos a realizar em Pequim dizendo que seleccionariam uma única equipa chinesa que participaria nos JO de Melbourne (1956). Também foi garantido aos chineses de Taiwan que, uma vez concluídas as provas de seleção em Pequim, eles seriam livres de regressar a Taiwan.

Neste contexto, o isolamento da RPC se tornou total. E como o reconhecimento implícito da existência de “duas Chinas” foi também assumido por diversas FIs, o que foi inaceitável para a RPC foi a decisão de abandonar Melbourne (1956) e boicotar os JO da XVI Olimpíada. Posteriormente, em 1957, a RPC acabaria por abandonar o COI e várias FIs.⁷⁹⁵

Cabe salientar que os JO de Melbourne (1956) foram ainda boicotados pelo Egito, o Iraque e o Líbano, em protesto contra o controlo anglo-francês do Canal do Suez. Além disso, os Países Baixos, a Espanha e a Suíça boicotaram também os JO de Melbourne (1956) em protesto contra a invasão da Hungria pela União Soviética.

7.3.5 Coubertin e o Colonialismo

Como refere Eicheberg (1984), não foi por mero acaso que o Olimpismo arrancou na era do colonialismo. A este respeito, Coubertin, em 1914, em um discurso pronunciado na Sorbonne, afirmava:

O desporto é um fator determinante dos empreendimentos coloniais, de tal maneira que um colonizador sem uma vigorosa preparação desportiva constitui uma perigosa imprudência ... Enfim meus senhores, o desporto terá a sua tarefa a jogar na política externa ... Os povos retirarão a grande lição dos desportistas sabendo que o ódio sem batalha é pouco digno de um homem e que a injúria sem golpe é indigna. O pacifismo desportivo não pretende suprimir os passes de armas, mas simplesmente tornar possível nos intervalos as colaborações fecundas que não são somente indispensáveis ao progresso material, mas respondem ainda à concepção da dignidade viril admitida nas épocas mais cavalheirescas da história (Coubertin, 1986 p.617).

Na realidade, todo o discurso de Coubertin teve uma profunda motivação política pelo que a sua dimensão pedagógica que não se pode negar, significa tão só um instrumento da política e, como referiu Eicheberg, aí está o colonialismo para o justificar. Assim a questão colonial no mundo do desporto e do Olimpismo deve ser também considerada como mais uma dimensão política do discurso de Coubertin que, ao tempo, não tinha as conotações que viria a ter anos depois. Nem a palavra “colonialista” tinha o sentido pejorativo que viria a adquirir a partir de finais dos anos cinquenta.

⁷⁹⁵ A RPC só voltaria a regressar ao MO em 1979, tendo participado nos JO de Inverno em Lake Placid (1980) e, porque boicotou os de Moscovo (1980), só voltou a participar nos JO de uma Olimpíada em Los Angeles (1984).

Contudo, aos olhos de um observador atual, o colonialismo atentava contra os direitos e a dignidade humana. Por isso, hoje está bem de compreender que a revolta dos povos colonizados, tanto em África como no Oriente, era uma questão de tempo. E assim aconteceu, a partir dos finais dos anos cinquenta, princípios dos anos sessenta, começaram a surgir as primeiras manifestações de independência de vários movimentos de libertação. A Batalha de Dien Bien Fou, ocorrida no Vietname a 7 de maio 1954, foi a primeira grande manifestação de que o mundo estava a mudar quando o exército expedicionário francês sofreu uma humilhante derrota. Os franceses tiveram de sair de rastos do Vietname. Depois, a partir de 1960, reconheceram a independência à maioria das suas colónias africanas incluindo à Argélia em 1962.

Nos países em que a situação da independência não ficou resolvida começaram a levantar-se questões, ainda em 1959, conforme se pode verificar na ata da 55ª Sessão, realizada em Munique de 25 a 28 de maio de 1959, em que o membro do COI, de nacionalidade sul-africana, Reginald Honey, teve de explicar o que se passava no seu país relativamente ao apartheid, na medida em que eram muitos os protestos que chegavam ao COI.

Portanto, a questão do MO em África era uma questão política extraordinariamente melindrosa, sempre na ordem do dia e da qual o COI não podia fugir. Contudo, a lógica de que o desporto nada tinha a ver com a política, por um lado, e, por outro lado, de que os CONs eram independentes dos governos dos respectivos países, não funcionavam pelo que o COI foi mesmo obrigado a envolver-se na questão africana protagonizada pela África do Sul e pela República da Rodésia.

7.3.6 África do Sul

Em princípios de 1959, o COI começou a receber reclamações acerca do funcionamento do desporto em África do Sul e enviou-as para o CON da África do Sul solicitando esclarecimentos. Entre as reclamações recebidas contam-se as provenientes de um movimento que se intitulava “Campaign Against Race Discrimination in Sport” cujo Presidente era o Arcebispo da Cidade do Cabo.⁷⁹⁶ Nestas circunstâncias, o COI não podia ficar indiferente a reclamações deste tipo. Estava iniciado o processo que havia de

⁷⁹⁶ Joost de Blank (1908-1968) foi arcebispo da cidade do Cabo de 1957 a 1963. Era conhecido como “o flagelo do apartheid” devido às suas fortes posições contra as políticas do governo da África do Sul dirigidas exclusivamente à comunidade branca.

conduzir ao afastamento CON da África do Sul da participação nos JO bem como à sua expulsão do COI.

7.3.6.1 55ª Sessão do COI, Munique (1959)

Em 1959, o membro sul-africano do COI, Reginald Honey foi ouvido na 55ª Sessão do COI, realizada em Munique de 25 a 28 de maio de 1959. Para o efeito, estava previsto um ponto específico na ordem de trabalhos: “Racial Discrimination in South Africa”.

Acerca das explicações dadas por Honey, pode ler-se na ata da referida Sessão:

Mr. Reginald Honey (South Africa) explains that there are 10.5 million coloured men in this country. These have started to show an interest in Olympism for the last 2 or 3 years only. He proceeds to give an account of the sport situation as it stands at the present time. The speaker declares that no objection exists in his country to coloured athletes participating in the Olympic Games as long as they have an international or Olympic standing, this has not been the case up to the present time. These men have never been ill used, on the contrary, we help them to develop their physique and their sport.⁷⁹⁷

Evidenciamos que Honey jogava com uma trapaça. É evidente que se a população só tinha demonstrado interesse pelo Olimpismo nos últimos dois ou três anos não podia ter resultados desportivos. O que estava em causa era: Primeiro, saber porque é que a população só tinha demonstrado interesse há dois ou três anos? Segundo, a população de cor que tinha interesse tinha os mesmos direitos que a população branca? Porque, de acordo com os princípios do Olimpismo, era inadmissível existirem dois sistemas desportivos, um para a população de cor e outro para a população branca. Para além do mais, o sistema para a população de cor, em determinadas circunstâncias, como veremos posteriormente, estava subordinado ao sistema da população branca que o podia controlar. Por isso, independentemente de todas as conjeturas de Honey, o que estava em causa era saber se o sistema desportivo sul-africano respeitava os direitos fundamentais do homem. Porque, quando a Carta dos Direitos Humanos da ONU diz:

Nós, os povos das Nações Unidas, decidimos:

- A preservar as gerações vindouras do flagelo da guerra que por duas vezes, no espaço de uma vida humana, trouxe sofrimentos indizíveis à humanidade;

⁷⁹⁷ In: Ata da 55ª Sessão do COI - Munique, 25 a 28 de maio de 1959, p.13.

- A reafirmar a nossa fé nos direitos fundamentais do homem, na dignidade e no valor da pessoa humana, na igualdade de direitos dos homens e das mulheres, assim como das nações, grandes e pequenas;
- A estabelecer as condições necessárias à manutenção da justiça e do respeito das obrigações decorrentes de tratados e de outras fontes do direito internacional;
- A promover o progresso social e melhores condições de vida dentro de um conceito mais amplo de liberdade.

Não é possível aceitar um sistema desportivo sustentado no designado apartheid, desde logo porque não cumpre os princípios da referida declaração.

Mas Honey, no seu discurso, descrevia um quadro que dificilmente teria alguma coisa a ver com a realidade. Dizia ele:

The South-African NOC, which recognizes these coloured athletes, has always treated them on equal footing as far as sport is concerned. We are in the best of terms with their sport organizations. The South-African NOC, gives its assurance that in this respect, it sees that the Olympic rules are strictly applied. Should a champion be discovered in his country, it is most certain that he would belong to the Olympic team of South-Africa.⁷⁹⁸

Honey partia da premissa de que o apartheid era um sistema perfeitamente legítimo e aceite pela generalidade dos membros do COI porque, depois também explicava que era o CON branco que ia verificar se as organizações desportivas negras respeitavam estritamente as regras olímpicas.

Portanto, partindo do princípio que a Carta Olímpica (2007) diz concretamente que:

A prática do desporto é um direito do homem ... Toda a forma de discriminação relativamente a um país ou a uma pessoa com base na raça, religião, política, sexo ou outra, é incompatível com a pertença ao Movimento Olímpico (p.11).

Era impossível aceitar-se sem nenhum protesto o discurso de Honey.

Contudo, Brundage não estava ali para filosofias, ele era um construtor civil, um operacional, um homem que, à custa do seu trabalho, tinha construído duas fortunas porque a primeira tinha perdido na crise financeira de 1929. Assim, para ele, eram situações objetivas que lhe interessavam conforme relata a ata:

⁷⁹⁸ In: Ata da 55ª Sessão do COI - Munique, 25 a 28 de maio de 1959, p.14.

In reply to Mr. Brundage enquiry, Mr. Honey says that any coloured athlete belonging to the Olympic team would automatically receive his passport to enable him to travel abroad. Just recently, he received a confirmation of the official guarantee given to that effect by the Home Secretary Office.⁷⁹⁹

Esta questão, a única que parecia interessar a Brundage, foi confirmada por Arthur Porritt, membro do COI para a Nova Zelândia, na qualidade de Presidente dos JO de Melbourne (1956) quando disse:

Has never been any sign of racial discrimination at these Games, and that Mr. Honey statement is accurate. The evolution of sport in South Africa is slow but sure as far as the development in quality in the coloured athletes is concerned.⁸⁰⁰

E, depois, propos:

We must give our support to the NOC, of that country as it operates in accordance with the Olympic regulations. He heard that a coloured national federation has just been affiliated to the South-African NOC.⁸⁰¹

Entretanto, Ferreira Santos, membro do COI para o Brasil, informou que, há cerca de três meses, a equipa de futebol do Brasil, com dois ou três indivíduos de cor, não foi autorizada a jogar na África do Sul.

Honey respondeu, com a lógica habitual do pensamento dos dirigentes do MO, quer dizer, colocando o desporto fora da realidade política do país, como se o desporto tal como o Olimpismo, pudessem viver à margem dessa realidade. E explicou que:

The NOC, and the football national federation of South-Africa are not responsible for incident of that sort. The match was arranged and the publicity made. The South African football national federation was quite agreeable to meet the Brazilian players unconditionally. It is the president of the Brazilian team who wired at the last minute in order to cancel the match in South Africa.⁸⁰²

Perante o discurso de Honey, Aleksei Romanov membro para a U.S.S.R. não perdeu a oportunidade de dizer que a situação na África do Sul nada tinha a ver com a descrita por Honey. E disse que na, Sessão do COI de Roma, tinha ouvido que:

⁷⁹⁹ In: Ata da 55ª Sessão do COI - Munique, 25 a 28 de maio de 1959, p.13.

⁸⁰⁰ In: Ata da 55ª Sessão do COI - Munique, 25 a 28 de maio de 1959, p.13.

⁸⁰¹ In: Ata da 55ª Sessão do COI - Munique, 25 a 28 de maio de 1959, p.13.

⁸⁰² In: Ata da 55ª Sessão do COI - Munique, 25 a 28 de maio de 1959, p.14.

... some Australian table tennis players have been refused the right to compete against coloured men by the South African Government.⁸⁰³

Pelo que, Romanov insistia:

The N.O.C, should be reminded to pay strict attention to the fundamental principles of our Charter.⁸⁰⁴

Evidenciamos que Romanov estava errado. Porque mesmo que os princípios da CO fossem todos cumpridos nunca o seriam porque o sistema jamais estaria de acordo com os princípios da Carta dos Direitos Humanos da ONU, ora, não nos quer parecer que o MO possa existir à margem da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Neste sentido, Sondhi, membro do COI para a Índia, perguntava se:

Does a guarantee exist to vouch for the fact that coloured athletes may compete against whites? One way would be to accept all coloured athletes alike who are qualified to belong to an Olympic team. The mere fact to let them compete only among themselves is a sure sign of discrimination. We have lofty ideals but we ought to apply them objectively. If this problem cannot be solved, it is a sure sign that the IOC is on its decline.⁸⁰⁵

Sondhi dizia que eles tinham fortes ideais e se o problema não pudesse ser resolvido ficaria claro que o COI estava em declínio. Os membros do COI como de costume, tentavam argumentar dentro do sistema olímpico, como se fosse possível considerar um problema de discriminação resolvido dentro do MO sem que o mesmo estivesse resolvido fora. Existindo na África do Sul um problema de discriminação racial fora do MO era pura e simplesmente impossível ele poder ser resolvido dentro do MO.

Por isso, a única maneira encontrada para ultrapassar naquele momento o problema foi Brundage pedir aos membros do COI um voto de confiança em Honey e disse:

Our only course is to accept the promises given us and to request the responsible people to find an adequate solution that conforms with our regulations.⁸⁰⁶

O que se evidencia é que toda a estratégia da África do Sul era a de ganhar tempo. Entretanto, as explicações de Honey não podiam satisfazer minimamente os

⁸⁰³ In: Ata da 55ª Sessão do COI - Munique, 25 a 28 de maio de 1959, p.14.

⁸⁰⁴ In: Ata da 55ª Sessão do COI - Munique, 25 a 28 de maio de 1959, p.14.

⁸⁰⁵ In: Ata da 55ª Sessão do COI - Munique, 25 a 28 de maio de 1959, p.14.

⁸⁰⁶ In: Ata da 55ª Sessão do COI - Munique, 25 a 28 de maio de 1959, p.14.

membros do COI na medida em que, quaisquer que elas fossem, partiam de uma premissa errada e essa premissa era a de que o apartheid era um sistema político admissível no qual o MO podia funcionar desde que proporcionasse igualdade de oportunidades aos atletas brancos e de cor. Porém, esta solução não fazia qualquer sentido, porque o MO seria sempre um dos subsistemas sociais do País e não o contrário. Portanto, por muito que Brundage quisesse separar a questão política da desportiva isso era impossível. Ele estava no meio de um vulcão político e não havia maneira de o evitar. Por isso, o mais que Brundage conseguiu foi protelar o problema, na base de que era possível acreditar que o CON da África do Sul conseguiria superar o regime do apartheid de maneira a conseguir, dentro dele, construir um sistema desportivo de acordo com os princípios da CO. Entretanto, a fim de salvar as aparências o COI, através de Otto Mayer, seu chanceler, a 30 de junho de 1959, fez sair de Lausanne a seguinte declaração:

...
3. The National Olympic Committee of South Africa has replied ... that all peoples in South Africa are entitled to compete in international sports and particularly in the Olympic Games. It has made a public statement that if any non-white amateur athlete proves through tests that he is of international or Olympic standard, no objection will be raised to his being sent to take part in these over-sea competitions.

4. It has informed us that the government of South Africa will raise no objection to this problem, and that passports will be issued.

5. Furthermore the National Olympic Committee of South Africa has informed us that they are proceeding to assist in providing training and coaching facilities and organization leadership to nonwhites.⁸⁰⁷

E assim, o COI empurrou o problema para a frente e havia de o continuar a empurrar até chegar a um momento em que já não conseguia continuar a prosseguir a estratégia de adiar o problema que não conseguia resolver.

Honey, ao chegar à África do Sul, reuniu-se com a “South African Olympic & Commonwealth Games Association” (SAOCWGA) a fim de relatar o acontecido na reunião de Munique. O problema é que a SAOCWGA, em 22 de junho de 1959, enviou um ofício aos CONs informando da reunião, bem como das conclusões emanadas por Otto Mayer do COI.

⁸⁰⁷ In: Bulletin du Comité International Olympique (1959), 67, 88.

O que se entende é que as autoridades não podiam dar quaisquer garantias. Um regime não se muda por meras conversações, pelo que não podia de maneira nenhuma ser aceite como verdadeiro que no futuro não haveria obstáculos colocados no caminho da participação de qualquer pessoa, independentemente de sua raça ou cor nas equipas olímpicas sul-africanas. Desde logo, pelas dificuldades de seleção dos atletas uma vez que os atletas de cor não podiam entrar nos clubes reservados a europeus. Por isso, uma situação de verdadeira igualdade só poderia acontecer no dia em que os clubes reservados a europeus abrissem as suas portas aos cidadãos sul-africanos de cor entusiastas da prática desportiva.

Em 8 de junho de 1960 a “Campaign Against Race Discrimination in Sport” enviou uma nova carta para o Chanceler do COI, Otto Mayer, carta a qual deu conhecimento a diversos CONs, em que reforçava as afirmações anteriores, informando que, desde as promessas feitas na Sessão do COI de Munique, em maio de 1959, não tinham sido disponibilizadas instalações desportivas para os atletas não brancos pelas autoridades sul-africanas e nenhum atleta não branco foi considerado para ser submetido a um desafio a fim de poder ser apurado para os JO. As acusações foram demolidoras quando apresentaram o nome de três atletas negros, o velocista Didibeng Mokoena; e os halterofilistas Mackenzie e Johny Geldut, que não tendo sido selecionados tinham melhores resultados do que os atletas brancos selecionados.

7.3.6.2 59ª Sessão do COI, Moscovo (1962)

E como a questão não estava resolvida, voltou, e com mais força, à ordem do dia na 59ª Sessão, realizada em Moscovo de 5 a 8 de junho de 1962, sob o ponto da agenda intitulado “Racial Discrimination in South-Africa”.

Brundage sumariou a posição do CON da África do Sul relativamente à questão da discriminação racial e disse: “The assurances given in Rome were not carried out.”⁸⁰⁸ Ora, as decisões de Roma, além de terem sido vagas, eram impossíveis de cumprir. Não era o Olimpismo que ia modificar o regime do apartheid. E foi tomada uma decisão radical. Diz a ata:

The I.O.C. is to write to the South African Olympic Committee to inform them that if the policy of racial discrimination practised by their government in this respect does not change before

⁸⁰⁸ In: Ata da 59ª Sessão do COI - Moscovo, 5 a 8 de junho de 1962, p.4.

our Session in Nairobi takes place in October 1963, the International Olympic Committee will be obliged to suspend this Committee. Decision carried by a vast majority against 5 votes which opted for immediate suspension.⁸⁰⁹

Quer dizer, o COI envolvera-se, e bem, na questão política da situação sul-africana. E, ao fazê-lo, assumia que os princípios da CO só podiam, na sua plenitude, ser respeitados se, a montante, fossem também respeitados os princípios da Carta dos Direitos Humanos da ONU. Esta decisão do COI foi uma primeira vitória para a “Campaign Against Race Discrimination in Sport” que viu os seus esforços serem compensados na medida em que as suas reclamações tinham atingido as preocupações dos membros do COI.

Na Sessão do COI de Moscovo de 1962 foi ainda decidido que: 1º) O Conde Beaumont, na Sessão do COI de Nairobi de 1962, apresentasse um relatório completo sobre a situação africana; 2º) O COI convidaria para a Sessão do COI de Nairobi não só os CONs reconhecidos como, ainda, os não reconhecidos bem como as pessoas envolvidas no MO de países que ainda não tivessem CONs.⁸¹⁰

7.3.6.3 60ª Sessão do COI, Baden-Baden (1963)

Na 60ª Sessão do COI, realizada em Baden-Baden de 16 a 20 de junho de 1963, Frank Braun, Presidente do CON da África do Sul, informou:

The apartheid was an internal matter and one which did not concern to IOC. The non-white athletes could train among themselves and competition with white athletes would take place outside South Africa if it was found to be impossible to hold them in the country. The South Africa Government undertook to issue passports to non-white athletes considered worthy to go to Tokyo. It was also said that the opposition came from political agitators.⁸¹¹

O COI considerou que tinham sido realizados importantes progressos, mas que havia mais a fazer. Nem sempre era possível um atleta não branco medir as suas forças com atletas brancos. Entretanto, as informações prestadas pelos membros do CON sul-africano foram amplamente debatidas e, depois, elaborada e votada a seguinte resolução:

The South African National Olympic Committee must pledge itself to declare categorically - that it recognizes and submits to the

⁸⁰⁹ In: Ata da 59ª Sessão do COI - Moscovo, 5 a 8 de junho de 1962, p.4.

⁸¹⁰ In: Ata da 59ª Sessão do COI - Moscovo, 5 a 8 de junho de 1962, p.6.

⁸¹¹ In: Ata da 60ª Sessão do COI - Baden-Baden, 16 a 20 de junho de 1963, p.9.

spirit of the Olympic Charter and in particular to Rules N° 1 and N° 24 - It must also receive from its Government between now and December 31st 1963 a modification of its policy of discrimination in sports matters and in competitions in its country. In default of this the National Olympic Committee of South Africa will be forced to give up the inscription of its athletes in the Olympic Games.⁸¹²

Entretanto, na Sessão do COI de Baden-Baden, havia membros do COI que já não tinham ilusões acerca da capacidade do CON da África do Sul de reformular o seu sistema estando condicionado pelo próprio sistema político do País. Por isso, os soviéticos Constantin Andrianov e Aleksei Romanov apresentaram uma proposta no sentido de suspender a África do Sul em virtude do país não ter cumprido as decisões emanadas pelo COI em Sessões anteriores.⁸¹³ Contudo a mesma não foi efetivada.

7.3.6.4 61ª Sessão do COI, Innsbruck (1964)

Entretanto, na 61ª Sessão do COI, realizada em Innsbruck de 26 a 28 de janeiro de 1964, foi prestada a informação de que Frank Braun tinha sido recebido pela Comissão Executiva do COI a fim de lhe ser entregue a resolução da Sessão relativamente à situação da África do Sul. Frank Braun comprometeu-se a fazer o seu melhor para dar cumprimento à resolução do COI antes de terminar o prazo de inscrição para os JO de Tóquio (1964).⁸¹⁴

Entretanto, o Marquês de Exeter frisou a necessidade do CON da África do Sul, para além de manifestar ser contra o apartheid no desporto, demonstrar ser o campeão dos ideais olímpicos entre a sua gente:

... the South African Olympic Committee must openly and officially declare itself to be against apartheid in sport and to be the champions of Olympic ideals among its people. Even if it were not entirely successful, its effort in this direction would be noted.⁸¹⁵

Da Sessão do COI de Innsbruck de 1964 resultou um comunicado em que o COI manifestou a sua insatisfação relativamente ao processo na África do Sul. Já que em Baden-Baden (1963) tinha ficado claro que:

- O CON da África do Sul desencadearia um processo satisfatório de seleção da sua equipa olímpica dentro ou fora da África do Sul se o governo levantasse algumas objeções;

⁸¹² In: Ata da 61ª Sessão do COI - Innsbruck, 26 a 28 de janeiro de 1964, anexo 2.

⁸¹³ In: Ata da 60ª Sessão do COI - Baden-Baden, 16 a 20 de junho de 1963, anexo 5.

⁸¹⁴ In: Ata da 61ª Sessão do COI - Innsbruck, 26 a 28 de janeiro de 1964, p.6.

⁸¹⁵ In: Ata da 61ª Sessão do COI - Innsbruck, 26 a 28 de janeiro de 1964, p.6.

- O Governo da África do Sul estava comprometido a não levantar problemas relativamente a vistos e emissões de passaportes para os atletas não brancos selecionados;
- A equipa olímpica deveria ser verdadeiramente representativa.⁸¹⁶

O CON da África do Sul estava comprometido a desenvolver as suas atividades de acordo com a Regra 24 da CO pelo que era:

...essential that it should collectively, clearly and publicly disassociate itself from the policy of non-competition in sport and non-integration in the administration of Sport in South Africa between whites and non-whites, and would continue to urge this point of view.⁸¹⁷

Entretanto:

The International Olympic Committee considers that the South African NOC has not carried out this obligation adequately.⁸¹⁸

E, assim sendo, a Sessão do COI determinou:

Under these circumstances, the resolution passed at Baden-Baden still stands and the invitation to the South African team to compete in Tokyo is withdrawn. When the South African NOC, has carried out its duty under Rule 24, it will then be in a position to return to the IOC for reconsideration of the decision.⁸¹⁹

Nesta conformidade, não foi possível à África do Sul apresentar uma equipa nos JO de Tóquio (1964).

7.3.6.5 63ª Sessão do COI, Madrid (1965)

Na 63ª Sessão do COI, realizada em Madrid de 6 a 9 de outubro de 1965, foi relatada uma situação que segundo o General Stoitvev, membro do COI para a Bulgária, podia ter originado um enorme escândalo que só foi evitado devido ao tato político do italiano Giulio Onesti, Presidente do CON da Itália. Como a Comissão Executiva do COI tinha agendado uma reunião com os representantes dos CONs durante o período de 6 a 9 de outubro em que decorria a Sessão do COI de Madrid, Onesti tinha na reunião de Tóquio obtido autorização para promover uma reunião entre os representantes dos CONs de maneira a, antecipadamente, ajustarem posições para a reunião agendada com a Comissão Executiva. Tudo normal, a reunião foi um êxito e o COI saiu reforçado com

⁸¹⁶ In: Ata da 60ª Sessão do COI - Baden-Baden, 16 a 20 de junho de 1963, p.3.

⁸¹⁷ In: Ata da 61ª Sessão do COI - Innsbruck, 26 a 28 de janeiro de 1964, anexo 3.

⁸¹⁸ In: Ata da 61ª Sessão do COI - Innsbruck, 26 a 28 de janeiro de 1964, anexo 3.

⁸¹⁹ In: Ata da 61ª Sessão do COI - Innsbruck, 26 a 28 de janeiro de 1964, anexo 3.

o apoio de mais de 80 CONs. O quase escândalo aconteceu quando, no início da reunião entre os representantes dos CONs, Reginald Honey, membro do COI de nacionalidade sul-africana, quis participar na reunião em representação do CON da África do Sul. Entretanto, como tal era impossível devido às decisões das Sessões anteriores do COI, Onesti com a descrição necessária pediu a Honey que abandonasse a reunião. E era sobre este fato que na reunião de Madrid, Honey se manifestava acusando Onesti de abuso de poder. E disse:

... Mr. Onesti who, according to him, had exceeded his powers.⁸²⁰

Giulio Onesti replicou e disse:

The African countries turn toward the IOC in the hope of obtaining justice. They feel honored to belong now to the Olympic Movement and they hope that the IOC will intervene firmly in this question of South Africa whose National Olympic Committee does not respect the Olympic Rules. At the Games in Tokyo, the South African athletes were not able to participate. The officers, however, continued to sit in on the Olympic meetings. Mr. Onesti acknowledged the services of Mr. Honey who has worked for so long for the Olympic cause in his country. The situation in South Africa is difficult. The laws of this country impose segregation. The National Olympic Committee had been called upon to affirm publicly its respect for the Olympic regulations which forbid all racial discrimination. It has not done so and IOC must now take the necessary measures.⁸²¹

Realmente, as coisas estavam a aquecer politicamente pelo que todo o cuidado era pouco. Nesta conformidade, Brundage apressou-se a informar que:

... at the meeting of the NOCs with the EB in Madrid, the African representatives had shown some agitation over the presence of Mr. Honey. The President had asked them to forgo any demonstration and they had promised to wait. After the meeting, Mr. Brundage had had a long conversation with them and had promised them that the IOC would make a decision in Madrid. The African countries had presented a resolution.⁸²²

Entretanto, foi decidido que na próxima reunião, em 1966, o CON da África do Sul seria suspenso e que os seus membros não poderiam mais participar nas reuniões, só o podendo fazer devidamente autorizados pelo COI.

⁸²⁰ In: Ata da 63ª Sessão do COI - Madrid, 6 a 9 de janeiro de 1965, p.2.

⁸²¹ In: Ata da 63ª Sessão do COI - Madrid, 6 a 9 de janeiro de 1965, p.2.

⁸²² In: Ata da 63ª Sessão do COI - Madrid, 6 a 9 de janeiro de 1965, p.2.

O cerco à África do Sul apertava-se. Embora Honey tenha voltado ao tema perguntando porque é que a Rodésia, a África do Sul, Angola e Moçambique não tinham sido convidados para participarem nos Jogos Africanos, que se realizavam em Brazzaville, foi o próprio Brundage que respondeu dizendo que a África do Sul não podia participar nos Jogos Africanos, tal como não tinha participado nos JO de Tóquio, (1964) porque não respeitava a Regras Olímpicas. Quando aos restantes países mencionados, não eram países independentes.⁸²³

7.3.6.6 64ª Sessão do COI, Roma (1966)

Na 64ª Sessão do COI, realizada em Roma de 24 a 30 de abril de 1966, Brundage voltou à situação sul-africana e fez o ponto da situação dizendo que o apartheid na África do Sul era a lei e que o CON sul-africano arrisca-se a sofrer sanções se não cumprisse a lei. O COI pediu-lhes para fazer uma declaração pública dizendo que aprovavam os princípios da CO de não discriminação. Mas, como não o fizeram, não lhes foi possível participar nos JO de Tóquio (1964). Entretanto, como os JO do México (1968) já estavam próximos, era necessário rever a situação de uma forma realista. E Brundage levantava duas hipóteses. Se a África do Sul fosse expulsa nunca mais poderia regressar, contudo, se fosse suspensa poderia ser que o CON conseguisse criar as condições necessárias para poder voltar ao MO. Contudo, a decisão tinha de ser tomada antes dos JO da Cidade do México (1968). E Brundage disse que, por não ter sido permitido aos atletas da África do Sul participarem nos JO de Tóquio (1964), sete atletas negros que iam participar nos JO tornaram-se profissionais e, assim, perderam-se para o MO.

Entretanto, a delegação sul-africana entrou na reunião e Frank Braun expôs aos membros COI que:

- O CON da África do Sul reconhecia a validade da CO que não permite qualquer discriminação entre atletas que participassem nos JO;
- De acordo com o artigo 24 da CO todos os atletas desde que obtivessem marcas, independentemente da cor da pele, pertenceriam à equipa olímpica;
- A seleção dos atletas seria realizada de uma forma justa;
- Os responsáveis aceitariam a formação paritária entre brancos e negros a funcionar no CON;

⁸²³ In: Ata da 63ª Sessão do COI - Madrid, 6 a 9 de janeiro de 1965, p.5.

- Este comité trataria das questões da seleção bem como de todos os problemas relativos à equipa olímpica.⁸²⁴

E Frank Braun disse considerar que as propostas apresentadas podiam ser uma base mínima para manter o CON da África do Sul no seio do MO e lembrou que a África do Sul tinha estado pela primeira vez nos JO em 1904, em Saint Louis, e que o Governo tinha sido convencido a aceitar uma equipa mista.

A 64ª Sessão do COI passou a uma discussão acerca da questão onde intervieram vários membros do COI tendo, finalmente, sido decidido:

... to put the South African Olympic Committee to the test, to see how this mixed committee will function and to defer to the Teheran session the decision on South African participation in the next Games. In the interim, an IOC commission will go to South Africa to make an investigation on the spot and report to the session in Teheran.⁸²⁵

Porém, foi elaborada uma declaração de princípios que o CON da África do Sul devia submeter às autoridades do seu país. Dizia a declaração:

With regard to Olympic Sport in South Africa the I.O.C. reaffirms its determination to uphold the fundamental principle of the Olympic Charter (which the South African Olympic Committee accepts) namely: "No discrimination is allowed against any country or person on grounds of race, religion or political affiliations. In terms of this principle, the I.O.C. notes the latest development in South Africa whereby a committee of an equal number of non-white and white administrators of Olympic sports will be called into being under the chairmanship of the President of the South African National Olympic Committee to handle the selection of South African representatives for Olympic teams and any other matters of mutual interest relevant to the administration of Olympic sports and regards this as an indication of some progress."⁸²⁶

Entretanto, o Conselho Superior para o Desporto em África, reunido no Mali de 12 a 14 de dezembro de 1966, emitiu um comunicado crítico relativamente às decisões tomadas na 64ª Sessão do COI quanto à África do Sul. E os seus argumentos foram os seguintes:

- A discriminação racial praticada na África do Sul é um atentado aos princípios da CO pelo que a proposta feita pela delegação sul-africana de se instituir uma comissão de seleção mista dá a impressão de que os problemas de discriminação na África do Sul passam a estar resolvidos;

⁸²⁴ In: Ata da 63ª Sessão do COI - Madrid, 6 a 9 de janeiro de 1965, p.15.

⁸²⁵ In: Ata da 63ª Sessão do COI - Madrid, 6 a 9 de janeiro de 1965, p.15.

⁸²⁶ In: Ata da 63ª Sessão do COI - Madrid, 6 a 9 de janeiro de 1965, anexo 5. A declaração referia ainda as condições da visita de Brundage ou seu representante à África do Sul.

- O COI ao patrocinar uma equipa mista para participar em eventos desportivos fora da África do Sul transmite a ideia para os líderes internacionais que apoiam uma situação contrária à moral e aos princípios olímpicos;
- Ao serem proteladas decisões para a Sessão do COI de Teerão dá a ideia de que considerações que nada têm a ver com o Olimpismo tiveram alguma aceitação;
- Nestes termos o Conselho Superior para o Desporto em África afirmou a sua aderência ao MO e condenou firmemente toda a discriminação racial no desporto;
- Congratula-se por o COI ter suspenso a África do Sul de participar nos JO de 1964 e pede-se que seja mantida a decisão até que toda a discriminação racial seja abolida do desporto da África do Sul;
- Solicita-se que o COI peça às FIs que atuem de acordo com as decisões sobre a África do Sul tomadas em 1963;
- O Conselho Superior para o Desporto em África considera a possibilidade de enviar dois elementos à África do Sul a fim de acompanharem a Comissão de Investigação do COI;
- Uma nova decisão do COI será prematura e equivalente a aplicar contra os desportistas africanos;
- O Conselho Superior para o Desporto em África está firmemente decidido a usar todos os meios para obter a expulsão dos organismos desportivos da África do Sul do MO e das FIs enquanto a África do Sul falhar com o cumprimento das regras do COI;
- Finalmente o Conselho Superior para o Desporto em África convidou todos os países membros a candidatarem-se a participar nos JO de 1968 de maneira a que nenhuma equipa racista possa tomar parte e pede a todos os CONs que apoiem esta posição.⁸²⁷

Portanto, a África tinha acabado de descobrir a sua força e que a força da sua razão podia melhor ser combatida com a força dos números, deixando claro que utilizaria todos os meios para expulsar a África do Sul do MO.

Todavia, Brundage não compreendia nem a força de vontade dos africanos nem a força das suas razões. Na reunião da Comissão Executiva, realizada a 22 de outubro de 1966, na Cidade do México, relativamente à situação da África do Sul, Brundage voltou a frisar a sua opinião:

He stated that apartheid is a political affair and has nothing to do with sport as such. He warned, however, that especially many new African Olympic Committees in new African countries do not understand that one cannot use sports as a stick for achieving political objectives. Whatever we are going to decide we have to be very

⁸²⁷ In: Ata da 65ª Sessão do COI - Teerão, 3 a 9 de maio de 1967, anexo VIII.

careful as there is a danger with new countries, which may not understand our position.⁸²⁸

E foi decidido formar uma subcomissão a fim de investigar a situação em África do Sul com a recomendação precisa de:

All results and findings of the sub-committee should be kept secret and be reported to the President before even informing the Executive Board.⁸²⁹

7.3.6.7 65ª Sessão do COI, Teerão (1967)

Na 65ª Sessão do COI, realizada em Teerão de 3 a 9 de maio de 1967, Brundage, como já era hábito, fez um resumo da situação sul-africana lembrando que uma coisa era a política de apartheid do governo e outra a discriminação racial no desporto. E disse:

We, as IOC, are concerned with the sport situation only, and the IOC and Olympic Movement may, and can, never be used to change governments.⁸³⁰

Depois, a delegação do CON da África do Sul deu entrada na sala e o seu líder Frank Braun fez uma exposição acerca da situação do desporto na África do Sul, relativamente ao cumprimento dos princípios da CO. O discurso de Braun foi forte e bem estruturado. É uma peça a todos os títulos digna de se ler desde que seja lida abstraindo que, por detrás daquele discurso, existia um regime ignóbil, que não respeitava a dignidade humana. E, em um regime que não respeitava a dignidade humana, era impossível construir um subsistema onde tudo corria de acordo com os Direitos Humanos. A participação desportiva da África do Sul não tinha solução, porque o problema não era o desporto, o problema era o tipo de sociedade. Só era possível mudar o desporto mudando a sociedade. E as respostas de Braun devem ter convencido ainda mais os presentes. De fato, feitas várias perguntas a Braun ele deu as respostas que se seguem:

- Existem dois organismos para o desporto, um branco e um não-branco, que serão integrados em um único organismo administrativo de topo;
- Cada organismo pode eleger os seus representantes para o organismo administrativo de topo;

⁸²⁸ In: Ata da Comissão Executiva - Cidade do México, 22 de outubro de 1966, p.4.

⁸²⁹ In: Ata da Comissão Executiva - Cidade do México, 22 de outubro de 1966, p.4,5.

⁸³⁰ In: Ata da 65ª Sessão do COI - Teerão, 3 a 9 de maio de 1967, p.9.

- De momento os brancos não estão autorizados a pertencerem a organizações de negros e vice-versa;
- De momento a FIFA suspendeu a Federação de Futebol da África do Sul;
- Depois do organismo de topo ser formado este só pode reconhecer organismos desportivos integrados de brancos e de negros;
- A equipa mista sul-africana viajará conjuntamente, habitará as mesmas residências e usará os mesmos uniformes e emblemas e desfilará sob a mesma bandeira;
- Presentemente o CON ainda é composto unicamente por elementos brancos. As eleições mistas serão realizadas de acordo com os princípios do COI;
- Relativamente às instalações desportivas para brancos e negros, em muitas situações, os negros têm situações mais vantajosas.⁸³¹

Perante o discurso de Braun e os esclarecimentos posteriormente prestados, o COI considerou que o CON da África do Sul tinha feito significativos progressos pelo que tomou a seguinte resolução:

The International Olympic Committee on the basis of reports presented to it notes progress by the South African National Olympic Committee in relation to the problem of racial segregation in sport in South Africa and resolves that its commission on South Africa proceed to that country not later than the end of August 1967 and submit its report to the President of the IOC by the end of September 1967 for consideration by the International Olympic Committee at Grenoble in February 1968.⁸³²

Sendo que, esta resolução do COI, foi uma espécie de balão de oxigénio para o CON sul-africano.

7.3.6.8 66ª Sessão do COI, Grenoble (1968)

Na 66ª Sessão do COI, realizada em Grenoble, de 1 a 5 de fevereiro de 1968, Brundage felicitou os três membros do COI da Comissão da África do Sul pelo trabalho que tinham realizado e pelo relatório que tinham produzido. A Comissão era constituída por Reginald Alexander, do Quénia, Ade Ademola, da Nigéria e o Irlandês Michael Killanin.

Entretanto, foi dada a palavra a Frank Braun, que fez um discurso de quatro páginas muito forte, mas em que ficaram subjacentes algumas críticas ao COI.⁸³³ E

⁸³¹ In: Ata da 65ª Sessão do COI - Teerão, 3 a 9 de maio de 1967, p.10.

⁸³² In: Ata da 65ª Sessão do COI - Teerão, 3 a 9 de maio de 1967, anexo VII.

⁸³³ In: Ata da 67ª Sessão do COI - Grenoble, 1 a 5 de fevereiro de 1968, anexo V.

Brundage não gostou porque, na sua correspondência com Reginal Honey, teve a oportunidade de referir:

The attacks on the IOC in President Braun's presentation ... undoubtedly cost South Africa some votes (Cantelon & McDermott, 2001 p.33-58).

Contudo, o problema era o mesmo, o discurso defendia um desporto sustentado em uma sociedade profundamente injusta e o COI, independentemente das exigências que pudesse fazer ao CON da África do Sul, ao admitir uma equipa, quer quisesse quer não, estava a legitimar um regime que, bem vistas as coisas, até deixava o desporto funcionar.

Depois de levantadas várias questões, como a de saber se o CON da África do Sul admitia desfilar sob a bandeira do COI, ao que Braun respondeu que não, desde logo porque os atletas sul-africanos não aceitariam tal situação. Surgiu então uma proposta do australiano Hugh Weir para que, através de um voto por correio, a fim de permitir uma ampla participação de membros do COI, fosse feita a seguinte proposta de resolução:

Having studied the report of the Commission on South Africa, the International Olympic Committee notes with grave concern that racially-discriminatory internal policies of the South African Government prevent the National Olympic Committee of that country from achieving fully the aims of the IOC under Fundamental Principle I of the Olympic Code. It is, however, encouraged that positive efforts by the SANOC (South Africa National Olympic Committee), have resulted in a firm undertaking to implement the proposals announced at the IOC Session in Tehran in May 1967 whereby a multi-racial team will be selected on merit. It now resolves that the SANOC, may enter a team which conforms with Fundamental Principle I in the Olympic Games in 1968 in Mexico and on the understanding that it continues vigorously its efforts to have all forms of racial discrimination in amateur sport removed, the IOC will reconsider the question by the end of 1972.⁸³⁴

A proposta mereceu uma ampla discussão em que foram trocados os argumentos já conhecidos, por um lado, os que diziam que o CON da África do Sul estava a cumprir as resoluções anteriormente tomadas pelo COI, por outro lado, aqueles que defendiam que o que interessava era considerar que o regime sul-africano não deixara de ter uma política de apartheid pelo que não estava a ser cumprido o princípio nº 1 da CO.

⁸³⁴ In: Ata da 67ª Sessão do COI - Grenoble, 1 a 5 de fevereiro de 1968, p.13.

Posta à votação, a proposta de Hugh Weir foi aprovada por 28 votos a favor e 25 contra. Entretanto, foi decidido proceder a uma votação por correspondência. Terminado o processo,

The result of the vote, announced on 15th February 1968, was that the IOC, by an absolute majority decided to re-admit a mixed South African team to the Games of the XIXth Olympiad in Mexico.⁸³⁵

Na Sessão do COI seguinte foi solicitado que se esclarecesse os resultados da votação pelo que foi informado que foram: 36 votos a favor; 25 contra; 1 abstenção; e 4 votos nulos.

Entretanto, foi pedido pelo COI ao COJO dos JO do México (1968) que endereçasse um convite formal à África do Sul. E Brundage, em 25 de fevereiro de 1968, enviou para a comunicação social o seguinte comunicado:

South Africa has not been invited to the Games of the XIXth Olympiad in Mexico. Despite the unofficial and misleading point scores that are published the Olympic Games are between individuals and not between nations. It is a multiracial team of individuals selected by a multiracial committee with all members on an equal basis that has been invited. There has been a lot of talk about underprivileged Non-Whites in South Africa; now, for the first time something has been done for them and they have been given an opportunity to appear in the Olympic Games on the same basis as anyone else. Who would have thought it possible a few years ago? It is a great step forward that could only be accomplished by the International Olympic Committee.⁸³⁶

O problema é que Brundage estava a considerar a vitória antes de tempo. Ele não se apercebeu certamente de que estava em marcha um movimento internacional de oposição à decisão tomada. De fato, o Conselho Superior para o Desporto em África reuniu em Lagos a fim de convencer todos os seus membros a boicotarem os JO do México, caso a África do Sul pudesse participar. Entre os contestatários contava-se Harry Edwards, um americano negro, professor de sociologia no San Jose State College, na Califórnia que liderou um movimento a favor do boicote aos JO do México (1968). A respeito de estar a ser aceite pelo COI um modelo desportivo à margem do próprio sistema político e social do país perguntava:

Is it not time for black people to stand up as men and women and refuse to be utilized as performing animals for a little extra dog

⁸³⁵ In: Ata da 67ª Sessão do COI - Grenoble, 1 a 5 de fevereiro de 1968, p.7.

⁸³⁶ In: Lettre d'Informations - Newsletter (1968), 5, 67.

food? Would not an excellent beginning point be the 1968 Olympic Games?⁸³⁷

Para Edwards, o modelo que o COI aceitara obrigava os negros sul-africanos a obterem resultados desportivos no estrangeiro para o prestígio de um país que, internamente, os tratava como escravos.

Perante estes ataques, Brundage escreveu uma carta a Reginald Honey pedindo-lhe um documento a rebater aqueles que desejavam impedir a entrada da África do Sul nos JO do México (1968). Escrevia Brundage:

Positions are being circulated for an extraordinary session of the Committee under Rule XVIII. The quicker your statement is received, the better. I am sending a copy of this letter to President Braun (Cantelon & McDermott, 2001 p.33).

A pressão sobre o COI vinha de forças internacionais tais como os CONs Africanos, os países do bloco soviético e algumas nações em desenvolvimento, que debaixo da defesa dos princípios éticos do Olimpismo, desenvolviam um discurso contra a presença da África do Sul nos JO do México (1968). Honey chamava-lhe a “Frente Desportiva Comunista Afro-Asiática”:

Generally the people of all races in South Africa are dismayed at the attention of what I call the Communist Afro Asian Front. Should we give in to their blackmailing activities we may as well shut up shop (Cantelon & McDermott, 2001 p.34).

Brundage já não controlava o sistema. O mundo estava a mudar a uma velocidade tal que nem ele, nem Reginald Honey, tinham capacidade para acompanhar. Isso evidencia que eles eram homens de outro tempo.

7.3.6.9 Reunião Extraordinária da Comissão Executiva (1968)

Perante a situação calamitosa relativamente à possibilidade de total fracasso dos JO do México (1968) e uma indesejável cisão no MO, Brundage decidiu convocar, para os dias 20 e 21 de abril de 1968, uma reunião da Comissão Executiva do COI a fim de examinar a situação e elaborar uma estratégia adequada de resposta. Logo no início da reunião, Brundage informou que a situação era de tal maneira melindrosa que a Comissão Executiva devia considerar quatro aspetos principais:

a) The reputation of the IOC and the Olympic Movement;

⁸³⁷ In: Ata da 67ª Sessão do COI - Grenoble, 1 a 5 de fevereiro de 1968, p.15.

- b) That of the organizing Committee and of the Games;
- c) That of the South African National Olympic Committee;
- d) That of the National Olympic Committee and the International Federations.⁸³⁸

Da discussão ficou claro que era obrigação da Comissão executiva:

Preserve the honour and integrity of the IOC and avoid a breach within the amateur sports world;

Save the Mexico Games since the Mexican had given all their care and attention to the organization of the events and had elaborated a cultural programme of high value and were not to carry the consequences of a situation for which they were not responsible;

Not yield to any threats of boycotts or to any political pressure.⁸³⁹

E, depois, chegaram conjuntamente a uma conclusão unânime:

The presence of a South African team in Mexico would not be wise.⁸⁴⁰

E ao cabo de dois dias de discussões foi mandado o seguinte telegrama assinado por Brundage para todos os membros do COI:

In view of all the transformations on the international climate received by the Executive Board at this meeting it is unanimously of the opinion that it would be most unwise for a South African team to participate in the games of the XIX Olympiad therefore, the Executive Board strongly recommends that you endorse this unanimous proposal to withdraw the invitation to these games STOP this postal vote is submitted under rule nº 20 please reply immediately by cable CIO Lausanne.⁸⁴¹

Depois, no dia 24 de abril de 1968, Brundage deu uma conferência de imprensa em que anunciou os resultados da votação dos membros do COI tendo em conta a recomendação da Comissão Executiva do COI de retirar o convite à África do Sul para participar nos JO do México (1968). E, Brundage declarou:

It should be emphasized that in adopting this recommendation the International Olympic Committee is not bowing to threats or pressures of any kind from those who do not understand the true Olympic philosophy. Boycott is not a word used in sport circles.

⁸³⁸ In: Comité International Olympique Newsletter 8, 3. <http://www.la84foundation.org/>. Consultado em 21 de abril de 2009.

⁸³⁹ In: Comité International Olympique Newsletter, 8, 3. <http://www.la84foundation.org/>. Consultado em 21 de abril de 2009.

⁸⁴⁰ In: Comité International Olympique Newsletter, 8, 5. <http://www.la84foundation.org/>. Consultado em 21 de abril de 2009.

⁸⁴¹ In: Comité International Olympique Newsletter, 8, 7. <http://www.la84foundation.org/>. Consultado em 21 de abril de 2009.

...

The only point in the lengthy discussions on which the nine members of the Executive Board could agree, was, that because of the explosive conditions throughout the world and the ugly demonstrations, rioting, and other violent happenings in many different countries during the last sixty days, there was actual danger if a South African team appeared at the Games.

...

Since our primary concern is the assembly of the youth of all the 125 countries now active in the Olympic Movement, in friendly and peaceful competition, we regret deeply the consequences for the individual participants who had hoped to take part in this Grand Festival of Youth in Mexico City. It is a sad commentary on the state of the world today.

All of the ballots have not yet been received, so the voting is not finished. There will be another statement tomorrow. At present, we have 13 "NO" and 41 "YES" votes to withdraw the invitation.

The final result of the vote was:

Forty seven: in favour.

Sixteen: against.

Eigh: abstentions.⁸⁴²

Como referem Cantelon e McDermott (2001) estávamos na presença de dois homens de um mundo diferente. De um mundo que já não existia, mas que eles ainda não tinham compreendido. Os quatro anos seguintes iam ser muito difíceis para Brundage e muito complicados para o MO internacional.

7.3.6.10 69ª Sessão do COI, Amesterdão (1970)

A 69ª Sessão do COI, realizada em Amesterdão de 12 a 16 de maio de 1970, decorreu sob o signo do dramatismo. No seu discurso de abertura, Brundage leu um discurso sob o título: “Olympic Games in Danger”. O título não podia ser mais sugestivo, na medida em que o mandato de Brundage estava a chegar ao fim e o COI vivia debaixo dos três grandes estigmas contra os quais Brundage sempre combateu. Em primeiro lugar, as sucessivas ameaças ao boicote dos JO dos países africanos que colocaram o COI no centro da geopolítica mundial. Brundage receava que uma eventual dissidência dos países africanos pudesse reforçar os “Games of the New Emerging Forces” (GAEFO) que era patrocinada pela RPC, uma vez que este país tinha abandonado o COI em 1956.

⁸⁴² In: Comité International Olympique Newsletter, 8, 8. <http://www.la84foundation.org/>. Consultado em 21 de abril de 2009.

Em segundo lugar, o profissionalismo que Brundage abominava e em terceiro lugar o comercialismo. Brundage estava profundamente traumatizado pelos JO de Inverno de Grenoble (1968), pelo que como a Sessão do COI, com os casos da Rodésia e da África do Sul na ordem do dia, ia ser eminentemente política, o discurso de mais de oito páginas de Brundage versou fundamentalmente as questões do profissionalismo e do comercialismo que estavam a dar cabo do MO.

O problema é que já poucos acreditavam em Brundage e no seu discurso absolutamente fora das mais evidentes realidades que então o Mundo vivia. Ele pedia medidas drásticas e dramáticas contudo, a maioria já não o ouvia, pelo que as suas derrotas iam prosseguir, mesmo depois de se retirar, em 1972, a seguir aos JO de Munique (1972).

Após o discurso de Brundage a reunião prosseguiu normalmente até se atingir o ponto nº 23 da ordem de trabalhos relativo à Rodésia e à África do Sul.

A questão da Rodésia foi resolvida rapidamente, já que saiu gorada a tentativa de Ahmed D. Toumy, membro do COI na República Árabe do Egito, de introduzir o assunto:

... segregation was practiced along the same lines in Rhodesia as in South Africa and that the NOC in this country was not independent from its government's policy.⁸⁴³

O Marquês de Exeter explicou que a ordem de trabalhos previa unicamente que se tratasse da segregação no desporto. Ora, o COI considerava que na Rodésia não existia segregação no desporto uma vez que, há muito, as equipas eram mistas. E como Hugh Weir referiu, existiu uma delegação desportiva da Rodésia, que participou nos Jogos de Moçambique, que tinha 80% dos seus membros negros. Sendo o assunto da Rodésia adiado.

E passou-se, mais uma vez, à questão da África do Sul. E Brundage disse:

I would consider briefly this item before the representatives from the delegation of the African countries and those of the South African delegation were introduced.⁸⁴⁴

⁸⁴³ In: Ata da 69ª Sessão do COI - Amesterdão, 12 a 16 de maio de 1970, p.23.

⁸⁴⁴ In: Ata da 69ª Sessão do COI - Amesterdão, 12 a 16 de maio de 1970, p.23.

Portanto, iam ser ouvidas as posições do Conselho Superior de Desporto dos países africanos e do CON da África do Sul. Cada delegação tinha 30 minutos para expor a sua situação. Depois, haveria alguns minutos para esclarecimentos, para se passar à discussão interna que conduzia a uma votação.

Em termos práticos estava em causa a expulsão do CON da África do Sul do MO. Como referiu a ata da Sessão do COI:

The recommendation before the Assembly was the withdrawal of recognition of the SANOC.⁸⁴⁵

Então, Brundage lembrou os acontecimentos relativos à África do Sul que tiveram a ver com os JO do México (1968) e justificou-se pela decisão tomada que, de fato, não foi nada dignificante para o COI uma vez que aconteceu em cima da hora e debaixo da ameaça dos países africanos avançarem para um boicote aos JO do México. E justificou-se.

It was because the international conditions dictated this decision. He stated that the Executive Board had been studying the question again in Amsterdam and believed the international climate was worse than it was before Mexico. Therefore it recommended that no invitation be sent to South Africa in any event until there was an improvement in the international climate.⁸⁴⁶

Evidenciamos que uma decisão deste tipo ia contra tudo aquilo que Brundage dizia acreditar: Que o desporto e o MO nada tinham a ver com a política.

A África do Sul era um problema maior do que aquele que Brundage e o próprio COI podiam suportar. Brundage sabia que, com o desaire do México, devido à capitulação perante os países africanos, a sua liderança estava a perder o brilho. Mas, ele sabia também que, entre os apoios incondicionais que tinha dos membros do COI, muitos estavam cada vez mais frágeis devido a sua inflexibilidade que colocava a organização em situações muito difíceis.

Por isso, para Brundage, relativamente à África do Sul, a situação era de tal maneira desfavorável que ele foi obrigado a anunciar que a Comissão Executiva recomendava que não se enviasse nenhum convite para a África de Sul participar nos JO de Munique (1972):

⁸⁴⁵ In: Ata da 69ª Sessão do COI - Amesterdão, 12 a 16 de maio de 1970, p.26.

⁸⁴⁶ In: Ata da 69ª Sessão do COI - Amesterdão, 12 a 16 de maio de 1970, p.26.

... it recommended that no invitation be sent to South Africa in any event until there was an improvement in the international climate.⁸⁴⁷

Contudo, no processo havia mais uma contradição porque se a África do Sul se mantivesse membro do COI não podia ser impedida de participar nos JO.

A questão tinha dois aspetos:

1. Expulsão da África do Sul do COI;
2. Participação ou não da África do Sul nos JO.

Perguntado Brundage se “withdrawal” significava expulsão, ele respondeu que sim. Diz a ata:

Mr. Honey asked if the word "withdrawal" meant "expulsion". This was confirmed by President Brundage.⁸⁴⁸

Então, dá-se aquilo que seria impensável no seio do COI. Uma disputa entre dois velhos amigos, companheiros na luta pelos valores do Olimpismo quanto ao apolitismo, ao profissionalismo e ao comercialismo: Reginal Honey e Avery Brundage.

Honey argumentou:

... if SANOC remained a member of the IOC it could not be excluded from participation in the Games. This act would be improper and illegal.⁸⁴⁹

Honey sentia-se traído, ele, naquele momento, devia estar a ver o mundo em que acreditava a desmoronar-se. Diz a ata:

He felt that the IOC should be able to extend its protection against such acts. In his opinion the decision which was taken in Mexico had but one meaning: the boycott of the SANOC. The IOC could not stop South Africa from attending the Munich Games on the grounds that it was embarrassing.⁸⁵⁰

Brundage já tinha percebido que aquela luta, em defesa do modelo desportivo sul-africano, era inglória. A África estava a acordar da sua era colonial pelo que os países africanos, acabados de ingressar no MO, serviam-se dele a fim de conseguirem um estatuto de dignidade na ONU. Por isso, lembrou a Honey que na reunião especial da Comissão Executiva, que tiveram em Lausanne, foi:

⁸⁴⁷ In: Ata da 69ª Sessão do COI - Amesterdão, 12 a 16 de maio de 1970, p.26.

⁸⁴⁸ In: Ata da 69ª Sessão do COI - Amesterdão, 12 a 16 de maio de 1970, p.27.

⁸⁴⁹ In: Ata da 69ª Sessão do COI - Amesterdão, 12 a 16 de maio de 1970, p.27.

⁸⁵⁰ In: Ata da 69ª Sessão do COI - Amesterdão, 12 a 16 de maio de 1970, p.27.

Unanimously felt and genuinely believed that it would not be wise to bring a South African team to the Munich Games because of the international climate with demonstrations, violence, disorder, shooting and even assassinations in various parts of the world.⁸⁵¹

Então, as delegações apresentaram as suas posições. Frank Braun, presidente do CON da África do Sul, fez, como de costume, um discurso longo e forte a partir das ideias do costume. Contudo, desta vez entrou em confronto com o COI, e o próprio Brundage, acusando-os de não serem capazes de defender a CO e os valores do Olimpismo. Braun jogou no “tudo ou nada” a fim de dramatizar e extremar posições. Contudo, a sua estratégia estava à partida perdida. Há muito que a opinião pública mundial já estava clara. Os principais argumentos de Braun foram:

- As far back as the Baden-Baden Congress, the attention of the IOC was drawn to the fact that the complaints formulated against SANOC did not constitute an infringement of the Rules of the IOC, particularly Rule 1, 24 and 25, as quoted on so many occasions;
- The Olympic Movement was founded upon the ideals and principles of faith, trust and goodwill among the sportsmen of the World, and it was Baron de Coubertin's intention to spread these precepts, so as to develop a more valiant, strong, scrupulous and more generous humanity, and it was certainly very far from his intention to encourage a spirit of hatred which would ban a member country from the Olympic Family of Nations;
- Rules 1, 24 and 25 which are being used as the basis for the case against South Africa, are striking examples of the lofty ideals, the hopes and the prayers of Baron de Coubertin. Since they were never intended for this purpose, these Rules are clearly inadequate and ineffective as a basis for indictment;
- Furthermore, the Olympic Charter was designed as an instrument to bring the nations of the World together, despite their differences of politics, race, colour or religion;
- We of the SANOC have certainly struggled for the last ten years, without enjoying victory for our efforts, but nobody can deny that we have fought fairly and taken our defeats as gentlemen;
- Regarding the withdrawal of South Africa's invitation to the Mexican Games, this barrister states as follows: “Any resolution denying S. Africa the opportunity of participating in the 1968 Olympic Games because of its form of political and economic society, would be discriminating against that country and its athletes on the basis of political affiliation. Such an act would be in clear violation of Rule 1 of the Olympic Charter.” Yet that is exactly what the IOC did;
- In the words of our President in August 1963: “We must not attempt to interfere in the internal policies of any country, such interference would strike at the very foundation of the Olympic Movement.”

⁸⁵¹ In: Ata da 69ª Sessão do COI - Amesterdão, 12 a 16 de maio de 1970, p.27.

- It is significant to note the exact wording and full meaning of Rule 1. The full text reads that: “No discrimination is allowed against any country or person on grounds of race, religion or political affiliation.”
- We are aware of the circumstances and pressures that caused the IOC to yield by withdrawing the South African invitation to Mexico. If the powerful IOC saw no alternative other than to succumb to these pressures exerted upon it from certain quarters, why is the impossible now being demanded of SANOC, as a threat even to its membership of the Olympic Movement;
- That the IOC move against South Africa in 1968 was unconstitutional, illegal and irregular;
- If any sort of victory was scored in the process it went to the agitators of SANOC in London, the self-appointed political fanatics whose methods were described by the IOC Commission as “a cause of embarrassment to the majority in South Africa for whom it claims to speak.”;
- The most disturbing aspect of the threatened boycott of the 1972 Games is that it provides one more example of the refusal of certain member countries to abide by the accepted rules of conduct. They say in fact, “Run the show our way or we won't play”;
- The Olympic Movement in these materialistic days carries the seed of its own destruction even more than it did 2400 years ago, and a firm stand must be taken to avoid all pressures and to preserve the authority of the IOC;
- The peace and friendship that the IOC has been able to create for the South African non-white and white athletes should not be endangered by exorbitant demands and threats of expulsion;
- We confidently leave the decision to the good intentions and sportsmanship of the members present at this IOC Session.⁸⁵²

Os argumentos da delegação dos 19 países africanos, integrados no Conselho Superior para o Desporto em África, foram os seguintes.

- The NOC of South Africa has never shown any independence towards its government in the application of the policy of racial discrimination and segregation;
- The NOC of South Africa practises racial discrimination against the African and other coloured sportsmen;
- The NOC of South Africa has not complied with the resolutions of the IOC adopted at Baden-Baden in 1963 and confirmed at Innsbruck in 1964, which called on that NOC to declare formally that it recognises and submits to the spirit of the Olympic Charter ...;
- In March and April 1969 the NOC of South Africa organized International South African Games, entitled “Mini White Olympics”;
- NOC of South Africa used the Olympic Emblem in conjunction with a racist sporting festival;
- International Federations have already taken action by applying sanctions against National Sports Federations of South Africa;
- South African racial teams were also barred from competing in the World Championships of Pentathlon in 1969 and Gymnastics in 1970;

⁸⁵² In: Ata da 69ª Sessão do COI - Amesterdão, 12 a 16 de maio de 1970, anexo 31.

- The Supreme Council for Sport in Africa, supreme authority for sport in Africa, has on numerous occasions stated its position against the NOC of South Africa.⁸⁵³

Enquanto a estratégia do CON da África do Sul foi a de manter a questão dentro do quadro da lógica do Olimpismo, através de um discurso em que declarava o seu empenho na defesa dos valores do Olimpismo, fazendo até apelo a Pierre de Coubertin, como se ele tivesse alguma coisa a ver com o assunto, pretendeu prender o COI às suas decisões anteriores, concretamente às decisões da Sessão do COI de Baden-Baden que ocorreu em 1963. Por outro lado, os países africanos, muito embora acusassem o CON da África do Sul de nunca ter cumprido as resoluções adotadas em Baden-Baden e confirmadas em Innsbruck que obrigavam os sul-africanos a declarar formalmente que reconheciam e se submetiam ao espírito da CO em particular e aos artigos 1º e 24º da CO, utilizaram uma estratégia de abertura ao exterior na medida em que lhes era mais útil tirar a questão de uma exclusiva decisão do COI, mas submetê-la a uma pressão externa sob a ameaça de boicote aos JO. Portanto, para os países africanos, a falta de independência política do CON da África do Sul, relativamente ao governo do apartheid, era uma questão fundamental que tirava o problema do âmbito do MO. Depois, com as acusações do costume, como: o CON da África do Sul pratica a discriminação de atletas não brancos; e o CON da África do Sul nunca permitiu que atletas não brancos se filiassem nas federações nacionais, os países africanos massacravam os sul-africanos com argumentos que tinham grande receptividade junto dos membros do COI.

A este respeito os sul-africanos argumentavam que tinham feito progressos significativos e que até já tinham conseguido uma certa integração entre a equipa branca e a negra através de apuramentos atléticos considerados por eles justos. O problema é que, por maior justiça que esses apuramentos pudessem demonstrar, eles partiam de bases profundamente assimétricas e injustas pelo que não podiam merecer a aceitação de que lutava não pelo desporto, mas pelos Direitos Humanos e, até, em uma perspectiva mais lata pela independência. E o que era fato é que o Governo da África do Sul não se tinha comprometido, até 31 de dezembro de 1963, de que ia desencadear uma modificação na política relativamente à discriminação no desporto.

⁸⁵³ In: Ata da 69ª Sessão do COI - Amsterdão, 12 a 16 de maio de 1970, anexo 30a e 30b.

Braun agarrava-se ao fato do CON da África do Sul não estar a infringir a CO e remete a situação para o Congresso de Baden-Baden (1963). Em 1963, o modelo desportivo sul-africano era detestável porque era todo constituído na base da filosofia do apartheid. Mesmo depois, quando foram, imediatamente antes dos JO do México (1968), introduzidas algumas melhorias, era difícil de aceitar porque a igualdade de direitos só acontecia no estrangeiro e, mesmo assim, ficou por provar-se. Os apelos feitos a Coubertin de nada serviram, nem ao período em que os JO foram suspensos na antiga Roma. Foram tão só figuras de estilo que a nada conduziram. A CO foi escrita para juntar nações, mas nações com cidadãos de pleno direito e não com cidadãos de “primeira” e cidadãos de “segunda”. Braun diz que o CON da África do Sul lutou sem vitórias e aceitou a derrota com nobreza. O problema é que o CON da África do Sul nunca quis compreender que não era a sua luta nem a luta de Brundage que estava a lutar. Nem compreendeu que não eram sequer as regras da CO que estavam em jogo. Elas eram um simples pretexto. O jogo era bem mais importante, o jogo era o da dignidade humana em um combate que os povos africanos entenderam ser necessário iniciar. Os JO foram um instrumento e eles usaram-no com mestria e ganharam. Portanto, a luta de Braun, se teve alguma vitória, só serviu para adiar a próxima derrota. Mas, o pior que Braun fez foi afrontar Brundage dando a entender que ele não tinha sabido defender as suas posições de Baden-Baden (1963). É evidente que, em 1970, Brundage já estava consciente que aquela era uma “guerra perdida” pelo que se o seu ânimo já era pequeno, com as insinuações de Braun deve ter ficado bem menor. Porém, quando Braun, possivelmente já em estado de desespero, acusou o COI de sucumbir perante as pressões de boicote aos JO do México (1968) pelos países africanos fez a sua pior jogada. Brundage não era homem para deixar passar tal insinuação e quando disse que a haver vitórias elas pertenciam aos agitadores, Braun deve ter determinado o futuro do CON da África do Sul no MO internacional. Finalmente, Braun afrontou a assembleia quando disse que as pessoas estavam a sucumbir ao “Run the show our way or we won't play”. Depois ainda tentou terminar o discurso com algumas palavras de “peace and friendship”⁸⁵⁴ mas, para ele já estava tudo perdido. Nesta perspectiva, defendemos que o desporto foi para os países africanos um instrumento fundamental de agitação e de afirmação da sua dignidade. Por isso, relativamente à metáfora utilizada por Frank Braun, os países africanos com a sua atitude contrapuseram uma em que

⁸⁵⁴ In: Ata da 69ª Sessão do COI - Amesterdão, 12 a 16 de maio de 1970, p.135.

diziam ao COI: Giram o MO no respeito total pelos Direitos Humanos ou nós não jogamos.

E depois das delegações apresentarem as respectivas posições, passou-se à votação:

A pergunta era:

Do you agree to the withdrawal of recognition of SANOC?

E o resultado foi: Sim: 35; Não: 28; Nulos: 3.

Pelo que a decisão do COI foi:

The recognition of the SANOC by the IOC is withdrawn.⁸⁵⁵

Então, perante o resultado, enquanto Reginald Honey, representante do COI na África do Sul, pedia alguns dias de reflexão antes de, eventualmente, apresentar a sua demissão, algumas vozes levantavam-se a fim de contrair uma eventual saída de Honey.

7.3.7 Munique (1972): Rodésia

Quanto à questão da Rodésia, muito embora, como Ade Ademola, representante do COI para a Nigéria, referiu na 70ª Sessão do COI, realizada em maio de 1970, em Amesterdão, que não havia nenhuma acusação formal de segregação racial pelo que não havia matéria de discussão, o que é fato é que, Ahmed Touny, representante do COI na República Árabe do Egito, lembrou que na Rodésia havia um problema de segregação e disse:

... segregation was practiced along the same lines in Rhodesia as in South Africa and that the NOC in this country was not independent from its government's policy.⁸⁵⁶

Contudo, a Rodésia tinha alguns pontos a seu favor na medida em que, como Hugh Weir, membro do COI para a Austrália lembrou, nos Jogos realizados em Moçambique, 80% da delegação da Rodésia era composta por africanos negros. Para além do mais, a Rodésia sempre tinha mandado aos jogos equipas multiraciais. Em conformidade, a Sessão do COI decidiu não avançar mais com a questão. Quer dizer, na

⁸⁵⁵ In: Ata da 69ª Sessão do COI - Amesterdão, 12 a 16 de maio de 1970, p.28.

⁸⁵⁶ In: Ata da 69ª Sessão do COI - Amesterdão, 12 a 16 de maio de 1970, p.23.

Rodésia, no que diz respeito ao desporto não havia discriminação e, deste modo, o COI, mais uma vez adiou a resolução do problema.

A questão rodesiana acabou por se deflagrar dois anos depois, precisamente na pior altura para o COI. Como se estava em vésperas dos JO de Munique (1972)⁸⁵⁷ uma ameaça de boicote aos JO, por parte dos países africanos, era tudo aquilo que menos interessava ao COI. Se, em Amesterdão, durante a 69ª Sessão em 1970, o COI tinha conseguido passar por cima do assunto, em 1972 já não era possível a Brundage despachar o problema porque não havia nenhuma acusação formal contra a Rodésia. Por isso, informou os membros da Comissão Executiva que, à última da hora e em cima dos próprios JO, os países africanos se preparavam para boicotar os JO da XXª Olimpíada em virtude de ter sido permitida a participação da Rodésia. De fato, a Rodésia tinha recebido um convite formal do COI para participar nos JO.

A questão, à semelhança da sul-africana, ultrapassava em muito os problemas já de si complicados do MO, na medida em que, para além insatisfação dos países africanos, tratava-se, também, de uma medida de represália do Reino Unido devido à declaração unilateral de independência, em 11 de novembro de 1965, da, na altura, Rodésia do Sul que se passou a designar República da Rodésia.⁸⁵⁸ Brundage, como sempre, dizia que era uma inadmissível intervenção política no mundo do desporto. O Reino Unido tinha mobilizado os países africanos, sobretudo os pertencentes à Commonwealth, no sentido de se oporem à participação da Rodésia cuja independência não lhe reconheciam.

A complicar todo o enredo, na 71ª Sessão do COI, realizada no Luxemburgo de 14 a 17 de setembro de 1971, tinha havido uma decisão em que os países africanos tinham aceito a participação da Rodésia na medida em que a equipa desportiva era multirracial. Brundage entendia ainda que os governos dos países africanos estavam a fazer uma pressão política abusiva sobre os respectivos CONs. E disse:

The IOC had to support the NOCs against political intrusion
and ensure they did not lose their authority to enter teams in the

⁸⁵⁷ Quatro anos antes, nos JO do México (1968) os problemas tinham sido com a África do Sul. Brundage já então também entendia que eram interferências políticas. In: Ata da Comissão Executiva. Lausanne, 20 e 21 de abril de 1968.

⁸⁵⁸ O território regressou à condição de colónia britânica em 1979 quando o Reino Unido assumiu novamente a sua responsabilidade pelo seu domínio. Entretanto, concedeu-lhe a independência através dos Acordos de Lancaster House. Hoje, aquele território é a República do Zimbábue.

Games. The situation was becoming very difficult as some NOCs were weak and had to depend on governmental support, which could lead to dictation. If the NOCs protested to the IOC, the latter would support them. In such cases, the IOC had so far been successful, but when the NOCs did not resist the IOC did not learn of the political interference.⁸⁵⁹

Contudo, a situação era mais complicada. Willi Daume informou que o Chanceler Willy Brandt, da República Federal da Alemanha, tinha enviado uma carta ao Presidente do COI exigindo que tudo deveria ser feito para salvar os JO e impedir um boicote massivo. Para além do mais, a carta de Brandt informava ainda que a ONU perguntou ao Governo Federal da Alemanha se eles se preparavam para aceitar a participação da Rodésia, o que seria uma violação de uma resolução da ONU. Na realidade, através da Resolução 216, de 12 de novembro 1965, o Conselho de Segurança da ONU condenou a declaração unilateral de independência desencadeada pela “minoría racista” e pediu a todos os Estados membros que não reconhecessem o regime ilegalmente instituído. Depois, através da Resolução 217, de 20 de novembro de 1965, o Conselho de Segurança da ONU, tendo em conta que a declaração de independência a Rodésia foi considerada pela potência administrante (o Reino Unido) um ato de rebelião, declarou:

Condemns the usurpation of power by a racist settler minority in Southern Rhodesia and regards the declaration of independence by it as having no legal validity.⁸⁶⁰

Mas como, nestas situações, a diplomacia encontra sempre um caminho singular para resolver o problema, o Chanceler Willy Brandt também disse:

... when Munich put forward its candidature for the Games, it was agreed that teams from every recognized NOC would be able to enter the Games, and that it was not until later that the United Nations introduced its boycott against Rhodesia. Germany found itself in a difficult position as, although it was not a member of the UN, it was anxious to abide by the UN resolution for the sake of world solidarity, and because the government hoped to apply for membership shortly. However, the government decided that the Olympic Charter should have priority over political considerations during the period of the Games and therefore invited the Rhodesians to participate.⁸⁶¹

Entretanto, o Marquês de Exeter punha bem a questão. Se o COI aceitasse a participação da Rodésia corria o risco do afastamento dos países Africanos muito embora eles só representassem cerca de um quarto dos países participantes e as equipas

⁸⁵⁹ In: Ata da Reunião da Comissão Executiva do COI - Munique, 18 de agosto de 1972, p.10.

⁸⁶⁰ In: Ata da Reunião da Comissão Executiva do COI - Munique, 18 de agosto de 1972, p.10.

⁸⁶¹ In: Ata da 71ª Sessão do COI - Munique, 21 e 24 de agosto e 5 de setembro de 1971, p.9,10.

fossem de reduzida dimensão. Se, no entanto, o COI fizesse reverência a considerações políticas, todo o futuro dos JO e do MO desmoronar-se-ia, pelo que pediu à Sessão para não se deixar influenciar pela política. E disse:

If however, the IOC bowed to political considerations, the whole future of the Olympic Movement would crumble, and he urged the Session not be moved by politics.⁸⁶²

Porém, Constantin Andrianov, cidadão soviético e membro do COI desde 1951, ano em que a URSS aderiu ao MO, não perdeu a ocasião para tirar partido da situação uma vez que aos soviéticos lhes interessava ganhar influência em África através do apoio aos movimentos independentistas e aos novos países saídos do regime colonial. E propôs que:

The British Foreign Office should be asked to confirm that the Rhodesians were regarded as British subjects ...⁸⁶³

Era sabido que os britânicos estavam em conflito com o regime de Ian Smith (1919-2007) pelo que a resposta só podia ser não. Portanto, a pergunta era absolutamente inútil quanto à informação que podia prestar, mas não quanto aos eventuais efeitos que podia provocar. Na realidade, qualquer resposta do Reino Unido iria ainda criar problemas ao COI, uma vez que a ONU ainda o considerava como potência administrante, o que obrigaria o COI a deixar de resolver a questão, como pretendia, exclusivamente no domínio desportivo. Entretanto, Andrianov confundia ainda mais os membros do COI e informava-os que tinha assistido em um programa de televisão francês que os rodesianos tinham dito que desfilariam nos JO sob qualquer bandeira:

... a report broadcast on French television according to which the Rhodesian team had stated that they would march under any flag, it was not important as the whole world knew they were Rhodesians.⁸⁶⁴

Nestes termos, a tendência do COI seria sempre a de apostar no “status quo”, deixar ficar as coisas como estavam, o que significava a participação da Rodésia e o boicote dos países africanos. Claro que, tanto o afastamento da Rodésia, como um boicote dos países africanos, beneficiavam os interesses geoestratégicos da URSS em África.

⁸⁶² In: Ata da 71ª Sessão do COI - Munique, 21 e 24 de agosto e 5 de setembro de 1971, p.10.

⁸⁶³ In: Ata da 71ª Sessão do COI - Munique, 21 e 24 de agosto e 5 de setembro de 1971, p.10.

⁸⁶⁴ In: Ata da 71ª Sessão do COI - Munique, 21 e 24 de agosto e 5 de setembro de 1971, p.10.

Entretanto, o etíope Ydnekatchew Tessema tomou a defesa das posições de Andrianov e sugeriu que, não só o governo Britânico, bem como os países africanos, fossem consultados se aceitavam a participação da Rodésia. Contudo, estas consultas seriam sempre inúteis na medida em que se sabia que a Rodésia tinha sido impedida de participar nos Jogos da Commonwealth devido ao seu estatuto não ser claro, pelo que era estar a perguntar coisas complicadas sobre as quais não havia respostas simples.

Depois do descalabro que tinha sido o processo da África do Sul, Brundage estava convencido que os políticos africanos já tinham uma opinião formada quanto à participação da Rodésia pelo que não havia nada a fazer:

The African politicians had taken a stand regarding the Rhodesian government and they would not want the Rhodesians to participate whatever happened.⁸⁶⁵

A ata da 71ª Sessão do COI resume a situação da seguinte maneira:

An invitation was sent to the Rhodesian team based on the agreement confirmed in Luxembourg.

It was assumed that the parties involved wished to respect the agreement.

There had been some disagreement on the exact meaning of this agreement.

Any party-claiming that the wording of the agreement was not clear, should submit proof.

Any party claiming rights or denying same must, in relation to the agreement submit proof.⁸⁶⁶

Entretanto, os líderes dos CONs africanos foram convidados a participar na Sessão do COI e a pronunciarem-se sobre o assunto. Os argumentos, de uma maneira geral, foram no sentido da exclusão da Rodésia. As questões que surgiam eram:

- Dúvidas acerca da identidade dos atletas, já que se dizia serem sul-africanos;
- Podiam os atletas rodesianos ser considerados súbditos britânicos? Contudo, esta situação tinha sido clarificada pela embaixada britânica em Bonn;
- Todos os atletas rodesianos estavam munidos com o cartão de identidade do COI?

No fundo, para o COI tratava-se de saber o verdadeiro estatuto de cidadão dos atletas rodesianos uma vez que a Rodésia não era reconhecida pela ONU. Os rodesianos tinham participado nos JO de Tóquio (1964), antes da declaração da independência, na

⁸⁶⁵ In: Ata da 71ª Sessão do COI - Munique, 21 e 24 de agosto e 5 de setembro de 1971, p.11.

⁸⁶⁶ In: Ata da 71ª Sessão do COI - Munique, 21 e 24 de agosto e 5 de setembro de 1971, p.12.

qualidade de súbditos britânicos residentes na Rodésia. Nos JO do México (1968), segundo a explicação oficial, devido a um problema burocrático relativo à interpretação das normas provenientes da ONU, sobre passaportes por parte das autoridades mexicanas, não lhes foi possível participar.

Depois, foram ouvidos os argumentos dos líderes do CON da Rodésia cujo presidente era Grant Stuart. Brundage fez o ponto da situação e disse:

The Rhodesians that they had been invited to participate in the Games of the XXth Olympiad at Munich after an agreement had been reached in 1971 by the IOC, in cooperation with the NOCs and with the approval of the Supreme Council for African Sport. The Executive Board had reached the conclusion that the Rhodesians had fulfilled all the conditions laid down in this agreement but now this had been challenged by the African NOCs.⁸⁶⁷

Portanto, perante a situação, a posição do COI não era muito confortável.

Entretanto, foi perguntado a Grant Stuart se, quando o acordo estabelecido entre o CON da Rodésia e o COI, a fim da Rodésia poder participar como uma colônia britânica, o governo da Rodésia tinha sido consultado.

E Grant Stuart deu aos elementos daquela Sessão do COI a resposta tradicional, quer dizer, aquela que qualquer membro de um CON mais gosta de dar:

The NOC was a sports body and had no dealings with the Government.⁸⁶⁸

Finalizada a troca de opiniões, Grant Stuart deixou a Sessão a fim da discussão e troca de ideias entre os membros do COI continuar. E continuou até que a mexicana Marta Gomez fez um apelo a Brundage e pediu-lhe para tentar encontrar a solução para o problema que satisfizesse todas as partes. Porque essa decisão seria o seu último ato como presidente do COI.⁸⁶⁹

Infelizmente, Marta Gomez estava enganada, fosse qual fosse a decisão de Brundage aquela não seria a sua última grande decisão.

Então o presidente Brundage fez novamente o ponto da situação:

⁸⁶⁷ In: Ata da 71ª Sessão do COI - Munique, 21 e 24 de agosto e 5 de setembro de 1971, p.16.

⁸⁶⁸ In: Ata da 71ª Sessão do COI - Munique, 21 e 24 de agosto e 5 de setembro de 1971, p.17.

⁸⁶⁹ In: Ata da 71ª Sessão do COI - Munique, 21 e 24 de agosto e 5 de setembro de 1971, p.17.

- Os africanos retirar-se-iam se a Rodésia participasse, mesmo que todos os problemas de nacionalidade fossem resolvidos;
- A Sessão podia decidir pelos Rodesianos ou pelos Africanos, mas se a decisão fosse pelos africanos era dar o dito por não dito e era a ruína dos JO de Munique (1972);
- Se a Sessão aceitasse a última resolução seria acusada de sucumbir a pressões políticas;
- Se a Sessão suportasse os rodesianos estes talvez se retirassem voluntariamente dos JO e todos se salvariam;
- Então ele (Brundage) teria uma conversa privada com os rodesianos e estava certo que eles retirariam devido à situação difícil.

Depois das explicações de Brundage a questão foi posta à votação. Com 70 votos possíveis o resultado foi o seguinte:

- A favor: 31
- Contra: 36
- Abstenções: 3

A decisão foi a seguinte:

O convite para a Rodésia participar nos JO da XXª Olimpíada foi retirado.

A Rodésia era a segunda derrota pessoal de Brundage, não pelos rodesianos em si, mas porque Brundage sabia que aquela decisão era a União Soviética a ganhar pontos em África.

Quatro dias antes da cerimónia de abertura dos JO de Munique (1972) a equipa do CON da Rodésia foi afastada dos JO. E Brundage disse para a comunicação social:

The political pressures in sport are becoming intolerable.⁸⁷⁰

Entretanto, a equipa da Rodésia, composta por atletas brancos e negros, foi autorizada a ficar em Munique para assistir aos JO. Em Salisbury, ao tempo capital da Rodésia, as entidades oficiais disseram que a decisão era uma desgraça. E o Primeiro-ministro através de um porta-voz disse:

No doubt that the Olympics are in the hands of the politicians.⁸⁷¹

⁸⁷⁰ In: http://news.bbc.co.uk/onthisday/hi/dates/stories/august/22/newsid_3549000/3549444.stm. Consultado em 20 de abril de 2009.

⁸⁷¹ In: http://news.bbc.co.uk/onthisday/hi/dates/stories/august/22/newsid_3549000/3549444.stm. Consultado em 20 de abril de 2009.

Evidenciamos que estava, sempre estivera e ia continuar a estar. E estivera nas mãos do político que era Brundage como ia estar nas de Killanin, Samaranch e Jacques Rogge.

Porém, o grande problema de Munique estava para acontecer. Na madrugada do dia 5 de setembro de 1972 o grupo de terroristas Setembro Negro atacou a Aldeia Olímpica e assassinou onze atletas da equipa de Israel. Foi então que Brundage, ao contrário daquilo que Marta Gomez desejava, proferiu a sua última grande decisão enquanto Presidente do COI: “The games must go on”.

7.3.8 Montreal (1976): em Cima da Hora

Nos JO de Montreal (1976),⁸⁷² quando tudo parecia estar pronto para os JO arrancarem, vários países africanos protestaram contra o fato da equipa de râguebi da Nova Zelândia ter feito uma digressão pela África do Sul, furando o boicote desportivo em vigor. Esses países recusavam-se a participar nos JO a menos que a equipa da Nova Zelândia fosse afastada. O COI, sob o pretexto do râguebi não era uma modalidade olímpica, tentou ignorar a questão. Em consequência, 48 horas antes do início dos JO, 30 países africanos e várias centenas de atletas abandonaram a Aldeia Olímpica.

7.3.9 Moscovo (1980): os USA

Seguiu-se, ao boicote de Montreal (1976), os dos JO de Moscovo (1980). O COJO de Moscovo havia escolhido uma frase mesmo a propósito para os JO: “Olimpíada: Em nome da paz para glória do desporto”. E, em finais de 1979, em protesto contra a invasão do Afeganistão pela URSS, o presidente norte-americano Jimmy Carter anunciou o boicote dos EUA aos JO de Moscovo (1980). Depois, 69 países, aliados dos EUA, solidarizaram-se com a posição norte-americana. Contudo, os países terem-se solidarizado não quer dizer que se tenham solidarizado os CONs dos respectivos países. Por exemplo, o Comité Olímpico dos Estados Unidos da América opôs-se radicalmente contra o boicote considerando-o um atentado contra a liberdade do MO. Contudo, no relatório que fez, por presumíveis pressões políticas, não utilizou a

⁸⁷² Os JO de Montreal (1976) acabaram também por ser um enorme problema para os canadianos, problema que durou muitos anos devido ao grande desequilíbrio económico e financeiro que deles resultaram. Os problemas de ordem financeira dos JO só viriam a ser resolvidos nos anos noventa.

palavra boicote limitando-se a dizer que não tinha aceite o convite da COJO de Moscovo (1980).

Era uma atitude de “hard power” dos EUA, utilizando-se dos JO para demonstrar a sua insatisfação política pela invasão do Afeganistão pelas tropas soviéticas. Tinham o direito de o fazer, contudo, o que fica por saber é se não teria sido muito pior para os Soviéticos se os EUA e demais países em uma estratégia de “soft power” fossem para os JO, quer dizer, para o coração do sistema soviético naquele momento, denunciar precisamente a política imperialista da URSS?

Mas, infelizmente, as coisas não aconteceram assim. O estilo dos EUA é um estilo de força bruta, de “hard power”, pelo que escolheram o caminho do confronto direto.

E a questão que se colocou imediatamente a seguir foi acerca do direito que o COJO de Moscovo (1980) tinha de utilizar as bandeiras e os hinos dos países que estavam a boicotar os JO. E a este respeito a 83ª Sessão do COI, realizada em Moscovo em 15 de julho de 1980, foi dramática. Havendo já um boicote declarado aos JO de Moscovo (1980), por parte de alguns países ocidentais, tratava-se de saber em que termos se poderiam utilizar as bandeiras e os hinos nacionais daqueles países. Foi considerada a hipótese de aproveitar a oportunidade para se suprimirem completamente dos JO as demonstrações chauvinistas que eram as bandeira e os hinos dos respectivos países. De fato, a bem ver, tendo em consideração os valores do passado e o espírito da CO tanto as bandeiras como os hinos estão lá a mais. Contudo, uma coisa é o que deveria ser e outra o que pode ser. Nestes termos, Andrianov o membro soviético do COI declarou que:

Ne doivent pas faire preuve de rapidité pour prendre une décision sur une question aussi importante telle que de changer la Charte Olympique pour les drapeaux et les hymnes olympiques. Le lever du drapeau et l'hymne ont un impact éducatif considérable sur la jeunesse du monde. En Union Soviétique, les athlètes qui ont obtenu un succès dans la compétition se voient souhaiter la bienvenue avec un grand enthousiasme car leur exemple doit être suivi par des centaines de milliers de jeunes gens. Il estime qu'il faut demander leur avis aux C.N.O. à cet égard car le lever des drapeaux affecte aussi leurs intérêts. Une décision sur cette question devrait être retardée jusqu'au Congrès olympique.⁸⁷³

⁸⁷³ In: Ata da 83ª Sessão do COI - Moscovo, 15 de julho a 3 de agosto de 1980, p.41.

Claro que ele não podia ter tido outra posição. Porém, a posição de Exeter, um membro de grande importância no MO, ia no sentido de começar a acabar com o chauvinismo que caracterizava muitos eventos desportivos e disse:

... trop d'emphase est mise sur les drapeaux et les hymnes et estime que l'on pourrait supprimer un peu du nationalisme.⁸⁷⁴

A situação foi de alguma maneira salva por Havelange que surgiu com uma eventual solução:

... les règles sont faites pour être observées en ce qui concerne les cérémonies d'ouverture et de clôture aussi bien que la cérémonie de remise de médailles et que le drapeau doit être hissé et l'hymne joué. Cependant, si certains C.N.O. sont dans l'impossibilité d'avoir leur drapeau national ou de faire jouer leur hymne national, ils doivent être autorisés à utiliser le drapeau et l'hymne olympiques. Ceci est le moment le plus adéquat pour prendre une décision à cet égard et il suggère de l'étudier avec une approche équilibrée lors des prochaines réunions des sessions et, si nécessaire, un changement doit être fait dans les règles pour les prochains Jeux Olympiques.⁸⁷⁵

Entretanto, o Presidente Samaranch afirmou ser contra a utilização das bandeiras e dos hinos, e com razão porque era uma questão de direito internacional e como os EUA defendiam, o COJO de Moscovo não tinha o direito de utilizar a bandeira americana sem autorização das autoridades americanas. Assim, a decisão ficou para ser tomada posteriormente pela Comissão Executiva.

Na cerimónia de abertura dos JO o presidente soviético Leonid Brejnev (1906-1982) teve a oportunidade de lamentar a interferência política em eventos de ordem desportiva idealizados para construir a paz. De fato, a posição dos EUA, tendo sido de força, acabou em uma enorme fraqueza, desde logo porque uma cidade americana (Los Angeles) iria organizar a próxima edição dos JO, em 1984. Na cerimónia de abertura dos JO são tradicionalmente hasteadas três bandeiras: a do país da cidade organizadora, a grega e a do país onde se vão organizar os próximos JO. Em consequência de todo o imbróglio, na cerimónia de abertura dos JO de Moscovo (1980) no lugar da bandeira dos EUA foi hasteada bandeira branca.

No relatório apresentado por Ignati Novikov, Presidente da COJO de Moscovo pode-se ler:

⁸⁷⁴ In: Ata da 83ª Sessão do COI - Moscovo, 15 de julho a 3 de agosto de 1980, p.42.

⁸⁷⁵ In: Ata da 83ª Sessão do COI - Moscovo, 15 de julho a 3 de agosto de 1980, p.42.

By rejecting the call to boycott the Moscow Games, by confirming the right of our capital to celebrate the Games of the XXIIInd Olympiad, the International Olympic Committee has considerably strengthened its authority and its prestige in international sports opinion and among the advocates of Olympism in countries throughout the world. It is with great pleasure that we note the unanimous disapproval of the attempt to boycott the Games expressed by all IFs and the overwhelming majority of NOCs. In particular, the National Olympic Committees of Western Europe pointed out - in our opinion rightly - that the duty of the NOCs is to authorise the participation of their athletes in the Olympic Games for which they had been preparing themselves for so long, that such participation is all the more important in this period of tension and international conflicts, that any abstention from the 1980 Games is not only incapable of settling today's conflicts but could result in catastrophic consequences for international sports. The "Olympiad-80" Organising Committee is grateful to the National Olympic Committees - that-accepted - our invitation to "take part" "in" the Games of the XXIIInd Olympiad. We greet the athletes of the majority of countries on all continents who have come to the city of Moscow to take part in the Games.⁸⁷⁶

Relativamente aos resultados do boicote dos EUA aos JO de Moscovo (1980) aplicam-se bem as palavras proferidas por Schimmelpenninck von der Oye, em 1926 na 25ª Sessão do COI em Lisboa relativamente ao boicote que as FIs pretendiam fazer aos JO de Amesterdão (1928). Para ele, o boicote foi antidesportivo. Com bandeiras ou sem bandeiras, o que restou do boicote, para além dos prejuízos aos atletas, foi nada.

7.3.10 Los Angeles (1984): a Revanche

Depois de Moscovo (1980) estava mais um boicote à vista: O boicote dos soviéticos, e seus países satélites, aos JO de Los Angeles (1984).

Na realidade, os soviéticos, tanto na cerimónia de abertura dos JO de Moscovo (1980) como na de encerramento, não se inibiram em mostrar ao Mundo a indiferença que tinham ficado com a ausência dos EUA e dos seus países satélites. Neste contexto, na reunião da 83ª Sessão do COI, realizada precisamente em Moscovo de 15 de julho a 3 de agosto de 1980, os soviéticos, através de Vitaly Smirnov, Presidente do Comité Olímpico Soviético e membro do COI desde 1971, um dos mais novos membros do COI, já que entrou com 36 anos, passaram a jogar com os americanos criando-lhes a expectativa de que, afinal, até podiam ir a Los Angeles (1984) daí a quatro anos. Um dos pontos da ordem de trabalhos da 83ª Sessão do COI era precisamente a apresentação por Peter Ueberroth do relatório referente ao andamento dos trabalhos conducentes à

⁸⁷⁶ In: Ata da 83ª Sessão do COI - Moscovo, 15 de julho a 3 de agosto de 1980, p.5.

organização dos JO de Los Angeles (1984). Depois de muitas questões de ordem técnica, alojamento, distâncias, alimentação, transportes, etc., Vitaly Smirnov desferiu um tremendo golpe fazendo notar que no relatório de Ueberroth nada constava sobre o protocolo que se sabia era a melhor porta de entrada para as questões políticas. Então, Smirnov pediu que o LAOOC garantisse que os:

... teams entering the United States on the occasion of the Olympic Games would not be discriminated against, and that the Rules concerning the opening and closing ceremonies would be respected.⁸⁷⁷

Smirnov não ficou por aqui, na medida em que referiu os incidentes ocorridos durante os JO de Inverno de Lake Placid (1980). E disse que em alguns locais dos JO que eram território olímpico, fizeram-se apelos para que se boicotassem os JO da XXII^a Olimpíada realizada em 1980 na cidade de Moscovo. E disse:

The IOC had repeatedly lodged protests with the LPOOC, he added, to remove the incriminating publications, but this had not been carried out.⁸⁷⁸

Smirnov pediu a Ueberroth que garantisse que o Governo dos EUA não tomaria nenhuma medida que pudesse contrariar as regras e a ética do MO. Evidentemente Ueberroth garantiu a Smirnov que não existiriam discriminações relativamente a qualquer atleta de qualquer parte do mundo, assegurou ainda que as regras do COI seriam respeitadas em todos os aspetos incluindo o protocolo das cerimónias pelo que confirmou que o Mayor de Moscovo seria muito bem recebido para além de garantir que o LAOOC proibiria a utilização de propaganda em território olímpico.

Está bem de ver que os soviéticos começavam a ajustar contas com os americanos.

7.3.11 Seul (1988): A Coreia do Norte

Depois, em 1988, os JO de Seul, foram boicotados pela Coreia do Norte sob o pretexto de não ter sido aceita como coorganizadora dos JO, em simultâneo com a Coreia do Sul. Apesar do regime de Pyongyang, a Coreia do Norte ainda conseguiu a solidariedade da Etiópia, da Nicarágua e de Cuba que também não estiveram presentes.

⁸⁷⁷ In: Ata da 83^a Sessão do COI - Moscovo, 15 de julho a 3 de agosto de 1980, p.17.

⁸⁷⁸ In: Ata da 83^a Sessão do COI - Moscovo, 15 de julho a 3 de agosto de 1980, p.18.

7.3.12 Pequim (2008): A Prova Real

Quanto aos JO de Pequim (2008), desde 2001, ano em que foi atribuída pelo COI a responsabilidade a Pequim de receber os JO, que as mais diversas organizações começaram a manifestar-se contra essa decisão. Era a questão do Tibete; a guerra do Darfur; e a dos Direitos Humanos na RPC.

Entretanto, as coisas adormeceram mais ou menos até que a contestação iniciada, em 10 de março de 2008, ao regime chinês no Tibete mostrou ao mundo e às autoridades chinesas que os tibetanos continuam a preservar os seus sentimentos de liberdade e a manter a sua identidade cultural que têm sido menosprezadas pelo regime de Pequim. E, como tal, aproveitaram os JO. A resposta do regime de Pequim foi a habitual. Enviou tropas a fim de colocar em ordem os independentistas tibetanos.

Entretanto, fizeram-se novamente ouvir várias vozes a pedir o boicote. Contudo, outras vozes se levantaram a afirmar que o boicote não iria resolver nada. O próprio presidente Bush apressou-se a dizer que estaria presente no dia 8 de agosto de 2008 na cerimónia de abertura dos JO de Pequim (2008).

Não se trata de promover o boicote aos JO. Trata-se só de, como o fez o presidente do Parlamento Europeu, ameaçar com a arma do boicote com o objetivo de manter a chama da TO, que representa os valores da paz e da democracia, verdadeiramente viva. Porque, o pior que poderia acontecer para o desporto e para o Olimpismo, bem como para os Direitos Humanos na China, era o sucesso de um movimento de boicote aos JO promovido pelos países do mundo Ocidental. Não pelas razões propagandeadas pelos embaixadores do desporto à margem da política, mas, precisamente, porque o desporto tem e deve estar completamente envolvido na política. E é com a realização dos JO que o desporto se envolve na política e não com qualquer boicote.

Seria demasiado fácil, não só para autoridades chinesas, como para alguns dirigentes desportivos e políticos, se a generalidade dos países ocidentais aderisse ao boicote. Os chineses passariam a ser injustamente considerados como vítimas e os dirigentes ocidentais passavam hipocritamente a ficar com a consciência tranquila. Depois, tudo se mantinha na mesma.

A posição do líder espiritual dos tibetanos o Dalai Lama, como se sabe, um especialista do “soft power”, foi que não se deveria realizar qualquer boicote aos JO de Pequim (2008) sob pena de o MO e a causa tibetana saírem prejudicados. No exílio desde 1959, Dalai Lama, embora os chineses quisessem fazer parecer o contrário, teve sobre o assunto dos JO uma posição muito cordata. Aliás, ele, há muito que deixou de lutar por um Tibete independente, defendendo somente um alto nível de autonomia, dando mesmo como exemplo o caso do governo de Macau, território chinês administrado localmente, só sujeito à China em questões de defesa e negócios estrangeiros.

7.4 Conclusões

A política foi uma das grandes linhas ideológicas de orientação estratégica do Comité Olímpico Internacional. Esta conclusão é sustentada em três perspetivas: 1ª) A dimensão política do MO que, a partir do seu quadro histórico, não pode negar o envolvimento entre o desporto e a política; 2ª) O nacionalismo e as suas influências no desporto; e 3ª) Os boicotes como uma arma política.

Ao analisarmos o quadro histórico do desenvolvimento do desporto, podemos concluir que as diversas ideologias, da esquerda à direita e a generalidade dos regimes políticos, já utilizaram o desporto como uma arma política. Nestas condições, o MO, de uma maneira geral, adotou um comportamento que se situou entre ignorar certos problemas, servindo-se da ideia de “apolitismo desportivo”, por um lado, e, por outro lado, tirando partido das situações políticas em benefício próprio. Contudo, esta perspetiva, de olhar para a questão política fez com que o COI não tivesse uma agenda política própria, ficando a mercê das agendas políticas alheias e das próprias agendas políticas dos dirigentes desportivos e dos políticos.

O COI, até a II Guerra Mundial, não teve grandes problemas de ordem política, à exceção das disputas relativas ao boicote aos JO de Berlim (1936). Até então, a dimensão política das questões desportivas tinha decorrido de dentro para fora do COI na medida em que eram os membros do COI que representavam a organização nos respetivos países e não o contrário. Entretanto, a partir da II Guerra Mundial, o COI começou a utilizar-se da ideia do apolitismo desportivo como uma estratégia de fuga às

sequelas da guerra bem como aos problemas da Guerra Fria que surgiam. Os dirigentes do COI, depois da II Guerra Mundial, desejavam manter o MO em cada país fora do controlo dos governos. A situação política em termos mundiais tinha-se alterado radicalmente e o COI foi obrigado a lidar com os mais diversos problemas que lhe chegavam de fora para dentro. Contudo, o COI não estava preparado para resolver estas novas situações, por isso, sem ser capaz de lidar com os problemas políticos que surgiam, usou como estratégia fechar-se, sustentando a posição de que o desporto nada tinha a ver com a política. Assim, o apolitismo desportivo passou a orientar uma linha ideológica de orientação estratégica do COI.

Concluimos que a estratégia do apolitismo desportivo foi um equívoco, já que, para ultrapassarem os problemas políticos, uma linha político-ideológica de orientação estratégica era o que os dirigentes do MO mais necessitavam para se posicionarem contra as tentativas externas de manipulação da organização. Contudo, o COI, ao defender a linha de orientação estratégica do apolitismo, acabou por passar a ser gerido pelas conveniências e pressões internas e externas a que estava sujeito. No entanto, no quadro histórico do desenvolvimento do desporto no mundo, o Olimpismo sempre esteve envolvido em quadros políticos e ideológicos como o profissionalismo, o nacionalismo, o colonialismo, o machismo ou, entre outros, a eugenia.

Na realidade, o desporto, desde a sua institucionalização por Coubertin, sempre foi um instrumento do nacionalismo de países e utilizado como instrumento de exaltação patriótica, rática ou nacionalística. Todavia, Coubertin, em um ambiente influenciado por diversos conflitos internacionais, utilizou a estratégia adequada para conseguir amenizar os fulgores nacionalistas que as mais diversas nacionalidades traziam consigo ao COI. A fim de o conseguir, Coubertin colocou os membros do COI acima dos seus próprios países determinando que eles não representavam o seu país junto do COI, mas o COI junto do seu país. Mesmo assim, o COI foi pressionado diversas vezes por autoridades de países que queriam interferir politicamente nas decisões da organização.

O caso das “duas Chinas” foi paradigmático, de parte a parte, pela má utilização da política no âmbito das questões desportivas. Se, por um lado, houve posições abusivas por parte tanto da RPC como da República da China, por outro o COI através

de Brundage, acabou por defender as posições sob influências externas como a dos EUA.

Além do caso das “duas Chinas”, existem outros seis que evidenciam o uso do desporto para fins nacionalistas. 1º) Em 1934 quando Benito Mussolini, a propósito da Copa do Mundo da FIFA de 1934, disse aos seus atletas “vençam ou morram”; 2º) A utilização por Hitler dos JO de Berlim (1936) para fins nacionalistas; 3º) A solicitação de edição, por John Kennedy, da banda desenhada “Super-Homem” para os JO de Tóquio (1964); 4º) A máxima “amizade primeiro, competição depois” sustentada por Mao Zedong e utilizada para a participação nos JO de Moscovo (1980); 5º) A construção do nacionalismo canadiano a partir de 1970 por Trudeau; 6º) As recompensas financeiras prometidas por Alexander Lukashenko a propósito dos JO de Sidney (2000).

Mesmo diante de tantas evidências de nacionalismo envolvendo o MO, é importante salientar que a linha ideológica de orientação estratégica inicial de Coubertin era de desvincular a competição desportiva da identidade nacional, já que ele considerava que as disputas deviam acontecer entre Homens de forma nobre e leal de maneira a serem ultrapassadas, no campo desportivo, as rivalidades políticas e culturais que massacravam os povos da Europa. Entretanto, hoje, mesmo sabendo-se que o COI não admite uma classificação por países relativamente aos JO, o que é fato é que os países e governos sempre desejaram associar-se às vitórias conseguidas nos terrenos desportivos.

Concluimos que uma arma política utilizada ao longo da história do MO foram os boicotes e as ameaças de boicotes. Felizmente, o MO, na maioria das vezes, conseguiu superar estas situações delicadas. Os boicotes e as ameaças de boicotes fundem-se com a própria história do MO. Por exemplo, em Atenas (1896), nos primeiros JO da era moderna, ocorreu a primeira ameaça. Depois, sucessivamente ocorreram ameaças nos JO de Londres (1908), Estocolmo (1912), Berlim (1936) e Pequim (2008). Temos como casos de boicotes efetivados os dos JO de Melbourne (1956), de Montreal (1976), de Moscovo (1980), de Los Angeles (1984) e de Seul (1988). Contudo, não podemos saber, para além de elaborar especulações, o que é que aconteceria se um boicote não ocorrido tivesse tido êxito ou um com êxito não tivesse ocorrido ou se a simples ameaça de boicote pode proporcionar os resultados

pretendidos. A efetivação de boicotes, como estratégia de afirmação de ideias, de princípios ou de valores, não parece ser a solução ideal para que essas ideias, princípios e valores sejam divulgadas de uma forma eficiente. Os prejuízos e as injustiças a terceiros, provocados pelos boicotes, são de grande significado sobretudo para os atletas. Na sociedade da televisão global e da Internet, mais vale, em uma estratégia de “soft power”, tirar partido destas tecnologias, a fim de, em uma perspectiva de marketing de oportunidade, aproveitar a visibilidade e notoriedade dos JO, aliás como até Jacques Rogge aceita, a fim de defender grandes causas como é a dos Direitos Humanos.

Coubertin, utilizou a política em uma perspectiva de “soft power”. Deste modo, ele conseguiu que se realizassem os primeiros JO da era moderna em 1896. Ao verificarmos o quadro histórico que estruturou a vida de Coubertin é impossível considerar que ele poderia estabelecer os JO modernos sem ter em conta os valores e contradições políticas, ideológicas e sociais da sua época. Coubertin, até o fim da sua vida, manteve a linha político-ideológica do “soft power” quando defendeu a realização dos JO de Berlim (1936). Para Coubertin o desporto era um instrumento político de regeneração do homem e de desenvolvimento humano. Sob o ponto de vista moral, ele defendia que o desporto poderia ser uma espécie de instrumento de eugenia individual em função da dignidade nacional. Ele considerava o desporto como um catalisador das grandes transformações políticas e sociais de que a França e a Europa precisavam. Baillet-Latour, seguindo a linha ideológica de orientação estratégica de Coubertin, considerava que o Olimpismo deveria estar integrado à política, a partir de uma rede de relações entre aqueles que deviam liderar os destinos da Europa, tendo-se como exemplo, os contatos que manteve com Hitler, a propósito dos JO de 1936, o que não pode ser visto sem se considerar os impactos políticos, sociais e económicos gerados. Com Edström na presidência do COI, a linha ideológica de orientação estratégica da instituição começou a mudar. Edström foi um líder de transição e esteve envolvido com as manipulações políticas ocorridas no caso das “duas Chinas”, tendo aberto hostilidades com a RPC que entendia que o COI devia se submeter a sua política. Esta linha do apolitismo desportivo foi fortemente defendida por Brundage que determinou que o desporto nada tinha a ver com a política, sendo isto uma posição política através do desporto. Brundage pode ser considerado o presidente que mais sustentou a linha ideológica de orientação estratégica do apolitismo desportivo defendendo as suas posições através do “hard power”, ao mesmo tempo em que foi um dos presidentes mais

políticos da instituição. A questão do apolitismo desportivo foi levantada inicialmente por Brundage quando era Presidente do Comité Olímpico dos Estados Unidos devido ao possível boicote dos EUA aos JO de Berlim (1936). Depois, tanto como Vice-presidente do COI, como Presidente, sempre sustentou a máxima de que o desporto nada tinha a ver com política. Killanin, discretamente, iniciou um novo processo, mantendo uma linha ideológica de orientação estratégica que, considerando as questões políticas, resolveu importantes problemas no MO, como os ocorridos nos JO de Montreal (1976) relativos a participação da RPC. Killanin com a sua posição de “soft power” resolveu, inclusivamente, problemas deixados por seu antecessor. Samaranch, por sua vez, transformou o COI em uma das instituições de maior peso político à escala mundial, mesmo ele não admitindo, colocou o MO no centro da política mundial. Em uma perspectiva estratégica de “hard power”, suportado por um poderio económico sem precedentes, resolveu diversos problemas no MO. Este presidente envolveu o COI em uma estratégia eminentemente política no que diz respeito ao profissionalismo, ao comercialismo e ao meio ambiente e levou o COI a patamares de poder, excelência e prestígio até então desconhecidos. Rogge com sua linha ideológica de orientação estratégica de “soft power”, defendeu os Direitos Humanos em Pequim (2008) e nunca afirmou que o desporto nada tinha a ver com a política. Com sua diplomacia “soft”, colocou o desporto ao serviço da humanidade e trouxe ao MO mudanças no que diz respeito ao envolvimento do COI nos grandes problemas do mundo que afetam a humanidade. Rogge defendeu, e defende, que o MO não existe no vácuo e que o desporto faz parte da sociedade, sendo um catalisador de mudanças, marcando de forma efetiva um novo rumo político, ideológico e estratégico para o COI.

Conclusões Finais

O nosso trabalho, como se pode concluir da sua leitura, foi por opção assumida um projeto de investigação em extensão que buscou evidenciar um conjunto de questões significantes que entendemos serem as que permitem compreender o fenómeno olímpico a partir das grandes linhas ideológicas de orientação estratégica das lideranças que geriram o COI ao longo de quase 120 anos. Compreender estas questões, como hoje julgamos que compreendemos melhor, obrigava à conceção de um abordagem metodológica que não se sustentasse na visão tradicionalista dos estudos empíricos de perspectiva micro que, de uma maneira geral, têm sido realizados no âmbito dos estudos olímpicos. Esta opção, podemos agora dizê-lo, ficou-se a dever não só à própria personalidade do orientador académico que tem dirigido a sua vida académica e profissional ao estudo e análise das grandes questões em matéria de desenvolvimento do desporto e, também, à minha própria personalidade que nos leva a desejar compreender o todo antes de avançarmos para análise de cada uma das partes. O sentimento com que ficamos é que se têm estudado muitas questões relativas ao Olimpismo sem que, verdadeiramente, se tenha tido a preocupação em estudar o problema na sua globalidade.

Embora as grandes linhas ideológicas de orientação estratégica anunciadas nestas conclusões: o amadorismo / profissionalismo; o comercialismo; o desenvolvimento humano; e a política por razões naturais de exposição escrita, tenham sido desenvolvidas na ordem apresentada, o que é fato é que podemos concluir que todas elas se entrelaçam na medida em que a problemática do amadorismo / profissionalismo se relaciona diretamente com as questões que decorrem do comercialismo que, por sua vez, através da Solidariedade Olímpica, promove o desenvolvimento humano que confere uma dimensão política ao fenómeno desportivo que, no fundo, era a ideia original de Pierre de Coubertin.

A linha ideológica de orientação estratégia do amadorismo foi mantida no início do MO com o objetivo, não explícito, de separar as classes sociais que tinham meios e tempo para praticar desporto de outras, com estatuto social menos favorecido, que para praticar desporto tinham de ter alguma forma de sustento. Entretanto, com a evolução dinâmica do desporto, o profissionalismo nos JO começou a transformar-se em uma

questão inevitável, na medida em que, para se ter os melhores eventos desportivos, era necessário ter os melhores atletas e estes eram os profissionais. Porém, a linha ideológica de orientação estratégica do amadorismo evoluiu de forma muito lenta e foi mantida com um controlo muito rigoroso dos atletas. A linha estratégica do COI foi a de manter uma posição dura que não permitia aos desportistas terem qualquer tipo de retorno financeiro pela prática desportiva.

Neste sentido, a evolução das várias definições de amador foi de vital importância para a transição da linha ideológica de orientação estratégica que sustentava o amadorismo para a que veio a defender a do profissionalismo. O que aconteceu foi que, devido à enorme dificuldade para se encontrar uma definição de amador, que satisfizesse a todas as modalidades desportivas, ocorreu uma abertura gradual que permitiu aos atletas terem alguma compensação financeira pela prática desportiva. Assim, diremos que o COI, mesmo querendo manter uma linha dura para com os atletas, teve por estratégia não o confronto direto com eles, mas o seu envolvimento ou até o protelar indefinidamente das decisões até que os problemas se fossem resolvendo com o passar do tempo. Cabe aqui salientar que a mudança do termo “olympic amateur” para “olympic competitor” foi um marco na transição entre estas duas linhas ideológicas de orientação estratégica. Com o passar dos anos, muitos membros do COI e dirigentes do MO tomaram consciência que, para o sucesso dos JO, era necessário que fosse permitida a participação dos melhores atletas do mundo, tendo esta decisão estado ligada, também, a necessidade de aproximar os ideais olímpicos, muitos já ultrapassados, da realidade do desporto em todo o mundo. Por fim, a partir dos JO de Barcelona (1992), Samaranch resolveu de forma definitiva a questão permitindo a entrada de profissionais nos JO.

Estreitamente ligada à linha ideológica de orientação estratégica que defendia o amadorismo, desenvolvia-se a que atacava o comercialismo relacionado com o desporto e o MO. Esta posição acabou também por demonstrar ser um grande equívoco devido à incapacidade de grande parte dos membros do COI de compreenderem que era possível existir uma relação saudável entre o desporto e o dinheiro e que isto poderia criar as condições necessárias para que o desporto se pudesse desenvolver. Entretanto, começaram a surgir dentro do próprio COI aqueles que defendiam que o comercialismo, no sentido de aproveitar o valor comercial dos bens e serviços relacionados ao desporto,

podia ser uma estratégia extraordinariamente vantajosa para o desenvolvimento do MO a nível mundial. Como consequência, o comercialismo entrou naturalmente no MO alterando toda a relação de forças até então existente uma vez que, a ele associado, vinham as questões do desenvolvimento que o dinheiro podia assegurar. O próprio Brundage, que era radicalmente oposto às questões comerciais do MO, acabou por perceber que o futuro do MO estava precisamente em uma boa administração das vantagens comerciais dos JO.

A linha ideológica de orientação estratégica que defendia o comercialismo começou a ser mais evidente a partir da entrada das transmissões televisivas nos JO de Roma (1960) dando início a um novo modelo de gestão ocorrido na presidência de Killanin, quando as preocupações e estratégias relativamente ao comercialismo mudaram de paradigma considerando que o comercialismo poderia ser um benefício para o desenvolvimento do MO. Depois, sob a liderança de Samaranch, e com o aumento do retorno proveniente das teletransmissoras, o COI envolveu-se de tal forma nas questões da comercialização dos JO que acabou por ser inevitável que a organização entrasse decididamente na era do marketing da qual começaram a resultar enormes benefícios financeiros para os CONs e FIs.

Contudo, a dependência excessiva do COI dos recursos provenientes dos direitos televisivos começou a ser cada vez maior, pelo que foi evidenciada a necessidade de uma adequação da linha de orientação estratégica que consumou a contratação de uma empresa, a ISL, para tratar, com exclusividade, do licenciamento e comercialização do Símbolo e Emblemas Olímpicos e a criação da Comissão de Novas Fontes de Financiamento que tinha o papel estratégico de ser um catalisador do desenvolvimento do MO e do desenvolvimento dos seus ideais através da distribuição de 93% das receitas que o COI conseguia angariar entre os seus patrocinadores. Outras importantes ações foram a criação da “Olympic Broadcasting Services”, que permitiu que o COI explorasse e oferecesse sinal de transmissão dos JO; a aquisição da totalidade da Meridian, que era a agência de marketing do COI que veio a substituir a ISL; e a criação do Programa TOP, tendo isto permitido que o comercialismo / marketing se tornasse uma importante vitória enquanto instrumento de gestão no sentido de obter receitas para o desenvolvimento do MO à escala mundial, mantendo um controlo restrito sobre as operações para que os interesses comerciais não controlassem o MO. O sucesso de todo

este processo ficou em grande medida a dever-se à visão de Samaranch quando cunhou a máxima “yes to commercialization”. Ao fazê-lo, deu início à “era do marketing” no MO.

Concluimos que com a transição da linha ideológica de orientação estratégica que sustentava o não comercialismo para a que sustenta o comercialismo / marketing o COI assumiu uma posição que levou a instituição às grandes transformações necessárias para a sobrevivência da instituição e do MO e para que fosse possível, através da adequada aplicação dos recursos financeiros, colocar o desporto ao serviço do desenvolvimento humano. Com a linha ideológica de orientação estratégica que sustentava o comercialismo surgiu a possibilidade de intervenção do COI e do MO em importantes áreas que influenciaram direta ou indiretamente o desenvolvimento humano. Neste contexto, defendemos o surgimento de uma nova linha ideológica de orientação estratégica que foi o desenvolvimento humano.

O crescimento dos JO, conhecido como gigantismo, que foi considerado por muitos anos pelo COI e MO como uma anomalia, em verdade foi uma consequência do enorme êxito que o MO e os JO tinham atingido. Esta visão distorcida, ocorrida por muitos anos no COI, deve ser considerada como um mal entendido dos dirigentes do COI que não tiveram a capacidade de avaliar corretamente o que estava a acontecer, por isto, sustentamos que o gigantismo foi um dos grandes equívocos do MO moderno. Concluimos que o crescimento dos JO se tornou um instrumento de desenvolvimento do MO e têm uma dimensão tal que exigem esforços, dinheiro e competências que podem ultrapassar a dimensão que se deve dar a todas as realizações humanas e estes são os limites que devem ser respeitados.

Entretanto, a linha ideológica de orientação estratégica do COI, que considera o desenvolvimento humano, teve algumas dificuldades ao se deparar com importantes questões como os possíveis desrespeitos aos Direitos Humanos e os impactos ambientais negativos ocorridos na realização dos JO, tendo estas questões levado a uma melhor gestão com vistas ao desenvolvimento sustentável do MO. Quanto ao respeito aos Direitos Humanos, o Olimpismo pode e deve ser estrategicamente utilizado como um catalisador de mudanças que contribua para uma maior responsabilização das políticas públicas governamentais e das cidades organizadoras dos JO. Quanto ao meio ambiente, o COI traçou importantes ações estratégicas como a adoção do conceito de

desenvolvimento sustentável na Rio 92, a criação da Agenda 21 do MO, e a institucionalização da Comissão de Desporto e Meio Ambiente. Como consequência da linha ideológica de orientação estratégica do desenvolvimento humano iniciada por Samaranch, e seguida por Rogge, o COI estreitou cada vez mais as suas relações com a ONU até receber, no ano de 2009, o estatuto de membro observador, cumprindo, assim, na plenitude, a visão internacionalista de Coubertin.

A política surge, neste contexto, como a linha ideológica de orientação estratégica que permeou de forma transversal as demais. Tanto a linha ideológica de orientação estratégica que defendia o amadorismo, depois o profissionalismo, o não comercialismo, depois o comercialismo, como a que defende o desenvolvimento humano, todas foram influenciadas pelas questões políticas e pelas posições político-ideológicas dos presidentes e membros do COI.

Até a segunda metade do século passado, a questão geoestratégica da dimensão política das questões desportivas, decorreu de dentro para fora do COI na medida em que eram os membros do COI que representavam a organização nos respetivos países e não o contrário, pelo que os grandes problemas políticos, de certa maneira, acabaram por ser evitados. Entretanto, a partir da II Guerra Mundial, a situação política em termos mundiais alterou-se radicalmente e o COI foi obrigado a lidar com os mais diversos problemas que lhe chegavam de fora para dentro. Para o efeito, os dirigentes do COI começaram a utilizar-se da ideia do apolitismo desportivo como uma linha ideológica de orientação estratégica de fuga aos problemas muitas vezes insolúveis decorrentes das sequelas da guerra, bem como dos problemas da Guerra Fria que começaram a surgirem.

Os dirigentes do COI desejavam manter o MO em cada país fora do controlo dos respetivos governos. Todavia, o problema era que o COI não estava preparado para resolver as novas situações que se faziam sentir. Por isso, o COI optou por se fechar sobre si mesmo sustentando a posição de que o desporto nada tinha a ver com a política. Assim, a estratégia do apolitismo desportivo, passou a orientar a linha ideológica de orientação estratégica do COI, sobretudo a partir de Sigfrid Edström, mas que, depois, teve a máxima força na liderança de Avery Brundage. Porém, o que evidenciamos é que mesmo sempre existindo no MO uma ideia de que o desporto não tinha, nem deveria ter, relação com a política o que se conclui é que, de uma forma ou outra, o desporto sempre esteve envolvido em questões políticas. Como exemplos temos os casos dos

boicotes efetivados ou não, assim como a utilização do desporto pelos Governos para fins nacionalistas.

Quanto as diferentes linhas político-ideológicas de orientação estratégica dos presidentes do COI concluímos que Coubertin manteve a linha político-ideológica de orientação estratégica do “soft power” tanto na defesa da realização dos JO de Atenas (1896) como nos de Berlim (1936). Coubertin, ao manter a estratégia do “soft power” geriu adequadamente o COI e resolveu, com perspicácia política e astúcia, muitos dos problemas políticos que envolveram o MO. Baillet-lattour considerava que o Olimpismo deveria ser estrategicamente integrado à política a partir de uma rede de relações entre aqueles que lideravam os destinos da Europa. Edström foi um presidente de transição e esteve envolvido com as manipulações políticas ocorridas no caso das “duas Chinas”, tendo aberto hostilidades com a RPC. Entretanto, concluímos que foi Brundage o presidente que mais defendeu o apolitismo desportivo, sendo isto considerado uma política através do desporto. Killanin, discretamente, resolveu importantes problemas políticos no MO, inclusive alguns deixados por Brundage. Samaranch, por sua vez, transformou o COI em uma das instituições de maior peso político à escala mundial, ele colocou o MO no centro da política mundial. Por fim, Rogge, com sua posição político-estratégia de “soft power”, defendeu os Direitos Humanos em Pequim e nunca afirmou que o desporto nada tinha a ver com a política. Com sua diplomacia “soft”, colocou o desporto ao serviço da humanidade.

Por fim, concluímos que o COI ao seguir as grandes linhas ideológicas de orientação estratégica do profissionalismo, do comercialismo e do desenvolvimento humano, permeadas de forma transversal por uma adequada posição político-ideológica de orientação estratégica, transformou o MO em um dos maiores projetos de desenvolvimento humano, económico, social, ambiental e político à escala do Planeta.

Fontes

Atas das Sessões do Comité Olímpico Internacional, realizadas entre 1984 e 2008.

Bibliografia

Almeida, J. F., & Pinto, J. M. (1990). *A Investigação nas Ciências Sociais*. Lisboa: Presença.

Barney, R. K. (2010). *Rethinking the Olympics - Cultural Histories of the Modern Games*. Morgantown: FIT.

Boniface, P. (2006). *Football et Mondialisation*. Paris: Armand Colin.

Boulongne, Y.-P. (1975). *La Vie et L'œuvre Pedagogique de Pierre de Coubertin (1963-1937)*. Ottawa: Leméac.

Boulongne, Y.-P. (1994). The Presidencies of Demetrius Vikelas (1894-1896) and Pierre de Coubertin (1896-1925). In R. Gafner, *The International Olympic Committee one hundred years: 1894 - 1994: the idea, the presidents, the achievements*, 1. Lausanne: COI.

Bourdieu, P. (2007). *A Distinção: Crítica Social do Julgamento*. São Paulo: Eduso.

Bouthoul, G. (1966). *O Fenómeno Guerra*. Lisboa: Estudos Cor.

Brohm, J.-M. (1981). *Le Mythe Olympique*. Paris: Christian Bourgois Editeur.

Brohm, J.-M. (1972). Sport, Culture et Repression. In G. Berthaud, J.-M. Brohm, F. Gantheret, & P. Laguillaumie, *Partizans: Sociologie Politique du Sport* (pp. 16-31). Paris: Maspero.

Brownell, S. (2007). *China and the Olympic Games: Body Culture, East and West*. Amsterdam: School for Social Science Research.

Brundage, A. (1973). *Memórias*. Madrid: Instituto Nacional de Educación Física.

Caillois, R. (1990). *Os Jogos e Os Homens*. Lisboa: Cotovia.

Cantelon, H., & McDermott, L. (2001). Charisma and the Rational-Legal Organization: a Case Study of the Avery Brundage. *Olympika: The International Journal of Olympic Studies*, 10, 33-58.

Carta Olímpica. (2007). www.olympic.org. Obtido em 05 de 07 de 2011 de <http://www.olympic.org/olympic-charter/documents-reports-studies-publications>.

Carvalho, M. (2000). Olimpismo: Hipocrisia ou função humanista? *Avante*, 1403. Obtido em 23 de setembro de 2010 de <http://www.pcp.pt/avante/20001019/403t4.html>

Chappelet, J.-L. (1991). *Le Systeme Olympique*. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble.

Chatziefsthiou, D. (2005). The Changing Nature of the Ideology of Olympism in the Modern Olympic Era. *Tese de Doutorado*. United Kingdom: Loughborough University.

- COI. (1999). *Olympic Movement's Agenda 21: Sport for Sustainable Development*. Obtido em 23 de março de 2009 de http://multimedia.olympic.org/pdf/en_report_300.pdf
- Costa, A. V. (2010). Olimpismo: Desporto, Turismo e Meio Ambiente. *XI Congresso Nacional de Gestão do Desporto* (pp. 89-97). Lagos: APOGESD.
- Costa, A. V., Pereira, E., Mascarenhas, M., Correia, P., & Pires, G. (2011). Olimpismo e "Soft Power". De Atenas (1896) a Pequim (2008). *Materiales para la História del Desporte*, 9, 23-42.
- Coubertin, P. de. (1913). *Essais de psychologie sportive*. Paris: Librairie Payot & C.
- Coubertin, P. de. (1972). *Ideário Olímpico*. Madrid: Instituto Nacional de Educacion Física.
- Coubertin, P. de. (1912). L'Éugénie. *Revue Olympic*, 35(3), 163-166.
- Coubertin, P. de. (1964). *Le Sport, Élément de Paix*. Paris: Presses de l'Imprimerie Nationale.
- Coubertin, P. de. (1996). *Mémoires Olympiques*. Paris: Editions Revue.
- Coubertin, P. de. (1986). *Textes Choisis*. Zurique: Weidmann.
- DaCosta, L. P. (1997). Introdução. In L. P. DaCosta, *Meio Ambiente e Desporto: Uma Perspectiva Internacional* (pp. 15-29). Porto: Universidade do Porto.
- DaCosta, L. P. (1999). O Olimpismo e o Equilíbrio do Homem. In L. P. DaCosta, *Estudos Olímpicos* (pp. 50-69). Rio de Janeiro: Gama Filho.
- Daft, R. (1999). *Teoria e Projeto das Organizações*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos.
- Drucker, P. (1993). *The Practice of Management*. Grã-Bretanha: Redwood Press.
- Eicheberg, H. (1984). Olympic Sport: Neocolonization and Alternatives. *International Review for the Sociology of Sport*, 19(1), 40-55.
- Eyquem, M.-T. (1966). *Pierre de Coubertin: L'Épopée Olympique*. France: Lévy Calmann.
- Ferrari, A. (1982). *Metodologia da Pesquisa Científica*. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil.
- Françoise, P. (2010). *Social Networks and Olympic Communities: Experience of Beijing, Vancouver and Singapore Games*. Grenoble: University of Grenoble.
- Françoise, P. (2009). *The Challenges and Opportunities of the Olympic Movement over the Next Decade: A Communications Approach*. Grenoble: University of Grenoble.
- Freitas, M. T. (2002). A Abordagem Sócio-Histórica como Orientadora da Pesquisa Qualitativa. *Cadernos de Pesquisa*, 116(5), 21-39.
- Freitas, M. T. (2003). *A Pesquisa na Perspectiva Sócio-Histórica: um Diálogo de Paradigmas*. Poços de Caldas: Novas Políticas. Obtido em 10 de agosto de 2009 em www.anped.org.br/reunioes/26/.../semariateresaassuncaoafreitas.rtf

- Gadamer, H.-G. (2005). *Verdade e Método: Traços Fundamentais de uma Hermenêutica Filosófica*. Petrópolis: Vozes.
- Gafner, R. (1994). *The International Olympic Committee – One Hundred Years: The idea, the presidents, the achievements*. Lausanne: COI.
- Gasset, O. y. (1987). *A Origem Desportiva do Estado*. Lisboa: Direcção-Geral dos Desportos.
- Gasset, O. y. (1989). *A Rebelião das Massas*. Lisboa: Relógio d'Água Editores.
- Gil, A. C. (1996). *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. São Paulo: Atlas.
- Gil, A. C. (1989). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Atlas.
- Girginov, V. (2010). *The Olympic Critical Reader*. London: Routledge.
- Graça, O. (2006). A Participação das Mulheres nos Diferentes Aspectos da Dinâmica Desportiva. *Horizonte: Revista da Educação Física e Desporto*, 21(122), 8-15.
- Guoqi, X. (2008). *Olympic Dreams: China and Sports (1895-2008)*. USA: Harvard University Press.
- Guttman, A. (1978). *From Ritual to Record: The Nature of Modern Sport*. New York: Columbia University Press.
- Guttmann, A. (1994). *Games & Empires*. New York: Columbia University Press.
- Guttmann, A. (2004). *Sports: The First Five Millennia*. Boston: University of Massachusetts Press.
- Guttmann, A. (1984). *The Games Must Go On*. New York: Columbia University Press.
- Heidegger, M. (2000). *Introduction to Metaphysics*. London: Yale University.
- Heraclito. (2005). *Fragmentos Contextualizados*. Lisboa: Casa da Moeda.
- Hesíodo. (2005). *Os Trabalhos e os Dias*. Lisboa: Casa da Moeda.
- Hodler, M. (1987). *Who Exposed Olympic Bribery, Is Dead*. *The New York Times*. Obtido em 1 de fevereiro de 2010 de <http://www.nytimes.com/2006/10/19/sports/othersports/19hodler.html>.
- Hopsicker, P. (2009). Legalizing the 1932 Lake Placid Olympic Bob-run: A Test of the Adirondack Wilderness Culture. *Olympika*, 18, 99-120.
- Ivanov, A. (1982). *Topical Problems of the International Olympic Movement*. Sofia: Sofia Press.
- Jennings, A. (1992). *The Lords of the Rings: Power, Money, and Drugs in the Modern Olympics*. London: Simon & Shuster.
- Jeu, B. (1987). *Analyse du Sport*. Paris: PUF.

- Jialing, L. (2009). *Olympism and Nation-building from a Cultural Perspective. Beijing Olympics and the Traditional Hutong Neighbourhood*. Great Britain: University of Cambridge.
- Katz, D., & Kahn, R. (1966). *Psicologia Social das Organizações*. São Paulo: Atlas.
- Kidd, B. (2010). *The Legacies of the 2010 Winter Olympic and Paralympic Games in Vancouver*. Canada: University of Toronto Press.
- Kidd, B. (1996). *The Struggle for Canadian sport*. Toronto: University of Toronto Press.
- Laguillaumie, P. (1972). *Pour une Critique Fondamentale du Sport*. Paris: Maspero.
- Lebecqz, P.-A. (1997). *Paschal Grousset et la Ligue Nationale de l'Éducation Physique*. Paris: Harmattan.
- Lennartz, K. (1995). The Edström Presidency (1942-1952). In Gafner, R. *The International Olympic Committee One Hundred Years - The Idea - The Presidents - The Achievements*, (pp.106-165). Lausanne: COI.
- Lijuan, L. (2007). *He Zhenliang and China's Olympic Dream*. Beijing: Foreign Languages Press.
- Loland, S. (1995). Coubertin's Ideology of Olympism from the Perspective of the History of Ideas. *Olympika: The International Journal of Olympic Studies*, 4, 49-78.
- Lucas, J. (1992)¹. *Future of the Olympic Games*. Champaign: Human Kinetics Books.
- Lucas, J. (1992)². Olympic Games Ideology Defined and Redefined, Future of the Olympic Games. *Human Kinetics Books*, 15(33), 13-24.
- MacDonald, G. (1997). *Looking for Leverage: The International Sports Federations at the 1921 Olympic Congress*. Ontario: University of Western Ontario.
- Marillier, B. (2000). *Jogos Olímpicos*. Lisboa: Hugin.
- Mayer, O. (1964). *Retrospectivas Olímpicas: Atenas 1896 - Paris 1900*. Madrid: Gráficas Benza.
- McIntosh, P. C. (1975). *O Desporto na Sociedade*. Lisboa: Prelo.
- Meinberg, E. (1997). The Conflict Between Sport and Conservation of the Environmental. In L. P. DaCosta, *Meio Ambiente e Desporto: Uma Perspectiva Internacional* (pp. 169-179). Porto: Universidade do Porto.
- Meynaud, J. (1966). *Sport et Politique*. Paris: Payot.
- Michel, K. (1990). Esboço de um Programa de Desenvolvimento Administrativo Intrafirma para a Administração Estratégica. In H. Ansoff, R. Declerck, & R. & Hayes, *Do Planejamento Estratégico à Administração Estratégica* (pp. 16-45). São Paulo: Atlas.
- Michel, P. (1964). *Os Jogos Olímpicos: De Olímpia a Tóquio*. Lisboa: Edições Hércules.
- Miller, D. (1992). *Revolución Olímpica*. Barcelona: Ediciones Península.

- Minnaert, L. (2009). *The Non-Infrastructural Impacts of the Olympic Games on Socially Excluded Groups in the Host Community: A Comparative Scoping Study from Atlanta 1996 to Beijing 2008*. Great Britain: University of Westminster.
- Minois, G. (2000). *História do Futuro: dos Profetas à Prospectiva*. Lisboa: Teorema.
- Mintzberg, H. (1994). *The Rise and Fall of Strategic Planning*. New York: The Free Press.
- Mintzberg, H., & Quinn, B. (1991). *The Strategy Process: Concepts, Contexts and Cases*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall International, Inc.
- Mitter, R. (2008). *Modern China: A Very Short Introduction*. Oxford: Oxford University Press.
- Moore, T. (1992). *O Sentido da Alma: Como Desenvolver a Dimensão Profunda e Sagrada da Vida Quotidiana*. Lisboa: Planeta Editora.
- Morris, D. (1981). *A Tribo do Futebol*. Lisboa: Europa/América.
- Müller, N., & Schantz, O. (1986). *Pierre de Coubertin: Textes Choisis Tome I, II, III*. New York: Hildesheim.
- Murray, W. (1992). France Coubertin and the Nazi Olympics: The Response. *International Journal of Olympic Studies*, 1(3), 35-58.
- Nietzsche, F. (2003). A Competição em Homero. In F. Nietzsche, *A Competição em Nietzsche* (pp. 73-96). Lisboa: Veja.
- Nietzsche, F. (2006). *A Origem da Tragédia*. São Paulo: Cupulo.
- Nye, J. (2004). *Soft Power: The Means to Success in World Politics*. USA: Perseus Books Group.
- Pei, D. (2006). A Question of Names: The Solution to the Two Chinas' Issue in Modern Olympic History: The Final Phase, 1971-1984. Obtido em 08 de outubro de 2010 de <http://www.la84foundation.org/SportsLibrary/ISOR/ISOR2006c.pdf>
- Pimentel, A. (2001). O Método da Análise Documental: seu uso em uma Pesquisa Historiográfica. *Cadernos de Pesquisa*, 2(114), 179-195.
- Pires, G. (1993). A Organização Faz a Organização da Organização. *Ludens*, 10, 15-36.
- Pires, G. (2007). *Agôn. Gestão do Desporto. O jogo de Zeus*. Porto: Porto Editora.
- Pires, G. (1996). Desporto e Política: Paradoxos e Realidades. O Olimpismo como Instrumento de Organização do Futuro. *O Desporto*, 5, 107-110.
- Pires, G. (2009). O Olimpismo Hoje: De uma Diplomacia do Silêncio para uma Diplomacia Silenciosa: O Caso das Duas Chinas. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 15, 73-153.
- Pires, G. (2003). Olimpismo & Ideologia: O Desporto ao Serviço da Humanidade. *Revista de Economia e Direito*, 6, 109-134.

Pires, G. (2011). *Para uma Cultura de Competição: Paschal Grousset (1844-1909), Philipe Tissié (1852-1935) e Pierre de Coubertin (1864-1937)*. No prelo.

Pires, G., & Costa, A. V. (2010). Jogos da XXXI Olimpíada (2016). Decisão do Comité Olímpico Internacional. *Fórum Olímpico de Portugal*. Obtido em 11 de agosto de 2010 de <http://forumolimpico.org/?q=node/647>

Popper, K. (1959). *The Logic of Scientific Discovery*. Obtido em 15 de outubro de 2009 de http://books.google.com/books?id=Yq6xeupNStMC&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbg_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f

Pound, R. W. (2006). *Dick Pound: Inside the Olympics*. Canada: WILEY.

Preuss, H. (2004). *The Economics of Staging the Olympics: A Comparison of the Games 1972-2008*. Massachusetts: Edward Elgar.

Rawls, J. (1997). *O Liberalismo Político*. Lisboa: Presença.

Reppold, A. R. (2010). Rio de Janeiro 2016. Jogos Olímpicos e Direitos do Cidadão. *Fórum Olímpico de Portugal*. Obtido em 3 de junho de 2009 de <http://forumolimpico.org/?q=node/676>

Rolnik, R. (2009). *Report of the Special Rapporteur on adequate housing as a component of the right to an adequate standard of living, and on the right to non-discrimination in this context*. Human Rights Council: ONU.

Saywell, J. (1977). *Rise of the Party Quebecois, 1967-76*. Toronto: University of Toronto.

Schantz, O. (1995). The Brundage Presidency (1952-1972). In R. Gafner, *The International Olympic Committee One Hundred Years - The Idea - The Presidents - The Achievements* (pp. 66-105). Lausanne: COI.

Scott, J. (1990). *A Matter of Record*. Cambridge: Polity Press.

Simonović, L. (2004). *Olympic Movement and the New World Order*. Obtido em 8 de setembro de 2009 de http://www.cirqueminime.blogcollective.com/blog/_archives/2006/5/20/1971876.html.

Simson, V., & Jennings, A. (1992). *Senores de los Anillos – Poder, Dinero Y Doping en los Juegos Olímpicos*. Barcelona: Transparència SA.

Solidariedade Olímpica. (2006). *Olympic Solidarity Creation and Development*. Lausanne: Olympic Solidarity.

Tavares, O. (2003). *Esporte, Movimento Olímpico e Democracia: O Atleta como Mediador. Tese de Doutorado*. Rio de Janeiro: Gama Filho.

Thompson, A., & Strickland, J. (2000). *Planejamento Estratégico: Elaboração, Implementação e Execução*. São Paulo: Pioneira.

Toffler, A. (1980). *A Terceira Vaga*. Lisboa: Livros do Brasil.

- Toohey, K., & Veal, A. J. (2007). *The Olympic Games: a Social Perspective*. Cambridge: CABI.
- Triviños, A. S. (1987). *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a Pesquisa Qualitativa em Educação*. São Paulo: Atlas.
- Valente, V. P. (1988). A Feira dos Horrores. *O Independente*. Obtido em 5 de agosto de 2010 de <http://daliteratura.blogspot.com/2006/09/indy-end.html>
- Veblen, T. B. (1965). *A Teoria da Classe Ociosa: Um Estudo Econômico das Instituições*. São Paulo: Pioneira.
- Wenn, S. (1995). Growing Pains: The Olympic Movement and Television, 1966-1972. *Olympika: International Journal of Olympic Studies*, 4, 1-22.
- Wright, P., Kroll, M., & Parnell, J. (2000). *Administração Estratégica: Conceitos*. São Paulo: Atlas.
- Young, D. C. (1996). *The Modern Olympics: A Struggle for Revival*. London: The Johns Hopkins University Press.
- Young, D. (2010). From Olympia 776 BC to Athens 2004: The Origin and Authenticity of the Modern Olympic Games. In V. Girginov, *The Olympic Critical Reader* (pp. 77-100). London: Routledge.